Conceição de Maria Goulart Braga Cuba

**O GUARNICÊ DOS IDOSOS:
Amizade e cidadania nas universidades
da terceira idade de São Luís (MA) e do
Rio de Janeiro (RJ)**

Tese de Doutorado

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Serviço Social da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Serviço Social.

Orientador: Profa. Irene Rizzini

Rio de Janeiro
Agosto de 2013

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba

O GUARNICÊ DOS IDOSOS: Amizade e cidadania nas universidades da terceira idade de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ)

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Serviço Social do Departamento de Serviço Social do Centro de Ciências Sociais da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Irene Rizzini

Orientador

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Denise Pini Rosalem da Fonseca

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Eliza Regina Ambrosio

Departamento de Serviço Social – PUC-Rio

Profa. Beatriz Pinto Venâncio

UFF

Profa. Diomar das Graças Motta

UFMA

Profa. Mônica Herz

Vice-Decana de Pós-Graduação do
Centro de Ciências Sociais – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 01 de agosto de 2013

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização do autor, do orientador e da universidade.

Conceição de Maria Goulart Braga Cuba

Graduou-se em Serviço Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro em 1971. Concluiu o mestrado em Serviço Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em 2005. Membro do Grupo de Estudos “Diálogos com Hannah Arendt: Espaço Público e Política”, coordenado pela professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva, Vice-Reitoria Acadêmica da PUC-Rio. Experiência na área do envelhecimento, desde 1999. Atualmente é coordenadora do Projeto “Amizade dos Idosos na Família e na Sociedade”, supervisora de estágio e professora da UnATI/UERJ.

Ficha Catalográfica

Cuba, Conceição de Maria Goulart Braga

O guarnicê dos idosos: amizade e cidadania nas universidades da terceira idade de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ) / Conceição de Maria Goulart Braga Cuba ; orientadora: Irene Rizzini . – 2013.

2v. : il. (color.) ; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social, 2013.

Inclui bibliografia.

1. Serviço social – Teses. 2. Amizade. 3. Idosos. 4. Cidadania. 5. Serviço social. 6. Universidade da Terceira Idade / UNATIs. I. Rizzini, Irene. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Serviço Social. III. Título.

CDD: 361

À minha mãe, que nos incentivou a trabalhar com idosos, pelo carinho e compreensão nas ausências e pelos diálogos, expressando os benefícios da amizade na velhice. Muito obrigada!

Agradecimentos

A nossa pesquisa envolveu um verdadeiro “Batalhão de Ouro” e, junto a nós, construíram a roda desta séria conversa. Não faltaram emoções, orientações, apoio, escutas, compreensão e amizade nos afastamentos e aproximações, próprios do ofício da produção de uma Tese. Assim, agradecemos a todos que, de alguma forma, contribuíram com este estudo, que apresentamos nesta hora de “guarnicê” e chegada na apoteose.

À PUC-Rio, pelo apoio financeiro e demais auxílios concedidos, sem os quais seria impossível a realização deste trabalho.

Ao Departamento de Serviço Social da PUC-Rio, em seu conjunto - a diretora, a coordenadora da Pós-Graduação, os professores e todos os funcionários.

À professora Irene Rizzini, além do acolhimento, das trocas, estímulo e parceria, seu olhar foi muito importante para a construção desta Tese.

À professora Ilda, nossa sempre orientadora, pela convivência acadêmica e pedagógica, desde o Mestrado concluído em 2005. Não temos palavras para agradecer a sua amizade, generosidade, estímulo, solidariedade e a sua presença especial em nossa Banca.

As ricas trocas e contribuições dos professores das Bancas de Qualificação: Beatriz Venâncio, Bethânia Assy, Marcelo Lima, Myirian Lins de Barros, Marcelo Andrade de Souza. Muito obrigada!

Especial agradecimento aos professores da Banca da Tese: Diomar das Graças Motta, Denise Pini R. da Fonseca, Bruno P. Freitas, Eliza Ambrósio, Rafael Gonçalves. Destacamos a generosidade da professora Diomar das Graças Motta!!!

A todas as amigas da turma do Doutorado, Leila e Rosângela pelas trocas em sala de aula, especialmente Antônio Ceva, Ana Helena I. Passos e Ana Paula Tatagiba, pela força da amizade arendtiana que construímos, tão significativa que o nosso filho Frederico Cuba associou a “Os três Mosqueteiros mais D’Artagnan”, cujo lema era: “Um por todos, todos por um!” Certamente que continuaremos assim: correndo contra o tempo e lutando contra as vicissitudes da “questão social”!

Merece um agradecimento muito especial: o Grupo de Estudos “Diálogos com Hannah Arendt: Espaço Público e Política”, da PUC-Rio, coordenado pela professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva e fundado em 2006. Este grupo tem importante contribuição em nosso percurso e nesta Tese, pelos debates, sugestões, críticas, apoios, incentivos, amizade e diversas trocas. A aprendizagem construída neste grupo de estudos foi vital para o construto da amizade arendtiana, que ora apresentamos.

À Cidade Maravilhosa do Rio de Janeiro, cheia de encantos mil, que nos acolheu nos idos dos anos de 1970, para complementar nossos estudos e profissionalizarmo-nos, nela firmando nossa residência.

À cidade de São Luís - Atenas Brasileira, Cidade do Reggae e Ilha do Amor -, capital do Estado em que nascemos e lugar de diversos retornos, inclusive em junho de 2011 para a pesquisa.

Especial destaque para a acolhida, amizade e generosidade da professora Silvia Cristina Duailibe Costa, Chefe de Gabinete do Reitor da UFMA; da equipe da UNITI/UFMA: Hortência Maciel Gago de Araújo, Maria Alzira de Melo Ferreira Maria Alves Feitosa, Maria Celeste Costa, Sofia Tavares, Ézon Moreira Ferraz Filho, Maria Lúcia Ferreira e demais funcionários. Sem vocês, a pesquisa na UNITI seria inviável.

Às coordenadoras dos programas de universidade para a terceira idade brasileiras, especialmente a professora Carmen Maria Andrade da Universidade Federal de Santa Maria (RS), que nos autorizou a gravar a assembleia dos alunos no Fórum de Manaus, em 2011. Muito obrigada!

O carinho, cuidado, companheirismo e hospitalidade das anfitriãs Graça Goulart Reis em 2010, na primeira aproximação com o campo UNITI/MA e Fátima Cuba e José Jorge Cuba e suas respectivas famílias, em 2011 na fase da pesquisa, foram fundamentais para esses momentos de incertezas.

Agradecimento especial a todos os nossos familiares e parentes que, direta e indiretamente colaboraram com o nosso estudo, na convivência, em longas conversas sobre São Luís e Bumba-Meu-Boi e outras generosidades. Lembramos dos nossos irmãos (ães), cunhados (as), sobrinhos (as), primos (as), tanto de São Luís como do Rio de Janeiro: famílias Goulart, Braga, Cuba, Magalhães... Os amigos Leila e Clarice Naiva, Paulo Oliveira, Benedito e Paulo Nogueira, Agenor Gomes e família e tantos mais.

Foi bastante especial a Equipe de Pesquisa de São Luís: Tayná Silva Cuba, que apostou em nossa ideia, compôs a equipe, assim formada: por ela, Ana Célia Franco e Patrícia Moura. Tudo seria mais difícil sem vocês e sem a liderança de Tayná!

Duas amigas de FÉ: Clotilde Maia, no Rio, indicando as assistentes sociais da UNITI: Celeste e Feitosa da UNITI. Também Maria da Graça Ferro B. Pereira, em São Luís fornecendo todas as pistas sobre a participação dos idosos no Bumba-Meu-Boi.

Destacamos também: Maria do Socorro Ramos, Antônio Marcos N. Passinho, Ivaneide Giacomini da Cruz, Izabel de Fátima A. G. Lopizic, Adalgisa Z. Drummond, Ivaldino F. Espósito.

A Suzyanne O. Silva, da Biblioteca Ferreira Gullar em São Luís. Obrigadíssima!!!

Especialíssimo destaque para este “Batalhão de Ouro”, um “batalhão de substância”: os idosos das turmas A, B e C da UNITI/UFMA, da Associação do Turu, da AAUNI, dos Clubes da Melhor Idade do IPEM e do Vinhais. Sem a sua participação, este estudo seria inviável em São Luís.

Fundamental foi a participação da Direção da UnATI/UERJ e sua equipe: Renato Veras, Célia Caldas, Célia Sanches, Leila Jordão, Marcos Theodoro, Graciete América e todos os funcionários administrativos.

No Rio de Janeiro também, destacamos uma turma de “Bamba”: o conjunto de alunos idosos da UnATI/UERJ, que integram os cursos: Amizade dos Idosos na Família e na Sociedade, Introdução à Biodanza, Capacitação ao Voluntariado, Participação Social e Cidadania na Terceira Idade, Raça e Etnia; os idosos da UnATI integrantes do Fórum de Coordenadores em Manaus e o representante e a vice-representante geral de alunos da UnATI/UERJ.

Destaque ao companheirismo das assistentes sociais da UnATI/UERJ: Alzira Lobato, Sandra Rabello, Neila dos Santos.

O apoio e solidariedade de todos os estagiários dos cursos pesquisados na UnATI/UERJ. Valeu, alunas!!!

Destaque muito especial a todos os estagiários que integraram o nosso projeto, especialmente: Anne Caroline do Rosário, Mariana Cordeiro, Alexandra Marins e Kênia Evangelista, que permanecem, colaborando em nossa trajetória.

À equipe do Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI/UFSC em Florianópolis, Santa Catarina, especialmente as professoras Jordelina Schier, Maria Cecília Godtsfriedt. À professora Meire Cachioni da USP que disponibilizou sua Tese de Doutorado.

Os professores Paulo da Trindade da UFMA, José Henrique de P. Borralho e Carlos Alberto Ximenes do Departamento de História da UEMA, com ricas bibliografias para o nosso estudo. Daniel Meireles em São Luís e Laís Silva no Rio de Janeiro: eficientes nas transcrições dos arquivos de áudios da pesquisa.

O apoio e amizade da nossa mãe, nossos irmãos, cunhadas e cunhados, sobrinhos e sobrinhas, primos, tios, foram muito importantes nessa trajetória.

A compreensão, apoio e afeto de Dibo Cuba e Frederico Cuba, companheiros de todas as horas.

Certas de que todos vocês merecem um agradecimento melhor: Muito Obrigada!!!

Agradecimento especial

Algumas pessoas estão presentes em nossas vidas, em momentos especiais. Assim foi a experiência de trocas acadêmicas com a professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva, que assumiu a nossa orientação em 2003, no Mestrado, junto ao Departamento de Serviço Social da PUC-Rio.

Ela apresentou-nos a obra da filósofa Hannah Arendt na Disciplina que ministrava e acreditou em nossa escolha pela categoria amizade na perspectiva política, compreendida por essa autora. Prosseguimos com ela estudando no Grupo de Estudos “Diálogos com Hannah Arendt: espaço público e política”, sob a sua coordenação e nesse percurso surgiu a ideia deste Doutorado como aprofundamento do Mestrado e, novamente a professora Ilda assumiu a nossa orientação.

Entretanto, esta professora, tal como todos os brasileiros inseridos no mundo do trabalho e, alcançando seu tempo de aposentadoria, precisou afastar-se da nossa orientação, assumindo a professora Irene Rizzini, a quem somos imensamente gratas. A professora Ilda, nesse difícil processo para todas nós três, deu-nos a certeza de que não estávamos sozinhas. Isto por que, apesar de aposentada, prosseguiu, auxiliando-nos com aquiescência e em parceria com a nossa nova orientadora.

Esta parceria bem sucedida foi especial para concluirmos este momento acadêmico, o Doutorado.

A solidariedade e a generosidade da professora Ilda merece que a ela façamos aqui, um agradecimento especial.

Obrigada, professora Ilda!

Resumo

Cuba, Conceição de Maria Goulart Braga; Rizinni, Irene. **O guarnicê dos idosos: amizade e cidadania nas universidades da terceira idade de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ)**. Rio de Janeiro, 2013. 392p. Tese de Doutorado - Departamento de Serviço Social, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

A importância da amizade para a população idosa vem sendo observada na literatura específica sobre o envelhecimento (Goldman, 2003; Peixoto, 1997) como motivação apresentada para inserção desse segmento nos projetos e programas de Universidades para a Terceira Idade - UNATIs. A relevância da dimensão política da amizade como prática recorrente pelos idosos do projeto “Idosos Colaboradores” da UnATI/UERJ foi apontada no estudo de Cuba (2005), sinalizando a emergência de aprofundamento do estudo. A conquista do progressivo aumento da população idosa e a heterogeneidade do processo de envelhecimento no Brasil que acirram o isolamento; a desigualdade, os preconceitos e estereótipos que atingem a geração idosa e a incompleta realização dos seus direitos, afirmados no Estatuto do Idoso (2003), foram basilares para a realização deste estudo, desenvolvido na Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI/UFMA e na Universidade Aberta da Terceira Idade - UnATI/UERJ. Seu objetivo é compreender o significado do fenômeno da amizade e sua relevância para a ampliação da cidadania dos idosos dessas universidades. A pesquisa qualitativa foi desenvolvida por meio de reuniões e entrevistas com idosos e profissionais inseridos nesses espaços. Também se realizaram observações na esfera pública, voltando-se o olhar para os espaços onde a população idosa se faz presente em São Luís e no Rio de Janeiro, especialmente onde se encontram. As entrevistas, assim como as reuniões, constituíram um diálogo baseado em um roteiro com perguntas semi-estruturadas e se pautaram no debate de temas como amizade, política, direitos, cidadania. Fundamenta o presente estudo, a teoria política de Hannah Arendt e, à luz da compreensão dessa autora, analisou-se os relatos dos sujeitos. O universo da pesquisa corresponde a 117 sujeitos: 81 em São Luís, sendo 09 homens e 72 mulheres e 36 no Rio de Janeiro, sendo 03 homens e 33 mulheres. Os principais resultados revelam a

grande relevância da amizade para os idosos, cuja definição, características, dimensões, foram compreendidos de forma semelhante entre eles. Os idosos da UNITI ressaltam felicidade, qualidade de vida, associadas à amizade e aos direitos e na UnATI, os idosos destacam a justiça, o cuidado ligados à amizade. Na UNITI/UFMA os idosos têm uma forte expressão nos Conselhos e nos Fóruns, nas associações, nas festas. Além disso, frequentam arraiais de Bumba-Meu-Boi, shoppings e outros lugares da esfera pública com a família e com as amizades. Os idosos da UnATI/UERJ se expressam em atividades de teatro, danças diversas e têm uma presença marcante nos Fóruns de Coordenadores de Projetos e Programas da Terceira Idade. Na esfera pública da cidade do Rio de Janeiro, encontram-se no shopping, na praia, nas ruas, geralmente sós ou acompanhados das amizades e, com menor frequência estão com seus familiares. Além de valorizarem a amizade como fonte de suporte social, associada ao bem estar subjetivo, mostram o aspecto político da amizade, posto que a exercitam como ação no espaço público, pelo diálogo franco e aberto de conteúdo diverso que possibilita concretizar direitos e alargar a sua cidadania.

Palavras-chave

Amizade; Idosos; Cidadania; Serviço Social; Universidades da Terceira Idade/UNATIs.

Abstract

Cuba, Conceição de Maria Goulart Braga; Rizinni, Irene (Advisor). **The guarnice of senior citizens: Friendship and citizenship in universities for older people in Sao Luis (MA) and Rio de Janeiro (RJ).** Rio de Janeiro, 2013. 392p. Doctoral Thesis - Social Service Departament, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The importance of friendship to the elderly population has been being observed in specific literature on aging (Goldman, 2003; Peixoto, 1997) as the motivation presented for the inclusion of this segment in the projects and programs of the Universidades da Terceira Idade - UNATIs (Senior Citizens' Universities). The relevance of the political dimension of friendship as a recurring practice by the elderly of the "Senior Collaborators" project at UnATI/UERJ was mentioned in Cuba's study (2005), signaling the need for further study. The conquest of a progressive increase on senior population and the heterogeneity of the aging process in Brazil that instigate isolation; inequality, prejudice and stereotypes affecting the senior generation and the incomplete fulfillment of their rights, asserted in the Statute of the Elderly (2003), have been essential for this study, which was developed at the Senior Citizen's Integrated University - UNITI / UFMA and at the Senior Citizens' Open University — UnATI/UERJ. Its goal is to understand the meaning of the phenomenon of friendship and its relevance to the enlargement of citizenship for the elderly at these universities. The qualitative research was developed through meetings and interviews with seniors and professionals working in these spaces. Observations have also been made in the public sphere, with focus on places where elderly population is present in San Luis and Rio de Janeiro, especially where they meet. Interviews, as well as meetings, have formed a dialogue based on a script with semi-structured questions and were guided by the discussion of topics such as friendship, politics, rights, citizenship. Hannah Arendt's political theory underlies the present study, and in the light of this author's understanding, subjects' reports have been analyzed. The research includes 117 subjects: 81 of them in São Luis, being 09 men and 72 women; and 36 of them in Rio de Janeiro, being 03 men and 33 women. The main results show the great importance of friendship to the elderly, whose definition,

features and dimensions were understood similarly between them. The elderly at UNITI emphasize happiness and quality of life, associated with friendship and rights. At UnATI, the elderly stressed justice, care related to friendship. At UNITI/UFMA, seniors have a strong presence on boards and forums, associations and parties. Besides, they attend Bumba-Meu-Boi festivities, shopping malls and other places of public sphere with family and friends. Elderly at UnATI/UERJ express themselves in theater activities, various dances and have a strong presence in the Project Coordinators Forums and Senior Citizens Programmes. In the public sphere of the city of Rio de Janeiro, they meet at shopping malls, the beach, on the streets, usually alone or accompanied by friends and, less frequently, they are with their families. In addition to valuing friendship as a source of social support, associated with subjective well-being, they show the political aspect of friendship, since they exercise it as an action in the public space, through candid and open dialogue with diverse content that allows the fulfillment of rights and the extension of their citizenship.

Keywords

Friendship; Seniors; Citizenship; Social Services; Senior Citizens; Universities/UnATIs.

Sumário

1.	Introdução	21
2.	Envelhecimento social	25
3.	Amizade: concepção arendtiana	40
4.	Reflexões sobre a cidadania do idoso	63
5.	As Universidades da Terceira Idade: espaços de cidadania	82
5.1.	UNITI/UFMA	88
5.2.	UnATI/UERJ	109
6.	Caminho metodológico e seus procedimentos	115
7.	O mundo Comum da amizade dos idosos: São Luís e Rio de Janeiro	140
7.1.	Relatos de São Luís	142
7.1.1.	Idosos no Bumba-Meu-Boi	150
7.1.2.	Relatos de amizade e de cidadania da UNITI/UFMA	167
7.2.	Relatos do Rio de Janeiro	240
7.2.1.	Idosos na Escola do Samba	246
7.2.2.	Relatos de amizade e de cidadania da UnATI/UERJ	259
8.	Considerações finais	326
9.	Referências Bibliográficas	340
10.	Anexos	376

Lista de Figuras

Figura 1 - Arraial São Luís Shopping, 2011. São Luís (MA)	161
Figura 2 - Bumba-Meu-Boi do SESC	164
Figura 3 - Boi “Brilho do SESC” Caxias do Sul - RS, 23 a 26 de Outubro de 2007.	165
Figura 4 - Sambódromo do Rio de Janeiro	248
Figura 5 - Velha Guarda da Portela (RJ)	254
Figura 6 - Ala das Baianas da Escola de Samba Grande Rio	256

Lista de Tabelas

Tabela 1 - Perfil dos Idosos da UNITI por sexo e idade	170
Tabela 2 - Distribuição da renda individual por classe de salário mínimo - 2011	175
Tabela 3 - Bairros de residência dos alunos idosos da UNITI no Macrozoneamento Urbano de São Luís - Plano Diretor de São Luís - Lei Nº 4.669 de 11/10/2006	177
Tabela 4 - Perfil dos Idosos da UnATI por sexo e idade	263
Tabela 5 - Distribuição da renda individual por classe de salário mínimo - 2011	266
Tabela 6 - Bairros de residência dos alunos idosos da UNITI	267

Lista de Quadros

Quadro 1 - Perfil dos idosos das Associações	180
Quadro 2 - Perfil dos idosos dos Fóruns de Coordenadores	271

Lista de Abreviaturas

AAUNI - Associação dos Amigos da UNITI

ABCMi - Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade

AP - Área de Planejamento do Rio de Janeiro

CEDIMA - Conselho Estadual do Direito do Idoso do Maranhão

CIAPVI - Centro Integrado de Apoio e Prevenção à Violência Contra a Pessoa Idosa

DSS/PUC-Rio - Departamento de Serviço Social da PUC-Rio

EI - Estatuto do Idoso

IPEA - Instituto de Pesquisas Econômicas Aplicadas

IPEM - Instituto de Previdência do Estado do Maranhão

FIBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

FTPI - Fórum Permanente da Terceira Idade

LBA - Legião Brasileira de Assistência

OMS - Organização Mundial da Saúde

ONU - Organização das Nações Unidas

PAI - Programa de Ação Integrada para o Aposentado

PNAD - Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

PNI - Política Nacional do Idoso

PREXAE - Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis - UFMA

PROEX - Pró-Reitoria de Extensão - UFMA

PUCCAMP - Pontifícia Universidade Católica de Campinas

RA - Região Administrativa do Rio de Janeiro

RENADI - Rede Nacional

SEDEL - Secretaria de Estado de Esporte e Lazer

SEDESC - Secretaria de Desenvolvimento Social Comunitário do
Maranhão

SEDESCT - Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social Comunitário
e do Trabalho

SEPLAN - Secretaria de Estado de Planejamento e Orçamento do
Maranhão

SESC - Serviço Social do Comércio

SOLECIT - Secretaria de Estado e Solidariedade, Cidadania e Trabalho

TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UFMA - Universidade Federal do Maranhão

UERJ - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

UnATI - Universidade Aberta da Terceira Idade

UNITI - Universidade Integrada da Terceira Idade

UTI - Universidade da Terceira Idade

Nota explicativa

Esta nota visa esclarecer alguns termos encontrados no Título desta Tese, nos Agradecimentos, consequentemente no Resumo e no Abstract:

1 - Guarnicê é uma expressão do bumba boi, que significa, que depois de ensaiado, o grupo está pronto para se apresentar, ou seja, o grupo está fortalecido.

2 - Guarnice is an expression from a folk dance, which means, that when a group has finished its rehearsal it is ready to go public and, that then, the group is strong.

3 - “Batalhão de Ouro” é como se denomina o Grupo de Bumba-Meu-Boi do Maracanã de São Luís.

4 - O lema “Um por todos, todos por um!” pode ser melhor esclarecido em <http://www.livroostresmosqueteiros.com.br/>. Acesso em: 01 jun. 2013.

1

Introdução

A importância da amizade para a população idosa vem sendo observada na literatura específica sobre o envelhecimento (Goldman, 2003; Peixoto, 1997) como motivação apresentada para inserção desse segmento nos projetos e programas de Universidades para a Terceira Idade - UNATIs.

O progressivo aumento da população idosa e a heterogeneidade do processo de envelhecimento no Brasil que acirram o isolamento, a desigualdade, os preconceitos e estereótipos que atingem a geração idosa e a incompleta realização dos seus direitos, afirmados no Estatuto do Idoso (2003), foram basilares para a realização deste estudo, desenvolvido na Universidade Integrada da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão - UNITI/UFMA e na Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UnATI/UERJ.

O nosso estudo se norteia em uma questão: a amizade pode ampliar a cidadania dos idosos?

Seu objetivo é compreender o significado do fenômeno da amizade e sua relevância para a ampliação da cidadania dos idosos dessas universidades.

A literatura recente mostra uma produção científica significativa sobre a amizade, sendo crescentes os estudos sobre esta temática com uma dimensão política na Filosofia e na Psicologia, como apresentaremos mais adiante. Embora já se observe diversos estudos sobre amizade na velhice, estes não exploram o aspecto político da amizade no processo de envelhecimento.

A relevância da dimensão política da amizade como prática recorrente pelos idosos do projeto “Idosos Colaboradores” da UnATI/UERJ foi apontada no estudo de Cuba (2005), sinalizando a emergência de aprofundamento do estudo, sendo este o único que conhecemos com essa abordagem. Almeida & Maia (2010), em seu estudo sobre a produção científica sobre amizade de idosos, entre 2005 a 2009, relatam que, apenas a pesquisa de Cuba (2005) mostra uma perspectiva política da amizade desenvolvida por idosos.

Na UnATI/UERJ desenvolvemos atividades profissionais desde 1999 de forma sistemática, coordenando projetos e exercitando a docência, junto à população idosa. Também participamos de espaços de direitos dos idosos como o Fórum das Políticas Nacional e Estadual do Idoso do Rio de Janeiro e dos Fóruns de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior. Além disso, somos supervisoras de alunos de Serviço Social que desenvolvem seu estágio, junto aos projetos que coordenamos e, ministramos, por duas vezes (2002 e 2009 a 2010), a Disciplina referente ao processo de envelhecimento, na Faculdade de Serviço Social da UERJ, além de desenvolver diversas atividades em congressos, seminários e outros eventos científicos, com a temática do envelhecimento.

Na Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI/MA - fizemos duas visitas em 2010 (agosto e outubro), visando uma aproximação com esse campo. Nessa ocasião, a convite da coordenadora realizamos observações nas turmas de alunos iniciantes e dos egressos, em que tivemos uma positiva receptividade por parte das professoras e dos idosos. Fomos informadas pela coordenadora da UNITI e por uma das assistentes sociais sobre dois idosos ex-alunos da UNITI e fundadores de uma associação de idosos de São Luís, com quem mantivemos contatos. Visitamos inclusive uma escola que seria a sede dessa associação e, esses idosos, participaram da nossa pesquisa.

A pesquisa qualitativa foi realizada por meio de reuniões e entrevistas com idosos e profissionais inseridos nos programas citados. Também realizamos observações na esfera pública das cidades de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ), voltando o nosso olhar para os espaços, onde a população idosa de maneira geral e, residente nessas cidades se faz presente. São espaços - para além da UNITI/UFMA e da UnATI/UERJ -, onde as pessoas se encontram, como o shopping, as ruas, as praças, os arraiais e outros, possibilitando assim a criação e prática da amizade. Em nossa observação, também buscamos compreender a presença dos sujeitos idosos, tanto os ludovicenses como os cariocas, nesses lugares.

Os relatos dos idosos da UNITI/UFMA e da UnATI/UERJ que expressa a grande importância em sua expressão na cultura, conduziram o nosso estudo a uma compreensão da amizade, da geração idosa nas formas de manifestação

cultural popular, Bumba-Meu-Boi em São Luís e samba e carnaval no Rio de Janeiro.

A nossa pesquisa em São Luís, teve como sujeitos, idosos alunos da UNITI, idosos das associações e profissionais. No Rio de Janeiro, os sujeitos foram alunos idosos, idosos participantes dos Fóruns de Coordenadores de Projetos de Universidades para a Terceira Idade e profissionais, que mais adiante são melhor delimitados. As entrevistas, assim como as reuniões, constituíram um diálogo baseado em um roteiro com perguntas semi-estruturadas e se pautaram no debate de temas como amizade, política, direitos, cidadania. O universo da pesquisa corresponde a 117 sujeitos idosos: 81 em São Luís, sendo 09 homens e 72 mulheres e 36 no Rio de Janeiro, sendo 03 homens e 33 mulheres.

Fundamenta o presente estudo interdisciplinar, a teoria política de Hannah Arendt (2002a, 2003, 2008), sendo os relatos analisados, segundo a perspectiva da compreensão desta autora, que vivenciou uma paixão pelo compreender, desde muito cedo, como mostra Young-Bruehl (1997).

O contato com o pensamento de Hannah Arendt parte da nossa trajetória no Mestrado na PUC-RJ e como integrantes do Grupo de Estudos sobre a obra desta autora desde 2003¹. Convém esclarecer que Hannah Arendt não desenvolveu um estudo específico sobre a amizade, nem na perspectiva política. Esta perspectiva política, que na pesquisa de Mestrado entendíamos ser uma amizade política, sendo assim denominada por nós, aflorou-nos, ao realizarmos um estudo em seu livro “A Condição Humana” durante o referido Mestrado, especialmente na parte do capítulo relacionado à Esfera Pública, em que a autora mostra que a amizade pode ter um elemento político e esta forma de fazer política difere da política partidária do sistema democrático da nossa sociedade. Assim, passamos a entender que a amizade e a política permeiam toda a obra da autora.

O professor Celso Lafer (2004) em E-mail, referente à nossa consulta a ele, durante o Mestrado, sobre a associação entre a amizade e os direitos sociais em Hannah Arendt, assim esclarece:

¹ Referimo-nos ao Grupo de Estudos “Diálogos com Hannah Arendt: Espaço Público e Político”, criado em 2006 e coordenado pela Professora Ilda Lopes Rodrigues da Silva do Departamento de Serviço Social/PUC-Rio. No entanto, já estudávamos o pensamento de Hannah Arendt numa Disciplina do Mestrado ministrada pela professora Ilda L. R. da Silva, em 2003.

O tema da amizade e o seu papel na política é discutido pelos gregos - é a filia² que, por exemplo, Aristóteles discute. Não conheço trabalhos vinculando a amizade aos direitos sociais; talvez se possa vincular o tema da fraternidade, do lema da Revolução Francesa à 'filia' pois a fraternidade aprofunda a noção clássica da amizade a ela agregando a aspiração da solidariedade horizontal (Lafer, E-mail, 2004).

Lafer (2004) mostra assim a possibilidade de uma associação da amizade à fraternidade com a solidariedade horizontal, inspirada na Revolução Francesa.

A presente Tese está estruturada em oito capítulos, sendo o primeiro, esta Introdução. O segundo capítulo mostra a questão do envelhecimento social no Brasil, os problemas que afetam a presença dos idosos na esfera pública, inclusive refletindo na construção de amizades.

O terceiro capítulo apresenta a amizade, segundo a perspectiva da filósofa Hannah Arendt. O quarto capítulo discute a cidadania no Brasil, na perspectiva de ampliação dos direitos da população idosa. O quinto capítulo contextualiza os programas de Universidade da Terceira Idade em São Luís, a UNITI/UFMA e no Rio de Janeiro, a UnATI/UERJ.

O sexto capítulo apresenta os caminhos metodológicos percorridos para a realização do estudo. O sétimo capítulo contextualiza as cidades de São Luís e do Rio de Janeiro, fazendo uma trajetória pelo Bumba-Meu-Boi e o carnaval, inclusive mostrando a participação da população idosa. Além disso, apresenta os resultados da pesquisa propriamente dita. O oitavo capítulo são as Considerações Finais.

² Grifos do original.

2 Envelhecimento social

[...] os homens, embora devam morrer,
não nascem para morrer,
mas para começar
(Arendt, 2002 a, p. 258).

A relevância da questão da velhice e do processo de envelhecimento nos estudos acadêmicos constituiu uma preocupação recente, segundo Lins de Barros (2004), sobretudo na Antropologia, que, ao se ocupar desta temática como seu objeto de estudo, “vem contribuindo para sua focalização no contexto social e político” (p. 41). A velhice, tal como a infância, a juventude, a adolescência e outros momentos do curso da vida eram representados na Idade Média como “idades da vida”. Até o século XX, não se encontrava uma época que correspondesse à velhice como uma fase socialmente privilegiada, como o foram a ‘juventude’ no século XVII, a ‘infância’ no século XIX e a adolescência no século XX (Ariés, 1978).

As etapas da vida são representadas e contextualizadas diversamente em cada cultura, na sociedade moderna e “a periodização do curso da vida é institucionalizada e pensada a partir da concepção individualista da pessoa”, diz Lins de Barros (2004 p. 44). A lógica individualista, para ela, é mantida por diversos fatores, entre eles: a “identidade civil”, definida por sexo, dia, mês e ano de nascimento que marca a existência em uma sociedade; as datas de escolarização, casamento, ingresso e desligamento do trabalho, fixadas pelo corpo de leis de um Estado nacional. Além destes, outros fatores são assinalados pela autora: a “compreensão que temos de nós mesmos”, baseada “no valor que atribuímos ao mundo interior, à nossa subjetividade, aos sentimentos e emoções que definem nossa identidade psicológica e nossa singularidade”. Nessa cultura individualista, as crises e os conflitos, inclusive entre as gerações na família

“espaço das emoções, da privacidade e da intimidade”, são percebidos como “fatos individuais, de ordem privada” (p. 45).

A sociedade brasileira convive com um notável avanço na preservação e no prolongamento da vida humana, ou seja, um acelerado aumento da expectativa de vida, embora nem todos tenham a qualidade de vida desejada. Esta observação é o resultado de medidas preventivas e do maior acesso a bens e serviços, que são avanços nas áreas tecnológica, social e no campo da saúde, conquistados nas históricas lutas dos cidadãos brasileiros que provocaram o declínio da taxa de mortalidade infantil e a redução da taxa de natalidade. Devido a estes fatores, aos quais ainda podemos associar a “alta fecundidade prevalecente no passado” (Camarano, 2002, p. 1), o avanço da medicina, dos medicamentos e as vacinas que reduziram óbitos e levaram consequentemente a um acelerado, progressivo e expressivo aumento da população idosa brasileira. Essa conquista se expressa como uma questão pública que já se estende neste novo século.

Este fenômeno é chamado de envelhecimento populacional, pois se dá em detrimento da diminuição do peso da população jovem no total da população brasileira. Enquanto o envelhecimento populacional significa mudanças na estrutura etária, a longevidade é um processo que se inicia no momento do nascimento e altera a vida do indivíduo, a estrutura familiar e, certamente, a sociedade (Camarano, 1999, p.1).

Para melhor visualização desta questão, mostraremos algumas mudanças na demografia da população idosa do nosso país que lhe imprimiu um novo desenho. Vale assim mostrar que, a população brasileira chegou a 195, 2 milhões de habitantes em 2011, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - PNAD -, divulgada em 21 de setembro de 2012. Atualmente a população idosa nacional - sujeitos com 60 anos ou mais como define a ONU para os países em desenvolvimento -, representa 12,1% da população total, ou seja, são 22,4 milhões de sujeitos. Essa PNAD, realizada após o Censo de 2010, confirmou a tendência do envelhecimento social brasileiro (Abdala, 2012). Segundo a pesquisa “Síntese de Indicadores Sociais: Uma Análise das Condições de Vida da População Brasileira 2012”, divulgada em 28 de novembro de 2012, o Brasil possui 23,5 milhões de idosos (Nitahara, 2012).

O Estado com maior número de idosos é São Paulo com 5,4 milhões. Em seguida, vem Minas Gerais, com 2,6 milhões, e Rio de Janeiro, com 2,4 milhões (Nanô, 21.09.2012). Além disso, “enquanto a população do Sudeste envelhece, a do Norte está cada vez mais jovem em termos relativos”, uma vez que 57,6% da população nortista possuem menos de 30 anos, de acordo com a PNAD de 2011.

Além disso, a PNAD de 2011 também constatou que a esperança de vida ao nascer é de 74 anos e 29 dias. Com base no Censo, o IBGE mostrou que o brasileiro ganhou 3 meses e 21 dias de expectativa de vida em 2011, em relação à taxa verificada no Censo de 2010, que era de 73,76 anos (Vieira, 29.11.2012). Se esta progressão se mantiver, em 2020 o Brasil estará em sexto lugar em população idosa, com cerca de 32 milhões de idosos (Veras, 2004 a).

Somente entre as décadas de 1980 e 1990 o grupo geracional dos velhos foi alçado a objeto de estudo, devido ao seu acelerado crescimento relativo e o alongamento da vida dos sujeitos, o que foi considerado um problema social a ser resolvido. A demografia brasileira assinala a proporcionalidade desigual entre velhos, uma geração crescente, e crianças, uma geração que decresce, indicando uma provável dificuldade de reposição populacional no futuro como expressa o IBGE. As estatísticas demográficas retratam ainda o alongamento da vida dos próprios idosos, ou seja, dos sujeitos que se encontram na faixa etária de 60 anos e mais. Os gestores das políticas sociais têm usado esse alongamento da vida dos mais velhos para argumentar o risco de “quebra” do setor previdenciário da “própria reprodução da sociedade” (Motta, 2010, p. 234).

Esse fenômeno consiste em uma experiência heterogênea, que, segundo Sant’ Anna (1997), também está relacionado com questões de gênero, classe, religião e etnia. Relaciona-se ainda com o preconceito e estereótipos (Debert, 2004) e estigmas direcionados aos idosos, socialmente denominados de improdutivos, ociosos, disponíveis (Queiroz, 1999; Peixoto, 1997) e considerados uma carga para as sociedades capitalistas (Beauvoir, 1990). Além disso, as baixas pensões e aposentadorias muitas vezes levam os idosos a se alijarem do acesso aos bens e serviços da nossa sociedade, fato que enfraquece a cidadania desses sujeitos.

A heterogeneidade da velhice perpassa também por diversos fatores, desde os decréscimos graduais de funções auditivas, visuais, cognitivas etc., como a forma com que cada sujeito envelhece. Isso vai se coadunar, a nosso ver, com a

sua individualidade, sua família, sua comunidade e sociedade, no que diz respeito às condições de educação, saúde, crenças religiosas e políticas. Soma-se a estes fatores, a forma de acesso aos bens e serviços, ou seja, a forma de exercer a cidadania e outros aspectos.

Sobre isto, Cruz (1996, p. 74) vai dizer que, além da classe a que pertencem os idosos e do processo de envelhecimento estar “relacionado com os anos anteriores da vida, [...] deve-se levar em consideração que a personalidade, o ambiente, a cultura e o fator econômico” contribuem sobremaneira para a velhice. Certamente que o processo de envelhecimento é diferente para os sujeitos individualmente e para os grupos populacionais e, seguindo essa linha de raciocínio podemos supor que difere também entre as regiões brasileiras, a saber: Norte, Nordeste, Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

No Nordeste, região à qual pertence São Luís, capital do Maranhão e onde se situa a UNITI, um dos *lôcus* da nossa pesquisa, as condições sanitárias estão abaixo da média nacional e os fatores nutricionais são mais graves do que a região Sudeste. O baixo nível nutricional do nordestino - em proteínas e calorias -, faz com que seu tipo físico seja diferenciado, por isso lá se encontrando pessoas nanicas. Daí resulta que os nordestinos “são considerados precocemente velhos, apresentando uma aparência física decadente, o rosto fortemente marcado por rugas e pele enrijecida e um baixo estado de ânimo que revela um desgaste vital aos quarenta anos” (Barroso, 1992, p. 52). Portanto, esse desgaste precoce e aparente, expressa uma dificuldade em determinar, em uma observação empírica na esfera pública de São Luís, quem é e quem não é idoso, entre aqueles que não fazem parte da UNITI.

Uma das fortes marcas das sociedades capitalistas foi a ênfase na flexibilidade gerando consequências sem precedentes, tais como a flexibilização das relações sociais, familiares, também valorizou o novo, o instantâneo e provocou uma indiferença. Dessa forma, o ‘capitalismo flexível’ - novo capitalismo -, tornou descartável o trabalhador mais velho, que passou a ser considerado obsoleto logo, supérfluo. Seguindo esse raciocínio, os sujeitos deixaram de ter “reconhecimento” como seres humanos (Sennett, 1999, p. 15), inclusive os idosos.

No Brasil, o modelo de produção econômica leva os idosos à exclusão, como esclarece Barroso (1988, p. 34):

A velhice excluída e abandonada, o envelhecimento precoce e o pseudo-idoso são aspectos do modelo econômico excludente que foi praticado no país nas últimas décadas e sua solução corresponde à intensidade das medidas que forem tomadas para que a produção econômica cresça para o bem estar social geral (Barroso, 1988, p. 34).

Além do modelo econômico, o acelerado aumento da população idosa brasileira, tal como notam os estudiosos (Veras, 2004 a; Camarano, 2002; Camarano, 2006), contribui para acentuar a exclusão familiar e social dos idosos, apesar de muitas idosas viúvas de diversas classes sociais e das áreas urbana e rural, cuidarem dos seus netos e, diversos idosos (homens e mulheres) constituírem a fonte principal de renda familiar (Camarano, 2006; Simões, 2004; Motta, 2004). Esta condição de suporte financeiro da família, por parte dos idosos, principalmente os mais pobres, parece representar uma tentativa de preencher uma lacuna do Estado que não provê condições dignas para os seus trabalhadores e pode ser este, mais um problema que os idosos provavelmente buscam equacionar.

Certamente que, no Brasil rico e no Brasil pobre, “a questão social da velhice constitui uma realidade forte, desumana”. Como não há uma demarcação “geopolítica definida, separando as regiões, [...] encontramos brasis paralelos (rico e pobre) simultaneamente, na mesma região”. Assim como no Nordeste, também há um Brasil rico (Barroso, 1992, p. 52-53), acrescentamos que o inverso também acontece, pois no Brasil Rico ainda há, como já mostrado, desigualdades e outros problemas sociais.

Hoje o idoso no nordeste ensaia atitudes, toma posições e se sente gente. Já pode expandir sua vitalidade em bailes, excursões e iniciar-se novamente em relacionamento afetivo. Consegue expressar suas opiniões, desejos, sonhos e reivindicar seus direitos (Barroso, 1988, p.18).

A aposentadoria tem favorecido esta mudança, uma vez que proporcionou status e deu dignidade aos idosos, que vêm “sendo até sustentáculo de família” (Op. cit., p.18).

Nesse sentido, é preocupante constatar para toda a sociedade e, especialmente, para os gestores das políticas, a existência no Brasil de um grande contingente de idosos morando só, principalmente as mulheres idosas, por opção

ou contingência da vida, como a viuvez e outros motivos. Estas idosas, cujo crescimento é substancial - no Sudeste encontra-se a maior taxa com 24,9% e a menor está no Norte, isto é, 17% (PNAD/FIBGE, 2008, 2009) - são responsáveis por seus domicílios e, muitas vezes são o principal provedor das suas famílias. Elas vêm tendo uma grande expressão na esfera pública, o que leva Kipper & Lopes (2006) a afirmarem que o Brasil está diante de uma nova e crescente geração de avós, mais independente e participativa.

Segundo resultados parciais da PNAD - IBGE de 2011, cerca de 3 milhões de sujeitos com 60 anos e mais, ou seja, 14% da população brasileira, vivem sozinhos. A maior taxa está no Rio de Janeiro, com 17,1% e a menor está no Amazonas com 8% (IBGE, 2012). Além dessas questões e especialmente diante dos novos desafios que a sociedade, o Estado e a população idosa vêm enfrentando, devido à visibilidade e complexidade de outras questões referentes ao processo de envelhecimento. Referimo-nos à constatação de Meneses (2012) em Aracaju, capital de Sergipe que “o aumento da expectativa de vida da população e as conquistas sociais que tem promovido uma melhoria da saúde e da qualidade de vida das pessoas da terceira idade desencadearam um significativo aumento do divórcio na faixa etária a partir dos 60 anos, o aqui denominado divórcio grisalho” (p. 1).

Essas constatações mostram que o fenômeno do envelhecimento social demanda novas alternativas que possam atender, em toda a sua plenitude, os direitos sociais dos idosos brasileiros previstos nas políticas sociais e que lhes possibilite condições dignas, no seu tempo de vida. Na realidade, para Veras & Camargo JR (1995), esse fenômeno se impacta com a relativa precariedade de “[...] infra-estrutura necessária para responder às demandas médico-sociais deste grupo, em termos de instalações, programas específicos e mesmo recursos humanos adequados quantitativa e qualitativamente [...]” (p. 12).

Certamente que os problemas daí gerados representam um desafio para o Estado e toda a sociedade civil, principalmente para os idosos, uma vez que exige novas alternativas e eficácia das políticas sociais públicas existentes, ainda demandando aumento de investimentos públicos (âmbito federal, estadual e municipal) para atender os direitos sociais dos idosos brasileiros previstos nas políticas sociais (Veras, 2004 b). Este fenômeno mundial e brasileiro preocupa todas as nações e não pode ser considerado apenas pelo aspecto demográfico, nem

pode ser banalizado, pois sua complexidade acarreta diversas ordens de dificuldades, que comprometem sobremaneira a qualidade de vida dos idosos e consomem uma grande parte de recursos públicos, como esclarecem Veras & Camargo JR (1995). Constitui um processo paradoxal, pois, ao mesmo tempo em que o alongamento da vida é uma conquista da sociedade, porta uma heterogeneidade por ser marcado por diversas perdas biológicas e sociais, que levam os idosos a vulnerabilidades. O processo de envelhecimento, portanto, consiste em um momento vivenciado de modo particular por cada idoso.

No Brasil, o neoliberalismo agravou a problemática gerada pelo envelhecimento social, pois, de um lado, valoriza como cidadão apenas o consumidor, o que silencia a militância política e diminui os avanços democráticos. Por outro lado, reduziu gastos na área social, focalizou e privatizou políticas públicas e estas se tornaram escassas ou inconsistentes, posto que o Estado tornou-se mínimo³ diante das mesmas, apesar de intervir pelas leis que asseguram os direitos. Essa minimização do Estado rebate especialmente nos idosos pobres e dificulta o seu acesso à maioria dos bens e serviços. Diante dessas dificuldades, resta aos idosos, independente da classe, do gênero, da raça e outras diferenças, o isolamento que, junto a outros fatores, ficam impossibilitados de reivindicar os seus direitos. Sobre esta questão, Goldman (2004) pontua:

As transformações conjunturais se refletem em todas as gerações, mas é o segmento idoso o que mais sofre as mazelas decorrentes da crise resultante do Estado Mínimo para as políticas sociais, onerando as famílias e a sociedade com os ônus decorrentes da velhice, principalmente no que concerne à seguridade social (Goldman, 2004, p. 61).

As palavras da autora deixam claro que o alongamento da vida preocupa a previdência social, ainda mais quando Camarano (2004) esclarece que uma parte substancial da renda dos idosos é oriunda das aposentadorias e pensões, que é de valor baixo, pois a viuvez atinge mais as mulheres do que os homens.

A preocupação da Organização das Nações Unidas (ONU) também se volta para o aumento populacional dos mais idosos, representados pelos sujeitos

³ Apesar disso, o Programa “Bolsa Família”, criado pela Lei 10. 836 de 09.01. 004 e pelo Decreto 5. 290 de 17.09.2004 no Governo Lula, beneficiando com a transferência de renda no valor de R\$ 70,00, famílias pobres (com renda mensal de R\$ 70,00 a R\$ 140,00), atinge, segundo dados do Ministério de Desenvolvimento Social, mais de 11 milhões de famílias em todos os municípios brasileiros. Disponível em: <http://www.mds.gov.br/bolsafamilia>. Acesso: 1.06.2010.

com 80 anos e mais, que tem crescido substancialmente. Este grupo superou os demais, alcançando cerca de 70%, isto é, perto de 3 milhões de pessoas, segundo os resultados da PNAD de 2008. Além destes, os centenários, que eram 11.422 (7.950 mulheres e 3.472 homens), nos resultados parciais da Contagem da População de 2007 (FIBGE, 2009 b), constituem outra preocupação. Em 2011, os sujeitos com 80 anos e mais correspondiam a pouco mais de 3 milhões de pessoas e representavam 1,7% da população brasileira (PNAD/IBGE, 2012).

A magnitude da problemática que o envelhecimento populacional brasileiro engendra, eleva-o à categoria de ‘problema social’ e ‘questão social’ (Peixoto, 1997, p. 50), pois, na opinião de Salgado (1980, p. 99), “uma população com um grande percentual de velhos é, por si mesma, uma questão social”. Para nós, a marcante heterogeneidade da velhice brasileira exige que seja pronunciada no plural e o progressivo aumento de idosos requer, como se viu, políticas sociais mais eficazes na nossa sociedade ainda despreparada, em todos os níveis para promover uma vida digna aos seus cidadãos. Provavelmente, a marca mais cruel para os idosos sejam a exclusão social, o preconceito, a discriminação, a desigualdade de oportunidades e outras formas expressas ou internalizadas.

Diante dessas múltiplas facetas apresentadas e dos problemas que acarreta, podemos dizer que o envelhecimento brasileiro constitui uma expressão da “questão social”, que segundo ideias de Cerqueira Filho, (1982) vincula-se ao conflito capital-trabalho e constitui um conjunto de problemas de ordem política, social e econômica que emergiram da classe operária durante a constituição das sociedades capitalistas.

Hannah Arendt desenvolve uma crítica à esfera do social como primazia da técnica e enfraquecimento da política. Segundo Aguiar (2004), para esta autora:

A questão social, assim, é concebida como uma questão de planejamento, administração e conhecimento especializado, passível de solução não a partir da troca de opinião e deliberação pública, mas no interior de uma perspectiva autoritária inerente à dimensão estratégica e administrativa (Aguiar, 2004, p. 18).

Ainda para este autor, Arendt entende que a ascensão da questão social transformou os direitos humanos em “um tema ligado ao direito civil e não ao direito público”, assim tornou irrelevante “o pertencer a um corpo político, o

direito à liberdade de agir e participar” (p. 16-17). Nesse contexto, a questão social restringiu o conceito e o estatuto do Bem Comum e transformou a propriedade em uma das formas de acúmulo de riqueza.

Entretanto, Goldman (2007) mostra que o neoliberalismo na década de 1990 enfraqueceu o espaço público e fragmentou o espaço de luta e da organização social, principalmente dos trabalhadores ativos e aposentados e do setor público (maior empregador). Paradoxalmente, os idosos vieram se engajando em lutas e movimentos sociais de aposentados e pensionistas, especialmente nas décadas de 1980 - 1990, distinguindo-se assim na esfera pública. Apesar de se mostrarem descrentes e desesperançados em relação à política brasileira, pela vivência de negação e concessão de direitos e de cidadania, como pontua Goldman (2003), os idosos realizaram manifestos de diversas formas, pela conquista de direitos e conseguiram se tornar “objeto de uma política” (Beauvoir, 1990, p. 273), na Carta Magna de 1988 – a *Constituição Cidadã*.

Os direitos que contemplam os idosos nesta Carta foram regulamentados na Política Nacional do Idoso (PNI), aprovada pela Lei nº 8. 842 de 04.01.1994, mas sancionada e regulamentada somente em 03.07.1996, pelo Decreto Lei nº 1.948. Seu objetivo é “assegurar os direitos sociais dos idosos, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”. Em 1º de outubro de 2003 foi sancionado o Estatuto do Idoso (EI), através da Lei nº 10.741, entrando em vigor a partir de janeiro de 2004. Este Estatuto também incorporou e ampliou o elenco de direitos da PNI, envolvendo a família e toda a sociedade na afirmação dos direitos da população idosa e trouxe outras conquistas para os idosos.

O Estatuto prevê oito tipos de prioridades⁴ e, nesse sentido, nelas incorpora os princípios do Plano de Ação de Viena (1982). Agora falta, concordando com Bobbio (1992), coloca-las em prática, posto que o problema dos

⁴ (I) junto aos órgãos públicos prestadores de serviço à população; (II) na formulação e na execução de políticas sociais públicas específicas; (III) destinação de recursos públicos para a proteção do idoso; (IV) viabilização de formas alternativas de participação, ocupação e convívio do idoso com as demais gerações; (V) priorização do atendimento por sua própria família, em detrimento do asilar, com exceções; (VI) capacitação e reciclagem a recursos humanos; (VII) favorecer divulgação de informações de caráter educativo sobre os aspectos biopsicossociais de envelhecimento; (VIII) garantia de acesso à rede de serviços de saúde e de assistência social locais (BRASIL, EI, 2003).

direitos é a sua realização – exequibilidade – e não, o seu enunciado. Estas políticas (PNI e EI) são recentes e bastante avançadas, enquanto mecanismos jurídicos de promoção da autonomia dos idosos e defesa dos amplos direitos, logo, como respostas às refrações da questão social, que atingem a geração idosa, como diz Teixeira (2008). Sendo seu propósito “desenvolver e implementar ações com vista a influir” nas circunstâncias sociais e no bem-estar de todos os cidadãos, esses mecanismos possibilitam o acesso efetivo aos direitos sociais, inclusive ao amparo à velhice (Pereira, 2009, p. 170).

Essas políticas foram criadas para mudar a realidade dos cidadãos idosos, embora sejam realizadas de forma inconsistente e sem um completo alcance dos seus objetivos. Entretanto, esses mecanismos sociais implementados pelo Estado brasileiro, “pouco favorecem o estado de velhice precoce ou pseudo-velhice, ressaltando o abandono e a diferença social da população idosa” (Cruz, 1996, p. 83). Daí a importância de políticas que possam atender as diferenças regionais da geração idosa e a presença destes sujeitos nos projetos e demais espaços voltados para a luta por seus direitos sociais.

A presença dos idosos se revela nos espaços de direitos (Fóruns e Conselhos), associações, sindicatos, como sujeitos históricos e atores políticos, desenvolvendo uma ação reivindicativa de transformação social (Goldman, 2007). Estes espaços públicos de deliberação - os conselhos gestores - surgiram como possibilidade de fazer frente à questão social e ampliar as lutas políticas. Compreendem uma “aposta democrática fundamental para a construção de direitos e da cidadania na contramão ao projeto neoliberal” (Neves, 2006/2007, p. 133). Mesmo tendo uma função importante para a conquista de direitos sociais dos idosos, na opinião de Bredemeier (2003), estes conselhos ainda não conseguiram garantir completamente a representação e reivindicação de lutas de toda a população idosa.

Cabe ressaltar que os direitos dos idosos, conquistados e afirmados na Constituição Federal do Brasil e nas políticas para os idosos (PNI e EI) já haviam sido recomendados nos Planos de Ação da Assembleia da ONU sobre as questões do envelhecimento em Viena (1982), sendo reafirmados e ampliados na de Madri (2002). Paz (2004) entende que as determinações do Estatuto:

Enfim, essas conquistas só serão plenamente alcançadas se revertemos a participação tutelada do idoso para uma proposta de cidadania emancipada, onde o idoso se torne verdadeiramente a(u)tor protagonista – ‘sujeito testemunha’ – de sua própria história, com a co-participação de toda a sociedade, sem que os idosos dependam que se lute por eles, mas que estejamos aliados na luta com eles (Paz, 2004, p. 250).

Este autor defende que os direitos sociais dos idosos, só serão realizados, por meio do movimento social em que estes cidadãos se tornem sujeitos protagonistas dessa luta.

A estes direitos adiciona-se a aposentadoria que é um direito social, mas afeta seriamente “as estruturas financeiras” de modo geral e também atinge as famílias das diferentes classes sociais (Peixoto, 2000). A aposentadoria garante uma pensão mensal, mas acarreta a perda do poder aquisitivo, reduzindo o nível de vida dos idosos aposentados. Isso leva muitos idosos ainda produtivos à perda de status e estes se tornam mais fragilizados, menos valorizados e inferiorizados diante da sua família e na sociedade (Beauvoir, 1990).

Assim, os idosos passam a ser estigmatizados como improdutivos, ociosos, disponíveis (Queiroz, 1992; Peixoto, 1997), alvos de estereótipos e preconceitos (Debert, 1999) e são considerados um fardo para as sociedades capitalistas (Beauvoir, 1990). Isso mostra uma condição de desamparo dos idosos por parte da família e do Estado, que pode levar esses sujeitos a se isolarem na esfera privada, o que constitui uma forma de risco social, por que dificulta a sua integração social e a sua cidadania, segundo as propostas do Estatuto do Idoso.

Nesse contexto, a importância da vivência da realidade temporal e a consequente brevidade da vida, levam Lins de Barros (2004) a esclarecer que:

A concepção de tempo é fundamental para o entendimento da vida humana que obedece irremediavelmente ao movimento que se inicia no nascimento e culmina na morte. Esse tempo é vivenciado em um dado espaço e através de um corpo físico que também têm significados próprios (Lins de Barros, 2004, p. 42).

Isto por que a velhice na sociedade moderna é geralmente percebida como o momento da decadência física, associada às diversas perdas (da saúde, capacidade de produzir, beleza e outras) e à morte (Op. Cit.). A morte, como alerta Bobbio (1997, p. 121) é, “Para um amante da justiça”, “a coisa mais mal

distribuída deste mundo”. A preocupação com a política, faz com que Arendt (2007) considere este momento, em que os sujeitos deixam a companhia dos seus companheiros, a experiência mais anti-política, uma vez que a condição da política está no compartilhar a companhia dos sujeitos.

Mesmo convivendo atualmente com “uma imagem menos negativa da velhice, as palavras *velhice*, *velho* e *velha* têm culturalmente um peso negativo muito grande” (Lins de Barros, 2004, p. 48). A categoria *terceira idade* que consiste em uma “nova proposta de envelhecer” e está “mais livre dos constrangimentos negativos da morte e da decadência humana”, ao mesmo tempo se contrapõe ao conceito de velhice, categoria estigmatizante (Op. Cit.). A imagem positiva da velhice, assim, elege a juventude como um modelo de vida a ser seguido, “modelo de comportamento e de expressão das emoções”. Ao se transpor o “modelo da juventude para a velhice” os comportamentos para a velhice são reinterpretados criando-se outros, daí surgindo “o modo terceira idade de envelhecimento” (Lins de Barros, 2004, p. 51).

Concordamos com Simões (2004) que, nesse sentido, a aposentadoria constitui um direito contraditório e penaliza os idosos, pois se revela como um elemento gerador de isolamento social. Segundo ideias de Simões (2004, p. 52), isto acontece por que, ao marcar “o rompimento com o mundo do trabalho [...] meio preferencial ou exclusivo” da “sociabilidade pública” dos homens idosos, incide na perda do espaço de lutas políticas por direitos (o trabalho) na esfera pública. Essa linha de raciocínio sugere que a organização social, a partir do mundo do trabalho, que leva às lutas por direitos pode constituir um espaço de construção e exercício do elemento político da amizade, segundo a compreensão arendtiana.

No Brasil, podemos considerar a Tese de Doutorado de Regina Maria Prado Leite Erbolato em 2001, realizada junto ao Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, o primeiro estudo acadêmico específico sobre a temática da amizade dos idosos. Foi intitulada “*Contatos Sociais: relações de amizade em três momentos da vida adulta*” e aborda a relevância da amizade na velhice como rede de suporte social ligada ao bem-estar subjetivo. Sobre esta rede dizem Capitanini & Néri (2004):

Redes de suporte social são conjuntos de pessoas que mantêm entre si laços típicos das relações de dar e receber que lhes permitem manter a identidade social, dar e receber apoio emocional, ajuda material, serviços e informações, e estabelecer novos contatos sociais. Contribuem para que o indivíduo acredite que é cuidado, amado, valorizado e que pertence a uma rede de relações comuns e mútuas. São hierarquizadas e desenvolvem-se ao longo do ciclo vital (p. 73).

As redes de suporte social são importantes na manutenção das relações qualitativas com a família e, principalmente com amigos da mesma geração, para estabelecer trocas de confiança, de sentimentos de pertencer e de utilidade, e partilhar interesses, valores e outras formas. Neste contexto, a amizade na velhice se baseia na confiança, sinceridade e lealdade e constitui uma fonte de suportes emocionais diversos (Erbolato, 2006)⁵. Identifica-se claramente que essas produções não contemplam a amizade política que o nosso estudo prioriza. Sobre isto, resgatando Almeida & Maia (2010), em artigo no qual realizam um levantamento bibliográfico da produção científica nacional e internacional sobre a amizade de idosos entre os anos de 2005 a 2009, constatam que a nossa Dissertação de Mestrado é o único estudo voltado para a amizade política praticada pela geração idosa. Em seu artigo, estas autoras mostram que “os idosos que fazem parte de um ambiente universitário demonstraram atitudes diferentes das dos idosos asilados, pois se mostraram bem mais abertos para as relações de amizade, muito embora não tenham consciência de sua força política” (p. 746).

No Brasil, observa-se na demografia da população idosa (FIBGE, 2009 a), um forte componente de gênero, encontrando-se a situação socioeconômica desvantajosa e a viuvez majoritariamente entre as mulheres. Além disso, Motta (2004) pontua que as mulheres idosas participam mais do que os homens, de

⁵ Souza & Garcia (2008) realizaram um estudo em periódicos estrangeiros sobre a amizade praticada por idosos e identificaram, além da tese de Erbolato (2001), três produções sobre a mesma temática. São eles: GARCIA, Agnaldo; LEONEL, Sandra B. Relacionamento Interpessoal e Terceira Idade: a mudança percebida nos relacionamentos com a participação em programas sociais para a terceira idade. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del-Rei, v. 2, n. 1, p. 130-139, 2007. SCARABELLI, Rodrigo; GARCIA, Agnaldo. As Amizades dos Idosos Vivendo em Ambiente Familiar e dos Idosos Vivendo em Instituições: uma análise comparativa. In: GARCIA, Agnaldo (Org.). *Relacionamento Interpessoal: estudos brasileiros*. Vitória: Núcleo Interdisciplinar para o Estudo do Relacionamento Interpessoal, 2006. P. 105-121. SOUZA, Luciana Karine de. Velho Amigo, Amigo Velho: amizade na velhice. In: CASTRO, Odair Perugini de (Org.). *Envelhecer: revisitando o corpo*. Sapucaia do Sul: Notadez, 2004. P. 69-86. Em suas conclusões, Souza e Garcia (2008) constatam, apesar da sua pesquisa exaustiva e consistente, uma carência de estudos sobre amizade e velhice no Brasil e propõem estudos mais amplos com abordagens inclusive relacionadas ao ambiente social dos idosos. Como se pode observar, este recente estudo não se dedicou à dimensão política da amizade na velhice, nem aponta a importância do estudo dessa forma de amizade nessa fase da vida.

atividades na esfera pública: organizações e movimentos de mulheres, cursos, viagens e outras atividades. Mostra também que uma parte dos idosos se integra com outras gerações nos Centros de Convivência do Serviço Social do Comércio (SESC) e nos programas de universidades para a terceira idade, onde tornam visíveis as questões da velhice, atualizam o seu conhecimento, tecem amizades e tentam quebrar preconceitos (Motta, 2004). Além disso, a participação bastante significativa dos idosos na esfera pública mostra a grande contribuição desta população etária para a história da nossa sociedade, história esta que fala da cidadania, da política e dos direitos dos idosos, contrariando os estereótipos e preconceitos a eles direcionados.

Nunes (2001) esclarece que os programas direcionados à população idosa proliferaram, na última década no Brasil, encorajando a busca da integração e participação na esfera pública e abrindo espaços para que a sociedade brasileira se sensibilizasse, mais, com os problemas do processo de envelhecimento. Os programas denominados Universidades Abertas da Terceira Idade desenvolvidos no interior das universidades têm se firmado enquanto espaço de aprendizagem, participação social e exercício da cidadania dos “idosos com autonomia e independência” (p. 44). Além disso, segundo a concepção de Paz (2004, p. 249), os programas de microuniversidades e outras atividades voltadas para os idosos mostram ser um espaço “potencial de politização dos idosos, através de troca, de circulação de informações, de preservação dos espaços de memória e de convivência intergeracional”.

Na visão de Teixeira (2006), os programas para os idosos preconizam a importância do envelhecimento ativo, mas representam uma forma de camuflar e negar a problemática social do envelhecimento. Para Sposati (2008) esses programas são importantes e, contrapondo-se a Teixeira (2006) diz que, ao final do século XX, “O alcance do envelhecimento sadio trouxe a demanda por novas formas de atenção a esse ciclo de vida não previsto anteriormente, assim como novas formas de convívio familiar e social” (Sposati, 2008, p. 64). Ressaltamos que, entre esses programas encontram-se a Universidade Aberta da Terceira Idade/ (UnATI/UERJ) e a Universidade Integrada da Terceira Idade que desenvolve as suas atividades nas dependências da Universidade Federal do Maranhão - UFMA (UNITI/MA), que constituíram campos empíricos da nossa pesquisa. Esses programas têm dado visibilidade à problemática do

envelhecimento populacional brasileiro, o que parece facilitar a inclusão dessa questão na agenda política nacional e internacional.

Na tentativa de garantir a realização de todos os direitos afirmados nas políticas, foram criados Conselhos de Direitos de Idosos. O problema é que estes espaços são desafiados pela burocracia governamental que decide e concentra os recursos, nem sempre distribuídos por critérios justos, universalistas e democráticos (Salvador, 2006; Faleiros, 2006; Teixeira, 2008). Soma-se a isto a morosidade dos governos na aprovação de orçamentos e a indisponibilidade de recursos para fazer frente aos programas destinados aos idosos, apesar de um acompanhamento constante dos Conselhos, o que torna a implementação do Estatuto e as demais leis modestas, constituindo um grande problema.

Oriunda das ações dos Conselhos de Direitos da Pessoa Idosa (Brasil, 2006) surgiu a Rede Nacional de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa (RENADI), em 2006, com a esperança de aperfeiçoar as políticas sociais públicas. Mas, essa rede já surgiu com diversas dificuldades apontadas na I Conferência Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa em Brasília (2006) relacionadas, principalmente a questões ligadas à sua implantação, gestão e outras, mostrando a sua complexidade.

3

Amizade: concepção arendtiana

Se o sentido da política é a liberdade, então isso significa que nós, nesse espaço, e em nenhum outro, temos de fato o direito de ter a expectativa de milagres. Não porque acreditemos [religiosamente] em milagres, mas porque os homens, enquanto puderem agir, são aptos a realizar o improvável e o imprevisível, e realizam-no continuamente, quer saibam disso, quer não (Arendt, 2002 b, p. 122).

Historicamente essa forma de relacionamento teve uma atenção especial e se manteve ligada à Filosofia (Platão, Aristóteles, Agostinho, Cícero e outros) até o século XIII na Europa, quando a Teologia desvinculou-se desta Disciplina. Na Antiguidade a amizade foi bastante estudada na Filosofia que assim possui uma vasta produção sobre este tema. Rezende (2002) pontua que na Antropologia e na Sociologia também se observam uma grande produção sobre a amizade. No Brasil, as produções sobre essa temática vêm sendo apresentadas pelas Ciências Sociais e Humanas, mas ela não é objeto de estudo do Serviço Social brasileiro.

Neste capítulo, apresentaremos inicialmente, um diálogo sobre a amizade, segundo a perspectiva de autores clássicos como Aristóteles (2001), Cícero (2001) e contemporâneos, como Ortega (2002; 2000), Baldini (2000) e Konstan (2005), mostrando as diversas dimensões com que esse vínculo veio sendo exercitado. Desse modo, mostraremos as concepções e características da amizade em diversas formas de produções científicas das áreas humanas e sociais, com predominância da Filosofia, onde se encontra a maior parte dos estudos sobre essa temática.

Segundo depreendemos da revisão bibliográfica dos autores referidos, a amizade sofreu transformações, ao longo da história, expressando-se como um processo socialmente construído, que se efetua *nas* e *através* das relações sociais. A amizade, que não é um fenômeno contemporâneo nem natural, tem como elemento base a confiança e a lealdade. Tradicionalmente, ela recebeu várias conotações, sem uma definição precisa por ser difícil defini-la e está ligada ao conceito grego de *philia*. Entre os gregos, este vínculo teve um papel fundamental como modelo das relações humanas: pessoais, familiares e políticas, diz Baldini (2000). Em Ferreira (1975) a amizade é associada às dimensões emocionais,

sociais e políticas (acordo e aliança) e pode ser exercitada entre pessoas, grupos e nações.

Na compreensão de Ortega (2002, p. 14), a amizade faz parte da esfera do político, mas é traduzida na história do pensamento político ocidental como categoria pré-política. Até mesmo Aristóteles, que atribui uma qualidade política à amizade, expressa na ‘amizade econômica’ do espaço familiar grego uma característica anti-política da amizade. Era considerada anti-política até mesmo na Filosofia, mas tornava-se uma relação política, ao ser exercitada entre os cidadãos da *polis*. Enfim, Ortega (2002, p. 15) esclarece que: “De Platão a Heidegger, o pretenso movimento de politização da amizade é simultaneamente um ato de despolitização”. Acrescentamos que, após Heidegger, Hannah Arendt ressalta a dimensão política da amizade, em uma perspectiva diferenciada, objeto do nosso estudo.

No século XVII e, como “sentimento natural”, a amizade perdeu o sentido de “ideal ético” com o cristianismo⁶ (Rezende, 2002, p. 18), mas permaneceu como um vínculo socialmente desigual e instrumental estimulado pelo sistema feudal, mesmo após se transformar em um “novo conceito moderno” de afeição (Konstan, 2005, p. 25)⁷. Segundo este autor, (p. 63), a afeição e a confiança constituem “os elementos que oferecerão o contexto da amizade pessoal na cidade-estado clássica”, em que se articulam “uma esfera do lar individual e a sociedade civil em geral, regulada por convenções de sentimento mais do que pela lei da propriedade e direitos políticos”. Certamente que os sujeitos se associavam na cidade-estado, até mesmo pela amizade como relação pessoal, dimensão bastante usada na política. Nesse contexto, os amigos eram tratados por sua “influência e utilidade” e convidados a assumir “cargos oficiais” por sua virtude e não por seus “talentos administrativos” (Konstan, 2005, p. 152). Isso mostra a influência da utilidade na amizade e não dos sujeitos e as suas capacidades.

Gandelman (2005) esclarece que no Antigo Regime em Portugal, os tratadistas leigos e religiosos em geral (Paulo, Agostinho de Hipona e Tomás de

⁶ Com o advento do Cristianismo ela foi associada à caridade, logo, para São Tomás de Aquino, ‘a caridade é a amizade do homem com Deus’ e para Santo Agostinho, amar o amigo significa amar ‘Deus em seu amigo’, esclarece Baldini (2000).

⁷ Konstan (2005) esclarece que “Em qualquer época, inclusive hoje concepções diversas sobre a amizade coexistem, e nem todas se conformam com a moda dominante” (p. 25). Assim, seria errôneo falar em um progresso da “natureza” da amizade (de modo primitivo a maduro, ou mais próximo das idéias modernas), assim como não se pode garantir uma “uniformidade entre as suas concepções disseminadas em uma única era” (p. 27).

Aquino), percebiam o homem com uma “ligação amorosa com Deus”, colaborativo e benevolente e associavam a humanidade ao “bem comum”, familiar, segundo concepções morais comunitárias. O bem estar material coletivo e a obrigação natural de ajuda ao próximo eram predominantes, assim como a reciprocidade no sistema de trocas baseado no bem comum, no auxílio mútuo e na benevolência. A retribuição em excesso e obrigatória de produtos e serviços expressava os laços afetivos gerados a partir da gratidão. Como os bens eram considerados de origem divina e devia haver uma reciprocidade, os favores de amizade constituíam uma das quatro formas de dádiva francesa (século XVI) identificadas por Natalie Davis (apud Gandelman, 2005)⁸. As *relações de amizade* eram desiguais e assimétricas e “conceitualizavam os laços políticos entre as pessoas, engendrando relações de clientela” (p. 40). Além disso, “As relações de compadrio, espécie de amizades seladas por um vínculo mediado pela Igreja” (p. 41), estabeleciam alianças entre grupos familiares.

A amizade (horizontal ou assimétrica e vertical) como relação de dádiva aos necessitados no Antigo Regime também originava grandes disputas, tensões e desacordos. A dádiva alicerçava práticas de poder e relações clientelares na amizade, em níveis: político, econômico ou social. A “complexa discussão da ética da amizade” no século XVIII mostra a sua fragilidade como dever de gratidão, virtude e interesse (p. 41). No casamento, era valorizada para afastar a ideia de paixão, malvista no pensamento cristão, uma vez que os sentimentos que deviam prevalecer eram os de amizade e caridade que derivavam do amor a Deus (Gandelman, 2005, p. 268).

Reinterpretada entre os séculos XVI a XVIII, neste último século, a amizade ainda se faz presente na esfera pública, mas transita entre público e privado (Ortega, 2002). Entretanto, nem mesmo ao estabelecer redes de influência nos séculos XVIII e XIX, a amizade deixou de ser considerada ‘acessória’, apesar de aceita e valorizada, mas o problema é que ela não estava em evidência, como esclarece Vincent-Buffault (1996, p. 9). Apesar de “inventar laços de resistência”, ela baseava-se em uma prática voluntária, o que a tornava mais frágil, pois prevalecia o amor (*eros*), que, a partir do século XVIII, venceu a amizade (Vincent-Buffault, 1996; Baldini, 2000).

⁸ As outras formas são: caridade cristã (os bens vêm de Deus), liberalidade da nobreza (hospitalidade e generosidade) e generosidade entre vizinhos (solidariedade).

Desde o Renascimento, a amizade (concordia) era praticada entre os sexos como possibilidade amorosa e, especialmente pelas mulheres, pontua Baldini (2000). Entretanto, no século XVIII a mulher já havia sido excluída do espaço masculino, sendo essa exclusão formalizada no século XIX, quando a sociedade passou a definir “espaços reservados aos homens” (Vincent-Buffault, 1996, p. 160). Apenas ao final do século XIX foi desenvolvido o “ideal burguês dos casais de amigos e dos amigos da família” (p. 180).

A amizade foi pouco exercitada na esfera pública da sociedade moderna, que inicia, para Arendt (2008), no século XVII e, apesar de inaugurar um novo tempo, esta era levou a humanidade a uma alienação em relação ao mundo, ou seja, os sujeitos passaram a se voltar para si mesmos e a privilegiar o exercício do pensar⁹, diz Arendt (2002 a). O ponto positivo da questão do pensar, destacado por Arendt (2002 b, p. 101), neste contexto é que: “Somente alguém que teve a experiência de falar consigo mesmo é capaz de ser amigo, de adquirir um outro eu”. No entanto, o problema é que o enfraquecimento do espaço público - lugar da política - tornou a amizade mais valorizada na esfera privada, provocando o seu declínio progressivo e a sua despolitização (Ortega, 2002, p. 13).

Na sociedade contemporânea onde se presencia uma limitação e uma prescrição das formas de relacionamento a amizade no sentido arendtiano, que se volta para o mundo e para o espaço público constituiria a experimentação de uma nova forma de sociabilidade (Ortega, 2002). Daí a importância dos sujeitos diante do mundo estabelecido, mediante a inexorável correspondência entre o pensar e o agir (Arendt, 2002 b). Sobre a ação em Hannah Arendt, discutiremos mais adiante.

Na contramão do agir coletivo, Baldini (2000) diz que na “sociedade eletrônica”, cujos instrumentos tecnológicos anulam a distância e facilitam o encontro, prevalece o isolamento. Este encontro geralmente virtual, em nosso entendimento, pode gerar uma amizade fluida e porosa, até mesmo líquida, para seguir Bauman (2004). Entretanto, o isolamento pode impedir a criação de um

⁹ Arendt (2002 d, p. 142) esclarece que “o diálogo do pensamento só pode ser levado adiante entre amigos”, sendo importante na busca do sentido das coisas, para fazer escolhas, direcionar ações e encontrar caminhos para uma vida em conjunto no mundo comum. Recorrendo a Sócrates, Arendt (2002 d, p. 141) esclarece que as duas formas de interação - “conosco mesmos, bem como com os outros” - estão “de alguma maneira relacionados”. Nesse sentido, a compreensão de Aristóteles de que ‘o amigo é um outro eu’, leva Arendt (Op. Cit.) a dizer que com os nossos amigos, podemos “empreender o diálogo do pensamento como se faz consigo mesmo”.

espaço público no mundo comum, onde se possa exercitar a dimensão política da amizade.

Na Antiguidade, como vimos, a amizade foi utilizada para beneficiar os amigos na política partidária e manter o poder das autoridades que administravam as cidades gregas e romanas. Esta ideia coincide com a compreensão de Derrida, em palestra proferida na University of Sussex, ao comentar sobre Aristóteles, em que esclarece que apenas a amizade fundada na utilidade e no usufruto, seria uma amizade política e não, a amizade baseada na virtude nem a que é fundada no prazer (Bennington, 2004). Entretanto, de acordo com Arendt (2002 a) o “critério de utilidade” é intrínseco ao trabalho e se baseia na relação entre meios e fins, sendo um processo circular em cadeia, no qual todo fim pode se transformar em um meio e todo meio pode se tornar um fim. Desse modo, segundo prossegue explicando esta autora, “[...] num mundo estritamente utilitário, todos os fins tendem a ser de curta duração e a transformar-se em meios para outros fins” (p. 167). O utilitarismo assim configura a amizade em uma relação efêmera e descartável, impedindo um agir em conjunto.

Na tentativa de conceituar a amizade, Rezende (2002) mostra que esse vínculo é uma relação social que permeia os espaços público e privado e se baseia no diálogo. O diálogo é viabilizado pela palavra e esta difere de uma simples conversa e de uma discussão, enviando os homens ao poder, por meio da ação entre eles no espaço público, segundo Arendt (2002 a). Sobre isto Telles (2006) vai dizer que essa palavra pronunciada “sobre a ordem do mundo se faz audível e reconhecível na cena política”. Isto por que, como a palavra pronuncia os direitos, consiste especialmente no “alargamento do ‘mundo comum’ pelas linhas de horizontes abertas por um leque multifacetado de problemas, dilemas, dramas, histórias e tradições que singularizam formas de existência” (p. 42).

Segundo ideias de Baldini (2000, p. 18), no mundo grego e não no latino, “a palavra amizade é sinônimo mais de solidariedade política do que de relação afetiva entre duas pessoas”. Exemplo disso é que Cícero expressa uma “amizade político-utilitarista da tradição romana”, que ele traz da “amizade pessoal-filosófica do tipo grego”. Konstan (2005, p. 94) mostra que na Antiguidade, o prazer na companhia dos amigos e a amizade¹⁰ era bastante relevante no contexto

¹⁰ Para melhor compreensão, inserimos aqui, o exemplo fornecido por Konstan (2005, p. 94) com o comentário de Xenofonte durante a batalha contra os egípcios, reanimando a “fórmula

da política. Para ele, os amigos íntimos geralmente continuavam “unidos na política”, o que não significava “que redes de amigos íntimos eram a base da atividade política na democracia”. Aqui se trata da democracia grega que era excludente, só participando da *polis* os homens da classe favorecida.

No contexto grego antigo, “amigos leais” constituíam uma “força política”, uma vez que ‘A *philía* criou grupos políticos e os manteve unidos’, por isso os ‘laços pessoais de lealdades’ eram mais importantes como “fundamento da atividade e sucesso políticos” do que os “interesses de classe e a política nacional”, diz Connor (apud Konstan, 2005, p. 88). Além disso, Hutter (apud Konstan, 2005) “afirma que ‘Toda coletividade de cidadãos livres da polis se relacionava à maneira de uma amizade. Assim, na Grécia a política veio a ser considerada como o meio para o exercício da amizade’”. Entretanto, Aristóteles esclarece que o problema no meio político é que “os estadistas, mesmo os honrados, tendem a formar numerosas amizades superficiais” (Konstan, 2005, p. 93). Sobre as amizades numerosas, esta exclusiva “virtude importante do estadista”, Arendt (2002 b) vai dizer que, arriscar uma definição para este vínculo seria afirmar que a amizade

[...] consiste em compreender o maior número e a maior variedade possível de realidades [...], o modo como essas realidades se abrem às várias opiniões dos cidadãos e, ao mesmo tempo, em ser capaz de comunicar-se entre os cidadãos e suas opiniões, de modo que a qualidade comum deste mundo se evidencie. Se tal compreensão – e a ação por ela inspirada – tivesse que acontecer sem a ajuda do estadista, então o pré-requisito seria o de que cada cidadão teria que ser suficientemente articulado para mostrar sua opinião em sua veracidade, e, por conseguinte, compreender seus concidadãos (p. 99-100).

Esta concepção de Hannah Arendt em que o estadista pode se tornar desnecessário para articular os sujeitos, mostra uma dimensão política da amizade, política esta que evoca a condição de pluralidade e de liberdade.

Para Aristóteles, a amizade política está ligada à “conformidade de opinião” ou unanimidade (EN, 1167 a), também estando relacionada com questões de interesses individuais e de influência na vida dos sujeitos. Assim, amigos - ‘dois que andam juntos’ -, tornam as pessoas mais capazes de um agir

convencional”, dizendo que “a falange mais forte é formada por companheiros combatentes que são pessoalmente caros uns aos outros”.

em conjunto (Arendt, 2002a). Aristóteles entende que a amizade política é realizada entre concidadãos plurais, não sendo uma “grande amizade”, como é a “amizade da espécie camaradagem” exercitada entre duas pessoas (EN, 1171 a, p. 213). Como vimos anteriormente, a amizade política em Aristóteles possuía uma característica anti-política (Ortega, 2002), provavelmente é por essa razão que Arendt esclarece que, ao considerar a amizade análoga à necessidade, “Aristóteles vê a amizade essencialmente do ponto de vista do cidadão individual, e não do cidadão da *polis*” (Arendt, 2002 b, p. 99).

Segundo Konstan (2005, p. 97), apesar da amizade ser importante para consolidar pequenos círculos de aristocratas, as relações entre os amigos (*philói*) exercitadas fora da vida pública indica uma função “marginal” na política ateniense. Este vínculo mostra exclusão e desigualdade na concepção de Aristóteles, ao afirmar que ele se dá apenas entre as “pessoas boas” e, como estas, “têm um só pensamento” sobre as mesmas questões (firmeza e coerência) e almejam o justo e vantajoso, podendo assim estabelecer acordos entre si (EN, 1167b, p. 204).

Baldini (2000) esclarece que o conceito de *philia* em Aristóteles (E N, 1155 a: 16-20), muitas vezes associado à amizade, abrange uma ampla gama de relações (amizade, parentesco, relação entre concidadãos ou qualquer outra forma de associação), mas levou a diversos equívocos¹¹. *Philía*, mostra uma aproximação com a categoria amizade ao ser associada à afeição, que é uma das formas de *philía*. Esta confusão é motivada pelo fato de *philía* unir as cidades e parecer ligar a amizade com a cidadania.

Outra forma de *philía* reconhecida por Aristóteles é a praticada entre concidadãos, ou *politíai*, classificada por ele como *politiké philía*. Esta forma de *philía* também é permeada de afeição, que “surge sempre que há um sentido comunal ou propósitos compartilhados”. Desse modo, *philía* para Aristóteles, está ligada a “parceria” e “afeição amistosa”. Nesse sentido, as “afeições políticas” se aproximam mais das “afeições de parcerias, pois aparentam estar baseadas em um tipo de acordo” (Aristóteles apud Konstan, 2005, p. 101). Os acordos dão origem às comunidades (Konstan, 2005).

¹¹Konstan (2005, p. 98) esclarece que as versões inglesas dos tratados éticos de Aristóteles traduzem habitualmente *philía* como ‘amizade’, em lugar de ‘amor’ ou ‘relação amorosa’, o que provoca “inconveniências” nessas edições e, “ocasionalmente, erros também”.

Ortega (2002, p. 43) afirma que em Aristóteles: “O conceito e o sentido da amizade são determinados pela perspectiva da *polis*”. Aqui se trata de uma *polis* autárquica como ideal de uma *vida* comunal perfeita, sendo rara esta forma de amizade. A amizade perfeita está cunhada na literatura da Antiguidade de Aristóteles a Cícero, fazendo parte do imaginário da amizade. Esse ideal de vida comunal está expresso no conceito de amizade civil ou política (*politike philia*), que se define pela ‘concordia’ ou unanimidade. Para Arendt (2002 a, p. 254-55) a *philia politike* aristotélica, constitui uma forma de “amizade sem intimidade ou proximidade”. Aqui, Arendt (2002 a) parece estar apontando para a dimensão política da amizade, como ela compreende e sobre a qual trataremos mais adiante.

A *polis* grega era a esfera da liberdade e se situava “exclusivamente na esfera política” (Arendt, 2002 a, p. 40). Nela a prática da amizade constituía “uma relação entre amizade e justiça” (Op.Cit., p. 44). Ortega (2002, p. 44) diz que, para Aristóteles, tanto a amizade como a justiça “se dão entre as mesmas coisas, referem-se às mesmas pessoas, e aumentam e diminuem na mesma proporção”. Nessa linha de raciocínio, a amizade para Aristóteles é superior à própria justiça, pois a amizade pode prescindir da justiça, mas os justos não têm necessidade de amizades (EN, VIII, 1155 a, p. 173). Como a amizade envolve uma relação desigual, hierárquica e de superioridade, tanto na família como entre os que detêm o poder de mando e os que devem obediência, logo, a justiça também se mostra desigual, diz Baldini (2000).

O amplo significado da palavra latina *amicitia*, tal como *philía*, que designa a amizade, segundo Konstan (2005), demarca um campo para além do parentesco, etnia e associações utilitárias (parcerias comerciais). Taylor (apud Konstan, 2005, p. 174) vai dizer que por muito tempo *amicitia* foi a categoria que designava “as relações entre partidos”. Os partidos compreendiam “alianças mutáveis, fundadas em favores particulares” e seus integrantes (os *amici*) eram ligados por laços individuais, caracterizados como uma “afiliação prática”. Esta forma de afiliação não compreendia “afeição real e duradoura”, mas era a essência da *amicitia* romana.

As “alianças pessoais entre líderes políticos” eram fundadas em uma “ética de obrigação” que relacionava os amigos, através da reciprocidade, a qual Cícero entendia ser um dever moral do beneficiário que não podia retribuir, devendo ser restituído pela gratidão (Konstan, 2005, p. 175). Entretanto, Brunt (apud Konstan,

2005) mostra que o *amicus* em Roma nem sempre significava o aliado político e que a amizade também era permeada de discordâncias políticas, mas apesar destas diferenças políticas, os sujeitos continuavam próximos e construíam alianças nos conflitos políticos mesmo sem laços particulares.

As considerações de Cícero (2001) mostram que com os amigos também são partilhadas preocupações políticas e, por constituir a amizade “um acordo perfeito entre os amigos”, permite um pleno acordo na política. A aliança entre estados é sustentada pela lealdade que dá segurança e estabilidade na amizade entre todos os sujeitos sem distinção. A concepção de Cícero sugere a influência da amizade na política, uma vez que, por meio dessas relações são estabelecidos acordos e se pode “manobrar o terreno difícil da política republicana” (Konstan, 2005, p. 179).

Como vimos, pensar sobre a amizade remete a algo em movimento, dinâmico, a um processo histórico, que tem significação própria em cada contexto sócio-cultural e que possibilita uma presença na esfera pública. Na compreensão de Hannah Arendt, a amizade tem uma dimensão política, diferente da exercitada pelos estadistas, mostrada anteriormente, mas como oportunidade de um diálogo horizontal e igualitário entre todos os sujeitos na esfera pública.

Vale situar que ainda aos 18 anos, na Universidade de Marburg na Alemanha onde pretendia estudar Teologia, Hannah Arendt era muito admirada por sua intelectualidade e, por isso, recebeu dos seus colegas o apelido de “Pala Atenas”, como narra sua aluna e colaboradora, depois biógrafa, Elisabeth Young-Bruehl (1997). Hannah Arendt é uma “filósofa que prezava a ação pública e o domínio público” e cultivou amizades por toda a vida (Young-Bruehl, 1997).

Em sua obra, Hannah Arendt ressalta a importância da ação dos sujeitos sociais no espaço público no mundo comum a todos, valorizando e - porque não dizer - re-valorizando a esfera pública, como uma esfera de pluralidade, de liberdade e, conseqüentemente o espaço da política, tal como Arendt (2007 a) a concebe. Tomamos de empréstimo as palavras de Ortega (2000) para dizer que a escolha pela obra desta autora não se deu por acaso,

[...], pois essa pensadora nos oferece uma das críticas mais interessantes da democracia representativa, do ponto de vista da despolitização, do medo e da falta de imaginação que impede a ação política em nossa sociedade. Precisamente o fenômeno da despolitização constitui a preocupação principal dessa filósofa

judaica, que defende de forma categórica e sem concessões a autonomia do político (Ortega, 2000, p. 17).

Voltando ao percurso da amizade, esta ganha singular importância no contexto da Revolução Francesa, ao final do século XVIII, em que ocupa o imaginário político (Vincent-Buffault, 1996). O imaginário¹² dominante na política, segundo Ortega (2000, p. 12) é representado pela “democracia representativa e a política partidária” e na amizade pela “metáfora familiar”. No contexto desta Revolução, Lafer (1995, p. 94) explica que a amizade estava associada ao princípio de fraternidade que era “a grande metáfora da igualdade real”.

Segundo Ortega (2000), Arendt estabelece uma contraposição entre a amizade e a fraternidade. Para ela, a primeira, por estar voltada para o mundo público, “exprime mais a humanidade do que a fraternidade” e esta última é uma “força antipolítica”, pois, “suprime a distância dos homens, transformando a diversidade em singularidade e anulando a pluralidade” (p. 31). Entretanto, Lafer (1995) esclarece que, a fraternidade no contexto desta Revolução tornou-se

[...] uma categoria teórica, difundida pela Revolução Francesa [...] que busca ser abrangente da *amizade* e da *solidariedade* e que exprime sobretudo uma postura ética, na prática política, voltada para as virtudes de uma solidariedade horizontal entre os seres humanos, concebidos como livres e iguais (Lafer, 1995, p. 94).¹³

A amizade arendtiana pode ser vinculada a essa associação entre a fraternidade e a solidariedade horizontal no contexto histórico dessa Revolução com uma perspectiva política. Em nossa opinião a amizade, para se constituir como política – amizade política - reúne basicamente cinco categorias arendtianas fundamentais: ação, espaço público, política, liberdade e diálogo. Percebemos que, em Hannah Arendt, essas categorias são separadas apenas para demarcá-las conceitualmente, pois sendo interdependentes, necessariamente resultam e são resultantes umas das outras, sendo difícil e quase impossível uma separação clara ao serem analisadas.

¹² Ortega (Op. Cit.) esclarece que essas imagens povoam o pensamento, a política e a amizade, também “[...] monopolizam o nosso imaginário e condicionam nossa maneira de pensar, amar, agir e de nos relacionar afetivamente [...]”.

¹³ grifos do original.

Na intenção de nos fazer pensar sobre a condição humana, Arendt (2002 a) divide a sociedade, que ela chama de “mundo”, em duas esferas: privada e pública. Estas esferas são definidas basicamente, segundo a possibilidade de liberdade. A esfera privada é o espaço do labor, da subsistência e da ausência de liberdade e a esfera pública é o lugar da ação e da liberdade. Neste lugar da aparência, “tudo o que vem a público pode ser visto e ouvido pelos outros e por nós mesmos - a realidade” (Arendt, 2002 a, p 60).

Significa que ser visto e ouvido, ver e ouvir os sujeitos e ter “a maior divulgação possível” (Arendt, 2002 a, p. 60), torna as identidades visíveis, assim como as necessidades que clamam por direitos para serem atendidas. Sem essa presença no mundo da aparência, os sujeitos tornam-se indiferentes aos demais, melhor dizendo, não sendo conhecidos e não se fazendo conhecer, é como se não existissem para a sociedade e para o mundo comum, o espaço da amizade e da política.

Arendt (2002 a) mostra que a *vita activa* é constituída por três atividades básicas que são realizadas na esfera pública e condicionadas pela convivência entre os homens: labor, trabalho e ação e correspondem a condições básicas da existência - “o nascimento e a morte, a natalidade e a mortalidade” (Arendt, 2002 a:15). O trabalho consiste na produção e fabricação e dá uma certa durabilidade à efemeridade do tempo humano (Arendt, 2002 a, p. 16). O labor significa a preservação da vida, pois se baseia apenas na manutenção metabólica do corpo e da espécie humana. A ação, única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria, remete à natalidade e à criatividade. Apesar de desvelar o homem na sua singularidade, a condição humana da ação é a pluralidade, sendo a condição da vida política.

Essas atividades são responsáveis pela permanência do homem no mundo, porque são fundadas na natalidade e têm por objetivo, “produzir e preservar o mundo para o constante influxo de recém-chegados [...] além de prevê-los e levá-los em conta” (Op. Cit. p. 17). A ação tem ainda como tarefa “fundar e preservar corpos políticos”, inaugurando um mundo novo e sem precedentes, e se constituindo como “categoria central do pensamento político” (Arendt, 2002 a, p. 16-7). Exercitada pelo discurso, a ação permite aos sujeitos estabelecerem teias de relações humanas (Arendt, 2002 a) e, segundo Eisenberg (2001), em Hannah Arendt passa a ter um caráter político quando os sujeitos se libertam dos seus

interesses individuais, ligados às necessidades, e podem fazer uma interconexão com uma compreensão de virtude pública derivada, entre outros, do amor à igualdade.

Assim, a ação política para Arendt (2002a), única atividade exclusiva da esfera pública e plural do mundo comum. e que, necessariamente não leva a consensos, pode ser realizada por todos os cidadãos, independente da classe social, seja nos diversos grupos, nos movimentos, nas associações e outros espaços da esfera pública em que se engajam e estabelecem acordos.

Arendt (2002 a) entende que a ação pode assegurar a permanência de uma sociedade porque é por meio dela que um espaço público e político *par excellence* é criado e os cidadãos podem se organizar para reivindicar os seus direitos. O público, sendo o *comum*, é aberto ao conhecimento e se torna acessível a todos contrapondo-se ao privado, que é restrito a poucos, sendo o que é íntimo e pessoal e “no limite, se configura como secreto” (Lafer, 2003, p. 243). A acepção do público assemelha-se à democracia, como Bobbio a compreende, ou seja, “o governo do poder público, exercido em público”, como os gregos a exerciam (Lafer, 2003, p. 243).

O espaço público, esse mundo comum a todos nós, onde todos se movimentam e circulam a partir dos seus interesses e objetivos, socialmente construído pelos próprios homens, sendo coletivo, *locus* de trocas, de experiências e vivências diversas de todos os cidadãos, enfim, um mundo de relações sociais e amizades políticas, é “diferente do lugar que nos cabe dentro dele” (Arendt, 2002 a, p. 62). Sendo lugar do agir, onde os sujeitos exercitam a sua liberdade de pronunciar a palavra na ação política, é construído em torno daquilo sobre o que falam, que os articula mutuamente, sendo assim um mundo de realidade e de possibilidades de interlocução, de divergências, de expressão de conflitos e de várias formas de opiniões sobre os negócios da cidade e da vida em sociedade. Logo, não se trata do lugar habitado, espaço limitado onde os homens transitam, nem é o propiciador da vida biológica.

A capacidade de agir, iniciando algo totalmente novo, inesperado, imprevisível e original, significa “que do homem podemos esperar o absurdamente improvável” e contradiz as pretensões totalitárias. O totalitarismo leva os sujeitos a se isolarem do mundo, que os separa e relaciona-os como portadores de uma singularidade, que os distingue mutuamente como alteridade.

Com este isolamento radical que não permite a espontaneidade e a liberdade, o totalitarismo na era moderna analisada por Hannah Arendt, tornou os sujeitos supérfluos, descartáveis e destituídos de todos os direitos e da cidadania arendtiana ou o *direito a ter direitos* (Arendt, 2002 a). Apesar disso, emergir no mundo pela ação, recomeçar, “como se fosse um segundo nascimento”, pelo uso de palavras e atos, falando diretamente “uns *com* os outros”, gera teias de relações e confirma a identidade dos sujeitos - condição da existência humana (Arendt, 2002 a, p.195).

Começar parece ter sido recorrente na vida de Hannah Arendt, que expressa em sua obra uma permanente preocupação com a política e com o mundo, que nela é central, fundada em um pensamento político original e independente. A política, em suas ideias, é construída no mundo comum, “interespaço que só surge quando muitos se reúnem e que só pode existir enquanto ficarem juntos” (Arendt, 2007 a, p. 103), não estando restrita a apenas alguns burocratas, que representam os cidadãos em uma nação. Para ela: “Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política”, mas é a ação que significa “a condição de toda vida política” (Arendt, 2002 a, p. 15); dito de outra forma, a centralidade da política, para ela, reside na ação.

A política para a referida autora surge na expressão livre e pública “*entre-os-homens*”, logo, *fora dos* homens em um mundo comum, sendo estabelecida como relação. Baseia-se na convivência entre sujeitos plurais livres, que se organizam politicamente em torno de objetivos comuns e reivindicam juridicamente a garantia de direitos (Arendt, 2007 a, p. 21- 4).

Como espaço da liberdade e, podendo surgir em qualquer lugar, a ação política desencadeia novos e contínuos processos em cadeia na esfera pública, onde as reivindicações ganham expressão. Entretanto, Ortega (2000) menciona que: “Hannah Arendt tem mostrado como todas as tentativas revolucionárias de criar conselhos, isto é, espaços do agir e da participação política, foram imediatamente retraduzidas em conceitos do sistema parlamentar de partidos [...]” (Ortega, 2000, p. 17).

A política pode irromper em qualquer lugar, nas organizações de base, nos conselhos revolucionários, na mídia, na arte, ou na amizade como exercício do político, sempre que os indivíduos se inserem no mundo pela palavra e pelas ações e dão início a algo novo e inesperado (Op. Cit. p. 42).

A ação sempre cria relações e revela o agente - autor - que, por meio da ação e do discurso, logo, por atos e pela palavra falada, “anuncia o que fez, faz e pretende fazer” (Arendt, 2002a, p. 191). Revela a sua identidade, apresentando-se ao mundo humano e, enquanto ator, ou seja, agente do ato, só pode existir se for, ao mesmo tempo, o autor das palavras. Além disso, “Esta revelação de ‘quem’, em contraposição a ‘o que’ alguém é [...] está implícita em tudo o que se diz ou faz” (Arendt, 2002 a, p. 192).

Pois, embora o mundo comum seja o terreno comum a todos, os que estão presentes ocupam nele diferentes lugares, e o lugar de um não pode coincidir com o do outro [...]. Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos vêem e ouvem de ângulos diferentes. É este o significado da vida pública, [...] com os seus respectivos aspectos e perspectivas (Arendt, 2002a, p. 67).

Desse modo, segundo Aguiar (2010), a amizade em Hannah Arendt adota,

Um modo especificamente humano de associação, propiciadora de um espaço onde os homens participam como um ‘quem’ (*Who*), e não como coisas (*What*), tornando-se seres incapazes de reagir e de pensar por conta própria (Op. Cit. p. 8).

A amizade assim mostra o respeito à alteridade do verdadeiro amigo e este “aceita a distância, sustenta a posição do outro no mundo, mesmo quando ela se mostra diferente da sua. Essa igualação possui a capacidade de assimilar a diferenciação própria aos seres que se associam em atos e em palavras e não mudamente” (p. 8).

Entretanto, depende da confiança estabelecida nas relações entre os sujeitos, tal como a grande confiança na amizade, em que “nada puede herir”¹⁴ (Arendt, 1995, p. 171). O problema é que sem a revelação pela palavra e pela ação, a confiança e a “relevância humana” da ação e do discurso deixariam de existir (Arendt, 2002 a, p. 195). Restaria o isolamento, em que os sujeitos tornam-se impotentes para estabelecer acordos de várias “vontades e intenções” (Arendt, 2002 a, p. 213).

¹⁴ Com isto Arendt (1995) quer dizer que nada pode atingir a amizade, uma vez que ela é baseada na confiança.

Sendo a ação de cunho imprevisível e irreversível, por isso não podendo ser prevista por nenhuma lei, apenas duas alternativas, que se mostram interligadas, podem resolver essa problemática: o perdão e o cumprimento de promessas. O perdão cria algumas “ilhas de segurança” e as promessas permitem a continuidade e a durabilidade dos relacionamentos humanos (Arendt, 2002 a, p. 248-49) nas teias de relações criadas pela ação. O perdão libera e desobriga os homens dos atos pretéritos, tornando-os “agentes livres”, e permitindo “mudar de ideia e recomeçar” e criar “algo novo” (Arendt, 2002 a, p. 252).

Segundo ideias de Arendt (2002 a), existe uma íntima ligação entre perdoar e agir por que “a ação de desfazer o que foi feito parece ter o mesmo caráter revelador que é o próprio feito”. Assim, perdoa-se “o *que* foi feito” por consideração a “*quem* o fez”. A consideração constitui, para esta autora, um respeito e este “é uma espécie de ‘amizade’ sem intimidade ou proximidade” como o é a *philia politike* aristotélica. O respeito consiste em “uma consideração pela pessoa, nutrida à distância” e, quando mediada pelo mundo, se interpõe entre nós, independente das qualidades que admiramos nas pessoas ou das suas “realizações que possamos ter em alta conta” (p. 254-55).

Lafer (2003, p. 153) esclarece que em Hannah Arendt “o primeiro direito humano que a *polis* [...] pode conceder e do qual derivam todos os demais, é o direito à vida pública, que permite o comando da palavra e da ação”. A ação é a condição da pessoa humana, enquanto um ‘valor fonte’, para Lafer (2003, p. 15) e a vida pública compreende um território de liberdade pública por meio da qual os sujeitos conquistam direitos e constroem a sua igualdade. Arendt (2007 b) considera que o entendimento legal da categoria território, vai mais além do que um “termo geográfico”, sendo “um conceito político e legal”. Essa categoria compreende o

[...] espaço entre indivíduos de um grupo cujos membros estão ligados e ao mesmo tempo separados e protegidos uns dos outros por todo tipo de relações, baseadas em língua comum religião, história comum, costumes e leis. Tais relações se tornam especialmente manifestas na medida e que elas próprias constituem o espaço em que os diferentes membros de um grupo se relacionam e interagem entre si (p. 285).

Desse modo, o território pode compreender o mundo comum e o espaço público e, ao mesmo tempo, pode constituir o espaço da ação, da política, do discurso, da amizade, bem como outras formas de relação. Por isso, a ação política não pode prescindir da liberdade, uma vez que ela é o motivo pelo qual os sujeitos podem se organizar politicamente (Arendt, 2002 c). O espaço público é o lugar em que se expressa essa “liberdade pública de participação democrática” que constitui uma “realidade política” (Lafer, 1968, p. VIII)¹⁵.

Ao discutir a esfera pública, Arendt (2002 a) diz que o mundo público só admite o que é relevante e aquilo que é “digno de ser visto ou ouvido”. Desse modo, tudo o que é considerado irrelevante para esse mundo, transforma-se em uma questão privada. Longe de considerar os assuntos privados sem importância, a autora reconhece que algumas questões de grande valor “só podem sobreviver na esfera privada”. Exemplifica com o amor, que, segundo ela, ao contrário da amizade, “morre, ou antes, se extingue assim que é trazido a público” (p. 61).

Seguindo este raciocínio arendtiano, somos levadas a compreender que, não sendo a amizade de natureza extraterrena como o amor, ela não corre o risco de ser falsificada nem pervertida, como o amor, “quando utilizado para fins políticos, como a transformação ou salvação do mundo” (p. 61). Por isso, em contraposição ao amor, a amizade sobrevive e pode ser exercitada na esfera pública. Desse modo, para Ortega (2002), “A amizade é um fenômeno público, precisa do mundo e da visibilidade dos assuntos humanos para florescer” (p. 161). Então, ocupando o mundo real compartilhado, pode a amizade ser utilizada como finalidade política e ser considerada um fenômeno político, que se vincula à pluralidade. Vejamos o que diz Arendt (2008 a) sobre esta questão:

O elemento político da amizade é que, no diálogo autêntico, cada um dos amigos pode entender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o amigo como pessoa, cada um entende como e em qual articulação específica o mundo comum aparece ao outro, que como pessoa será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – ver o mundo (como dizemos hoje corriqueiramente) do ponto de vista do outro – é uma percepção política por excelência (p. 59-60)¹⁶.

¹⁵ Celso Lafer apoiado em Hannah Arendt. *Men in Dark Times*, 1968, p. VIII.

¹⁶ Em seu livro “A Dignidade da Política”, Hannah Arendt já fazia esta afirmação: “O elemento político, na amizade, reside no fato de que, no verdadeiro diálogo, cada um dos amigos pode compreender a verdade inerente à opinião do outro. Mais do que o seu amigo como pessoa, um amigo compreende como e em que articulação específica o mundo comum aparece para o outro

Como a amizade é viabilizada pelo diálogo autêntico, que democratiza a palavra e fortalece os cidadãos para se organizarem e reivindicarem todos os seus direitos, pode provocar uma transformação social. No entanto, segundo Arendt (2002 b, p. 98), essa forma de diálogo é mantida amiúde pelos amigos, por isso não requer conclusão, uma vez que a amizade, tal como ela a entende, consiste:

[...] nesse falar sobre algo que os amigos têm em comum. Ao falarem sobre o que têm entre si, isso se torna mais comum entre eles. Não só o assunto ganha sua articulação específica, mas desenvolve-se, expande-se e finalmente, no decorrer do tempo e da vida, começa a constituir um pequeno mundo particular, que é compartilhado na amizade.

Trata-se de um “gênero de conversa sobre alguma coisa” em comum aos amigos, habitualmente compartilhada por eles, que é significativo mesmo sem ser concluído. Por isso, nas ideias de Arendt (2008 a) esse diálogo inconcluso é notadamente apropriado na amizade. Nossa autora resgata estas ideias da sua compreensão sobre a maieutica socrática, um método que visava provocar o debate entre os sujeitos na esfera pública e conhecer o seu *dokei moi*, ou o seu “a mim-me-parece”, e trocar opiniões, compartilhando o mundo. O mundo compartilhado e plural só pode ser construído na alteridade que significa ser humano, sem ser exatamente igual a ninguém, pois, segundo Arendt (2002a):

No homem, a alteridade, que ele tem em comum com tudo o que existe, e a distinção, que ele partilha com tudo o que vive, tornam-se singularidade, e a pluralidade humana é a paradoxal pluralidade de seres singulares (p. 189).

Portanto, na concepção desta autora, a alteridade é uma qualidade comum a todas as coisas e permite a distinção entre elas, compreendendo um aspecto bastante significativo da pluralidade.

Nesse contexto, o partilhar articulado na amizade sobre os seus interesses, necessidades, desejos e outros assuntos em comum, leva os cidadãos a constituir um “mundo próprio”, uma comunidade e esta, diz Arendt (2008 a), é realizada pela amizade. A comunidade em Aristóteles, diz Arendt (2002 b, p. 99; 2008 a, p.

que, como pessoa, será sempre desigual ou diferente. Esse tipo de compreensão – em que se vê o mundo (como se diz hoje um tanto trivialmente) do ponto de vista do outro – é o tipo de *insight* político por excelência” (ARENDT, 2002 b, p. 99).

58-59), é formada de sujeitos diferentes e desiguais, e surge por meio de sua “igualação” ou “equalização”, não econômica, mas política, que é a amizade, *philia*.

No processo de “igualação na amizade” os sujeitos se tornam “parceiros iguais em um mundo comum” e constituem uma comunidade, sem se tornarem os mesmos nem “iguais entre si”. Portanto, essa igualação em que a amizade passa a se constituir como uma comunidade apresenta um aspecto polêmico que é “a diferenciação sempre crescente dos cidadãos inerente a uma vida agonística” ou “agonal” (Arendt, 2002 b, p. 99; 2008 a, p. 59). Apesar de, como afirmava Aristóteles, a amizade parecer “ser o laço que une as comunidades” (Arendt, 2008 a, p. 59).

Sobre esta questão, Arendt (2008, p. 58) esclarece que “politicamente falando Sócrates tentava fazer amizades a partir da cidadania ateniense”, em que reinava uma intensa competição entre os cidadãos. Como a competição expressa o individualismo, Sócrates, ao que se pode depreender, mostra então que a amizade pode levar a dirimir e até resolver o problema do “espírito agonal” da competição. Assim, o próprio bem estar público vivia ameaçado, pois, competindo entre si e, mostrando sua superioridade diante dos demais, a aliança entre as cidades-estado gregas era quase impossível e, a permanência das “relações cidadãos”, minadas pela inveja e pelo ódio, era constantemente ameaçada.

Segundo Derrida, Aristóteles que discute até certo ponto, a amizade em comunidades (*koinoníai*) e a amizade cívica ou política (*politikê philia*), fundada na utilidade e no usufruto, utiliza o conceito de amizade política, muitas vezes, para descrever o laço que pode e deve unir todos aqueles que fazem parte dos negócios de um Estado (Bennington, 2004).

Fundamentada em Aristóteles, Vergnières (2003) esclarece que:

Numa Constituição reta como a *politia*,¹⁷ reina amizade política, entendamos uma concórdia, porque cada um tem o sentimento de participar de uma verdadeira comunidade. Esse sentimento não interdita os conflitos nem os debates, mas o prazer de estar junto (sociabilidade), e os costumes comuns permitem encontrar um acordo (p. 257).

¹⁷ A autora não explicita o conceito de *politia*.

Daí, mesmo havendo discórdia, os cidadãos rivalizam amigavelmente entre si, a partir das opiniões emitidas, que “encerram em nossos entraves” ou “consolidam nossa potência de agir” (Op. Cit. p. 275). No processo do diálogo argumentativo e reflexivo, cada impressão obtida por meio das opiniões divergentes pode sofrer transformações e ampliar o ponto de vista de cada cidadão. Mas, para persuadir e chegar à deliberação, os argumentos de cada interveniente, devem fazer com que cada um compreenda que suas propostas beneficiarão a cidade e não, cada um em particular. Desse modo, apenas no confronto de ideias e no diálogo franco e aberto, os cidadãos descobrem a utilidade da discussão e o prazer com a mesma. Podem assim construir soluções e experimentar a ação em comum e o pertencimento a uma coletividade (Vergnières, 2003).

Discutindo sobre a “política da amizade” em Arendt, Derrida e Foucault, Ortega (2000, p. 115) mostra a importância de uma amizade voltada “para o mundo”, para que se possa - diz o autor, baseado nas palavras de Hannah Arendt -, “agir ou transformar alguma coisa”. Daí a importância de um espaço de liberdade, para esta pensadora, que surge no espaço ‘entre’ os sujeitos, que é o mundo, em que somente os sujeitos livres dele participam, e não os excluídos. O mundo, diz Arendt (2002 a, p. 62), “ao mesmo tempo separa e estabelece uma relação entre os homens” e reúne os sujeitos na companhia uns dos outros, sendo nesse mundo comum que a amizade é exercitada, ao contrário da sociedade de massas onde prevalece o isolamento, que resulta na fragilidade dos laços humanos e dificulta a criação de vínculos inter-humanos.

Nesse contexto, a amizade passa a ser compreendida como uma forma de expressão dos sujeitos na esfera pública. De fato, pois Arendt, segundo Lafer (2003), que vivia sob o signo da amizade e da lealdade, entende que a amizade tenta resgatar o interesse pelos problemas sociais das pessoas totalmente plurais que não estão inseridas nessa comunidade, mas encontram-se “destituídas de interesse num mundo comum” (p. 21). Este interesse se dá pela possibilidade de manifestação de opiniões na amizade, estabelecendo acordos e, a nosso ver, provocando a *cidadania* arendtiana a todos.

Ao refletir sobre Lessing, em uma palestra em que agradece uma homenagem recebida, Arendt (2003, p. 21) diz que a amizade, para ele, era seletiva e o “fenômeno central” exclusivo, em que “a verdadeira humanidade pode

provar a si mesma”. Seguindo esse raciocínio, além de estar condicionada à pluralidade, está ainda, a amizade arendtiana, ligada ao distanciamento e à publicidade e, diferente do amor, não necessita de mediações para ser exercitada. Sendo a amizade um processo em que todos falam e ouvem a opinião dos outros, no mundo comum a todos os cidadãos, sua realização parece ser inviável sem a cidadania arendtiana.

Consideramos oportuno ressaltar a valiosa observação de Arendt (2003, p. 30) que: “Estamos habituados a ver a amizade apenas como um fenômeno da intimidade, onde os amigos abrem mutuamente seus corações sem serem perturbados pelo mundo e suas exigências”. Esta concepção era defendida por Rousseau (apud Arendt 2003) e vem de encontro com a nossa percepção sobre a amizade, por isso, tal como Arendt (Op. Cit.), consideramos “difícil entender a relevância política da amizade”. Apesar de nos considerarmos desafiadas por esta empreitada, envidamos aqui um esforço para compreendê-la, bem como a sua importância para a garantia dos direitos dos idosos, sujeitos da nossa pesquisa.

Nesse contexto, nossa autora compreende que o sentido de *philia* - a amizade - em Aristóteles como “bem-estar da Cidade” se remete exclusivamente “à ausência de facções e guerra civil”, mas para os gregos, “a essência da amizade consistia no discurso”. Para estes povos, “o intercâmbio constante de conversas unia os cidadãos numa *polis*”. “No discurso, tornavam-se manifestas a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela” (Op. Cit., p. 31). Nas ideias de Arendt (2002 a), a amizade só se tornou real na modernidade, quando transitou da esfera privada para a esfera pública, podendo assim ser percebida por todos os cidadãos, no espaço onde as coisas são intensamente iluminadas.

Arendt (2003, p. 31) então compreende que a amizade caracteriza-se, desde a antiguidade clássica, como uma relação de humanidade que “faz exigências políticas e preserva referência ao mundo”. A conversa nela estabelecida, “ainda que talvez permeada pelo prazer com a presença do amigo, refere-se ao mundo comum”, que permanece ‘inumano’ e apenas se tornará humano, ao transformar-se “objeto de discurso” entre os companheiros.

Assim, Arendt (Op. Cit., p. 31) ainda afirma: “Humanizamos o que ocorre no mundo e em nós mesmos apenas ao falar disso, e no curso da fala aprendemos a ser humanos”. A essa qualidade de humano pelo “discurso da amizade”, os

gregos chamaram de *philanthropia* ou ‘amor dos homens’, porque se manifesta no partilhar o mundo e a vida com outros cidadãos, concedendo cidadania a todos. Por isso, entendíamos desde o Mestrado que, quando os amigos dialogam sobre os problemas da sociedade, tornam-se amizades políticas. Daí a amizade na perspectiva política, constituir um dom que se abre para o mundo e para o verdadeiro amor à humanidade. Desse modo, extinguir o discurso levará à extinção da amizade política (Cuba, 2005).

Na opinião de Ortega (2000):

Somente desenvolvendo novas formas de *amor mundi*¹⁸ no sentido arendtiano é que, a meu ver, podemos conceber alternativas a esse ideal, criar e recriar formas de relacionamento voltadas para o mundo, para o espaço público, tais como a amizade, a cortesia, a solidariedade, a hospitalidade, o respeito. Todas elas dependem de um espaço de visibilidade capaz de iluminar os acontecimentos humanos, de um mundo comum que una ou separe os indivíduos, mantendo sempre a distância entre eles, condição da pluralidade (p. 30).

É nessa condição de pluralidade, distanciamento e publicidade que a amizade, na concepção arendtiana, constitui um fenômeno político. Concordamos com Ortega (2000) que entre as alternativas que se deve buscar, esteja a luta por um ‘novo direito relacional’ que provoque a proliferação de relações, a nosso ver, de amizades abertas para o mundo.

Aguiar (2010), em artigo enviado por meio de correio eletrônico trocado conosco, mostra que a intimidade na amizade como uma “fuga ao processo de massificação” que leva à “privação” e o amor romântico podem ser contrapostos pela concepção arendtiana

Da amizade como *amor mundi* que é capacidade de se associar e de se igualar aos outros através da palavra e da ação, e tradução da consciência do pertencimento ao mundo comum. Nesse sentido, a amizade apresenta-se dotada de ampla possibilidade de resistência às potências destruidoras inerentes aos processos de naturalização, massificação e solidão contemporâneas, atuais arautos da dominação. A amizade como *amor mundi* é, então, um começo que pode ressoar e se traduzir numa retomada da política e da idéia de república em tempos de sua redução à administração e de prevalecimento da violência. A pequena luz da amizade sinaliza a rendição à condição humana da pluralidade [...] (Aguiar, 2010, p. 6-7).

¹⁸ Grifos do original.

Além de “associação e compartilhamento do mundo”, a amizade arendtiana coloca-se como “índice da liberdade, uma vez que implica o distanciamento de si próprio, o reconhecimento dos outros e o estabelecimento de conexões com eles”. Daí, a relevância política da amizade como entende Arendt (Aguiar, 2010, p. 8-9), em cujo pensamento, política e liberdade são co-originárias. Além disso, por solidariedade na amizade, o “amigo apóia e defende, para o outro, um lugar no mundo que lhe viabilize a oportunidade de revelar quem é.” (p. 9).

Nesse aspecto, amizade e solidariedade são associadas à responsabilidade e obrigação com o mundo. Nas concepções do autor, “A responsabilidade é inerente ao conceito arendtiano de amizade, pois o diálogo, essência da amizade, refere-se ao mundo comum, diferentemente da conversa íntima em que os indivíduos, retirados do mundo, falam sobre si” (Arendt, apud Aguiar, 2010). Prossegue Aguiar, dizendo que a

Amizade é essa presteza em partilhar o mundo com outros homens e, por isso, faz exigências políticas. O discurso liga e separa os amigos. A amizade preserva a diversidade e a pluralidade humana na medida em que propicia um espaço para manifestação da personalidade do amigo (p. 9-10).

Segundo este autor, a amizade arendtiana, tal como a entendemos, constitui uma forma de ação política, além de “condição para a ação” e uma forma de resistência, como diz Aguiar (2010, p. 10).

A amizade também está associada ao pensar e ao julgar arendtianos, que possuem “exigências políticas” inerentes ao mundo comum arendtiano e são levados ao duplicar humano, pelo pensamento. Este pensamento aponta para “a necessidade da amizade e do mundo comum” (Arendt, apud Aguiar, 2010). Aguiar (2010) entende que “a retomada de uma perspectiva agônica da ação tem, na amizade, um paradigma fundamental. Esse paradigma é importante porque aponta a necessidade de sairmos da passividade e do conformismo, reinantes na atualidade”. Nesse sentido, é relevante compreender “a idéia de amizade como *amor mundi*” e o “seu enraizamento na experiência histórica de Arendt [...]” (p. 12).

Na compreensão deste autor, para compreendermos a amizade arendtiana é importante seguir o “rastro que nos leva à recuperação da dignidade da política”, que é o significado maior da obra de Hannah Arendt (Op. Cit., p. 12).

4

Reflexões sobre a cidadania do idoso

Dos tempos o para cima e para baixo
Escorre lentamente através de mim [...]
E um ancião não pode mais paciente saber
que a vida é um longo
Percurso
(Hannah Arendt, Inverno de 1925/26).

A lacuna entre o passado e o futuro constitui um tempo mítico, *atemporal*, interconectado com o passado - a história -, com o vir a ser do futuro e se entrelaça com o presente, uma *presença*. Esse tempo, socialmente construído, não se cristaliza, é todo fluidez, “acha-se impregnado de todas as particularidades da nossa vida: é longo como uma eternidade ou breve como um sopro, nefasto ou propício, fecundo ou estéril” (Paz, 1984, p. 21-2). É situado “No espaço da palavra e da ação, que constitui o político de uma determinada sociedade” (Lafer, 1976, p. 272).

Estudar sobre a longa construção da cidadania a conquista dos direitos, não só os direitos sociais, e o exercício da política na velhice leva a uma memória histórica e social das transformações sociais do mundo moderno, que, enquanto “novidade” - nova-idade - consistiu numa crise política sem precedentes e levou ao fim da tradição (Arendt, 2002 c, p. 128). Além disso, privatizou a amizade na família, revolucionou os costumes, levou a tecnologia a sobrepujar algumas funções humanas e dificultou a transmissão e a aceitação de valores entre as gerações.

A modernidade líquida transformou a amizade em virtual e descontínua, além de cercar condomínios, em busca de suposta segurança (Bauman, 2004, p. 129-32). Tornou o mundo provisório, provocou exclusão, negou direitos e calou a organização social e expressão política dos cidadãos, uma das formas legítimas de lutar e ampliar direitos. Assim, o mundo contemporâneo eliminou a convivência social das praças e das ruas, lugar de circulação e de encontro com os amigos para desenvolver, inclusive a política. Cedeu lugar ao *shopping center* -, templo de consumo (Bauman, 2001), mas aparato de imobilidade, isolamento e evitação do

contato face-a-face entre os amigos (Birman, 1995, p. 213-17). Essa forma de isolamento também dificulta a ampliação da cidadania.

Estudar, isoladamente a cidadania, os direitos, os direitos sociais e a política não é uma tarefa fácil, pois estes fenômenos histórico-sociais estão intimamente associados. O seu surgimento, afirmação, consolidação e ampliação estão estreitamente interligados às transformações sociais e às lutas da classe trabalhadora contra a exclusão das sociedades burguesas e capitalistas.

A cidadania, ou o *direito a ter direitos*, foi construída contemporaneamente com os direitos humanos e, Arendt (2002 a) a considera o primeiro direito humano, pois, “significa pertencer, pelo vínculo da cidadania, a algum tipo de comunidade juridicamente organizada e viver numa estrutura onde se é julgado por ações e opiniões, por obra do princípio da legalidade” (p. 153-4).

Essa forma de pertencimento pelo “princípio da cidadania” e essência dos direitos humanos, que tem como uma das formas de exercício, o uso da palavra, consiste no respeito à igualdade e à liberdade de todos, sem nenhuma forma de discriminação. A liberdade, assim como a igualdade, promove a integração social no espaço público e constitui “um construído da convivência coletiva” (Lafer, 2003, p. 150). Daí a necessidade de uma contínua construção e reconstrução da cidadania e da liberdade, através de critérios tão justos quanto democráticos. Entretanto, o incompleto atendimento desses princípios constitui ainda um debate em aberto, em nosso país.

Hannah Arendt assim se pronuncia:

A diferença decisiva entre as ‘infinitas improbabilidades’ sobre as quais se baseia a realidade de nossa vida terrena e o caráter miraculoso inerente aos eventos que estabelecem a realidade histórica está em que, na dimensão humana, conhecemos o autor dos ‘milagres’. São homens que os realizam – homens que, por terem recebido o dúplice dom da liberdade e de ação, podem estabelecer uma realidade que lhes pertence de direito (Arendt, 2002c, p. 220).

Esses homens reais expressam o seu *quem* na esfera pública, por meio do diálogo no agir em conjunto do mundo plural e comum a todos os cidadãos.

A origem da cidadania coincide com o surgimento dos direitos e com o agravamento da questão social, o que a constitui “manifestamente uma questão política” e lhe confere um “estatuto político” (Lafer, 2003). Sua trajetória histórica

tem íntima relação com a noção de Estado, que segundo a teoria jurídica, é constituído por quatro elementos: governo, população, território e soberania. A cidadania, que se materializa no Estado-nação moderno, representa uma das mais importantes conquistas democráticas da história da humanidade.

Segundo Marshall (1967), ela está condicionada aos direitos civis (século XVIII), políticos (século XIX) e sociais (século XX). Para ele, a cidadania tem um papel muito importante, no que se refere aos direitos sociais, uma vez que ela constitui um status para os sujeitos portadores de plenos direitos em uma comunidade e os torna iguais em direitos e obrigações. O ponto de vista de Lafer (2003, p. 22) é que, a cidadania interfere diretamente no ‘bem-público’ e na organização social; cria “esferas de participação igualitária” e representa um “meio”, um “princípio substantivo” e uma possibilidade real do sujeito “ser tratado pelos outros como um semelhante, num mundo compartilhado” (Op. Cit.). Entretanto, concordamos com Barbalet (1989) que a “cidadania democrática” não extinguiu a desigualdade (Op. Cit. p. 73) e a luta pelos “direitos de cidadania” indica um conflito de classe e mostra que a classe não aboliu a cidadania, mas foi por ela modificada (Barbalet, 1989, p. 23-4). No Brasil, o que se presencia é ainda uma incompleta realização da cidadania, havendo ainda uma significativa lacuna entre as classes.

No estado democrático moderno, a cidadania tem sido vinculada ao exercício do poder assumido por um pequeno grupo que governa um país e aos direitos políticos por meio do processo eleitoral, no qual os cidadãos participam enquanto membros de uma comunidade política (Lafer, 2003; Barbalet, 1989). Isto faz supor ser impensável destituir alguém da cidadania na sociedade contemporânea, pois levará à sua exclusão como descartável.

Para Bobbio (2007, p. 30), a questão do poder está ligada historicamente à noção do seu caráter público, que na república democrática, uma democracia direta, emerge como exigência de um poder visível, por ser exercitado na “assembleia dos cidadãos”, devendo assim, o processo decisório ser público e de acesso a todos os cidadãos. Neste aspecto, as ideias de Bobbio aproximam-se das de Arendt (2002 a), em relação à sua concepção de ação política e de poder. Este poder arendtiano possibilita a organização dos sujeitos, no mundo comum a todos, para reivindicar os seus direitos (Arendt, 2007) e pode transformar o mundo, diz

Arendt (2002 a). Nesse sentido, em lugar da letargia, os sujeitos se organizariam como forma de resistência, exercitando a cidadania arendtiana.

A cidadania apresenta dois problemas: o primeiro é “quem pode” e “em que termos” exercê-la e, o segundo, refere-se às “consequências do progresso dos direitos de cidadania”, principalmente no que tange às relações sociais de toda a população. Nesse sentido, “define os que são e não são membros de uma sociedade comum” (Barbalet, 1989, p. 11-2), ou seja, pressupõe a nacionalidade, com a qual é geralmente comparada como sinônimo (Lafer, 2003). Embora cidadão seja um conceito sem consenso, “mal definido, ambíguo e utilizado com diferentes sentidos”, todo cidadão é cidadão de um Estado, desde que haja um vínculo jurídico e a capacidade para exercer direitos políticos. No caso brasileiro, a União legisla sobre a cidadania, segundo a Constituição de 1988 (Dallari, 1984, p. 61). Além disso, sendo a cidadania concebida pela maioria, a partir dessas duas prerrogativas, “os direitos do cidadão só nascem com a cidade e não podem ser concebidos sem ela” (Ibid. p. 62).

Entretanto, Carvalho (2000) esclarece que a cidadania no Brasil, um processo histórico sempre em construção, ora avança, ora retrocede. Em seus primeiros séculos (de 1500 a 1627), o Brasil foi um país sem cidadãos civis ou políticos, pois não havia república nem sociedade política. A lei era aplicada para castigar os inimigos, fato que minava o poder público e a justiça e estas instâncias não existiam no sentido próprio do termo. No Brasil de 1822 a cidadania era restrita e a vida política foi tardia para os cidadãos brasileiros. A cidadania era impedida por alguns mecanismos, como a solidariedade no apoio político ao governo dos amigos e em suas campanhas para troca de cargo. Esses amigos eram recompensados e protegidos com “tudo” e os inimigos, punidos com as leis ou perseguidos. A amizade compreendia confiança, fidelidade, proteção e favorecimento e, incontestavelmente, essas práticas minavam o poder público e a justiça (p. 56-7). A amizade, nesse sentido, mostra exclusão e desigualdade.

Segundo a Constituição de 1824, os cidadãos eram aqueles que tinham o direito do voto (votar e ser votado), sendo essa “ação estritamente relacionada com as lutas locais” (p. 35) e a cidadania era garantida apenas a uma pequena parcela da população masculina. Na vigência da Primeira República, alguns movimentos políticos iniciaram timidamente um exercício da cidadania ativa em que reivindicavam “um direito civil básico, a liberdade” (p. 60-4). Naquela época,

o paternalismo mascarava a dependência do trabalhador aos coronéis, o que dificultava a prática da cidadania. Até 1930, a vida política nacional então era mínima, quase sem organização da população, “nem um sentimento nacional consolidado”. Havia uma relação antagônica entre população e governo, constituindo uma “cidadania em negativo” (p. 83) e a luta pelos direitos, inclusive os direitos sociais, era unicamente econômica contra os patrões. O movimento operário, enfraquecido durante a década de 1920, apenas retornou à cena em 1930, representando um inegável avanço, em relação à cidadania, “sobretudo no que se refere aos direitos civis” (p. 60).

Da Matta (1987 a, p. 96-7) mostra que no Brasil, ser “*muito político*” significa cuidar dos seus interesses e, ser bem relacionado, constitui uma “estratégia social e política” que facilita o acesso aos direitos e à cidadania, expressando uma política contraditória, em que convivem duas perspectivas de cidadania. Uma universalista, segundo a lógica burocrática e mercadológica de uma *nação*, em que no discurso vale a “lógica do cidadão” - coletividade -, e na prática prevalece a “lógica da lealdade aos amigos” pessoais - individualidade -, isenta de “compromisso legal ou ideológico” (p. 95-6). A segunda perspectiva de cidadania mescla esfera pública e privada, que são social e politicamente atuantes, onde, ser cidadão compreende um papel social com certos comportamentos no espaço público (Op. Cit.).

Resulta que a população brasileira passa a perceber esta política do “clientelismo”, onde as redes de amizade se beneficiam com “todas as regalias” e a lei seria aplicada aos inimigos (Da Matta, 2003), como “um jogo sujo” e anti-ético, gerando desconfiança, pessimismo e “desesperança da política” (Da Matta, 1987 a, p. 99). Diante desse sistema social contraditório, onde a ausência de amizades impede a cidadania - “entidade política *indivisa*” (Da Matta, 1987), prevalecendo uma política do favor, o desafio que se coloca para a nossa pesquisa é identificar como, nesse contexto, os idosos podem lutar para ampliar a sua cidadania.

Ao lado disso, ao diluir o espaço público e destronar o sentido da “primazia do político” (Arendt, 2002b, p. 140), a era moderna impediu a convivência comunitária, bem como a associação e a atuação em conjunto na esfera pública, restringindo a cidadania. Assim, a ação tornou-se “ainda mais rara que a experiência genuína do mundo e do amor pelo mundo” (Arendt, 2002b, p.

337-38). A ação política foi mais suprimida na pós-modernidade, que nega direitos, mas demanda “mais política, mais compromisso político, mais eficácia política na ação individual e comunitária” (Bauman, 1999, p. 294). A cidadania excludente da pós-modernidade é atribuída aos consumidores e o consumo é resumido à ideia de liberdade. A contradição é que a modernidade pressupõe a democracia e a cidadania plenas como única forma de realização (Bauman, 1999; 2004). Por isso:

Seria tolo achar que só há um caminho para a cidadania. A história mostra que não é assim. (...) Mas é razoável supor que caminhos diferentes afetem o produto final, afetem o tipo de cidadão, e, portanto, de democracia, que se gera. Isto é particularmente verdadeiro quando a inversão da seqüência é completa, quando os direitos sociais passam a ser a base da pirâmide (Carvalho, 2002, p. 220-21).

Tradicionalmente, o governo do nosso país inverteu a pirâmide dos direitos, introduzindo os direitos sociais, antes de expandir os direitos políticos, regulados pela “muito liberal” Constituição de 1824 que durou até o fim da monarquia. Os direitos civis, precariamente atendidos, foram mais afetados nos governos militares (Carvalho, 2002).

Os direitos, categoria de significado complexo na expressão ‘direitos do homem’ (Bobbio, 1992, p. 7), garantem “que o dado da existência seja reconhecido” (Lafer, 2003, p. 153) e, enquanto direitos humanos constituem uma forma de resolver “problemas de convivência coletiva *dentro* de uma comunidade política” (Lafer, 2003, p. 147). Por isso, constituem um modo de “dizer o mundo, de formalizar suas experiências e o jogo das relações humanas” (Telles, 1998, p. 45) e negociar “as regras da vida em sociedade” (p. 38), diante de incontáveis desigualdades e exclusões, na longa e problemática história dos direitos humanos e da cidadania.

Os direitos humanos e sociais, conquistados histórica, lenta e gradualmente nas reivindicações de movimentos sociais organizados e das lutas operárias, representam “direitos do homem enquanto direitos do cidadão do mundo” (Bobbio, 1992, p. 30). Mostram que o problema dos direitos é jurídico e político e não filosófico (p. 25). Os direitos compõem três gerações, demonstradas segundo a sua natureza específica, fundamento e titularidade. A primeira, fundamentada na liberdade e de natureza individual, compreende os direitos civis

e políticos, sendo o indivíduo seu titular. A segunda, de natureza individual e coletiva e cujo titular é o indivíduo, baseia-se na igualdade e compreende os direitos econômicos, sociais e culturais. Os direitos de terceira geração são coletivos e difusos e se baseiam na fraternidade na acepção de solidariedade, sendo o direito ao desenvolvimento e à paz, ao meio ambiente sustentável e à autodeterminação dos povos (Lafer, 1995).

Apenas com alguns desses direitos reconhecidos e protegidos, a democracia - sociedade dos cidadãos - e a paz serão possíveis e poderão existir cidadãos do mundo (Bobbio, 1992). A democracia, cuja essência implica a contínua criação de novos direitos, foi afirmada pela Declaração Universal como o “único regime político compatível com o pleno respeito aos direitos humanos” e única solução legítima para a organização do Estado (Comparato, 2005).

Os direitos humanos e sociais foram garantidos em 1948 com a Declaração Universal dos Direitos do Homem que configurou direitos do homem, enquanto “‘valor-fonte’ de todos os valores sociais” (Lafer, 2003, p. 118). Os avanços dessa Declaração ampliaram direitos a todas as nações, introduzindo um conjunto de valores, assim contemplaram todos os sujeitos sociais (Bobbio, 1992; Telles, 1998), apesar dos direitos humanos e dos direitos sociais e seus fundamentos, serem tão questionados, por sua “inexeqüibilidade” (Bobbio, 1992, p. 24).

Essa Declaração reconheceu os direitos sociais, “junto com os direitos civis e os direitos políticos, no elenco dos direitos humanos”. Estes direitos devem contemplar todos os sujeitos sociais igualmente, sem distinção de raça, religião, credo político, idade ou sexo (Telles, 1998, p. 36) e devem ser protegidos e assegurados por meio de mecanismos que impeçam a sua contínua violação (Bobbio, 1992, p. 25).

Entre os direitos fundamentais assegurados pela Declaração, Barros (2003) destaca o direito à vida, à fraternidade, à felicidade à liberdade, à igualdade. Bobbio (1992) esclarece que a “liberdade e a igualdade dos homens não são um dado de fato, mas um ideal a perseguir; não são uma existência, mas um valor; não são um ser, mas um dever ser” (p. 29). Segundo Lafer (2003), o princípio da igualdade assegura a ação política, criando leis que igualam as diferenças, tornando os homens iguais diante da lei. Se for associado à liberdade, tornar-se-á imprescindível no processo da ação democrática - uma realidade política (Arendt, 1989, p. 525) -, que contribui para reivindicar um mundo mais justo e “parâmetros

mais igualitários” (Telles, 1998, p. 36). Daí a importância dos movimentos sociais, sobretudo para conquistar, efetivar e manter os direitos respeitados, pois “uma coisa é proclamar esse direito, outra é desfrutá-lo efetivamente”, diz Bobbio (1992, p. 10).

No entanto a efetiva proteção dos direitos humanos apresenta duas ordens de dificuldades. A primeira, de natureza jurídico-política indica que, sendo as convenções, tratados e pactos internacionais, documentos de caráter declaratório e não obrigatório, não podem coagir nem se impor às legislações nacionais. E a segunda é inerente ao conteúdo dos direitos proclamados, de exercício complexo, mesmo havendo um consenso sobre eles. Os direitos constituem “duas situações jurídicas” diferentes, sendo uma categoria heterogênea. São “antinômicos” e concorrem com outros direitos, não podendo ser realizados todos ao mesmo tempo, pois “a realização integral de uns impede a realização integral dos outros” (Bobbio, 1992, p. 21).

A realização coletiva da cidadania na esfera pública requer liberdade de expressão e esta é garantida pelo direito à informação e de opinião ou manifestação dos pensamentos (Lafer, 1995; 2003). O direito à informação, que é um direito público por excelência, constitui “uma das condições para o adequado exercício do direito da associação”. Esse direito, que foi afirmado na Declaração dos Direitos do Homem (artigo 9) e na Constituição brasileira de 1988, instrumentaliza a participação política e visa à participação igualitária, ao mesmo tempo assegura a realização de reuniões “em locais abertos ao público” (Lafer, 2003, p. 242). Para Lafer (1995; 2003) o direito à informação é uma pré-condição imprescindível para a realização dos demais direitos.

A conquista dos direitos sociais, que constituem poderes e estão intimamente ligados ao agravamento da questão social inglesa, é mais recente que os demais, pois surgiu no século XX (Bobbio, 1992). Compreende basicamente o bem-estar social e econômico, assim como a participação no mundo comum a todos os cidadãos. Sua introdução enunciou o exercício da cidadania e a relação entre o Estado e a sociedade. O alargamento da “cidadania política” mostra que os direitos sociais visam “compensar a tensão entre o *status* de participação igual na cidadania e a privação desigual de segurança econômica” (Barbalet, 1989, p. 108).

No Brasil, a era dos direitos sociais e da organização sindical - período entre 1930 e 1945 -, compreendeu a garantia de diversos direitos sociais

assegurados pela Constituição de 1934. Em 1933, ao ser criado o Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Marítimos (IAPM) que ampliou as Caixas de Aposentadoria e Pensão (CAPs) na década de 1920, a política social constituía um privilégio e não um direito, excluindo uma grande parte da população. O nosso país vivia uma cidadania regulada, isto é, determinada pela estratificação das ocupações, definidas e concedidas por lei (Santos, 1979) e limitada por restrições políticas (Carvalho, 2002).

Os direitos políticos recuaram várias vezes, pós-movimento de 1930, ano que foi o divisor de águas, acelerando as mudanças políticas e sociais. Os direitos sociais ganharam espaço no governo Vargas, com sua vasta legislação trabalhista, previdenciária e social, entre elas a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943, alterada em 1985 após a segunda democratização (Carvalho, 2002; Simões, 2004). A partir de 1945, a participação política diminuiu e a cidadania avançou com o modelo populista e ambíguo de Vargas. Trouxe a população para a política, mas os cidadãos eram dependentes das lideranças, pois os direitos sociais eram concedidos por meio de benefícios como um favor do governo, que pressupunha gratidão e lealdade, em uma “cidadania passiva e receptora” (Carvalho, 2002, p. 125-26).

Entre 1945 e 1964, a primeira experiência democrática do nosso país, assegurou direitos na Constituição de 1946: o exercício da liberdade de imprensa, de organização política e eleições para diversos cargos. Na década de 1960 a Lei Orgânica da Previdência Social (LOPS) regulamentou a aposentadoria e a Previdência Social. Em 1966 foi criado o Instituto Nacional de Previdência Social (INPS) que absorveu os IAPs e unificou o sistema previdenciário. Assim, a aposentadoria passou a ser tratada em ministério próprio, representando uma importante conquista dos trabalhadores brasileiros (Carvalho, 2002).

Os 21 anos de governo militar assistiram a retrocessos e avanços da cidadania. Em sua vigência, a questão da aposentadoria foi repentinamente desvalorizada (Simões, 2004) e desvinculada da luta sindical (Debert, 1999). A partir de 1974, os direitos sociais ampliaram e os direitos políticos restringiram, apesar de devolvidos pela abertura política, mas beneficiaram apenas uma pequena parcela da população. Diferente do período democrático (1945 a 1964), onde os direitos políticos ampliaram e os direitos sociais, ora paralisaram ora avançaram lentamente (Carvalho, 2002). A asserção dos direitos sociais está

expressa no Preâmbulo da Carta Constitucional de 1988, quando os constituintes, reunidos em Assembléia Nacional Constituinte instituíram o Estado democrático, fraterno e solidário, regido por relações igualitárias (Brasil, in De Paulo, 2003).

Segundo Bobbio (1992), os direitos foram especificados e ampliados a categorias diversas como titulares de direitos e as várias fases da vida, entre elas, a velhice e, possuindo Convenção ou Declaração própria, os segmentos populacionais foram segregados. A ampliação dos direitos sociais aos idosos teve como marco a primeira Assembleia Mundial (26.07 a 06.08.1982), promovida pela Organização das Nações Unidas (ONU) em Viena que também discorreu sobre a necessidade de “novos programas internacionais para garantir segurança econômica e social” à crescente população idosa (Bobbio, 1992, p. 63). No Plano de Ação aprovado (03.12.1982) nessa Assembleia, a ONU estabeleceu cinco amplos princípios voltados para a população idosa¹⁹. Essa atitude constituiu um grande avanço para os direitos sociais e para a cidadania da população idosa mundial. A realização dessa assembleia coincidiu com a vigência do governo do presidente João Batista Figueiredo (1980 a 1985), no Brasil, onde foi votada uma lei de anistia, que já vinha sendo reclamada pela oposição. Esta conquista renovou a luta política dos cidadãos, que também reconquistaram seus direitos políticos (Carvalho, 2000).

No contexto brasileiro, os idosos tiveram seus direitos sociais assegurados na Constituição de 1988 que universalizou a aposentadoria. A universalização desse direito atribuiu aos idosos um estatuto social legalmente reconhecido, transformando-os em consumidores. Entretanto, inverteu a velhice em momento de lazer, atividade, e realização pessoal, passando o idoso, de ‘cidadão’ a ‘cliente’ da seguridade social, o que põe em risco a sua liberdade (Peixoto, 1997).

Nesse sentido, a ação política arendtiana, que requer a presença conjunta e compartilhada de todas as gerações na esfera pública do mundo plural e comum a todos, construindo um espaço público, possivelmente, constituiria uma alternativa viável para a ampliação da cidadania. Entretanto, como alerta Beauvoir (1990):

¹⁹ Alguns princípios estão aqui resumidos: “- *independência*, com amplos direitos à liberdade e igualdade de participação na vida social e econômica; - *participação* ativa dos idosos, na formulação das políticas sociais, integração com outras gerações, inserção no voluntariado, formação de movimentos e associações de idosos; *cuidados*, com a saúde, apoio familiar e outros; - *auto-realização*, como direito de desenvolver o seu potencial e o acesso bens e direitos; e - *dignidade* – direito à segurança em todos os níveis e ao tratamento digno” (ONU, 1982).

Para que a velhice não seja uma irrisória paródia de nossa existência anterior, só há uma solução - é continuar a perseguir fins que dêem um sentido à nossa vida [...]. [...] é preciso desejar conservar na última idade paixões fortes bastante para evitar que façamos um retorno sobre nós mesmos (Beauvoir, 1990, p. 661).

O retorno sobre si mesmo ou reflexão, que Hannah Arendt chamou de pensar é uma atividade solitária e de isolamento no espaço privado, onde as pessoas perdem a visibilidade (Arendt, 2002 a), deixando o pensador, assim como o produto do seu pensamento de se tornarem públicos. Assim os sujeitos idosos e os seus atos somente podem ser conhecidos através do processo da ação na esfera pública. Nesse espaço, onde, os sujeitos plurais reunidos expressam, por meio de atos e palavras, o que pensam ser a verdade e debatem sobre os problemas da cidade, criam um espaço público no mundo comum a todos e constroem amizades, como esclareceu Arendt (2002 a).

O autor da ação, o sujeito, é em si mesmo um novo começo, simplesmente por ter nascido, pois essa é a sua condição como ser humano. Talvez venha daí o seu poder de ocasionar algo novo, inovar, transformar o mundo das aparências – a realidade - e mudar a si mesmo, transformando a sua própria condição humana. Transformando-se e ao mundo, ele sai do “‘foi’ dos fatos” para, espontaneamente, ingressar como um recém-chegado no - apenas conceitualmente - velho mundo da factualidade (Arendt, 2002 d). Dizendo de outra forma, o homem passa a agir politicamente.

O campo da política é o do diálogo no plural que surge no espaço da palavra e da ação no mundo público. Para Bobbio (1992), a relação política é caracterizada pela “relação entre governantes e governados, dominantes ou dominados, entre príncipe e povo, entre soberano e súditos, entre Estado e cidadãos” (Bobbio, 2004, p. 125). Essa ação política é realizada pela sociedade civil constituinte do Estado ampliado gramsciano e, para Bobbio (2007), esta sociedade civil é de difícil definição, especialmente em sua concepção ‘positiva’. Apesar disso: “Numa primeira aproximação pode-se dizer que a sociedade civil é o lugar onde surgem e se desenvolvem os conflitos econômicos, sociais, ideológicos, religiosos, que as instituições estatais têm o dever de resolver ou através da mediação ou através da repressão” (p. 35-6). São exemplares como “sujeitos desse conflito e portanto da sociedade civil”, as classes sociais, os grupos, os movimentos, as associações e outras.

Bobbio (2007) entende que há uma contraposição, vinculada à relação política entre os governantes e os governados. Neste contexto, um tem direito de comandar e o outro, o dever de obedecer. Para Arendt (2002 a: 234) as categorias “governante” e “governado”, encontradas em Platão e Aristóteles, não são adequadas à concepção da ação na esfera pública. Para ela, “O que caracteriza todas essas modalidades de evasão é o conceito de governo, isto é, a noção de que os homens só podem viver juntos, de maneira legítima e política, quando alguns têm o direito de comandar e os demais são forçados a obedecer”. Desse modo, “governar e ser governado” que correspondia à concepção grega de “comando e obediência” para ela, “está inseparavelmente ligado à política” (p. 236).

Assim, sua concepção de política não se restringe à política institucional, partidária e representativa. Em suas reflexões, a política surge como preocupação com o mundo e se funda na convivência pública “entre-os-homens”, que podem se organizar e lutar juridicamente por seus direitos (Arendt, 2007). Nesse contexto, o poder compreende uma ação plural ilimitada gerada pela organização política - “momento fugaz da ação” (p. 213). Este poder, enquanto processo político, que possibilita um processo decisório público e de acesso a todos os cidadãos, caracterizando uma democracia direta, fortalece os sujeitos no mundo comum para a reivindicação de direitos.

Isto por que um grupo de pessoas reunido “por um propósito com o qual concordaram e somente em relação ao qual as promessas são válidas e têm o poder de obrigar”, possuem uma soberania comprovadamente superior em relação à soberania daqueles sujeitos que são livres, mas não estão ligados por um objetivo (Arendt, 2002 a, p. 257). Nesse sentido, o poder, que é gerado na reunião e se mantém como potencialidade quando esta se encerra e os sujeitos se dispersam, concede autoridade e poder ao conjunto de cidadãos, legitimando o processo democrático de deliberação nessa ação política. Daí a importância da ação geradora do poder arendtiano e do apoio do povo que dá poder às instituições de um país como forma de consentimento para criar leis (Arendt, 2002 c).

Historicamente, a política no Brasil foi eliminada com a filiação compulsória de patrões e empregados a sindicatos controlados pelo governo, no Estado Novo (1937 a 1945), que incentivou o nacionalismo e promoveu uma solidariedade nacional, para além das lealdades estaduais. A baixa ou nula participação política na aquisição dos direitos (1930-1945) despertou dúvidas

sobre a sua “conquista democrática”, comprometendo a sua contribuição para uma cidadania ativa. Juscelino Kubitschek (1955) dinamizou mais o governo, que se tornou o mais democrático da história da República, mas os trabalhadores estavam fora da legislação social e sindical (Carvalho, 2002).

O governo Geisel (1974) expressou um lento retorno à democracia, efetivando-se com o processo da Assembleia Nacional Constituinte. A criação de alguns partidos políticos encerrou a era bipartidária, em 1979, sendo destaque, o Partido dos Trabalhadores (PT), em 1980 com uma ampliação da participação cidadã. No entanto, a campanha por eleições diretas (1984) foi o ápice da mobilização popular e política com dimensões inéditas na história brasileira, onde “grandes festas cívicas” eram representadas pelos comícios (Carvalho, 2002, p. 188-89).

Assim, a forma de participação política era menos formal e, independente do voto ou apesar dele, “na ausência de um povo político organizado” e sem um sentimento de identidade nacional (Carvalho, 2002), o que caracterizou o povo brasileiro como incapaz de discernir politicamente, corrompível, enganável e outros atributos. Uma incapacidade de aprendizagem imediata pela população, do uso das formalidades de participação exigidas pelos sistemas de representação foi percebida. Apesar disso, era o eleitor com a sua limitação que se preocupava com a “lisura dos processos eleitorais”, na Primeira República (p. 67).

Os idosos vêm vivenciando as rápidas mudanças políticas e sociais do Brasil e vêm sendo protagonistas dos avanços e retrocessos da cidadania, desde os anos 20 como filhos, pais e avós. Entre os anos 40 a 70, aproximadamente, inseridos no trabalho e nas lutas pelos direitos e pela cidadania do nosso país e ainda jovens e estudantes, na gestão do presidente Getúlio Vargas (1930-1945) – o ‘pai dos pobres’ conheceram a era dos direitos sociais e da organização sindical (Carvalho, 2002; Simões, 2004). De 1945 até meados dos anos 60, pode se dizer que os segurados da Previdência implementaram reivindicações por categorias profissionais, sendo as mais fortes e com lideranças sindicais influentes, as lutas realizadas junto aos respectivos institutos de aposentadorias (bancários, marítimos e ferroviários), que desfrutavam de melhores benefícios e serviços (Simões, 2004).

A “Nova República”, inaugurada pela eleição de Tancredo Neves, resultou da luta por eleições diretas para presidente da República, contribuindo

para uma grande transformação nacional e para a criação de um país novo (Carvalho, 2002, p. 193). O vice-presidente José Sarney (1985), que substituiu o presidente Tancredo Neves por falecimento deste, foi responsável pelo Ato que instituiu o Processo Constituinte. Apesar de um processo permeado por tensos debates com a ala conservadora do Congresso, que fazia oposição aos direitos sociais, incluídos na Constituição, estes direitos, a preocupação fundamental dessa Constituição “liberal-democrática-universalista”, foram afirmados (Faleiros, 2000, p. 49).

Os grandes avanços da Constituição de 1988, em que a concepção universalista de direitos sociais foi incorporada no Brasil, mostram a preocupação dos constituintes com as desigualdades sociais e a inclusão social, buscando resolver a questão social com a justiça e a solidariedade. Por causa dessa característica mais liberal e democrática, ela mereceu o nome de “Constituição Cidadã” (Carvalho, 2002, p. 199). A Constituição de 1988, no capítulo VII, artigo 230²⁰ mostra que pela primeira vez a participação social dos idosos está garantida legalmente, bem como as relações intergeracionais no interior da família, envolvendo o idoso do afeto constituinte, pois este artigo expressa “o afeto familiar e o afeto social”, dirigidos aos idosos pelos seus descendentes ou por aqueles que com ele conviveram, durante a sua vida (Barros, 2003, p. 152).

De fato, pois Versiani (2010), ao estudar a República Constituinte (1985-1988) mostra que, no momento que precedeu a Constituição brasileira de 1988, os movimentos sociais, associações trabalhistas e de moradores, sindicatos e outros grupos sociais, politicamente organizados, reivindicavam direitos de uma multiplicidade de segmentos sociais, inclusive dos idosos. Além disso, para recolher a assinatura das emendas populares, instrumento fundamental, através das quais a Constituição foi sendo aprovada, ocorreu uma grande mobilização, envolvendo: “universidades, sindicatos, órgãos do poder público, associações de mães, aldeias indígenas, religiosos, organizações de vítimas, estudantes, idosos, pessoas com deficiência e muitos outros” (Versiani, p. 244-245). Esse movimento heterogêneo mostra o protagonismo da população idosa no destino da nossa

²⁰ “A família, a sociedade e o Estado têm o dever de amparar as pessoas idosas, assegurando sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade e bem-estar e garantindo-lhes o direito à vida”. E no parágrafo 1º, prevê que: “Os programas de amparo aos idosos serão executados preferencialmente em seus lares” (DE PAULO, 2003, p. 154).

Nação, sendo um dos resultados, “orientações expressas de proteção ao idoso” (op. cit. p. 248).

Os idosos também se articularam em São Paulo, participando em 1982 de uma Assembleia Nacional de Idosos, realizada pelo SESC que reuniu 2200 idosos de 22 Estados brasileiros, “culminando com a inclusão de alguns parágrafos dedicados à conquista de direitos para a melhoria da qualidade de vida dos idosos” (Ferreira, 2006, p. 23).

Na década de 1980 os aposentados se expressaram politicamente, engajando-se em mobilizações organizadas e movendo processos judiciais, para corrigir falhas previdenciárias em suas pensões e aposentadorias. Essas formas de luta e exercício da cidadania levaram à vitória dessas ações, o que provocou a criação de novas associações e federações, pelos aposentados, sendo exemplar a Confederação Brasileira de Aposentados e Pensionistas (COBAP) em 1985 (Simões, 2004).

As mobilizações e pressões dos aposentados idosos, também vieram à cena pública na vigência do governo Collor, que mostraram uma cidadania composta pelos direitos civis, apesar de ainda precariamente conhecidos, ampliados e garantidos (Carvalho, 2002, p. 193). Essas mobilizações revelaram duas formas de velhice. A “velhice como drama”, pelo desrespeito *das* e *nas* filas da previdência e da saúde, enfrentadas por obrigação. E outra, antagônica à primeira, em que os idosos tentam “reverter o drama”, em reação organizada na ‘batalha dos velhinhos’, como militantes das associações, lutando por reajustes (147%) e reivindicando um tratamento humano após muitos anos de contribuição. Os protestos públicos expressaram uma forma positiva de vivenciar a velhice, mostrando outra forma de grupos de convivência de idosos, por meio dessas associações (Simões, 2004).

A aprovação da Política Nacional do Idoso (PNI), em 1994, que regulamentou direitos sociais dos idosos, na vigência do mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) culminou com a redução dos direitos sociais, a desregulamentação das leis trabalhistas (Faleiros, 2000) e uma reforma da previdência (Simões, 2004). Esse contexto mostrou uma limitação da questão da aposentadoria nos debates e negociações e na ação presidencial. Os aposentados

também se manifestaram diante do trecho de um discurso polêmico²¹ desse presidente na mídia sobre a reforma da previdência, associando os servidores públicos aposentados a ‘vagabundos’. As manifestações desta categoria, nos jornais e por telefonemas ao Palácio, além de provocar uma retratação pública do presidente, contribuiu para, junto a outros indicadores, aumentar a rejeição geral ao presidente e a queda do índice de intenção de votos, especialmente pela população de 60 anos, assim como, nos índices gerais que relacionam indicadores de idade, renda e escolaridade (Simões, 2004, p. 51)²².

A criação do Estatuto do Idoso, na vigência do presidente Luís Inácio da Silva - Lula - em 2003, que trata em seu artigo quarto, da “negligência, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos” (Brasil, EI, 2003, p. 14), parece afirmar que os direitos dos idosos devem ser protegidos, contra o próprio Estado, lembrando Bobbio (1992). Entretanto, Simões (2004) esclarece que, desde o seu surgimento, esse aparato de leis tem sido alvo de amplos debates e inúmeras questões por toda a população brasileira e, principalmente entre os idosos, como veiculado na mídia.

Para Debert (1999), nas associações, verdadeiras comunidades políticas em que os eventos da vida se fazem visíveis, os atores políticos idosos relacionam-se por laços simbólicos indissolúveis na pluralidade, e lutam para reverter a discriminação, os preconceitos e os estereótipos ligados à velhice, como uma forma de recodificar essa fase da vida reprivatizada. Entretanto ainda se nota uma incompleta realização dos direitos que o Estatuto assegura, deixando assim de contribuir para o enfrentamento da questão social que atinge os idosos brasileiros.

Outro espaço de luta dos idosos, os Conselhos, foi criado pela Constituição de 1988 e os Conselhos dos idosos surgiram com a implantação da PNI. Segundo Paz (2004), os Conselhos constituem órgãos “normativos, consultivos, deliberativos e fiscalizadores das políticas públicas e ações de defesa dos direitos do idoso, em que só os conselheiros têm direito a voz e voto”. Além destes

²¹ O trecho do discurso do presidente: “Fiz a reforma da previdência para que aqueles que se locupletam da previdência não se locupletem mais, não se aposentem com menos de 50 anos, não sejam vagabundos em um país de pobres miseráveis” (SIMÕES, 2004, p. 48).

²² Para um estudo mais aprofundado sobre essa questão, indicamos o artigo de SIMÕES, Júlio. *Provedores e militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública*. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). *Família e Envelhecimento*. Rio de Janeiro: FGV, 2004, citado nas referências bibliográficas.

espaços, os Fóruns Permanentes, “são espaços sociopolíticos abertos onde idosos representantes de entidades e grupos têm direito a voz e voto”. Nos fóruns, que são espaços democráticos de participação, tal como os Conselhos, são debatidas questões referentes à cidadania dos idosos em reuniões sistemáticas e denúncias são encaminhadas. Entretanto, apesar da sua criação, ainda não se percebe uma participação efetiva dos idosos nesses espaços, esclarece Paz (2004, p. 230).

Este autor ainda entende que as diversas instituições e grupos que desenvolvem atividades para o segmento idoso, constituem espaços que “possibilitam atuar no campo sociopolítico”. Acrescenta que os programas que desenvolvem atividades para a população idosa, entre eles, as universidades para a terceira idade, “apresentam um potencial de politização dos idosos através de troca, de circulação de informações, de preservação dos espaços de memória e de convivência intergeracional” (p. 249).

Nos conselhos, espaços de participação e protagonismo político e social, os idosos podem decidir politicamente questões que afetam suas vidas e de interesse da comunidade. Assim, os conselhos, os fóruns de debates e as conferências constituem alguns dos espaços de participação dos idosos, “previstos nas leis, nos discursos e em outros tratados políticos” (Rozendo; Justo, Correa, 2010, p. 37).

Arendt (2007) entende que os conselhos constituem um dos espaços públicos e representam uma alternativa para um “sistema federalista” de governo. Podem viabilizar a participação política horizontal e definir o curso político de um país. Cerqueira Filho (1982), com outro viés teórico, parece corroborar as ideias desta autora, ao mostrar a relevância de um espaço de participação pública, pois evita decisões impostas de forma autoritária e possibilita a expressão da ‘questão social’ “na sua nudez não ocultada” (p. 191).

Esclarecemos que, entre as atividades organizadas pelas Universidades da Terceira Idade, encontram-se os fóruns de coordenadores de programas e projetos de terceira idade, realizados a cada dois anos no Brasil junto com o encontro de idosos alunos desses programas. Em nossa pesquisa, estudamos a participação dos alunos dos projetos de universidades para a terceira idade, engajados no fórum ocorrido em Manaus, em 2011. Isto por que, desde 2007, temos participado desses espaços e, empiricamente, observado uma ativa presença dos idosos dos projetos participantes.

Temos observado a participação dos alunos idosos em várias atividades e de diversas formas. Entre elas: apresentação de experiências e propostas em forma de Pôster e oralmente; danças típicas do Estado das delegações e outras formas de expressão corporal; passeios; participação nas palestras e demais trabalhos apresentados, participando dos debates na assembleia dos alunos idosos, inclusive como representantes do projeto de universidade ao qual pertencem e na assembleia geral para elaborar a Carta de cada Estado-sede deste evento.

Lima (1999, p. 178-179) mostra que a forma como uma pessoa envelhece em um determinado contexto, “tem implicações significativas sobre sua auto-identidade, constantemente alimentada por narrativas sobre quem sou ‘EU’, alinhadas às opções de estilos de vida”. Além disso, observamos que a *confiança ativa* que reforça o “cotidiano de alianças e de confiança mútua” dos idosos na UnATI/UERJ pode fortalecer “o ideal gerontofóbico da instituição e a crença de que é possível envelhecer sem ficar velho”. Assim, além dos *experts* se sentirem “realmente *experts*”, os idosos passam a se perceber como ‘não velhos’. Essas expressões existenciais mostram-se nos conselhos, fóruns e outros espaços do agir em conjunto, especialmente dos idosos.

Arendt (2002 a) diz que na esfera pública, os sujeitos se identificam e, mostram e confirmam a sua identidade. Lafer (2003) comenta sobre a posição de Hannah Arendt para esta questão:

É neste sentido que a proposta de Hannah Arendt contém um ideal distributivo necessário para reduzir, na esfera do privado, as diferenças sociais derivadas da desigualdade econômica à escala do razoável e permitir aos homens que não sejam apenas diferentes, mas possam ter condições para distinguir-se na esfera pública (p. 152).

Pois, isolados, logo privados de ser vistos e ouvidos por outros, os sujeitos perdem o poder e a capacidade de política e de ação ficando, desse modo, fadados ao aniquilamento. Desse modo, torna-se relevante uma política de reconhecimento, que se funde na igualdade e na dignidade do cidadão. Essa forma de política de reconhecimento, segundo Mattos (2006), foi inserida pela democracia e assumiu diversas formas, consolidando-se no regime de direitos. Segundo esta autora, o reconhecimento passou a se constituir em um tema da política, com a compreensão da identidade individual no século XVIII.

Para prosseguir com a reflexão sobre a política de reconhecimento, valemo-nos de Axel Honneth, professor da Escola de Frankfurt, assistente de Jürgen Habermas que se destacou no interior da Teoria Crítica com a sua tese de doutoramento “Crítica do Poder”. Ele tenta ultrapassar Habermas, ao colocar o conflito social como centralidade da Teoria Crítica. Segundo ideias de Honneth (2009), a interação se funda no conflito, a sua gramática é a luta por reconhecimento e são os sentimentos de injustiça que levam às lutas coletivas por reconhecimento e este constitui um fundamento ético dessas lutas. As lutas - históricas e atuais - tratam da garantia de um reconhecimento político e têm como eixo a ampliação da igualdade na sociedade contemporânea.

Para este autor, a personalidade individual depende do reconhecimento mútuo dos sujeitos em suas interações sociais. Honneth (2009) apresenta três princípios essenciais de reconhecimento mútuo, pelos quais as desigualdades e a exclusão seriam reduzidas: o amor na esfera privada da intimidade, a igualdade na esfera dos direitos e a solidariedade nas relações sociais. Estas três esferas do reconhecimento se interconectam, mas apesar disso, é pela esfera dos direitos que elas são influenciadas. Para ele, o reconhecimento deve ser concebido como possibilidade de autonomia dos sujeitos e deve fundamentar a construção de uma identidade coletiva, por meio do amor, do igual acesso aos direitos e da estima pessoal, esferas em que o reconhecimento pode ser considerado o fundamento da justiça social ampliada.

Diante do estudo acima, se pode depreender que o reconhecimento está para além das questões inerentes à individualidade, uma vez que ele assume uma dimensão política. Honneth (2009) mostra que o reconhecimento dos sujeitos e de suas demandas por direitos, parte de uma perspectiva dos indivíduos em particular para uma esfera mais ampla e pública na garantia de direitos.

Podemos destacar como canais de participação política e social da população idosa em que lutam por reconhecimento, os projetos das universidades da terceira idade, as associações, os sindicatos. “A própria aposentadoria confere a muitos idosos o caráter de principal protagonista no seio de muitas famílias, na medida em que estes indivíduos tornam-se seus arrimos” (Rozendo; Justo; Correa, 2010, p.37-38). É na condição de aposentados, pensionistas ou até mesmo retornando à vida laborativa que se encontram os idosos do nosso século.

5

As Universidades da Terceira Idade: espaços de cidadania

No presente capítulo, apresentamos os projetos e programas de microuniversidades para a terceira idade, UNITI/UFMA em São Luís (MA) e a UnATI/UERJ no Rio de Janeiro (RJ). Antes, faremos um breve diálogo sobre a origem dos programas de universidade para a terceira idade e a criação dos mesmos no Brasil, assim como a presença do Serviço Social nesses espaços. Para este diálogo, baseamo-nos, especialmente em Peixoto (1997), Frutuoso (1999), Goldman (2003, 2007), Nunes (2004) etc. Para apresentar a UNITI/UFMA, recorreremos aos estudos de Ferreira (2006), Santos (2004), Gomes (2002), Cruz (1996) e outros.

Além desses subsídios, complementamos a apresentação desses programas com a consulta a documentos diversos (Projetos, Diários Oficiais e outros), reportagens veiculadas na mídia e nos relatos de alguns profissionais entrevistados por nós durante a pesquisa, em 2011, em São Luís e em 2012, no Rio de Janeiro. Em relação à apresentação da UNITI, além dos profissionais (identificados como PROF), também complementamos a descrição desse projeto com o relato de integrantes das associações, entrevistados por nós e identificados por ASO, para garantir seu anonimato (conforme compromisso firmado no TCLE).

O primeiro programa de universidades voltadas para a Terceira Idade foi criado na França na década de 1960, enquanto espaço de cultura e de sociabilidade para ocupar o tempo livre dos aposentados. Esses espaços emergiram no momento em que, esforços eram envidados para analisar as consequências da expansão do capitalismo na Europa (pobreza e exclusão), que refletia na dificuldade para garantir uma subsistência mínima na velhice, como pontua Salgado (2001). Segundo este autor, “O momento em que a questão da velhice começa a ganhar visibilidade e ser objeto de discursos e práticas específicas é também um período de grande atividade intelectual e de profundas transformações sociais” (p. 49-50).

Essas experiências constituem centros de produção e disseminação do conhecimento, educação permanente e representam, para as demais gerações, a

“nova identidade da velhice através da difusão de um outro modo de vida” (Frutuoso, 1999, p. 50), mesmo correndo o risco de se constituir, mais adiante, uma forma de segregação etária. Em sua pauta, eles davam destaque para a questão da velhice como problema médico-social e de educação como meios de solucionar os problemas dos idosos.

Desse modo, em 15 de maio de 1973 foi inaugurada na cidade de Toulouse (França) a primeira Universidade de Terceira Idade (UTI) ou *Université du Troisième Âge* (UTA), destinada a promover o ensino e a pesquisa, fundada pelo professor de Direito Penal Pierre Vellas (Frutuoso, 1999). Seus amplos princípios e objetivos, segundo Peixoto (1997), consideravam os níveis pessoal e social, visando a qualidade do ensino, a extensão das suas atividades para outros espaços sociais e outras questões. Esta experiência pioneira deu origem a novas Universidades de Terceira Idade na Europa, no interior das universidades convencionais, com diferentes objetivos e critérios de inserção em suas atividades (Frutuoso, 1999, p. 66-7).

No decorrer dos anos, desenvolveram-se três gerações de UTI na França (Peixoto, 1997; Frutuoso, 1999): em 1960 como um espaço educativo; na década de 1970, com pesquisas na área da gerontologia, constituindo-se como espaço de participação social dos idosos e aprendizagem voltada para o exercício da sua cidadania e dos seus direitos sociais. A terceira geração surgiu na década de 1980 na França, com um amplo programa educacional e uma programação baseada nos eixos da participação, autonomia e integração. Dessa forma, e enquanto estudantes, os idosos passam de consumidores a produtores de conhecimento (Peixoto, 1997).

Os programas das UTI francesas expandiram-se para o âmbito mundial e, instituições e redes internacionais foram surgindo e se organizando, desde 1975. Isso culminou com a fundação em 1976 da Association Internationale des Universités du Troisième Âge (AIUTA), a partir de um colóquio interuniversitário, celebrado em Toulouse (Frutoso, 1999; Sobral, 1999).²³

O Brasil inaugurou sua geração de universidades com atividades para o público específico de idosos, na década de 1980, mas esse ingresso vem sendo lento, seletivo e gradual. Antes, porém, o Serviço Social do Comércio (SESC) em

²³ Ver melhor em Frutuoso, 1999, p. 67 e Sobral, 1999, p. 34.

São Paulo despontou como iniciativa pioneira, momento em que, aos idosos de então, restava uma existência isolada junto à família, se as tivessem, ou o recolhimento em clínicas ou asilos, assim privados da vida social. Destarte, “a velhice ainda não se apresentava como uma questão social capaz de suscitar grande interesse, seja da mídia, seja dos poderes públicos”, como declarou Miranda (2003, p. 05).

Oriundos de encontros habituais entre comerciários aposentados para almoçar, conversar e ler jornal, no SESC/SP em 1960 e, se expandindo a outras categorias profissionais, os grupos de convivência, mais tarde se multiplicaram pelo Brasil (Peixoto, 1997; Miranda, 2003). Daí surgiu em 1977 a primeira Escola Aberta da Terceira Idade, considerada o embrião pioneiro das Universidades da Terceira Idade atuais do nosso país, por iniciativa dos técnicos do SESC/SP enviados a Toulouse e assessorados por gerontólogos da Universidade da Terceira Idade dessa cidade francesa.

No meio universitário brasileiro, a Universidade Federal de Santa Catarina foi pioneira em ações nesse molde, criando em 1982 o Núcleo de Estudos da Terceira Idade (NETI). A Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), através do Departamento de Serviço Social promoveu, em 1989, o Seminário “Envelhecimento: um desafio dos dias de hoje”, junto à Associação Nacional de Geriatria - Seção Rio de Janeiro (ANG/RJ) e o Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS) (Frutuoso, 1999, p. 83), que visavam ampliar os debates e a reflexão sobre as questões do envelhecimento para o âmbito da Academia. “Desse evento, resultou um trabalho mais sistemático, hoje estruturado no núcleo: Representação social do idoso e a influência no atendimento institucional” (Op. Cit.), inclusive o Curso de “Pós-Graduação em Envelhecimento Social”, oferecido por aquele Departamento (DSS/PUC-Rio), até o ano de 2001.

Em 1990, a Faculdade de Serviço Social da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUCCAMP) em São Paulo, inaugurou sua Universidade para a Terceira Idade. Foi a primeira a ser divulgada na mídia, “o que lhe propiciou espaço nacional”, diz Frutuoso (Op. Cit. p. 74). A PUCCAMP merece destaque, por ter inovado na criação de um modelo novo de UTI, que priorizou as relações intergeracionais no “contexto formal do ensino superior” (Peixoto, 1997,

p. 51). Este modelo inspirou outros programas no interior de diversas universidades brasileiras.

No Brasil, as prioridades voltadas, sobretudo, para a criança e para os jovens, indicam a tardia preocupação com as questões do envelhecimento, apesar do redesenho na sua pirâmide etária com o acelerado crescimento da população idosa. Esses fatores podem ter sido responsáveis pela demora na implantação das universidades para a Terceira Idade no contexto do nosso país. Estes espaços possibilitam a crítica e são organizados em torno do respeito aos direitos dos cidadãos idosos, melhorando a sua autoestima e a sua valorização pessoal (Cachioni & Aguilar, 2008).

Além disso, quebram preconceitos e promovem a aprendizagem do exercício de cidadania dos idosos que se percebem estudantes de uma universidade. Apesar da ONU determinar como idosos, sujeitos com a idade de 60 anos e mais, para os países como Brasil e 65 para os países desenvolvidos: “Algumas Universidades da Terceira Idade, que projetaram programas para pessoas mais idosas, acabaram sendo pressionados por uma clientela mais jovem, entre 40 e 50 anos, e ampliaram a faixa etária para participação” (Cachioni, 1998, p.55).

Nos anos 90 do século XX deu-se o *boom* dos programas para a terceira idade, nas universidades brasileiras, atendendo às demandas de uma população idosa cada vez mais crescente. O primeiro programa oficial de Universidade Aberta à Terceira Idade em uma universidade pública no Brasil foi criado em São Paulo, em 1993, na USP (Frutuoso, 1999, p. 79). Para isso, Veras (2002) vai dizer:

Dentre as instituições públicas, a universidade é, no momento, a mais equipada para responder às necessidades do grupo etário dos idosos (devido a sua estrutura). [...] Ali, os idosos recebem assistência e ensino, e participam de atividades culturais e de lazer; propiciam uma coorte inestimável para pesquisas em várias áreas do conhecimento, ajudando, assim, na formação de profissionais de alta qualificação e alavancando a produção de conhecimento sobre terceira idade (Veras, 2002, p. 388).

Ao integrar uma diversidade de aspectos, inclusive a participação nas atividades culturais, integrante do processo pedagógico, depreende-se deste autor que, além de propiciar novos conhecimentos aos sujeitos idosos, a universidade

propicia a realização de direitos, assim contribuindo para a ampliação da sua cidadania.

Vale pontuar que, no Brasil, os programas criados nas universidades com ações voltadas para a terceira idade vão ao encontro das propostas das Assembleias realizadas pela ONU (1982 e 2002). Uma dessas propostas consiste no desenvolvimento de programas e atividades que integrem os idosos na sociedade e permitam garantir os seus direitos e o exercício da sua cidadania, além de buscar a participação de toda a sociedade. Isto é observado por Debert (1999) e Simões (2004), ao afirmarem que os programas sociais voltados para a velhice significam uma proteção social que beneficiará toda a sociedade e todas as gerações.

Nas ideias de Veras & Camargo JR (1995), além da inclusão social, ao participarem de programas para a Terceira Idade os idosos potencializam a sua independência e a sua autonomia. Não sem razão, pois “a convivência em espaços comunitários tem o benefício [...] de possibilitar avanços quanto à percepção dos próprios direitos e deveres, fundamento do exercício da cidadania” (p.18).

Embora os programas para os idosos criados ao final do século XX preconizem a importância do envelhecimento ativo, como esclarece Sposati (2008), estes são relevantes, pois revelam que: “O alcance do envelhecimento sadio trouxe a demanda por novas formas de atenção a esse ciclo de vida não previsto anteriormente, assim como novas formas de convívio familiar e social” (Op. Cit. p. 64). Provavelmente, sem a visibilidade que a velhice adquiriu com os referidos programas, a problemática do envelhecimento populacional brasileiro, que já faz parte da agenda política em nível nacional e internacional, estaria menos presente nessas agendas.

No caso brasileiro, as microuniversidades temáticas, como a UnATI/UERJ e a UNITI/UFMA *lócus* da nossa pesquisa, são exemplares, uma vez que constituem espaços de pluralidade, portanto democráticos e coincidem com os objetivos do Estatuto do Idoso. Neles, os idosos realizam novas aprendizagens, contatos sociais frequentes, novas amizades, relações intergeracionais e direitos, assim ampliando sua cidadania.

Entre os profissionais que trabalham com os idosos dos programas de microuniversidades, encontram-se os assistentes sociais, cujo processo de ação se

faz no espaço do mundo da vida - o cotidiano. Aí constroem uma rede de relações, a partir de “ações localizadas” (particular ou micro-atuação), que se ampliam à esfera das relações sociais (universal) e retornam àquele particular, “em outro nível de reflexão” (Baptista, 2001, p. 111-19). Nesse sentido, o assistente social intervém nas esferas macrossocial (conjuntural, estrutural) e microssocial, em uma prática de cunho social, político e educativo, buscando enfrentar a “questão social”.

Na área do envelhecimento, a inserção do Serviço Social vem sendo realizada desde as décadas de 1960 e 1970, junto aos programas de asilamento e centros de convivência. Ressaltamos o pioneirismo do Serviço Social do Comércio (SESC), na década de 1960 que, junto com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), deu visibilidade à problemática dos idosos (Goldman, 2007). Nas décadas seguintes, os assistentes sociais vieram se destacando nos espaços dos programas de universidade de terceira idade, a partir da criação destes (UnATI/UERJ em 1993, UNITI/MA e 1995).

As ações com os idosos abrangem as áreas de saúde, previdência, assistência social e educação, visando ampliar e consolidar a cidadania, a liberdade e a autonomia destes sujeitos, pela informação e garantia ao acesso dos seus direitos afirmados nas políticas sociais para a geração idosa. Além disso, organizam e estimulam a participação dos idosos nos diversos espaços de direitos (Conselhos e Fóruns, etc.), buscando assegurar o acesso desses sujeitos às políticas sociais para a sua geração, para desenvolverem uma ação reivindicativa e de transformação social. Assim, os assistentes sociais tentam fortalecer e instrumentalizar os idosos para lutarem por cidadania e justiça social (Nunes, 2004, p. 145).

Os assistentes sociais voltam-se também para a execução e avaliação de programas e projetos, planejamento, assessoria e consultoria às políticas sociais, movimentos sociais e outros segmentos onde os idosos são usuários. Assim, estes profissionais se assumem como agentes políticos de transformação social, também ampliando a sua própria ação profissional aos Fóruns e Conselhos (Nunes, 2004; Goldman, 2007; Salgado, 2007). Entretanto, os assistentes sociais, em seu trabalho com a geração idosa, são constantemente desafiados, especialmente pela descrença dos idosos na política brasileira (Goldman, 2003), o que afeta a esperança destes sujeitos na luta por direitos. Isto se deve às suas experiências de

negação e afirmação - avanços e retrocessos - de seus direitos e da sua cidadania (Cuba, 2005), embora venham se engajando em lutas, como vimos.

5.1. UNITI/UFMA

Antes de apresentarmos o projeto UNITI, consideramos relevante tecer alguns comentários sobre o trabalho do Serviço Social com idosos em São Luís e no Maranhão, a partir dos anos 80 do século XX, uma vez que essas ações constituíram um dos aspectos da ideia da criação desse projeto. Na década de 1980, ganhou visibilidade, no Estado do Maranhão, um expressivo contingente de sujeitos aposentados e pensionistas com 60 anos e mais, “na sua maioria sem novos projetos de vida para preenchimento do tempo livre”. Essa novidade provocou uma “inquietação de profissionais das áreas social e de saúde”, que, além de se voltarem para “conhecer esse novo segmento e sua problemática”, buscaram capacitação para atender às necessidades dessa população e possibilitar-lhe “uma participação interativa” (Ferreira, 2006, p. 30-31).²⁴

Entre esses profissionais, encontra-se a assistente social - “precursora e impulsionadora” - Isabel Lopizic, atual Coordenadora do Centro de Apoio e Prevenção à Violência contra a Pessoa Idosa - CIAPVI -, que implantou um trabalho diferenciado do Serviço Social com a população idosa no Maranhão. Este Centro, ligado à Secretaria Especial de Direitos Humanos da Presidência da República e funcionando no interior da Defensoria Pública em São Luís (Ferreira, 2006), foi o primeiro implantado no país, em parceria com o Governo Federal (Heluy, 2007).

A ação diferenciada de PROF6 com idosos em São Luís no IPEM foi apenas a primeira de outras inovações, ao contrário do histórico trabalho do

²⁴ Oriundo do extinto Instituto Nacional da Previdência Social (INPS), pela Portaria do Ministério da Previdência e Assistência Social (MPAS) nº 82 de 04 de julho de 1974, o trabalho social com idosos, no Brasil, pautava-se em “ações preventivas diretamente em seus centros sociais com aposentados e pensionistas”. Este trabalho passou posteriormente à responsabilidade da extinta Legião Brasileira de Assistência - LBA (FERREIRA (2006, p.31-32).

Serviço Social com essa população na Legião Brasileira de Assistência (LBA), “voltado para a questão de habilidades manuais” (PROF6). Uma Colônia de Férias, organizada e promovida por PROF6 em parceria com a Secretaria de Esporte e Lazer - SEDEL em 1983 com, 82 pessoas do IPEM, entre elas, aposentados, pensionistas e funcionários com 60 anos e mais, expressou uma forma de ruptura com as formas anteriores de trabalho, já referidas. Reunidos em um sítio fora da cidade, os idosos desenvolveram atividades educativas, trabalhos manuais, lazer e ações de promoção de saúde com uma equipe multiprofissional, ainda que PROF6, como relata, sem “[...] nenhum conhecimento acerca do envelhecimento, [...] apenas a boa vontade de querer fazer alguma coisa por essas pessoas”.

Apesar de certo preconceito, com que eram vistas essas atividades - “Alguns admiravam, outros achavam feio eles estarem dançando” -, especialmente, “eles podiam também enfrentar a sua musicalidade, [...] que [...] não tiveram a oportunidade de viver [...]. [...] expressar [...] na juventude” (PROF6). Algumas idosas dançavam pela primeira vez, sentindo-se livres da opressão do pai e do esposo, que as impediam de participar de atividades fora de casa. Esses foram alguns dos motivos que levaram os sujeitos idosos ao “desejo de continuar” essa “coisa assim fantástica”, que lhes dava “oportunidade de sair de casa, tinha alguém que o(s) escutava”. Nesse contexto, as atividades do IPEM permitiram a expressão política dos idosos, não só pela dança e demais atividades, mas levando uma idosa a “presidente do Conselho Municipal” da cidade em “que reside atualmente” (PROF6). Ao que se pode observar, o protagonismo dos idosos, assim, talvez latente, já era revelado por meio dessa ação.

Com a visibilidade desse trabalho, que “[...] chamou muita atenção da sociedade aqui em São Luís, [...] mais ou menos em 1986, o SESC [...] em São Luís [...] começou esse trabalho” (PROF6). PROF5 consultou PROF6 sobre a viabilidade da participação do grupo de idosos que esta última coordenava no IPEM, ao mesmo tempo convidando esses sujeitos, através de PROF6, a integrarem as atividades que implantaria no SESC. PROF6, não só concordou como estimulou os idosos a participarem dessa nova ação, assim, o “grupo do IPEM [...] ficou sendo grupo também do próprio SESC” (PROF6).

A iniciativa de PROF5 no SESC deu origem ao segundo trabalho inovador com idosos em São Luís, posterior ao de PROF6. Em seu Grupo de Convivência

da Terceira Idade, o SESC da Praça Deodoro implantou o trabalho do Serviço Social com idosos no Maranhão coordenado pela assistente social Maria Celeste Melo Costa de “espírito empreendedor”²⁵. Esse trabalho, baseado em “atividades socioeducativas, recreativas e de lazer, artísticas e culturais” (Ferreira, 2006, p. 2-33), admitia “idosos dos mais diversos lugares [...] aposentados [...], pensionistas e alguns [...] trabalhavam, [...] na faixa [...] (de) 58, 59 anos [...]” (PROF6).

A intenção de PROF5 no SESC-Deodoro era possibilitar “[...] ocupação, [...] oportunidade àqueles idosos de usufruir de um espaço (de) [...] lazer, [...] atividades recreativas, [...] culturais [...]”. Além de criar um coral, grupo de encenação, de arte, teatro, PROF5 fundou o “Grupo Musical Velha Guarda” e, “com esse grupo a gente fazia a festa” (PROF5). Ferreira (2006, p. 32-33) registra que o trabalho do SESC se apoiou nas ações do IPEM, como uma referência, também neste se baseou a SEDEC - Secretaria de Desenvolvimento Comunitário - que coordenava o trabalho com a população idosa nos Centros Comunitários, antes denominados Centros Sociais Urbanos (CSU). Não restam dúvidas, que o trabalho de Izabel Lopizic foi referência para diversos trabalhos que surgiram posteriormente.

Esclarece PROF6 que: “Depois (do SESC) [...] veio o PAI [...] (onde) [...] na época, era só assistente social que fazia o trabalho. Hoje tem médicos, psicólogos, terapeuta ocupacional [...]” (PROF6). O Programa de Ação Integrada para o Aposentado - PAI foi criado em 1994, pela Secretaria Estadual de Administração, Recursos Humanos e Previdência visando a prestação de uma gama de serviços, prioritariamente, aos “[...] aposentados nos aspectos sócio-educativo, cultural, jurídico, médico [...]” e outros, assim “[...] contribuindo para a sua reintegração na sociedade [...]” (Ferreira, 2006, p. 36).

Em sua trajetória profissional, PROF6 saiu do IPEM e, convidada pelo doutor Luciano Moreira, foi trabalhar no “[...] PAI [...], [...] que hoje atende idosos”. O PAI “[...] esse projeto [...] foi uma experiência dele [...] em Fortaleza” (PROF6). Nesse novo espaço profissional, PROF6 coordenou “a parte sociocultural [...] (onde se situa) o Serviço Social e [...] desenvolveu um grande trabalho no PAI, já com outra visão” (PROF6). No PAI surgiu a oportunidade de fazer o “curso de Gerontologia [...] (que) ampliou a nossa visão sobre o que é

²⁵ Acréscimo com as palavras de Ferreira (2006, p. 45).

velho e aí a velhice começou a aparecer: o rosto da velhice, que até então estava muito diluída nas relações” (PROF6). Segundo PROF6, este curso atendeu sua necessidade de “ter um conhecimento maior” sobre o processo de envelhecimento.

O PAI com sede no mesmo espaço geográfico do IPEM, tornou-se “[...] um marco referencial para outras iniciativas de trabalho com idosos, tal como a Associação Brasileira de Clubes da Melhor Idade (ABCMI) criada em 1996, que [...] tem estreita relação de parceria com o programa PAI”. Esta integração é facilitada por estarem localizados no mesmo espaço geográfico e terem sido criados com “[...] o apoio dos técnicos e dirigentes da mesma Secretaria Estadual de Administração, Recursos Humanos e Previdência. órgão promotor do PAI, no Estado do Maranhão” (Ferreira, 2006, p. 36). Esta autora ainda esclarece que foi o

Órgão gestor estadual responsável pelo PAI, atualmente denominado Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão (SEPLAN) (que)²⁶ constituiu em 1995, uma parceria com o SESC, Universidade Federal do Maranhão (UFMA), a Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) para a criação e manutenção da Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI) [...] (Ferreira, 2006, p. 36).

Segundo PROF6, “A UNITI surgiu dentro do PAI. Foi uma proposta do doutor Luciano.” Para realizar sua vontade de “fazer uma universidade aqui”, este parlamentar convidou diversos profissionais, a exemplo de PROF2,

Que esteve presente na elaboração desse trabalho da UNITI [...] começaram a discutir a equipe com a [...] coordenadora do PAI e aí pensaram [...] (em) fazer uma parceria. [...] Aí fez a parceria entre os quatro órgãos, mas a proposta quem fez foi o doutor Luciano, a ideia, e essas pessoas se juntaram e elaboraram o projeto e o projeto deu certo (PROF6).

Antes, porém, a assistente social Socorro Ramos criou o Projeto de Ações Sócio-Educativas e Culturais, ao assumir a Secretaria de Desenvolvimento Social Comunitário - SEDESC, em 1990, momento em que esta profissional desenvolveu ações no Centro Comunitário do Vinhais, e ampliou a ação do Serviço Social para o Conselho Comunitário desse bairro. A intenção desse projeto, que incorporou os grupos dos Centros Sociais Urbanos, era comemorar as datas cívicas constantes

²⁶ Acréscimo (que) nosso.

do calendário oficial (Ferreira, 2006) e “estimular a integração e a convivência entre diferentes gerações [...]” (Heluy, 2007, p. 3).

PROF6 assim se posiciona:

Aí, não era mais centralizado num pequeno grupo, como era o caso do IPEM que tinha 200 idosos [...]. Eles iam trabalhar em nível de CSU, Centro Social Urbano. Era Vinhais. [...] Aí eles começaram a fazer esse trabalho de coordenação de trabalho desses grupos em várias localidades (PROF6).

A primeira comemoração foi o Dia do Idoso, pelo Grupo de Convivência Fios de Prata do Vinhais, do Centro de Capacitação e Produção do Vinhais²⁷, em 27 de setembro de 1990 (Santos, 2004), atividade intergeracional, que envolveu idosos desse bairro e seu entorno. Nessa ocasião, Socorro Ramos já vinha estabelecendo parcerias e estreitando “relações profissionais e institucionais” com assistentes sociais que trabalhavam com idosos em São Luís, como Izabel Lopizic do CIAPVI e Maria Celeste Costa do SESC (Ferreira, 2006). Essa integração entre elas parece ter sido muito importante, posteriormente, para a criação do projeto UNITI/UFMA e expressa uma perspectiva política da amizade arendtiana. Neste contexto e, seguindo esta linha de raciocínio, fica claro que no Maranhão, o trabalho inovador com idosos foi iniciado pelos assistentes sociais, cuja presença significativa, por meio dessas ações, expressa uma forma de mobilização desses profissionais em São Luís e nesse Estado, na área do envelhecimento.

Essa primeira comemoração, teve tal relevância que levou o grupo, especialmente Maria dos Reis, sua fundadora, primeira coordenadora e presidente²⁸, a reivindicar “novos encontros de integração”, para viabilizar “um processo de convivência permanente, intensificando relações de participação, solidariedade e mobilização” (Ferreira, 2006, p. 44). Este grupo de idosos sempre

²⁷ Este Centro foi criado em setembro de 1990 estava sob a coordenação e assessoria técnica da assistente social Socorro Ramos, segundo Santos (2004).

²⁸ A idosa Maria dos Reis tornou-se presidente desse grupo, quando foi regulamentado como Clube da Melhor Idade, filiado à Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade - ABCMI, com Estatuto próprio e uma Diretoria. A aprovação do Estatuto Social que regulamentou o Grupo “Fios de Prata” ocorreu com cerca de 100 associados, em Assembleia Geral de 11 de setembro de 1995, assim surgindo enquanto Clube, com o “objetivo de promover atividades para todos os idosos residentes na área de abrangência do bairro Vinhais, resgatar o respeito ao ‘velho’, sua valorização como cidadão capaz de produzir e transmitir conhecimentos, exercitar sua cidadania e estimular o seu crescimento pessoal e social” (SANTOS, 2004, p. 39-41).

se destacou por sua “autonomia, determinação, liderança e participação” (Santos, 2004).

Sobre essa questão, Ferreira (2006), assim se posiciona: “Esses sujeitos formavam uma história comum de organização cuja experiência conjunta os aproximou de um sentimento de pertencimento criando no cotidiano, na inter-relação estabelecida, a produção da sobrevivência no coletivo” (p. 46). Na compreensão desta autora, esses aspectos já indicavam que o grupo “Fios de Prata” tornar-se-ia referência de organização dos idosos “para novas experiências no Maranhão [...]” (Ferreira, 2006, p. 46), sendo, para tal empreendimento, bastante significativa a assessoria técnica da assistente social Socorro Ramos, ao que podemos depreender do estudo de Ferreira (2006). De fato, com a coordenação do Serviço Social, por meio da assistente social Socorro Ramos, os idosos desse grupo foram “se apoderando do papel de protagonistas na busca de conquistas de um novo lugar e significado na sociedade, objetivando o exercício da cidadania na sua dimensão de ser político [...]” (Ferreira, 2006, p. 47). Sempre em busca de novas conquistas para todos os idosos de São Luís, PROF1 e ASO9, relatam que esse foi um dos grupos que se destacaram no protagonismo dos idosos, na criação do Fórum Permanente; como alunos das primeiras turmas da UNITI, e, integrantes do Conselho Municipal de Proteção ao Idoso (1996) como participante da sociedade civil. Além disso, mostraram-se ativos, na luta por mudanças sociais e ampliação da cidadania, nos debates sobre a constituição da Política Nacional do Idoso (1994) segundo nota do Informativo “Fios de Prata” de 02.10.1997, organizado pelos próprios idosos do Vinhais (apud Santos, 2004, p. 42). Sobre o protagonismo e busca de novas conquistas, Ferreira (2006), esclarece que foi:

[...] esse perfil de cidadania e na busca de novas conquistas, (que) os líderes do grupo ‘Fios de Prata’ foram levados a participar do Curso de Planejamento Estratégico promovido pelo SESC-MA, em 1994, para que pudessem estudar e apresentar proposições acerca das questões do envelhecimento local, e, por conseguinte, tendo participação no produto final do curso que apresentou proposições para a criação do Fórum Permanente da Terceira Idade (FTPI) (Ferreira, 2006, p. 47).

Dáí, a importância de, ora, nos determos, ainda que brevemente, no relato deste grupo, para melhor compreendermos a criação da UNITI e a participação dos idosos nesse momento histórico de São Luís.

Esse grupo se expressa, inclusive, desenvolvendo atividades diversas, entre elas, cursos, oficinas, teatro, dança e atividades sociais e culturais. Entre as expressões culturais, encontra-se o grupo de Bumba-Meu-Boi “Fios de Prata”, criado em 1998, composto por idosos, seus filhos e netos, que se apresenta em diversos eventos, para os quais é convidado (Santos, 2004; ASO9).²⁹ Além de dar visibilidade às questões do envelhecimento, essa presença dos idosos na esfera pública por meio das apresentações e a integração com outras gerações, pode beneficiar os idosos na luta por seus direitos.

É digno notar a apropriação do Bumba-Meu-Boi por estes idosos, solicitada por eles (Santos, 2004), pois mostra a importância da cultura na vida dos idosos. É bastante significativo, estar sendo o Bumba-Meu-Boi dançado por sujeitos de uma geração, que em sua maioria na juventude, não participava dessa festa, até cerca de 1940 (Ferretti, 2007). proibida de se apresentar no centro da cidade. Ainda hoje sendo vista com certo preconceito, por alguns setores da sociedade de São Luís, apesar de reconhecida social e politicamente, inclusive como parte da identidade do maranhense, segundo a literatura especializada, apresentada mais adiante.

Por outro lado, expressar-se através da cultura, mostra a realização do direito à cultura pelos idosos ludovicenses, antes mesmo de ser afirmado na Política Nacional do Idoso (1994) e no Estatuto do Idoso (2003). Nesse contexto, essa forma de protagonismo, anterior a estas políticas, indica uma estratégia para

²⁹ Segundo Santos (2004), 57,14% dos idosos - 1 homem e 7 mulheres, de um total de 3 homens e 11 mulheres - relataram estar “muitíssimos satisfeitos com a vivência do Bumba-Meu-Boi”, o que é observado também “na expressão e no movimento de cada participante, o prazer, a satisfação, a alegria do estar ali, entoando a música e expressando a dança do seu bumba-boi ‘Fios de Prata’, ao mesmo tempo em que interagem com o público” (p. 77). Santos (2004) mostra que a importância das vivências musicais para os idosos resulta em: integração e convivência positiva, fortalecimento da memória, lazer, “crescimento do grupo e felicidade, prosperidade nos relacionamentos fraternais através de despertamentos de interesse pelo outro, de solidariedade”. Além desses fatores, “a vivência no grupo propicia ocupação do tempo livre, ajuda na construção de mais amizades, promove o movimento, otimismo, elevação da vida, preenche a alma e traz alegria e satisfação” (p. 88). Acrescenta ainda Santos (2004, p. 89) que, além de melhor qualificar as “relações consigo mesmo, com os outros e com o mundo”, as vivências musicais, como o Bumba-Meu-Boi, “despertam no idoso o desejo de liberação dos antigos padrões de isolamento, dando-lhe uma nova nuance de participação e colocação de sua identidade social, possibilitando-lhe direcionar a vida, lidar com atitudes e significados frente ao seu processo de envelhecimento, ajudando-o a reconstruir sua realidade” (p.89).

dar visibilidade às questões inerentes ao processo do envelhecimento e de resistência ao desamparo dessa geração pelo Estado.

Entretanto, o protagonismo dos idosos de São Luís foi marcante com os 200 idosos participantes das atividades do IPEM coordenadas por PROF6, ao participarem “[...] em alguns eventos [...]”, como em alguns seminários e fóruns sobre as questões do envelhecimento, entre eles, em Fortaleza, Belém do Pará, “Brasília [...] na década de 1990”. No seminário de São Luís, uma idosa, “representou os idosos” sendo a “oradora” (PROF6). “Aí que nós começamos a pensar em alguma coisa em termos científicos, em termos de políticas. [...]” (PROF6).

Fica claro então que os programas e projetos voltados para os sujeitos idosos no Maranhão resultaram da iniciativa do doutor Luciano Moreira, Secretário Estadual de Administração Recursos Humanos e Previdência - SEARHP, um “gestor público experiente e sensível”, como esclarece Ferreira (2006, p. 35). Este deputado, faleceu em junho de 2011, momento em que iniciávamos a nossa pesquisa de Doutorado, em São Luís. Como visto, uma das iniciativas deste Secretário foi a criação do projeto UNITI/UFMA.

A UNITI, antes “sonho isolado”, transformou-se “[...] em realidade após várias reuniões estimuladas pelo Fórum Permanente da Terceira Idade - FTPI, que visitou e ouviu instituições sensíveis e comprometidas com o segmento, para fortalecer a concepção da grande idéia: a Universidade Integrada da Terceira Idade”. Segundo Maria Alzira de Melo Ferreira, primeira Coordenadora Geral da UNITI, o Fórum “foi um grande articulador para a implantação da Uniti” (COEP - Maranhão, 1998, p. 386). Teve um papel fundamental para a “participação política dos idosos”, possibilitando conquistas de espaços importantes para a cidadania da geração idosa de São Luís e do Maranhão, como os Conselhos, UNITI e outros.

O Fórum [Permanente] vai se estabelecer enquanto uma organização de um espaço de defesa, de proteção, de reivindicação, de cidadania da pessoa idosa, em 1994. [...] Então [...], ele se autodenomina e se autoconstrói e vai fazendo, então um pouco a sua história. E vai estimular a criação do primeiro Conselho Municipal de Direito do Idoso de São Luís. [...]. Por conseguinte ele (Conselho)

vai estimular a criação do primeiro Conselho Estadual do Direito do Idoso do Maranhão, hoje é o CEDIMA.³⁰ [...] (PROF1).

PROF1 ainda esclarece que, atualmente, esses Conselhos são fortes e “[...] foram criando vida própria.” (PROF1). O Fórum é “[...] totalmente independente, sem vínculo com nenhum organismo, nem de Estado, nem de município, nem de universidade. [...] A sociedade civil.” (PROF1). A sociedade civil compreende, para PROF1 os grupos de idosos existentes como o grupo do Monte Castelo, do Vinhais, da Cohab, do Habitacional Turu. Grupos “[...] que nós compreendíamos que precisavam ganhar uma fisionomia [...] mais próxima da cidadania. [...] Que [...] pudesse fazer com que os idosos fossem aos grupos, para essa troca [...] de informação. [...] Aí pensava-se nas oficinas” (PROF1).

Assim surgia a ideia das atividades educativas para reunir os idosos no “[...] Fórum Permanente (que) teve [...] expressão muito forte aqui [...] (que) surgiu, [...] dentro do SESC, a partir de uma discussão de vários profissionais. [...] Ele congregou várias coisas e foi propulsor de estabelecimento de várias instituições em que ele esteve presente” (PROF6). O Fórum Permanente da Terceira Idade compreende um “espaço de discussão, mobilização e articulação permanente das questões do idoso” (Heluy, 2007, p. 3). Segundo PROF1, “O fórum foi uma iniciativa dos grupos (que trabalhavam com idosos) que, até então, existiam de forma isolada.” No encontro, surgiu a ideia da criação de “um espaço onde possamos reunir” esses grupos (PROF1).

Prosseguindo, diz PROF1:

[...]. Então foi especificamente do SESC da Praça Deodoro que surgiu [...] essa ideia de nós juntarmos as entidades, grupos de movimento que trabalhavam com o segmento da terceira idade. Então foi a partir daí que algumas pessoas, [...], (tal como PROF1, PROF2, ASO9 e outras)³¹ algumas assistentes sociais foram se chegando e fizemos, inclusive, um encontro de capacitação, com uma professora universitária [...] E [...] (o Fórum) realmente ganhou forma. E essa forma fez com que o segmento ganhasse visibilidade. Que até então era visto como aquele trabalho isolado [...] (PROF1).

³⁰ Conselho Estadual dos Direitos do Idoso do Maranhão, criado pela Lei 6. 835 de 14 de novembro de 1996.

³¹ Nomes retirados e substituídos pela denominação, entre parênteses, que atribuímos na pesquisa, para evitar a identificação. Então, quando o assunto se referir a nomes de sujeitos e houver, em seguida a denominação que demos da pesquisa, é porque retiramos os nomes citados.

No Fórum Permanente, nos Conselhos (Estadual e Municipal), na Associação Nacional de Gerontologia - Maranhão (ANG-MA) e outros espaços de direitos dos idosos, estes sujeitos: “se fazem presentes e extremamente atuantes”. Na

[...] Campanha de Conscientização da Violência à Pessoa Idosa, [...] (2011) passamos quinze dias discutindo essa questão nas várias instituições. E eles estiveram presentes. E nós terminamos essa campanha com uma tarde cultural. Inclusive o pessoal da AAUNI teve uma participação ativa nessa culminância. Eles apresentaram uma peça belíssima (PROF6).

Vale ressaltar que mostrar a construção do Fórum Permanente da Terceira Idade - FTPI é importante, pois a UNITI surgiu a partir e foi uma das conquistas do Fórum, na visão de Cruz (1996, p. 111), assim como o foi, o Conselho Municipal de Proteção ao Idoso - CMPI, em 1995. Segundo Cruz (1996, p.88), o SESC no Maranhão contribuiu para a criação do Fórum e da UNITI, sendo sua a iniciativa do surgimento destes espaços em São Luís. Sua intenção era, através do “planejamento estratégico”³², primeira instância de debates “[...] sobre a criação de ações viáveis, que abarcassem grupos e pessoas ligadas a 3ª idade, no sentido de questionar e apontar encaminhamentos e soluções sobre a problemática enfrentada pelos idosos no Maranhão”.

O FTPI surgiu em 11 de outubro de 1994, em uma reunião no Conselho Regional de Serviço Social com 10 grupos de idosos (Vinhais, Turu, Cohatrac, Bequimão, Cohafuma, Monte Castelo, SESC, Anjo da Gurda e Maiobão) que firmaram um compromisso assumido no planejamento estratégico: a efetivação do Fórum Permanente da Terceira Idade” (Cruz, 1996, p. 98). O intuito era contribuir com a luta do segmento idoso do Maranhão, com o apoio e assessoria técnica de entidades e de grupos de terceira idade, como atores nesse processo.

São os atores: SESC e seu Grupo de Convivência da terceira idade; antiga Secretaria de Estado do Desenvolvimento Social Comunitário e do Trabalho - SEDESCT junto com a Secretaria de Estado e Solidariedade, Cidadania e Trabalho - SOLECIT - Divisão de Idosos; Pastoral Familiar da Arquidiocese de

³² Cruz (1996, p. 96) esclarece que esse planejamento do SESC foi realizado no período de 10 a 24 de agosto de 1994 e seu objetivo foi “aglutinar grupos e instituições que trabalham com idosos, na proposta de discutir os problemas enfrentados na 3ª idade e apontar caminhos para a efetivação da Política Nacional do Idoso no Maranhão”.

São Luís; Associação Internacional de Caridade; Grupos de terceira idade: Cohatrac, Turu, Monte Castelo, Vinhais, Anjo da Guarda (Cruz, 1996, p. 88-96). Estes grupos de idosos fazem parte da sociedade civil que integra o Fórum Permanente (PROF1).

Esse conjunto de atores estava integrado na realização de um curso ministrado pela professora Cândida Pinto do Departamento de Serviço Social da Universidade Federal do Maranhão, em 1994, antes mesmo da criação do Fórum Permanente, cujos debates já apontavam para a “indefinição de uma política para a terceira idade”. Este momento parece caracterizar o início da participação acadêmica da UFMA para a criação da UNITI, através do Departamento citado.

Entre as demais questões, “a falta de reivindicação coletiva que refletia na organização dos idosos”, foi fortemente debatida pelos idosos, temerosos pela dificuldade no cumprimento dos seus direitos, que a ausência de organização podia acarretar. Cruz (1996) esclarece que a “falta de organização da 3ª idade no Maranhão” levou o planejamento do SESC a apontar “caminhos para a construção do Fórum Permanente da 3ª idade” (p. 97-98).

Segundo PROF1, o Fórum Permanente de São Luís é um espaço de debate, onde se “coloca as questões. Porque aquilo que não é dado a conhecer é como se não existisse”. Neste sentido, o espaço do FPTI constitui um espaço público, lugar da ação, segundo Arendt (2002 a), onde os sujeitos podem se organizar para reivindicar direitos. Além disso, “o Fórum tem essa coisa esclarecedora, orientadora [...], rompe barreiras. Ele se apresenta como esse espaço de busca da efetiva cidadania” (PROF1).

PROF4 relata que a UNITI foi criada a partir do Fórum Permanente da Terceira Idade em São Luís.

Houve uma primeira reunião com o [...] doutor Luciano. A partir desse fórum sentou com [...] (PROF2), com [...] (outra) professora [...] e trouxe alguém da UEMA, alguém da UFMA e, a partir dessas primeiras reuniões, foi estabelecido a necessidade da criação da Universidade da Terceira Idade e esses quatro órgãos [...] (parceiros), fizeram a criação do projeto UNITI como um projeto de extensão que teria a condição de funcionar aqui na UFMA porque se queria uma convivência intergeracional, [...] por [...] isso está instalada aqui na Universidade.

Nesse contexto, a assistente social Socorro Ramos foi indicada pela Secretaria de Estado de Planejamento, Orçamento e Gestão, em 1995, “para

compor a equipe de elaboração e implantação da Universidade Integrada da Terceira Idade [...] permanecendo no projeto durante os primeiros quatro anos de sua implementação”. Durante esse período, incentivou “a criação de uma associação que acolhe os egressos do projeto UNITI, e, assim, nasceu a Associação dos Amigos da Universidade Integrada da Terceira Idade, transformada, posteriormente, em organização social por decreto-lei estadual” (Heluy, 2007, p.4).

Maria do Socorro Ramos Ferreira, “que esteve presente na elaboração desse trabalho da UNITI” (PROF6, 2013) e, em 1988 era sua coordenadora em exercício, a criação da UNITI teve como contexto, a “vontade política conjunta de entidades governamentais e não-governamentais e o compromisso social destas com o enfrentamento de questões do segmento da terceira idade” (COEP - Maranhão, 1998, p. 391). Entre esses órgãos, o SESC com PROF5 e o PAI, da Secretaria de Estado de Administração, “já desenvolviam algum tipo de trabalho do Serviço Social com idosos”. As universidades - Estadual e Federal - demonstravam a “vontade de que tivesse um trabalho voltado para a terceira idade”, diz PROF5, que está na UNITI desde 1995, “desde a fase embrionária, desde a vontade” [...] “desde o início, desde o embrião mesmo. Porque eu participei da elaboração do projeto da UNITI, para a criação da UNITI” (PROF5).

Segundo PROF4, o Serviço Social se insere na UNITI: “[...] no nascimento da construção já tinha uma assistente social. Por exemplo, a representante da UFMA, da UEMA que sempre fui eu, é assistente social. Aí veio [...] (PROF5) representando o SESC que também é assistente social. [...] (PROF2) que estava na criação é assistente social. Então o Serviço Social foi, como se diz, a coluna desse projeto” (PROF4). A participação de PROF5 na UNITI ocorreu Com a UNITI criada:

[...] logo no início, eu fui a Coordenadora Técnica [...], durante três anos. Eu organizava [...]. Toda parte Pedagógica [...]. Quando eu me aposentei, [...] vim indicada pelo SESC, porque [...] o trabalho com [...] grupo social com idosos, [...] (do) SESC, eu que implantei [...]. [...] Em 1989 (PROF5).

A vontade política entre quatro grandes órgãos parceiros, há 16 anos, tornou “concretizada a elaboração” e “celebração” do projeto UNITI, em outubro de 1995, quando “foi assinado o convênio, no Palácio, com [...] aquele ritual”

(PROF5). Apesar da parceria, “a proposta quem fez foi o doutor Luciano, a ideia, e essas pessoas se juntaram e elaboraram o projeto e o projeto deu certo. A UNITI foi uma novidade aqui pra todo mundo”. Nesse sentido, PROF6 avalia que a UNITI “[...] Deu um empoderamento para [...] (os idosos). (O sentimento) [...] na época, (era de) [...] orgulho [...] alegria [...] [...] (diziam) que estavam fazendo uma universidade. [...] Faculdade. Pegavam ônibus no Campus, junto com os universitários” (PROF6).

Esta mesma percepção tem PROF1, esclarecendo que, apesar da “baixíssima escolaridade” das pessoas idosas, na UNITI “elas vivem um processo de inclusão. E se sentem [...]: Eu vou para a UFMA, [...] para a universidade” (PROF1). O resultado da “maravilhosa” grade curricular mostra que os idosos, “até hoje, têm dificuldade de desligar. [...] é só um ano. Mas quando termina [...]: [...] (questionam) o que eu vou fazer da minha vida? [...] (PROF1).

A UNITI, segundo seu Estatuto (UNITI, 1996 e 2007) é um projeto de extensão, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis - PREXAE e sediado no Campus do Bacanga, apoiado na Política Nacional do Idoso. Foi criado em 03 de outubro de 1995, a partir da parceria entre o Governo do Estado, por meio da Secretaria de Estado de Administração, Recursos Humanos e Previdência Social – SEARHP, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), juntamente com o Serviço Social do Comércio (SESC). Por isso Gomes (2002) entende que a UNITI é o único modelo de parceria em todo o Brasil.

As atividades da UNITI iniciaram em 08 de março de 1996, com o Curso de Formação Continuada e o seu corpo de alunos é formado por sujeitos maiores de 50 anos, procedentes de diversos segmentos da sociedade. Gomes (2002) esclarece que a criação da UNITI decorreu também “de um processo de mobilização de alguns profissionais que trabalham com a questão social referente à terceira idade” no Estado do Maranhão e segue a tendência de diversos projetos de universidades para a terceira idade no Brasil.

Sobre a proposta de ensino da UNITI, Feitosa (2004) assim se manifesta:

[...] é pautada numa pedagogia interativa, que busca oferecer uma formação continuada, através da qual se propõe abrir espaços contra a solidão, criando um novo espaço psicológico no qual agrega a solidariedade, cultiva a convivência integrada, levando o aluno idoso a organizar as relações consigo mesmo, com os

outros e com o mundo, propiciando ainda um ambiente de aprendizagem orientada e fundamentada nas veredas da cultura do passado, na abertura para vivenciar o presente e na busca pelo futuro equilibrando perdas e ganhos e aprendendo a adaptar-se às mudanças (Feitosa, 2004, p. 149).

A UNITI, assim, tem por objetivo, “oferecer à população idosa, a prática de atividade que lhe possibilite fortalecer a participação social e política, assumir conscientemente o seu processo de envelhecimento e gozar do pleno exercício da cidadania” (Equipe de Elaboração..., 1996, p. 9; 2007, p. 9; Coordenação Geral..., s/d.). O início das suas atividades em 1996 foi precedido de seminários, encontros e treinamentos com o intuito de instrumentalizar sua equipe.

PROF1 esclarece sobre a criação da UNITI:

Foi a iniciativa do Fórum de criar um espaço educacional para as pessoas da terceira idade, que surgiu no encontro com, na época, a Pró-Reitora [...], então a partir daí foi o embrião. E ela, então, articulou com o Estado e com o SESC e mais tarde com a UEMA. Então formou-se aquilo que foi denominado uma parceria inédita até então, porque estava o Estado, a UEMA e o SESC. Esses parceiros fizeram um convênio chamado um chapéu, “Guarda-Chuva” - melhor dizendo -, onde cada um assumia um espaço, ou professor, outro assumia o material pedagógico (PROF1).

A UNITI, segundo PROF4, tem tido muita aceitação: “Especialmente para os idosos”, que “[...] buscam na UNITI aquele campo de aconchego, de novos conhecimentos, geração de novas amizades e até aquele recanto onde eles se renovam, se reabastecem [...]”. Apesar do apoio de alguns setores da Universidade, na UFMA, o reconhecimento da UNITI “[...] ainda é um pouco tímido, por que muitos não acreditam em trabalhos para a terceira idade [...]” (PROF4).

A UNITI desenvolve suas atividades, a partir de três Coordenações (Geral, Técnica e de Administração), uma Secretaria e um Colegiado de Curso (Equipe Técnica..., 2010). A coordenação Geral da UNITI é exercida por uma pedagoga, a professora Hortência Gago de Araújo. A Coordenação Técnica é responsável pela inserção dos estagiários de diversas áreas e deve ser preferencialmente ocupada por um pedagogo e a equipe desse projeto é interdisciplinar. Seus professores fazem parte dos Departamentos Acadêmicos das entidades parceiras e de profissionais diversos com experiência comprovada em atividades voltadas para a

Terceira Idade No curso da UNITI são oferecidas 120 vagas, buscando “proporcionar a pessoa idosa integração e preparação para uma velhice digna e prazerosa, sendo hoje referência para a criação de outras Uniti’s no Estado”. As vagas são distribuídas entre a UFMA, a UEMA, o SESC e o Programa de Assistência Integral ao Aposentado (PAI), totalizando 60 vagas, sendo as 60 restantes, destinadas para a comunidade (site da SEARHP, 05.04.2010).

A Coordenação de Administração é ocupada por um administrador que desenvolve as atividades gerenciais da UNITI. O profissional de Serviço Social se insere nesta Coordenação, planejando e desenvolvendo atividades e, ao mesmo tempo, atendendo as demandas dos usuários do projeto (Gomes, 2002). A assistente social Maria Feitosa, professora de Gerontologia Social da UNITI, esclareceu que o Serviço Social se faz presente como coordenação do próprio projeto e como docência de Disciplinas. A equipe de Serviço Social é composta por três assistentes sociais (duas da equipe fixa e uma tem função técnica) que atuam na área da educação, coordenando cursos para os idosos. A UNTI insere alunos da Faculdade de Serviço Social da UFMA em estágio curricular (Cuba, 2010).

O Colegiado de Curso é presidido pelo Coordenador Geral e visa dar suporte às ações desenvolvidas e possibilitar a participação grupal na tomada de decisões. (Equipe de Elaboração..., 1996; 2007). Sua composição atual, segundo o Estatuto da UNITI de 2007, consiste em coordenadores - técnico e administrativo; um representante de cada entidade parceira; coordenadores dos Departamentos Acadêmicos afins e/ou Núcleo de Estudo/Extensão; um técnico da UNITI e um do Departamento de Extensão; um representante do corpo discente (Equipe de Elaboração..., 2007, p. 11-12).

Além disso, as instituições parceiras possuem obrigações comuns e específicas. São obrigações comuns: cessão das instalações físicas para o funcionamento da UNITI, recursos humanos (cessão, formação e capacitação), equipamentos diversos; busca de apoio para as ações deste projeto (órgãos governamentais e não-governamentais). As obrigações específicas são assim compreendidas: a UFMA se responsabiliza pela execução do Projeto de Extensão UNITI, cessão de instalações físicas e custos com despesas fixas (luz, telefone, limpeza etc.); à Gerência de Estado de Administração e Modernização do

Maranhão - GEMOR³³ - cabe prover material de consumo, 25% do pagamento do pró-labore do corpo docente.

A UEMA, além de arcar com 25% do pró-labore do corpo docente e de designar um servidor para secretariar o projeto, responsabiliza-se pelo material permanente. Por sua vez, o SESC arca com 50% do pró-labore dos docentes (Gomes, 2002). A UEMA, o SESC e a Secretaria de Administração fornecem “bolsas para os professores e para os estagiários” (PROF4). Apesar das quatro parcerias, PROF4 esclarece que “ainda trabalhamos de uma forma [...] Um pouco carente [...]”, pois os salários atrasam “então tudo isso dificulta” (PROF4).

Segundo reportagem do Canal de TV maranhense Mirante, filial da TV Globo (RJ) e dados do site da Secretaria de Estado de Administração, Recursos Humanos e Previdência Social – SEARHP, a UNITI trouxe aos idosos maranhenses a possibilidade de darem continuidade à “vida depois dos 50 anos, resgatando a força de mostrar que ainda pode ampliar seus conhecimentos na terceira idade” (TV Mirante, 24.02.2010).

Trata-se de um projeto que representa:

[...] um novo espaço na realidade maranhense com ampla repercussão social, tendo como objetivo oferecer à população idosa a prática de atividades que lhes possibilite fortalecer a participação social e política, assumir conscientemente o processo de envelhecimento e gozar de pleno exercício de sua cidadania criando condições para o resgate da auto-confiança e da auto-estima (Coordenação Geral..., S. D.).

Na avaliação de PROF1, que se inseriu na UNITI em 1996, como professor e “elemento de fomento” de forma voluntária, pois coordenava o Fórum Permanente da Terceira Idade, “a UNITI é uma história de sucesso desde o começo”. De fato, pois o eixo da UNITI centra-se no idoso, enquanto agente de sua própria história, valorizando sua experiência de vida. Isto porque, a UNITI foi criada com a ideia de “um espaço educacional de inclusão” em que, “[...] com o conhecimento, essa pessoa iria exercer o seu papel, enquanto indivíduo autônomo, independente e capaz de se autogerir”, promovendo assim, “Autos-cuidados, a partir dessa autogestão”, diz PROF1.

³³ Esta Gerência mudou de nome no atual governo de 2011.

Representando o Fórum, enquanto sociedade civil, “dentro da UNITI”, durante quatro anos PROF1 fez parte do Conselho Deliberativo ou Conselho Diretor desse projeto, que era “formado por representantes da sociedade civil e do poder público”. Isto “Porque uma das exigências da formação é que tivesse um Conselho com participação do poder público e da sociedade civil” (PROF1).

Além disso,

[...] a intenção sempre da UNITI é fazer com que esse cidadão idoso possa ser protagonista. [...] Mas ele vai também ajudar principalmente as áreas empobrecidas da cidade. Nós temos um cinturão de pobreza na nossa cidade e esses grupos não têm informação. Tanto é que criamos, um tempo atrás, se chama “A UNITI vai a seu bairro”³⁴. Levando palestras sobre higiene, autos-cuidados, cidadania, cultura, quer dizer, assim gotículas, mas só para despertar. Para que as pessoas possam se animar [...] (e) ganhe capacidade de fazer (PROF1).

O ingresso dos alunos idosos na UNITI é realizado por meio de inscrição nas Disciplinas no início de cada semestre e estas têm a duração de um ano letivo. Após sua matrícula, no início do ano letivo, “são encaminhados para um Seminário Preparatório de ingresso, com o objetivo de orientar sobre o curso de Formação Continuada e conhecer, através de questionários de abordagem, as necessidades e expectativas dos alunos, subsidiando a estruturação da proposta curricular” (COEP - Maranhão, 1998, p. 388). Após este seminário, a equipe técnica analisa as solicitações de inscrição, baseada em um “critério de maior idade” que efetiva a seleção dos alunos. Após esta etapa, os idosos são convocados a comparecer na UNITI para uma entrevista com a equipe técnica, que realiza a sua matrícula definitiva, elabora o seu perfil ou, os idosos informam sua desistência.

Além disso, os alunos pagam uma taxa mensal estabelecida pela PROEX (Equipe de Elaboração..., 2007, p. 13). Essa taxa faz parte do convênio da UNITI, para manter o Projeto e aquisição de materiais diversos, mas é paga pela minoria, dado o baixo poder aquisitivo dos idosos, segundo esclarece a coordenadora da UNITI, Hortência Gago de Araújo (Cuba, Diário de Campo, 2011).

³⁴ Este é um dos projetos da UNITI e tem por objetivos, em resumo, a valorização da pessoa idosa, melhorar a qualidade de vida e a autoestima, possibilitar a aquisição de novos conhecimentos e valores, sensibilizar órgãos e grupos da comunidade para um trabalho integrado e desdobramento a nível local, entre outros. Abrange idosos residentes em vinte bairros selecionados situados no entorno do Campus Universitário da UFMA, do Bacanga (PROJETO..., 2010).

O Curso de Educação Continuada oferecido pela UNITI é desenvolvido, segundo uma “metodologia extensionista, dinâmica e auto-construída, através de atividades sócio-educativas, esportivas, culturais e de lazer”. Ainda oferece oficinas pedagógicas “que vão de encontro com a experiência de vida, o prático, o reflexivo de cada aluno” (Coordenação Geral..., S. D.). Sua estrutura curricular compreende duas fases operacionais compostas de Disciplinas e Oficinas Básicas e Optativas oferecidas para os alunos iniciantes e desenvolvidas em um formato de oficinas pedagógicas, em que são utilizadas atividades acadêmicas de acordo com a temática. Os temas desenvolvidos são relacionados com a questão do envelhecimento e correspondem a um ensinamento teórico-prático, valorizando a experiência e considerando a heterogeneidade relacionada ao nível escolar dos alunos. A duração das oficinas pedagógicas é de 12 meses, com carga horária de 280 horas para as disciplinas básicas e 120 horas para as optativas (Equipe de Elaboração..., 2007).

Os temas das Oficinas Básicas oferecidas pela UNITI no ano de 2011 e cursadas pelos idosos, foram: Noções de Gerontologia Básica, Lazer e Turismo na Terceira Idade, Vida e Espiritualidade, Conhecendo e Sentindo o Corpo na Terceira Idade, Psicologia do Envelhecimento, Imagem e Reflexão, Concentração e Memória, Reeducação Alimentar (Nutrição), História da Arte, Direitos e Deveres do Idoso. Apenas as duas primeiras são ministradas o ano todo e, as demais, são distribuídas pelos dois semestres. Além destas, os temas das Oficinas Optativas foram: Terapia Ocupacional, Fitoterapia, Artesanato, Informática, oferecidas nos dois semestres.

Ainda são oferecidas aos alunos, atividades extraclasse (dois semestres): Canto Coral, Visitas orientadas a espaços culturais, Pequenas Excursões e Seminários Integrativos, Dança de Quadrilha. São realizados também, eventos científicos diversos (UNITI, 2011) e habilidades específicas que incentivam a criatividade, o ingresso ou reingresso em atividades produtivas (Gomes, 2002).

Ao final do ano letivo, a UNITI realiza uma avaliação dos alunos considerando os aspectos qualitativos do desempenho dos mesmos e exige a frequência mínima de 75% em cada disciplina do Curso (Equipe de Elaboração..., 1996; 1997). Segundo Feitosa (2010), “a maioria repete a Disciplina, para manter as raízes e as amizades que eles formaram na UNITI. São idosos da classe média

baixa, portanto de poucas oportunidades, então eles fazem da UNITI, o lugar do encontro”.

A importância da amizade foi mostrada por Vetter (2005, p. 128-29) , em sua pesquisa de Mestrado, em que estudou a memória de leituras dos idosos da UNITI/UFMA e esclarece que “[...] a UNITI é um lugar onde eles podem fazer novas amizades, onde não há espaço para a solidão e eles aprendem a envelhecer com saúde”. Essa questão é expressa também nos estudos de Gomes (2002) e de Lopes et al (2007) mostrando que os laços afetivos entre os participantes, a amizade construída durante as aulas, o relacionamento positivo entre os alunos com “todos em geral” vêm mostrar que: “Iniciativas assim possibilitam um maior desenvolvimento das relações humanas [...]” (p. 42).

A “cada conclusão de turma” no final do ano, há uma Formatura com um simbolismo que representa “aquela coisa da autoestima”,

[...] Faz-se a Aula da Saudade, faz-se uma festa e faz-se, então, essa colação simbólica, [...] (que) traz no seu bojo todo, uma energia de: eu consegui. Está aqui. Este aqui é o produto, é o resultado. [...] Então essa sensação de que eu posso, eu consigo, é o retrato do que é um projeto como esse da UNITI (PROF1).

Então, simbolicamente a UNITI representa a “conquista de uma nova existência. Novos valores”. Isto por que este projeto possibilita:

Aquele encontro de culturas. Embora moremos no mesmo Estado, na mesma cidade, mas temos pessoas, umas mais aristocráticas, outras mais humildes, mas se encontram. Estão ali. E se tem em comum o que? A idade. Estão todas niveladas por esta coisa que é a justiça da natureza. [...] envelhecer. Um processo que [...] é dado a todos. (PROF1).

PROF1 diz que a “UNITI hoje com mais de quinze anos, [...] ganhou autonomia.” A ideia da criação da UNITI era “[...] Que fosse uma coisa que pudesse fazer com que os idosos fossem aos grupos, para essa troca, digamos, de informação. [...] Aí, pensava-se nas oficinas.” Tais como a “oficina de arte, de teatro” e outras do SESC, como “[...] a oficina de Bumba-Boi no São João. [...]”. “[...] Em cada época você tem participação, porque eles passam o ano fazendo essas atividades”. Então, essas atividades de diversas ordens “[...] mantêm o idoso

em plena atividade física, mental e espiritual [...] Então esse tripé [...] era, digamos assim, a tônica (do Fórum) [...]” (PROF1).

Apesar das dificuldades da UNITI, segundo PROF4, sendo um deles, o atraso dos salários dos professores:

Apesar da gente ter um projeto que trabalha a quatro mãos, porque é uma parceria [...]. [...] todo trabalho requer [...] uma estrutura financeira que o mantenha”. Além do espaço físico e da ajuda da UFMA, “[...] muitas vezes a gente precisa da ajuda financeira que os alunos dão por mês que é trinta reais, para poder fazer a manutenção do material permanente [...] do projeto (PROF4).

Os idosos também encontram na UNITI, um espaço de capacitação, pois, segundo PROF4, “alguns ex-alunos [...] já montaram grupos” na comunidade, “[...] exemplo, o grupo de [...] (ASO1 e ASO2)³⁵ tem mais de 150 idosos, abrangendo vários bairros de São Luís. Então, a UNITI já serviu de alicerce para [...] a comunidade [...] gerenciar um trabalho de grande porte [...]”. Desse modo, o projeto UNITI “para a comunidade tem sido assim muito bom” (PROF4). Além disso, Lopes et al (2007) entendem que o curso da UNITI integra os idosos em suas comunidades, associações, clubes, sindicatos e outros espaços e estes repassam aos mais jovens, o saber adquirido.

A UNITI dispõe da Associação dos Amigos da Universidade Integrada da Terceira Idade - AAUNI - uma sociedade civil e Pessoa Jurídica de Direito Privado, sem fins lucrativos, sediada no campus da Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Foi fundada em 01.08.1996 e o seu Estatuto, aprovado na Assembleia Geral de 29 de outubro de 1997, diz que o seu objetivo é:

I - Apoiar as ações da Universidade Integrada da Terceira Idade, no tocante: a) a formação continuada dos seus membros e manutenção do seu interesse em melhorar os conhecimentos e participar de novas experiências; b) às atividades que proporcionem às pessoas em processo de envelhecimento, maior integração social e convivência de diferentes gerações; c) à possibilidade de convivência visando a integração concreta entre jovens e adultos. II - Buscar integração também com organizações congêneres nacionais e internacionais (p. 1).

A AAUNI compreende uma “entidade democrática independente, sem caráter político-partidário ou religioso” criada para atender às aspirações dos

³⁵ Nomes trocados para evitar a identificação.

alunos egressos do Curso de Formação Continuada por novos espaços que lhes possibilitasse dar continuidade aos hábitos e experiências adquiridos e desenvolvidos na UNITI. A Equipe Técnica Pedagógica e a Coordenação Geral da UNITI colaboraram com a fundação da AAUNI, cuja intenção é constituir um “espaço que servisse de referência para os alunos ingressos/egressos, assim como para as pessoas da comunidade: idosos e indivíduos identificados com a causa da terceira idade” (Associação..., 1997, p. 2).

Desse modo, seus integrantes podem ampliar e adquirir novos conhecimentos e experiências capazes de promover um envelhecimento com mais integração social e convivência entre as diversas gerações (Araújo, 2001). Na AAUNI, os idosos podem desenvolver atividades educativas diversas, como: Danças, Natação, Hidroginástica, Cursos de inclusão digital, entre outras, garantindo a continuidade dos trabalhos da UNITI, segundo informações do site da Pró-Reitoria de Extensão da UFMA³⁶.

PROF6 relata que

[...] depois que a pessoa terminou a UNITI, ficava sem saber o que fazer, voltava de novo para a UNITI, queria se inscrever de novo. E aí [...] doutor Luciano, juntou esses mesmos profissionais, acrescentando mais algumas pessoas, pra formar a AAUNI - Associação dos Amigos da UNITI -, pra [...] essas pessoas que saíram da UNITI e que não tinham onde estar vendo essa mesma dinâmica de trabalho [...] (PROF6).

Vale destacar que a Associação dos Amigos da Universidade da Terceira Idade - AAUNI passou à qualidade de Organização Social com personalidade jurídica de direito privado, por meio do Decreto Lei estadual nº 18.278 de 29 de outubro de 2001, sancionado pela então governadora do Estado do Maranhão - Roseana Sarney Murad e publicado no Diário Oficial do Estado do Maranhão (DOEMA) de 31/10/2001, na página 3 do Executivo. A governadora se fundamentou no art. 64, inciso III, da Constituição Estadual, e no art. 1º da Lei nº 7.066, de 03 de fevereiro de 1998 (Maranhão, 2001/2010).

³⁶ Disponível em: http://www.proex.ufma.br/individual_noticias.php?id=138. Acesso em: 13 out. 2010.

5.2. UnATI/UERJ

A Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UnATI/UERJ) iniciou suas atividades em 25 de agosto de 1993, embora tenha sido criada desde maio de 1992, com a proposta de contribuir para melhoria dos níveis de saúde física, mental e social das pessoas idosas³⁷ - uma população usuária acima de 60 anos. Foi um programa pioneiro enquanto um Núcleo de Estudos, Debates, Pesquisas e Assistência à Terceira Idade e incorporou os ideais do modelo francês - Les Universités du Troisième Age e se tornou um Núcleo da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) em 1994, por decisão do Conselho Universitário (Sobral, 1999).

A sua criação aconteceu, poucos anos antes da implementação da Política Nacional do Idoso (PNI), pela Lei nº 8.842, de 04 de janeiro de 1994, onde esses programas figuram como mais eficazes para a participação social do idoso em contraposição às instituições asilares e hospitalares em que estes sujeitos eram atendidos. Esta política visa e apoia a criação de micro-universidades abertas da terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber³⁸.

Em reuniões entre os Doutores e Professores Américo Piquet Carneiro e Renato Peixoto Veras, junto com um grupo pioneiro de profissionais, interessados nas questões da terceira idade, para trocar experiências profissionais e institucionais, foi sistematizado o Projeto Núcleo de Atenção ao Idoso do Hospital Universitário Pedro Ernesto (HUPE) com a proposta de “oferecer atenção integral à saúde do idoso, numa ação multiprofissional e interdisciplinar, vendo o idoso como um ser humano integral e sua saúde inserida em um processo amplo de aprimoramento da qualidade de vida” (Veras & Camargo Jr, 1995, p. 24; UnATI, 2002, p. 5).

Além do Ato Executivo, assinado pelo Reitor da época (PROF7), a criação da UnATI, segundo PROF8, foi permeada de “muita solidariedade, não só dos alunos como dos professores”, em que “Todo mundo estava muito [...] junto para

³⁷ Ver melhor em “Proposta de Criação do Instituto da Terceira Idade da UERJ”, 1996, p. 31-34.

³⁸ Art. 10º - III – Na área de educação: f) apoiar a criação de universidade aberta da terceira idade, como meio de universalizar o acesso às diferentes formas do saber. (PNI, 1994, p. 5).

poder ajudar nesse crescimento”. A ajuda “altamente espontânea” dos idosos possibilitou a aquisição de “material para dar as aulas”, por meio da arrecadação da venda de material reciclável. “Outra fonte financeira eram as festas juninas, todo o dinheiro era revertido para material para nós darmos aula. [...]” Pra que a UnATI se desenvolvesse, os idosos “[...] se envolviam completamente (na organização da festa)” (PROF8). Mostravam que a UnATI, assim, possibilitava, desde o seu surgimento, o exercício da cidadania dos idosos nela inseridos, como “direito a ter direito” segundo ideias de Arendt (2002 a).

Ao estar inserida em uma estrutura universitária, a UnATI ganha mais visibilidade, tanto por parte dos idosos, que cada vez mais procuram seus cursos e serviços gratuitos, como por diversos profissionais e graduandos da UERJ ou de outras Universidades que buscam especialização ou aperfeiçoamento nas áreas de Geriatria e Gerontologia. Destaca-se entre as micro-universidades temáticas no Brasil por ter sido criada com a perspectiva de proporcionar um espaço onde os idosos tivessem acesso a informações relativas às questões do envelhecimento e novas oportunidades de aperfeiçoamento e descobertas de novas potencialidades. Portanto,

[...] a participação dos idosos em programas como os propostos aqui (na UnATI/UERJ) permite, entre outros ganhos, que eles próprios se organizem para identificar suas necessidades comuns, proponham soluções e cobrem sua implementação às autoridades competentes. A convivência em espaços comunitários tem o benefício adicional de possibilitar avanços quanto à percepção dos próprios direitos e deveres, fundamento do exercício da cidadania (Veras & Camargo Jr, 1995, p. 19).

A UnATI, segundo PROF7, possui “três Coordenações: a Coordenação Pedagógica, Coordenação de Projetos de Extensão e a Coordenação de Eventos Educativos e Socioculturais. Os ambulatórios são subordinados diretamente à Direção como os Programas de Atenção à Saúde”. E, segundo Veras (2004c), atualmente o programa UnATI/UERJ se estrutura, através de três eixos básicos: ensino, pesquisa e extensão, administrados por coordenações próprias e conta com uma ampla equipe interdisciplinar.

Constitui campo de treinamento de recursos humanos, em diversos níveis: treinamento profissional, estágio de graduação, residência, curso de especialização

em Gerontologia e outras formas. Além disso, a UnATI conta em sua equipe com mestres, mestrandos, doutores e doutorandos. Desenvolve pesquisas que vêm sendo referência obrigatória no cenário nacional referentes aos estudos sobre o processo de envelhecimento (Veras, 2004 c).

Os cursos e demais atividades livres que a UnATI oferece possibilitam maior acesso dos idosos ao conhecimento dos vários campos do saber, além de facilitar sua integração social com jovens estudantes universitários que desenvolvem estágio curricular, junto aos diversos projetos desse programa. Sua proposta tem uma perspectiva de educação permanente, atualização do conhecimento do idoso e promoção da sua autonomia, tendo presente o estímulo das relações intergeracionais. Veras & Camargo Jr. (1995) salientam a relevância da integração entre gerações nas atividades desenvolvidas nos programas de universidades da terceira idade, pois, como os idosos partilham o mesmo espaço educacional com os jovens, essa interação pode reduzir a diferença de valores, que resulta em conflitos entre as diversas gerações.

Este programa oferece atividades pedagógicas (cursos e oficinas) por dentro do seu Centro de Convivência, com duração anual, podendo os idosos se matricular em até 03 cursos ao mesmo tempo. Observamos que alguns idosos repetem as mesmas atividades diversas vezes e em outras, vão permanecendo. Pelo fato de ser uma universidade aberta, possibilita o acesso de qualquer pessoa acima de 60 anos, independentemente de seu nível de escolaridade.

Os idosos se inserem na UnATI, por meio de matrícula anual e em algumas atividades, a vaga se dá por sorteio e em outras, por ordem de chegada. Sobre esta questão Lima (1999) observou que os alunos idosos “buscam no ‘consumo’ do saber que lhes é oferecido, ou mesmo que apenas na possibilidade de participar de um espaço caracterizado pelo ‘saber’, não apenas uma ‘tecnologia’ de ‘envelhecimento adequado’, mas subsídios para *construção auto-reflexiva de suas identidades*” (p. 178).³⁹

O Serviço Social da UnATI/UERJ iniciou na área da saúde com “uma proposta, junto com a [...] assistente social remanejada do Hospital [Pedro Ernesto] pra fazer parte da equipe da UnATI [...]” que era o trabalho no Ambulatório Núcleo de Atenção ao Idoso - NAI. Desse modo e, segundo PROF7:

³⁹ Grifos do original.

“Mais tarde, essa equipe foi composta pela assistente social Alzira Tereza G. Lobato e, em fins de 1995, por PROF7. O Serviço Social ampliou sua ação com a criação do “[...] Programa de Valorização do Conhecimento do Idoso (em 1996), que era o projeto voluntariado, dividido em quatro frentes: Idosos Colaboradores que Alzira Lobato assumiu, Idosos em Domicílio que a Mônica de Assis assumiu, Idosos Companheiros que eu assumi e Idosos Educadores” (PROF7). O Serviço Social da UnATI passou para a área do ensino:

Quando eu fui convidada pela [Direção] a assumir a Coordenação de Extensão, por que o [coordenador de Extensão da época] se [...]” aposentou e foi residir em outro Estado. [...]. [...] Aí que eu ampliei a visão do Serviço Social e trouxe o Serviço Social para a Extensão. [...]” A Extensão, atualmente é denominada “Coordenação de Projetos de Extensão (PROF7).

Além da abertura de estágio e de outras “[...] frentes do Serviço Social [...] na Coordenação de Extensão”, PROF7 criou o Programa de Serviço Comunitário com as Cartilhas (e) fomentou “mais o campo de estágio [...] fazendo mais parcerias com a Universidade. [...]” Atualmente, os Programas que integram a Coordenação, são, segundo PROF7: “todos os projetos de Extensão, mais os projetos que eu ampliei dentro da experiência do Serviço Social e todos os projetos que a UnATI tem.”

A equipe de Serviço Social da UnATI/UERJ desenvolve as suas atividades profissionais através de diversos programas e projetos, coordenações, atendimento individual e em grupo, sendo composta por cinco assistentes sociais, residentes e estagiários de Serviço Social, oriundas da Faculdade de Serviço Social – UERJ e outras universidades. As diversas atividades, inclusive pesquisas, visam potencializar os idosos para enfrentarem as questões do envelhecimento, garantir os direitos sociais assegurados nas políticas sociais dos idosos. Além disso, estimulam os idosos a exercitarem a sua cidadania e a debater sobre a garantia dos seus direitos sociais nos espaços de direitos sociais - fóruns e conselhos -, em que a presença dessa geração tem sido cada vez mais expressiva e ativa (Nunes, 2004; Cuba, 2005).

PROF7, que é conselheira representando a UnATI/UERJ, relata que, “De certa forma”, é na área da assistência que se insere a sua participação no Conselho Estadual. “[...] Por que o Conselho do Idoso faz uma discussão com a assistência.

A assistência é o guarda-chuva, não é, de todos os conselhos. Então pela assistência passa [...] todo mundo. Então, de certa forma, sigo a política da assistência.”

A vivência de PROF7 no Conselho tem mostrado: “Alguns avanços, [...] com a própria política do Estatuto que é uma grande mudança, e fez com que a gente pudesse divulgar mais, não só o papel do Conselho, mas também os direitos dos idosos. [...]”. Em relação aos

[...] conselhos municipais [...] (sua) função é fiscalizar também, junto com a MP e junto com a Vigilância [...] (mas) os conselheiros acabam fazendo esse papel, despreparados [...] e os compromissos e as competências, [...] ficam meio confusas, não é, dentro do município. Então [...] a partir dessa questão do Estatuto, a gente resolveu criar mecanismos [...] e faz treinamento, capacitação dos conselheiros pelas regiões. É uma das funções do Conselho [...] treinar os conselheiros (PROF7).

O Conselho do município do Rio de Janeiro “[...] nasceu (há aproximadamente dois anos,) de uma organização política, uma vontade política do Prefeito, os membros [...] foram indicados pelo Prefeito [atual]. A presidente é vitalícia [...]” (PROF7).

Além da fiscalização, cabe ao Conselho Estadual:

[...] organizar as Conferências, [...], os fóruns regionais, organizar as regionais e organizar a estadual. [...] As dificuldades especialmente de infraestrutura, leva o Conselho a depender [...] da Secretaria de Assistência para poder ir aos Municípios, pra fazer um evento [...] Existe uma coordenação de conselhos no Estado que dá suporte pra todos os conselhos [...], mas essa coordenação está sempre sem verba [...] (PROF7).

Sem verba para se deslocar,

[...] então a gente fica pedindo [...] (para) uma grande parceira, [...] que era a Gerente da Política do Idoso no Estado. [...] (E) ela sempre ajuda [...] o Conselho a poder andar um pouco com as coisas. Não tem melhorado muito, do ponto de vista de infraestrutura, mas já melhorou um pouco do ponto de vista da implementação da democratização desses direitos. Isso melhorou bastante (PROF7).

Em seu relato, PROF7 mostra avanços e dificuldades enfrentadas pelos espaços que defendem os direitos dos idosos.

Na UnATI, os profissionais se inserem pelo ambulatório NAI e depois de criada a área de Ensino. O protagonismo dos idosos da UnATI se dá como alunos, primeiramente, depois na ação conjunta com os profissionais, na forma já citada, para angariar verba para aquisição de material pedagógico e manter este programa, que se revela como espaço de amizade e de cidadania.⁴⁰

Ambos os espaços portam diferenças, desde as suas origens, assim como a participação dos assistentes sociais e dos idosos. Na UNITI, o Serviço Social tem uma participação desde a ideia da criação da UNITI e da elaboração do próprio projeto; na UnATI, o Serviço Social se faz presente no grupo de estudos coordenado pelo seu idealizador, o doutor Piquet Carneiro. Essa presença, ainda que desde a criação desses espaços, ocorre de forma diferenciada em cada um deles.

Quanto à participação dos idosos, apesar da UNITI ter sido criada por um projeto governamental da Secretaria de Estado de Administração, Recursos Humanos e Previdência Social - SEARHP e estar ligada à Pró-Reitoria de Extensão e Assuntos Estudantis - PREXAE, os idosos tiveram uma presença, desde a criação do Fórum Permanente e na reunião deste espaço em que surgiu a ideia da criação da UNITI. Nesse entido, podemos dizer que os idosos e os profissionais tiveram um protagonismo na criação da UNITI, enquanto espaço educativo e de cidadania. Enquanto, como vimos, alguns assistentes sociais participaram da elaboração do projeto da UNITI em si, os idosos não tiveram essa forma de participação. O protagonismo dos idosos se prende, também, à própria operacionalização do projeto UNITI como seus alunos.

Para melhor compreender a amizade nos espaços das universidades da terceira idade, percorremos um caminho metodológico, como descreveremos a seguir.

⁴⁰ É com a intenção de ampliar a cidadania dos idosos que, enquanto a UNITI se pauta em uma Formação Continuada, a UnATI tem como eixo uma Educação Permanente.

6

Caminho metodológico e seus procedimentos

O caminho que ora apresentamos, mostra a trajetória do estudo percorrida em São Luís (MA) e no Rio de Janeiro (RJ). Trata-se de uma pesquisa qualitativa e interdisciplinar, fundamentada em uma palavra chave, que é “compreender”, segundo as ideias de Hannah Arendt, que assim, esclarece:

A convicção de que tudo o que acontece no mundo deve ser compreensível pode levar-nos a interpretar a história por meio de lugares-comuns. [...] Compreender significa, em suma, encarar a realidade sem preconceitos e com atenção, e resistir a ela - qualquer que seja (Arendt, 2012, p.12).

A compreensão precede e sucede o conhecimento, conferindo a ele, significado. Daí a importância de ouvir os sujeitos, pois, “A linguagem popular, ao expressar uma compreensão preliminar, inicia assim o processo da verdadeira compreensão” (Arendt, 2012, p. 43). Além disso, e ainda seguindo os passos de Arendt (2008b, p. 331), a compreensão é relevante por que todos os sujeitos precisam se sentir reconciliados com o mundo em que nasceram como estranhos, e assim permanecerão, por serem portadores de uma “singularidade única”. Segundo esta autora, a compreensão inicia quando nascemos e se encerra com a morte, ou seja, estamos permanentemente compreendendo.

Dessa perspectiva, compreendemos a amizade exercitada pelos sujeitos da pesquisa, a partir das questões abordadas nas entrevistas e nas reuniões - amizade, direitos, cidadania, política -, e, a partir desse debate, surgiram outros temas como participação, qualidade de vida e felicidade. No decorrer das reuniões, os sujeitos idosos foram associando as categorias e apresentando as suas percepções sobre cada uma delas. Solicitamos exemplos e, às vezes, os próprios sujeitos apresentavam-nos, o que foi bastante relevante para melhor compreendermos a sua percepção sobre os temas debatidos e sobre a importância da amizade para a conquista de direitos da geração idosa.

Para Arendt (2008b, p. 332), compreender “assuntos políticos e históricos, por serem tão humanos e fundamentais, guarda certa semelhança com a

compreensão das pessoas”. Nesse sentido, as reuniões e entrevistas trataram ao mesmo tempo de aspectos políticos da amizade no processo de envelhecimento e da singularidade da amizade exercitada por cada sujeito participante da pesquisa. Para tanto, o estudo integrou a seguinte dinâmica em São Luís e no Rio de Janeiro: revisão bibliográfica; observação do agir dos idosos em geral, especialmente na esfera pública de São Luís; reuniões; entrevistas; registro em diário de campo; gravação das reuniões e das entrevistas em um pequeno e leve gravador com capacidade de arquivar uma grande quantidade de arquivos de som, denominado MP4. Na UNITI realizamos pesquisa documental em fichas de matrículas dos alunos, legislação e outros.

A pesquisa foi realizada com nossos próprios recursos, no Rio de Janeiro e em São Luís. As reuniões foram realizadas entre 09 e 30 de junho de 2011 na UNITI/UFMA e entre 14 de outubro de 2011 a abril de 2012 na UnATI/UERJ. Após aprovado por uma Banca na PUC-Rio, o Projeto de Pesquisa foi submetido e autorizado pelo Comitê Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP, por meio da Comissão de Ética em Pesquisa da UERJ (Anexo 1), para a realização do estudo com idosos alunos de programas da UnATI/UERJ e da UNITI/UFMA e profissionais destes espaços. Só iniciamos a pesquisa na UNITI, após autorização do Pró-Reitor de Extensão da UFMA em 2011, o professor doutor Antônio Luiz Amaral Pereira e da Coordenadora Geral da UNITI, professora Hortência Maciel Gago Araújo.

Realizadas em salas reservadas para as mesmas, preservando o anonimato dos participantes, as reuniões e as entrevistas semi-estruturadas só ocorreram, após a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido - TCLE, pelos sujeitos da pesquisa (idosos e profissionais). E, logo após consentirem livremente, manifestando a sua vontade em participar da mesma, pessoalmente e por escrito, assinando o Termo, em duas vias - sujeitos e esta pesquisadora -, momento em que entregamos uma cópia para cada participante. As reuniões e as entrevistas, marcadas com antecedência, seguiram um roteiro previamente elaborado com questões abertas para facilitar a sua ampliação e seu aprofundamento (Anexo 2). Foram gravadas, transcritas e analisadas à luz da compreensão arendtiana.

Os resultados da pesquisa serão comunicados aos sujeitos participantes de São Luís e do Rio de Janeiro, ao concluirmos a Tese, por meio de reuniões, palestras ou formas alternativas de apresentação, inclusive convidando-os para a

apresentação da Tese à Banca. Também publicaremos esses resultados em artigos e outras formas de produção, veiculadas em eventos e periódicos científicos.

A pesquisa envolveu um total geral de 117 sujeitos, reunindo os de São Luís e os do Rio de Janeiro. Em São Luís foram 81 sujeitos e no Rio de Janeiro, 36 sujeitos. Para melhor compreendermos a amizade e seu reatamento na cidadania dos idosos da UNITI e da UnATI, constituímos três grupos de sujeitos participantes, em cada cidade - São Luís (MA) e Rio de Janeiro (RJ) -, de acordo com a realidade encontrada em cada uma delas, como segue.

Na cidade de São Luís

Fizemos reuniões com **alunos idosos** da UNITI, que compreende aqueles sujeitos inseridos no Curso desse projeto em 2011. Participaram das reuniões, 66 alunos idosos, sendo 06 homens e 60 mulheres. Realizamos entrevistas com o segundo grupo, que denominamos **idosos das associações** e com o terceiro grupo, que são os **profissionais**.

Os **idosos das associações** totalizaram 09 sujeitos (02 homens e 07 mulheres) e compreendem duas categorias: a primeira categoria é composta por idosos que cursaram a UNITI, sendo atualmente ex-alunos e a segunda categoria é formada por idosos que não participaram do curso desse projeto. Entre os ex-alunos, constitui um primeiro subgrupo, três idosas que já haviam criado grupos em seu bairro, transformados em Clubes da Melhor Idade, assim passando de coordenadoras a dirigentes desses espaços. Estes clubes são filiados à Empresa Maranhense de Turismo - EMATUR e, conseqüentemente à Empresa Brasileira de Turismo - EMBRATUR. ASO5 pertencente a esta categoria é uma das representantes da Associação Brasileira dos Clubes da Melhor Idade. Estas três idosas integraram a UNITI, logo na primeira turma. ASO9, uma delas, representava seu clube, que, enquanto sociedade civil, fazia parte do Fórum Permanente da Terceira Idade. Nesse contexto, inclusive, foi fundadora do Fórum, ocupando o cargo de Tesoureira na primeira Diretoria.

ASO9 também participou da reunião em que surgiu a proposta de criação da UNITI. Segundo este contexto, ela pode, em nosso entendimento, ser considerada um dos sujeitos idosos que contribuiu para fundar a UNITI, até por que, sem os idosos não haveria a primeira Turma de alunos. O segundo subgrupo

de ex-alunos são idosos que foram alunos da UNITI, já na década de 2000 e, após a conclusão, fundaram sua associação, sendo seus dirigentes. O terceiro subgrupo de ex-alunos é composto por idosos que cursaram a UNITI na década de 2000 e integram a AAUNI como alunos. A segunda categoria de **idosos das associações** é integrada por duas idosas que não foram alunas da UNITI, mas dirigem um clube de idosos.

O terceiro grupo de sujeitos entrevistados em São Luís são os **profissionais**, em um total de 06 - 01 homem e 05 mulheres -, sendo este constituído por professoras da UNITI, integrantes do Fórum Permanente, dos Conselhos (Municipal e Estadual) e CIAPVI, entre eles, sujeitos que participaram da criação da UNITI.

Antes de irmos para São Luís, em nosso contato telefônico com a assistente social Socorro Ramos, e por sua orientação, realizamos um contato telefônico com a responsável pela AAUNI, uma das ex-alunas da UNITI. Essa senhora esclareceu-nos que os atuais alunos da AAUNI concluíram a UNITI no final de 2010. Estes idosos fazem parte do Projeto “Atualidade” e estão ensaiando uma peça teatral a ser apresentada no encerramento da Campanha organizada pelo CIAPVI, já mencionada.

Também estão ensaiando uma Quadrilha, junto com alguns alunos da UNITI a ser apresentada nas festas juninas, sob a coordenação dos professores de Educação Física da Associação dos Amigos da Universidade Integrada à Terceira Idade - AAUNI. Já havíamos conhecido os atuais idosos da AAUNI, quando estivemos na UNITI em 2010, em nossa primeira aproximação com esse campo. Naquela ocasião, os idosos foram bastante receptivos à nossa presença e isso nos deixou otimistas em 2011.

O projeto “Atualidade”, que tem uma perspectiva de “assegurar uma melhoria na qualidade de vida” dos idosos, foi criado e é desenvolvido pela AAUNI, Organização Social por decreto Estadual nº 18.278 de 29/10/2001, em parceria com o Núcleo de Capacitação e Estudos do Processo do Envelhecimento - NUCEPE/UFMA. Este projeto “tem como linha de apoio a manutenção, prevenção e reabilitação das funções sensório-motoras do processo de envelhecimento e no controle das doenças crônicas, além de proporcionar ao idoso um envelhecimento ativo, para que ele se sinta parte integrante de sua comunidade”.

Suas ações são desenvolvidas por uma equipe interdisciplinar e coordenadas pelo Departamento de Educação Física, tendo os Departamentos de Psicologia, Artes, História como auxiliares, que proporcionarão atividades recreativas, avaliativas da qualidade de vida dos idosos participantes”. O projeto destina-se à comunidade idosa da cidade de São Luís e/ou idosos Egressos/participantes do Programa da Universidade Integrada da Terceira Idade/UNITI (MEC, 2012).

Na cidade do Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro, os três grupos foram assim constituídos: 29 **alunos idosos** da UnATI, sendo 02 homens e 27 mulheres, com os quais fizemos reuniões. Entrevistamos 02 **profissionais** da equipe da UnATI/UERJ. Participaram das entrevistas também 05 idosos alunos desse programa, sendo 01 homem e 04 mulheres, que se fizeram presentes no Fórum de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade e Encontro de idosos alunos das Universidades de Terceira Idade realizado em Manaus (AM) em 2011. Entre eles, alguns exercem ou exerceram a representação de turmas. Dois desses idosos exercem a representação geral dos alunos da UnATI/UERJ.

Outro espaço observado foi a Assembleia dos alunos idosos do Fórum citado, que ocorre no último dia do Fórum de Coordenadores. Como informação complementar, vale dizer que na UNITI não encontramos idosos participantes dos Fóruns de Coordenadores. Os Fóruns de coordenadores são organizados pelos projetos e programas de universidades para a terceira idade, realizados a cada dois anos no Brasil junto com o encontro de idosos alunos desses programas. O Fórum, segundo esta professora, constitui “um espaço aberto e democrático de discussões e reflexões, visando à elaboração coletiva de proposições de cunho social, política, científico, cultural para atender interesses específicos de um seguimento” (Silva, 2007).

Esses Fóruns são importantes, por que promovem, inclusive o diálogo e a reflexão das ideias individuais e coletivas; fortalecem os diversos indicativos de uma condição para melhoria de vida; socializam conhecimentos e experiências, elaboram propostas de enfrentamento das questões sociais relacionadas à velhice; sistematizam propostas que se tornam referências para as políticas públicas;

integram e arregimenta parcerias entre as diversas instâncias da sociedade (Silva, 2007).

Em 2009, foi realizado o XI Fórum de coordenadores e o X Encontro de estudantes de Terceira Idade em Recife/PE e em 2011, Manaus sediou o XII Fórum e XI Encontro. Esses eventos envolvem diversos sujeitos, entre eles: estudantes da 3ª Idade, professores, pesquisadores, coordenadores de projetos, comunitários, Ministério da Educação, CAPES, Ministério da Cultura, Ministério da Saúde, Instituições diversas (SESI, SESC, SBGG, ANG, GEAP). A UNITI/UFMA sediou o VII Fórum e VI Encontro realizado em 2001, no segundo Fórum e Fortaleza/CE não houve a reunião dos alunos idosos e o Rio de Janeiro nunca sediou os fóruns nacionais.

Os idosos do Fórum de Coordenadores, sujeitos da nossa pesquisa do Rio de Janeiro, tanto como nós, integraram o "XII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos de Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e XI Encontro Nacional de Estudantes de Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior", realizados entre 29 de outubro a 1º de novembro de 2011 em Manaus capital de Amazonas. A Assembleia dos alunos nesse evento mostrou o exercício da amizade e da política desses sujeitos. Além de participarmos como ouvintes e apresentarmos trabalhos, assistimos e gravamos a assembleia dos alunos com a autorização da coordenação da Mesa, a professora Carmen Maria Andrade da Universidade Federal de Santa Maria no Rio Grande do Sul - UFSM. O resultado desta Assembleia está registrada na Carta de Manaus (Anexo 3).

Ampliando o conhecimento, a respeito dos Fóruns e de outras iniciativas, registramos que o primeiro Fórum de Coordenadores das Ações de Ensino na Terceira Idade foi realizado em 1991, em Florianópolis e organizado pelo Núcleo de Estudos da Terceira Idade - NETI que pertence à Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC. Nessa ocasião, também foi realizado o Iº Encontro Nacional de Estudantes Universitários da Terceira Idade. “Junto com a coordenação, nossos alunos planejaram, organizaram e administraram com grande sucesso, todas as atividades do evento. A partir de então, nossos alunos sempre viajam pelo Brasil, participando ativamente de eventos relacionados à Terceira Idade” (Grünwald & Souza, 2004, p. 79). Este primeiro Fórum de Coordenadores, assim, mostra um engajamento ativo dos alunos idosos do NETI,

na organização daquele evento. Em anexo, apresentamos a relação de todos os Fóruns já realizados até a presente data (Anexo 4).

Em 01.06.2012 foi criada a Associação Brasileira das Universidades Abertas À Terceira Idade, ABrUnATI, com o objetivo de “desenvolver atividades ligadas às questões concernentes ao processo de envelhecimento humano, bem como a valorização da pessoa idosa e sua inclusão na sociedade através das ações universitárias” (Congresso..., 2013).

Os Fóruns de Coordenadores, como serão chamados nesta Tese, assim diferenciando-os do Fórum Permanente, ocorrem a cada dois anos e constituem um dos espaços de aprendizagem, amizade e cidadania na terceira idade. O Fórum de Coordenadores de Projetos de Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior realizará sua XIII edição em 2013 e a XII versão do Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e integrarão o I Congresso Internacional da ABrUnATI. Estes eventos serão realizados em 29 de Setembro a 02 de Outubro de 2013, em Foz do Iguaçu, Estado do Paraná, na Universidade da Terceira Idade da Universidade do Estado do Oeste do Paraná - UnATI/UniOeste.

Desafios da Compreensão

Optamos por iniciar a pesquisa em São Luís, pela grande distância do Rio de Janeiro, local da nossa residência. Então, logo após a autorização do Projeto pelo Comitê de Ética, viajamos para aquela capital. Em São Luís, antes de iniciarmos a pesquisa de campo, dia 30 de maio, formamos a equipe de auxiliares da pesquisa com duas alunas da Faculdade de História e uma aluna de Serviço Social da UFMA. Não foi difícil organizar essa equipe, pois antes de sair do Rio de Janeiro havíamos comentado com a nossa sobrinha Tayná Cuba e ela formou a equipe, sendo uma das integrantes.

Nossa primeira reunião com a equipe foi no dia 31 de maio de 2011 na Igreja de Santo Antônio, que estava sendo arrumada em seu exterior com bandeirinhas para a festa junina, especialmente para 13 de junho de 2011. Esclarecemos sobre o projeto de pesquisa, objetivos da mesma, a participação voluntária da equipe, uma vez que está sendo custeada por nós e mostramos as atividades a serem desempenhadas por elas. Entre as atividades, solicitamos que

registrassem os relatos dos idosos apesar de serem gravadas, assim como as emoções, o comportamento e o que mais observassem. Foi a vontade de adquirir novos conhecimentos e por amizade que essa equipe foi formada e levou as alunas a participar voluntariamente: a amizade ao conhecimento. No Rio de Janeiro, nossas auxiliares foram as próprias estagiárias dos projetos, em um total de nove, em que participavam os idosos com quem fizemos as reuniões.

Em nossa chegada em São Luís, no dia 23 de maio de 2011, uma greve de ônibus afetou as atividades da UNITI, reduzindo a frequência dos idosos. A TV Mirante, assim iniciava a reportagem sobre a greve, em 24 de maio de 2011: “A greve dos trabalhadores rodoviários entra, hoje (24), no segundo dia de paralisação” (Imirante.Com, 2011). Os ônibus voltaram a circular normalmente no dia 27 de maio, sexta feira.

Diante da greve, fizemos contato com uma amiga aposentada e ela informou-nos sobre o ensaio do grupo de Bumba-Meu-Boi de idosos no qual participa e, que integra um programa de Atenção ao Idoso, com apresentações durante as festas juninas. Essa informação despertou-nos uma curiosidade em saber se os alunos da UNITI também se apresentam nessa forma de expressão cultural. Nossa amiga sabia da Quadrilha e grupos de Bumba-Meu-Boi do SESC-Deodoro apresentados por idosos e recomendou que fôssemos assistir, no período junino, aumentando a nossa vontade de conhecer todas essas inovações da terceira idade em São Luís. Ficamos atentas com essa informação sobre os idosos no Bumba-Meu-Boi, que já constituía uma das pistas de amizade e de cidadania.

No contato com essa amiga e com a coordenadora da UNITI e outras assistentes sociais, fomos informadas sobre a campanha contra a violência contra o idoso, evento recomendado pela ONU que é realizado em todo o Brasil. A Rede Mirante noticiou esse evento em 1º de junho de 2011, organizado pelo Centro Integrado de Apoio e Prevenção à Violência contra a Pessoa Idosa (CIAPVI), da Defensoria Pública do Estado (DPE/MA). A intenção era “[...] sensibilizar a sociedade civil sobre as diversas formas de violência contra o idoso”. A campanha ocorreu em nível estadual e se estendeu até o dia 15 de junho, segundo o noticiário e veiculação na mídia impressa e televisada, sendo as atividades desenvolvidas “em diferentes pontos da cidade” (SECOM, 01.06.2011). No Maranhão, a campanha contou com a parceria dos Conselhos Estadual e

Municipal do Idoso e de diversas instituições do governo e da sociedade civil (SECOM, 2011).

Para nos mantermos informadas sobre as ações desse evento, para participarmos, mas de certa forma impedidas de grandes deslocamentos com a paralização dos ônibus, fizemos contatos com alguns sujeitos da pesquisa (idosos das associações e profissionais), para confirmarmos sua participação. Decidimos desenvolver uma rotina, em São Luís, enquanto não iniciávamos o roteiro previsto para a pesquisa de campo, ou seja, integrando-nos à vida da cidade como se lá residíssemos. Assim, íamos ao shopping, aos cafés, livrarias, arraiais etc., íamos encontrar amigos, parentes e realizar atividades próprias desses lugares.

Além disso, nossa intenção era compreender a circulação dos idosos da cidade de São Luís: com quem estão acompanhados e como se expressam nos espaços da cidade. Foi assim que conhecemos alguns sujeitos-chave para a nossa pesquisa, como PROF3 e PROF6. A perspectiva compreensiva permitiu que convergíssemos em nosso estudo para a realização de uma observação inspirada na Etnografia com característica de observação flutuante. A observação, “inspirada na etnografia”, na esfera pública, especialmente em São Luís, durante e depois das entrevistas e reuniões, permitiu-nos melhor apreender o universo da amizade e a presença da população idosa nesta cidade.

No entanto, não constituiu uma Etnografia *stricto sensu*. Etnografia, segundo Ferreira (2008, p. 383) em seu minidicionário da língua portuguesa significa: “Estudo descritivo de um ou mais aspectos sociais e culturais de um povo, grupo social, etc.” Não era esse o nosso objetivo em nossas observações e, enquanto assistentes sociais, não estamos capacitadas para uma abordagem etnológica e uma pesquisa sociológica por excelência. E, não era nossa intenção, transformar o familiar em exótico (DaMatta, 1987).

A observação consistiu em um olhar com espanto para os aspectos familiares na esfera pública, como se os víssemos pela primeira vez, além de “refletir sobre o que estamos fazendo” (Arendt, 2002 a, p. 13). Em outras palavras, buscamos compreender com estranhamento os costumes em comum da sociedade ludovicense (comportamento, gestos, discursos etc.).

A observação flutuante, que consiste em uma disponibilidade e um “se manter vago”, sem fixar a observação em um objeto preciso, “mas em deixá-la ‘flutuar’ de modo que as informações penetrem sem filtro, sem *a priori*, até o

momento em que pontos de referência, de convergências, apareçam e nós chegamos, então a descobrir as regras subjacentes” (Pétonnet, 2009, p. 102). Assim, nas entrevistas e nas reuniões realizamos uma observação, para além do conteúdo verbalizado pelos sujeitos, ou seja, buscamos compreender o conteúdo subjacente, os gestos e os comportamentos. Para melhor compreensão desse momento, descrevemos, a seguir, o que apreendemos nesse período.

Observações inspiradas na Etnografia em São Luís

No período de 07 a 10 de junho de 2011, participamos de um Simpósio da Faculdade de História da Universidade Estadual do Maranhão realizado na Faculdade de Arquitetura, no Centro Histórico de São Luís, com o título de “Maranhão Oitocentista: disputas políticas e práticas de poder”. Nesse evento, priorizamos as apresentações sobre a história do Maranhão e de São Luís, as festas e a sociabilidade, para melhor conhecermos essa capital, *locus* da UNITI. Além disso, esse evento possibilitou-nos conhecer a mobilidade urbana dessa cidade e dos seus cidadãos idosos, inclusive, integrando-se nas diversas festas, tais como o Bumba-Meu-Boi, um dos meios propiciadores do exercício da amizade. Esse evento, foi importante, pois já nos fornecia indícios de amizade e de cidadania em São Luís, a exemplo de um dos palestrantes que falava das festas como espaços de lazer, referindo-se também ao Bumba-Meu-Boi como forma de resistência e a participação dos idosos na mesma.

Não tivemos oportunidade de assistir aos ensaios do grupo de Bumba-Meu-Boi em que participa nossa amiga, devido às dificuldades com o transporte público, cuja greve demorou a encerrar. Entretanto participamos da Campanha contra a violência aos idosos promovida pelo CIAPVI, mas apenas no dia 15 de junho de 2011, em seu encerramento no Teatro Alcione Nazaré.

Essa parte do evento constituiu um momento cultural com a apresentação dos idosos da AAUNI e idosos de outros programas. A AAUNI apresentou a história de Chapeuzinho Vermelho, mostrando a violência contra os idosos e os direitos. Ao final da peça, subiu ao palco o Presidente do Conselho Estadual do Idoso para esclarecer sobre os direitos desta geração e informou os espaços de denúncia sobre a violência contra os idosos e a forma de acessar os direitos em São Luís. Essas informações foram realizadas, dialogando com os personagens da

mãe e de chapeuzinho vermelho, representadas por duas idosas da AAUNI e ex-alunas da UNITI. A peça foi acompanhada por músicas cantadas pelo Coral de idosos da AAUNI. Convidadas pela presidente da AAUNI, falamos ao público sobre a importância do evento, associando às ideias de Hannah Arendt sobre a temática da violência.

Participar deste evento foi também uma tentativa de aproximação com os idosos e profissionais dos programas. De fato, pois lá encontramos algumas idosas da UNITI e da AAUNI com quem conversamos e conhecemos as representantes dos Conselhos de idosos, SESC, CIAPVI e outros sujeitos importantes para o nosso estudo. Além de autoridades e profissionais, a plateia estava repleta de idosos - mais mulheres do que homens -, inclusive acompanhados de pessoas da família de todas as idades, inclusive uma das idosas apresentou-nos sua filha.

Observamos que uma das idosas da UNITI participou da Dança Portuguesa apresentada pelo Programa de Ação Integrada para o Aposentado - PAI, de âmbito estadual e com ela conversamos na plateia, mostrando que estes sujeitos se integram a diversos grupos na cidade, inclusive nas manifestações da cultura e desse modo exercitam a amizade e ampliam a sua cidadania. Foi comentário recorrente e elogioso, o Bumba-Meu-Boi do SESC - Deodoro formado por idosos em São Luís que é muito conhecido. Não imaginávamos que em São Luís os idosos fossem tão participativos nas expressões culturais, principalmente no Bumba-Meu-Boi, como mostrou a nossa observação (Cuba, 2011, Diário de Campo).

Após observarmos a circulação dos idosos de uma forma generalizada na cidade de São Luís - com quem estão acompanhados e como se expressam nos espaços da cidade -, anotávamos em nosso Diário de Campo os comportamentos, o ambiente, as intervenções de outros sujeitos, os diálogos informais com os nossos amigos e com desconhecidos, dos quais nos aproximávamos ou aqueles que se aproximavam de nós.

Na UNITI interagimos com os idosos, em todos os momentos em que estávamos próximos, não só durante as reuniões. Além da observação e do diálogo estabelecidos na UNITI, na plateia dos arraiais e outros lugares de São Luís, realizamos contatos e conversas com nossos parentes, com nossos amigos e

com desconhecidos, para melhor compreendermos a amizade e a cidadania dos idosos nesta cidade.

Notamos que os idosos de São Luís estão, quase sempre, acompanhados no shopping, nas lojas, nas ruas, no supermercado e em outros espaços da cidade, especialmente as mulheres. As mulheres idosas - algumas de cabelos brancos -, estão sempre acompanhadas de duas ou mais pessoas mais jovens e crianças - homens e mulheres ou somente mulheres adultas. Parecem seus familiares, pela proximidade física entre eles, às vezes de mãos dadas ou ao lado do outro, abraçados pelo ombro. Os homens, geralmente estão sós. Condição esta, confirmada, não só nas conversas com nossos parentes e como nossas amigas, como nas reuniões, entrevistas e nas observações na UNITI e nos diversos espaços da cidade, frequentados por nós. Na UNITI, algumas idosas relataram irem para suas aulas acompanhadas de uma filha, de um filho ou do neto e nos apresentavam esses familiares.

Em São Luís, circulam poucos idosos⁴¹ nas ruas, nas lojas, no Centro Histórico e outros espaços. No Centro Cultural Odylo Costa Filho, no dia 1º de junho, em uma sala de aula de Artes - pintura -, entre as alunas, haviam duas idosas. No Mercado do Centro Histórico, próximo à Biblioteca que frequentamos - Ferreira Gullar -, idosos, além de outras gerações, ocupam boxes ou o centro do Mercado, vendendo produtos diversos, inclusive ervas e especiarias.

Nos arraiais, ao som dos tambores das expressões culturais, especialmente do Bumba-Meu-Boi, encontramos parentes e amigos, assim como conhecemos e aprofundamos conhecimentos com sujeitos importantes para a nossa pesquisa. Encontramos uma amiga e seus filhos, vestidos a caráter, juntaram-se a nós, nosso filho e marido e atualizamos a conversa e dançamos, durante a apresentação do grupo do seu pai, o dono de um dos grupos de Bumba-Meu-Boi mais antigos e tradicionais do Maranhão. Observamos que nos arraiais, onde os grupos de Bumba-Meu-Boi se apresentam, os idosos estão sempre acompanhados da família e encontram as amigas, como se pode observar pelos cumprimentos. Poucos idosos da UNITI disseram ir com as amigas aos arraiais (Cuba, 2011). Esses aspectos mostram uma presença dos idosos na esfera pública de São Luís, em diversos espaços e por meio de diversas formas.

⁴¹ Referimo-nos aos idosos de maneira geral, não aos idosos da UNITI, especificamente.

Reuniões em São Luís

Ao distribuímos o TCLE para os idosos na UNITI e, quando eles viam a categoria “amizade” no título do projeto de pesquisa, sorriam ou se entreolhavam, olhavam-nos, como se tivessem gostado de ver a palavra AMIZADE no TCLE. Ficamos alegres com esse comportamento dos idosos, pois indicava que estávamos no caminho certo. Também comentavam em voz baixa: “amizade”, “Amizade na família”, “Essa é boa”, “Amizade verdadeira dos idosos”, “Amizade dos idosos na família é melhor”. Essas falas, além de mostrar-nos pistas da importância da temática da nossa pesquisa - amizade -, também sugerem caminhos a serem seguidos e aprofundados em pesquisas futuras.

Antes de iniciarmos as entrevistas e as reuniões em São Luís e no Rio de Janeiro, como veremos adiante, elaboramos e distribuímos a todos os participantes um questionário com perguntas abertas e fechadas para obter informações sobre a identificação de cada sujeito. Nosso objetivo foi identificar os sujeitos da pesquisa para traçarmos seu perfil, assim como, descontraí-los para as entrevistas e as reuniões.

Desse modo, entre os alunos da UNITI, o preenchimento do formulário de perfil de ambas as turmas provocou um diálogo entre eles sobre os bairros e cidades comuns, ônibus que utilizam para chegar na UNITI e outros aspectos, mostrando-se surpresos por não terem se conhecido antes, em suas localidades. Um ponto comum entre os idosos de todas as turmas da UNITI, enquanto preenchiam o questionário, eram os comentários que eles iam tecendo sobre os assuntos surgidos, quando esclarecíamos sobre a pesquisa e os seus objetivos, logo emitindo suas opiniões, especialmente sobre a amizade.

Isso indica, em nossa opinião, que, mesmo residindo no mesmo local, São Luís, pelo menos em alguns bairros, tem um cotidiano de metrópole, onde os sujeitos não sentam mais nas calçadas para conversar, ver e cumprimentar os vizinhos e os amigos. Esse costume que, outrora era comum, vem se perdendo, especialmente no perímetro urbano das grandes cidades, tal como retrata Montello (1999). Sobre esses costumes, diz Montello (1999, p. 11) que: “Por esse tempo o bairro era outro na cidade tranquila. Hoje predominam os edifícios que se alongam para o alto, com dez andares, quinze, e mais, como se buscassem encontrar as nuvens ou as estrelas”. Em nossa pesquisa, não eram as estrelas, mas

o sol, a chuva e muito calor que nos envolviam, o que não se tornava divertido, tal como no mundo de lembranças de Montello (1999), mas, um dos desafios encontrados.

O detalhamento das nossas anotações permitiu complementar, confirmar e revelar os dados obtidos nas reuniões com os idosos da UNITI e nas entrevistas com os demais idosos e com os profissionais. Por exemplo, nas primeiras reuniões, quando os idosos comentaram sobre os ensaios da Quadrilha e perguntávamos sobre os espaços que frequentam na cidade, eles nos olhavam e falavam de outros espaços. Isso era interessante, pois a cidade se preparava para esse grande evento que é o período junino de São Luís e do Maranhão.

Mas, vendo e ouvindo os sujeitos idosos nos arraiais, nas apresentações do SESC-Deodoro e outros, fomos descobrindo o valor das canções, dos gestos, da festa, das comemorações, da amizade a integrá-los entre si e a outras gerações. Ficamos atentas às pistas que os idosos nos forneciam, para trilharmos durante a pesquisa. Isto por que, a realidade social é ‘feita de pequenos momentos’, que criam ‘hábitos’ (DaMatta, 1987, p. 185), que são socialmente construídos. A festa, que se afirma no coletivo e marca outro estilo de vida, que não o habitual (Neri, 1991), também é propiciadora de sociabilidade ou de relação face-a-face (Peixoto, 1997), consequentemente, de construção e exercício da amizade.

Sobre a importância do detalhamento das observações e anotações, DaMatta, Vasconcellos & Pandolfi (2010, p. 131) esclarecem que: “É nos pequenos detalhes, muitas vezes considerados sem importância, que se encontram informações essenciais e muitas vezes definidoras de uma nova interpretação básica para o aprofundamento da pesquisa”. De fato, pois não descartamos a entrada de outros professores para dar avisos sobre os ensaios da Quadrilha, o diálogo de alguma idosa sobre essa dança, a ida de uma idosa a uma reunião no “Palácio da Governadora”, os sorrisos e outras observações. Estas observações depois mostraram ou confirmaram a presença dos idosos nos diversos espaços da cidade de São Luís, na cultura e na política, construindo amizades.

Como era período de festas juninas, foi recorrente a entrada de professores na sala de reuniões para lembrar ensaios e apresentações da Quadrilha, o que não interferiu na pesquisa, ao contrário, mostrou-nos a importância da cultura para os idosos. Nesse sentido, transmitir avisos, lembrar eventos e informar, foram importantes para mostrar “a força de certos valores sociais” (DaMatta,

Vasconcellos & Pandolfi, 2010, p. 132), tal como a amizade no exercício da cultura e da cidadania dos idosos da UNITI em diversos espaços em que estão presentes em São Luís. A amizade revelada na fala dos idosos expressa uma vontade que trazem para a UNITI. Os idosos também expressam seus valores sociais em sua participação nas diversas formas de expressão cultural de São Luís, direito afirmado no Estatuto do Idoso que mostraram acessar. Assim, se expandem para fora dos muros da própria UNITI. Provavelmente, esses idosos trazem estes valores para o projeto, como experiência acumulada ao longo da vida.

Essa forma de interação na pesquisa aproxima-se daquilo que DaMatta, Vasconcellos & Pandolfi (2010, p. 132) chama de “pesquisa observacional”, em seu estudo sobre o trânsito nas cidades. Segundo este autor: “A pesquisa observacional é uma modalidade na qual o pesquisador se torna participante do universo pesquisado, ficando sujeito às mesmas condições dos fatos ou eventos que observa”. Por isso e, para melhor compreender a forma e o significado da amizade dos idosos dos sujeitos participantes, foi relevante “interagir com o observado no mesmo ambiente e no momento mesmo em que este executa aquilo que é o alvo da própria investigação” (Op. cit.).

Na UNITI a coordenadora autorizou-nos a realizar a pesquisa com a totalidade dos alunos idosos e aceitamos, para não necessitar excluir os sujeitos idosos que já possuem uma trajetória de exclusões. Já conhecíamos quatro idosos das associações, desde 2010; três foram indicados por profissionais dos Conselhos e as demais foram convidadas por suas amigas, entrevistadas por nós. Entre as profissionais, já conhecíamos duas da UNITI e as demais, desde a Campanha do CIAPVI e em um dos arraiais, sendo estes conhecimentos, facilitadores na aceitação destes sujeitos a participarem das entrevistas, quando os convidamos. Além disso, essas profissionais indicaram outros sujeitos, aspecto que facilitou a adesão dos mesmos ao nosso estudo.

Os idosos da UNITI são divididos em três turmas: A, B e C. Cada turma assiste aulas em sala separada, mas quando há muitas ausências, a coordenação junta em uma sala as turmas menores. Quando iniciamos a pesquisa, as turmas B e C estavam assistindo suas aulas na mesma sala, por causa das ausências. As reuniões foram realizadas no horário das aulas das professoras, que ocorrem no turno da tarde, sendo livremente cedido por elas. Cada aula tem a duração de 45

minutos, tempo que se mostrou ineficiente para a realização da reunião, pelo número de participantes que aparentavam grande interesse em participar dos debates.

Para conseguir realizar o debate das categorias propostas, foram necessárias três reuniões com a turma A e quatro com as turmas B e C, juntas, devido o número de participantes. A quarta reunião com estas duas turmas (B e C) durou um tempo menor, pois apenas uma questão necessitava ser debatida: “qualidade de vida”. Apenas uma idosa não concordou em participar da pesquisa, mas ao sair da sala, já do lado de fora, olhava para dentro da sala pela porta entreaberta.

Como as Disciplinas obrigatórias são ministradas em um horário após o outro, as três reuniões com a Turma A ocorreram no mesmo dia da segunda, terceira e quarta reuniões com as Turmas B e C juntas. A frequência às reuniões na UNITI foi variada, no que se refere ao número de participantes. As reuniões com os alunos idosos assim ocorreram: 3 reuniões com a Turma A (dias 13, 16 e 30 de junho); 4 reuniões com as Turmas B e C, agrupadas em uma mesma sala (9, 13, 16 e 30 de junho). Nesse sentido, para efeito da pesquisa, foram 2 grupos, embora compostos de 3 turmas. A 2ª reunião com a Turma A, em que desenvolvemos o tema amizade foi realizado no dia 16.06.2011 com 15 participantes todas mulheres idosas.

Nas reuniões, os alunos idosos, geralmente levantavam, falavam ao mesmo tempo, riam, cantarolavam toadas de Bumba-Meu-Boi, levantavam e sentavam, saíam e retornavam, iam até a porta da sala, principalmente se as nuvens estavam escuras, ameaçando chuva. Relatavam o medo da chuva. Além disso, alguns idosos da turma pediam silêncio aos demais, quando as conversas eram excessivas, durante as reuniões e quando os informes eram passados (Cuba, 2011, Diário de Campo).

Na quarta reunião com os idosos das Turmas B e C juntos, cujo tema do debate foi “qualidade de vida”, sendo realizado em 15 minutos, antes do final do tempo da aula da professora, alguns idosos saíram por causa do medo da chuva. Entretanto, quando começamos o debate, os idosos que permaneceram foram aos poucos, fazendo silêncio e participaram ativamente. Cada um fez questão de emitir sua opinião sobre o tema. Quando necessitavam ausentar-se, antes do final das reuniões, alguns idosos se despediam, outros nos comunicavam, outros

justificavam compromissos previamente agendados, outros lamentavam não poder permanecer e prometiam estar na reunião seguinte.

Para gravar melhor os relatos, levávamos o MP4 até os idosos, colocando bem perto deles. Algumas vezes, as mulheres idosas levantavam, indo ao nosso encontro, para gravarem os seus relatos, em pé, talvez por já estarem mais familiarizadas conosco. Algumas idosas, às vezes saíam dos seus lugares e sentavam mais próximas de nós. Ao final das reuniões agradecíamos e os idosos aplaudiam, assim como quando propuseram o trabalho intergeracional e esclarecemos que o projeto que coordenamos na UnATI/UERJ tem uma atividade nesse sentido, em que a Turma aplaudiu de pé. Ao final da reunião, os idosos perguntam-nos se vamos assistir a Quadrilha da UNITI em que estão se apresentando e se iremos ao arraial assistir o Bumba-Meu-Boi.

Ao final das reuniões e das entrevistas, também agradecíamos aos sujeitos, mas alguns também agradeciam pela oportunidade de nos conhecerem, inclusive de estarem, pela primeira vez, participando de pesquisas e se disponibilizavam para o que necessitássemos. Inclusive desejavam “felicidade pra senhora” (ASO1); “Muito obrigado mesmo, estou feliz” (ASO2). Também foi comum, após as reuniões, os alunos da UNITI despedirem-se jogando beijos e desejarem: “Que Deus lhe abençoe e à sua pesquisa”.

As professoras geralmente nos apresentavam aos idosos, dizendo que eles e a UNITI são “privilegiados”, é uma “honra” termos saído do Rio de Janeiro e tê-los escolhido e ao projeto para a nossa pesquisa. Os idosos acenavam afirmativamente com a cabeça e sorrindo, agradeciam, parecendo orgulhosos, lisonjeados e valorizados. Ao deixar-nos só com os idosos, uma das professoras dizia para ficarmos “bem à vontade”.

Agradecíamos às professoras seus esclarecimentos ao grupo e relatávamos aos idosos todo o processo da pesquisa e a sua operacionalização. Entendemos que essa forma de apresentação, também contribuiu para a participação de um grande número de idosos, sendo a frequência às reuniões diversificada: na Turma A, no dia 16.06.2011, eram 15 mulheres, no dia 30.06.2011 eram 12 idosos (1 homem e 11 mulheres).

As Turmas B e C sempre juntas: dia 09.06.2011 eram 18 alunos (17 mulheres e 1 homem) com a presença de uma auxiliar da pesquisa, dia 13.06.2011 havia 25 idosos (1 homem e 24 mulheres), dia 16.06.2011 havia 42 idosos (4

homens e 38 mulheres) e no dia 30.06.2011 eram 13 idosos. Não conseguimos precisar a quantidade de homens e mulheres nesse dia, dado o curto tempo da reunião, pois apenas quisemos saber sua percepção sobre qualidade de vida e, eles saíam aos poucos, por causa da ameaça de chuva.

Nas reuniões, assim como nas entrevistas com os idosos (alunos, ex-alunos da UNITI e da UnATI) e com os profissionais, os temas que apresentamos para serem debatidos foram: amizade, política, direitos, cidadão e cidadania, diálogo, UNITI e UnATI e conquista de direitos e de amizades, sugestões para a UNITI e para a UnATI. Nos debates foram surgindo outros temas apresentados pelos sujeitos da pesquisa, tais como os ligados à cultura popular como as festas juninas, especialmente o Bumba-Meu-Boi em São Luís e o samba e o carnaval no Rio de Janeiro, que são manifestações populares fortes nessas cidades e, como mostra a literatura, referências nacionais. Em São Luís o tema da cultura surgiu mais forte, até porque era a época dessas festas. Os demais temas ou categorias também apresentados pelos idosos, da UNITI e da UnATI, serão apresentados na análise dos dados.

Ana Célia Franco, na avaliação com a equipe de pesquisa, comentou que “os alunos estavam entusiasmados” com a perspectiva do debate sobre “o tema Amizade e a importância do idoso na família na sociedade” (Cuba, 13.06.2011, Diário de Campo). Esta auxiliar de pesquisa também observou que “muitos pediram outro encontro” e “acharam muito interessante”. Ressaltou que “os idosos, apesar da idade, são muito esforçados e receptivos com as pessoas quando adentram nas salas de aulas” (Cuba, 2011, Diário de Campo). Com efeito, os idosos mostraram uma grande receptividade à pesquisa, mostrado, inclusive pelo número de participantes.

Entrevistas em São Luís e outros assuntos gerais

Em São Luís realizamos entrevistas no Conselho Estadual do idoso, no CIAPVI e na residência de uma idosa que denominamos ASO9. Estávamos mais à vontade, pois já havíamos estreitado nossos laços com PROF6, no evento de encerramento da Campanha contra a Violência Contra o Idoso e em um arraial em que conhecemos a PROF3. PROF2 relatou-nos que há uma forma de amizade, uma relação muito próxima entre as equipes dos Conselhos, da AAUNI e da

UNITI, que, segundo acredita a PROF2, é muito importante para a viabilização dos trabalhos com idosos em São Luís (Sic).

PROF3 relata que há “mais de 300 grupos de idosos em São Luís.” Segundo a PROF3, todos os grupos deveriam estar registrados no Conselho Municipal do Idoso, mas apenas 53 têm o registro. PROF2 e PROF3 mostram disponibilidade em colaborar com a pesquisa, facilitando o nosso acesso às informações e aos sujeitos.

As entrevistas semi-estruturadas associaram perguntas fechadas (dados de identificação) e abertas, em que os sujeitos falaram livremente sobre o tema proposto, seguindo a classificação de Honningmann (apud Minayo, 1999). O respeito, a responsabilidade, a crítica, o acolhimento, o cuidado por parte desta pesquisadora e dos sujeitos permearam as reuniões e as entrevistas. Uma certa forma de amizade foi criada durante o período da pesquisa, entre os sujeitos idosos e, entre eles e nós.

Segundo Bosi (2003), a entrevista ideal envolve responsabilidade pelo outro, permite a formação de laços de amizade e deve durar o mesmo tempo que dura a amizade. Nessa linha de raciocínio, não realizamos uma pesquisa ideal, e nem todos os laços criados permanecerão, para além do tempo da pesquisa. Entretanto, estabelecemos com os sujeitos um diálogo “desarmado de signos de classe, de *status*, de instrução”, tal como Guimarães Rosa (apud Bosi, 2003, p. 60) compreende a amizade.

Estamos de acordo com Bosi (2003) que na entrevista:

Narrador e ouvinte irão participar de uma aventura comum e provarão, no final, um sentimento de gratidão pelo que ocorreu: o ouvinte, pelo que aprendeu; o narrador, pelo justo orgulho de ter um passado tão digno de rememorar quanto o das pessoas importantes. Ambos sairão transformados pela convivência dotada de uma qualidade única de atenção. Ambos sofrem o peso de estereótipos, de uma consciência possível de classe, e precisam saber lidar com esses fatores no curso da entrevista (Bosi, 2003, p. 64).

As opiniões trocadas nas entrevistas e nas reuniões expressaram valores e aprofundaram os conhecimentos sobre os sujeitos da pesquisa, o que possibilitou a identificação entre os idosos da UNITI/UFMA e da UnATI/RJ e estreitou a amizade entre eles, principalmente na UNITI.

O primeiro contato com os alunos da AAUNI ocorreu antes de um dos ensaios da Quadrilha, que também tem como componentes, alunos da UNITI. Duas idosas da UNITI, ali presentes haviam participado da reunião anterior da pesquisa. Após a nossa apresentação ao grupo de idosos, esclarecemos sobre a pesquisa e as dúvidas que surgiram. Apenas duas idosas participaram.

Com ASO9, usamos a estratégia de ver fotos e reportagens de eventos diversos, desfiles em que ela foi premiada, formatura da UNITI e outros eventos. A entrevista desta idosa foi realizada em sua casa e, ao iniciarmos o diálogo, ela comentou sobre eventos que organizou por meio da Associação e outros em que participou, comentando que havia fotos. Solicitamos que nos mostrasse as fotos, comentamos, elogiamos, tentando quebrar sua resistência inicial. Ocorre que ela alegava, ao chegarmos em sua casa, após a entrevista marcada por telefone, não poder participar da entrevista, por não poder sair de casa, devido a motivos particulares. Entretanto, ao irmos comentando sobre as fotos e reportagens, ela foi também dialogando sobre as questões da entrevista. Desse modo, olhar as fotos deixou a entrevistada mais à vontade.

Inclusive ela relatou preocupação por não ter nos presenteado com nada, nem um convite para almoçar, mas tentamos tranquilizá-la, agradecendo por sua participação na entrevista com o relato da sua experiência, sua garra, sua luta. Ela ri e diz sorrindo: “Tem que ter, mesmo.” Esclarecemos sobre nosso retorno a São Luís, para apresentar os resultados e ela diz: “Quando tu vieres, eu estou aqui” (ASO9). Assim, formamos uma amizade mediada pela pesquisa.

A greve dos ônibus, que nos levou a adiar o início da pesquisa, e o envolvimento dos idosos nos ensaios da Quadrilha, que ocupavam seu tempo além das atividades cotidianas da AAUNI e da UNITI, apesar de ter um aspecto negativo, desafiando-nos, favoreceram o desenvolvimento de outros aspectos do estudo, já citados. Um dos desafios que encontramos na operacionalização da pesquisa foi a organização dos dados do perfil dos idosos, pela quantidade de idosos, pela dificuldade de entender a escrita de alguns e a quantidade de dados. Além disso, a distância entre o bairro em que estávamos hospedadas e a residência das auxiliares de pesquisa, que ainda frequentam aulas e realizam suas próprias pesquisas, dificultando uma presença mais frequente das mesmas em todas as atividades do estudo (Cuba, 2011).

Outro desafio encontrado foram as conversas frequentes entre os alunos idosos durante as reuniões. Além disso, um dos idosos sempre levava mensagens religiosas e as idosas reagiam com murmúrios, ou claramente reclamavam em voz alta. Mostravam ansiedade em iniciar o debate e ficavam impacientes com essa situação. Nós valorizávamos o idoso e lhe deixávamos falar, ao mesmo tempo solicitávamos silêncio aos demais idosos, contornando a tensão que esses momentos originavam.

Ao mesmo tempo, estes idosos pareciam sedentos em nos conhecer melhor, em participar do estudo e com o fornecimento dos seus dados de perfil corretos. Desse modo, mostravam suas carteiras de identidade (RG), perguntavam se deveriam trazer seus Registros de Nascimento e de Casamento, solicitavam que revisássemos os questionários desejando saber se estavam preenchidos corretamente.

Enquanto preenchiam, as idosas falavam entre si, umas pedem ajudas às outras, especialmente aquelas que observamos ter dificuldade de escrever. Essa observação levou-nos a orientar a auxiliar da pesquisa a ajudar as idosas a preencher os dados, sendo aceito por umas e recusado por outras. Notávamos então que algumas delas eram ajudadas por suas amigas de Turma, a preencher as informações sobre o seu perfil e, às vezes, solicitavam a nossa orientação, sobre esse preenchimento e as orientávamos.

Os idosos também interrogavam sobre nosso endereço no Rio de Janeiro, a operadora do nosso telefone móvel, a realização de novas reuniões (se haveria, data, horário). Ao mesmo tempo mostravam-se preocupados em participar dos ensaios da Quadrilha, afirmando: “ah sim, agora como é dentro do horário das aulas, é melhor, é melhor nesse horário”. Apesar desses e de outros desafios enfrentados, estes não prejudicaram a pesquisa e o estudo foi bastante prazeroso tanto em São Luís como no Rio de Janeiro.

Reuniões e entrevistas no Rio de Janeiro

Na UnATI entramos em contato com as assistentes sociais e solicitamos sua autorização para realizarmos as reuniões nos projetos que coordenam. Os idosos dos Fóruns no Rio de Janeiro foram escolhidos aleatoriamente, pois como conhecemos a maioria que participa desses eventos, foi fácil conversar com

alguns durante o mesmo e, ao chegarmos no Rio de Janeiro, marcamos as entrevistas. Frj4, inclusive, levou uma amiga aluna da UnATI inscrita em 2011 e esta aceitou participar da entrevista. As duas profissionais compartilham conosco o mesmo espaço da UnATI/UERJ.

Na UnATI/UERJ, realizamos reuniões com idosos de 5 cursos: Amizade dos Idosos na Família e na Sociedade coordenado por esta pesquisadora; Capacitação para o Voluntariado; Gênero e Etnia, coordenados pela assistente social Sandra Rabello; Iniciação à Biodanza, coordenado pela assistente social Neila dos Santos e Ações de Participação Social e Cidadania na Terceira Idade coordenado pela assistente social Alzira Tereza Garcia Lobato. Apenas com o primeiro, realizamos duas reuniões. Os cursos foram escolhidos por suas coordenadoras.

Algumas entrevistas com os idosos dos Fóruns e com as profissionais ocorreram concomitante às reuniões com os alunos idosos. Duas idosas dos Fóruns foram entrevistadas no período de matrículas da UnATI/UERJ, solicitado por elas. Nessa ocasião, tivemos oportunidade de observar uma parte da reunião de matrícula, em que o Auditório estava repleto de idosos. Os cursos de matrículas nesse dia eram por sorteio, por disponibilizarem poucas vagas. Cabe esclarecer que na UnATI/UERJ existem duas modalidades de matrícula: por sorteio, para os cursos e oficinas que disponibilizam poucas vagas (Teatro, Psicomotricidade, Informática e outros) e por vez de chegada dos idosos, para os cursos que oferecem muitas vagas, a exemplo do curso desta pesquisadora.

Nas reuniões, as nossas estagiárias e as estagiárias das demais coordenadoras dos cursos em que realizamos as reuniões nos auxiliaram, anotando suas observações. No Rio de Janeiro, nossa observação na esfera pública é cotidiana, portanto nos favorece em notar que é recorrente a circulação de um grande número de idosos na rua, no shopping, no sambódromo, nas praias, nas praças e em diversos espaços da cidade propiciadores de amizade. Além disso, nos centros de convivência do Município do Rio de Janeiro, do SESC, da UnATI, entre outros, há uma grande participação dos idosos e isso é notado em nossa observação empírica. No caso da UnATI, na grande frequência de idosos a este programa, além da oferta de um grande número de cursos e oficinas por este programa.

Após a coleta dos dados, em cada cidade, em um primeiro momento, organizamos o material transcrito, considerando o conteúdo manifesto e o latente dos dados obtidos. Isto por que estamos de acordo com Michelat (1980, p.203), que “tudo tem significação” e, aquilo que parece estar ‘fora do campo’ (Michelat, 1980, p.207), às vezes tem uma importância fundamental. Analisamos os conteúdos de todos os relatos gravados e transcritos, assim como dos questionários de perfil, todos os documentos consultados e os registros no Diário de Campo. Além disso, todos os “comentários, observações e especulações” e outros dados foram anotados e analisados e esclareceram questões importantes da pesquisa, segundo as estratégias propostas por Bogdan e Biklen (apud Lüdke & André, 1986).

Esses procedimentos, orientados pela perspectiva compreensiva, permitiram-nos alcançar os propósitos almejados para este estudo. Vale ressaltar os desafios encontrados em uma pesquisa realizada em dois campos, situados em duas cidades distintas, o que exige do pesquisador, rigores, cuidados e atenção redobrada. Os desafios podem ser exemplificados pelos seguintes relatos dos sujeitos e pelos momentos, que apresentamos, a seguir.

Em São Luís, na UNITI, além de participativos, os sujeitos são críticos, ao responder sobre a situação previdenciária, como uma idosa, para dizer que é aposentada: “Professora, o nosso ex-presidente Fernando Henrique falou que quem se aposentou jovem que é vagabundo. Então eu estou na vagabundice dele”. Também nos questionaram o que íamos fazer com os dados coletados nas reuniões e como eles iriam conhecer os resultados da pesquisa, uma vez que residimos no Rio de Janeiro, ao que novamente esclarecíamos sobre o nosso compromisso em retornar e fazer a devolução dos resultados do nosso estudo para eles.

Além disso, responderam com questões a nossa pergunta “o que é política?”, pronunciando-se da seguinte forma: “Política? Qual é a política que a senhora está falando?” Apesar da intervenção de uma idosa, esclarecendo a ele: “política do cidadão”. Ele prosseguiu perguntando: “A política dos ladrões?”. Resolvemos essa questão, dizendo que estava livre para escolher de qual política gostaria de falar e ele apresentou sua concepção sobre a política.

Na UnATI, os alunos idosos mostram-se bastante participativos nas reuniões, fazem perguntas sobre as questões do perfil e, antes de anotarem sua expectativa em relação à UnATI no questionário, verbalizam-na em voz alta:

“Então [...] nós vamos estabelecer um diálogo que tem como objetivo nós auxiliarmos outros idosos? Isso é importante por que nós vamos ficar mais à vontade para dialogar” (H4).

H1 diz, antes de assinar o TCLE, “No passado, eu assinei uma declaração como essa [mostrando o TCLE] e nunca mais tive notícias. Não tive o retorno da pesquisa que eu participei. [...]” (H1).

Após esclarecermos sobre a devolução da pesquisa, H1 diz: “esse esclarecimento é muito importante [...] (assim como) este momento em que todos nós estamos reunidos na busca por conhecimento” (H1).

Esta crítica é realizada de forma ética por esse idoso e consideramos relevante, pois é responsabilidade inerente à pesquisa, apresentar os resultados aos sujeitos e este idoso chama atenção para esse compromisso.

Os idosos da UnATI/UERJ disseram gostar de contribuir com a nossa pesquisa e de participar, pois provoca interação e a forma como divulgamos a pesquisa na sala da Turma D que, para elas foi “muito agradável, comunicativa, tranquila, alegre e extremamente simpática”. Entretanto D6 (Tulipa) mostra certo temor pelo desconhecido da pesquisa: “Vim meio com receio [...]” (D1, Angélica). Entretanto D1 (Angélica) mostra o estreitamento dos laços com as suas amigas de Turma:

Eu endosso tudo isso que elas disseram e acrescento essa doçura de você se dirigir a todas nós e o nome dela gente [...] quer coisa mais linda? [...] para mim foi uma coisa nova, parabéns [...], estou muito feliz de estar com você, a sua simplicidade, [...] tudo isso, me agradou muito e todas as minhas companheiras aqui também. [...] Acho que nós fomos premiadas de estar aqui com você, ouvindo você e falando com você e falando com as nossas amiguinhas aqui também (D1 Angélica).

Nas reuniões, solicitamos que os idosos sentassem em círculo e ficassem bem próximos uns dos outros, para colocarmos o MP4 perto deles, inclusive próximo à sua boca, para melhor gravarmos seus relatos. Os idosos da Turma F sentaram em volta de uma grande mesa, então às vezes, precisávamos dar a volta para aproximar o MP4 daqueles mais distantes. Às vezes, quando uma delas começava a falar, antes da outra terminar, solicitávamos que aguardassem para levarmos o MP4 até elas. Isso foi desafiador, pois, ao mesmo tempo em que as vozes ficaram melhor para transcrever, salvo quando alguma delas tinha o tom de

voz muito baixo, como E8, por outro lado, levar o MP4 até elas foi cansativo e temíamos interromper o seu raciocínio.

Entretanto, esses e outros desafios, como os encontrados em São Luís e já relatados, foram superados pela perseverança, cuidado, apoio, solidariedade e amizade recebidas. Nesse contexto, o nosso estudo foi desenvolvido e prosseguimos traçando um breve contexto dos campos e os relatos dos sujeitos envolvidos.

O mundo comum da amizade dos idosos: São Luís e Rio de Janeiro

Para qualquer pessoa da minha idade que tenha vivido todo o Breve Século XX ou a maior parte dele, isso [compreender e explicar o porquê dos eventos dessa era e sua inter-relação] é também, inevitavelmente, uma empresa autobiográfica. Trata-se de comentar, ampliar (e corrigir) nossas próprias memórias. [...] Somos parte deste século. Ele é parte de nós (Hobsbawm, 2001, p. 13).

Vire-se e me olhe vovó pois o mundo que eu conheci / É diferente do mundo maravilhoso que você me ensinou (Ben Jor, 1969).

Certamente que somos parte igualmente do Brasil, um país tropical, bonito por natureza, segundo as palavras de Jorge Ben Jor, mas que sofreu transformações ao longo dos séculos. Então, ao falar do Rio de Janeiro (RJ) e de São Luís (MA), cidades brasileiras em que realizamos a pesquisa e às quais pertencemos, significa apresentar, pelo menos sucintamente, o Brasil. Na primeira cidade, residimos e trabalhamos e na segunda, estão as nossas origens, mas em ambas, estudamos, construímos e exercitamos a política e a amizade.

Na intenção de compreendermos a amizade, enquanto possibilidade de ampliação da cidadania dos idosos de São Luís e do Rio de Janeiro, faremos um breve estudo sobre essas duas cidades e seus espaços de encontros e possibilidade de criação do vínculo de amizade. Como vivenciamos ativamente uma parte da história do século XX, ao lembrarmos dos fatos pretéritos, estaremos ao mesmo tempo falando um pouco de nós. Daí concordarmos com Hobsbawm (2001) que compreender o que passou constitui, de certa forma, um empreendimento autobiográfico, mesmo não sendo esta uma tese histórica nem autobiográfica.

Entretanto ficamos com as reflexões de Hannah Arendt, que em seu Diário Filosófico, registrou em Março de 1953: “*Comprender engendra profundidad, no sentido. Políticamente, esto significa lo mismo que: encontrar una pátria em el mundo, encontrar-se em casa. Eso es el proceso de la radicación*” (Ludz & Nordmann, 2006, p. 322). Além de possibilitar um aprofundamento das questões e

criar raíces, *por la comprensión en el sentido de reconciliación*” (Op. cit.),⁴² foi no sentido de reconciliação política com as cidades escolhidas para a nossa pesquisa, que escolhemos compreender a amizade da população idosa da UNITI em São Luís e da UnATI no Rio de Janeiro.

Como compreender é um “a priori” para a ação, é também a “[...] forma especificamente política del pensamiento [...] el punto de vista del outro” (Ludz & Nordmann, 2006, p. p. 321). Portanto, concordando com estas anotações de Hannah Arendt, em seu Diário Filosófico, em março de 1953, apresentaremos, em primeiro lugar, São Luís, nossa cidade de origem, com quem primeiramente fazemos nossa reconciliação.

A literatura especializada aqui revisada mostra que há uma complexidade inerente à história do Bumba-Meu-Boi maranhense e o samba, neste incluído o carnaval carioca, por isso tornando difícil a sua análise. Não é nosso objetivo, nesta Tese, analisar essas festas, no entanto, ao apresentar seu contexto entendemos que alguns aspectos da sua origem, ritual e a própria dinâmica nas formas com que são expressas, engendrando formas de interações tais como a amizade, devem ser considerados.

Após a contextualização das cidades de São Luís (MA) e do Rio de Janeiro (RJ), bem como suas formas de manifestação cultural mais expressiva - na primeira cidade, o Bumba-Meu-Boi e na segunda, o samba e a Escola de Samba -, separadamente, apresentaremos os resultados da pesquisa de campo.

⁴² Grifos do original.

7.1. Relatos de São Luís

Maranhense está presente,
e vem para apresentar,
as coisas da nossa terra
do nosso lindo lugar.
[...] Na hora da diversão
até dá gosto falar
temos tambor de crioula,
bumba-boi, cacuriá.⁴³

Na hora da pesquisa tem a amizade dos alunos idosos do projeto UNITI, temática em volta da qual permeia esta Tese.

A seção, que ora apresentamos, propõe uma breve reflexão sobre a cidade de São Luís, buscando compreender a amizade dos idosos ludovicenses, produzida e exercitada, especialmente nos arraiais do ciclo junino e outros espaços de manifestação da expressão cultural que, segundo podemos depreender dos autores consultados, é considerada a festa mais tradicional dessa cidade, o Bumba-Meu-Boi, que se mescla com a identidade da cidade de São Luís.

Nossa atenção se voltará, especialmente, à construção e à prática da amizade na história e nos dias atuais da cidade de São Luís, no contexto dessa festa moderna, que se reatualiza a cada ano. Em outras palavras, nossa intenção é mostrar traços da amizade exercitada em São Luís, o que significa reconhecer também o Maranhão, pois a história conta que este Estado foi conquistado, a partir do lugar que hoje é a cidade de São Luís. Este posicionamento vincula-se às ideias de Borralho (2010, p. 22) ao afirmar que: “O Maranhão, tal como sua capital, é quase uma ilha”.

Somos maranhenses de Guimarães, lugar do Bumba-Meu-Boi de Zabumba, considerado o sotaque⁴⁴ tradicional, grupo original de zabumba, e “raiz

⁴³ FRAZÃO, Raimunda P. Souza. **Presença Nordestina**. In: FRAZÃO, Raimunda P. Souza. **São Luís em Poesia**. São Luís, 1997. s/edit. p. 18.

⁴⁴ Sotaque ou estilo é determinado pelo instrumento de percussão principal, a cidade ou região de origem, o ritmo, a indumentária e a forma de dançar classificam o Bumba-Meu-Boi (ALBERNAZ, 2008). Apesar de controversa, adotamos a classificação tradicional dos sotaques apresentada por Reis (2003), Pereira (2006), que são cinco: Bois da Ilha ou de matracas ou pandeirões, Bois de Pindaré e outras regiões ou da Baixada, Bois de Guimarães ou de zabumba, Bois de Cururupu ou de costa-de-mão, Bois do Munim e imitadores ou de orquestras. As classificações adotadas pela literatura sobre os bumbas e seus sotaques, não formam consenso. “Para uns, existem três sotaques

da cultura” (Pereira, 2006, p. 193; Silva & Ferreira, 2011) O primeiro sotaque de Bumba-Meu-Boi, depois do de matracas e do de Orquestra, segundo Reis (2003) e vivemos nove anos em São Luís. No Rio de Janeiro, a cidade do samba e do carnaval, chegamos em janeiro de 1970, em pleno verão. De Guimarães e de São Luís recordamos a infância, pessoas, família, escola, tambores, amigos, batuques, a escola, início da faculdade e outros aspectos importantes.

No Rio conquistamos amigos, profissão, trabalho e mais. De São Luís, ora estamos próximos, ora muito distantes, mas nessa cidade recarregamos nossas energias afetivas, políticas, festivas. Algumas vezes, nos percebemos estrangeiros nessa cidade, pelo tempo em que nos afastamos de lá, mas em outras, percebemos uma forte familiaridade com a linguagem, os diversos hábitos, a cultura, sua gente amiga e hospitaleira.

Vale acrescentar que, em nossa infância, em Guimarães, as crianças não assistiam a essa festa ou brincadeira⁴⁵, por encerrar de madrugada e com violência. Em nossa juventude em São Luís, na década de 1960, os grupos dessa brincadeira já se apresentavam no bairro do João Paulo, próximo ao que morávamos, mas não participávamos, por que aquele bairro era considerado perigoso e o Bumba-Meu-Boi era tido como um lugar de bêbados e violência. Então, somente os homens participavam.

Certamente que desembarcar nessa cidade tem um significado especial, pois sabemos que conviver com a gente ludovicense, os nativos de São Luís - a família e as amigas - propicia, entre outras coisas, muitas horas de conversa, inclusive sobre o Bumba-Meu-Boi. Isto quer dizer que com as nossas diversas amigas dessa cidade, exercitamos tanto essa dança como a dimensão política no sentido arendtiano. O prazer do retorno é que, parafraseando e tomando de empréstimo e como metáfora algumas palavras de Gonçalves Dias, poeta maranhense, as aves das palmeiras da minha terra, onde canta o sabiá, gorjeiam completamente diferente de qualquer outro lugar.

Essa identidade, que se quer diferenciada, indica uma maranhensidade. Singulares são todas as capitais brasileiras, pois o Brasil é um país inerentemente

originários, Matraca, Zabumba e Orquestra com algumas derivações, outros preferem entender cada sotaque como uma realidade própria, sem se referir as derivações” (SILVA & FERREIRA, 2011, p.3).

⁴⁵ Brincadeira é uma categoria usada no Maranhão para designar apresentações de grupos culturais diversos, não só do Bumba-Meu-Boi.

plural e, é nessa condição, que a sua identidade como Nação foi sendo construída historicamente. Entretanto, vislumbramos neste momento percorrer os estudos de historiadores, antropólogos, cientistas sociais e outros pesquisadores clássicos e contemporâneos da história do Maranhão e de São Luís e da sua expressão cultural máxima - a brincadeira séria⁴⁶ do Bumba-Meu-Boi, e “Maior Espetáculo Popular do Maranhão”, nas ideias de Reis (2003, p. 107).

A fundação de São Luís se confunde com a do Maranhão, um Estado brasileiro que pertence à região Nordeste⁴⁷, fundado na Ilha de São Luís. Está localizado na porção ocidental desta região e tem como limites, ao norte o Oceano Atlântico, a leste o Estado do Piauí, a sul e a oeste os Estados do Pará e Tocantins. A origem do nome Maranhão⁴⁸ é controversa, sendo considerada “a mais apropriada”, a denominação atribuída em 1624 por Simão Estácio da Silveira, relacionada ao rio Marañon, afluente da nascente do rio Amazonas, no Peru (Feitosa & Trovão, 2006, p. 12).

Este Estado é o segundo com o pior Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)⁴⁹ e um dos mais pobres do Brasil, nos resultados de 2005, superando apenas ao de Alagoas. Ocupa uma área de 331.983,293 km², sendo o segundo maior Estado da Região Nordeste e o oitavo maior estado do Brasil. No censo de 2010 foi totalizada no Estado do Maranhão uma população de 6.574.789 habitantes, o que representa cerca de 3,4% da população brasileira e 12% da nordestina. O total de homens é de 3.261.515 e as mulheres são 3.313.274. A população idosa do Maranhão é de 568.681 pessoas e de São Luís é de 77.971 pessoas, cerca de 8% dos habitantes.

São Luís, assim como o Maranhão, foi fundado pelo francês Daniel de La Touche, Senhor de La Ravardière e François de Rasilly, assim denominada, em

⁴⁶ Brincadeira séria por ser praticada com fé, respeito e abnegação (REIS, 2003, p. 104).

⁴⁷ Até 1970, este Estado e o do Piauí pertenciam ao Meio-Norte, quando essa denominação foi extinta pelo IBGE, que traçou nova regionalização para o Brasil, as Macrorregiões Geográficas, assim passando o Maranhão e o Piauí a integrar a Região Nordeste (FEITOSA & TROVÃO, 2006, p. 15).

⁴⁸ O nome Maranhão, segundo Marques (1864, p. 214), pode ter sido atribuído por um dos “transitórios descobridores, que andaram por muito tempo velejando ao longo da costa, pois o apelido de *Maragnon* já de muitos séculos atrás era conhecido na Hespânia”. Fran Pacheco em 1922 atribuiu as seguintes, ligadas à cultura indígena: Maranhay (água que corre à toa), marã-n-aã (mau, ruim associado a terreno pantanoso) e Marã-nhu (rio de um só leito) (FEITOSA & TROVÃO, 2006, p. 12).

⁴⁹ O IDH foi criado pelo PNUD desde 1990 para medir a diferença do desenvolvimento, considerando os diversos indicadores (saúde, educação, longevidade etc.) dos países, estados e municípios, esclarece Mali (2005).

homenagem ao então Rei da França, Luís XIII. Sua fundação tem como data, 08 de setembro de 1612 e com ela, a França Equinocial (Corrêa, 1993, Meireles, 2001, Borralho, 2010, Gomes, 2009; Lacroix, 2008), sendo esta a única capital brasileira fundada pelos franceses (Meireles, 2001)⁵⁰.

Segundo Lacroix (2008), o Maranhão, uma “terra promissora” era “[...] habitada por nativos amigos” e esta “amizade com os Tupinambá”, apesar de “solidificada através de anos de escambo” (p. 27), foi um dos pré-requisitos para fundar a França Equinocial, um projeto frustrado dos franceses, segundo esta autora. Esta frustração seria proveniente de um adiamento, devido às pré-condições a serem cumpridas, que previam “duas frentes de trabalho”: o “reconhecimento da região” pelas expedições exploradoras e a consolidação da amizade com os nativos, “tarefa missionária” dos capuchinhos (Lacroix, 2008, p. 30). Ainda que a prioridade da amizade tivesse o sentido de utilidade da mão de obra indígena explorada, parece ser expressa como aspecto de aproximação.

Vale ressaltar que uma Constituição foi elaborada pela Colônia, durante a fundação da França Equinocial e, entre os diversos elementos para manter a companhia fundadora, assim como a sociedade, foram ordenadas “a paz e a amizade” (Meireles, 2001, p. 44). A amizade maranhense, assim decretada constitucionalmente, surge como ordem e, fortemente associada à paz da esfera pública. A ideologia da amizade parece ter sido tão forte, pois apesar da exploração da mão-de-obra indígena, foram os franceses que “souberam melhor captar a amizade e simpatia do nativo”, durante a sua breve permanência no Maranhão (Meireles, 2001, p. 66). Certamente que isso não foi um acaso.

Os franceses foram expulsos por Jerônimo de Albuquerque que se tornou o primeiro capitão-mor do Maranhão, em 19 de novembro de 1614, em uma batalha memorável denominada Guachenduba, que durou praticamente um dia. Em 27 de novembro de 1614, com a assinatura do Tratado de Paz, “Jerônimo de Albuquerque acrescentou o agnome Maranhão” e este Estado foi reintegrado no dia 02 de novembro de 1615, aos lusitanos (Lacroix, 2008, p. 35; Gomes, 2009).

⁵⁰ Nas ideias de Lacroix (2008) a fundação do Maranhão pelos franceses seria um mito, resultante de uma interpretação histórica equivocada. Para ela, as elites maranhenses passaram a comentar a fundação francesa, a partir do século XIX, influenciadas pela *belle époque* europeia, especialmente a parisiense, tentando aproximar-se dos ideais de erudição, elegância e civilidade dos franceses para construir uma nova identidade e uma singularidade diante dos demais Estados (LACROIX, 2008, p. 82). A ideia da fundação francesa de São Luís foi difundida por todo o século XX e a elite ludovicense repete com certo orgulho (LACROIX, 2008, p. 41).

Localizada na “Ilha Grande” ou Upaon-açu (na linguagem indígena), São Luís limita-se entre os municípios de São José de Ribamar, Paço do Lumiar e Raposa. Sua população total é de 1.014.837 habitantes, sendo 474.995 homens e 539.842 mulheres, segundo o Censo de 2010 realizado pelo IBGE. São Luís é uma cidade dividida em macrozonas, que concentram os bairros, sinteticamente apresentados em seu Plano Diretor de 2006. Atualmente, segundo o censo de 2010, o Estado do Maranhão possui 217 municípios, distribuídos em cinco mesorregiões e 21 microrregiões geográficas, divididas pelo IBGE em 1968 e revista em 1990. As mesorregiões são: Norte, Centro, Sul, Leste e Oeste. Oficialmente, a cidade de São Luís possui 38 bairros, mas se contar as subdivisões dos bairros, palafitas, favelas, chegam a 96 e em alguns casos, ultrapassam mais de 100 bairros (IMESC, 10.12.2012).

Esta cidade foi vista do mar e elogiada nos versos da poesia de Bandeira Tribuzzi, intitulada “Imagem”, que assim se inspirou: Vista do mar, a cidade, / subindo suas ladeiras, / [...] ponteia velhos telhados / com as torres das igrejas / e altas copas de palmeiras. / [...] vista do mar, a cidade/ [...] esconde glórias passadas, / sonha grandezas futuras (Bandeira Tribuzzi)⁵¹.

A grandeza futura tornou-se presente em São Luís, ao ser tombada em 1997, como Patrimônio Cultural da Humanidade pela UNESCO e foi narrada por outros poetas, em crônicas e poesias elogiosas ou críticas, muitas vezes, falando por metáforas, entre eles, Ferreira Gullar, Manuel Lopes, Odylo Costa Filho e outros (Moraes, 1995; Corrêa, 1993; Selbach, 2009). O Maranhão, especialmente São Luís, é permeado de mistérios, lendas e mitos, ao que se depreende da literatura especializada sobre a história e a cultura desse Estado. Ao longo de quatro séculos, esta cidade adquiriu epítetos populares, para conceituá-la, mas não há registros precisos nem cronologia destes signos. Foi denominada: Capital Brasileira do Reggae ou Jamaica Brasileira, Ilha do Amor, Cidade dos Azulejos, Atenas Brasileira e, em 1950, “Ilha Rebelde”.⁵²

⁵¹ Tribuzzi, Bandeira. **Imagem**. In: Poesias Completas. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979. Disponível em: <http://www.astormentas.com/PT/poema/4973/Imagem>. Disponível em: Acesso em: 04 de agosto de 2012. Moraes (1995, p. 206) apresenta um resumo dessa poesia de Tribuzzi e intitula “A cidade vista do mar”.

⁵² É chamada de “Jamaica Brasileira” pelos vários espaços (salões, bares, casas de espetáculos) onde se ouve e se dança o reggae⁵², especialmente o que foi denominado na Jamaica como ‘*roots reggae*’, na década de 1970, época em que chegou com força ao Maranhão e continua forte (SILVA, 2011, p. 208). Foi denominada “Ilha do Amor”, por ser louvada nas prosas e poesias que falam das suas belezas, do pôr do sol, das praças, praias e outros enaltecimentos, por seus grandes

O epíteto “Atenas Brasileira”, o mais estudado (Borrallho, 2010), foi atribuído à cidade, devido aos filhos dos nobres que eram enviados a Coimbra (Portugal), Londres (Inglaterra) e Paris (França) para estudar e, ao retornarem concentravam-se em São Luís e no Rio de Janeiro. Devido à grande efervescência cultural de São Luís, esta cidade ganhou essa denominação. Na opinião de Corrêa (1993, p. 103), é o **estatuto que essa sociedade se atribuiu, o de Atenas Brasileira que melhor** define o ‘ser maranhense’ (Corrêa, 2008, p. 34). Apesar de perdido com a decadência do Maranhão, ao ser instalada a República, esse símbolo - Atenas Brasileira - continuou sendo cultuado pelas gerações seguintes (Meireles, 2001).

A passagem do final do século XIX para o início do século XX foi marcada por transformações bastante significativas no nosso país, especialmente na esfera sociopolítica, com a abolição da escravidão em 1888 e a proclamação da República em 1889, pelo Marechal Deodoro da Fonseca (p.38). O “poder passou a ser exercido pelos mesmos *coronéis* de outrora e, ademais, através das mesmas práticas de nomeação, indicação de parentes e amigos, dessa vez, pelo Presidente” (p. 40). Uma sociedade requintada, bem sucedida economicamente formada por uma “elite latifundiária e uma classe urbana de ricos comerciantes, levaram a província a uma posição invejável no cenário político, econômico e cultural do reino brasileiro” (Pereira, 1997, p. 18 apud Silva, 2008, p. 43).

Ao retornarem da Europa, especialmente Coimbra e França, os jovens filhos dos “comerciantes bem *sucedidos* economicamente”⁵³, com uma educação refinada, passavam a ocupar cargos públicos e até mesmo políticos. Além disso, adotavam um estilo de viver francês, também importando elementos da cultura, costumes e valores europeus, que eram assim disseminados na vida social de São Luís (Silva, 2008, p. 43-44).

Ser Atenas foi um símbolo tão significativo, que um dos refúgios da “boemia letrada”, era denominado Bar Atenas. Moraes (1995) relata que este bar permaneceu aberto, mesmo depois que encerraram as suas atividades, “os velhos

poetas como Gonçalves Dias, Artur Azevedo, Aluísio de Azevedo, Josué Montello e outros, enfim, um grande número de poetas (SANTOS, DUTRA, SILVA, MONTEIRO, 2012). É “Cidade dos Azulejos” por seus casarões com azulejos trazidos de Portugal nos séculos XVIII e XIX, apesar de ter sido habitada pelos franceses e pelos holandeses. “Ilha Rebelde”, em 1951, por causa de uma crise política durante a Campanha de Libertação de Vitorino Freire e em uma luta pelo direito à meia passagem, em 1979, na gestão do governador João Castelo (SANTOS, DUTRA, SILVA, MONTEIRO, 2012, p. 3).

⁵³ Grifos do original.

bares, cafés e restaurantes que marcaram época em São Luís e que estreitamente se ligaram à sua história cultural”. O Bar Atenas resistiu até meados da década de 1970, quando foi fechado (Moraes, 1995, p. 124).

A expansão da cidade de São Luís para a área suburbana, a partir de 1950 e, acentuada entre 1970 e 2000, com os processos migratórios do interior do Estado para a cidade, provocou o surgimento de novos bairros, cada vez mais distantes do centro (Diniz, 2007; Selbach, 2009; Silva, 2007). Essa expansão tem sido provocada também pelos condomínios das classes médias e altas na área suburbana, distante da cidade (Silva, 2007). São Luís, a “cidade por excelência dos sobradões solarengos de fachadas de azulejos” (Meireles, 2001, p. 258), ainda preserva uma considerável parte do seu patrimônio arquitetônico colonial e o cotidiano da cidade mantém a forte presença da cultura popular (Montenegro, 2006).

Com o desenvolvimento da cidade de São Luís, nas últimas décadas do século XX, houve uma mudança no cotidiano da sua população, especialmente, no que tange aos espaços de amizade.⁵⁴ Nesse contexto, perderam pregnância as praças, as barbearias, clubes, onde se encontravam jovens, adultos e idosos, para desenvolver diversas atividades, inclusive discutir sobre política. Ferreira (2009) relata que, a partir de 1950, a modernidade transformou esses espaços e mudou as referências do encontrar na cidade, para o shopping-center, as boites, choperias etc. Essa expansão “revelou, ainda, uma face social em que os contatos interpessoais de caráter provinciano foram relegados pelo individualismo e o estranhamento” (Ferreira, 2009, p.8).

Individualismo este que pode dificultar os sujeitos livres e plurais de compartilharem a cultura e torná-la acessível, enquanto um mundo comum. A

⁵⁴ A cidade foi ampliada em seu aspecto habitacional com “ocupações desordenadas frequentes (que) provocaram o surgimento das *vilas* – a *favela maranhense*, em terrenos, públicos e particulares: Vila Cafeteira, Vila Itamar, Vila Isabel, Vila Mauro Fecury, Vila Pavão Filho, Vila Kiola, Vila Jaracati, Vila Brasil, Vila Janaina, Vila Santa Clara, Jardim Tropical, Divinéia, São Bernardo, Vila Cascavel”. As “migrações cotidianas da zona rural para a cidade” provocaram a construção, pelas empresas imobiliárias, de “vários loteamentos na periferia”, que criaram bairros distantes do centro, verdadeiras cidades-dormitórios: Cidade Operária, Jardim América, Paraná, Tambaú, Maiobão, Parque Vitória, São Raimundo. Essa forma de expansão da cidade transferiu “áreas residenciais de alto padrão para os subúrbios”, em que as classes médias e altas passaram a residir em “condomínios distantes, mas equipados com infraestrutura urbana e complexos comerciais: Parque Shalon Ponta do Farol, Cohajap, Parque Amazonas, Santos Dumont, Parque Timbira, Cohajoli, Jardim dos Faraós, Renascença I e II, Cohafuma, Recanto dos Vinhais, Parque dos Nobres, Parque das Bandeiras (DINIZ, 2007, p. 172-173). Entre estas novas áreas encontram-se algumas que ainda não constam do Plano Diretor de 2006, que subsidiou o perfil de residência dos sujeitos da nossa pesquisa.

cultura popular brasileira, nas palavras de Gil (2007)⁵⁵, “rica experiência” de um povo, que apesar de baixo poder aquisitivo constitui “a grande fonte de criatividade e inovação em matéria de cultura” é expressa de diversas “formas e jeitos de ser brasileiro”. Estas formas são reinventadas e remixadas, em um “processo anônimo de trocas horizontais”, nos ritmos, vozes, modos de vida e outras.

No sentido de diminuir a distância entre a cultura e as instituições, buscando resgatar uma dívida do Estado com as manifestações, o programa Mais Cultura torna-se uma das alternativas para reforçar a sociedade em seu “protagonismo absoluto de fazer e refazer a cultura” e esta cultura, que está inserida em todos os setores da sociedade e na vida humana, pode levar a mudanças efetivas e a um desenvolvimento social (Gil, 2006)⁵⁶. A preocupação deste Ministro é com uma cultura ampla e inclusiva, segundo uma concepção de Estado ampliado, sendo nessa linha de pensamento originado o programa avançado Mais Cultura.

Apesar dessas questões e das transformações sociais, os espaços de encontros e amizade, podem ter se ampliado com os diversos processos migratórios, que provocaram uma expansão da cidade para a periferia. Estas migrações, também podem ter influenciado a mescla de culturas, tornando mais plural a cidade. Possivelmente, alguns desses sujeitos que migraram para São Luís, sejam os idosos de hoje, no século XXI, que se integraram ao Bumba-Meu-Boi e, em algumas atividades para a terceira idade.

⁵⁵ Trata-se do “Discurso do ministro Gilberto Gil no lançamento do Programa Mais Cultura”, Brasília (DF), 4 de outubro de 2007, em Brasília. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/discursos/>. Acesso em: 19 abr. 2013.

⁵⁶ “Discurso do ministro Gilberto Gil na instalação da Câmara Interministerial de Educação e Cultura”. Rio de Janeiro, 30 de agosto de 2006. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/discursos/>. Acesso em: 19 abr. 2013.

7.1.1. Idosos no Bumba-Meu-Boi

As orquestras e charangas regionais tocam a noite inteira, confundindo os seus ritmos modernos com o ritmo primitivo que sobe das ruas e dos largos, na cantiga cabocla do bumba-meu-boi (Montello, 2005, p. 29).

O Bumba-Meu-Boi, é considerado uma das mais importantes manifestações da cultura popular maranhense, principalmente no mês de junho quando a cidade de São Luís torna-se um imenso arraial. Até meados do século XX, essa manifestação popular era vista pelas elites como coisa de preto, pobre, baderneiro, vagabundo (Sanches, 2003; Lima, 2006). O Bumba-Meu-Boi é também chamado de Bumba-Boi, bumba e de boi (Sanches, 2003). Utilizaremos aqui todos estes termos, ora com iniciais maiúsculas ou minúsculas. Algumas categorias são usadas para se referir a esta expressão cultural e serão utilizadas por nós para expressar o Bumba-Meu-Boi - festa, brincadeira, expressão cultural, manifestação cultural, folguedo, dança de/do boi, por entendermos que ele representa todos esses aspectos.

No mês de junho, a cidade torna-se uma Ilha cercada de Boi por todos os lados, tanto que, durante a nossa permanência para fazer esta pesquisa (junho e julho), o comentário sobre as festas juninas do Bumba-Meu-Boi, foi recorrente, em todos os lugares que nos fazíamos presentes. Não sem razão, pois as festas são intrínsecas à cultura de São Luís, por isso a cidade dorme ao som dos tambores.

A origem do Bumba-Meu-Boi no Brasil e sua localização no tempo são controversas e mostra uma complexidade. Sobre essa aventura sem consenso lançaram-se diversos folcloristas, etnólogos e antropólogos, entre eles Silvio Romero, Nina Rodrigues, Mário de Andrade, Câmara Cascudo, Arthur Ramos, Edison Carneiro e outros. No Século XIX, há uma preocupação com o estudo sobre a origem das expressões culturais, entre elas o Bumba-Meu-Boi, mas ainda é polêmico. Enquanto Celso de Magalhães e Sílvia Romero afirmavam serem oriundas de Portugal, Nina Rodrigues que foi “precursor dos estudos de negros no Brasil”, sustentava que as festas populares e o folclore tinham sido trazidas pelos africanos bantus e pelos sudaneses, representantes dessa prática (Maranhão, 2011, p. 14).

Assunção (2003) esclarece que a escassez de fontes sobre a origem do Bumba-Meu-Boi provocou uma diversidade de teorias sobre essa questão que expressam o ‘totemismo bantu’ (Artur Ramos) e outras como a “pseudo-explicação de mistura das três raças”, teoria recorrente no Maranhão, diz o autor (p. 45). Entretanto, essa teoria que busca “racializar todos os elementos da cultura popular” é insuficiente para o estudo das raízes do boi, por que “são mais diversas que esse mágico número três”, a exemplo dos pandeirões oriundos dos mouros da África do Norte. Além disso, alguns elementos “da cultura árabe e islâmica assim como das culturas regionais do Maghreb influenciaram tanto os Portugueses quantos os povos ao sul do Sahara, e acabaram chegando ao Maranhão” (Assunção, 2003, p. 45).

Nesse contexto, parece apropriado dizer, partilhando das ideias de Teixeira (2008, p. 23), que o Bumba-Meu-Boi tem, em sua origem, “a mestiçagem do negro, índio e português, além dos imigrantes que agregaram valores significativos a ela”. Esses aspectos levam a “uma renovação contínua que possibilita adaptar saberes, hábitos e costumes, sem abandonar crenças e valores”. Esse estilo peculiar que insere “simultaneamente falas e gestos de devoção”, agregando o *sagrado* e o *profano*,⁵⁷, na homenagem aos santos católicos na festa do boi, parecem resultar das reinterpretações oriundas da mescla desses povos (Teixeira, 2008, p. 23).

No entanto, nem todos os sujeitos participavam de algumas dessas festas, no século XIX e início do século XX. As festas populares, que eram tratadas com certo descaso e arrogância pela elite urbana nesse período, tal como o Bumba-Meu-Boi, hoje marcante na vida dos ludovicenses, era proibida de se apresentar no centro da cidade (Moraes, 1995). A proibição pelo preconceito e discriminação da sociedade (Montello, 2005), aos ‘incultos’ e ‘selvagens’, era realizada pelos Códigos de Posturas (Ferreti, 2007).

Na edição do Semanário⁵⁸ Maranhense de 05 de julho de 1868, em uma crônica de João Domingos Pereira do Sacramento intitulada “Chronica Interna”, o Bumba-Meu-Boi é mencionado, em “uma sabia resolução da auctoridade policial e de uma antiga usança, que já parecia prescripta pelos nossos costumes, para o

⁵⁷ Grifos do original.

⁵⁸ Grafia da época.

fim de louvar ambas as cousas. *Hurrah* pelo acto da policia e viva o - *Bumba!*”⁵⁹
A apresentação desse folguedo estava suspenso, há sete anos - desde 1861 (Sacramento, 1868, p. 07). Esta crônica mostra que o Bumba-Meu-Boi é uma expressão histórica, pois seus registros já existiam nos periódicos do século XIX. Com essa brincadeira, toda a família se divertia e esse costume vem sendo passado de geração a geração.

Apesar de proibida, os componentes desses grupos mostravam sua resistência às proibições, ataques e críticas da imprensa do século XIX, pelos autos (encenação típica) e as letras das toadas em forma de sátiras (Ferretti, 2007). Entretanto, essa proibição não foi capaz de acabar com a brincadeira, apesar de permanecer nos arrabaldes da cidade por um longo período, principalmente, no final do século XIX e início do século XX para Silva (2008), até o final da década de 1950, para Montello (2005). Isto por que, os transportes coletivos e o bonde, ligando o centro à periferia facilitaram o acesso da população à periferia, para assistir as festas juninas (Silva, 2008, p.59). Com essa presença, o período dessas festas transformava-se em uma oportunidade para receber os amigos em seus sítios no Anil, para assistir aos bois e prostrar (Barros, 2009).

Na segunda metade do século XX, a partir da década de 1960, a animação maior já era observada no “bairro proletário” do João Paulo no entorno de São Luís. “De longe, entre a zoadas dos pandeirinhos e das matracas, ouvem-se as cantigas típicas da festa. São os bois que descem da Maioba para o João Paulo e vêm cantar, com a sua policromia e a sua alacridade, nos arraiais iluminados” (Montello, 2005, p. 29).

Entretanto, apesar dos Códigos restringirem a cidadania da maioria da população, que era a negra, e proibir expressões culturais, tais como o Bumba-Meu-Boi (Silva, 2008, p. 50), o artigo 19 do Código de 1842 mostra uma preocupação do Estado com a segurança dos pedestres, especialmente das crianças e dos idosos (Selbach, 2009; Código de Postura, 1968). A presença destas gerações estava, assim, assegurada na esfera pública, por esse Código, que nesse sentido, favorecia uma forma de cidadania. Possivelmente, possibilitava até mesmo a amizade, inclusive a população idosa, apesar de limitada pela

⁵⁹ Idem.

regulamentação da convivência social diária, entre os habitantes da cidade, utilizando esse mecanismo de controle, o que mostra um paradoxo.

Segundo o depoimento de José Inaldo Ferreira, Presidente da Entidade do Boi da Maioba, ao Jornal Cazumbá de 2003, o grupo de Bumba-Meu-Boi mais antigo no Estado é o da Maioba que surgiu em 1897 (Cazumbá, 2003, p. 4). Este grupo se organiza desde o início de cada ano, para organizar as apresentações do ano seguinte, em reuniões da sua diretoria. As primeiras reuniões de diretoria constituem o momento em que os brincantes iniciam um envolvimento com essa brincadeira e tomam decisões em conjunto, na sede localizada nesse bairro, sendo o financiamento, um tema recorrente (Rios, 2005).

Nesse grupo, seus componentes modernizam a sua tradição, ao contar e recontar “fatos e falas aos mais jovens como forma de reconstruir o passado do boi”. Nos ensaios, apresentações e diversas manifestações do “universo da brincadeira”, dialogam passado e presente, tradição e modernidade, assim inovando e atualizando a tradição, que se torna presença (Rios, 2005, p. 65-66). Além disso, lembrar personagens da história da Maioba, em músicas entoadas, não apenas revela o sentimento de pertença ao grupo, como o resgate dessa memória está relacionada “à resistência, preservação da tradição e imaginário do social do Grupo” (Teixeira, 2008, p. 6). Este grupo mostra assim, a importância da tradição, entre o passado e o futuro, como uma forma de preservação dessa arte de desempenho, o Bumba-Meu-Boi, que, segundo Ester Marques (2013) constitui “mais de 500 grupos” no Maranhão.

Para Marques (2012; 2013), o Boi é um fenômeno “extremamente complexo de se analisar”, devido ao sistema simbólico que envolve, como o ritmo, o sotaque, as diferenças internas a cada grupo. Também envolve aspectos, tais a “transversalidade do Boi entre as gerações”, que é “o típico caso de transmissão da tradição”, pela troca de experiências, à qual essa manifestação é muito aberta. Essa cultura, que é internalizada como hábito, pois “quem é de um grupo é daquele grupo”, é transmitida de pais para filhos porque “ela é um fazer que é também conhecimento e ela é um conhecimento porque é um fazer, ou seja, é uma ligação muito profunda entre prática e teoria”.

A complexidade do Bumba-Meu-Boi se prende também ao “universo simbólico” por meio do ciclo ritualístico (batizado, apresentação, morte etc.) e as variações dos Bois: Boi de proprietário quando uma pessoa resolve criar um boi,

Boi de político que os políticos adotam para conquistar votos, os Bois de promessa que são aqueles “mais de referência” - são os de comunidades. E, um aspecto mais recente, “os Bois de terreiro que são produtos das entidades que vêm dos terreiros de Mina (que temos muitos no Maranhão) em que ele é filho de uma entidade” (Marques, 2012; 2013).

Quanto aos sotaques, o de zabumba, que lembra a religião afro, vem de forte herança africana. A força e a forma de bater as zabumbas, aceleradamente, parece uma preparação para a guerra e sugere que os brincantes despendem de toda energia necessária para dominar o inimigo. No sotaque de matraca, com forte influência indígena, tudo lembra uma tribo. As matracas, dois pedaços de madeira, quando batidas uma contra a outra, libera um determinado tom, que dá cadência à dança e transmite a ideia do grupo voltando de uma luta, de uma guerra (Marques, 2013).

O sotaque da Baixada, uma região do Maranhão, vem da batucada em pandeirões tem talvez o ritmo mais cadenciado, entre os demais sotaques. Um ritmo lento parece mostrar que o grupo não está “preparado nem para a guerra nem para a paz”, está mais “para ficar ali, se vendo e se revendo”. Há também o sotaque de orquestra, “mais cênico, tem uma estética exuberante” e mistura a herança europeia com os outros sotaques. Surgiu por volta da década de 1930 a 1940 e, apesar de mais novo, hoje “é o mais popular de todos os sotaques”. O quinto sotaque é o Costa de Mão, com poucos grupos, também interage com os outros sotaques e consiste em bater o instrumento com as costas das mãos, que leva a um tipo de dança (Marques, 2013). Essa manifestação também possibilita “outras formas de comunicação presentes no manifestar da cultura popular” (Costa, 2006, p. 11-12).

A aproximação com a cultura popular no Maranhão foi promovida por José Sarney em seu mandato como Governador do Estado do Maranhão (1966-1970), sendo as primeiras políticas para a área da cultura⁶⁰, criadas após a “Revolução de 1930”, no Estado Novo - governo de Getúlio Vargas. Estas políticas visavam à construção de um sentimento de “brasilidade”, ou seja, uma identidade nacional (Barbalho, 2007). Entretanto, o “apoio, incentivo, valorização

⁶⁰ A cultura, segundo Moraes (1995, p. 220), é uma “expressão dinâmica da vida e espelho tridimensional do que, no povo, corresponde às exteriorizações de sua vitalidade, recicla-se permanentemente, ajustando-se ao fluir do tempo, em sua marcha recriadora”.

e difusão das manifestações culturais, incluindo bens de natureza material e imaterial” foram afirmados na Constituição do Brasil de 1988 (Ferretti, 2007; Maranhão, 2012; centro de Pesquisa..., 2012; Cardoso, 2008).

A palavra cultura é entendida por Chauí (1985, p. 11), segundo duas perspectivas: a cultura em sentido amplo e a cultura em sentido estrito. A primeira compreende “um conjunto de práticas, idéias e sentimentos que exprimem as relações simbólicas dos homens com a realidade (natural, humana e sagrada)” e a segunda forma, consiste em um “conjunto de práticas e idéias produzidas por grupos que se especializam em diferentes formas de manifestação cultural - as artes, as ciências, as técnicas, as filosofias” (p. 11).⁶¹

Thompson (2008) e Bauman (2010) esclarecem que a cultura é socialmente construída. Além disso, o conjunto de atividades que a cultura reúne, inclui ritos e modos simbólicos, sendo transmitida de geração a geração. Além disso, a cultura reúne diferentes formas de diálogo entre as classes, entre o escrito e o oral, o campo e a cidade, ou seja, entre antigo e novo, tradição e modernidade, ao mesmo tempo em que constitui uma arena de consensos e de conflito. O processo migratório, que mescla culturas, também pode provocar conflito entre os costumes e os valores. Ao mesmo tempo, a cultura popular manifesta ações de resistência (Thompson, 2008, p. 16-17).

A cultura, para Bauman (2012), é questionadora, como práxis, essencialmente humana e uma das facetas da vida e da condição humana. A cultura como práxis se manifesta de formas diversas, por ser uma atividade livre, criativa, que se recria continuamente (p. 228-29). A cultura também compreende um lugar de construção de identidade. A identidade moderna, socialmente construída, diz de um ‘pertencimento’ ou um estar ‘aqui dentro’ de ‘minimundos’ que difere de estar ‘lá fora. Portanto, diz Bauman (2010) apoiado em Stuart Hall, a identidade é, assim, um processo sempre inacabado - sempre ‘sendo feito’ (p. 66-7). Trata-se de identidades fragmentadas ou fraturadas tal como a sociedade e a cultura que se fragmentaram com o declínio das redes locais de interação modernas.

⁶¹ Para Ester Marques, o folclore e a cultura só se sabe “se reconhecendo nela, pertencendo a ela, trazendo emoção para dentro de si, brigando por ela e a discussão desse saber é sempre coletiva e passa por cima de qualquer racionalidade, às vezes”. Entretanto ela pode ser tirânica também e, por isso que se fala que o folclore é “museológico, que ele é tradicionalista, conservador e essa faceta “pode ser muito perigosa” (MARQUES, 2012; 2013).

Nesse contexto, enquanto a cultura se recria, os sujeitos da pesquisa de São Luís e do Rio de Janeiro, especialmente os idosos da UNITI e da UnATI, também se atualizam e recriam sua forma de viver esse ciclo da vida, a sua identidade, assim como seus costumes, suas amizades e a sua cidadania, ao participarem das expressões culturais na esfera pública dessas cidades.

Para Arendt (2002c p. 272-73), a cultura é entendida como cultura *animi*, pois, “O que medeia o conflito do artista com o homem de ação é a *cultura animi*, isto é, uma mente de tal modo educada e culta que se lhe pode confiar o cuidado e a preservação de um mundo de aparências cujo critério é a beleza” (p.272). A beleza dessa *cultura animi* só pode ser vista se estas brincadeiras pedirem uma licença oficial, critério adotado, desde a liberação da sua apresentação, na década de 1940, exigência ainda vigente (Ferretti, 2007).

Na compreensão de Gilberto Gil, ex-Ministro da Cultura no Governo Lula, a palavra Cultura representa “a aspiração clara por um mundo de bem estar e felicidade plenos”. Gil (2007) propõe “um bem estar que inclui demandas não estritamente materiais, mas profundamente humanas dos brasileiros”. Nesse contexto, em seu discurso de posse, o Ministro Gilberto Gil esclarece que:

Cultura como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos (Gil, 2003).

Embora não seja papel do Estado “fazer cultura”, “cabe ao Estado criar condições de acesso universal aos bens simbólicos, [...] proporcionar condições necessárias para a criação e a produção de bens culturais, sejam eles artefatos ou mentefatos, [...] promover o desenvolvimento cultural geral da sociedade”, uma vez que “o acesso à cultura é um direito básico de cidadania, assim como o direito à educação, à saúde, à vida num meio ambiente saudável” (Gil, 2003). Nesse contexto, o Ministro afirma⁶² que a cultura se propõe a contribuir para superar as desigualdades sociais, “apostando sempre na realização plena do humano”. E a

⁶² FOLHA ONLINE. **Leia a íntegra do discurso de posse de Gilberto Gil**. Reportagem de 02.01.2003. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/folha/brasil/ult96u44344.shtml>. Acesso em: 19.04.2013.

política cultural do Governo Lula, integrará o “projeto geral de construção de uma nação realmente democrática, plural e tolerante”.⁶³

Estas ideias avançadas do Ministro Gilberto Gil mostram que nem sempre foi assim, pois a *cultura animi* do Bumba-Meu-Boi, apenas teve seu reconhecimento em São Luís, segundo esclarece Barros (2005), quando o Governo do Estado e a Prefeitura declararam ponto facultativo nas instituições públicas em 1940. A partir de 1950 esse folguedo se ampliou, possibilitando a amizade, entre os seus participantes diretos nos grupos e aqueles que juntos festejam, assistindo a brincadeira (Barros, 2009, p. 113).

O Bumba-Meu-Boi⁶⁴, se reinventa a cada ano, agregando e unificando as diferenças entre os sujeitos. Arrasta multidões pelas ruas que cantam e dançam ao som do “ritmo quente” dos diversos sotaques ou estilos. Atualmente, há uma diversidade de grupos com sotaque de orquestra estimuladas pelas “imposições econômicas ou estéticas da indústria cultural” e são denominados pela Secretaria de Cultura de grupos parafolclóricos (Silva & Ferreira, 2008, p. 2). Os grupos dessa brincadeira, “liderados pelo sábio apito dos ‘amos’⁶⁵, cantadores do verseado das toadas (cantigas)”, apresentam-se sob as bênçãos de São João, Santo Antônio, São Pedro e São Marçal mesclando fé e prazer, sagrado e profano (Carvalho, 1998, p. 9; Carvalho, 2011, p. 76).⁶⁶

Inspiradas em Arendt (2002 a) podemos dizer que o boi-artefato, que é construído por mãos humanas e, em torno do qual seus integrantes e plateia

⁶³ Política cultural, como a compreende Barbalho (2005, p. 35), “é o conjunto de intervenções práticas e discursivas no campo da cultura”. Coelho (1997, p. 292) define a política cultural como um “programa de intervenções realizadas pelo Estado, entidades privadas ou grupos comunitários com o objetivo de satisfazer as necessidades culturais da população e promover o desenvolvimento de suas representações simbólicas”. Nesse sentido, a política cultural compreende “um conjunto de iniciativas, tomadas por esses agentes, visando promover a produção, distribuição e o uso da cultura, a preservação e a divulgação do patrimônio histórico e o ordenamento do aparelho burocrático por elas responsável”.

⁶⁴ O ritual da apresentação do Bumba-Meu-Boi segue uma representação de uma mulher grávida - Catirina - que deseja comer a língua do boi mais bonito da fazenda. Ela consegue que seu companheiro - Pai Francisco, Francisco ou Chico - arranque a língua do boi para ela comer, satisfazendo assim seu desejo de mulher grávida.

⁶⁵ O dono do Bumba-Meu-Boi na linguagem coloquial, esclarece Cardoso (2008), “é o responsável pela manifestação, seu dirigente, seu presidente, muitas vezes ele acumula a função de *amo do boi*, aquele que protege e é responsável pela brincadeira e de *cantador* do folguedo”. Os brincantes são “aqueles que *brincam*, ou seja, celebram determinada manifestação cultural como membro do grupo” (p. 30). Grifos do original.

⁶⁶ Grupos alternativos são aqueles que fazem uma releitura estética das expressões culturais maranhenses, inclusive o Bumba-Meu-Boi, a exemplo da Companhia Barrica Teatro de Rua, mais conhecida como Boi-Barrica. Sua sede é localizada no tradicional Bairro da Madre Deus, próximo ao Centro Histórico de São Luís, onde se concentram seus integrantes (CARDOSO, 2008).

brincam, une e separa os sujeitos em sua ação em concerto, momento em que compartilham o mundo da festa, porque são livres (Arendt, 2002 a). Ocorre que o aspecto agregador dessa festa aproxima e relaciona, em sua volta, não só as famílias dos sujeitos que migraram do interior para a capital, mas também a sociedade, facilitando a integração do Bumba-Boi em todas as classes sociais (Teixeira, 2008, p. 24-25). Agregadora também é a fogueira, um dos elementos essenciais, por exemplo, nas apresentações do Boi de Zabumba, para aquecer os instrumentos de percussão. Enquanto aguardam a “afinação” dos instrumentos, os brincantes reúnem-se em volta dela, momento em que “atualizam as conversas e sociabilizam novas estórias” (Silva & Ferreira, 2011, p. 5). O Bumba-Meu-Boi, dessa forma, configura a possibilidade do encontro, do reencontro, da amizade na dimensão política arendtiana.

Com fé e devoção aos santos, aos 92 anos, Mestre Apolônio, fundador do Bumba-Meu-Boi da Floresta, diz que, o seu grupo foi criado pela “promessa de Crispim um homem que era muito próximo da gente”. Este esclarecimento mostra que a fé nos santos ainda é forte no Bumba-Meu-Boi, segundo expressou este idoso ao Jornal Imparcial de 12 de junho de 2011. Diz ainda, que: “Tenho muita fé” e nunca fez “por dinheiro”, pois: “[...] quando eu comecei a ganhar alguma coisa com isso, eu já brincava boi há muitos anos. [...] O que importava era fazer o boi pra São João” (O Imparcial, 12.06.2013).

Mostra ainda, Mestre Apolônio, o protagonismo dos idosos na cultura, resistindo aos estereótipos e preconceitos ainda existentes no Brasil, dos quais são alvo, sujeitos da sua geração, como já mostrado. Para esta questão, Arendt (2002 a) vai dizer que: “Ainda que a origem histórica da arte tivesse caráter exclusivamente religioso ou mitológico, o fato é que a arte sobreviveu magnificamente à sua separação da religião, da magia e do mito” (p. 181). No caso do Bumba-Meu-Boi, ainda resiste a crença e a fé religiosas, a devoção aos santos, mas um dos aspectos da sua permanência parece ser a sua mundanidade.

De fato, estar presente no mundo comum a todos, torna a festa do Bumba-Meu-Boi portadora de publicidade, pelo movimento do corpo e o som da voz dos seus integrantes, tal como a música e a poesia. Sua permanência, através dos tempos é “permanentemente fixado na lembrança”, tal como entende Arendt (2002 a, p.183). Daí a força do artifício humano, nas diversas manifestações

artísticas, tais como a cultura popular do Bumba-Meu-Boi, em que os participantes agem juntos, enquanto sujeitos livres.

Apesar da importância da visibilidade dos idosos na brincadeira do Bumba-Meu-Boi, observamos que atualmente a geração idosa se faz mais presente entre seus integrantes, nos grupos de sotaque de Zabumba e de Matraca. Nos grupos de sotaque de Bumba-Meu-Boi de Orquestra e de Costa de Mão, já não se encontra muitos idosos, entretanto ainda se pode ver avós e outros participantes idosos nesses grupos, como por exemplo: Manoel Tetéu, artesão, cantador, músico, compositor do Bumba meu boi de Orquestra Periz de Cima da cidade de mesmo nome. Também podemos ver músicos nos grupos: Boi de orquestra Orgulho Guimarentino, de Guimarães; Boi de costa de mão Brilho da Areia Branca e Boi costa de mão Brilho da Sociedade.⁶⁷ Essa baixa frequência mostra a exclusão da geração idosa nessa brincadeira, privilegiando os jovens. Apesar dessas observações, Marques (2013) esclarece que, em todo tipo de Boi há crianças, jovens, adultos e idosos, “porque quem brinca Boi uma vez, nunca mais quer parar de brincar”.

A cultura popular no Maranhão, nela inserido o Bumba-Meu-Boi, uma das expressões da tradição maranhense, foi um dos elementos centrais na afirmação da identidade de São Luís e do Maranhão, a partir da década de 1970 (Albernaz, 2010; Ferretti, 2003a; Maranhão, 2011). Identidade esta, que já se afirmava, desde meados do século XIX, pelos “símbolos eruditos”, já mencionados, tais como o de Atenas Brasileira e, com a valorização da cultura popular pela classe média ludovicense, aspectos marcantes na definição do “ser maranhense” (Albernaz, 2010).

De fato, pois os estudos de Mário de Andrade, Artur Ramos e Luiz da Câmara Cascudo nessa época, já falavam do Bumba-Boi no Brasil, teatro popular nacional “unanimizador” dos indivíduos e metáfora da nacionalidade (Maranhão,

⁶⁷ Estes exemplos podem ser vistos nos seguintes endereços online: CORRÊA, Anderson. **Boi sotaque de costa de mão (Cururupu)**. Vídeo postado em 26.05.2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=Bnc7wZNur-4>. Acesso em: 21.03.2013. BRITO, Nonato. **Flashes do Arraial “O Quentão”** (2). In: VIMARENSE: Um recanto para matar as saudades de Guimarães. Blog. Postado em 26.06.2012. Disponível em: http://vimarense.zip.net/arch2012-06-01_2012-06-30.html. Acessível em: 02.03.2013. **MATV 25 anos - sotaque de costa-de-mão do bumba meu-boi costa de mão**. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=rCkoBDipOzg>. Acesso em: 15.03.2013. BARROS, Andréa. **Boi sotaque de costa de mão (cururupu)**. Postado em 03.05.2011. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=b1yDhyPcN64>. Acesso em: 15.03.2013. SOBRINHO, Pedro. **Amos e poetas do Boi**. Postado em 06.02.2012. Disponível em: <http://www.blogsoestado.com/pedrosobrinho/category/folclore/>. Acesso em: 15.03.2013.

2011). Em suas reflexões, os intelectuais, os políticos, os poetas e os escritores, entre 1950 e 1960, já consideravam relevante a contribuição do Bumba-Meu-Boi na construção da “maranhensidade” (Ferretti, 2003a, p. 6-7). Ocorre que no Maranhão “[...] No mês de junho tem o Bumba-meu-boi/ Que é festejado em louvor a São João/ O amo canta e balança o maracá/ A matraca e o pandeiro é que faz tremer o chão [...]” (Boi de Maracanã, 2012).

O chão treme para todos, em São Luís, durante o período das festas, especialmente para os avós que, ao transmitirem aos seus netos, a festa do Bumba-Meu-Boi, trocando conhecimentos entre todas as gerações, possibilita a continuidade dessa brincadeira pela geração mais jovem (Cavalcanti, 2006a; Silva & Ferreira, 2011)⁶⁸. Esse intercâmbio familiar mostra a importância do protagonismo da população idosa, nessa manifestação popular, possivelmente fortalecendo vínculos de amizade, enquanto guardiões da tradição dessa festa em São Luís.

Além disso, Silva e Ferreira (2011) esclarecem que, além de novas aprendizagens, por meio do Boi de Zabumba, os brincantes também reencontram seus conterrâneos, parentes e amigos e “se reagrupam em São Luís, através dos grupos de Boi de Zabumba” (Silva & Ferreira, 2011, p. 8). Trata-se de sujeitos “idosos (que, ainda jovens) saíram de suas regiões em busca de melhores condições de vida”. Por isso, os espaços das festas, em São Luís, constituem “local de reencontro de sujeitos com histórias comuns”, aí se configurando um “*elo de continuidade*”⁶⁹, nos dizeres de Silva (2001, p. 7-8). Além disso, a amizade construída e exercitada por meio da convivência no Bumba-Meu-Boi, entre os seus integrantes, constitui um sentimento de pertença ao grupo (Maranhão, 2011).

O Bumba-Meu-Boi⁷⁰ maranhense faz as suas apresentações em um “conjunto de largos” ou arraiais ao ar livre, espalhados por toda a cidade (Albernaz, 2010, p. 81).⁷¹ Os arraiais propiciam a amizade, especialmente pela

⁶⁸ Denomina-se brincadeira, categoria que já sugere sua dimensão lúdica e festiva, uma “expressão nativa muito usada em vários folguedos brasileiros” (SILVA & FERREIRA, 2011, p.1).

⁶⁹ Grifos do original.

⁷⁰ Esses espaços são: sedes de entidades, associações, clubes, praças, avenidas, ruas, bares, restaurantes, praias, pátios de colégios, estacionamentos, shoppings, condomínios e comportam o Bumba-meu-Boi e as barracas de comidas e bebidas típicas, jogos e outras festas da época (CARVALHO, 1998, p. 9).

⁷¹ O ciclo do Bumba-Meu-Boi segue os rituais dos ensaios, o batizado que é a autorização para brincar fora da sua sede; as apresentações ou auto e seu enredo característico; e a morte

proximidade entre os sujeitos que, além de assistirem às apresentações, circulam ao centro dos arraiais e ao seu redor, nas barracas de comidas típicas de São Luís, como mostra a figura 1.

Figura 1 - Arraial São Luís Shopping, 2011. São Luís (MA).
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Como se pode notar, à direita está o palco para a apresentação das danças, inclusive do Bumba-Meu-Boi, que é a grande atração, no mês de junho, a cidade de São Luís transforma-se em um imenso arraial. Nessa cidade, são disseminados um conjunto de largos de tamanhos diversos, construídos em associações, praças, ruas, bares, praias, pátios de colégios, shoppings, e uma variedade de espaços onde são montadas barracas de comidas e bebidas típicas, jogos e outros empreendimentos próprios dessa festa.

Em 2011, época da nossa pesquisa, a temporada das festas juninas, promovida pelo Governo do Estado, por meio da Secretaria de Cultura, essa festa foi realizada nos arraiais patrocinados pelo governo com uma programação, bastante diversificada, contando com 543 “grupos juninos”⁷² Ao todo eram 310 arraiais comunitários e oficiais, sendo um da Prefeitura de São Luís e outros 13 do Governo do Estado (situados na Praia Grande, Vila Palmeira, Anjo da Guarda, Cidade Operária, Liberdade etc.) (O Estado do Maranhão, 12.06.2011).

encerramento do “ciclo de vida da brincadeira, dar fim ao grupo até o próximo ano, nas reuniões e ensaios” (SANCHES, 2004, p. 6; CARVALHO, 2000, p. 11).

⁷² Eram 86 de bumba-meu-boi de orquestra, 48 da baixada, 47 de matraca, 70 de tambores de crioula e 64 de dança portuguesa, e outras danças populares. Além desses grupos, também se apresentaram 15 grupos de Zabumba, 20 grupos novos, 18 de sotaques alternativos e outros (O ESTADO DO MARANHÃO, 12.06.2011).

O Bumba-Meu-Boi sempre teve uma presença ativa e majoritária dos homens e as mulheres os acompanhavam nas apresentações. Nos espaços privados elas trabalhavam na “confeção, guarda e preservação das indumentárias, e na produção de alimentos em algumas festas” (Albernaz, 2008, p. 10). Também se faziam presentes como madrinhas, nos rituais de batismo e morte, exercitando, desse modo, funções que se aproximam do cuidado (Albernaz, 2008, p. 11). Por causa dessa posição, são conhecidas como “mutucas”⁷³, pela assistência e cuidados que prestam aos brincantes nas apresentações. Albernaz (2004, p. 10) pontua que ser mutuca parece não colidir “na distribuição de poder e prestígio” nas relações de gênero (Albernaz, 2004, p.10).

Além da companhia, essas mulheres prestavam alguns serviços domésticos e administrativos aos homens (carregavam indumentárias, instrumentos, comida, bebida) e lhes cediam “seu ombro carinhoso”, com o excesso na bebida. Nos bastidores da brincadeira, as mulheres desempenham tarefas domésticas (costuram, bordam, cozinham e outras tarefas) e outras tarefas administrativas para ajudar no ritual da festa (tirar licença; distribuir convites e divulgação) e outras atividades. Entretanto, em São Luís e Municípios do interior do Estado, há grupo de bois de mulheres, organizados por elas, já brincando nas décadas de 1940-1950. As mulheres foram ganhando visibilidade e integrando o grupo de brincantes, dançando no cordão, tocando instrumentos, cantando toadas e até exercendo a chefia de alguns conjuntos, além das tarefas diversas já especificadas e tidas como femininas. Os avanços mostram que “na feição atual da brincadeira as mulheres estão saindo detrás das cortinas” (Carvalho, 1996, p. 3).

A presença exclusivamente masculina diluiu na década de 1970, devido a dois fatores. O primeiro, quando dona Terezinha Jansen, indiretamente assumiu, em 1975, a liderança do Boi de Santa Fé de Laurentino Araújo, após o falecimento deste senhor. Dona Terezinha era madrinha desse Boi, mas deixou a coordenação direta com um dos brincantes, por entender que isso era atribuição dos homens, somente assumindo essa liderança diretamente em 1977. O segundo ocorreu quando a Diretora da Escola Normal de Morros do Centro Educacional

⁷³ Mutucas são bichinhos que rodeiam e incomodam o boi durante o pasto no campo (TEIXEIRA, 2008). “Nome das moscas que voam em torno dos bois nos currais do nordeste, por isso o mesmo nome para as mulheres acompanhantes dos boieiros” (ALBERNAZ, 2004, p.11).

Monsenhor Bacelar e, criadora do *Boi de Morros* em 1976, com o auxílio de uma professora, realizou sua antiga ideia de criar um boi de mulheres.

O grupo composto pelas professoras foi denominado de “grupo folclórico da Escola Normal” e esse *batalhão* fez apresentações em São Luís, “com moças de 14 a 18 anos, quebrando desse modo o preconceito que discriminava as mulheres”. Os homens organizavam as músicas e “as moças, devidamente caracterizadas”, representavam todos os papéis do auto. Seus familiares acompanhavam os cortejos e as apresentações. O atual Boi de Morros integra homens e mulheres (Lima, 2004, p. 4).

No Bumba-Meu-Boi da Maioba, as mulheres passaram a ocupar todos os papéis na brincadeira, assim “romperam com o período de proibições em torno da figura feminina na festa”. Essa participação ativa das mulheres na manifestação significou o rompimento com o preconceito, principalmente, ao se inserirem “no ambiente do trabalho com direitos sociais adquiridos” (Teixeira, 2008, p.59).

No turismo o “Bumba-boi é o personagem ícone”, na divulgação do Maranhão e o de sotaque de Zabumba associa à “preservação da história da cultura maranhense” (Costa, 2006, p.8-9). Atualmente o evento Maranhão Vale Festejar, organizado pelo Governo do Estado junto com a iniciativa privada, constitui uma atração turística que apresenta a cultura, no momento em que os turistas conhecem as celebrações ali realizadas no período junino. Isso torna o significado simbólico das apresentações mais relevante, do que a mercantilização e espetacularização do bumba-meu-boi (Carvalho, Castro, Silva & Araújo, 2009, p. 4-11). De fato, em 2011, atraídos pelo som de tambores, matracas e orquestras: “Ludovicenses e turista misturavam-se nos vários arraiais da cidade e dançavam juntamente com os integrantes das brincadeiras de bumba-meu-boi”, entre outras (O Imparcial, 27.06.2011).

O Bumba-Meu-Boi de Maracanã, verdadeiro Batalhão de Ouro, conduzido por Humberto que é “mestre conhecedor de cada detalhe da tradição de que é guardião, e exerce essa liderança com firmeza e generosidade raras”, mostra, na voz dos três filhos desse Amo, os “frutos da continuidade” dessa manifestação cultural (Boi de Maracanã, 2012). Esse aspecto expressa uma representação social positiva do idoso, sendo respeitado como transmissor de valores e guardião da tradição. Importante destacar que, nesse grupo “Famílias inteiras de 0 a 100 anos

brincam juntas com a mesma paixão, varando as noites na trupiada⁷⁴ embriagadora que arrasta multidões por onde vai [...]” (Boi de Maracanã, 2012).

A participação de todas as gerações, inclusive dos idosos não é tão recente, não só internamente aos grupos, como o seu responsável e alguns brincantes, mas na plateia, em que agregam valores, por meio de uma forma de amizade, ainda que simbólica, ao Bumba-Meu-Boi. Os idosos, assim, cuidam da cultura, também se apresentando nos grupos organizados pelo SESC, do Programa PAI e outros programas. A figura 2 ilustra:

Figura 2 - Bumba-Meu-Boi do SESC.
Fonte: SESC-Maranhão.

Esta foto mostra a disposição, alegria e o empenho dos idosos do SESC na brincadeira, em 2011 e, a valorização dessa atividade, pela plateia lotada. Os idosos se expressam na cultura, no Centro de Atenção Integral à Saúde do Idoso (CAISI) órgão da Secretaria Municipal de Saúde que realizou o dia D de Mobilização em atenção ao Dia Mundial de Combate à Violência Contra o Idoso, em parceria com o Centro Integrado de Apoio Contra a Violência à Pessoa Idosa (CIAPVI). Além de palestras, houve apresentação de diversas expressões da

⁷⁴ A categoria “trupiada” é usada para denominar a orquestra com “centenas de instrumentos, entre matracas, pandeirões, maracás e tambores-onça que pulsam em sofisticada polirritmia, insere o Bumba Boi de matraca no grupo das grandes orquestras percussivas que marcam nossa música urbana como as escolas de samba cariocas, os afoxés baianos e os maracatus pernambucanos” (BOI DE MARACANÃ, 2012).

cultura maranhense, tais como o Bumba-Meu-Boi do SESC e o tambor de crioula do CAISI, ambos formados por idosos.

Uma das participantes do CAISI aposentada com 65 anos que participa de “três grupos de dança do Caisi e ainda consegue tempo para participar de atividades em outras instituições”, assim se expressou: ‘Uma das melhores coisas que aprendi aqui no Caisi foi a ser mais alegre. Aqui a gente participa de várias atividades e faz muitos amigos’. Esta idosa ainda se manifesta: “[...] também saio em um grupo de bumba-boi fora daqui. Graças a Deus tenho saúde e muita energia para gastar” (O Imparcial, 20.06.2012). Esse relato mostra que os idosos, em São Luís, participam de vários grupos de Bumba-Boi, ao mesmo tempo e, desta forma, possivelmente, os idosos da UNITI devem se integrar em alguns desses grupos. De fato, pois na figura 3 podemos ver ex-alunos da UNITI, integrando o grupo de Bumba-Meu-Boi do SESC, o “Boi Brilho do SESC”:

Figura 3 - Boi “Brilho do SESC” Caxias do Sul - RS, 23 a 26 de Outubro de 2007.

Fonte: ARAÚJO, Hortênci Maciel Gago.⁷⁵

Em 1992 foi criado o grupo Boi Brilho do SESC por integrantes dos grupos de idosos do SESC Deodoro e SESC Turismo, “formado por idosos que apresentavam o sotaque de zabumba”. Posteriormente, “o grupo incluiu na brincadeira os netos dos integrantes e mudou para sotaque de orquestra.

⁷⁵ Lâmina de apresentação no X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior; IX Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior. Universidade de Caxias do Sul - RS, 23 a 26 de Outubro de 2007.

Intergeracional, hoje o grupo é composto por 100 integrantes de campeadores, fitas e músicos, com idade de 04 a 91 anos”. A produtora deste grupo é a assistente social Adalgisa Drummond, coordenadora do Trabalho Social com Idosos.

Os programas para a terceira idade também organizam arraiais, como o Centro Social e Recreativo do Servidor Público Estadual (antigo IPÉM), no bairro do Calhau e o Programa de Ação Integrada para o Aposentado (PAI), em cuja programação junina consta a apresentação de diversos grupos de idosos, tais como o Boizinho Mimo do PAI e o Boi do GEN (O Imparcial, 25.06. 2012; SESC-MA, 2013).

Algumas mudanças vêm sendo observadas no Bumba-Boi, como a apresentação de alguns grupos, mesmo após a festa da morte do seu próprio grupo de boi (Sanches, 2004, p. 7) e a introdução do pagamento de cachês aos grupos pelas apresentações nos arraiais mantidos pelos poderes públicos (Maranhão, 2011). As mulheres passaram a ter “um papel significativo no acompanhamento do boi, pois são filhos, maridos e amigos que, a todo o momento, buscam a sua presença [...]” (Teixeira, 2008, p.64). Outra mudança observada é a ampliação da festa, para mais 50 bairros em 2011, pela Fundação Municipal de Cultura apoiando 120 arraiais comunitários, como noticiou O jornal Imparcial de 12 de junho de 2011.

Além dessas ponderações, observamos a presença marcante dos idosos no Bumba-Meu-Boi do Maranhão, que se tornou Patrimônio Cultural do Brasil em 2012 (Moreira, 2012). O Bumba-Meu-Boi de Zabumba, por exemplo, confronta o velho e o novo, congrega sujeitos diversos, mantém aspectos da tradição no ciclo da festa, em que “todos os rituais sacralizados pela história e cultivados na memória dos mais velhos, são reproduzidos de maneira intacta, no que diz respeito ao mítico, através da musicalidade” (Costa, 2006, p.8).

Nesse contexto, os idosos que se integram nessa forma de expressão da cultura, nos programas para a terceira idade em São Luís e, possivelmente repassam valores. Observamos que o Bumba-Meu-Boi, engendrado em uma comunidade resulta de uma ação conjunta de diversos sujeitos na esfera pública das suas sedes, que, nesse contexto constitui um mundo plural e comum a todos, onde amizades são constituídas e fortalecidas, inclusive entre diversas gerações, classes, raças e outras diferenças. Através do Bumba-Meu-Boi, os sujeitos

aprofundam a relação com avós e pais, ao mesmo tempo em que estabelecem uma conexão entre o passado e o presente e os idosos podem tornar visíveis as questões da velhice.⁷⁶

Importa aqui demarcar a amizade nas relações entre as gerações na família que não é algo novo, no contexto do Bumba-Meu-Boi em São Luís e entre os próprios brincantes e entre estes, a amizade é exercitada, a partir de um objetivo comum: brincar o Bumba-Meu-Boi. A performance das encenações, não deixa dúvidas quanto a isso, pois: “Agregando-se em torno do boi simbólico que a todos vincula, o grupo de brincantes deseja perdurar e sobreviver no tempo” (Cavalcanti, 2012, p. 373).

7.1.2.

Relatos de amizade e de cidadania da UNITI/UFMA

Amizade é pra tudo!⁷⁷

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados, da pesquisa em São Luís capital do Estado do Maranhão, que nos levou a compreender a amizade, na perspectiva arendtiana, especialmente na dimensão política, conforme as respostas de três categorias de sujeitos, que assim denominamos: **alunos idosos, idosos das associações e profissionais** e os relatos são apresentados nessa ordem. Os alunos idosos da UNITI estão denominados pela letra da Turma que frequentam - A, B ou C -, seguida de uma numeração subsequente (por exemplo, A1, B7, etc.). Os idosos das associações são chamados de ASO e numerados em ordem crescente (ASO1, ASO2...). Aos profissionais atribuímos o nome de PROF com a numeração correspondente (PROF1...). Nos relatos dos homens, especificamos

⁷⁶ Destacamos o Grupo de Bumba Meu Boi Estrela de Gericinó-RJ, criado por uma família maranhense na comunidade do Catiri em Gericinó no Rio de Janeiro. Uma das suas atividades é a Inclusão da Terceira Idade, que compreende a representação do Bumba Meu Boi por idosos e demais gerações, mostrando o acesso dos cariocas dessa comunidade carioca a essa brincadeira. Disponível em: <http://culturapopularraizesdegericino.blogspot.com.br/2011/11/cultura-popular.html>. Acesso em: 09.03.2013.

⁷⁷ Relato da idosa ASO9, na entrevista para a nossa pesquisa, ao falar da importância da amizade.

este gênero. Não especificamos quando forem mulheres, para não ficar repetitivo, uma vez que a participação delas é muito intensa, até porque há mais mulheres do que homens.

Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Alunos Idosos

Uma das questões do questionário para traçar o perfil dos idosos da UNITI versa sobre a sua inserção nesse projeto, onde buscávamos saber quem os indicou, como souberam e por que se inscreveram nas atividades da mesma. Interessante observar que, ao responderem esta questão, que teve por objetivo compreender a motivação dos referidos idosos, ao se inserirem nesse projeto, os idosos já vão relatando as suas expectativas. Na análise dos itens **como soube e por quem foi incentivado**, a resposta foi a mesma. Vejamos, a seguir, os resultados desse item.

Entre os idosos, 25 souberam e se inseriram na UNITI por **iniciativa própria** (5 homens e 20 mulheres); 19 foram incentivados pela **amizade** (1 homem e 18 mulheres e os amigos são do Conselho de idosos; do trabalho, da Igreja); 16 mulheres, por **familiares** (esposo, filhos, irmã); 3 mulheres **não declararam**; 2 mulheres referiram **saúde** (depressão, isolamento e solidão) e 1 foi encaminhada por **profissional** da área de saúde (psicóloga). Apesar de homens e mulheres e mostrarem autônomos, tomando a iniciativa de se inserir na UNITI, a amizade e a família, em São Luís são bem expressivas.

A expectativa foi respondida, também, como motivação (espero e meu objetivo é) e os alunos se inscreveram na UNITI para: **adquirir novos conhecimentos** em primeiro lugar, 37 idosos, sendo 31 mulheres e 6 homens (conhecimento foi relacionado pelas mulheres a: conhecer seus direitos e deveres como cidadã, envelhecer melhor, aprender a dançar, criatividade, ultrapassar barreiras). Os homens associaram o conhecimento a: educação profissional, amizade (boa amizade) e qualidade de vida. Em segundo lugar a **amizade**, relatada por 23 idosas; 1 idosa declarou vontade de **ocupar o tempo livre** (fugir da ociosidade, atividade); 1 idosa **lazer**; 1 idosa **saúde** (desenvolver mais a memória); 3 não declararam. De modo geral a aprendizagem e a amizade foram

apresentadas com os verbos: adquirir, aumentar, aprimorar, ampliar, melhorar. Vejamos os relatos sobre os objetivos dos idosos:

Com objetivo de ampliar meus conhecimentos para continuar e valorizar a 3ª idade no campo da saúde e condição de vida digna etc. (B2).

[...] novas conquistas, bons relacionamentos entre amigos e professores, uma perspectiva de uma idade melhor com mais vigor, saúde e conhecimento dos nossos direitos e deveres (C20).

Novos conhecimentos e novos amigos (A19).

Uma grande aprendizagem com boas amizades (C9).

Idosos das Associações

Os idosos das Associações souberam da UNITI por meio de suas amizades. As motivações apresentadas para a participarem na UNITI e nas Associações foram: aumentar os conhecimentos e fazer mais amizades; vencer a timidez; fazer uma faculdade; ocupação; curiosidade; desejo de mudança; sair de casa; ver pessoas. Essas motivações coincidem com as dos alunos idosos do referido projeto.

Em sua pesquisa, Araújo (2001) encontrou como motivação para a inserção na UNITI, em primeiro lugar, “criar novas amizades e adquirir novos conhecimentos”. Esta autora compreende que o tempo livre da aposentadoria leva os idosos a buscarem programas da Terceira Idade, para preencher esse tempo, “estabelecendo relações de amizade e aquisição de novos conhecimentos”. Além disso, buscam na UNITI, melhor qualidade de vida e um espaço “que os ajude a assumir a Terceira Idade com coragem, confiança e dignidade, propiciando ainda o aprendizado dos conhecimentos sobre o envelhecimento e como encará-los de forma saudável” (p. 67).

Além desses aspectos, observamos que os idosos buscam também na UNITI, uma qualidade de vida associada à dignidade e atendimento aos seus direitos.

Para Araújo (2001), o incentivo e apoio da família e dos amigos se devem ao fato de que “a imagem preconceituosa está perdendo força”, além da presença dos idosos em “diversos espaços sociais da vida cotidiana”. Nestes espaços, “os idosos têm-se feito notar, demonstrando para a sociedade que são pessoas capazes

de participar ativamente de atividades sócio-culturais, educacionais, políticas e de lazer” (p. 71).

As mulheres idosas mostram a intenção de serem multiplicadoras dos conhecimentos adquiridos na UNITI, como nos relatos, a seguir expressam: “e espero quando eu terminar quero ensinar para os outros o que aprendi de bom” (B6). “Muito conhecimento para que possa viver com maior qualidade de vida e muita experiência para que possa passar para outros” (B7).

Também mostram uma esperança associada a uma crítica: “espero adquirir mais conhecimento [...] que também eu possa ter todos os direitos que estão escrito na lei dos idosos. Estas leis [...] seja colocada em prática” (C6).

Desde o início, os idosos vão mostrando sua percepção sobre a UNITI, de forma crítica e ética, apesar de estarem frequentando um semestre apenas, pois iniciaram seu percurso nesse projeto em 2011. Desejar repassar os conhecimentos adquiridos na UNITI, expressa uma forma de cuidado com o mundo, uma dimensão de *amor mundi* que é a política arendtiana.

Quanto ao perfil desses idosos, a tabela 1 explicita o arco etário e de sexo dos mesmos.

Tabela 1 - Perfil dos Idosos da UNITI por sexo e idade

Sexo	Faixa etária e sexo					Total
	40-49	50-59	60-69	70-79	N/Informado	
Homens	-	4	2	-	-	6
Mulheres	1	28	25	5	1	60
Total geral						66

Fonte: CUBA, Conceição de Maria G. B. Cuba. Pesquisa de Campo, 2011.

Observamos que a frequência da UNITI insere idosos mais jovens, porque o próprio projeto prevê a inscrição de sujeitos de 50 anos e mais. Segundo Gomes (2004), em seu estudo sobre o lazer desenvolvido pelos alunos da UNITI/UFMA, a presença majoritária de mulheres vem sendo recorrente nos grupos de terceira idade e vem “sendo explicado em termo de maior expectativa de vida do sexo feminino e um padrão de vida mais ativo que o do sexo masculino” (p.78). Essa posição de gênero e esse motivo foram partilhados por Araújo (2001) e Feitosa (2004). A presença do gênero feminino reforça uma constatação de Motta (2004)

que as mulheres idosas participam mais do que os homens, de atividades na esfera pública, inclusive nos programas de universidades para a terceira idade, dando visibilidade às questões da velhice, atualizando seus conhecimentos, construindo novas amizades, assim tentam quebrar preconceitos (Motta, 2004).

Diversas questões surgiram durante a pesquisa na UNITI mostrando a negação da velhice e a contradição que persiste na sua representação social em nossa sociedade. A primeira vez que surgiu foi no momento em que aplicávamos o questionário de perfil e esclarecíamos os seus objetivos, voltados para a pessoa idosa. Diante disso, A4 fez a seguinte colocação “Professora, eu tô aqui, mas eu não sou idosa não, viu? Eu tô aqui pra poder fazer meu curso” (A4).

Em seguida, diz “Professora, eu tô só brincando, mas eu tô prestando atenção na sua conversa” (A4).

Observamos que ela remete ao preconceito, à discriminação e à velhice como algo descartável, que ainda persiste no Brasil. A negação da velhice pode estar associada com a descartabilidade dos sujeitos, que é própria da modernidade, como mostra Arendt (2002 a). Resulta da transformação na cultura que afetou diversos setores da sociedade, inclusive as mentalidades. Nesse contexto, os alunos idosos da UNITI, ao participarem das atividades que esse projeto lhes oferece mostram uma forma de resistência às vicissitudes da era moderna mostrada por Arendt (2002 a).

Entretanto, as idosas comentam entre si dizendo: “o que é velho, é velho”.

Nas sociedades em que os sujeitos assumem sua velhice e suas limitações como o Senegal na África, como esclarece Catherine N’Diaye em “Gens de Sable”, em que há um “abatimento do corpo”, que se torna “mais pesado, desgastado” na velhice. Este corpo adquire “uma espécie de lascívia sob o tecido”⁷⁸ (N’Diaye, 1984, p. 31). Na percepção desta autora, o corpo envelhecido, expressa uma sabedoria da trajetória de uma vida bem vivida e digna de respeito. Nesse contexto, a velhice não é vista como maldição nem incompetência social:

O ‘velho’ não pode ser apontado como um ser degradado; não é feio porque é velho, pois o desgaste do corpo é o traço escrito e diretamente legível da vida que ele conhece tão bem. Visto dessa forma, a pele enrugada torna-se um conjunto de sinais atraentes e impressionantes (N’Diaye, 1984, p. 30).

⁷⁸ Tradução livre nossa.

Especialmente no Brasil Pobre, é no corpo que os primeiros sinais do envelhecimento aparecem no desgaste vital, ainda aos 40 anos (Barroso, 1992, p. 52). Além disso, classificar os sujeitos pela idade, leva à negação da heterogeneidade do processo de envelhecimento. Tal fato ocorre por que: “O *status* de idoso pode ser atribuído a indivíduos com determinada idade mesmo que não apresentem características de dependência ou senilidade associadas à velhice e, mais importante, mesmo que recusem esse *status*” (Camarano, 1999, p. 4).

No entanto, ASO1 mostra outro aspecto da velhice, “Eu vejo o idoso, como uma pessoa normal, uma pessoa que é aposentada, que ganha seu salário. Não como um coitado” (ASO1).

Importante é notar que, mesmo expressando uma forma de negação da velhice, os idosos tentam assumir uma posição e trazendo-a em público, assim expressando uma forma de política. A dificuldade de definição de quem é velho pode levar a opiniões diversas, tanto que um pessoa jovem pode se considerar velha, ou seja, aceitar esse *status*. Não é essa a posição de A4, que revela “nós estamos dançando Quadrilha” (A4).

Ela remete a uma atividade nessa fase da vida, na expressão da cultura popular de São Luís, tradicionalmente, dançada pelos jovens, a Quadrilha, que nas palavras de Reis (2003, p. 132) surgiu no Brasil no século XVI. Na cidade de São Luís, em meados do século XX, a Quadrilha surge em sua maioria, dos “encontros de amigos, que buscavam uma forma de se divertir no próprio bairro, durante o período de São João” (p.132). Hoje, ao se expressarem, por meio da cultura, dançando Quadrilha e Bumba-Meu-Boi, os idosos revelam uma velhice reinventada, modernizada.

Outra questão observada foi a data do Registro Civil dos idosos, com resposta de um pequeno número de idosos e os 6 homens não informaram. As mulheres foram registradas nas seguintes épocas: 10 registraram ao nascer; 1 com 3 meses após o nascimento, 1 com 9 meses, 1 aos 7 anos de idade, 1 com cerca de 2 anos de idade; 2 foram registradas quando “criança”; 44 mulheres não informaram. As demais verbalizaram não saber ou não lembrar.

Apesar da maioria dos idosos não ter informado a data de registro do seu nascimento, “O registro é fundamental para que a pessoa seja reconhecida perante o Estado. Sem o documento, por exemplo, ela não pode se cadastrar nos

programas sociais dos governos”, explicou Adalton Bastos, gerente da Pesquisa do Registro Civil do IBGE (IBGE, 2013).

O IBGE constatou no Censo de 2010, que os menores percentuais de registros extemporâneos foram encontrados nos Estados de São Paulo (1,6%), Paraná (2,2%) e Santa Catarina (2,2). Os maiores percentuais estão no Amazonas (34,1%), Pará (30,8%) e em Roraima (26,8%). Entretanto, a maior redução do Registro extemporâneo foi observada no Maranhão, onde o índice caiu de 76,6% para 25% em dez anos (IBGE, 2013).

Sem registro de nascimento, as crianças não podem ser vacinadas, nem mesmo matriculadas na escola. Quando adultos, também não poderão ter CPF ou carteira de trabalho, não terão direito a nenhum tipo de benefício trabalhista e não poderão tirar título de eleitor. Na velhice, também não poderão receber aposentadoria da Previdência Social (IBGE, 2013).

Em relação ao direito ao acesso ao tratamento da saúde, apenas 23 idosos possuem plano de saúde do seu próprio empregador como funcionários públicos e em outros casos, os filhos pagam, mas são poucos. Não conseguimos discriminar entre os homens idosos, quais são os que possuem plano de saúde.

Sobre a religião, 42 idosos são católicos (5 homens e 37 mulheres); 23 são evangélicos (1 homem e 22 mulheres); 1 não declarou. Sobre a situação previdenciária: 24 aposentados (3 homens e 21 mulheres) e 20 trabalham (3 homens e 17 mulheres - assalariados, autônomos e trabalho informal). Sobre as mulheres, ainda, 9 são pensionista; 2 são aposentadas e pensionistas; 7 são donas de casa e declaram “sem previdência”; 4 não declararam.

A grande incidência de católicos e evangélicos mostra, segundo Feitosa (2004), que “o sentimento religioso nos idosos é reforçado com o passar dos anos, ajudando-os a enfrentar as dificuldades materiais e psicológicas” (p. 130). Além disso, podem melhor conviver com as dores e visualizar a sua finitude (Monteiro, 2004).

Em relação ao estado civil: 10 solteiros (1 homem e 9 mulheres), 25 casados (3 homens e 22 mulheres), 2 mulheres convivem em união estável), 6 divorciados (1 homem e 5 mulheres), 10 separados (1 homem e 9 mulheres), 12 mulheres são viúvas e 1 não declarou. A condição de moradia é: 12 idosos moram sós (2 homens e 10 mulheres); 8 mulheres idosas residem com o cônjuge; 42

idosos residem com a família (4 homens e 38 mulheres); 1 mulher idosa reside com religiosas (é freira) 2 mulheres residem com parentes e 1 não declarou. Em seu estudo na UnATI/UERJ, Sant'Anna (1997) também identificou a residência de mulheres idosas alunas desse programa, em comunidade religiosa.

As famílias são assim constituídas: cônjuge com filha e/ou filho (1 a 2); filha casada; netos; nora; genro; filho e 1 neta; 1 filho da idosa e a esposa (nora) junto com 2 filhos da idosa e 1 neto que a idosa cria; 1 filha e 2 netos (mãe deles); mãe e 1 irmã da idosa. Entre as mulheres que declaram residir também com o cônjuge, encontram-se algumas que se separaram e o cônjuge continua residindo na mesma casa. Não temos o quantitativo destas idosas, mas diversas idosas perguntaram-nos como anotar esse dado no questionário de perfil. Assim se expressou uma das idosas, na reunião de aplicação do questionário do perfil: “Eu moro com um filho e o meu ex-marido”. Elas registraram residir com o cônjuge, mas não especificaram essa condição.

A convivência familiar também foi considerada nas seguintes situações: grande número de casados, as mulheres em união estável e aquelas separadas, em que o ex-cônjuge ainda convive na mesma casa. Além disso, 57 idosos moram em casa própria (5 homens e 52 mulheres); 3 em casa alugada (1 homem e 2 mulheres); 3 mulheres em casa cedida; 1 mulher declarou residir na casa dos pais; 1 no convento e 1 mulher não declarou.

Quanto à escolaridade: os homens completaram o Ensino Médio; 6 mulheres completaram o Ensino Fundamental e 8 não completaram; 31 completaram o Ensino Médio e 8 não completaram; 4 completaram o Ensino Superior e 2 não completaram; 1 não declarou. Observamos que os idosos - homens e mulheres - que completaram o Ensino Médio e as mulheres que não completaram o Ensino Superior trabalharam e aposentaram nas profissões de nível técnico compatíveis com a sua escolaridade. Uma mulher idosa, na faixa de 60 a 69 anos, completou o Ensino Superior da área econômica, tradicionalmente desenvolvida por homens, trabalhou e aposentou na sua profissão e sua renda é de 5 salários mínimos.

A renda individual dos alunos idosos da UNITI é mostrada na tabela 2:

Tabela 2 - Distribuição da renda individual por classe de salário mínimo - 2011

SEXO	Rendimento em Salário Mínimo								Total
	0,40/0,90	1/1,83	2/2,75	3	4,77	5 e 5,50	SR ⁷⁹	SI ⁸⁰	
Homens	-	3	-	-	1	1	1	-	6
Mulheres	5	24	6	1	1	1	11	11	60

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011.

A maioria dos idosos encontra-se na faixa entre 1 a 1,83 salários mínimos (24 mulheres e 03 homens), mas são as mulheres que declararam não possuírem renda. Neste quesito encontram-se as mulheres que declararam serem “donas de casa” ou “do lar”. Observa-se também no quesito Renda Individual que os homens estão distribuídos em quase todos os níveis de renda, desde sem renda até 5,50 salários mínimos. As mulheres estão concentradas entre 1 a 1,83 salários mínimos. Entre as mulheres que recebem renda inferior a 1 salário mínimo, 1 completou o Ensino Médio. Os idosos sem renda 2 possuem Ensino Médio completo (1 homem realizou curso técnico e 1 idosa fez curso na área da religiosidade), outra idosa sem renda, cursou o Ensino Superior Incompleto.

A baixa renda individual, assim como o alto número de aposentados, também foram encontrada nos estudos de Araújo (2001) e Feitosa (2004). Em nosso estudo, o índice de renda baixa leva os idosos a terem ajuda da sua família, apesar de relatarem também dar ajuda aos seus filhos e netos.

No perfil elaborado em seu estudo com oito alunos da UNITI (02 homens e 06 mulheres), Vetter (2005) observou que a renda individual desses idosos varia entre 1 a 3 salários mínimos federais e, ainda assim, ajudam financeiramente sua família. Esses idosos percebem a UNITI como um espaço em que podem fazer novos amigos, obter conhecimentos, aprendizagem para a terceira idade, integração e reforço para a memória (p. 128).

A Renda Familiar, que não está somada à renda individual, é assim percebida pelos idosos: inferior a 1 salário mínimo de 4 idosos (1 homem e 3 mulher); entre 1 a 1,65 s/m (8 mulheres); 2 a 2,75 salários mínimos (8 mulheres); 3 a 3,46 salários mínimos (4 mulheres); 4 e 4,40 salários mínimos (2 mulheres) e

⁷⁹ S/R = Sem Renda.

⁸⁰ S/I = Sem Informação.

5 a 5,50 salários mínimos (2 mulheres). Não recebem ajuda (1 homem e 6 mulheres) e 4 homens e 36 mulheres não informaram.

As expressões utilizadas por algumas mulheres idosas para responder o campo Sem Renda Familiar, foram: “não tem” como A4 de 57 anos; B19 com 63 anos declarou “não”; C3 com 56 anos declarou “Nem uma”; C4 com 59 anos declarou “Não tem”. O idoso C18 com 50 anos declarou “não” em todos os campos de valores referentes à renda familiar.

Além de ajudar a sua família, os idosos também são ajudados por estas. Algumas mulheres idosas relataram diversos tipos de ajuda dos filhos: na despesa da casa; pagam sua Contribuição Previdenciária e suas despesas; algumas despesas da casa. As mulheres recebem ajuda do cônjuge: 1 salário mínimo, 2 mulheres; 1,48 salários mínimos - 1 mulher; 1 mulher recebe 2,20 s/m e 1 recebe 4,40 s/mínimos. Os idosos também recebem a contribuição dos filhos em espécie: 1 idosa (2,56 S/M); 1 idoso recebe 0,27 S/M mensais em alimento.

O suporte financeiro da família mostra a importância do idoso em sua família, embora a família seja um espaço de desigualdades e de conflitos (Arendt, 2002 a). Embora as pesquisas do IBGE (2010) revelem que os idosos vêm se expressando como importante suporte financeiro da família e as trocas geracionais são significativas, Feitosa (2004) mostra que morar com a família nem sempre constitui uma situação tranquila. Isto porque os idosos do seu estudo mostraram que esta condição “gera desconforto, na medida em que interfere na liberdade de ambos: idosos e familiares” (p. 132).

Observa-se nestes resultados uma complexidade e uma heterogeneidade na composição das famílias dos idosos da UNITI. Apesar de uma parte residir na casa de filhos e de, possivelmente, recorrerem à sua ajuda para desempenharem as atividades diárias, têm um papel importante na contribuição com a renda das famílias com quem moram. “Neste sentido, pode-se falar que as famílias se organizam para maximizar o uso dos recursos (tempo para cuidado, renda), em função de atenderem as demandas de seus dependentes. Esta organização é mediada pelas políticas de seguridade social e pela disponibilidade de tempo das idosas autônomas” (Camarano, 2009, p. 93). Esta autora entende que a falta de renda das mulheres idosas pode estar relacionado, especialmente, à baixa participação das mulheres no mercado de trabalho em sua vida adulta. “Para estas mulheres, ter casado e/ou tido filhos, ou seja, a construção de laços afetivos ao

longo da vida, parecem ser requisitos tão importantes para o apoio na última fase da vida como a contribuição para a seguridade social” (p. 94).

O bairro em que residem os idosos é mostrado na tabela 3, junto aos espaços da cultura popular, especialmente o Bumba-Meu-Boi nesses locais ou em seu entorno.

Tabela 3 - Bairros de residência dos alunos idosos da UNITI no Macrozoneamento Urbano de São Luís - Plano Diretor de São Luís - Lei Nº 4.669 de 11/10/2006

Áreas	Sexo		Bairros	Grupos de Bumba-Boi, Arraiais...
	H	M		
Áreas de Requalificação - Área 1	-	3	Jordoa, Madre Deus, Apeadouro	Arraial da MAURA, Boi da Madre Deus
Áreas Consolidadas - Área 2	-	9	Coohab, Coohab Anil, Coohab Anil IV, Cohatrac II, Cohatrac IV, Maranhão Novo	Boi da COHAB, Boi Brilho da Terra, Quadrilha Sai Quem Quer, Arraial Associaç. Moradores Cohatrac, Boi da Cidade Operária
Áreas em Consolidação - 2 - Área 4	2	6	Jardim S.Cristóvão, Planalto Anil I, Turu, Vinhais, Parque Atenas, Vivendas do Turu	Bumba Meu Boi Capricho de Oliveira, Arraial Rio Anil Shopping - Turu, Boi idosos “Fios de Prata”
Áreas de Qualificação - Área 5	4	21	Vila Palmeira, Vila Bacanga, Liberdade, Cidade Olímpica, Vila Janaína, Bom Jesus, João de Deus, Novo Angelim, Santa Bárbara, Parque Guanabara, Bairro de Fátima, Anjo da Guarda	Boi Brilho da Paz, Parque Folclórico, Associação Beneficente Idosos do Boi Vila Bacanga, Boi da Liberdade, Socied. Junina, Brilho das Estrelas; Liga Independente do Bumba Meu Boi, Boi Mimo de São João, Capricho do Bom Jesus, Associaç. Folclór. Beneficente Boi Unidos da Baixada, Boizinho Brilho do Novo Angelim, Boi da Estrela Dalva, Boi da Associação Junina Dois Irmãos; Boi do Bairro de Fátima, Boi Anjo do Meu Sonho
Sem Área ⁸¹	-	13	São Raimundo, Recanto do Turu, Maiobão, Loteam. Geniparana, Fumacê, Maresia, Vila Maranhão, São Cristóvão, Vila Cafeteira	Bois do bairro Madre Deus, Boi do São Raimundo, Boi Upaon-Açu do Maiobão, Arraial Paço do Lumiar, Boi Capricho da União, Boi de Sonhos, Sede do Boi de Pimeira Cruz em S. Luís
Área Indefinida ⁸²	-	7	Cruzeiro do Anil, São Francisco, Bequimão, Cohama, Jaracati	Boi Cid. de S. Luís, Boi Cruzeiro do Anil, Associaç. Junina Boi Capricho do Oliveira, Boi Brilho do S. Francisco, Boi Estrela do Bequimão, Arraial São Luís Shopping, arraial Cohama

Fonte: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011.

⁸¹ Áreas não encontradas no Plano Diretor/2006.

⁸² Plano Diretor, 2006 não define a parte dos bairros pelas Áreas.

Na tabela 3, observamos que, independente da distância dos bairros em que os idosos residem com a UNITI o acesso é difícil, pois os ônibus que entram no Campus da UFMA são tomados em um Terminal localizado no Centro Histórico da cidade. Alguns bairros mais distantes também possuem Terminais e, dependendo do bairro em que os idosos residem, estes necessitam tomar 2 ou 3 ônibus, para chegar à UNITI, que funciona no interior da UFMA.⁸³ Entretanto é fácil o acesso dos sujeitos idosos aos grupos das expressões culturais de São Luís, possibilitando a sua participação nesses espaços.

Além do dono de alguns dos grupos de Bumba-Meu-Boi de São Luís serem hoje idosos, como esclarecem Silva & Ferreira (2008), esta cidade, ao que observamos, possui três associações e diversos grupos de Bumba-Boi formados por idosos. A exemplo, a Associação Bumba Meu Boi Brilho da Terceira Idade de Vila Isabel, cuja presidente é uma mulher. Possui também a Associação dos Idosos do Bairro de Fátima e a Associação do Grupo da 3ª Idade Vitalidade, sendo esta fundada em 20 de Março de 2002, com sede no Bairro Cidade Operária.⁸⁴

Além disso, o projeto de revitalização denominado “Viva” desenvolvido em diversos bairros pelo governo do Estado com praças padronizadas, organizadas como arraiais para apresentação das expressões culturais, inclusive o Bumba-Meu-Boi, facilitou a presença de uma grande parcela da população de São

⁸³ O Sistema Integrado de Transporte de São Luís, em 1996, criou o primeiro terminal na Praia Grande. Alguns bairros são servidos por duas Linhas Circular. São Luís possui cinco Terminais de ônibus no sistema integrado de transporte urbano (Praia Grande ou Beira Mar, São Cristóvão, Cohab/Cohatrac, Cohama/Vinhais e Distrito Industrial), com o pagamento de apenas uma passagem, ao percorrer a região metropolitana. Possui 2 tipos de Linhas: a integração do bairro ao terminal e o terminal ao centro da cidade ou a outro terminal. Os idosos da nossa pesquisa tomam ônibus até o Terminal Integração da Praia Grande, onde tomam outro para o Campus da UFMA: Vinhais, Cohatrac IV, Vila Palmeira, São Francisco, João de Deus, Bequimão, Maiobão e Vila Maranhão. Os idosos residentes no Bairro da Cohama, tomam ônibus no Terminal desse bairro até o da Praia Grande e seguem para a UFMA. Cidade Olímpica, tem uma e Vila Janaína - Bairro Vila Operária, tem duas Linhas de ônibus para o Terminal Praia Grande.

⁸⁴ Alguns grupos de Bumba-Meu-Boi de idosos: o Boizinho Mimo do PAI, Boi do GEN, Bumba meu boi Brilho de São João da 3ª Idade, Bumba-Meu-Boi do Grupo de Convivência do Vinhais de Dona Maria, Bumba meu boi Brilho da III Idade de Maria Vanda Lima Barbosa, Bumba meu boi Brilho da III Idade de Maria Zilda dos Santos, Bumba meu boi Brilho de São João da 3ª Idade de Raimunda Benedita Pinheiro Costa, Grupos de idosos do Clube Raio de Sol, Grupo de Idosos Perseverança, Clube Renascer e outros. O PAI também possui o Arraial do PAI, onde se apresentam grupos da terceira idade. Ver melhor em: “PAI reúne aposentados e pensionistas do estado em um grande arraial”. <http://www.segep.ma.gov.br/index.php/noticias/8-noticiaultima/244-pai-reune-aposentados-e-pensionistas-do-estado-em-um-grande-arraial>. Acesso em 08.03.2013.

Luís naqueles bairros.⁸⁵ Por exemplo, no grupo de Bumba Meu Boi da Madre Deus participam sujeitos de bairros como Fumacê, Anjo da Guarda e do município de Quebra Pote do Maranhão (Sanches, 2006).

Segundo Silva & Ferreira (2008, p. 7):

A exemplo, no Boi da Associação Junina Dois Irmãos, mais conhecido como Boi de D. Zeca, ainda que a sede seja no Bairro de Fátima, participam pessoas do Bom Jesus, Coroadinho, Ivar Saldanha e de Central, no interior do Estado. Da mesma forma, na Associação Junina de Bumba-meu-boi Capricho do Oliveira, sede do Boi da Dona Hilda que fica no bairro São Francisco, a maioria dos brincantes é de Macajubal, comunidade localizada no município de Alcântara. Isso se repete também com outros grupos (p. 7).

Nesse sentido, os sujeitos da pesquisa podem participar em outros bairros, em arraiais de bairros vizinhos, pela proximidade entre eles.⁸⁶ A programação junina de 2011, momento da nossa pesquisa em São Luís, foi também apreciada por moradores e visitantes nos Vivas de diversos bairros.⁸⁷

Constatamos também que 17 idosos nasceram em São Luís e os demais nasceram em cidades maranhenses onde têm grupos de Bumba-Meu-Boi ou tem arraiais, ou seja, esses idosos convivem com essa festa desde a infância. Além disso, 06 idosos vieram de outros Estados, sendo que 04 do Nordeste e 01 do Sudeste, onde também existe a festa do Bumba-Meu-Boi. Em sua cidade natal tem apresentações de Bumba-Meu-Boi, ainda que diferente da maranhense. Mesmo

⁸⁵ Os grupos de Bumba-Meu-Boi podem ser encontrados nos seguintes endereços eletrônicos: JUSBRASIL. **Legislação**. <http://www.jusbrasil.com.br/legislação>. Acesso em: 10.03.2013. DOEMA. **Diário Oficial do Estado do Maranhão**. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/diários/navegue/DOEMA>. Acesso em 11.03.2013. Também encontrados em: <http://www.josejoaquim45455.com.br/2012/utilidadegeral.php>. Acesso em: 11.03.2013.

Bumba Meu Boi Estrela de Gericinó-RJ. Disponível em: <http://culturapopularraizesdegericino.blogspot.com.br/2011/11/cultura-popular.html>. Acesso em: 09.03.2013. Grupo criado por uma família maranhense na comunidade do Catiri em Gericinó no Rio de Janeiro.

⁸⁶ Segundo Silva & Ferreira (2011) alguns bairros vieram se formando ao longo da margem dos Rios Anil (Camboa, Liberdade, Fé em Deus, Alemanha, Ivar Saldanha), Rio Bacanga e Rio das Bicas (Bairro de Fátima - antigo Cavaco -, Sá Viana, Vila Embratel, Vila Bacanga, Alto da Esperança).

⁸⁷ São eles: Bairro de Fátima, Cidade Operária, João Paulo, Liberdade e Praça da Saudade, e seguiu até o dia 26 de junho. Já no Ceprama, Vila Palmeira e Praia Grande (Praça Nauro Machado, Canto da Cultura e Praça da Casa do Maranhão) a festança continuou até o dia de São Pedro, 29 de junho (O IMPARCIAL, 24/06/2011). Arraiais oficiais do Governo do Maranhão, Arraial Oficial da Prefeitura de São Luís, Arraiais do SESC - SESC/Deodoro e SESC/Turismo, Arraial Rio Anil Shopping, da Lagoa da Jahnsen e uma grande variedade de arraiais espalhados pela cidade de São Luís, que podem ser melhor vistos em: Disponível em: <http://www.kamaleao.com>. Acesso em: 12.03.2013.

assim, esta última passou a conviver com essa festa maranhense, depois que chegou a São Luís.

Esse movimento migratório de um Estado para outro ou dentro de um mesmo estado, e principalmente do campo para a cidade, pode influenciar as taxas demográficas, inclusive do envelhecimento populacional e alterar a velocidade do seu processo, acelerando em algumas regiões e diminuindo em outras. A migração, inclusive da zona rural para a urbana, influencia a adaptação do idoso a novas situações (Camarano, 2000) e redimensiona “a trajetória de vida de trabalhadores rurais ou de origem rural, que passaram a vivenciar inúmeras modificações no modo de vida na cidade, as quais foram narrados por meio de uma mistura de alegrias, tristeza, lutas e vitórias” (Barros, 2011, p. 202).

Segundo os resultados do Censo de 2010 (IBGE, 2010), para a região do Nordeste migraram altos percentuais da população, vindos de outras grandes regiões do Brasil. Em 2010, 06 Estados nordestinos, entre os 09, apresentaram mais de 50,0% do total de imigrantes vindos de outras regiões com destaque para a Bahia, cuja taxa de migração de outras grandes regiões corresponde a 73,5%.

Vejamos, no Quadro 1, o perfil dos idosos das Associações de São Luís.

Quadro 1 - Perfil dos idosos das Associações

Idosos das Associações	Perfil	Área, Bairro e Grupos Culturais
ASO1	Homem, 79 anos, ludovicense, registrado ao nascer, aposentado, casado, não declarou religião, Ensino Médio completo, atividade na área pública compatível com sua escolaridade, renda individual de 11,37 salários mínimos e renda familiar de 01 salário mínimo. Reside em casa própria com a esposa. Início na associação cerca de 2005. Coursou a UNITI em 2003.	Sem Área ⁸⁸ - Conj. Habitac. Turu, possui Arraial.
ASO2	Homem, 72 anos, registrado ao nascer, ludovicense, casado, não declarou religião, Ensino Médio completo. Trabalho público compatível com a escolaridade, renda individual de 6,78 salários mínimos, sem renda familiar. Reside em casa própria com a família (esposa, 1 filha e 1 neta). Coursou a UNITI em 2004.	Áreas em Consolidação - 2 - Área 4, Turu, possui Arraial.
ASO3	Mulher, 70 anos, viúva, mora com o filho em casa própria. Registrada aos 3 anos de idade, pois o Cartório era longe, “a família levava vários filhos de uma vez”. Nasceu na Região do Mearim, pai da mesma cidade e a mãe de outra cidade do Nordeste. Foi para São Luís aos 30 anos (1971). Ensino Fundamental completo, católica, viúva, aposentada, profissão compatível com a escolaridade. Coursou a UNITI de 2003 a 2010. Aluna da Associação desde 2011. Renda individual de 01 salário mínimo, recebe ajuda do filho, sem precisar o valor.	Áreas Consolidadas, Cohafuma, próximo a arraiais.

⁸⁸ Áreas não encontradas no Plano Diretor/2006.

ASO4	Mulher, 76 anos, registrada aos 04 anos de idade, 1938, ano em que foi para São Luís. Nasceu na Região do Munim, pai nordestino e mãe maranhense, Ensino Médio completo, casada católica, dona de casa. Sem renda individual, pois não é aposentada, renda familiar de 3,66 salários mínimos. Reside em casa própria com o cônjuge. Coursou a UNITI de 2008 a 2010. Aluna da Associação desde 2011.	Áreas Consolidadas - Área 2, Itaguará, Arraial da Associação de Moradores do Cohatrac.
ASO5	Mulher, 74 anos, registrada ao nascer, ludovicense, Ensino Superior completo, católica, viúva, aposentada em profissão compatível com a sua formação, renda individual de 7,33 salários mínimos, renda familiar de 3,66 salários mínimos. Reside em casa própria com uma filha, cursou a UNITI em 1996 e fundou a Associação em 1995.	Área Indefinida ⁸⁹ , São Francisco, Associação Junina de Bumba-meu-boi Capricho do Oliveira, Bumba meu boi Brilho do São Francisco e outros.
ASO6	Mulher, 77 anos, registrada ao nascer, nasceu em São Luís, pai nordestino, mãe maranhense, Ensino Médio completo, trabalhou em área do Magistério. Solteira, católica, aposentada, renda individual de 9,90 salários mínimos, sem renda familiar. Mora só, em casa própria, cursou a UNITI de 1996 a 1997, não declarou o início na Associação.	Zona Rural - Área não encontrada, Maracanã, Bumba meu boi do Maracanã.
ASO7	Mulher, 64 anos, não declarou a data de registro de nascimento, ludovicense, pai estrangeiro, mãe nordestina. Ensino Superior completo, trabalhou em sua área de formação. Católica, aposentada, viúva, renda individual de 16,51 salários mínimos, renda familiar de 19,26 salários mínimos. Reside em casa própria, não cursou a UNITI e não declarou início na Associação.	Áreas Consolidadas Cohafuma, Próximo a arraiais.
ASO8	Mulher, 88 anos, casada, reside em casa própria com o cônjuge, não cursou a UNITI, não declarou o início na Associação. Não declarou os demais dados.	Não declarou.
ASO9	Mulher, 87 anos, registrada ao nascer, em na Região do Munim. Foi para São Luís aos 29 anos em 1953. Ensino Fundamental completo, viúva, católica, pensionista, dona de casa, renda individual de 1,46 salários mínimos, ajuda da família em mobiliários e utensílios domésticos. Fundou a Associação em 1975.	Áreas em Consolidação - 2 - Área 4, Vinhais, Arraiais e Bumba Meu Boi idosos "Fios de Prata".

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011.

Entre os idosos das Associações, 4 mulheres declararam possuir Plano de Saúde. ASO9 é coordenadora de um grupo de convivência que possui um grupo de Bumba-Meu-Boi que se apresenta, inclusive em eventos, em outros Estados. Todos os idosos das Associações tiveram e têm contato com o Bumba-Meu-Boi, mesmo aqueles que vieram de outras cidades maranhenses, ou de cidades do Nordeste, pois esta expressão cultural existe, como visto, em todo o Brasil.

Há mais mulheres entre os sujeitos das associações entrevistados e são mais velhos do que os alunos idosos da UNITI, até porque aqueles que cursaram esse projeto, já concluíram a Formação Continuada. ASO6 fez o curso de

⁸⁹ Plano Diretor, 2006 não define a parte dos bairros pelas Áreas.

“Aprendizagem Continuada em Folclore”, para melhor se inteirar sobre as expressões culturais de São Luís. Sua renda, apesar de variável, ainda mostra que prevalece o valor de 01 salário mínimo, moram em casa própria e em sua maioria moram com a família. Além disso, ASO5 e ASO6 participaram do início da UNITI e relatando ASO6: “Quando a UNITI foi criada nós estávamos começando nosso grupo [...]” ASO6 pertencia ao Clube da Melhor Idade e, através do PAI foi convidada para fazer a inscrição na UNITI. Vejamos os relatos dos sujeitos da pesquisa.

Definição de amizade

Alunos Idosos

Amizade foi percebida pelos idosos como: amar, amor ; respeitar/respeito, aceitar o outro como ele é, conviver; relacionar um com o outro; ajuda; solidariedade; chorar junto a dor do amigo; é vital para o ser humano; tem de durar pra sempre; voto de confiança; concórdia; ensinar e aprender; relação voluntária; troca de experiências; relação desinteressada. Disseram:

É ajudar o outro. Por que, às vezes, [nas situações difíceis] é só a amizade que ajuda. [...] Lá, eles se encontram e dá uma força pra ele, pode ajudar com dinheiro, com condição que pode ser que o outro não tem (C3).

Amizade é respeito com o ser humano, na medida quando eu tenho amizade a uma pessoa, [...] como ela é, suas opiniões, suas aptidões e defeitos. [...] e a gente ama, assim mesmo do jeito que ela é [...]. [...] (B6).

Idosos das Associações

Para os idosos das Associações, a amizade pode ser construída na família ou fora dela e se baseia em confiança. Amizade é definida por eles como: solidariedade, conhecimento mútuo, companheirismo; ajuda; se doar (poder contar e dar suporte sempre, todas as horas, todos os momentos;), vínculo, pessoa sincera (falar a verdade); disponibilidade para ouvir, colaborar (contribuir quando é solicitado); amor fraternal; diálogo; parceria; confiança; beneficiar a comunidade; respeito; compromisso.

Amizade é conhecimento:

[...] felicidade do outro porque se o outro está feliz, [...], a gente vai lutar pra ser feliz [...]. Se [...] aquela pessoa é infeliz nós vamos ser solidários com ele para que essa infelicidade se transforme em uma felicidade (ASO1).

Na minha comunidade pouca gente se conhece. [...] E não é só lá, quase o mundo todo está assim. [...] Então o trabalho que eu fiz foi pra isso, é pra todo mundo se conhecer, todo mundo se ajudar (ASO2)

ASO2, em sua fala, deixa claro a indiferença presente na era moderna das sociedades capitalistas como mostra Arendt (2002 a) e Sennet (1999) e este idoso mostra a vontade de tentar enfrentar esta questão que provoca o isolamento (2012).

O respeito, assim como a *philia politike* aristotélica constitui uma forma de “amizade sem intimidade ou proximidade”. E nesse sentido “é uma consideração pela pessoa, nutrida à distância”, que mediada pelo mundo se interpõe entre nós, independente das qualidades que admiramos nas pessoas ou das “realizações que possamos ter em alta conta” (Arendt, 2002 a, p. 254-55).

O Fórum Permanente é “esse espaço de construção de novas amizades”. A amizade nesse espaço significa: respeito, atenção, carinho, afeto, sendo praticada nesse espaço para “saber mais do outro”.

Embora sem o saber, os idosos associam amizade à política, especialmente ao falar em concórdia. Expressam a ajuda ao próximo que associa à solidariedade que vem sendo associada à amizade, nos relatos dos idosos. A palavra *solidário* é oriunda do latim (*solidarius*) e significa: “uma relação de auxílio mútuo; recíproco, interdependente; aderido aos interesses, opiniões, sentimentos de outrem; que partilha do sofrimento do outro, ou se propõe a atenuá-lo” (Larousse, 1992, p. 1045). Esse princípio possui “um sentido que pode inspirar e guiar a ação”, onde os homens “estabelecem, deliberadamente, e como que desapaixonadamente, uma comunidade de interesses com os oprimidos e os explorados” (Arendt, 1988, p. 70). Abrange os fortes, os fracos, os ricos e os pobres e, pode ser suscitada pelo sofrimento, mas não é ele que a inspira (Op. cit.).

O cuidado arendtiano é realizado quando os sujeitos ocupam-se do mundo, sendo cuidado com o mundo, o espaço onde as coisas se tornam públicas - pressuposto da política -, salvando-o da ruína, através de duas faculdades bastante distintas: “a ação política e o trabalho com a palavra, tanto pela forma do

testemunho quanto pela forma do poema” (Arendt, 2002 a, p. 209). Embora Hannah Arendt entenda que ‘no centro da política, encontramos sempre o cuidado com o mundo’, a sua principal preocupação política é com o “gênero humano”, diz Courtine-Denamy (2004, p. 93).

Consiste em um processo constituído a partir das necessidades sociais e surge com a sensibilização com a dor e a humilhação das pessoas por identificação com a sua problemática e por consideração a elas, como se fossem “um de nós”, (Rorty, 1994). A identificação leva à construção de uma *identidade*, ou seja, a um sentimento “de pertença e de relação” (Dubar, 1997, p. 27). Exercitada em um contexto específico, possibilitando deliberação, ação com responsabilidade, novas aprendizagens (Berger & Luckmann, 1985).

Ao se “entrar em praça pública” (Arendt, 1988, p 67-85), a solidariedade funda-se na “comunicação ilimitada e sem fronteiras” do diálogo com os outros (Arendt, 2003; Lafer, 2002, p. 26). Seu exercício cria e transforma a amizade, como um processo voltado para o mundo, conforme é construída e concebida (Ortega, 2000).

Profissionais

A amizade é importante na família e na sociedade. É “porto seguro”, ajuda, relação de igualdade, une as pessoas, o amigo pra chamar de amigo é “uma coisa rara”, “algo tão profundo”; poder contar, abrir o coração, se sentir seguro, ouvir, partilhar de coisas mais íntimas, troca; saber do outro, encontrar, lembrar, conquista, confiança amor e partilha; “bálsamo fortalecedor das relações”; bálsamo; troca de conhecimentos até de si mesmo; confiança; amizade é “tudo”: descoberta, tira do isolamento; companheirismo verdadeiro, sinceridade.

É “um alicerce para que as relações interpessoais sejam saudáveis” (PROF4).

As respostas desses três grupos de sujeitos se assemelham e portam poucas diferenças entre eles. Aproximam-se das questões teóricas, já apresentadas, expressando um aspecto privado na dimensão de rede de suporte social (Capitanini & Néri, 2004, Cuba, 2005) e na dimensão pública e política (Cuba, 2005).

Vernant (2002) compreende que a amizade é privada e pública. Privada ou ‘particular’, porque “a cada indivíduo cabe seu círculo pessoal de amigos, mas este círculo forma uma comunidade que é como a imagem reduzida da cidade”. A amizade é pública, quando diz respeito ao que é comum, por exemplo a cidade só pode existir se seus membros estiverem

Unidos entre si pelos laços de philía, de uma amizade que os torna, entre si, semelhantes e iguais. No espaço privado que desenham os amigos, tudo é repartido entre iguais, tudo é comum, como no espaço público da cidadania. A amizade se tece na articulação do privado, do próprio, do diferente com o público, o comum, o mesmo (p. 27).

Com os amigos se partilha valores, recordações, alegrias, experiências e outras situações inerentes ao espaço privado, “que eu chamaria de próprio, particular, são vivenciadas na participação com os outros em uma relação de troca igualitária” (p. 27).

Podemos dizer, acompanhando o pensamento de Arendt (2002 b), que a amizade é o exercício da política no espaço público, porque faz com que os sujeitos idosos livres se interessem pelo diálogo plural sobre os problemas da sua cidade, ressignificando a sua condição humana. Nesse sentido, a amizade mostra uma característica revolucionária, pois mostra uma forma de resistência ao isolamento e à solidão. Adverte Aguiar (2010/2009) que,

A amizade não é apenas a cura para a solidão e o desamparo, mas índice de liberdade, uma vez que implica distanciamento de si próprio, o reconhecimento dos outros e o estabelecimento de conexões com eles. A amizade possui, por isso, relevância política (Arendt, 1987, p. 31) e, política e liberdade, em Arendt, são co-originárias (p. 9).

Com as amigadas, os sujeitos desenvolvem diversas atividades:

Idosos das Associações relatam: sair juntos para o teatro, dançar, ler, viajar cinema; palestra; poesia; lazer; todas as atividades; dançar; concursos de beleza; de rainhas; organizam festa; turismo, vão tomar chá; cinema; jantam juntas; shopping só conversar.

Esses Clubes em São Luís, “[...] foram criados justamente pra [...] desenvolver a auto-estima, o companheirismo, a solidariedade, o estar juntos.[...] Mas existe amizade, existem amigos. Neste grupo existe amigo” (ASO5).

Os profissionais desenvolvem diversas atividades com as amizades, que são de todas as gerações e plurais.

Formas de amizade

Alunos Idosos

Amigo de verdade; poder contar nas horas de grandes necessidades; dividir alegria e qualquer coisa; sincera ou transparente ou sadia; forma de conviver; respeito à individualidade; desabafar; ajudar pela palavra de conforto, uma palavra bíblica, amiga; interesseira; duradoura ou colega; aquele laço mais apertado e mais forte; compartilhar sem diferenças; falsa; amizades de falsidade, que você não pode contar; e amizades de verdade ou verdadeiras; bem verdadeiras.

Existe o amigo verdadeiro, aquele que é capaz de dividir e até morrer por ti e tem aquele que te acusa sem saber por que ele está te acusando (Idoso C12).

[...] amizade é como eu com todos aqui nessa sala: eu conheço [...], vou passar um ano com eles e pronto. Depois, passou, passou (C8).

Nas formas de amizade, os idosos apresentam compreensões de amizade e associam-na à solidariedade.

Idosos das Associações

Formas: “amizade entre aspas”, para as horas de alegria; verdadeira amizade; amizades falsas; amizades por afeto, “de toda hora” ou “amigos de fé”, amizades falsas mesmo na família; sincera, duradoura, séria, grande amizade, amizade na comunidade, amizade pessoal, amizade coletiva, “gostosa”, “uma coisa que segura”, “como se fosse uma fortaleza”; amigos fictícios, amigos de toda hora; amizade despojada (um gostar do outro incondicional); amizade como ajuda financeira; influência da amizade nas instituições para ter seu direito atendido. “Amizade mesmo eu acho que só existe uma, ou a pessoa é amiga ou

não é amiga. [...] Amizade eu considero uma única amizade, amigo é amigo em todos os momentos, em todas as horas, não se mede esforço, não se mede sacrifício” (ASO1).

Profissionais

Formas: amizade social (interesse, falsidade, jogo de interesse); amizade afetiva” (apoio); “amigo, amigo” associado a confiança, partilha de alegrias e tristezas. amizade que você não partilha; momentânea, remota, nunca revelada.

PROF3 mostra dois níveis da amizade: mais elevado ou menos elevado.

Várias formas, não. Acho que maneiras de expressar, com que cada indivíduo se expressa (PROF3).

A amizade social é aquela que te leva por esses caminhos, eu chamo sempre que é o caminho escorregadio. É o caminho do jogo de interesse (PROF4).

Os sujeitos apresentam formas de amizade incondicional e outras efêmeras, fugazes, encontradas nas questões apresentadas por Bauman (2004).

Importância da amizade

Alunos Idosos

É importante porque é ouvir; levanta o astral com uma “palavra legal”; amigo vale ouro; grande riqueza; conta nas horas de necessidade; é amor; solidariedade; construção de coisas boas; carinho; ombro amigo; amigo é uma caixinha de segredo; não se explora; não deixa cair as lágrimas (prevenção); arrisca a própria vida para salvar um amigo; desabafar a vida por causa da solidão; dialogar: tirar dúvidas; desabafo; conversa; participação; promessa cumprida; sinceridade; compromisso; unanimidade na amizade; dá uma força nas dificuldades; relação de igualdade; tira do isolamento; importante ter amigo de verdade; igualdade pela amizade; não discrimina; evita se sentir só. “O amigo você aceita e qualifica por que ele nasceu em família diferente, pode ser irmão, pode ser, mas você um dia encontrou esse amigo. Então você vai conservar. E o irmão não, vai ser obrigado a aceitar por que ele nasceu de seu pai e da sua mãe” (C16).

Viver só, para C22, não parece tão alegre assim, pois ela está mostrando uma abertura para as novas amizades e a permanência maior tempo na esfera pública.

Os idosos destacam a importância da amizade na família que é imposta e na sociedade é de livre escolha, sendo que na família pode não durar, mas a amizade fora da família pode ser duradoura. Também mostram duas formas de amizade: como rede de suporte social e a amizade construída na UNITI que pode ser profunda ou não.

Idosos das Associações

A amizade, que é realizada pelo diálogo é importante porque: troca de afinidade na verdadeira amizade, ajuda mútua, pode contar; protege, dá segurança; dá um suporte; “amizade é tudo”; integração; convivência; poder brincar; criou a Associação junto com as amigas; realizar vontades adiadas (festa na Associação).

ASO2 concorda com ASO1 que amizade é importante para garantir direitos e exercitar a cidadania. Para ASO2: “É, porque [...] o próprio idoso ajuda o outro idoso [...]”. Amizade é também, diz ele: “Uma troca de palavras, aquele aconchego, aquele negócio que você senta para escutar o outro, mas você fala também e isso que é muito bom, muito gratificante.”

O aconchego é percebido, tal como a intimidade e a privacidade como atributos do ‘conforto doméstico’, próprio da casa da família que é o espaço da felicidade. A rede de amigas também pode constituir apoio e motivo de felicidade para os idosos (Medeiros, 2004).

Como a amizade é uma troca de experiências, “Ser visto e ouvido por outros é importante pelo fato de que todos veem e ouvem de ângulos diferentes” (Arendt, 2002 a, p. 67). Além disso, na perspectiva política da amizade, nessa troca, se pode perceber o mundo, a partir do ponto de vista de outros sujeitos, segundo ideias de Arendt (2008).

Sua mãe, que faleceu quando ainda era jovem, criou uma menina que ASO9 considera sua irmã, que ela cuida devido aos diversos problemas de saúde. Esclarece que era comum:

Para as famílias melhores criar. Botar pra estudar. E então ia se fazendo isso (ASO9).

Fonseca (1995), em seu estudo sobre a circulação de crianças em Porto Alegre (RS) chamou de circulação de crianças, quando as famílias de menor recurso dão seus filhos, temporariamente e, “como estratégia de sobrevivência”, às vezes, definitivamente, para famílias conhecidas e, às vezes, para os padrinhos, mais abastadas criarem e educarem.

As crianças podem conviver em casa de madrinhas, avós, e outras mães de criação, como lares substitutos, sem serem legalmente adotadas. Segundo Fonseca (2006), a circulação de crianças, forma de adoção não regulamentada pelo Estado, estreita laços entre os componentes da rede, especialmente se for um parente próximo e de menor recurso, que mantém contato mais frequente (Op. cit.). Além disso, acrescentamos que, nesse sentido, a circulação de crianças pode promover a amizade e a cidadania.

Profissionais

Importância foi associada a: significa alicerce, crescimento, segurança e formação de identidade; faz você florescer; nos faz crescer; ponto de aprendizagens de novas coisas; troca de experiências; favorece, anima, encanta,

A amizade é importante por que “[...] faz você florescer, que faz você ser feliz. [...] Porque ela nutre. [...] Nós não podemos viver sem amizade” (PROF5)

A amizade construída no Fórum Permanente é mantida: por telefonemas, lembrando e visitando em diversas ocasiões de festas e de necessidades.

Para PROF3, os idosos constroem amizades nas atividades do Conselho:

Com o tempo mesmo, há realmente essa revelação de que há amizade. São pessoas extremamente sensíveis a esse fato. A gente percebe isso. E isso faz com que eles se sintam fortes e possam partir pra uma decisão política, pra uma organização. [...] para resolver coisas que eles possam buscar como melhoria (PROF3).

Daí depreendemos que a amizade construída pelos idosos nos eventos tem um aspecto político e mostra que os idosos exercitam uma dimensão política arendtiana da amizade.

As respostas dos sujeitos, como se observa, geralmente são comuns, apesar de às vezes, usarem outras formas para se expressarem.

Com quem constroem amizades

Alunos Idosos

Com todas as idades, amigos do filho e por eles é chamada de *tia e mãe*; idosos, jovens, adultos, crianças.

“Com os jovens e eles vêm pedir orientação [...] Aí eu converso com ela e dou conselhos” (B11).

“Ainda me botam pra desfilar... E aí, tia, desfila aí pra nós, toda poderosa” (A5).

Aqui eles mostram a amizade como família. Mostram também, a valorização da mulher idosa pelos jovens. Essa forma de interação entre idosos e jovens, orientando, aconselhando mostra uma prática da tradição.

Idosos das Associações

Os idosos das Associações relatam construir amizades em qualquer lugar e com todas gerações.

O que facilita amizade

Alunos Idosos

Conversar, relacionamento, diálogo, são alguns fatores que facilitam a construção da amizade. Vejamos os relatos, a seguir:

[...] sou uma pessoa assim muito difícil de chegar, mas quando eu faço amizade, é pra valer. Eu acho que amizade é companheirismo. [...] As pessoas têm de se chegar, se unirem, ser companheira [...] (A9).

Eu sempre fui fácil de construir (amizade) por que eu sempre trabalhei em comunidade, e trabalho até hoje (A19).

[...] o diálogo pode ser desenvolvido em todos os lugares, na família, fora da família, com todas as gerações [...]. [...] Principalmente nos hospitais, onde tá todo mundo triste com medo de morrer e a consulta não chega. [...]. O diálogo

facilita garantir os direitos. Nós assim chega na fila ninguém tem direito a nada, [...] começamos a conversar e aquilo ali espairece. Ameniza o sofrimento de quem tá ali, querendo ter seus direitos garantidos e não tem (C22).

Idosos das Associações

A conversa, a simpatia da pessoa, o semblante da pessoa (ASO4).

[...] está muito mais fácil da gente conseguir amizade porque a nossa experiência [...], essa nossa convivência, esse nossa conhecimento, principalmente que nós tivemos ali na UNITI [...]. [...] A gente faz amizade com muita facilidade, basta saber conversar. [...] constituir amizade é saber ouvir as pessoas [...] foi uma das coisas que eu aprendi, saber ouvir (ASO1).

Os sujeitos mostram o que também facilita, a aproximação, a convivência, o companheirismo, a experiência, saber ouvir e o diálogo facilita a garantia dos direitos.

A fala remete à garantia dos direitos pelo diálogo na amizade. O diálogo (diá = através; lógos = palavra), realizado pela palavra compreende ação e reflexão, ato de criação, pressupondo uma práxis e transforma o mundo. Esse diálogo é um direito que se realiza no encontro dos sujeitos, “mediatizados pelo mundo, para *pronunciá-lo*” (Freire, 1982, p. 91-3).⁹⁰ Esse mundo compreende o inter-espaco dos cidadãos, onde tudo pode se tornar visível e audível, assim diferindo o diálogo de uma simples conversa íntima e de uma discussão (Arendt, 2003).

Antes, trata-se de uma livre comunicação dos pensamentos e opiniões, por isso o diálogo é fundamental para a prática da política arendtiana, sendo um dos direitos “mais preciosos” dos cidadãos, afirmado na Declaração Francesa de 1791 (Lafer, 2003, p. 29). Esta palavra, além de ser um direito, pronuncia o direito e apresenta o mundo, ampliando valores e conhecimentos, mas desestabiliza “lugares e consensos estabelecidos”, sendo por isso transgressora (Telles, 1998, p. 42).

O uso da palavra falante, uma experiência dialógica, leva os sujeitos a se relacionarem com os outros no espaço público e a construir um novo “nós”, por

⁹⁰ Grifos do autor.

meio de amizades, que além de constituir, ultrapassa o encontro entre Eu e Tu (Buber, 1979; 1982; Vincent-Buffault, 1996).

Conversas com as amigas

Alunos Idosos

As conversas dos alunos idosos com as suas amigas contribuem para aprofundar a amizade e giram em torno de vários assuntos: coisas que acontecem no dia; família; notícias que assistem na televisão; política; trabalho; educação; saúde; turismo; esporte; igreja; o final de semana; se namorou; desabafa alegrias e tristeza.

Aquela pessoa, [...] fala uma palavra que serve de alívio [...]. [...] se é de alegria, você fica feliz em participar aquela alegria com os outros. [...] quando a gente faz uma festa, [...] convida muita gente, [...] quer que aquelas pessoas participem daquela festa. [...] se tenho informação de alguma coisa tento passar pra elas. [...] isso é [...] ajudar, contribuir com a alegria dos outros (C10).

Expressa a ampliação da cidadania que ela possibilita, no momento em que repassa as informações, multiplicando as informações e fazendo as pessoas alegres e felizes.

Os idosos das associações conversam sobre assuntos do dia, os que estão na mídia, notícia de política. Além disso, passam orientações, como ASO9 que diz “botando elas no caminho certo” e repete que são conversas para “botar no caminho”, pois “[...] quando vem pra mim, já é com problema”. Sorrindo, diz:

Ah, elas gostam muito de eu abençoar elas (ASO9).

Imita as solicitações:

“Oh, [...] reza pra mim. Só quero tua reza. [risos] Gente, eu tô abençoando vocês, é pra vocês ficarem boas” (ASO9).

Então as conversas são variadas com as amigas de todos os lugares. “Depende como é que vem. Ah, então a senhora me dá sua bênção” (ASO9).

Como “dá a bênção” para quem solicita, uma amiga sua comentou que ela:

[...] está pra ser negócio de política. Eu digo: Deus me livre. [...] Aí, [...] todo mundo vai pra mim abençoar. Oh, me dá minha bênção, mamãezinha. Aí me

agarra, me abraça, lá eu abençoo. Lá vem outro. [...] Aí lá vem ela: me abençoe que eu estou precisando de uma bênção. Eu digo: eu te abençoo todo dia, minha filha, [...] quando é, seis horas, meio-dia, eu tenho que rezar pra todos vocês. As minhas filhas, minhas amigas, todo mundo eu, são filhas de Deus é, minhas irmãs. Todas são minhas irmãs. Todos (ASO9).

Ao final, solicitamos sua bênção. ASO9 [Ri] [rimos] pergunta: *quer mesmo minha bênção?* (ASO9).

Confirmamos nossa solicitação e ASO9 imediatamente levanta, fica em nossa frente, vai cruzando o dedo polegar direito, em sinal da Cruz, dizendo:

Então que Deus e Nossa Senhora te abençoem, te protejam, te deem tua saúde, proteção e para que Jesus e a Virgem Maria te acompanhem. Que o Espírito Santo te ilumine. Que Jesus te cubra com o seu manto sagrado e dê muitas bênçãos, para te cobrir de saúde e paz (ASO9).

Respondemos: “Amém.” Ela ri brevemente.

Esta ação de ASO9 requer um olhar sobre o aspecto da cura. Sobre isso, Barros (2011), assim se manifesta:

A busca de benzedeira, rezadeira e curandeiro no tratamento de saúde no passado foi muito utilizada pelos narradores, somos do tempo que os curandeiros eram a opção mais próxima, pois antes da institucionalização da saúde como política pública, os saberes dos antepassados eram ancorados em crenças nas rezas e na ervas medicinais, ficando demonstrado que mesmo com o avanço da medicina os narradores mantêm esta referência cultural (Op. Cit., p.116).

Ao benzer - abençoar -, que é uma forma de cuidar das suas amizades, ASO9 encontra uma forma de expandir a sua cidadania e de cuidado com o mundo no sentido arendtiano.

O cuidado com o mundo é compreendido na obra de Arendt (2002 a), como a ação política, no diálogo público e plural no espaço público, criando um poder, no sentido de fortalecimento dos sujeitos para reivindicar direitos. A casa de ASO9, completamente diferente da esfera privada grega, do exemplo arendtiano, parece se transformar em esfera pública, que, segundo ideias de Arendt (Op. cit.) pode ser qualquer lugar, quando ela recebe suas amizades para abençoar. Essa parece ser uma das formas com que ela se mantém conectada ao

mundo público e atualizada com os assuntos da sua cidade. Nessa troca, benzendo e dialogando em sua casa, ela cuida das amizades e parece cuidar do mundo.

Na experiência de Hannah Arendt, sua mãe Marta Arendt, reunia seus amigos de partido político, junto com Arendt e as amigas desta, para discutir política (Young-Bruehl, 1997). Ao se manifestar abençoando, ASO9 parece exercitar, de certa forma, a política, assim amplia a sua cidadania.

Cuba (2005, p. 74), ao descrever sobre a trajetória de amizade em Hannah Arendt, assim se pronunciou, fundamentada em Young-Bruehl (1997, p. 47):

As amigas, dessa fase da vida, eram levadas por Hannah nas viagens da família e os seus amigos, que faziam parte de uma geração progressista, frequentavam a casa, juntando-se aos amigos social-democratas da sua mãe (1997, p. 47 apud Cuba, 2005, p. 74).

Além disso, ao comentar sobre as cartas trocadas entre Hannah Arendt e Jaspers, quando esta completou sessenta anos, disse Young-Bruehl (1997, p. 16):

Como Jaspers, Hannah Arendt precisava, na velhice, dos grandes filósofos, companheiros nas coisas do espírito. Esses companheiros, que haviam estado próximos dela desde a sua juventude na cidade natal de Immanuel Kant, tornaram-se amigos. E a história dessas amigas é o que há de mais próximo à atividade oculta de seu eu presente. É a história em que o talento de Hannah Arendt para a amizade granjeou-lhe as amigas intemporais que abençoam as vidas de pessoas de gênio (Young-Bruehl, 1997, p. 16).

O que dificulta amizade

Idosos das Associações

Para os Idosos das Associações, a timidez restringe o círculo de amizade. Para os alunos, além da timidez, a falta de tempo; distância geográfica afasta as amigas. Em seu relato, a idosa, a seguir, denuncia o isolamento, a discriminação, a falta de diálogo entre gerações, o desrespeito e outras desigualdades que atingem a população idosa de São Luís. Questões estas que enunciadas por Debert (2004), Queiroz (1999) e Peixoto (1997). Vejamos o que diz a idosa em questão:

Alunos idosos

A melhor idade gosta de ter um relacionamento com a melhor idade por que tem a mesma conversa. Por que [...] a gente vê que crianças e jovens [...] não têm muita, só se aquilo for trabalhado com a família: você respeitar o idoso [...] Mas, se não houver essa conscientização dentro da tua família pra isso, discriminam o idoso, [...] tudo que o idoso vai falar [...]. [...] isso é passado, já é quadrado (B7).

Ela mostra a dificuldade da amizade entre gerações na família. Prossegue B7, mostrando o desrespeito ao idoso em São Luís.

[...] os idosos que nem têm fala dentro de casa [...] Ficam lá no cantinho [...] no ônibus, [...] em Banco, em filas. [...] não há respeito. Então tem que haver uma conscientização dentro das famílias sobre o respeito do idoso e isso a gente está conseguindo aos poucos (B7).

Em suas reflexões, B7 entende que o respeito aos idosos pode ser facilitado pelo [...] *acesso com a criança. [...] por que, às vezes a gente vai só cumprimenta o adulto, aí não cumprimenta a criança, não cumprimenta o adolescente. Então isso é uma construção. Isso aí tem que ser construído, tem que ser conscientizado [...].*

Como mantêm as amizades

Alunos idosos

Pelo diálogo; telefonando; desabafando a vida. A18, que tem poucas amizades, entende que “[...] a amizade tem que cultivar, mas sempre existem as afinidades, as amizades de diálogo, mesmo por telefone”(A18).

Idosos das Associações

Mantêm as amizades: dando presentes, conversando, trocando favores, respeito, diálogo, indo às festas diversas; contando histórias, dançando; vai direto ao assunto; sendo mais ponderado; “dizendo a verdade.”

Profissionais

Pelo respeito, confiança, ajuda.

Onde constroem amizades

As opiniões dos sujeitos são semelhantes e se complementam.

Alunos idosos, em qualquer lugar: na comunidade, na UNITI, ônibus.

Idosos das Associações: constroem amizades com várias pessoas e de várias idades. Além disso, ASO9 mostra sempre foi de coragem e de lutar pelo que queria, por isso luta e conquista amizades.

UNITI facilita construir amizade

Alunos idosos

Facilita, foi associada a: somos uma família; é uma amizade sincera; “nós nos consideramos uma irmandade” (sem diferença de Turma).

[...] aqui eu considero uma família por que a gente se comunica, a gente conversa, a gente liga [...] (A11).

Facilita. Por que ela vai ajudando, nós vamos crescendo todos juntos e a amizade vai crescendo também (A5).

Curso que leva a turma ao cinema; aproximação entre gerações; respeito; diálogo inclusive entre gerações na família e fora dela.

Idosos das Associações

Facilitou assim porque reunia gente de todas as classes, de todos os bairros, de todos os lugares. Só numa sala só, aí a gente vai entabulando a conversa e vai ficando mais amiga de uma e mais amiga de outra (ASO4).

Abriu um leque grande, não foi um leque pequeno, um horizonte grande [...] (ASO2).

Facilita sim. [...] É, a pessoa [...] se apresentando, se chegando, se unindo e conversando (ASO9).

Atividades da UNITI facilitam amizades

Alunos Idosos

Os idosos declaram em unanimidade que a UNITI proporciona a criação de amizades, nos seguintes momentos: a criação desse grupo.

Hoje nós nos conhecemos, [...] tem intimidade, [...] brinca; eu chego aqui e costumo sempre apertar a mão das mulheres. Cumprimento a maioria, a gente já se reencontra [...] em algum outro lugar da cidade, a gente já se comunica. A gente telefona, alguém já liga, então já é uma oportunidade de estar mais próximo. [...]. [...]um já sabe o nome do outro. Se não de todos, mas o da maioria [...] (Idoso B22).

[...] desde o início que a gente fez essa amizade. A gente troca ideias, [...] telefone, [...] endereço [...] Data de nascimento então tudo isso é... uma amizade (B10).

Idosos das Associações

Na Atividade Física e:

Atividades das aulas de todas as aulas, especialmente as que têm dança e a de Turismo, por causa dos passeios [...] a amizade já ficou mais consistente (ASO4).

Nós terminamos a UNITI e não tínhamos para onde ir e o grupo não queria se emancipar, queria ficar sempre junto, [...] tinha que ter um local [...], então foi o motivo de a gente procurar a UNITI que já foi a nossa protetora [...] pra ter um prédio pra gente não ficar de porta em porta (ASO1).

A UNITI mostra ser propiciadora de amizades, nos relatos acima. Entretanto essa amizade está para além da troca de emoções e particularidades, pois permitiu a abertura para o outro, a conquista, a emancipação, o direito a ter direitos ou cidadania, na concepção de Arendt (2002 a).

Amizade facilita a construção de direitos

Alunos Idosos

Por que, amizade ligada à política, ela garante direitos. [...] (tem que) ter amizades também na política. Entendeu? (A18).

Nem sempre. [...] Quando um grupo faz um trabalho em comunidade, é muito difícil para a pessoa idosa. Nem sempre influencia a amizade pra garantir os direitos de qualquer que seja a pessoa, nem só do idoso. Da criança, do adolescente, qualquer um. Nem sempre influencia (C22).

Em seus relatos, mostrando que nas instituições, a amizade favorece, os idosos entendem que todos deveriam ser beneficiados com os direitos, para evitar a exclusão da cidadania. Beneficiar os amigos é histórico na política e nas instituições brasileiras, o apoio político ao governo dos amigos em campanhas para troca de cargo e recompensados e protegidos (“Para os amigos, tudo”) e os inimigos, punidos com as leis ou perseguidos (Carvalho, 2000, p. 56-7). Para acessar os direitos, é necessário ter conhecidos nas instituições (DaMatta, 1997), o que mostra que a amizade na política brasileira significava confiança, fidelidade, proteção e favorecimento.

Idosos das Associações

ASO9 apresenta exemplos, para falar dos direitos que ela possibilitou em outros idosos, como sua irmã de criação, participando da Igreja, da diretoria do grupo do bairro, dando assistência, no ato de cuidar, visitar, fazer sorrir, saber do outro “como é que você amanheceu” (ASO9). Esclarece ainda que os alunos realizavam direitos não só no interior da UNITI, “Como fora” (ASO9).

Esta idosa expressa que participar e provocar a participação, independente da forma, realiza direitos. A participação dos idosos, promovendo a sua integração social é uma das recomendações da ONU e está assegurada na Constituição Federal de 1988 e no Estatuto do Idoso.

Auxiliares de pesquisa

Patrícia de Sousa Moura, auxiliar da pesquisa em São Luís, percebeu nos relatos destes idosos que:

[...] através da amizade é possível disseminar informações como direitos e deveres, e, mediante o conhecimento destes, tornam-se mais conscientes e adquirem uma nova postura diante das coisas que acontecem em seu cotidiano.

[...] uma mudança de postura [...] lhe dá respaldo para lutar pelo que é seu (Cuba, 2011, Diário de Campo).

Certamente e, concordando com esta auxiliar, que, informados sobre seus direitos, os idosos melhor os reivindicam.

Amizade tem um aspecto político

Alunos Idosos

Esta pergunta provocou debates acalorados entre os idosos e um dos aspectos associados foi: interesse recíproco.

A experiência voluntária do idoso C12 em duas ilhas próximas a São Luís, pode constituir um exemplo de amizade e política. Vejamos:

[...] você conversa com as pessoas humildes, [...] É um ambiente muito bonito, uma praia natural [...]. [...] eu sou feliz [...] passo o meu tempo ensinando [...]. [...] Só o sorriso e o abraço da minha jovem, aquilo me enriquece (Idoso C12).

Repassar seu saber acumulado durante sua trajetória de vida, ensinando, traz felicidade e faz com que ele se sinta bem com a “alegria daquele povo” (Idoso C12).

Ensinar aos jovens das ilhas, conteúdos variados, na companhia da sua filha, amplia assim a cidadania dos moradores e da sua própria filha. Além disso, ele comenta que possibilita àqueles jovens uma cultura diversificada. Além disso:

[...] eu oriento o povo a não ser alienado pelos golpistas sobre aposentadoria. É um dos principais assuntos. Por que eles não têm muitos meios de comunicação, a maioria [...] são analfabetos, então eu levo aquele meu elo de comunicação [...], fácil, levo livro e mostro pra eles (Idoso C12).

Ele acrescenta que a aprendizagem que adquire nas aulas da UNITI, têm-no ajudado muito: “Até nos papéis que estão anotados [...]” (Idoso C12).

Perguntamos aos idosos se podemos dizer que existe uma amizade política:

Existe. Existe (A8).

Os demais idosos concordam acenando afirmativamente com a cabeça e solicitamos comentários. Assim se expressam os idosos sobre amizade e política:

Por que diretamente e indiretamente hoje só se vive com política. Em tudo. É no trabalho, é a política [...] em casa, vizinho é com tudo, é uma política. Não é? (A11).

Em casa, na escola, a vizinhança, em todo lugar. Tem uma liderança, né, ali faz parte de uma política (A5).

É, amizade política, quando ela trata, ela cuida de assuntos políticos. Essa política ela pode ser partidária, ela pode ser educativa, ela pode ser religiosa, ela pode ser familiar, ela pode ser comunitária e aí vai (Idoso B22).

Para o idoso B21, a amizade com uma perspectiva política:

É um bom comportamento social das pessoas sem comprometer ninguém. Isso é que é política [...]. [...] É [...] um comportamento social que teria algo a ver com viver a vida sem agredir ninguém e viver em sociedade de maneira saudável (Idoso B21).

[...] uma amizade [...] como política, [...] se houver algum tipo de interesse, aí não é mais uma amizade. [...] Aí já é uma amizade com interesse da política. Não é uma amizade que a gente conhece. [...] Ela não é troca de interesses (B7)

B7 afirma que a amizade é um relacionamento desinteressado e, para que a amizade tenha uma dimensão política, não pode haver interesses.

O idoso B22 mostra que a amizade está dimensionada, inclusive para a esfera das políticas sociais, além de diversas esferas da vida e dos direitos. Os idosos mostram que a amizade tem uma perspectiva política arendtiana e tem uma dimensão na política, quando está ligada aos beneficiamentos.

Revelam que a política está em todo lugar e pode ser praticada pelo diálogo. Mostram que o representante da população, na política, seria a liderança e se há essa liderança, teremos uma forma de política.

Idosos das Associações

Então a amizade, eu acho que continua, tanto dele [ASO2] com o grupo, o grupo com ele. Quanto à amizade lá na comunidade [...] Temos amizade com todo mundo, amizade foi tão grande que, [...] as pessoas votaram no candidato. Por quê? Por causa da amizade. [...] Então, a amizade continua entre todos nós e eu acho que isso é muito salutar (ASO1).

Para ASO2, uma “preocupação da política em si é [...] o bem estar da minha comunidade, se a comunidade estiver bem todo mundo está bem [...].”

Ele fala da importância do reconhecimento como pessoa e pelas ações implementadas. Para Honneth (2009), a luta por reconhecimento surge do sentimento de injustiça e busca ampliar a igualdade dos sujeitos na sociedade contemporânea, além de ser realizado pelo amor, pela solidariedade e pelos direitos.

Profissionais

Político sim. [...] Agora na política de posição sim. Porque quando eu tomo uma posição de defesa de direito eu estou sendo amigo. [...] mas os amigos que fazem parte dessa mesma luta. [...] se a amizade significa posição (de vida). Isso é política (PROF1).

Sim. É tanto que você vê que os idosos que estão lá, são das localidades do outro Brasil. Porque você sabe que nós temos dois Brasis. É o Brasil mais forte. Agora que uma pequena e tímida... (presença dos idosos) [...]. Desse nosso pequeno Brasil para o outro Brasil. Agora, aí uma coisa que eu acho que acaba caindo nessa amizade social, é essa indiferença desse outro Brasil para este Brasil. [...] (PROF4).

Além da tomada de posição, a política facilita aqueles que são bem favorecidos. É o caso dos dois Brasis como mostra Barroso (1992): um Brasil rico onde o velho é identificado pelo aspecto cronológico e um Brasil pobre onde a referência da velhice é a decadência física precoce. O “Brasil Rico”, ainda convive com bolsões de miséria, mas apresenta uma expectativa de vida maior, ao contrário do “Brasil Pobre”, tal como o Nordeste, e, nesse aspecto, os idosos da UNITI, onde estão “os diversos rostos da velhice”, que simbolizam um “envelhecimento antecipado e decadente” (Barroso, 1992, p. 48-9).

Para PROF3, as reuniões dos Conselhos e os eventos em que os idosos participam no Conselho propiciam amizade, mas para ela, amizade “Não tem um aspecto político”. Entretanto, diz *claro*. “Eu até provoco amizade nos idosos” (PROF3).

Segundo PROF1, nos Fóruns Permanentes, a amizade que os idosos constroem tem o componente político, no sentido da participação:

Sim. É tanto o componente da participação, como o componente afetivo. As pessoas que estiveram conosco nos fóruns, até hoje, trocamos telefonemas, não esquece do aniversário, dá uma passadinha lá. Às vezes está com um problema de saúde, você vai e encosta. Quando é a Páscoa você lembra, o Natal [...].Então é preciso você estar se renovando. Então, vamos dizer, aquela amizade, vamos dar uma reforçada. Lembrar, de fazer com que renasça aquele carinho que a gente tinha um pelo outro, aquele afeto, aquele gosto de encontrar. [...] Então essa sensação boa, de você, de qualquer forma as pessoas contam com a tua presença (PROF1).

Também [...] tem um aspecto político, na medida em que ela me leva a tomar partido de alguma coisa a se direcionar pra determinada coisa. [...] Então a amizade também passa pela questão política (PROF6).

Para os profissionais, a amizade tem um aspecto político, enquanto tomada de posição e partido, participação, inclusive como demonstração de afeto, ao se fazer presente nas datas comemorativas diversas dos sujeitos e religiosas.

Ser cidadão

Alunos Idosos

Ao associarem cidadão com cidadania, os idosos foram mostrando o que entendem por cidadão. Suas respostas foram bem aproximadas, ao definir Cidadão: exercer os deveres e os entendimentos; estar ciente de seus deveres e obrigações, direitos e deveres; participar da sociedade; exigir seus direitos.

Idosos das Associações

Categorias associadas: “estar consciente do nosso papel na sociedade”; “pessoa ter o direito e cobrar”, “participar”, “dar ideias”, “mostrar que ele é capaz”, mostrar o que “sabe” e “ser valorizado em seu conhecimento”. “Cidadão é

primeiramente sempre ser reconhecido. [...], ele tem que procurar saber [...] quais são os deveres que ele tem e quais são os direitos, direitos e deveres” (ASO1).

Observamos que, ao falarem sobre cidadão, associam com cidadania e as respostas destes dois grupos aproximam-se, de certa forma.

Para ser reconhecido, os sujeitos se expressam na esfera pública, pois no isolamento do convívio social não há espaço para a “relevância humana” da ação e do discurso, que revela a identidade dos sujeitos. Sem essa revelação pela palavra e pela ação (Arendt, 2002 a, p.195), os sujeitos tornam-se impotentes para estabelecer acordos de várias “vontades e intenções” (Arendt, 2002 a, p. 212).

Profissionais

“É ter consciência de que você é uma pessoa da sociedade, você faz parte da sociedade. Por isso contribui para realizar direitos e ampliar a cidadania dos idosos” (PROF5).

Em seu relato, esta profissional se volta para a cidadania dos idosos.

O que é cidadania

Alunos Idosos

Categorias associadas: participação ativa no governo e na vida do povo; “cidadania lhe dá o direito”; expressão e consciência dos direitos; cobrar direitos. Além de ter plena consciência dos seus direitos e dos seus deveres, exercer a cidadania é aplicar esses direitos; respeito mútuo dos direitos; pressionar, participar; saber ouvir, respeitar, participar das ações da sua comunidade e nas eleições; participar dos direitos políticos e sociais.

A3 entende que:

[...] escrever corretamente, eu acho [...] uma coisa muito útil, entendeu, na cidadania (A3).

[...] cidadania ela se dá num invólucro maior, é uma coisa maior e que a gente procura desenvolver [...], exercer a cidadania não só atrelada às questões de governo, mas a questões bem pessoais também (Idoso A1).

A cidadania estuda ou estabelece direitos e obrigações dos cidadãos ou das pessoas (Idoso B22).

Os idosos revelam que na cidadania estão implícitos os direitos civis, direitos sociais, os princípios da liberdade, igualdade e fraternidade.

Além disso, os idosos da UNITI são críticos e, ao mesmo tempo éticos, ao dizer que os aposentados são considerados pelo Estado como “inativos”. Mesmo assim:

Nós somos cômicos do nosso dever, como brasileiro, né, como cidadão (C19).

Se fosse inativo não podia votar [...] não tem o direito de votar. E eles querem o voto do analfabeto, do tonto, do idiota, tudo eles querem o voto. Aí não pode, não dá (B23).

Idosos das Associações

“Cidadania é buscar estar inserido nos acontecimentos, participar deles, isso que eu acho que é ser cidadão” (ASO3).

Ao falarem sobre a cidadania, os idosos remetem à política, desta forma associando-as. ASO3 entende que a cidadania não tem relação com a política, por que “Política é outra coisa” (ASO3).

Segundo Birulés (2006, p. xx), comentando o Diário Filosófico da Hannah Arendt, em seu Prólogo, mostra que, segundo ideias de Arendt:

la dimensión política tiene que ver con el espacio inter-humano, con el espacio irreductiblemente plural de apariencia donde es posible irrumpir con la palabra y con la acción y distinguirse. Las oportunidades para que cada cual pueda mostrar con actos y palabras su unicidade, es decir, *quién* es, se multiplican en esta esfera pública. La libertad política necesita de la presencia de los demás, exige *pluralidade*, requiere um espacio *entre* los hombres. De modo que, em este contexto, cabe considerar que aquello que denominamos “parte” puede ser más que el “todo” (p. xx).

Como exercitam a cidadania

Alunos Idosos

Ao perguntarmos sobre a forma como exercitam a cidadania, foram recorrentes exemplos do desrespeito no transporte público, principalmente pela geração de jovens, que não cede o lugar para os passageiros idosos:

Aí fica só no paz e amor (A4).

Mostram que não reclamam o seu direito de prioridade no transporte público. C22 relata que os passageiros jovens usam chistes e lembra um fato jocoso em que a criança teria respondido ao idoso, que não lhe daria o lugar porque “o senhor já sentou demais e agora é minha vez.” Esse chiste é acompanhado do riso das idosas. Rir para não chorar, tal como a música, essa parece ser a forma de resistência utilizada pelos idosos de São Luís, a essa forma de preconceito, posto que desamparados pelo Estado, que ainda não concretizou completamente os direitos sociais contemplados no Estatuto do Idoso.

Além disso, este exemplo mostra que esses idosos são tratados como subalternos, pois a sociedade parece querer silenciá-los, seja por meio de práticas discursivas (discursos públicos) ou não-discursivas (discursos ocultos). Os idosos, por sua vez, mostram uma forma de resistência social, por meio de gestos, falas, comportamentos, inclusive ao participarem das atividades da UNITI (Scott, 2004). Esta participação, assim, não constitui apenas um discurso oculto, constituído de palavras que não se pode dizer abertamente ao poder, segundo a concepção scottiana, mas um discurso público, plural e aberto, segundo a concepção arendtiana.⁹¹

⁹¹ Para Scott (2004, p. 21): “Cada grupo subordinado produce, a partir de su sufrimiento, un discurso oculto donde se articulan las practicas y las exigências de su poder que no se pueden expresar abiertamente”. Isso revela uma “conduta pública hegemônica” e um “discurso nos bastidores”, que não pode ser dito diretamente ao poder. A exemplo dessa forma de discurso oculto contra a dominação, encontram-se os rumores, fofocas, contos populares, canções, gestos, brincadeiras e teatro, como forma de insinuação das críticas dos desvalidos ao poder, ao mesmo tempo, protegem-se no anonimato, ou atrás de explicações inocentes do seu comportamento.

Amizade tem relação com cidadania

Alunos Idosos

“Com certeza. Por que, se você tem um amigo, você tem que respeitar, você tem que ver quais são os direitos que ele tem e que ele também tem que respeitar você. É um direito mútuo” (A8).

Em seu relato, A8 mostra a relação com a cidadania e afirma que amizade é um direito.

[...] as amizades, [...] passam também a respeitar as diferenças existentes entre as pessoas. [...] Então na questão das amizades, o que converge a gente reforça e o que diverge a gente esquece, até para que essa amizade crie sustentáculos e durabilidade e se sedimente cada vez mais (Idoso A1).

[...] a cidadania é [...] respeitar o direito do outro [...]. E respeitar a nossa também. Nós pagamos nossos impostos e temos direito de respeitar e ser respeitados (A19).

Ao falarem sobre cada questão, os idosos vão associando a amizade à cidadania, ao cidadão e aos direitos.

Amizade e direitos

Alunos Idosos

[...] se estamos unidos somos fortes. Podemos mais. Isoladamente, fica muito difícil. Mas em conjunto, não é, logicamente que a gente tem mais facilidade de conseguir as coisas (Idoso B22).

[...] quem tá engajado lá com um grupo, ele tem mais facilidade de conseguir algo do que uma que não está (C20).

Exemplos da amizade que garantem direitos são apresentados por B8 que recorreu a um advogado amigo da sua amiga e no citado por C8. Esta última relata, “Junto com um amigo [...] fizemos um grupo e fomos pra um interior [...] lá, nós conquistamos um pedacinho de terreno, [...] aí é uma conquista. Junto com amizades e grupos [...] formados” (C8).

Mas, ao perguntarmos se a amizade é um direito, dizem:

Uma coisa boa. Não é direito nem dever. É uma coisa aqui de dentro, mesmo [põe a mão no coração]. É uma coisa boa, ter amizade, conservar. [...] É aquele tipo de amizade em que se troca confidências, se ajuda (A13).

Eu concordo que a amizade seja um direito. Por que através da nossa amizade, nós vamos adquirindo os nossos direitos, buscando (A19).

Os idosos associam amizade à rede de suporte social, mas no momento em que vão relacionando a amizade à cidadania, aos direitos, vão afirmando ser a amizade um direito. Para A19, amizade possibilita a garantia de direitos.

Idosos das Associações

Na opinião de ASO3, a amizade “Ajuda muito” a conquistar direitos e amizade é um direito, diz “eu considero, porque todo mundo deve ter amigo. Não é não? Todo mundo deve ter amigo, todo mundo tem direito a ter amigo, construir, conquistar” (ASO3).

Amizade é um direito pra ASO9: “Cidadania. É quase tudo a mesma coisa”.

Profissionais

A amizade é um direito. [...] Ela garante direitos na medida em que ela se solidifica como uma garantia [...] de pertencimento [...] a um grupo, uma comunidade. [...] Por que ela vai te ampliar, ela vai te dar a garantia de segurança que talvez você não tivesse, se não tivesse amizade (PROF6).

Segundo PROF6, os idosos hoje em São Luís, “já são vistos como uma categoria”, conquistam direitos com a amizade que constroem nos eventos e grupos organizados pelos órgãos de direitos dos idosos em São Luís:

Com essa amizade eles têm conquistado direitos. [...] Então [...] esses idosos têm a oportunidade de apresentar suas danças, suas expressões culturais [...] o idoso não fica só nessa questão da dança, ele já vai tem uma fala [...] Então essa é uma questão que dá um empoderamento, esses espaços, esse trabalho. Nesses grupos, [...] realmente leva a esse empoderamento desses idosos e eles se sentem realmente participantes e, lógico, desenvolvendo a questão política [...] (PROF6).

Amizade garante direitos e amplia a cidadania, para PROF3:

“Amplia sim. [...] discutir até esgotar [...] essa é a melhor alternativa [...] e não atinge nada. A amizade, a gente conseguiu coisas melhores. [...] É política, que a gente faz com amizade. [...] Amizade com política” (PROF3).

Na visão destes 3 grupos, que se assemelham, a amizade é um direito e promove a realização de direitos.

O que é política

Alunos Idosos

Para os idosos da UNITI, a política está em todo lugar, inclusive no lazer e nesta reunião da pesquisa. Os alunos idosos entendem que a política pressupõe uma relação recíproca de direitos e deveres, por isso a população necessita de uma educação para a convivência, pois a política está em todo lugar. Como diz B6:

“Mas nós precisamos do quê: se educar. [...] É uma política [...] (que) eduque. Então, a política abrange muita coisa” (B6).

Associam a política às seguintes categorias: conscientização; direitos sociais; bem estar econômico; segurança; liberdade de escolha.

Quando propusemos em falar sobre política, A13 diz: “Ah, política”. Os idosos riem e A13 diz: “hummm...”. Sua expressão facial parece mostrar desconforto. A13 sugere [rindo]: Começa por seu A1 (A13).

Só faço é votar (A13).

Política também é um direito de cada cidadão. [...] a política, [...] bem representada, é essencial pra todos nós, [...] até pra que se conserve toda a liberdade que cada ser humano precisa (Idoso A1).

Professora eu não entendo de política (A6).

O idoso A1 mostra que os idosos ainda carecem de liberdade. A6 e A13 não percebem que, ao se posicionarem, emitindo suas reflexões e votando, mostram que essa ação é política. A13 declarou ter um parente político em um município, para quem fez campanhas. Vejamos os relatos:

Política, [...] é um instrumento onde nós temos o direito ou a liberdade e a possibilidade de participarmos dos eventos, dos trabalhos que são realizados.

Com relação à educação, a saúde, não é, lazer, e tantas outras atividades que nós realizamos (Idoso B22).

[...] pode até intervir na direção dos negócios. [...] Intervir nesse negócio público de Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração (A7).

[...] a política em si tem que ser desenvolvida entre os grupos e as pessoas [...] (Idoso C18).

Pode ser feita em ações e [...] pode ser [...] feita em reuniões com as pessoas, até mesmo na sua própria família. Pode haver consciência política dentro da sua própria família (Idoso C18).

Idosos das Associações

A política [...], todo lugar tem [...] e uma política bem feita é muito difícil de [...] ver. A política bem feita [...] é aquela política que você [...] reúne o pessoal [...]. [...] a política dificilmente se acredita [...] (ASO2).

Eu entendo por política a maneira de fazer as coisas certas, [...] para beneficiar a todos, a começar com a família. [...]. [...] e o político, são essas pessoas inconfiáveis. [...] a política começa em casa [...] a gente vai vendo o que é bom pra gente e o que é bom pra comunidade em modo geral (ASO1).

Ao responderem esta questão, os idosos também associaram a política aos benefícios dos amigos na política brasileira, tal como entendem DaMatta (1997) e Carvalho (2002). Estes autores referem-se à lógica da política brasileira em que os amigos têm direito a tudo. Daí os idosos relataram que a amizade é importante para ajudar financeiramente e arrecadar verbas, doações de outras espécies para apoiar a campanha política dos amigos e dos parentes.

Quando convidamos ASO9 a falar um pouco sobre política, ela mostra em seus gestos faciais uma descrença na política e nos políticos, “Não gosto. São falsos. Por que [a pessoa] muda.” Como “um amigo, muito amigo que a gente tem”, que mudou a amizade. Dizer a verdade, sinceridade, ser positiva, servir um amigo consiste na amizade inserida no contexto da política estudada por DaMatta (1987).

Segundo Le Breton (2009, p. 68), os gestos e os olhares são os meios de transmissão dos signos da palavra e facilitam a sua compreensão, mas “Diversos gestos, posturas ou movimentos se engastam durante a interação”.

A família “passou a ter critérios próprios, baseados mais no diálogo, na amizade e nas necessidades práticas do que no cumprimento de obrigações” (Medeiros, 2004, p. 193). Para Arendt (2002 a), a família, esse espaço de desigualdades, prepara os sujeitos para participarem da esfera pública e exercitarem a ação política.

Entretanto, apesar de ser na família que se aprende a exercitar a política e esta tem que ser praticada corretamente para poder beneficiar os demais, nas palavras de ASO1, os políticos são inconfiáveis. Ele mostra assim uma descrença nos políticos que se expande para a política, segundo sua experiência de cidadão ludovicense. Provavelmente, fala pelos demais sujeitos da sua geração. Esse relato aproximam-se dos estudos de Goldman (2003) e Cuba (2005), em que os idosos mostram uma descrença e uma desesperança na política brasileira.

Profissionais

Política:

É uma decisão que você tem que colocar dentro do contexto do amplo conhecimento dos direitos, de você ter aquela efetivação do que realmente você precisa, o compromisso de muitos na questão da gestão. Mas a política também perpassa pela decisão pessoal, no momento em que a pessoa precisa conhecer para que serve a política e o que ela lhe oferece (PROF3).

Formas de política

Alunos Idosos

Os idosos dizem que na política há uma hierarquia nas instituições. As formas são várias: partidária e representativa; política do trabalho; política da amizade; política na família; política do vai-e-vem da família do pai e dos filhos; política na Igreja; instituições; educacional; a política da saúde; política dos idosos; estatuto da criança e do adolescente; o código civil; troca de favores; debates; trocas de ideias, com a população; representação da turma como líder de Turma.

[...] a gente já vive numa política. A política já mora dentro de nós [...] em toda a sociedade. [...] Inclusive tem a política da família. [...] na família nós vivemos numa política. [...] Todos nós já somos políticos familiar [...] temos nossos filhos e a gente vê que em toda família sempre [...] tem concórdias e tem discórdias (A19).

Certamente que a família, lugar de desigualdades prepara os sujeitos para exercitarem a política, como entende Arendt (2002 a). Entretanto, a família como laço de parentesco e modelo de organização política, sugere uma característica antipolítica, que leva Arendt (2003) a dizer que, enquanto “os homens organizam corpos políticos sobre a família, em cujo quadro familiar se entendem”, mas o parentesco “pode ligar os mais diferentes” e separá-los. Nesse sentido: “A ruína da política em ambos os lados surge do desenvolvimento de corpos políticos a partir da família” (Arendt, 2007, p.22).

Além disso, apesar da família ser um espaço de fundação de corpos políticos, ao estabelecer relações de parentesco, suprime a pluralidade, que é a condição da política. Como o espaço político compreende o “mundo público comum a todos nós”, este, só pode ser acessado “se nos distanciarmos de nossa existência privada e da conexão familiar com a qual nossa vida está ligada” (Arendt, 2007, p. 52). Entretanto, é difícil abdicar de valores, tradições, crenças sem saber qual será o desenlace da ação política, que é imprevisível e irreversível, mas ao mesmo tempo um veículo de transformações, somente viabilizadas no espaço público.

Idosos das Associações

As formas são: a boa e a ruim; para se beneficiar; boa vizinhança.

Daí dizer que “não acredito em político” (ASO3).

Porque alguns políticos ‘já entram derrapando’ (ASO3).

ASO3 diz que exerce “no mínimo a política da boa vizinhança. ‘Que consiste em’ desejo de participar, de ajudar [...] talvez seja isso fazer política” (ASO3).

Desenvolvendo essa forma de política, ASO3 entende que está ampliando também sua cidadania.

Profissionais

Formas: a política saudável; verdadeira - solidifica as causas sociais e cuida dos interesses da sociedade; política ciência - “voltada para ciência, para pesquisa, para o engrandecimento de um povo”; politicagem; benefício próprio e do outro.

Quem pode praticar a política

Alunos Idosos

[...] todos nós que, estando em sã consciência [...] com seus direitos e deveres em dia e que se enquadre ou que adote aquilo que é normal. [...] estar filiado num partido, são regras [...] com o seu serviço eleitoral em dia (Idoso A1).

Os idosos geralmente associam a política à representação.

[...] Mas hoje [...] pra você viver você tem que ser um eterno político. [...] não só de partido [...] Tem a política do trabalho, tem a política da amizade, tem a política de várias espécies (A8).

Perguntamos para A8 como é a política da amizade e ela responde:

[...] é você ter uma boa convivência com os seus amigos [...] (A8).

[...] na política partidária hoje tem a mulher [...] a presidente, tem a nossa governadora [...]e tem muitas mulheres aí, é prefeita é governadora. E já é um passo pra nós (A13).

Os idosos mostram a questão de gênero na política, no momento em que as mulheres vêm ocupando cargos políticos, um fato relativamente novo no Brasil. Ao mesmo tempo, falam da política associada aos partidos, à amizade e frequente tomada de posição diante da vida.

Como a política é exercitada

Alunos Idosos

Respostas: pelo voto como “dever de cidadã”; é praticada em todas as atividades; quando se busca o acesso aos direitos (saúde, transporte educação etc.); reivindicando direitos.

É você saber se relacionar com as pessoas, [...] respeitando e também fazendo com que ela conheça os seus direitos. Então, nesse sentido, a amizade pode ser política (A8).

Pode ser feita em ações e [...] reuniões com as pessoas, até [...] na [...] família. Pode haver consciência política dentro da [...] família [...] (Idoso C18).

Enfim, pra onde você vai, dependendo do que você vá fazer, nas entrelinhas, [...], embora não seja uma coisa bem estampada, mas sempre há um pouco de política. Então é uma coisa que não se consegue separar do ser humano, principalmente se você vive num país que se diz democrático. A política está no dia-a-dia [...] reivindicando direitos (Idoso A1).

Ao falar como a política é exercitada, A8 mostra a amizade política, inclusive na família. A1 expressa uma política do dia-a-dia, também nas “entrelinhas”. O espaço do *entre* os sujeitos ou “interespaço” é onde a política concebida por Arendt (2007a, p. 103) se realiza pela palavra, no diálogo com os outros na pluralidade do mundo comum.

Para que serve a política

Alunos Idosos

Pra melhorar a vida do cidadão e da cidadã. [...] do povo que faz parte daquela nação. [...] seja a política, as diversas políticas públicas [...] bem implementadas, [...] bem gerenciadas, [...] sempre redundam em benefícios para o povo, [...] que é o sustentáculo maior de qualquer que seja o país ou de qualquer que seja a tribo. A política é importante para realizar os direitos. [...] atender a demanda do povo (Idoso A1).

Ao mesmo tempo em que as políticas públicas são avançadas e asseguram amplos direitos, os benefícios para os idosos ainda não foram completamente concretizados (Teixeira, 2008).

UNITI facilita direitos

Alunos Idosos

Todos os idosos declaram que a UNITI facilita a realização de direitos.

[...] a UNITI é que está fazendo a gente ver os nossos direitos, por que nós não sabíamos os nossos direitos como idosos [...] O Estatuto do Idoso [...] a gente ainda não tinha [...] Muitas coisas [...] nós não sabíamos, hoje nós já sabemos algumas coisas (A12).

Para os idosos, no momento em que a UNITI informa sobre os direitos, está facilitada a sua conquista.

Idosos das Associações

ASO3, ASO4 e para ASO3, a Disciplina de PROF4:

“[...] sempre nos incentivou a buscar direitos” (ASO4).

“A conhecer o Estatuto” (ASO3).

Auxiliares de pesquisa

Para Tayná Silva Cuba, auxiliar da nossa pesquisa na UNITI: “acerca da geração de idosos atual”, isto porque, (ASO3):

[...] se mostrou mais ativa na luta por seus direitos e, consciente de seu papel na sociedade, do que muitos grupos de jovens, com a grande vantagem da sabedoria e da experiência adquirida com a sua maturidade. [...] foi possível compreender que ficar em casa, [...] ou fazer valer sua participação na sociedade, é mais do que nunca, uma opção de escolha do idoso (Cuba, 2011, Diário de Campo).

De fato, pois os idosos mostram que, informados sobre os direitos, podem reivindicar a sua realização.

Participação política

Alunos Idosos

Os alunos idosos relatam participar de diversos espaços, desenvolvendo ações como: o Centro Integrado de Apoio e Prevenção à Violência contra a Pessoa Idosa - CIAPVI; associação de mulheres que trabalham com artesanato; associação do bairro que desenvolve ações educativas onde o idoso C12, junto com seus “companheiros lutamos” e conquistaram suas reivindicações na busca de “benefícios para a comunidade”.

Na experiência de C8 numa cooperativa, o trabalho é “em comum uma com a outra assim em união”. Além disso:

O idoso A1 é sindicalizado e participa das reuniões do Sindicato com aposentados e pensionistas para:

[...] estar sintonizado com as atividades que o sindicato está desenvolvendo e também pra irmanar com aquelas pessoas que lá estão [...] de faixa etária semelhante e fica mais fácil o diálogo, [...] criar novas amizades [...]. [...] também é um momento de você compartilhar as coisas (Idoso A1).

Mostram que junto com os outros conseguem lutar para realizar seus direitos e beneficiar a sua comunidade.

Idosos das Associações

Além da associação, ASO3 e ASO4 participam do Fórum Permanente e das Reuniões na Defensoria, Conselho, dando depoimentos; líder da Turma; orador da Turma; organização da festa de formatura; coragem de falar, liderar.

ASO9 participou do Fórum Permanente e este propiciava a amizade: “A gente já tinha e fazia outras amizades. [...] Tinha muitas pessoas” (ASO9).

ASO9 diz que no Fórum Permanente ficava mais informada sobre os seus direitos e conquistava direitos e amizades. Para ela, o Fórum Permanente: “era, de qualquer maneira, uma forma política. De participação” (ASO9).

Esclarece, mostrando uma foto: “essa aqui parece que foi no Fórum da Terceira Idade” (ASO9).

Refere-se ao Fórum Permanente, em que participou da criação representando sua Associação e fez parte da Diretoria, convidada por PROF1 e PROF2. ASO9 é de opinião que o Fórum melhorava sua participação no grupo do bairro, pois repassava as informações lá obtidas, para os idosos do grupo que coordenava.

Outra forma de participação, com uma característica política pela forma com é desenvolvida e a intenção de apresentação pública, em uma ação de desempenho, foi relatada por ASO9, logo no início da sua entrevista. Trata-se da organização de eventos festivos registrados em fotos e reportagens de jornais de São Luís, inclusive sobre a Associação, que nos mostrou. Explicando cada evento registrado, esclarece que essa participação com os idosos do seu grupo, ocorreram em cidades fora do Maranhão, em que era convidada para levar o Bumba-Meu-Boi dos idosos do grupo que coordenou, para se apresentar nesses locais. Essa ação performática desempenhada por essa expressão da cultura, ao mostrar as questões da velhice, torna visível um aspecto político significativo.

ASO9 esclarece que: “A última viagem que nós fomos, levamos até um Boi”. Refere-se ao Bumba-Meu-Boi que os idosos do grupo representavam, mas não sabe se esse grupo ainda se apresenta por que estão reunindo fora da sede e: ASO9 diz: “[...] largaram tudo lá, no quartinho.” Mostra a foto de um Congresso que participou, levando o grupo de Bumba-Meu-Boi para se apresentar, no IX Congresso Brasileiro dos Clubes da Melhor Idade, Sétimo Encontro Luso-Brasileiro de Turismo Sênior - Serra Parque, 02 a 05 e 3 outubro de 2005, Gramado - RS.

O que depreendemos do resgate que ASO9 faz do seu vivido em comum com outros sujeitos coletivos como a UNITI, o Fórum Permanente, a Associação e as festas, é que ela faz uma síntese de uma construção histórica da expressão política e de uma forma de resistência dos idosos em São Luís, nesses espaços públicos. Os detalhes e o alcance dessa recordação, mostrando fotos e reportagens, foram possíveis, por causa desses “testemunhos”, segundo ideias de Halbwach (2009).

Ao lembrar, pelas fotos, situações vividas, lugares percorridos, amizades construídas, acontecimentos distantes, reconhecendo as imagens, ASO9 pode trazê-los para o presente e, junto com esses momentos, pode recordar, “do ponto de vista desse grupo”, compreendendo assim, uma “memória coletiva”

(Halbwach, 2009, p. 41). ASO9 pode também reconstruir sua trajetória de vida, de cidadania e de amizades, mas também de sentimentos.

A memória, segundo estudos de Halbwach (2009, p.30), compreende uma dimensão coletiva, que é própria do processo de construção da “memória individual”. Ao lembrar “em comum” os acontecimentos pretéritos adquirem maior relevância e “acreditamos revivê-los com maior intensidade”, assim, pela recordação a cena lembrada surge reconstruída. Isto por que: “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas pelos outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos”. Destarte, “jamais estamos sós” (Op. cit.).

Além de ter se configurado em uma estratégia para deixar ASO9 mais à vontade na entrevista, valorizar as fotos e as reportagens mostrou uma forma de cidadania também, uma vez que, livremente, ASO9 expressou seus pontos de vista e resgatou episódios que revelam sua experiência de participação e ação política.

Profissionais

“Idosos são *expert* em construir amizade” (PROF2), em qualquer momento se aproximam, após as palestras, ou debate de grupo.

Importância dos Fóruns de coordenadores para os profissionais: troca de conhecimento e de experiência, reciclagem, aprendizagem.

Contribuição do Fórum de coordenadores para os idosos: promovem aprendizagem, novos conhecimentos; “desperta a consciência de que eles são cidadãos”.

Os Fóruns de coordenadores propiciam a construção de amizade e contribuem para a cidadania e para os direitos dos idosos, segundo PROF4: Por meio do intercâmbio, convivência, “relação interpessoal diferenciada” que o Fórum de coordenadores possibilita.

Os Fóruns de Coordenadores propiciam a política:

“[...] para os idosos ainda é tímida” (PROF4).

Contribuem positivamente:

[...] para as instituições aos quais eles representam e para os profissionais (PROF4).

Os idosos começam a ter um certo despertar [...] mas eles já entram no processo político no que está acontecendo no Fórum (PROF4).

[...] Só participam aquelas pessoas que podem ir [...] (PROF5).

Para os profissionais, significa: “troca de experiências fabulosa” (PROF5).

Desse modo, os Fóruns também trazem contribuições para os programas de terceira idade, segundo a compreensão de PROF5.

O Fórum de coordenadores tem uma característica política, segundo (PROF5), mas, a amizade nesses espaços não tem um aspecto político, para PROF5.

Os idosos constroem amizades em todos os espaços de direitos dos idosos, na UNITI e em qualquer outro lugar em que participam, diz PROF5:

[...] nos grupos sociais, nos grupos de convivência, nas comunidades, nas universidades, essa amizade ela é mais substancial, ela é mais firme, porque eles estão ali convivendo, quase o dia-a-dia (PROF5).

PROF5 ainda esclarece que nas associações, os idosos: “[...] se fazem presentes e são extremamente atuantes” (PROF5).

Embora PROF5 não perceba, seu relato mostra uma prática política da amizade pelos idosos.

No Conselho:

A participação existe, só que, por conta da vivência de atividades que eles têm nos grupos, nos locais, pouco se destacam pra essa vida da militância (PROF3).

Mas, os idosos preferem manifestar sua liderança nos grupos e associações que coordenam em sua comunidade (PROF3).

Ao concluir a UNITI, os idosos tornam-se egressos e procuram se organizar dentro da própria comunidade (PROF3).

A pouca participação dos idosos da UNITI nos Fóruns de coordenadores, se deve ao pequeno poder aquisitivo desses sujeitos, que os impede de se

deslocarem para outros Estados brasileiros, onde esses eventos são realizados, mostrando-se assim excludentes.

O relato de PROF3, mostrando a liderança e o protagonismo dos idosos, tem uma aproximação com a ideias de Arendt (2002 a) sobre política. Provavelmente a possibilidade de adquirir novos conhecimentos e exercitar a amizade, além da esperança na realização dos seus direitos é que provoca a presença dos idosos nos Conselhos e no Fórum Permanente.

Vá olhar nossa Quadrilha

Alunos Idosos

Como vários alunos idosos da UNITI vão dançar a Quadrilha, assistir a essa dança foi um convite constante nas reuniões, perpassadas com a entrada de professores avisando sobre as apresentações, informando os locais com roteiro detalhado, ressaltando para irem:

“[...] junto com as amigas de vocês [...] Estão todos convidados [...]”
(Professor).

Idosos dizem: “[...] vai trazer aquela alegria para todos nós.”

E o professor: “eu tenho que fazer a propaganda de nós [...].”

É na esfera pública que cada sujeito revela quem é e do que é capaz. Dançar a Quadrilha, pelos alunos idosos da UNITI, uma ação de desempenho, possibilita a visibilidade das questões inerentes ao processo de envelhecimento.

Os idosos relatam a sua participação em diversas festas e A12 declara ter se sentido muito feliz ao dançar a Quadrilha. C18 relata sua experiência, inclusive de forma voluntária:

[...] fui jurado de gincanas. [...] Eu organizava as feiras culturais aí tinha dança, eu ia fazer um CD [...] Eu fazia as danças folclóricas, todo tipo de material pra mostrar pro povo e o prefeito de Ribamar [...], pra colocar [...] pra vender (C18).

Esse idoso revela sua trajetória de participação no espaço das festas, inclusive junto à política da sua cidade. Os alunos idosos da UNITI revelaram exercitar o voluntariado, de diversas formas, inclusive na organização de festas folclóricas.

Estudos de Cuba (2010b) mostram que o voluntariado qualifica melhor o tempo dos idosos, promove a transmissão do legado profissional e a sua integração social. Além disso, constitui um movimento social de voltar-se ao outro pela solidariedade, recriando o presente e, desse modo, promovendo a inserção desses sujeitos no espaço público. Este fator contribui para o reconhecimento do seu lugar social e político, assim, passando os idosos a constituir uma nova força na sociedade.

Nesse sentido, esses sujeitos empregam criativamente o seu tempo vago e os seus conhecimentos acumulados por toda a vida no voluntariado e este favorece o agir conjunto dos idosos com diferentes gerações. Desenvolvem uma aprendizagem, de forma crítica e ética, garantindo o direito de expressão livre e constituem um espaço público e uma amizade política. Assim, essa forma de amizade revela-se bastante relevante para os idosos, como alternativa de integração na esfera pública, onde as questões do processo de envelhecimento se tornam visíveis (Cuba, 2010b, p.82).

As festividades e ritos cíclicos vividos coletivamente no contexto cultural marcam uma dimensão simbólica no contexto do grupo que atribui permanência à cultura e nela “[...] o homem atualiza a história sagrada e participa das energias transcendentais que elas acionam” (Neri, 1991, p.28). Além desses aspectos, é significativa a influência sócio-cultural, para o exercício da amizade, tanto em nível simbólico quanto no âmbito da ação. Nesse sentido, o curso da vida porta uma dimensão que integra passado, presente e futuro, trazendo consigo imagens reais ou simbólicas apreendidas nas diversas formas de interação social (Gomes, 2005).

Idosos das Associações

Diz ASO3, referindo-se ao desempenho de ASO4, nas festas em que participam juntas: “[...] é a melhor dançarina do mundo” (ASO3).

ASO4 comenta sobre a festa dos jovens amigos do seu filho, em que estava presente: “aí, tocaram lá forró que foi a manhã todinha lá dançando. E eu dancei desde a hora que eu cheguei até a hora que terminou lá o forró” (ASO4).

Oliveira et al. (2008) esclarece que, através a dança de diversos ritmos - valsa, samba, forró, xote, bolero etc. -, desenvolvida nos bailes destinados à

terceira idade, os idosos buscam lazer e amizades, além de um melhor desempenho nessa atividade para dançar com seus familiares. Assim podem melhor interagir com seus filhos, netos e demais gerações fora da família. Assim, mostra o relato de ASO4.

Segundo Gomes (2005, p. 111): “A festa, partilhada com a família filhos e netos, torna-se o palco para mostrar as possibilidades de ser ou continuar sendo mulher/mãe/avó e viver a velhice com alegria, disposição e entusiasmo”. Apesar das vicissitudes do processo de envelhecimento, a festa possibilita que velhas imagens deem lugar a imagens positivas dessa fase da vida, além de possibilitar novas experiências pessoais e intergeracionais, relações familiares passam a ocupar espaços públicos.

Em seu estudo, Peixoto (1995) observou que, motivados pela dança, os idosos buscam nos bailes e em outras atividades de sociabilidades, onde se encontram, enfrentar a solidão e criam nesses espaços um sentimento de pertencimento aos mesmos. Nesses espaços, interagem e criam amizades com as demais gerações, rompendo preconceitos, posto que dançar no baile aproxima os corpos, facilita os jogos e os relacionamentos amorosos.

Além de criar uma forma de pertencimento àquele espaço e ao grupo, realizando as suas vontades, no desfile de moda, bailes e demais atividades de sociabilidade exercitadas na esfera pública, os idosos se fazem notar, escolhem e são escolhidos. Mostram-se ativos, inovando a forma de viver a sua velhice, assim expressando uma imagem positiva do seu ciclo de vida.

Amizade e cidadania no Bumba-Meu-Boi

Alunos Idosos

Como nossa pesquisa foi realizada na UNITI, nos meses de junho e julho, época das festas juninas, entre elas, o Bumba-Meu-Boi e, como essa festa mobiliza toda a cidade, o assunto sobre essa expressão cultural foi recorrente em todos os espaços e por diversos sujeitos, especialmente na UNITI pelos idosos. Perguntamos sobre os espaços da cultura que costumam frequentar e os idosos conversam entre si sobre diversos lugares e esclarecem que frequentam os arraiais, onde há apresentações do Tambor de Crioula e do Bumba-Meu-Boi -

Projeto Reviver no Centro histórico de São Luís, Praia Grande, nos arraiais da sua comunidades.

Inclusive frequentam o Convento das Mercês: “[...] que lá tem Bumba-boi no mês de julho” (C22).

No dia 30 de junho, São Marçal é homenageado pelos grupos de Bumba-Meu-Boi em São Luís e em 2011 realizamos uma reunião na UNITI, sob uma forte chuva. Iniciamos nosso diálogo com os idosos, perguntando sobre a comemoração desse dia e os acontecimentos da cidade, relacionados à festa para esse santo, ao que os idosos foram relatando e a reunião foi se desenvolvendo.

Enquanto dialogávamos sobre essa festa, a idosa A13 entra, abrindo a porta encostada como nas outras reuniões. Está cantando em voz baixa uma toada de Bumba-Meu-Boi, mas ao nos ver, cala e põe a mão na boca e, sorrindo, para de cantar. Aguardamos que sentasse e prosseguimos a reunião, perguntando a ela sobre a festa do dia, ao que respondeu: *os bois de matraca estão se encontrando lá no [bairro] João Paulo* (B13).

Indagamos se apenas os de matraca e ela responde:

Todos os bois. Né? Mais, os de matraca (A15).

No Dia de São Marçal os Bois se encontram pra fazer uma grande festa no João Paulo, debaixo de chuva (B13). [risos]

Hoje no João Paulo nós temos uma reunião de todos os bois (A15).

Bois que cantam todos os ritmos. De todos os ritmos (A9).

E é no João Paulo, hoje mesmo lá, que está uma festa só, que nós nem pudemos passar por lá (A12).

Propomos aos idosos cantar a toada de Bumba-Meu-Boi que A13 chegou cantando.

A13 responde à nossa proposta, dizendo: “Vamos” (A13).

Perguntamos aos idosos se conhecem a toada. *Mas eu não conheço* (A5).

Esclarecemos a ela que vamos cantando e acompanhando quem conhece.

Antes de cantarmos, quisemos saber se foram aos arraiais e os idosos respondem que foram, esclarecendo em que arraiais estiveram:

“Só fui no [arraial] Maria Aragão” (A19).

“Eu fui no SESC” (A12) e (A13).

Referem-se ao SESC-Deodoro, em que também estávamos e assistimos a apresentação da Quadrilha desses alunos idosos da UNITI. Relatam também sua frequência em arraiais de outros programas de terceira idade, assistindo e dançando Bumba-Meu-Boi de grupos formados por idosos.

Ontem eu estava no Shopping São Luís [arraial do] e [...] fui a última a sair de lá (A11).

Ontem fui brincar de Quadrilha no Asilo e vou brincar no SESC (A5).

Só fui no SESC (A8).

Também fui (A19).

No SESC e Vila João, no Shopping e na Praça Maria Aragão (Idoso A1).

As idosas conversam entre si e perguntamos com quem vão a esses espaços. “Eu vou acompanhada dos meus amigos, do marido, do filho” (A20).

As idosas A13, A5, A12 foram acompanhadas da família. O idoso A1 também, com seu irmão.

“Eu só fui lá no SESC [...] por que nós saímos daqui e fomos pra lá. Fui acompanhada dos amigos da UNITI” (A8).

“Minha companheira também foi comigo” (A5).

O que os idosos relatam que no dia da apresentação da Quadrilha, eles saíram juntos da UNITI e se dirigiram para o SESC-Deodoro. Apesar de, nesse dia, irem juntos com os amigos da UNITI, observamos em seus relatos que, poucos idosos vão aos arraiais, acompanhados dos amigos, indo, em sua maioria, acompanhados da família. Mas, ao chegar nos arraiais, os idosos são unânimes que “Encontramos” os amigos. “Mas, meu filho vai me buscar, depois da brincadeira” (A5).

Ao encontrarem suas amizades nos arraiais, os idosos “Não, não” deixam a família, para ficar conversando com as amizades.

Não, eu não. Por que eu vou e fico todo o tempo com minha irmã, minhas duas sobrinhas. A gente ficou tudo junto (A11).

A gente vai com a família, encontra os amigos, coloca o papo em dia e volta pra família (A13).

A gente se junta com os amigos, família e fica ali fazendo um grupinho só (A19).

Convidamos, então, os idosos a cantarmos a toada e propusemos que A13 iniciasse. Ela ri e diz: “Eu não sei”. Entretanto, A13 começa a cantar baixo: “Enquanto existir amor...”

Cantamos, mesmo sem sabermos a letra toda e convidamos os idosos. Iniciamos a letra e solicitamos ajuda, provocando a participação dos idosos: “Enquanto existir amor...”.⁹²

A13 [cantando]: “Enquanto existir o sol/ como seria pra natureza sobreviver...” [Interrompe, dizendo]: “Eu não sei toda” (A13).

Outras idosas cantam junto: “Enquanto existir o luar/
[...] como seria a escuridão” (A19).

Várias idosas cantam e, A19, junto conosco: “[...] mas como tudo existe meu povo/ eu vou guarnecer meu batalhão / de novo [...]”

Após cantarmos junto com a turma, comentamos ao final: “É mais ou menos isso” e elogiamos a Turma. [Aplausos]

“É do Boi da Maioba. É o hino do Boi da Maioba” (A19).

Ao complementar essa informação, a Turma aplaude A19 e, assim, finalizamos o canto e prosseguimos com o debate.

Nas reuniões, os idosos têm comentado sobre a importância da amizade e as atividades que desenvolvem em companhia dos amigos, inclusive nos encontros nos arraiais. Isso mostra uma das formas com que exercitam a sua cidadania, nessa forma de participação, enquanto cidadãos, assistindo ao Bumba-Meu-Boi, cantando na reunião de pesquisa, brincando a Quadrilha e expressando-se de outras formas, através da cultura.

⁹² A letra certa: Título - “Se não existisse o Sol”. Letra: “Se não existisse o Sol/Como seria pra Terra se aquecer?/Se não existisse o mar/Como seria pra natureza sobreviver?/Se não existisse o luar/O homem viveria na escuridão/Mas como existe tudo isso meu povo/Eu vou guarnecer meu batalhão de novo./ É boi rapaziada!” É uma toada do ano 2000 do Bumba-meuBoi da Maioba, tradicional de São Luís. Autor: Chagas da Maioba. Vídeo postado em 20.04.2010 por bilis foridei. Extraído de: <http://www.youtube.com/watch?v=oSTugnkekGo>. Acesso em: 09.06.2012. Transcrição nossa. Rapaziada é uma forma tradicional de denominar o grupo de Bumba-Meu-Boi que, ainda hoje é usada em diversas toadas e reflete o caráter de masculinidade que revestia o conjunto, uma vez que essa brincadeira era considerada como “coisa de homem e não de mulher” (CARVALHO, 1996, p. 3).

Idosos das Associações

ASO6, dirigindo-se a nós e a ASO8 diz, referindo-se a esta última:

“Essa aí pula fogueira que só!” (ASO6).

ASO5, ASO7 e ASO6 comentam com ASO8 sobre a festa junina do dia seguinte - dia 21 de julho de 2011 - em um dos clubes que têm sede no mesmo espaço em que estávamos com elas e informa o horário.

“Aqui é a festa do Clube” (ASO5).

ASO8 retirou-se da pesquisa para cumprir compromissos. ASO5 lembra a ASO8:

“E amanhã vem pra festa” (ASO5).

ASO8 despede-se de nós e diz: “Eu venho, amanhã eu venho” (ASO8).

Em todas as apresentações dos grupos do Boi de Zabumba, um dos elementos característicos é a fogueira que é construída por alguns sujeitos que se responsabilizam por sua montagem e em “manter aceso o fogo, em torno do qual, os ritmistas se revezam aquecendo os instrumentos para obter a afinação adequada, enquanto atualizam as conversas e sociabilizam novas histórias” (Silva & Ferreira, 2011, p. 5).

A tradição das fogueiras acesas nas áreas urbanas das cidades vem se tornando rara e se perdendo, ao longo do tempo. Atualmente, “pular a fogueira”, “passar fogo”, tradicionais durante as festas juninas, “para virar compadre [...] (fazem) parte da infância e porque não dizer, da vida adulta de nossos antepassados”. Esse tempo, em que todos participavam “como um grande grupo”, reunidos, em torno da fogueira que mediava o ritual do batismo, vêm ocupando, aos poucos, as áreas dos clubes, arraiais e alguns lugares distantes dos bairros de São Luís, segundo declarou Carlos Augusto Correia Almeida, morador do bairro do “João Paulo, um dos principais redutos de manifestações juninas em São Luís” (O Imparcial, 2012).

A toada cantada na reunião com os alunos idosos é uma toada do momento do *guarnecer/guarnicê* na festa do Bumba-Meu-Boi. O *guarnicê* é o início da festa e imprescindível ao Bumba-Meu-Boi, pois a partir dele a festa inicia e tem como aspecto marcante a fogueira. Além disso, o *guarnicê* “relaciona-se à fogueira, onde são aquecidos os instrumentos percussivos - os pandeirões e o tambor onça -, em torno da qual a multidão vai se aglomerando aos poucos” (p. 141). Além

disso: “Em torno da fogueira, onde está sendo aquecido o couro dos instrumentos percussivos para afiná-los, os brincantes se confraternizam” (p. 142).⁹³

Sobre a importância do guarnicê, Monteiro (2013) elucida que, a partir dele, diversas ações são desempenhadas. Portanto, o guarnicê representa o

[...] momento em que a comunidade e os visitantes unem-se e tornam-se corresponsáveis pela festa: assumem os versos, as canções, os passos de dança etc. [...] É o renascimento do Boi confundido com o renascimento da festa. Na prática, nesse início da festa, trata-se de acumular forças para reunir o grupo de novo, de ajustar papéis, confrontar toadas, balancear as danças e energias das figuras cômicas e grotescas (Monteiro, 2013, 141-42).

O guarnicê nesse sentido é literalmente nascimento e renascimento, começo e recomeço. “É o renascimento do Boi confundido com o renascimento da festa”, além de ser “literalmente” o momento “de acumular forças” (Monteiro, 2013, p. 141-42).⁹⁴ Guarnicê consiste em “Fazer, fazendo: cantando, tocando e, finalmente, dançando” (Monteiro, 2013, p. 142).

Na performance do Bumba-Meu-Boi, o guarnicê compreende novo começo, mas é também o começo, o surpreendente, por ser a partir dele que a festa é realizada. Ele também representa um fortalecimento do grupo, que se agrega em volta da fogueira, junto com alguns sujeitos da plateia ou assistência que é eventual e promove um diálogo e uma negociação entre as vozes coletivas e o solo. O contexto do guarnicê aproxima-se da amizade na perspectiva política e cria um poder arendtiano.

ASO1 quis saber se temos ido a muitos arraiais e respondemos afirmativamente e também lhe perguntamos se ele e ASO2 têm ido e responde ASO2:

“Tenho e encontro com meus amigos, inclusive” (ASO2).

⁹³ “O cantor-solista puxa, inicialmente a cappella, as primeiras toadas. Pouco a pouco, o número de brincantes aumenta, misturados à assistência que também rodeia a fogueira; a resposta às toadas ganha corpo com a participação de todos, que repetem a chamada do solista. Na segunda ou terceira repetição desse diálogo entre cantor-solista e coro composto de brincantes e pela assistência eventual, o solista começa a pulsação de seu maracá (chocalho com cabo) e é imediatamente acompanhado pela entrada de toda a percussão, devidamente aquecida e afinada pelo calor da fogueira. [...] Durante o ‘guarnecer’, as toadas novas são mostradas, experimentadas em grupo pela primeira vez. É testada a capacidade de se imporem ao coletivo, e o resultado dessa experimentação define, muitas vezes, a forma musical” (MONTEIRO, 2013, p. 142).

⁹⁴ Apoiada em Bueno (2001), Monteiro (2013) esclarece que na área da música, “guarnecer é conseguir as vozes coletivas em diapasão com a voz solista e delas com a percussão” (BUENO, 2001 apud MONTEIRO, 2013, p. 142).

Ele não vai com os amigos, “vou com a minha família e lá, encontro os amigos” (ASO2). Ao final da entrevista, ele nos deseja “um bom Dia de São Pedro” e lhe retribuimos os votos. “Só assisto, adoro, adoro mesmo, hoje já vou de novo, mas nunca participei. [...] Mal a quadrilha, parei também, gosto muito e a UNITI sempre teve todos os anos” (ASO3).

Os idosos das associações costumam ir aos arraiais, mas ASO3 afirma que lá nunca fez amizade: “Não, não, nesse ambiente não.”

Ela vai com a família e as amizades, mas às vezes só encontra suas amizades nos lugares que frequenta, entre eles, os arraiais. Suas amigas também vão com suas respectivas famílias e lá, se encontram: “Geralmente é assim”:

Aí eu vou pra minhas amigas. Às vezes até a gente combina mesmo. Tem umas amigas que a gente sai com muita frequência. [...] E quando tem conhecido nesses arraiais ou parque ou cinema mesmo, encontrar, eu deixo meu filho de lado e vou pra onde é. Sempre fiz isso, encontro alguém, desapareço mesmo (ASO3).

A gente formou um grupo que dançava fora da UNITI, [...], na comunidade [...], nós tínhamos camisa [...] do grupo, danças e ritmo, [...], não tinha lugar pra gente se reunir para ensaiar [...] teve que acabar, foi uma pena [...]. Época de São João a gente saía dançando por aí, com aquele grupo de idosos (ASO2).

ASO3, que esclarece que atualmente, os alunos da Associação são todos aqueles que concluíram a UNITI em 2010, junto com ela, também participou com eles:

[...] a gente dançou a Quadrilha aqui mesmo na sala de dança, na quarta feira passada [...] dia 22 e montamos nosso próprio arraial, dançamos e comemos à vontade, [...] muito legal [...].

Apesar de frequentarem os arraiais, “nesse ambiente”, onde ASO3 não faz amizades novas, ainda parece ser visto de forma preconceituosa. Mesmo assim, esses espaços de manifestação da cultura mostram-se, na fala desses idosos, como um espaço importante de exercício de amizades dos idosos.

ASO9 mostra fotos de desfiles em que ela concorreu, sendo a primeira colocada em 1997 e em segundo lugar em outro. A foto exibe uma faixa envolvendo seu corpo, tal como as faixas das misses, com os seguintes dizeres:

“Miss Idosa, 1997”. Relata que também participa na “Queimação de Palhinha”⁹⁵, quando é convidada, Congressos, a Formatura da UNITI e mostra fotos e reportagens desses eventos. Uma das reportagens revela essa participação; “ABC do Rio, encontros populares do Clube... do Maranhão. Bacabal. Primeiro show baile.” ASO9 mostra fotos das festas que promovia com o grupo, mostra jornais com reportagens sobre os eventos que falam do Reizado realizado pela Associação, sendo uma delas intitulada: “Grupo de idosos mantém tradição do Reizado”.

Sobre o fortalecimento da amizade no Bumba-Boi, no Reizado e em outras festas que organizou e participou, ASO9 assim se manifesta:

“Ah, e muito, por que a gente tinha que arrumar”(ASO9).

Ela comenta que os idosos organizavam-se e faziam uma “vaquinha” para comprar licor, uma “bebida alcóolica aromatizada e doce” (Ferreira, 1975, p. 512), mostrando um aspecto político da amizade nessas festas.

Participar da festa resulta de uma nova forma de gestão da velhice, assim atribuindo um novo significado à tradicional condição de avó e de avô, na esfera privada administrando cuidados aos netos, papéis estes esperados para mulheres e homens de mais idade. Por outro lado, fazer parte de um concurso, tão público, mesmo que de simpatia, possibilita a revisão do lugar que a sociedade espera das mulheres idosas no plano individual, social e familiar (Gomes, p. 2005, p.103).

Ao realizar o Reizado, que simboliza o encerramento das festas natalinas, ambientado por um presépio, em uma festa que se repete anualmente, ASO9 parece mostrar sua capacidade de um reinício, que remete ao conceito de natalidade em Arendt (2002 a) como ação política. Além disso: “As práticas sociais desenvolvidas nos grupos para idosos – passeios, festas, concursos, etc. -

⁹⁵ Segundo Lideney Ribeiro do SESC-Maranhão, na seção de Notícias intitulada: “Queimação de palhinhas” encerra comemorações de Natal no SESC-MA, A Queimação de Palhinha é um ritual no Dia de Reis, em 06 de janeiro, quando se desmonta o presépio. “Nesse dia, comunidades mais apegadas às tradições desmontam o presépio após cerimônia realizada por meio de ladainhas, rezas e orações. [...] A ‘Queimação de Palhinhas’ retrata os reis magos em visita ao recém-nascido na manjedoura. Durante a realização do ato, fiéis vão desmontando os presépios decorados com uma planta chamada murta. Essas plantas são colocadas em um fogareiro, produzindo um aroma agradável. Enquanto é realizada, essa ‘queimação’, são cantadas ladainhas próprias para a ocasião e fazem pedidos para o ano que está começando. Segundo a técnica de Cultura do SESC-MA, Adriane Reis, o ritual é praticado por aqueles que têm alguma promessa a pagar. A ‘Queimação das Palhinhas’ é feita, tradicionalmente, nas casas, igrejas e terreiros de religiões de origem africana no Maranhão.” Disponível em: <http://www.sescma.com.br/exibirNoticia.php?id=569>. Acesso em: 25.06.2012.

possibilitam sua reconexão a um presente mais ativo, porém o curso da vida exige ainda a integração do futuro e do passado ao presente” (Gomes, 2005, p.106).

Ao participar da festa, surge um passado projetado coletivamente que se reintegra ao presente, interpretando este tempo pretérito, por meio do concurso, da *miss*/mulher e avó. Essa “reelaboração do passado sob a forma de concurso traz à lembrança não só o passado vivido individualmente, mas também práticas sociais de uma geração [...]” (Gomes, 2005, p. 108).⁹⁶

Em agosto de 1950, em seu Diário Filosófico (Ludz & Nordmann, 2006, p. 15-16), ao se perguntar: O que é política? Hannah Arendt registrou as seguintes reflexões: “a política se baseia na pluralidade dos sujeitos”. Além disso,

La política trata de los diferentes en su estar juntos y estar los unos con los otros. Los hombres se organizan políticamente según determinados aspectos comunes que les son esenciales em um caos absoluto o desde um caos absoluto de las diferencias (p. 15-16).

A relação política se desenvolve por meio da palavra, livremente pronunciada na esfera pública do mundo que é plural e comum a todos os sujeitos, entre eles, os idosos.

Qualidade de vida

Alunos Idosos

Os idosos associam qualidade de vida a: aquisição de novos conhecimentos, “adquirir novas amizades”, convivência com os amigos da UNITI, “conhecer novas pessoas”, ter mais saúde (física, mental, memória), busca de aperfeiçoamento, redimensionar a vida ou “estabelecer novos parâmetros para a sua vida”, buscar mais alegria, viver alegre, buscar mais sabedoria, aprender “coisas boas”, “movimentar o corpo”, passear, viver bem, passear; se divertir;

⁹⁶ Sobre a categoria geração, Gomes (2005) esclarece que: “Pertencer a uma geração do ponto de vista sócio-cultural é ter compartilhado com outros, de seu grupo de idade, um modo peculiar de socialização, de vivência histórica de determinados momentos do processo sócio-cultural” (p. 108).

fazer atividades físicas, “ajudar alguém”, felicidade, viver tranquilo, viver bem, “aproveitar os momentos que lhe oferecem”; participação.

[...] é a gente viver bem, com saúde e ter muita felicidade (B9).

É assim, os comportamentos, a maneira de alimentação, é a saúde, os exercícios físicos (A18).

[...] é você ter conhecimento de tudo aquilo que possa lhe trazer um bem-estar [...] (B7).

Qualidade de vida é assim percebida como plena saúde e conhecimento de tudo que pode trazer bem estar e felicidade. A felicidade foi vista por Hannah Arendt (1988), como felicidade pública associada à liberdade pública, e esta qualidade de publicidade só pode surgir no mundo como alguma coisa tangível, se for mediada pela palavra na forma de diálogo no mundo comum a todos.

Profissionais

Categorias: Qualidade de vida são direitos atendidos.

Qualidade de vida, [...] é a plenitude da tua capacidade de viver a tua existência. Ou seja, é você estar bem com você, você estar bem com o outro e ter uma relação bastante interessante com Deus. [...] Então para nós, aqui para a nossa visão. Então eu digo, esse estar de bem consigo, estar em parte, com o teu próximo e viver essa aura espiritual, isso pra mim é qualidade de vida (PROF1).

Depreendemos do relato de PROF1 que qualidade de vida, além dos direitos atendidos, ela tem uma dimensão que vai mais além, de plenitude, ou seja, com uma visão religiosa. Esta visão aproxima-se das ideias de Hannah Arendt em seu estudo sobre o Conceito de amor em santo Agostinho, na perspectiva de amor fraterno, que pressupõe um amor ao próximo. Ocorre que essa forma de amor depende de uma “compreensão justa do próximo” que está condicionada a uma “compreensão justa de si mesmo” (Arendt, s.d., p. 115).

Entretanto, na velhice, “a qualidade de vida parece não estar vinculada apenas à ausência de doenças e incapacidades, mas também aos recursos positivos disponíveis no meio ambiente e ao bom estado psicológico do idoso, que acarreta

o uso de estratégias de enfrentamento mais adequadas e eficazes” (Beckert; Irigaray; Trentini, 2012, p. 161).

Mudanças

Alunos idosos

As mudanças referidas são: mais desenvolvida; convivência com colegas; diminuiu a timidez; conhecendo e se entrosando com gente nova; criou novas amizades; fez amizades com os idosos da Turma; melhores conhecimentos; “fiquei mais extrovertida”, o “marido ficou mais meigo, mais educado”; “me sinto muito bem”; mais alegre; sentem-se muito feliz, especialmente na convivência com os demais idosos; “me sentindo bem melhor”; melhorou a qualidade de vida; exercitar a mente; “estou voltando ao auge do meu estudo”; conheceu assuntos importantes; “me sinto mais amável”; “tenho mais pessoas ao meu lado”; está mais paciente; aprendeu como envelhecer, com alegria e com sabedoria; “entendo o prazer que é de ficar velha”; está “mais leve”; facilidade de conhecer novas pessoas; está menos ansioso; aumentou a autoestima; conhecimento maior sobre os direitos; percebem-se mais respeitados.

Como mães, avós, esposas e esposos, os idosos dizem que estão mais compreensivos; tornou-se “mais dócil”; cuidando mais de mim; saindo mais de casa; percebe-se “mais bonita”; “mais amorosa, carinhosa com meus netos e bisnetos”.

[...] conhecer o colegiado de [...] professoras altamente preparadas, mas que têm uma dedicação muito boa para com a gente na condição de aluno, [...] pessoas que falam a nossa língua e que [...], por falar nossa língua se fazem entender e são entendidas. [...] até então eu não tinha parado pra refletir sobre velhice. [...]. [...] os ensinamentos que estão sendo ministrados, [...] são coisas [...] pra pessoa aprender, que o envelhecimento [...] é uma coisa supernormal. E que, se você aprende a viver e aprende a aceitar a idade, evidentemente você vai viver mais alegre, mais feliz, mais satisfeito. E, se você consegue juntar tudo isso, você tá vivendo com mais qualidade de vida (Idoso A1).

Então, eu queria tanto assim passar [...] tudo o que eu tô sentindo, o que eu já aprendi, essa alegria, [...] aprender como a gente vai envelhecer, por que isso pra mim foi muito importante. [...] Olha, vontade até, já apresentei até Quadrilha [...] (A12).

Estamos também aprendendo, como nos relacionarmos com as outras pessoas da nossa idade, não é, os direitos e os deveres que nós temos. Especialmente cuidar

da saúde. Todo movimento que a gente faz é para cuidar do nosso corpo e da nossa saúde. Se ficar parado e não se move, aí enferruja (B7).

[...] eu não conhecia o que era velhice. Eu vim saber aqui. [...]. [...] os professores são muito bons, eu tô tendo aula, eles passam essas coisas, a gente vai lendo, vai sabendo, eu tô refletindo. [...] Então eu melhorei muito. E quero continuar. [...]. [...] eu tô pensando, querer fazer uma faculdade [...] (A11).

[...] uma gama de informação muito grande pras pessoas que tinham seus idosos e, às vezes, limitavam muito mais (B5).

[...] conhecimento maior a respeito dos nossos direitos [...] depois de algumas informações que nós recebemos aqui, na sala de aula, e conversas também com os nossos colegas, com nossos professores (Idoso B22).

Nestes relatos fica claro a importância do conhecimento associado à amizade, ao diálogo, à troca de experiências, à felicidade, à importância de cuidar mais da saúde, de conhecer os direitos dos idosos, a mudança da representação social da velhice e o direito à liberdade da pessoa idosa proporcionada pela UNITI. Estes idosos mostram um guarnicê, na linguagem do Bumba-Meu-Boi, proporcionado pelos novos conhecimentos e pela amizade obtidos na UNITI.

Estes achados aproximam-se da pesquisa de Feitosa (2004), em que, ao relatarem suas mudanças, os idosos disseram: maior participação e convivência social e oportunidade para novas amizades, aquisição de conhecimentos e melhoria da autoestima, qualidade de vida e novas esperanças.

Idosos das Associações

Mudanças: comecei a ver o outro lado da vida; melhorou a timidez; participa mais; cobra os direitos; fiquei muito feliz; mais conhecimento, mais competência; aumentou a autoestima; consciente da minha condição de idosa e de cidadã.

ASO2, que soube da UNITI pelo amigo ASO1 e este último relata: “[...] e, [...] eu aprendi na UNITI, [...] a viver, aprendi a conviver com meus amigos, fiz boas amizades, tenho boas amizades fora da UNITI e sou feliz, graças a Deus e a ASO1” (ASO2)

O processo de envelhecimento, momento em que as fragilidades do corpo começam a se tornar evidentes, desencadeia mudanças de diversas ordens. Como

adoecem mais, nessa fase da vida, os idosos acessam mais os serviços de saúde, dizem Caldas & Veras (2012).

A experiência do envelhecer vai assim influenciar, principalmente, a percepção que cada sujeito idoso tem de si, do seu corpo envelhecido e do outro. Segundo Le Breton (2010), o corpo é cultural e socialmente construído e faz uma interface entre o social e o individual, entre a natureza e a cultura, entre o fisiológico e o simbólico. Para este autor, o corpo moderno resulta “[...] do recuo das tradições populares e o advento do individualismo ocidental e traduz o aprisionamento do homem sobre si” (p. 31).

O corpo fornece o primeiro sinal do envelhecimento, por isso, se é velho, a partir do olhar dos outros e a aparência nem sempre corresponde à experiência interna, ou seja, os sujeitos “não vivenciam interna e plenamente a velhice” (Mercadante, 2003, p. 63-4). Desse modo, há uma defasagem entre como são vistos por meio da sua aparência e como se percebem, ou seja, como vivenciam internamente cada fase da sua vida.

Ao relatarem suas mudanças, os idosos também mostram que esse momento é de construção de novos saberes, novas amizades e de transformações na representação social da velhice. Relatam:

“Antigamente, [...] velho, ficava lá num canto jogado. [...] Hoje em dia não, olha aí eu com setenta e cinco anos. Eu vou onde eu quero, vou a hora que quero. [...]” (ASO4) [Risos]

Em suas palavras, ASO4 mostra uma representação social da velhice de “antigamente”, ou seja, no início do século XX, época da sua infância e do desrespeito que ainda persiste.

ASO3 e ASO4 mostram que na sua infância, as crianças tinham medo dos velhos, pois “é, velho era o bicho” (ASO4). “E servia para amedrontar as crianças e não tinha mais nenhuma voz, sabe” (ASO3).

Além disso, os idosos, como a sua avó, ficavam isolados:

[...] foi muito triste o jeito da minha avó: sozinha ali num canto, mesmo, só minha mãe que ia lá levar a comidinha, ia lá dar uma água. [...] aquela pessoa [a família] anulava. Hoje, a gente mudou completamente todo mundo, fica em casa naquela situação só quem quer. Naquele tempo, não, era lei. Parece que era lei. Mas hoje ainda tem gente dentro de casa (ASO3).

ASO3 imagina que o isolamento dos idosos parecia ser uma lei. Ela fala de um tempo em que os idosos eram assistidos pelos hospitais gerais e em que a velhice era considerada doença, com preconceitos e estigmas mais acentuados. Esse tempo ao qual ela se remete, preconizava ações sociais para o idoso que compreendiam o isolamento dos indigentes em asilos, mantidos por imposto específico cobrado nas paróquias pelo pároco (Geremek, 1996).⁹⁷ Convém notar que estas ações foram desenvolvidas em um contexto de pré-cidadania, ou, como chamou José Murilo de Carvalho de uma “cidadania em negativo” (2002).

Entretanto, o isolamento contraria o que Lafer (2003, p. 153) entende sobre o posicionamento de Hannah Arendt sobre “o primeiro direito humano que a *polis* [...] pode conceder e do qual derivam todos os demais, [que] é o direito à vida pública, que permite o comando da palavra e da ação”. Sendo essa ação viabilizada pela liberdade pública, pela qual os sujeitos conquistam direitos e constroem a sua igualdade.

Os programas destinados à população idosa, especialmente o SESC e os programas de universidade para a terceira idade no Brasil, criados na década de 1990, vieram oportunizar a presença dos idosos na esfera pública, assim exercitando a sua cidadania como preconiza Arendt (2002 a), apesar de não conseguirem exercitá-la plenamente, pois os direitos dos idosos ainda não estão postos completamente em prática.

Propostas

a) para a UNITI

Alunos Idosos

Aumentar o tempo do curso da UNITI, pelos diversos benefícios que proporciona; “que tenha uma faculdade, pra ser o ensino básico”; aprofundamento do Curso de Terapia Ocupacional; maior abrangência dos assuntos estudados na

⁹⁷ Geremek (1996) mostra que durante o século XVI, nos centros urbanos a pobreza de modo geral, inclusive, a velhice pobre, era tratada por uma assistência organizada, através do exercício da caridade desenvolvida pelas Santas Casas de Misericórdia brasileiras, instituições que se difundiram pelo Brasil, no século de XVI, sendo a de São Luís fundada em 1622 e a do Rio de Janeiro, provavelmente em 1582 (GANDELMAN, 2005).

UNITI; aumento das aulas de atividade física, aumentar a duração do Curso da UNITI para 2 anos; aumentar o tempo de cada aula; treinamento para a comunidade; ensinar coisas mais práticas; dar continuidade no segundo semestre com o mesmo professor; mais artesanato, Hidroginástica, atividades para melhorar a memória.

Sobre as amizades intergeracionais na UFMA, a idosa C16, relata que “além de estudar”, encontram pessoas com quem “fazemos amizades”. A idosa B7 adverte que “alguns universitários nem sabem que existe a universidade da terceira idade”. Nesse sentido, propõe maior divulgação da UNITI.

UNITI promova uma “leve faculdadezinha”, sem Vestibular: “então, deveria em todos os cursos, eles dar uma oportunidade de, pelo menos uma vaga, duas vagas pra gente fazer um Terceiro Grau [...]” (A20).

Os idosos apresentam propostas bem avançadas e mostram que ainda persiste o preconceito contra os idosos e que estes ainda são representados por uma imagem negativa da velhice e isto dificulta a amizade com os jovens, assim como o desrespeito que são atualmente os desafios para os idosos.

“Que todos conheçam [...] a parte urbana, mas a parte rural da nossa comunidade” (Idoso C12).

O propósito é ajudar a população das ilhas citadas por ele, pela carência:

“[...] de uma gota de esperança” (Idoso C12).

Assim, C12 expressa a perspectiva política da amizade e reivindica reconhecimento para a comunidade.

[...] nas comunidades, nas associações, na Igreja, [...] em lugares mais fechados [...] haver encontro de gerações. [...]. [...] haver essa interação entre os universitários e UNITI (B7).

[...] mais de conteúdo, mesmo sabendo desse desnivelamento de cultura, [...] do grau de instrução que a pessoa tem, [...] talvez isso fosse fundamental, até pra despertar mais interesse nas pessoas. Pra não desistirem (Idoso A1).

[...] Era que no final de cada semestre [...], a coordenação fizesse uma espécie de questionário para que os alunos fizessem uma certa avaliação (Idoso A1).

Profissionais

[...] ter fixo e correto esse apoio financeiro, pelo menos para [...] fazer a manutenção dos educadores [...] (PROF4).

[...] espaço único para a UNITI desenvolver suas atividades (PROF4).

Pessoas e profissionais despertem para a causa da terceira idade (PROF4).

Idosos das Associações

Devia continuar; pessoas querem estar atualizadas; maior divulgação da UNITI; Psicologia que faça acompanhamento a idosos; preencher vagas com os que querem permanecer; curso de alfabetização para idosos.

b) para a Associação:

Idosos das Associações

Persistência, a continuidade da luta pelo espaço para a sede da Associação.

ASO3 espera que a AAUNI:

“[...] mantenha porque nesse primeiro semestre foi muito bom [...]” (ASO3).

ASO9 mostra a atual Presidente da Associação à qual faz parte e também presidiu, em uma das fotos, comenta:

“E aí eles [...] Não estão lá, mas estão fazendo [as reuniões] na rua. Aqui na praça. Eu digo, [...] eu mesmo se pudesse eu não ia fazer na praça. Eu ia pedir é lá” (ASO9).

ASO9, expressando indignação com a condição atual da Associação do seu bairro e sua capacidade de luta, ao dizer, que iria lá, ou seja, nas instâncias governamentais. Esclarece ainda que, se não fosse recebida pelas autoridades políticas locais: “ah, mas eu entrava [...]”. Nesse sentido, propõe:

Ver as fotos e aceitar que ASO9 nos mostrasse e comentasse possibilitou o resgate da sua memória sobre os momentos diversos da sua trajetória de vida. Inclusive, sobre aspectos de lutas, também expressando sua indignação pelo grupo

estar sem a sua sede. Expressar-se por palavras e ações, nas ideias de Arendt (2002 a), é política. Foi o que ocorreu na entrevista de ASO9, inclusive, em que estabelecemos uma forma de amizade, no momento em que ela conosco compartilhou suas experiências, percepções e críticas.

Os alunos idosos e os idosos das associações propõem que a UNITI e a AAUNI devam continuar, devido aos benefícios que têm proporcionado à população idosa que se inserem nesses projetos.

c) para o Estado:

Alunos Idosos

Construção de creche junto de “abrigos para idosos” para vencer o preconceito das gerações mais jovens contra os idosos e “para que os idosos sintam-se amados pelas crianças” (C16); o transporte público melhore, no sentido de encurtar o tempo gasto para chegarem à UNITI; melhorar os planos de saúde pra o idoso.

B7 sugere “cotas para a terceira idade fazer curso superior”:

[...] UNITI, [...] nos proporcionasse uma certa oportunidade de cursar uma faculdade [...] ampliar essa cota para a terceira idade (B7).

[...] Que nós tenhamos uma política salarial justa. Para todas as categorias, mas principalmente para os aposentados [...] (Idoso B22).

Reveladoras palavras que mostram e constataam o tratamento que o Estado dá aos salários da grande maioria dos sujeitos aposentados, que além de sofrerem uma redução no momento da aposentadoria, os reajustes não correspondem à realidade e não acompanham o poder de compra dos cidadãos idosos.

Comentários finais:

Profissionais

[...] a amizade, apesar de desafiante, ao ser ligado aos direitos e à cidadania, é “de extrema relevância para uma sociedade melhor. [...] A sociedade está com fadiga (doente)”⁹⁸, sabe, de tanto desamor, de tanta falta de cuidado, de tanta falta de amizade (PROF1).

Espera: “[...] que as pessoas despertassem, os próprios profissionais para a causa da terceira idade” (PROF4).

PROF6 mostra uma esperança na dignidade da velhice e a condição humana dos idosos, dizendo:

Eu creio que essa nova velhice, [...] construindo essa questão mesmo de política, do dia-a-dia, de entendimento maior acerca do envelhecimento, da garantia de direitos, [...] que você tem enquanto cidadão que, essa nova velhice vai ter uma outra conotação [...] empoderada [...] (PROF6).

Alunos Idosos agradecem:

Eu gostaria de agradecer a UNITI por essa oportunidade que ela está dando pra gente. [...] Da gente fazer novas amizades, que é muito bom e ter novos conhecimentos. A gente tá enriquecendo o currículo da gente. [...] Com professores maravilhosos (A15).

Como percebeu a conclusão da UNITI

Idosos das Associações

Categorias associadas: “sofri muito”; fundou a Associação; faz parte da diretoria da Associação; integração em diversos grupos de idosos (dança, atividades físicas e outros); integração na Associação; lutas para adquirir prédio para a Associação. “[...] Depois da UNITI me sobrou tempo pra passear com a esposa, [...] pra fazer parte de vários grupos de idosos. Hoje eu faço parte de um grupo de idosos [...]” (ASO1).

⁹⁸ Acréscimo com as palavras de PROF1.

Esses idosos mostram a troca de favores na política, mobilizando as amizades idosas para eleger o político que favoreceu, apesar de terem conquistado o prédio através de lutas, das suas reivindicações. Isso mostra a forte influência da amizade na conquista de direitos. O favor e o conhecimento na política para conquistar direitos é ressaltado por DaMatta (1987). Esse contexto mostra que, ao implicar em um troca, a política (Carvalho, 2002) e a amizade remetem ao dever de gratidão, como diz Konstan (2005).

Deixa claro em seu relato que a UNITI começou, praticamente, com os alunos do grupo do seu bairro e mostra uma foto, dizendo: “Olha, aqui é o pessoal da UNITI” (ASO9). Percebemos alguns professores e idosos, reconhecemos PROF5. ASO9 vai identificando cada idosa da foto: “Esta aqui foi minha colega” (ASO9). E relata que suas fotografias foram publicadas em um jornal da cidade e “[...] no da Terceira Idade” (ASO9).

Trata-se da foto da sua Formatura na UNITI:

“[...] quando eu me formei lá na UNITI. Quando terminou, houve a Missa [...]”(ASO9).

Apesar de terem que “dar a vaga para outros idosos”, ao concluir o curso da UNITI e se separar das amizades, lá construídas, ASO9 diz: “Eu senti. Muitas delas, muitas.” Mas ela manteve essas amizades, encontrando na UNITI, por que:

“[...] eles [...] faziam aquelas festas [...] e marcavam o dia que a gente estava lá, aí ia fazer aquela passeata na beira da praia. Ia até o SESC [...]” (ASO9).

Na compreensão de Ramos (2008): “Esses alunos não desejam, o diploma, eles almejam, na verdade, um modo de vida. Apreender esse novo momento da velhice, essas novas descobertas das suas possibilidades. [...] (Os idosos) se sentem importantes por frequentarem uma faculdade, uma universidade” (p. 206).

ASO3 foi incentivada pela coordenação e professores da UNITI a participar da Associação, em “várias reuniões”, mas ASO3 teme pela não continuidade da Associação.

Provavelmente, o temor apresentado por ASO3 esteja associado ao falecimento em junho de 2011, do Deputado que criou a UNITI e sempre apoiou as ações voltadas para os idosos de São Luís e do Maranhão, perda esta expressa

por ASO1, ASO2 e PROF4, com certa tristeza e inquietação, especialmente no tocante ao destino da sede da associação que estes dois idosos coordenam.

Nesta seção, contextualizamos a cidade de São Luís e sua mais significativa expressão cultural, o Bumba-Meu-Boi, trajetória mostrada pelos sujeitos da pesquisa, cujos relatos aqui estão apresentados. Os sujeitos mostram diversos aspectos da amizade: definição, dimensões (rede e política), formas, importância, amizade e a realização de direitos, amizade na UNITI e nas expressões culturais em que se integram como plateia ou como brincantes. Mostram-se críticos e éticos e mostram estar conscientes dos seus direitos e a necessidade de ampliarem a sua cidadania, aspectos que a UNITI tem facilitado.

Vejamos o que expressam os sujeitos do Rio de Janeiro, cujos relatos apresentaremos na seção que segue, junto com o contexto dessa cidade e do samba e da Escola de Samba, expressão maior da cultura popular carioca.

7.2. Relatos do Rio de Janeiro

[...] Um Carnaval de verdade,
Hospitaleira amizade [...]
(GIL, 1968).⁹⁹

Apresentamos nesta seção, a cidade do Rio de Janeiro, que constitui um importante polo de várias manifestações culturais do Brasil. Esta cultura é expressa em espaços públicos diversos no Rio de Janeiro, que os sujeitos acessam de diversas maneiras, livremente ou como pagantes, e participam como plateia ou integrando os grupos culturais. Ao reunir uma pluralidade de sujeitos, passam a constituir espaços de encontro e sociabilidade e, possivelmente de constituição de amizades. Faremos uma breve apresentação da expressão cultural maior do Rio de Janeiro, o samba e, no carnaval, um dos aspectos que contribui para formar a identidade desta cidade e do Brasil.

⁹⁹ GIL, Gilberto. **Gilberto Gil**. Rio de Janeiro: Philips, 1968. 1 CD.

A cidade do Rio de Janeiro, que ora habitamos, foi assim denominada pelos primeiros navegadores - André Gonçalves e Américo Vespúcio - que aqui aportaram em 2 de janeiro de 1502. Sua fundação data de 1º de março de 1565, quando da chegada de Estácio de Sá. Logo após a sua fundação e expulsão dos franceses pelos portugueses, foi estabelecida no local em que hoje é o centro da cidade e, desde a Colônia. A cidade se expandiu entre quatro morros - Castelo, Conceição, São Bento e Santo Antônio - e neste perímetro manteve-se durante três séculos (Lessa, 2005, p. 26).

Esclarece Lessa (2005) que: “O centro do Rio contemporâneo é rigorosamente o Centro do Rio colonial” (p. 47). Não sem razão, pois, segundo Gilberto Gil (2006), a capital do Rio de Janeiro foi também capital do Brasil-Colônia, do Brasil-Império e do Brasil-República. “A cidade viveu uma situação inusitada: chegou a ser capital de um país europeu [...] e de todo o Império Português e, será sempre, uma capital afetiva do Brasil”.

Além disso, a história e a cultura do Rio de Janeiro confundem-se com a história e com a cultura do Brasil, posto que esta cidade-capital é berço por nascimento ou adoção de uma grande parcela de escritores brasileiros, entre eles, Machado de Assis, Lima Barreto, Antônio Callado, Raul Pompéia. Também, de diversos dos seus mais cultuados poetas como Olavo Bilac, Casimiro de Abreu, Vinícius de Moraes e outros e de vários compositores consagrados: Chiquinha Gonzaga, Ernesto Nazaré, Villa-Lobos, Pixinguinha, Chico Buarque etc. “É, portanto, o Rio de Janeiro de um Brasil bem brasileiro” (Gil, 2006).

Esta cidade cosmopolita e moderna é berço do samba, de belas praias e do futebol, assim conhecida pelos estrangeiros (Peixoto, 2000) e pelos próprios brasileiros que nela residem, migrados de outros Estados. Atraindo intelectuais de outras cidades brasileiras, era palco das suas redes de sociabilidade fundamental, aqui tecidas (Gomes, 1999, p. 19), assim, contribuindo para uma identidade fluida, mas autônoma, segundo o modo de ser carioca, uma *carioquidade*, não mais confundida por uma *brasilidade* (Gontijo, 2007). Especialmente no samba que, apesar de ter se tornado produto de exportação, em sua origem, já integrava uma parcela da população, oriunda de outros Estados e que, nesta cidade se instalara, a exemplo das “tias” e dos “tios” baianos que, mais tarde integraram as Velhas Guardas das Escolas de Samba cariocas.

O Estado do Rio é um importante centro administrativo, financeiro, comercial e cultural, por ter sido capital federal por um longo período (1763 a 1960). Possui o segundo maior PIB per capita do Brasil - em 2008 era de 25.121,92 -, superado apenas por São Paulo e constitui o segundo maior polo de riqueza nacional, segundo dados do IBGE (2008). O Estado do Rio de Janeiro que tem 15.989.929 moradores conta com 2,4 milhões de idosos, o que corresponde a uma taxa de 14,9% da sua população residente. Apesar de ser a unidade da federação com um número mais expressivo de idosos, está em terceiro lugar (São Paulo com 5,4 milhões e Minas Gerais com 2,6 milhões).

Além de atrair idosos por oferecer ‘muitas amenidades, espaços públicos e bons serviços de saúde’, segundo a professora Iná (Nanô, 2012) o Rio de Janeiro, como antiga capital, “concentra um número grande de funcionários públicos que não foram para Brasília e envelheceram na cidade”. O município do Rio de Janeiro, uma metrópole, capital do Estado do Rio de Janeiro, segundo o Censo de 2010 (IBGE, 2010) possui 6.320.446 residentes, sendo sua população total do Brasil, de 190.732.694 pessoas. Atualmente, este município, que é composto por 33 Regiões Administrativas, 5 Áreas de Planejamento¹⁰⁰ e 160 Bairros¹⁰¹, divide-se em quatro regiões geográficas: Centro, Zona Sul, Zona Norte e Zona Oeste.

Cantado em versos, prosas, crônicas e na música do carnaval, o Rio de Janeiro é visto pelos sambistas nostálgicos:

[...] O Rio não é mais como era antes/ Pois acabaram com a nossa Guanabara/ Fundiram toda nossa competência/ E já não somos a Cidade Jóia Rara/ Que saudades que eu tenho/ Da bandeira com golfinhos e brasão/ Do nosso Rio antigo/ Praça Onze, onde o samba tinha abrigo/ Rio, grande centro cultural/Patrimônio da riqueza nacional/ Dá cá o meu/ [BIS] /O povo carioca/ Cobra aquilo que perdeu (bis) [...] (Império Serrano, 1988).

O Rio moderno comporta, em cada bairro, diversas camadas sociais e entre os extremos entre asfalto e morro, “vivem todos os estratos e substratos de classe

¹⁰⁰ Bairros do Rio de Janeiro. http://portalgeo.rio.rj.gov.br/bairroscariocas/index_ra.htm. Também encontrados em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4290214/4105682/06.AnexoVIDescricaoMapadaAreadePlanejamento5.pdf>. Acesso em: 14.04.2013.

¹⁰¹ Com a transferência da capital do governo federal, do Rio de Janeiro para Brasília, em 1960, o antigo Distrito Federal muda para Estado da Guanabara, que perde várias funções e o lugar de maior centro de serviços do país. Em 1975, os estados da Guanabara e do Rio de Janeiro se fundem, criando o Estado do Rio de Janeiro com a capital do mesmo nome (REZENDE, 2002).

média” (Lessa, 2005, p. 28). Ao mesmo tempo em que este fator promove uma abertura para a “civilização”, nas palavras de Lessa (2005), instiga o “temor da barbárie potencial” (p. 28). Entretanto, essa convivência entre classes não é anulada pela diferença social e permite que os sujeitos se mesquem na rua e nas casas, onde aqueles da camada com renda inferior têm, como empregadores, a classe média e alta (Op. Cit., p. 28-29).

Essa Cidade Maravilhosa, exaltada na canção, foi assim denominada, segundo Lessa (2005), pela circulação dos sujeitos entre o clima do litoral e o da montanha. Entretanto, para Chalhoub (2005, p. 135), esta cidade foi batizada de ‘Maravilhosa’ por Coelho Neto, devido à política de planejamento urbano de Pereira Passos que visava o seu ‘saneamento’ e o seu ‘embelezamento’. Apesar de dicotomizada pelas Zona Sul e Zona Norte, reúne espaços de sociabilidade, criação e fortalecimento de amizades, tais como a praia, os bares, o botequim, a praça e “as escolas de samba e dos bailes *funk*” (Gontijo, 2007, p. 49-50).

Entretanto, o processo modernizador, da gestão do prefeito Pereira Passos, mais conhecido como o “bota-abaixo”, no início do século XX, reprimiu qualquer atividade que fosse taxada de vadiagem, com a finalidade de valorizar o espaço urbano, expulsando amplas parcelas da população pobre que residiam no centro da cidade. Trata-se do negro escravo, considerado uma ameaça à ordem e à propriedade pela classe dominante da época, que percebia essa população incapaz de conviver, segundo as leis de uma sociedade livre, portanto sem noções de justiça, de direito à propriedade e de liberdade. Nesse contexto, além de medidas higienizadoras, o projeto de modernização do país propunha-se a desenvolver um processo de educação para o trabalho, visando à conformação da população negra à nova forma de sociedade e combater todas as formas de vadiagem, denominação dada ao ócio, na época (Valença, 2009).

O projeto modernizador dispersou a população, ao demolir as casas de cômodos e cortiços do centro, habitadas em sua maioria por negros e mestiços, por não se adequarem a este projeto. Essa dispersão afetou diretamente os espaços onde de encontro dos escravos, que assim vivenciavam uma “situação de ruptura de seu mundo associativo e simbólico frente às estruturas sociais em mutação” (Moura, 1995, apud Valença, 2009, p. 127-128). Com essa quebra dos laços e de costumes em comum, essa população ficou desprotegida, até se “recompor na Cidade Nova e nas favelas depois de algum tempo”. Esse processo não se deu sem

resistência, pois, ao mesmo tempo em que “movimentos de oposição”¹⁰² se organizaram, as estratégias de resistência da classe trabalhadora expressaram-se em seu cotidiano, sendo uma delas, o samba (Valença, 2009, p. 128).¹⁰³

A dispersão das moradias, no entanto, favoreceu as visitas frequentes entre os moradores dos diversos pontos da cidade e estes encontros foram fundamentais “na disseminação das novidades”. As Escolas de Samba surgiram “dessa síntese entre o samba trazido e divulgado pelo pessoal do Estácio e os vários grupos carnavalescos mais ou menos organizados existentes nos morros”. A visibilidade das reuniões “desses agrupamentos festivos na Praça Onze” possibilitou a realização do “primeiro concurso entre as agremiações, em 1932”, promovido por alguns jornalistas (Valença, 2009, p.130).

A circulação pela cidade foi facilitada pelos bondes e os trens que ligavam a cidade e a área rural, com isso também surgindo novos bairros. Ao final do século XIX, foram criados alguns espaços de festa e de sociabilidade como as sociedades recreativas, os salões de baile, os bailes carnavalescos, as confeitarias e o hábito de comer fora de casa que se ampliou lentamente (Lessa, 2005, p 168). Surgiram “as grandes sociedades” que desfilam em corso, mostrando uma “dualidade social” por meio do carnaval, em que o “popular ocupa a rua com o entrudo” e a elite “faz o baile oligárquico de máscaras” (Lessa, 2005, p. 168). O carnaval foi assim apresentado na letra da música de Chico Buarque:

Carnaval, desengano/ Deixei a dor em casa me esperando/ E brinquei e gritei e fui vestido de rei/ Quarta feira sempre desce o pano// [...] / Era uma canção, um só cordão/ E uma vontade/ De tomar a mão/De cada irmão pela cidade/ No carnaval, esperança/ Que gente longe viva na lembrança/ Que gente triste possa entrar na dança/ Que gente grande saiba ser criança// (Chediak, 1995).

Dessa forma, estas medidas modernizadoras, que provocaram um recolhimento na esfera da casa, podem ter levado a amizade a uma forma de privatização. Além de determinar o crescimento dos morros e dos subúrbios cariocas (Lopes, 2005), definiu, “geograficamente o universo do samba” (Leitão,

¹⁰² Estes movimentos organizados permaneceram “até os anos 1960/70, quando o mesmo virá a esgotar suas possibilidades” (VALENÇA, 2009, p. 128).

¹⁰³ Valença (2009) esclarece que as características próprias ao samba, “no período, pode ser compreendido como uma dessas estratégias de resistência, que, em sua dimensão contraditória, abriga igualmente espaços de conformação” (p.128).

2011, p.102). O banho de mar e o piquenique em Copacabana, possibilitaram uma abertura dessa “princesinha do mar”, para “a convivência dos mais variados grupos sociais” (Lessa, 2005, p.169). Entretanto, a política de ‘saneamento social’ de Pereira Passos levou a população pobre para os morros e:

O circuito visível do carioca neopariense seria: trabalho-calçada-bulevar-residência; dispensaria a rua qualquer contato visual com o pobre. Os contatos seriam realizados no interior da residência, com os empregados domésticos, ou no portão secundário com os fornecedores e prestadores de serviços (p. 198).

De fato, pois as reformas, que levavam a população pobre e negra do centro para a periferia extinguindo seu local de moradia, provocavam assim, “o rompimento dos vínculos com vizinhos e parentes e a necessidade de construção de novos laços em um novo ambiente, desconhecido e, muitas vezes, inóspito”. Essas mudanças provocaram perdas significativas, inclusive dos vínculos de amizade e de vizinhança, pontos de apoio importantes para essa população escrava ou imigrante, pois supriam suas referências socioculturais desfeitas. Agravava-se, “pelo rompimento dos laços construídos nas senzalas, que se desarticularam com a abolição. A mudança do local de moradia representaria, ainda, um duro golpe em suas formas de organização e relacionamento” (Valença, 2009, p. 128).¹⁰⁴

A sociabilidade festiva de uma população étnico-cultural heterogênea podia acabar em violência, mas mostrava “também pluralidade de afetos (amor, ódio, desejo), constitutiva da territorialização” (Lopes, 2007, p.18). Tal como mostra Chalhoub (2005)¹⁰⁵, no botequim, espaço de lazer controlado e de refúgio, os dominados se organizavam para criar estratégias de resistência e de

¹⁰⁴ Tanto na reforma do prefeito Pereira Passos como na de Carlos Sampaio, a população de baixa renda foi altamente atingida, sendo forçada a procurar novos locais de moradia. No projeto do primeiro, os bairros da Zona Norte se destinariam à população de renda média e os subúrbios, tornar-se-iam moradia da população operária. Além disso, a população de baixa renda era tratada de forma paternalista, no quesito reforma habitacional. As propostas modernistas de Le Corbusier em 1936 apresentam alternativas em que a solução dos problemas da cidade passa a considerar os seus moradores e as suas necessidades de habitação, trabalho e lazer. Nessas reformas, tais como nas propostas que se seguiram em diversos códigos e leis: “A alteração das relações sociais e a melhoria das condições de acesso aos bens sociais pelos grupos de diferentes níveis de renda não se encontravam entre os motivos e objetivos dessas normas” (REZENDE, 2002, p. 275).

¹⁰⁵ Em “Trabalho, Lar e Botequim”, este autor mostra a transformação da sociabilidade no botequim, no Rio de Janeiro, do início do século XX - sede do governo federal -, época das profundas transformações da sociedade carioca com a reforma urbanística do Prefeito Pereira Passos e início do desenvolvimento do capitalismo no Brasil.

reivindicações (Chalhoub, 2005). As rixas e as lutas de “um determinado microgrupo sociocultural” tinham um caráter político e ocorriam, a partir de três motivações: o trabalho, o amor e o lazer.

Apesar dessas rixas entre as classes e entre os amigos, com os quais se organizavam para as lutas, o botequim era palco de um mutualismo, configurado pelas redes de solidariedade na família, entre os parentes, amigos e vizinhos, que compreendia uma forma de expressão da cidadania (Chalhoub, 2005, p. 311). Fenerick (2005) vai dizer que o botequim, lugar público da cidade, ponto de encontro e lugar de sociabilidade do sambista, malandro e boêmio é onde o samba se faz com mais intensidade no Rio de Janeiro.

7.2.1. Idosos na Escola do Samba

O samba nasceu na casa da Tia Sadata, na Pedra do Sal,
mas com a aquiescência da minha avó,
que era pastora naquelas épocas e tal,
e de lá para cá, de lá pra ali, da Tia Sadata,
que era da turma dela das farras,
e Sadata, que era da Pedra do Sal,
ali atrás (do Jornal) *A Noite*,
e minha avó era na praça Onze,
rua Visconde de Itaúna, 117,
e lá ela fundou o Rosa Branca¹⁰⁶

Os autores mostram que não é nova a inserção dos idosos no samba carioca, fortemente exercitado no verão, um *ciclo* festivo que culmina no carnaval, a maior festa popular do Brasil, composta de uma diversidade de festividades de rua e de salão. Integrado pela música e pela dança, o Carnaval, uma festa financiada, constitui uma das mais representativas manifestações culturais populares do nosso país. A “ideologia que envolve essa festa, (é) formulada em torno do conflito entre as tradições e os novos aportes culturais” (Gontijo, 2007, p. 65-68).

¹⁰⁶ In: Botezelli & Pereira (2000, p. 39).

O carnaval é também reconhecido como a mais legítima das expressões “de liberdade e sexualidade, de explosão incontida de cantos, risos, gritos e alegria, reunindo as pessoas nas ruas, praças e clubes de qualquer cidade, com características regionais próprias, mas que quase sempre inclui folia, diversão, dança, música, fantasias...” (Soares et al, 2010, p. 180). Um dos eventos que compõem o carnaval é o desfile das escolas de samba que nasceram no Rio de Janeiro e foram imitadas em quase todo o território nacional (Gontijo, 2007).¹⁰⁷ Sempre marcadas por elementos de conformação e resistência, na visão de Valença (2009), no Sambódromo:

Os altos preços dos ingressos e a venda de setores inteiros exclusivamente para turistas trazem para a passarela do samba um público certamente mais interessado nos aspectos visuais do que nos festivos. A definição dos preços e as políticas de distribuição dos ingressos, além de distinguir o perfil do público, nos remetem à questão das receitas e da administração dos desfiles (p.135).

Daí se depreende uma faceta de exclusão do carnaval, já não se podendo dizer, nas ideias de Gontijo (2007, p. 69), que o carnaval desfilado no Sambódromo é de *rua*, assim como o carnaval de salão e seus “bailes em clubes e teatros fechados - física e socialmente -, deixou de ser, em parte realizado em lugares *tão* fechados”. Mas, a amizade é exercitada no carnaval, em diversos níveis e nesse espaço são também constituídas novas amizades, seja nos clubes ou no Sambódromo, pelas arquibancadas repletas que aproximam os sujeitos, como se pode ver na figura 4.

¹⁰⁷ A construção do Sambódromo em 1984 tentou comportar o crescente público que assiste ao desfile, “impôs um novo dimensionamento para a apresentação das escolas de samba”, mas alterou a organização interna dos desfiles. A Liga Independente das Escolas de Samba do Rio de Janeiro - Liesa - padronizou a apresentação das escolas, ao tentar estabelecer um novo tipo de relacionamento entre público e desfile e entre as escolas e o poder público, organizando o desfile de outra forma, mas isso provocou “impactos nas suas formas de gestão” (VALENÇA, 2009, p. 133). O Sambódromo constitui uma antiga reivindicação dos sambistas por um espaço “definitivo para abrigar os desfiles” e não, uma ruptura, mas evitar as sucessivas montagens e desmontagens “das estruturas, cada vez maiores, das arquibancadas, que além de dispendiosa para os cofres públicos causava inúmeros transtornos à vida da cidade. A construção representava também uma forma de reconhecimento, por parte do poder público, da importância das escolas de samba, na medida em que se tornaria um monumento da cidade” (Op. Cit., p. 135).

Figura 4- Sambódromo do Rio de Janeiro

Fonte: <http://miguelitoproducoes.com.br/wp-content/uploads/2011/03/sambodromo-2011.jpg>. Acesso em: 30 jun. 2013.

O carnaval de rua passou a ser representado pelos Blocos e Bandas, que surgiram, especialmente, a partir de 1985 e desfilam “pelas ruas dos bairros da cidade (em todas as zonas, indistintamente) duas semanas antes da abertura oficial do carnaval”. Assim provocam a permanência dos moradores do Rio na cidade, em vez de saírem para brincar em Salvador e Recife (Gontijo, 2007, p. 69).

Nem sempre foi assim, pois os pagodes da comunidade baiana, como o choro que tinha visibilidade, eram tocados nas salas de visita e não chocavam a burguesia, enquanto o samba, estigmatizado, por ser praticado pelos negros e mestiços pobres, ficava confinado no quintal (Lopes, 2005; Neiva, 1982). Isto porque, o samba, que surgiu na virada do século e foi divulgado, por meio do rádio no início da década de 1930, se desenvolveu no morro, ao mesmo tempo em que surgiram e se ampliavam as favelas, que se tornaram “uma espécie de refúgio dos sambistas e do samba” (Neiva, 1982, p. 28). Apesar de já existirem desde o final do século XIX, apenas a partir da década de 1940, as favelas integraram-se oficialmente ao complexo da urbe carioca. “Ambos portanto surgem, crescem e adquirem participação oficial na cultura da sociedade global em movimentos mais ou menos paralelos.” (Neiva, 1982, p. 28).

Por volta de 1872, surgiu a “Pequena África na cidade do Rio de Janeiro, um importante caldeirão das etnias africanas e berço de manifestações culturais afro-cariocas” (Lessa, 2005, p.115). A Praça Onze, no início do século XX, era o lugar para onde convergia a “população pobre dos morros de Mangueira, Estácio, Favela, favorecendo a expansão territorial de blocos e cordões carnavalescos,

além de rodas de samba” (Lopes, 2007, p. 17). O samba, enquanto gênero musical, nasceu dos encontros nas casas das tias, principalmente da casa da Tia Ciata, a mais famosa das baianas da Cidade Nova e, aos poucos, foi se aproximando das camadas mais altas do Rio de Janeiro, depois se espalhou pelas demais cidades brasileiras (Velloso, 1998; Queiroz, 1999; Valença, 2009).¹⁰⁸

As *tias* e os *tios* baianos organizavam encontros em suas casas para dançar samba no bairro da Saúde (final do século XIX), mais tarde na Cidade Nova, expandiram-se depois para a Lapa e o Mata Cavalos no Riachuelo. Mesmo constituindo novas formas de sociabilidade, essas reuniões e os batuques eram frequentemente perseguidos pela polícia, não sem resistências (Lopes, 2007). Apesar das proibições, os sambistas mostravam resistência, buscando sambar nas proximidades das grandes avenidas, desafiando a polícia, mas geralmente terminava tudo em conflitos, até em violência física (Queiroz, 1999). Segundo Valença (2009):

Os estudiosos do samba identificam a partir dos anos 1920 uma redução da perseguição policial e até mesmo um movimento de valorização do samba. O reconhecimento institucional das formas de expressão e lazer das camadas populares e a integração ao mercado fonográfico foram fatores decisivos para a rápida disseminação do samba criado pelos compositores do Estácio, incentivando a criação de escolas de samba e revelando novos compositores à indústria fonográfica e à imprensa (p.129).

Nas décadas de 1920 e 1930, na esfera intelectual, convivia a tríade “academia, boemia e catolicidade” que se complementavam, mas constituíam um conjunto no qual permeavam conflitos (Gomes, 1993).¹⁰⁹ Entretanto, Gomes (1993) esclarece que: “A rivalidade intelectual e política, sem dúvida existente, não se exercitava sem o debate e não impedia o desenvolvimento de sólidas

¹⁰⁸ As “[...] casas das festeiras, que eram pontos de referência e de encontro para os adeptos dos cultos, da música e da dança afro-brasileiros” [...] (eram) “[...] comandadas, quase sempre, por baianas - as famosas tias - que gozavam de grande prestígio junto ao seu grupo social, em função de sua liderança religiosa e, também, de sua generosidade para com os conterrâneos que, como elas, quisessem vir da Bahia para se estabelecer na capital federal. Assim, suas casas tornaram-se referência não apenas para os baianos, mas para toda a população que habitava a região do centro da cidade” (VALENÇA, 2009, p.128-29).

¹⁰⁹ Desde o final do século XIX, o Rio de Janeiro havia duas referências fundamentais na área intelectual, diz Gomes (1993), sendo complementares: a Academia Brasileira de Letras e o ‘grupo boêmio’ da Rua do Ouvidor. Ainda um terceiro integrante foi o forte e militante movimento católico organizado na cidade sob os auspícios de Dom Sebastião Leme. Jackson de Figueiredo, “boêmio e líder de grande retórica”, foi um personagem importante na luta pelas conversões desse movimento da elite e da intelectualidade (p.63-64).

‘amizades intelectuais’; uma sensibilidade formada por afetividade e cumplicidade de projetos” (p.67). Essa era a forma de amizade entre os intelectuais cariocas exercitada nos salões, muitas vezes, na casa de um dos integrantes dessa intelectualidade que se configurava como lugar de encontro. Mostra as diferentes formas de exercitar a amizade e a cidadania, segundo as classes e as elites.

Estando os cafés, situados nas esquinas do Centro da cidade, eram esses um dos espaços de sociabilidade e prática de amizades. “Fazia-se política nos cafés.” (Velloso, 1998, p. 74). A Lapa, “coração da cidade”, que assumia características de ‘praça’, durante diversas décadas foi um espaço de interação cultural entre a Zona Norte e a Zona Sul do Rio. “Ali os investimentos simbólicos do povo encontravam acolhida por parte de intelectuais e de alguns setores da pequena burguesia carioca” (Lopes, 2007, p. 17). Centro de sociabilidade dos escravos, as praças sediaram importantes eventos econômicos, políticos, festivos. No Café Nice, segundo Mário Lago, “ia-se lá (apenas) para encontrar os amigos” (Velloso, 1998, p. 129).

Na década de 1990, o bairro da Lapa carioca foi inventado como reduto musical importante, sendo um dos espaços de sociabilidade, vem se transformando em um dos principais centros noturnos da classe média e palco de diversas atividades, frequentadas por uma diversidade cultural e classes diferenciadas (Lopes, 2005; Gontijo, 2007). Na Lapa, também se reuniam “os sambistas que gostavam de literatura e os intelectuais que gostavam de samba”, trocando experiências. Esse bairro ressurgiu como novo centro de lazer, sociabilidade, encontro e amizade, alegria, boemia e bom humor da cidade, aspectos estes que caracterizam o *ser carioca*¹¹⁰ (Velloso, 1998, p. 52-53).

O samba associou repressão e uma “resistência cultural”, posto que, “a produção desse samba ainda tem lugar no interior de um universo de sentido alternativo cujos processos fixadores partem da cultura negro-brasileira” (Lopes, 2007, p. 59). Entretanto, se expandiu para a classe média, a partir da febre nacionalista dos meios intelectuais e políticos, o que facilitou a sua comercialização (Op. cit., p. 49). A primeira escola de samba legalmente existente foi a Estação Primeira de Mangueira, como grupo permanente, seu nascimento

¹¹⁰ Grifo nosso.

data de 28 de abril de 1928 (Queiroz, 1999). As escolas de samba, para Valença (2009), surgiram por volta de 1920, entre a população dita marginalizada,¹¹¹ nas imediações da Praça Onze. O primeiro desfile foi realizado nos anos 1930 (Valença, 2009) e, os desfiles das escolas de samba foram oficializados, para Velloso (1998), em 1935 e para Queiroz (1999), em 1936, quando a prefeitura legalizou a participação dessas escolas nos festejos.

A despeito dessa divergência de datas, essa permissão para desfilar ocorreu em plena vigência do governo do Presidente Vargas, que, além de capitalizar a música popular para divulgar seu governo, tentava educar o samba, uma vez que, para esse governo, como dizia Cecília Meireles, “o samba devia formar bons hábitos, como a simpatia, a cordialidade e a cooperação” (Velloso, 1998, p. 109). Entretanto, a legitimação do samba também representou uma estratégia em que Vargas tentou impor uma imagem ao sambista, como um sujeito disciplinado, que apenas “vai à sociedade recreativa para o convívio social com os amigos” (Velloso, 1998, p. 110-114).

Em 1934, o desfile das escolas de samba já constava do calendário turístico oficial e foi criada a União das Escolas de Samba (UES), reconhecida pelos sambistas e pelo poder público. Esta associação visava “conquistar a oficialização do desfile” e garantir uma subvenção oficial às Escolas de Samba, como já ocorria com os blocos, ranchos e as grandes sociedades (Valença, 2009, p.131). Entre 1930 a 1950, quando as escolas foram sendo criadas e se expandindo, momento em que o Brasil passava por transformações políticas, tendo três Constituições (1933, 1937 e 1946). Soma-se a isto, o aumento do eleitorado pelo voto das mulheres já outorgados e dos jovens de 18 anos (1933).

O samba e o carnaval intercalavam-se, até mesmo com períodos de migrações internas no Brasil, especialmente após a Segunda Guerra Mundial. Estas migrações principalmente oriundas de Minas Gerais e do Nordeste, beneficiaram São Paulo e Rio de Janeiro, determinando uma expansão das favelas e do subúrbio cariocas (Queiroz, 1999, p. 96). O que se mostra importante, desse movimento migratório, não sem tensões, foi a possibilidade de mesclar as diversas

¹¹¹ Essa população, segundo Valença (2009) era “remanescente da desordenada migração rural que sucedeu a abolição da escravidão” (p. 125).

culturas e a população se manifestar, por meio de uma pluralidade de expressões culturais que se tornaram costumes em comum, tal como o samba.

Entre as mudanças ocorridas nas Escolas de Samba, relatadas por Valença (2009) encontra-se a contratação no “mercado”, inclusive de “mestres-salas e porta-bandeiras, puxadores e comissões de frente”. Este é um aspecto “bastante positivo”, pela geração de “empregos, alça o samba e o sambista à categoria dos produtores de bens úteis socialmente [...]” (p. 137-138). Outras mudanças ocorreram nos desfiles que são verdadeiras competições e as escolas são subvencionadas pelo governo para se exibirem publicamente, mediante o pagamento de cachês, além de serem representadas diante do poder público regional e nacional por sua diretoria. Suas apresentações também foram ampliadas para as diversas festividades e comemorações religiosas como as festas juninas, cívicas como a comemoração da Independência, inclusive desenvolvendo bailes, quermesse e piqueniques para os seus associados (Queiroz, 1999).

Há assim, uma interpenetração do carnaval praticamente nas festas de todo o ano, inclusive nas religiosas, momento em que interagem o sagrado religioso e o profano da festa. Isto porque, além de representar “liberdade”, o carnaval, também é associado a pecado, além de outros adjetivos (DaMatta, 2004). Esclarece ainda este autor, que o carnaval possibilita uma forma de igualdade, no momento em que facilita uma aproximação entre classes, gêneros, raças e outras diferenças, entretanto o universo criado por essa festa leva à crença em que a “regra é praticar sistematicamente todos os excessos!”. Apesar disso, o rito carnavalesco mostra a hierarquia, a desigualdade, os paradoxos e contradições da sociedade brasileira e uma “cidadania especial” ou “cidadania carnavalesca”, cuja regra é a “não regra”, que é fugaz (Op. Cit., p.38).

Na passagem dos anos 30 para os 40, do século XX, além “da gente do morro”, havia “um grupo de compositores de classe média branca, alguns até com passagem pela universidade”. Os denominados “doutores do samba” (Mário Lago, Noel Rosa, Fernando Lobo, Ary Barroso e Custódio Mesquita), eram “enturmados com os compositores populares, freqüentavam os mesmos lugares, trocavam idéias e estabeleciam parcerias” (Velloso, 1998, p. 125). No mundo do samba, as amizades significavam parcerias nas composições, convites para gravar as músicas dos amigos e partilha, mas a parceria difícil exigia “afinidade profunda entre os pares” (Velloso, 1998, p. 125).

A proximidade das moradias no Rio de Janeiro favorecia a conversa entre os quintais (Velloso, 2007, p. 273). Contudo a cidade se verticalizou, mudaram também as relações sociais e a vida, diz Mário Lago, pois nos edifícios se tem apenas ‘companheiros de elevador’. As oportunidades de “fazer amigos nas ruas” enfraqueceram e as pessoas se unem nos bares, por meio da ‘solidariedade do chope’, algo passageiro e fugaz. Antes: “Criava-se a roda de amigos na rua ou no bairro.” (Velloso, 1998, p. 274). Mesmo assim, os sujeitos se aproximam, por meio do samba e do carnaval de rua e/ou das escolas que se transformaram em associações civis, com uma interface com a RIOTUR.¹¹² Esta empresa, responsável pelo turismo no Rio de Janeiro, também organiza e divulga o carnaval, uma festa reconhecida nacional e internacionalmente e que constitui um dos elementos da brasilidade (Queiroz, 1999).

As escolas de samba são organizadas, por meio de “posições rituais”, que compreendem funções específicas, a exemplo dos compositores, dos carnavalescos, das alas e outras, especialmente as Baianas e a Velha Guarda, lugares “sociorrituais”, por onde permeia a questão da velhice e do envelhecimento. Sobre estas posições rituais, Cavalcanti (2011), assim se expressa:

No universo eminentemente popular das escolas de samba, o corpo das Baianas emerge como um lugar de elaboração da própria trajetória de vida que se confunde com a trajetória do corpo. O ingresso na Velha Guarda, por sua vez, destaca de forma positiva o conhecimento artístico-musical acumulado e a habilidade na lida com instrumentos musicais [...] (diversos), além de vozes - corporificados na velhice ativa dos componentes (p. 249).

As Baianas ocupam lugar de destaque e simbólico do carnaval carioca, compreendendo uma atividade social e ritual, sendo também coletiva. Nesse lugar simbólico é construída uma imagem “de tradição calcada em representações do feminino e do envelhecimento”. Estas são “simbolizações coletivamente prescritas”, mas, quando o corpo cansa e as doenças incomodam, as Baianas sabem que é hora de parar de rodar. Chegou a velhice (Cavalcanti, 2011, p. 253-259).

¹¹² RIOTUR - Empresa de Turismo do Município do Rio de Janeiro.

A ala da Velha Guarda é composta de senhores e senhoras, que desfilam atrás da escola, caminhando e seus trajes diferem da ala das Baianas. Enquanto estas vestem roupas com saias rodadas, a Velha Guarda veste terno e *tailleur* e usam chapéu, sendo seus trajes as cores da bandeira da escola (Cavalcanti, 2011). A figura 5 ilustra essa ala.

Figura 5 - Velha Guarda da Portela (RJ).
Fonte: <http://veja.abril.com.br/blog/passarela/tag/velha-guarda-da-portela/>. Acesso em: 10 jul. 2013.

Baianas e Velhas Guardas, posições de preservação e elaboração do sentido de continuidade da experiência no carnaval das escolas de samba cariocas, expressam o envelhecimento de duas formas: o giro do corpo da Baiana encarna a tradição e “aciona todo um universo de valores associado ao feminino e às avós”. Na Velha Guarda, lugar simbólico dos homens, o envelhecimento é simbolizado como algo que “não esmaece nem dissolve a identidade individual no pertencimento ao grupo”. Além disso, o ingresso na Velha Guarda significa ser reconhecido socialmente por sua identidade, sua capacidade e talento (Cavalcanti, 2011, p. 270-271).

A Velha Guarda é uma ala imprescindível para a continuidade do carnaval, tradição passada de geração a geração, portanto a ela se filiam os integrantes mais antigos de uma Escola de Samba. Por esse motivo, os:

[...] senhores e senhoras, que constituem as alas da velha guarda, são também responsáveis pela confecção de alegorias, sendo considerados os verdadeiros valores humanos das escolas de samba. De forma tal, que eles se tornam donos do pavilhão da escola. A beleza deles concentrada em seus belos cabelos brancos, a que se aliam o charme, a experiência e a sabedoria de seus portadores, tudo isso acaba se tornando objeto de referência em muitos sambas (Soares, et. al., p.180).

Soares et. al (2010), mostram que na Ala da Velha Guarda, alguns dos idosos desenvolvem diversas formas de atividades e sentem prazer e satisfação com a vida. Alguns se filiaram desde a infância pela influência da família, outros na fase adulta convidados por amigos e outros na velhice, após fazerem parte de grupos da Terceira Idade. Mostram assim a importância dos grupos de terceira idade para despertar o interesse em participar das Velhas Guardas, além de possibilitar a intergeracionalidade e a amizade.

Azambuja (2002) mostra que a ala das baianas é composta de mulheres idosas, em sua maioria, constituindo um componente tradicional no desfile das escolas de samba no Brasil, sendo valorizada pela beleza das fantasias e coreografia. O dançar provoca o envolvimento dos corpos pela música e, pela emoção, contagiam e a linguagem da dança se faz expressar em cada ser, prescindindo das palavras (Azambuja, 2002). A palavra, no caso das Baianas do carnaval, é imprescindível como palavra cantada e os corpos se expressam, resistindo às vicissitudes do tempo biológico da velhice, de perdas, embora possa ser retratado como velhice ativa (Cavalcanti, 2011). Vejamos o que dizem as imagens da figura 6:

Figura 6 - Ala das Baianas da Escola de Samba Grande Rio.
Fonte: <http://www.flickr.com/photos/claudiolara/4285117316/>.

Nesta foto, podemos observar a alegria com que se expressam as idosas nesta arte de desempenho. A convivência dos idosos do Rio de Janeiro e da UnATI/UERJ com o samba e o carnaval não é nova. Em um documentário produzido por Allan Ribeiro, em Niterói, RJ, sobre a Terceira Idade feminina, uma idosa de 74 anos aposentada relata que: “De vez em quando meus sambas, Império Serrano, é de lá que eu tiro o meu sustento”¹¹³, pra minha idade, pra mim poder sobreviver, por que sem uma alegria, a gente não vive” (Ribeiro, 2001).

Vejamos alguns exemplos:

Em Manaus, a Escola de Samba da Melhor Idade vem se apresentando no sambódromo daquela cidade com promoção e apoio dos governos estadual e municipal¹¹⁴ (Flagr@nte, 2012). O Programa da Melhor Idade da Prefeitura Municipal de Itatiba em São Paulo apresenta o Bloco da Melhor Idade, fundado em 1996 (Prefeitura, 2013). No caso da UnATI/UERJ, os alunos idosos das oficinas que desenvolvem atividades de música, ritmos e danças têm se apresentado no final do ano, mostrando entre outros ritmos, o samba. Assim é que, os idosos integrantes da Oficina de Biodanza com a Terceira Idade e o grupo Nossas Raízes, coordenados pela professora Neila dos Santos da UnATI/Uerj,

¹¹³ No sentido de força, gesticulando com as mãos.

¹¹⁴ Essa Escola de Samba possui 21 alas, entre as principais estão: Ala Danças Folclóricas; Ala Artesanato; Ala Festivais Culturais; Ala UnATI; Ala das Baianas e Ala dos Amigos. As fantasias dessas alas são confeccionadas pelos idosos, pelos coordenadores e pelos profissionais que trabalham na organização do desfile.

apresentaram em 2010, o espetáculo cultural “Biodança, Brasil sem samba não é Brasil”.

A Aula Inaugural da UnATI/UERJ de 2009 foi apresentada por Sérgio Cabral sobre a importância de Tia Ciata para o surgimento do samba carioca (Assessoria, 2013). O projeto Bonde Alegria, da UnATI/UERJ apresentou o tema “Histórias de Carnavais”, entrevistando 4 representantes de Escolas de Samba cariocas - Vila Isabel, Mangueira, Beija Flor e Portela - que narram a história do carnaval carioca, publicado em 07 de fevereiro de 2013. A Oficina de Teatro da UnATI-UERJ, vem apresentando o Espetáculo “Legendas de Carnaval” de Carlos Drumond de Andrade, dirigida pelo professor Nelson Mariani, tendo como atores os estudantes idosos inscritos nessa Oficina (Folder, 2013).

Soares et al (2010), esclarecem que os idosos da ala da Velha Guarda, também referência em vários sambas, são “considerados os verdadeiros valores humanos das escolas de samba”. Estes autores mostram que a interação do idoso na escola de samba melhora a auto-estima, o auto-cuidado, a saúde, a qualidade de vida e o bem-estar dos idosos. Integrados a outras gerações, os idosos participam dos eventos em grupo, desenvolvem uma “vivência agradável”, “aumenta o sentimento de utilidade” aos demais componentes e à própria ‘escola do coração’, “estimula a alegria e a vontade de viver cada vez mais”, reforçam vínculos familiares e de amizade. O carnaval também melhora a “disposição física”, possibilita uma aprendizagem aos idosos (Soares et al, 2010, p. 180;187-88).

Aguiar & Andrade (2011), revelam que na “Velha Guarda” o idoso parece ser “o responsável por ser guardião das tradições, em que o fato de lembrar uma história comum e ter vivido essa história dá a ele, naquela comunidade, papel diferenciado” (p.10). Para Blass (2011), os idosos da Velha Guarda são “guardiões do samba”, como se autodenominam os componentes dessas alas - homens e mulheres -, velhos de samba. A Velha Guarda do Império Serrano é guardiã do patrimônio cultural da escola e “tem, entre seus integrantes, nomes expressivos do samba carioca” (p.2). Cerca de três segmentos compõem a Velha Guarda: os “veteranos”, assim definido por Lopes (2004) e esta é “constituída basicamente por fundadores, ex-dirigentes e destacados componentes”, sendo necessários “no mínimo, 25 anos de samba ininterruptos e mais de 50 anos de idade cronológica”. No segundo, o sambista pode ter menos tempo de samba e a ala da Velha Guarda é composta por integrantes com 50 anos ou mais de idade.

Pode haver um terceiro segmento, denominado Velha Guarda Show e dela participam “pastoras” e integrantes da ala de compositores (Blass, 2011, p. 4).

A Velha Guarda da Estação Primeira de Mangueira constitui um “Conselho de Sábios”, em que a tradição é o “suporte na tomada de decisões”. Desde 1995 existe nessa Escola, o Conselho Superior da Mangueira, integrado “por 22 baluartes com mais de 70 anos de idade cronológica e uma história de serviços prestados a Mangueira”. São eles que avaliam as decisões internas (Blass, 2011, p. 5). Nas agremiações carnavalescas, tal como em outras manifestações da cultura popular, “convivem pais, tios, avós, os chamados velhos e/ ou adultos, e seus filhos, netos e bisnetos alocados”. As regras, condutas, preceitos e um etos de sambista são transmitidos oralmente, pelos idosos, reconhecidos pela “própria senioridade no samba” em seu saber acumulado em sua trajetória de vida. Ainda é comum confundir os integrantes das Velhas Guardas com idosos que buscam lazer e isso dificulta o relacionamento com as demais gerações e setores de uma escola de samba. Entretanto, é a Velha Guarda que realiza a manutenção dos vínculos sociais, sendo a solidariedade e a reciprocidade, mediadas pelo samba (p.6).

A Velha Guarda tem uma função de sustentabilidade relevante nas escolas de samba, segundo duas lógicas. No caso da Portela, essa ala mantém as tradições da agremiação, sendo responsável por acompanhar o Pagode da Família Portelense. “Os integrantes da Velha Guarda têm um papel muito importante na agremiação, já que são os guardiães da Portela, pois são os principais detentores dos conhecimentos sobre a agremiação” (Martins Júnior, 2012, p. p.110).

7.2. 2. Relatos de amizade e de cidadania da UnATI/UERJ

[...] É esse código de amizade. [...] o código de respeitabilidade [...] (H1)¹¹⁵.

Apresentamos, a seguir os resultados da pesquisa que nos fez compreender arendtianamente, a amizade dos sujeitos da UnATI/UERJ e o seu código da respeitabilidade, especialmente na dimensão política. A análise dos dados do Rio de Janeiro capital do Estado do Rio de Janeiro, compreende as respostas de três categorias de sujeitos, que assim denominamos: **alunos idosos, idosos dos Fóruns e profissionais**, e nessa ordem os relatos são apresentados.

Denominamos os idosos alunos da UnATI/UERJ por letras do alfabeto, D, E, F, G e H, dando sequencia às turmas da UNITI e seguindo uma numeração correspondente (exemplo, D1). A Turma que denominamos pela letra D, é composta apenas de mulheres e elas escolheram ser identificadas pelo nome de flores. Então, respeitando a vontade dessas idosas, ao lado da letra D seguirá o número correspondente e o nome da flor escolhida. Apenas uma idosa de outra Turma - G2 - manifestou a vontade de ser identificada com o nome de Girassol.

Aos idosos dos Fóruns atribuímos a denominação de Frj com uma numeração crescente e às duas profissionais denominamos de PROF, seguindo a numeração dos profissionais da UNITI em São Luís e neste caso, são PROF7 e PROF8. A UnATI/UERJ, diferente da UNITI/UFMA, adota o nome de cada curso ou oficina e não, letras do alfabeto para designar as Turmas. Tal como na seção relativa ao tratamento de dados de São Luís, aqui especificamos o gênero, quando citarmos o relato dos homens idosos e não o faremos, nos das mulheres, pelos mesmos motivos, lá explicitados.

¹¹⁵ Ao definir a amizade.

Conhecendo os sujeitos da pesquisa

Alunos idosos da UnATI

No item como soube e por quem encaminhou e quem incentivou a se inscrever na UnATI/UERJ, assim foram as respostas. Os alunos idosos da UnATI/UERJ souberam desse programa através da **amizade** (16 idosos - 2 homens e 14 mulheres). A categoria amizade contém as seguintes expressões: “pessoa conhecida”, “aluna da UnATI”, sua professora (de Escola e da UnATI). Em segundo lugar souberam pela **família** (netos, sobrinha, filhas, irmã, cunhada, nora, neto): 8 mulheres. Entre estas 8, 1 idosa foi encaminhada pelo médico. Em terceiro lugar souberam pela **mídia**: 4 mulheres (“mídia”; “jornal”; jornal e TV; “rádio”) e 1 delas foi incentivada pela família (cunhada, filhos, neto). Em quarto lugar, relatam **médico** (1 idosa). Cabe esclarecer que H2 procurou a UnATI por “motivo de saúde”, mas sua expectativa é: “Conhecimento”.

Em relação ao incentivo a participar da UnATI, os idosos declaram, em primeiro lugar serem incentivado pelas amizades: 11 idosos (1 homem e 10 mulheres); em segundo lugar, pela família: 8 mulheres (filhas, filho e nora). Em terceiro lugar, **iniciativa própria** (1 “decisão pessoal”): 8 idosos (1 homem e 7 mulheres); em quarto lugar, **problemas de saúde**: 3 mulheres idosas (1 refere médico e 2 citam saúde).

Observamos que a influência da amizade é forte, entre os alunos da UnATI/UERJ. A família incentiva a se inscrever na UnATI, em momentos de viuvez ou morte de um familiar (mãe, irmã); as amizades também incentivam por motivo de saúde; o médico encaminha, quando as mulheres idosas referem solidão e quando estão em tratamento de depressão.

Estes resultados coincidem com o estudo de Ramos (2008) nos programas de universidade aberta à terceira idade - PUC/SP e USP. A PUC/SP torna-se “um grande facilitador de ocorrências sociais como a amizade” (p. 203) e entre os motivos que levam os idosos a buscarem esta universidade, estão a amizade e o conhecimento (p. 206). Por um lado, os valores atuais da amizade, estruturam-se para os idosos como companhia, preocupação com o outro, compartilhar aspectos comuns, trocar experiências de vida. Por outro, buscar novos conhecimentos, desejar aprender, adquirir conhecimento na “participação em instituições de

ensino”, revela uma nova categoria, a de “velhos novos estudantes” (Ramos, 2008, p. 208).

Apenas uma idosa não declarou sua expectativa em relação à UnATI. Os demais idosos declararam: novos conhecimentos gerais e pessoais; transmitir; desenvolver atividades; troca de experiência, construir novas amizades, amizades de convivência, aumentar a participação; divertimento, preencher o tempo, manter ativa; vida saudável; motivo de saúde (prevenir depressão); melhor qualidade de vida; lidar melhor com a idade; aprender a conviver melhor com outras gerações. A amizade emerge nos relatos sobre as expectativas, como veículo de obtenção de conhecimentos, como abaixo ilustrado:

F6 mostra seu interesse pela Informática:

“Para através de outras amizades fazer trocas de experiências e atualizar-me como Imigrantes Digitais” (F6).

D5 (Magnólia), ao apresentar a sua expectativa, avalia suas mudanças:

“Na UnATI já estou adquirindo alegria de viver, consciência da minha situação nesse momento como aposentada e como terceira idade.”

Sobre o registro civil, apenas uma idosa, H5 de 60 anos, relatou ter sido registrada com a informação da sua data de nascimento antecipada para poder votar e:

“Nunca fui à escola, nunca estudei. [...] Aprendi em casa” (H5).

“Eu fui registrada bem depois do meu nascimento. Fui registrada quando fui votar. Eu já tinha uns quinze anos” (H3).

D1, Angélica¹¹⁶-, não sabe a data do seu registro porque:

“Na época em que eu casei a certidão de nascimento ficava presa ao processo e eu não tive, naquela época, a mentalidade de tirar uma xerox para guardar porque devemos ter” (D1).

Sobre sua data de registro, G1 relata que foi registrada duas vezes, pois sua mãe perdeu seu primeiro registro, ao retornarem do Rio de Janeiro para a sua cidade natal no Nordeste, lá permanecendo dois anos, em 1955. Nasceu em 1940, mas foi registrada novamente com a data de nascimento de 1942. Estes dados diferem dos que encontramos entre os idosos da UNITI, mas a ausência ou

¹¹⁶ O nome ao lado da letra e do número, no caso da Turma D, sempre será o nome de flor que elas escolheram para serem denominadas na pesquisa.

demora no registro é esclarecida pelo IBGE como fator que dificulta o acesso aos direitos assegurados nas políticas sociais, como já visto.

Idosos dos Fóruns

Os idosos dos Fóruns se inscreveram na UnATI por **iniciativa própria**, sendo incentivados por **amigos** e **motivo de saúde**. Foram informados pela família, propaganda na mídia escrita e televisiva e por amigos. Apresentam como motivação: gostar do ambiente; gostar das atividades variadas, novos conhecimentos, troca de experiências, novas amizades, motivo de saúde. Suas expectativas são: adquirir novos conhecimentos, construir novas amizades.

Observamos uma diversidade de motivos relatados para a inserção dos idosos dos Fóruns, mas suas expectativas coincidem com as motivações encontradas no estudo de Peixoto (1997) e Goldman (2003), na UnATI em que os idosos apresentavam a aquisição de novos conhecimentos e a amizade. Aproximam-se também dos relatos dos idosos da UNITI em nossa pesquisa.

Os idosos do Fórum de Coordenadores são motivados a participar deste evento, pela divulgação, convite dos professores para participarem das apresentações dos seus cursos (dança), necessidade de conhecer pessoas de outros Estados. As suas expectativas em relação aos Fóruns, quando deles participam: adquirir novos conhecimentos, defender direitos dos idosos, lazer/turismo (conhecer as cidades). Nos Fóruns, como o de Manaus, desenvolveram as seguintes atividades: assistiram palestras, passearam, e participaram da assembleia de alunos e da assembleia geral para votação da Carta de Manaus, Frj2 deu aulas, proferiu palestra, representou o órgão público em que trabalha e o conjunto de idosos da UnATI/UERJ na assembleia dos alunos e o Rio de Janeiro na parte cultural; Frj2, Frj3 e Frj4 apresentaram-se em dança dos seus cursos da UnATI; e Frj4 representou a UnATI na assembleia dos alunos indicada por Frj2 para substituí-la (motivo retorno ao Rio).

Em relação às profissionais, enquanto PROF7 participou apenas de um Fórum de Coordenadores, o do Maranhão, PROF8 participou desde o primeiro Fórum em que os professores da UnATI se fizeram presentes, em Salvador. PROF8 esclarece que: “Logo nos primeiros fóruns foram só os coordenadores, nos próximos, foram também os professores. Só depois, os idosos foram [...], aos

poucos.” O primeiro Fórum em que participou um grande número de idosos da UnATI, foi, segundo PROF8, o de Caxias do Sul em 2007.

Na Tabela 4, podemos observar a distribuição dos alunos idosos participantes da pesquisa, por sexo e idade.

Tabela 4 - Perfil dos Idosos da UNATI por sexo e idade

Sexo	Faixa etária e sexo			Total
	60-69	70-79	80-89	
Homens	-	2	-	2
Mulheres	16	8	3	27
Total geral				29

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Cuba. Pesquisa de Campo, 2011/2012.

Observamos a predominância de mulheres na UnATI, tal como na demografia do envelhecimento brasileiro. As mulheres idosas têm sido maioria nos programas e têm participado como representantes gerais dos alunos, embora esta seja uma participação ainda restrita, pois consideram a política como partidária e de forma negativa. Essa presença majoritária das mulheres, mais do que os homens, nos leva a acreditar que a terceira idade em nosso país tende a ser uma experiência essencialmente feminina (Debert, 1996).

Esse resultado da presença majoritária das mulheres nos programas coincide com os estudos de Sant`Anna (1997, p. 80) na UnATI/UERJ, em que constatou que 83,8% dos alunos desse programa é composto por mulheres idosas. Essa maior participação das mulheres idosas do que a dos homens também foi notada por Motta (2004), esclarecendo que nesses espaços, os sujeitos idosos - homens e mulheres - tornam visíveis as questões da velhice, atualizam o seu conhecimento, tecem amizades e tentam quebrar preconceitos (Motta, 2004).

Mesmo assim, segundo Debert (2004), os homens idosos mostram-se mais interessados na luta por direitos do cidadão, por sua militância nas Associações de Aposentados e Pensionistas, enquanto as mulheres idosas estão mais mobilizadas para as mudanças culturais amplas no interior dos programas de terceira idade onde encontram-se em maioria. Na visão desta autora, as vivências destes novos movimentos sociais expressam as diversas formas de enfrentamento dos preconceitos e estereótipos que ainda são direcionados aos idosos em nosso país.

As mulheres se inserem nos programas citados, buscando desenvolver uma liberdade, cerceada pelos pais, pelos maridos e pelas responsabilidades de mães e esposas, apesar de integrarem o mercado de trabalho. Observa-se que o forte componente de gênero na demografia da população idosa brasileira, marcado pelo grande contingente de mulheres idosas, segundo Berquó (1999), vem crescendo aceleradamente, ao contrário da população de homens idosos, cuja mortalidade supera a das mulheres idosas, o que torna a viuvez feminina mais elevada. Esse diferencial na expectativa de vida entre homens e mulheres constitui uma “feminização da velhice” (Goldani, 1999, p. 76).

Esta, que é uma constatação importante das estatísticas brasileiras tem mostrado a necessidade da formulação de políticas públicas para atender a população de mulheres idosas, pois entre elas ocorre mais comumente deficiências físicas e mentais do que entre os homens, marcando outra diferenciação entre os gêneros. Além deste aspecto, preocupa os gestores das políticas, o grande contingente de mulheres que mora só, sendo este um elemento importante, no contexto das políticas públicas por causa da administração dos cuidados (Camarano, 2006).

Em relação ao acesso ao tratamento da saúde, apenas uma idosa declarou que seu plano de saúde é pago por seu irmão. Entre os alunos idosos, 13 não possuem plano de saúde (12 m. e 1 h.) e uma mulher idosa não declarou. A crença religiosa dos alunos idosos da UnATI é bem diversificada, mas prevalece a católica, como segue: 17 são católicos (1 homem e 16 mulheres); 02 são evangélicos; 04 espíritas (01 homem e 03 mulheres); 03 são ecumênicas; 01 idosa declarou ser afro-brasileira e 02 não informaram. Independente da crença religiosa, estudos de Goldstein & Néri (1999) mostram que na velhice, a redução das atividades com a aposentadoria, a viuvez e a inexistência da responsabilidade com os papéis parentais podem fazer com que as atitudes e atividades religiosas ocupem um lugar mais central na vida das pessoas mais velhas.

Na igreja, os idosos constroem “amigos chegados”, significando que as congregações religiosas são “poderosas fontes de suporte social” (Goldstein & Néri, 1999, p.130-31). A dimensão espiritual tem sido de grande relevância e significado para os idosos enfrentarem os momentos de crise e de doenças. Além disso, ao se dedicarem à espiritualidade, as pessoas idosas percebem mais sentido

na vida para poder “suportar as decepções, as dores e olhar a morte” (Monteiro, 2004, p. 179).

Em relação ao estado civil, 10 alunas idosas são viúvas; 09 são casados (07 mulheres e 02 homens); 07 idosas separadas (01 - extra-judicial, 05 - divórcio e 01 - desquite); 02 solteiras; 01 em união estável. No quesito com quem moram, 11 mulheres idosas moram só; 15 (02 homens e 02 mulheres) moram com a família e 03 não declararam. No quesito habitação, 26 idosos moram em casa própria (02 homens e 24 mulheres); 01 idosa mora em casa alugada e 01 em casa emprestada. A composição familiar foi assim relatada: residência com o cônjuge; com o filho separado (morando provisoriamente com ela); reside com duas filhas; com a mãe, uma tia e dois tios maternos; com uma neta; com a filha de criação; com o irmão; com o filho; com dois netos. Apesar de um significativo número de idosas morando só, observa-se um grande contingente de idosos que reside com a família.

Viver só, provavelmente pela condição de viúvas, separadas e solteiras, foi bastante significativo entre os idosos da UnATI e dos Fóruns e vem sendo uma condição frequente observada no Brasil e vem resultando em satisfação com a vida. Sant’Anna (1997) argumenta que viver só, ser solteira e a vontade de viver intensamente essa fase da vida predispõe as mulheres idosas a frequentarem os centros de convivência e, como os homens aposentam mais tarde, sendo poucos os que vivem sós, têm menos disponibilidade para participar desses espaços. Isto se deve ao fato de que, para os homens, cujo término da atividade laboral parece demarcar a Terceira Idade, a aposentadoria parece ser “o marco mais nítido de um novo momento da vida” (p. 86).

Importante observar a diversidade de co-residência com destaque para os netos que moram com os avós e sobrinhos, mostrando a relevância e a presença da amizade na família extensa. Este aspecto coincide com o estudo de Sant’Anna (1997), mas também foi notado em São Luís. Sant’Anna (Op. Cit.) ressalta outro aspecto encontrado em nosso estudo nas duas cidades, sendo menos frequente no Rio de Janeiro, que é a co-residência com filhos, genros, noras, incluindo ou não netos. Assim analisa esta autora:

Nesse caso o idoso está sendo abrigado pelo filho(a), o que mostra sua inserção familiar numa outra família que não a sua original. Esse arranjo familiar

caracteriza as chamadas famílias extensas. Sua pequena ocorrência no contexto da UnATI talvez se deva ao caráter metropolitano do Rio de Janeiro; esse tipo de família é mais frequente em contextos menos urbanizados (p. 90).

No estudo de Goldani (1999), viver só pode ser compensado, participando de atividades sociais, culturais e trabalho. Foi visto como possibilidade de lidar bem com os próprios sentimentos; dedicação e amadurecimento espiritual, buscando conforto na religião, na fé em Deus e envolvimento com atividades assistenciais, filantrópicas, social ou religiosa; visitar parentes e receber as suas visitas regularmente (mais importantes) (Berquó, 1999).

O nível de escolaridade dos idosos é: 03 mulheres não completaram e 16 idosos completaram o Ensino Médio (14 mulheres e 02 homens) e os cursos das mulheres incluem o magistério e cursos técnicos de contabilidade, eletricidade e enfermagem. Somente 01 idosa completou o Ensino Fundamental e 04 não completaram; 04 mulheres completaram o Ensino Superior na área das Ciências Sociais, Educação, História e na área das Ciências Exatas, Biológicas e da Saúde e 01 idosa não completou.

Tabela 5 - Distribuição da renda individual por classe de salário mínimo - 2011

SEXO	Rendimento em Salário Mínimo								SR ¹¹⁷	SI ¹¹⁸	Total
	1/1,97	2/2,38	3,21/3,31	4,22	5,21/5,87	6,10/6,97	7,33	9,17/9,52			
Homens	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2
Mulheres	7	2	2	1	2	3	-	2	2	6	27

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011/2012.

Os rendimentos são baixos, mas são superiores aos de São Luís. Há que se considerar que a fonte de renda provém das seguintes condições previdenciárias: 16 idosos são aposentados (02 homens e 14 mulheres); 04 idosas são pensionistas; 04 mulheres são aposentadas e pensionistas; 01 idosa ainda trabalha; 01 idosa é dona de casa; 01 não declarou. O rendimento dos homens é superior ao das mulheres e uma mulher vive por conta do rendimento do marido.

Além de ajudarem, estes idosos são ajudados pela família e, apenas 02 idosas não declararam. Essas ajudas correspondem a uma renda e a formas não especificadas, como segue. Não recebem ajuda, 14 idosos (13 mulheres e 01

¹¹⁷ S/R = Sem Renda.

¹¹⁸ S/I = Sem Informação.

homem); 02 idosas recebem 1 salário mínimo do cônjuge e da filha mais velha; 1,83 salários mínimos recebe 01 idosa, do cônjuge; 01 idosa recebe 2, 93 salários mínimos da mãe e duas tias maternas. Ainda 01 idosa recebe 3,21 salários mínimos e 01 idosa recebe o valor de 10,45 salários mínimos e este valor corresponde ao rendimento do seu cônjuge. Além dessa forma de ajuda, 01 idoso recebe medicamentos de um programa governamental e as 06 idosas não especificaram valores das ajudas que recebem das seguintes fontes: filhas, filhos, enteado, marido.

Os resultados parciais da PNAD de 2011 mostram que é significativa a parcela de homens idosos como chefe de família e cônjuges e, aumentou o percentual de mulheres aposentadas e mulheres chefes de família. A participação dos idosos na atividade econômica, na aquisição de benefício social e posição na família em 1992 e 2011 foram bastante significativas, uma vez que se observa cerca de um terço dos homens participando das atividades econômicas em 2011 (IPEA, 2011).

O bairro em que residem os idosos é mostrado na tabela 6, junto aos espaços da cultura popular, especialmente a Escola de Samba nesses locais ou em seu entorno.

Tabela 6 - Bairros de residência dos alunos idosos da UnATI

Áreas de Planejamento	Sexo		Bairros	R A ¹¹⁹	Escolas de Samba, blocos...
	H	M			
AP 1	1	-	Santa Teresa	XIII	Bloco Carmelitas de Santa Teresa, Escola de Samba Estação Primeira de Mangueira
	-	1	Mangueira	VII	
AP 2	-	1	Copacabana	V	Blocos: do Lido, Unidos da Tijuca, Unidos de Vila Isabel, Balanço do Jamelão, Cata-Latas do Grajaú
	-	1	Tijuca	VIII	
	-	3	Andaraí, Vila Isabel, Grajaú	IX	
AP 3	-	1	Olaria	X	Blocos: Filhos de Jorge, Cacique de Higienópolis, Fuzuê, Spanta Neném. Escolas de Samba: Caprichosos de Pilares, Acadêmicos do Cachambi, Arranco, Lins Imperial
	-	3	Higienópolis, Inhaúma, Maria da Graça	XII	
	-	8	Rocha, Pilares, Cachambi, Engenho Novo, Lins de Vasconcelos	XIII	
AP 4	-	2	Jacarepaguá	XVI	Escola de Samba Renascer
	1	-	Santa Cruz	XIX	Escola de Samba

¹¹⁹ RA - Região Administrativa. AP - Área de Planejamento.

AP 5	-	1	Realengo	XXXIII	Acadêmicos de Santa Cruz, Bloco Capitão Folia
Outros Municípios do RJ	-	4	São Gonçalo, São Mateus, São João de Meriti, Niterói	-	Escolas de Samba: Unidos de Porto da Pedra, Unidos da Ponte, Matriz de São João de Meriti, Acadêmicos do Cubango
Sem Informação	-	2	-	-	-

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011.

Observamos que 06 idosos (01 homens e 05 mulheres) residem em bairros da chamada Zona Norte do Rio de Janeiro, em áreas bem próximas da UnATI/UERJ (Vila Isabel, Tijuca, Mangueira, Andaraí e Grajaú) e mais 08 residem também em bairros considerados Zona Norte (AP3, XIII Região Administrativa), mas os bairros são mais distantes do que os anteriormente citados.

Um assunto bastante recorrente nos depoimentos dos idosos da UnATI/UERJ, em tom de crítica e queixa, foi o desrespeito no transporte público, como avalia F5:

“Por isso eu digo, as leis não são cumpridas, principalmente em pontos de ônibus. É o que eu vejo todo dia” (F5).

O Rio de Janeiro, apesar de algumas dificuldades nos transportes urbanos (ônibus e metrô cheios em determinados horários, segundo as queixas recorrentes dos idosos na UnATI e das notícias das mídias), tem um meio de transporte diversificado e numeroso, facilitando aos idosos, o acesso à UnATI, assim como aos festejos do carnaval. Além dos bairros em que residem possuem Blocos ou Escolas de Samba, os Blocos e as Bandas apresentam-se nas ruas desses Bairros, facilitando a brincadeira para aqueles que não querem ou não podem assistir aos desfiles das Escolas de Samba no Sambódromo, cujo ingresso é realizado por meio de pagamento de bilhete.

Voltando à questão dos transportes urbanos e a população idosa, diz o jornal O Globo em reportagem de 03 de outubro de 2012, intitulada “Transporte público: uma pedra no caminho dos idosos”, que:

O básico direito de ir e vir não é facilmente exercido pelos idosos quando o assunto é transporte público no Rio. Obstáculos como degraus muito altos na entrada dos ônibus, motoristas que arrancam bruscamente e vagões do metrô lotados precisam ser superados diariamente na corrida até o assento - preferencial ou não - mais próximo (O Globo, 2012).

As queixas geralmente se referem à pressa dos motoristas que passam direto ou param distante dos pontos; degraus altos; a nova uniformização das cores da frota que dificulta a identificação das empresas e das linhas de ônibus; o metrô lotado (as estações de Copacabana e Praça Saens Peña são as mais usadas pelos idosos). Outras queixas reveladas em pesquisa realizada pelo O Globo, em documentos da ALERJ e do Disque-Idoso e entre idosos do bairro de Copacabana, o mais populoso em idosos no Rio de Janeiro com 23,15%, segundo o Censo 2010. Com relação ao “transporte intermunicipal, os idosos precisam conviver com as tentativas das empresas de burlar a lei da gratuidade. Algumas linhas não têm ônibus urbanos (de duas portas), em que os idosos têm passe livre em qualquer caso, diferentemente dos ônibus especiais”.¹²⁰

Nosso estudo também revelou que 15 idosos (01 homem e 14 mulheres) nasceram no município do Rio de Janeiro. Entre estes, 01 idoso e 06 mulheres são filhos de pais cariocas; 06 mulheres vieram de outros municípios do Rio de Janeiro e 03 idosas vieram de cidades do Nordeste, Centro Oeste, Sudeste. Ainda,

¹²⁰ Na Ouvidoria da Comissão dos Assuntos da Criança, do Adolescente e do Idoso da Assembleia Legislativa do Rio (ALERJ), lideram as queixas de idosos, os transportes públicos, primeiro semestre de 2012, correspondendo a 23%. No Disque-Idoso (ALERJ), os transportes estão em 3º lugar no ranking (janeiro a setembro), perdendo para denúncias de violência e saúde. Os diversos problemas da população idosa sobre sua mobilidade urbana é um tema mostrado na série “Retratos da Terceira Idade”. No Estado do Rio, quase metade dos 2,08 milhões de idosos possui o Rio Card Sênior, que garante a gratuidade nos transportes públicos aos maiores de 65 anos, havendo, segundo a FETRANSPOR, 997.860 portadores do cartão em 2012. Quanto ao visual da frota, uma das queixas, a Secretaria Municipal de Transportes esclarece que a padronização visa “ordenar o sistema” e, além da frota estar sendo composta de “veículos dotados de piso baixo”, “a licitação do sistema prevê o treinamento constante dos motoristas e cobradores”. Além disso, “[...] o sindicato Rio Ônibus disse que a falta de paciência dos condutores é uma atitude inadequada, tratada em treinamentos nas empresas e em programas como o Rodoviário Cidadão”. Apesar da linha 415 (Usina-Leblon) ser a “campeã de viagens de idosos por mês na Zona Sul e Grande Tijuca”, segundo Marli Piay, assessora de recursos humanos do Rio Ônibus, há 30 linhas que mais transportam idosos no Rio e seriam sujeitos da pesquisa do Comitê do Motorista Amigo do Idoso. “Ele reúne o Centro Internacional de Longevidade Brasil (CIL), Rio Ônibus, Fetranspor e Secretaria de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida no esforço de preparar melhor os motoristas a lidar com essa população. Segundo Alexandre Kalache, presidente do CIL, a previsão é iniciar os treinamentos no primeiro trimestre de 2013”. Este assunto pode ser melhor visto em <http://oglobo.globo.com/rio/transporte-publico-uma-pedra-no-caminho-os-idosos-265059#ixzz2pEiVzAXP>. Acesso em: 08 fev. 2013.

01 idosa mora em um município vizinho ao Rio de Janeiro e o acesso desta idosa à UnATI é mais difícil por que sua única opção é o ônibus.

Além destes resultados, 05 mulheres vieram do Nordeste e 01 homem veio de uma cidade do Sudeste vizinha ao Rio de Janeiro. Entre os idosos que migraram para o Rio de Janeiro e declararam, observamos esse movimento: nos anos de 1947 (aos 05 anos, 01 mulher), 1953 (aos 02 anos, 01 mulher), 1959 (aos 19 anos, 01 homem), 1963 (aos 19 anos, 01 mulher), 1974 (aos 23 anos, 01 mulher). Todos esses idosos sempre conviveram e continuam convivendo com o carnaval, pois esta festa é realizada em todo o Brasil.

Observamos que a dinâmica da migração na família de G1 na década de 1950, ocorreu com a vinda para o Rio de Janeiro do seu pai, em primeiro lugar, que depois foi buscar a família. A questão da migração dos nordestinos para as metrópoles brasileiras foi estudada por Barroso (1992) como motivo de rompimento de amizades, além de outras questões. Para ela:

Em outros casos, forçados pelo êxodo, os mais jovens levam consigo os seus velhos para conviver com a incerteza: debaixo de pontes, em favelas, perdendo as suas raízes, as amizades, os lugares já veteranos - é uma perda de grande dimensão - a perda de sua identidade cultural (Barroso, 1992, p. 52).

Em 2005 e 2010, 1,3 milhão de pessoas saíram da região Nordeste e 828 mil migraram para o Sudeste. Os estados que cresceram em população com o movimento migratório nesse período, foram São Paulo, Goiás e Santa Catarina (IBGE, 2010). A migração influencia o processo de envelhecimento, aumentando a proporção de idosos, tanto nas cidades de origem dos fluxos migratórios em curto prazo, como das cidades de destino em longo prazo. O processo de envelhecimento afeta toda a população em todas as esferas da vida social e repercute “além da perspectiva demográfica, abrangendo aspectos sociais, econômicos, culturais, políticos, psicológicos e até espirituais” (Santana, 2002, p. 81).

Quadro 2 - Perfil dos idosos dos Fóruns de Coordenadores

Idosos dos Fóruns	Perfil	Áreas, Bairros e Grupos Culturais
Frj1	Homem, 76 anos, registrado ao nascer, sempre residiu no Rio de Janeiro. Possui Ensino Superior Completo, casado, aposentado em profissão compatível com a sua escolaridade dessa época, filho de pais europeus, sem religião, com uma renda individual de 3,69 salários mínimos federais, sem renda familiar, reside com a esposa em casa alugada, iniciou a UnATI em 2002. Nunca participou dos Fóruns de Coordenadores.	Reside em bairro da Zona Norte da AP3, XIII RA, que possui a Escola de Samba Lins Imperial
Frj2	Mulher, 73 anos, registrada no ano em que nasceu, oriunda de uma das cidades do Rio de Janeiro do Vale do Paraíba, reside no Rio de Janeiro aos 47 anos de idade (1985). Possui ensino Superior Completo, aposentando em sua profissão ligada ao Magistério. É divorciada, católica, com renda individual de 2,93 salários mínimos, sem renda familiar. Mora só, em casa própria e está na UnATI desde 1996. Participou dos Fóruns de Recife (PE) e de Manaus (AM).	Reside em bairro da Zona Norte da AP2, VIII RA, que possui a Escola de Samba Unidos da Tijuca.
Frj3	Mulher, 75 anos, registrada ao nascer, oriunda de uma cidade do Nordeste, reside no Rio de Janeiro, desde os 18 anos (1958). Possui Ensino Superior Completo, solteira, aposentada em sua profissão, católica. Sua renda individual equivale a 8,80 salários mínimos, sem renda familiar. Mora em casa própria com um familiar, se inscreveu na UnATI em 2004. Participou dos Fóruns de Recife, Caxias do Sul e Manaus.	Reside em Bairro da Zona Norte, AP-2, IX RA, possui Escola de Samba Unidos de Vila Izabel.
Frj4	Mulher, 66 anos, carioca, registrada na mesma semana em que nasceu, com Ensino Superior Completo, aposentou em sua profissão, ligada ao Magistério. É solteira, umbandista, com uma renda individual de 4,67 salários mínimos e uma renda familiar de 17 salários mínimos federais. Mora com a filha e o genro na casa deles, que é própria. Está na UnATI desde 1995. Participou dos Fóruns de Recife, Caxias do Sul e Manaus.	Reside no mesmo bairro de Frj2. Frj4 faz parte de uma Associação da Velha Guarda de um bloco do Rio de Janeiro.
Frj5	Mulher, 80 anos, oriunda de um Estado do Norte do país, reside no Rio de Janeiro desde os 21 anos (1954), não declarou a data de Registro de Nascimento. É viúva, aposentada e pensionista, Completou o Ensino Fundamental, reside só, em casa emprestada. Não declarou a profissão, ao aposentar. Está na UnATI desde 1993. Possui uma renda individual de 3,75 salários mínimos. Recebe ajuda do seu filho no pagamento do Plano de Saúde. Participou dos Fóruns de Recife, Caxias do Sul e Manaus.	Reside no mesmo bairro de Frj3.

FONTE: CUBA, Conceição de Maria G. B. Pesquisa de Campo, 2011.

Observa-se que os idosos do Fórum de Coordenadores pertencem à chamada classe média da população carioca, residem em bairros da Zona Norte da cidade, integrante das Áreas de Planejamento-AP2 e AP3 e possuem Plano de Saúde. Foram registrados ao nascer ou na mesma semana ou no mesmo ano, apenas uma idosa não declarou. Frj1 convive com a expressão cultural ativamente, pois costuma cantar em grupos de terceira idade, casa de amigos, inclusive em eventos promovidos pela própria UnATI e outros. Duas idosas dos Fóruns moram só e uma reside com o sobrinho, a maioria é católica e 03 idosas completaram o Ensino Superior. Esta escolaridade mostra uma mudança no perfil

da UnATI/UERJ. Outros estudos podem explorar o perfil atual dos idosos que integram esse programa.

Apenas duas idosas declaram receber ajuda da família, uma delas no pagamento do Plano de Saúde pelo filho e a outra tem a despesa dividida com a filha com um salário superior ao dela. Os idosos dos Fóruns convivem com o carnaval em seus bairros, tais como os alunos idosos, pela existência de Escolas de Samba. Uma das idosas Frj4 integra uma Associação da Velha Guarda de um dos blocos do Rio de Janeiro. Observamos também um percurso diversificado desses idosos, na UnATI/UERJ, o que mostra uma pluralidade existente nesse espaço e enriquece a trocas de experiências.

Quanto à participação nos Fóruns de Coordenadores, apenas uma idosa esteve presente em dois (Recife e Manaus) e três participaram em Caxias do Sul, além desses dois. Além destes dados, os idosos dos Fóruns possuem também uma experiência de representação - de turmas e geral dos alunos -, na UnATI, expressando uma participação política nesses eventos e na UnATI/UERJ. Vejamos os relatos dos sujeitos do estudo.

Definição de amizade

Alunos idosos

Respeitar todas as atitudes da pessoa; é um alerta; amizade se faz e conserva; a amizade verdadeira do fundo do coração é rara; coisa muito pura; coisa boa; na amizade não precisa frequentar a casa do outro; relação de gratuidade (voluntária); não esperar nada em troca; relação construída, seletiva de afastamento e proximidade; abertura para o outro; cuidar poder contar, ajudar, desabafar, conversar, interagir, dar coisas boas para edificar a mente e o coração; amar o semelhante; tratar bem para ser bem tratada; dar uma alegria; considerar as pessoas, coisa do coração, de compartilhar, afinidade, desejar o bem ao nosso próximo; confiar nas horas boas e ruins; disponibilidade; estar presente; preocupar; se sentir bem perto da amizade; amor recíproco; produto do amor; atenção; convivência; exemplo de fé; conhecimento mútuo; interesse de ajudar; preocupação; gostar de uma pessoa; reciprocidade; amigas assim de unha e dente; acreditar na pessoa; amizade, às vezes trai a gente; é na hora que você precisa; Não precisar ser parente; estender a mão; você nem espera e é seu amigo; querer

bem; sinceridade; ser o amigo certo nas horas incertas; interesse comum; conviver com a diferença; doação; confraternização.

Às vezes o amigo é mais amigo da gente do que o parente [...] (E7).

[...] Respeitar o limite de cada um em toda e qualquer circunstância. É esse código de amizade. [...] o código de respeitabilidade, onde quer que esteja. [...] Se não houver o amor, não vai haver amizade nunca. Por que não há base pra isso sem amor [...] (H1).

[...] Amizade [...] É igual felicidade, [...]. [...] Quando você quer ser feliz você está numa outra dimensão. Porque aí você começa a questionar: o que é ser feliz. [...] a gente tem que discutir sempre (F4).

Os idosos mostram que, nesse momento da vida, suas escolhas ultrapassam o âmbito familiar, no quesito afinidades e construção de amizades e estão longe de se restringir aos laços de sangue. As vivências de felicidade na velhice estão relacionadas à fé, às relações sociais e de amizade, ao bem-estar da sua família e ao trabalho, inclusive como fonte de prazer, em que se sentem ativos (Luz & Amatuzy, 2008). Concordamos com Alves (2009), que:

As amizades dos idosos colocam em cena as afinidades de gosto, de estilo de vida e uma outra linguagem de sentimento que apela mais abertamente para as dimensões negociadas das relações. A intimidade e a reciprocidade implicadas nas relações de amizade favorecem a construção de uma identidade comum e o estabelecimento de laços de ajuda e de conforto emocional (p. 130).

Certamente por isso, a amizade definida pelos alunos idosos mostram duas perspectivas da amizade: como rede de suporte social, que contém os aspectos apresentados por Alves (2009) e a dimensão política como entende Arendt (2008). Nas ideias desta última autora, quando os amigos percebem o mundo, segundo o ponto de vista dos demais, no debate público e plural, é exercitada a amizade na dimensão política.

Além de se ajudarem, por meio do diálogo com palavras de acolhimento, compreensão, respeito e outros aspectos, e não financeiramente, os idosos concordam e discordam na troca de opiniões sobre diversas questões, seus direitos não atendidos e as formas como querem acessá-los, para assim possibilitar a sua felicidade.

A pesquisa de Camargo et al (2011) sobre felicidade na velhice no município de Campinas, apresenta duas concepções sobre felicidade na velhice: o convívio social com autonomia, ou seja, a capacidade do idoso gerir sua vida e buscar uma integração social e familiar, mantendo “bons vínculos afetivos que propiciem o bem-estar”. Em segundo lugar, a saúde “relacionada também com a autonomia e a independência, para que os idosos tenham liberdade de realizar as atividades cotidianas e de lazer que desejam”. Assim, o significado de felicidade para os idosos, está centrado nas relações familiares, na saúde e na autonomia (p. 249).

Arendt (1988) vai falar de uma felicidade pública que tem como essência a liberdade pública e, não individual. Esta felicidade manifesta-se no espaço público e plural do mundo comum a todos os sujeitos e se contrapõe ao isolamento da era moderna. Isto por que, no espaço público, além dos sujeitos adquirirem visibilidade, o fato das suas questões serem apresentadas no diálogo plural, esses sujeitos podem se organizar para lutar por direitos.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Definem amizade: coisa muito pura; troca de experiência, de amor e de respeito; respeito mútuo; ter um ombro amigo; convivência; conagração; confiança; desabafar; mais importante que parentes; coisa muito importante; tira do isolamento; amizade de coração, de troca, de afinidades.

Amizade é uma coisa mesmo assim profunda que você tem por algumas pessoas, com quem você adquire experiências com aquele grupo (Frj3).

[...] Eu não tenho um grande número de amigos. Amizades sim, mas amigos mais próximos são poucos e esses eu faço questão de estar sempre procurando e [...] me aproximando, que é pra não ficar tão só, não me sentir tão só. [...] Essas amizades aqui pra mim são muito importantes (Frj5).

Profissionais

Relataram: joia preciosa e vínculo social e de confiança; escutar, ouvir em qualquer momento; relacionar com o outro sem nada esperar.

Podemos observar nos relatos, que ao definirem a amizade, os três grupos de sujeitos falam das formas e da importância desse vínculo, aproximando as suas opiniões.

Formas de amizade

Alunos idosos

Amigos verdadeiros, amizades de amizade, profunda (quase irmã); amizade irmã; amizade como se fosse filha; como se fosse da família; sempre presente; amizade para desabafar (amizade de ouvir); amizade de vez em quando ou amizades quase do dia-a-dia, quase não vê, encontra em eventos; amizades distanciadas; passageira; à distância; amizade na família; amizade para sair junto; amizade no trabalho; amizade no curso da UnATI; amizade da compreensão; falsas (não sinceras, traíras ou inconfiáveis); companheiros; prestar atenção, olhar com carinho; amizades constritas ou mais próximas; amizade de bom dia, boa tarde; amizade quase parente; fraterna, entre irmãos; amor fraterno; conhecidos; amizade do casal (marido e mulher); amizade que brota mesmo lá dentro, aquela que fica que é a amizade mesmo; por interesses; interesse na parte sexual.

As mulheres idosas relatam ter muitas amizades, menos G2 (Girassol) que acha difícil fazer amizades na velhice, D1 (Angélica), que é mais “fechada” não tem muitas amizades, G1, só tem amizade na família. Ser “aberta” facilita a amizade. F8 só tem amizade com mulheres, inclusive da sua turma na UnATI.

Não (há vários tipos de amizade), amigo é amigo (G2, Girassol).

D5 (Magnólia), assim resume: “no fundo é um bolo de amigas do peito”.

Para D4 (Bromélia), a amizade na família e na sociedade: “é a mesma amizade, aquela [...] que se preocupa, quer ver o outro bem. [...]”.

Para D1 (Angélica): existe a “amizade boa” e a “amizade negra”. A amizade boa é aquela em que o amigo aceita “[...] você como você é, com suas falhas e suas virtudes”.

A amizade negra:

“É a amizade que não te aceita do jeito que você é, que diz na sua presença que te aceita [...], mas [...] te critica por algumas falhas” (D1 Angélica).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Amizade por interesses financeiros, interesseiras, falsas, fiel, amizade da fofoqueira, semelhante a um psicólogo, escuta, amizade do tempo da escola, desinteressada; na família, selecionada.

[...] quando eu entro aqui na UnATI, eu faço questão de cumprimentar todo mundo como se eu já conhecesse há muito tempo. Eu estou [...] aqui, desde o início da UnATI. [...] Então eu faço questão de falar, dou bom dia a todo mundo, se puder abraço todo mundo e [...] são todos, meu grupo de amizade. [...] Agora os amigos, aqueles amigos mais próximos, esses são muito especiais pra mim (Frj5).

Eu tenho amizade com qualquer classe social, seja da classe A e [...] B e C. Eu não distingo essa, se é branca ou preta [...]. A minha amizade é englobada (Frj3).

Importância da amizade

Alunos Idosos

A amizade é importante na proximidade ou na distância, como respeito, atenção, ajuda para o bem estar do amigo, preocupar-se, estar junto, aceitação, saber ouvir sem criticar, relação desinteressada, cativa, aconchego, ternura, carinho, compreensão, paz interior, estar junto, fortalece, é troca (de ideias, de experiência, de aprendizado); parceria; conversa; aconselha; desabafa; incentiva; consideração; junto com os companheiros [...] vencemos; amizade faz parte do nosso caminhar; faz se sentir muito feliz; amizade construída na UnATI ajuda a desinibir; mantém a esperança; sentir-se bem no convívio com a outra pessoa; autoestima; tira do isolamento.

Porque ela agrega as pessoas a trocarem ideia. [...] é através de uma amiga que ela fica sabendo o direito que ela tem como ela pode conseguir [...] (F6).

[...] na amizade [...] enquanto houver diálogo, as pessoas puderem trocar e deixar cada um pensar do jeito que deve pensar, [...] é a grande caminhada. Quando a gente se une para uma amizade maior, tem que haver um consenso. [...] (F4).

[...] amizade entre as pessoas é uma coisa importante porque é um meio de você expressar sua maneira de pensar, de agir. [...] (F5).

Amizade promove também: consenso, diálogo, pensar e agir na amizade e “uma boa qualidade de vida”, que é:

“[...] você ficar acompanhando as mudanças, a evolução das coisas [...]” (F6).

Esse entendimento da amizade expressa uma forma de agir no mundo como homens no plural, tal como entende Arendt (2002 a).

A qualidade de vida foi mais referida pelos alunos idosos da UNITI. É entendida como boa condição de saúde, o uso de mecanismos ambientais positivos e o bom estado psicológico dos idosos, que os habilita a ter estratégias mais eficazes para o enfrentamento das suas questões (Beckert; Irigaray; Trentini, 2012). Enfim, qualidade de vida tem influência de todas as dimensões da vida (Soares et al. 2010).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Amizade é importante porque: apoia; possibilita novas expectativas (participar em bailes, centros culturais e outros) proporciona um crescimento, fortalece, dá vontade de viver; orientar; conquistar direitos (com cumplicidade, força e união); melhora a depressão; possibilita participar dos espaços da cidade.

E a amizade vale muito porque você, às vezes está numa depressão [...] você vai batendo um papo com aquela pessoa que está do seu lado naquele curso, aí ela levanta. [...] Aí ela sai daqui mais forte, com muito mais alegria. [...] (Fr3).

É você poder caminhar com o outro. [...] para você ter uma visão do futuro, [...] do amanhã [...]. Você, às vezes com amizade, você se sente mais fortalecida [...] (Fr4).

Os idosos dos Fóruns mostram a amizade como benefício para a saúde, na perspectiva de rede de suporte social e política, também como poder, uma vez que fortalece. Como benefício para a saúde, parece correto afirmar que, se a amizade é companheirismo, apoio, ajuda, cuidado, melhora a solidão, fortalece, nesse sentido, é inegável que a amizade ajuda a melhorar a saúde.

Garcia, A. & Leonel, S. B. (2007) mostram em seu estudo sobre a participação dos idosos nos grupos de convivência que, de certa forma, a saúde está intimamente ligada à qualidade da amizade, uma vez que ao frequentarem esses espaços, os idosos que “lá chegaram doentes”, observam melhoras físicas e emocionais que atribuem “ao carinho, ao afeto e às relações de amizade que

encontraram no grupo”. Allmeida & Maia (2010) ressaltam a amizade como promotora da saúde e da qualidade de vida para os idosos, trazendo benefícios positivos em sua saúde física e mental. Entretanto notam a ausência de estudos que esclareçam essa relação.

Profissionais

Amizade é importante porque: nutre, pode recorrer, ajuda mútua, incentivo.

Os relatos aproximam-se e mostram que a amizade é importante por diversos motivos, especialmente porque caminhar junto com o outro possibilita uma visão do futuro, pois os sujeitos sentem-se fortalecidos.

Com quem constroem amizades

Alunos Idosos

A maioria dos idosos declarou construir amizades com todas as gerações, todos os gêneros, classes sociais e outras diferenças. G2 constrói amizades, mais com mulheres idosas, “homens são muito poucos”. G1 tem mais amizades com homens jovens e “mulheres são poucas”. F5 “mais com jovens”. Entretanto,

[...] independente da idade, [...] as pessoas têm o prazer de estar na sua companhia (F4).

Isto porque, segundo o idoso F1: “Não é a relação do homem com a mulher, é a relação do ser humano com o outro ser humano” (F1).

Entretanto, como diz F3:

“Antigamente se dizia que homem e mulher não eram amigos. Não existia amizade entre homem e mulher. [...] Isso foi mudando, mudou tudo” (F3).

Além disso, “[...] Eu entendo como evolução, é, a mistura hoje em dia, é, amigos serem de ambos os sexos. [...] E hoje acontece que muitos homens têm amigas mulheres. [...]. [...] a necessidade ou as oportunidades vão criando essa aproximação” (F7).

F3 pontua: “[...] que aí faz parte de uma vivência [...] um pensamento educacional” (F3).

Os idosos ainda entendem que “antigamente era convencionado”, que homem e mulher não podiam fazer amizades, como disseram F3 e F4 e as mudanças que se presenciou “de uns tempos pra cá” (F5), ou seja, na era moderna. Entretanto, alguns desses aspectos, antigos e novos, ainda convivem na contemporaneidade, muitas vezes reatualizados.

A conversa entre amigos, experiência recorrente na vida de Hannah Arendt (Yong-Bruehl, 1997), fala da diferença e da identidade de gêneros, das transformações sociais na era moderna que mostrou a condição de supérfluos e descartáveis dos sujeitos que vivem na Terra (Arendt, 2002 a). Além disso, mostram a vontade de serem tratados como iguais, sem discriminação de qualquer ordem, por isso estão atualizados com as questões do mundo contemporâneo e atentos às transformações sociais.

Sobretudo, asseguram o direito de falar e de se posicionarem, na reunião da pesquisa, de forma ética e crítica. Ao exercitarem a dimensão política da amizade arendtiana, expressam uma luta por reconhecimento, tal como entende Honneth (2003), ou seja, como sujeitos de direitos.

Os idosos mostram a diferença tradicional entre os gêneros na amizade:

Na demonstração do afeto, a mulher recebe a rosa e o homem recebe o cravo (F1).

Diferente, nas palavras de F1 é que: “hoje se me der uma rosa, poxa, maravilhosa. [...] ainda boto na lapela” (F1).

Essa demonstração é importante, porque o importante, segundo F7: “Lembrou de mim. Lembrou de mim” (F7).

Isso não escapa das observações de F3, que assim se manifesta: “Tudo isso é o crescimento, evolução, educação” (F3).

O idoso F1 esclarece sobre as amizades que constrói na esfera pública e mostra que a amizade permite a esperança do futuro e, por isso:

“[...] como amizade no momento eu volto lá ao poeta (Roberto Carlos, o cantor), quero ter um milhão de amigos em todas as faixas etárias, considerando que o amigo de hoje será a lembrança de viver melhor a lembrança amanhã. Agora” (F1).

Profissionais

Os profissionais relatam que constroem amizades com todas as gerações na família e na sociedade, mas não têm tido tempo, devido suas atividades diversas.

Os idosos expressam as mudanças sociais que afetaram as relações de amizade e os gêneros. A amizade é importante na família e na sociedade, dimensionando-se como rede de suporte social e como política. Os idosos mostram também que querem romper preconceitos, pois para eles, o importante na amizade é ter afeto e lembrar do outro.

Conversas com as amigas

Alunos Idosos

As conversas, com as amigas, que formam inclusive “uma rodinha”, giram em torno de “uma infinidade de coisas”: “coisas nossas íntimas”, “política”, “assuntos que estão em voga”, saúde; mau atendimento no hospital; falta do remédio na Farmácia Popular; “a dificuldade de cada um” e deficiências em diversas áreas do Rio de Janeiro. A mais recorrente e que ocupa mais tempo nos debates da pesquisa foram os problemas referentes ao transporte público, especialmente o desrespeito dos motoristas em relação à população idosa.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Nas conversas, marcam encontros, planejam atividades, comentam sobre os cursos, passeios, e “variados assuntos”

A gente troca ideias mesmo sobre a convivência com a família, não é, a gente como idoso e família. [...] Sempre assim, procurando conversar também muitas abobrinhas (Frj4).

[...] assuntos das palestras, procura saber o movimento do Estado, dos idosos, da associação dos idosos, procura saber como é que faz, como está se processando a coisa, enfim (Frj5).

Conversas no Fórum de Coordenadores

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Conversam com as amizades do Fórum, presencialmente e por correio eletrônico: trocam sobre a pessoa - “um papo rápido” -, se é avó, se é bisavó; direitos; atividades e programação da UnATI/UERJ, baile de terceira idade; cursos e atividades das UnATIs de cada Estado.

Então, a nossa universidade, além de pioneira é chamativa para os outros Estados. Eles têm ânsia, eles tem vontade, querem almoçar com a UnATI, tomar café da manhã com a UnATI e saber mais e mais e mais (Frj2).

A gente se congratula de estar novamente juntos (Frj5).

As conversas acontecem sobre a cultura, os direitos, a amizade, inclusive na dimensão política deste vínculo.

UnATI facilita a amizade

Alunos Idosos

A UnATI facilita muito a criação de amizades para os idosos, nas seguintes atividades: palestras, festas, eventos, cursos, oficinas inclusive de dança e de aprendizagem de tocar instrumentos musicais, atividades físicas.

O que a senhora está fazendo já é uma grande amizade (E8).

Sem puxar sardinha pra nossa brasa, [...], eu acho que essa mesa de debate, eu acho que abre tudo. Abre experiência, abre aprendizado, eu acho que abre tudo (F3).

[...] a gente fica feliz de ver o progresso, a desinibição uma da outra (D5, Magnólia).

Nesse sentido, a amizade construída na UnATI tem um aspecto político, de interação, de um voltar-se para o outro.

Facilita no sentido, [...] que nós podemos nos reunir, [...] conversar, [...] compartilhar dores, sofrimentos e até alegrias, [...] participar de grupos de atividades diversas, [...] fazer passeios conjuntos, [...] fazer reivindicações juntos

ou então, algumas pessoas que não sabem quais são seus direitos a gente acorda elas: acorda fulano, dá uma sacudida e vamos lá (G2).

No espaço público das Universidades a amizade é praticada entre os idosos, enquanto colegas de escola e de classe, cuja relação é realizada de forma horizontal, sem hierarquia, apesar de norteadas por determinados valores. “A amizade em sala de aula traz em seu âmago a aprendizagem, são amigos que se unem através do conhecimento e da busca de novas experiências estudantis” (Ramos, 2008, p. 151).

Além disso, como a convivência facilita a amizade dos idosos, na festa, ampliam as antigas qualidades femininas (limitadas à beleza típica do objeto de desejo), permitindo assim perceber-se como sujeitos da terceira idade com limitações e com capacidades, inclusive de agir junto com os outros, dançando. “É na extensão da temporalidade que mulheres e homens velhos constroem o presente, reelaboram o passado sem permanecer nele. Na festa, o passado e o presente se encontram, tanto simbolicamente como na ação. É no presente da festa que se (re)apresenta o passado; é na festa que as gerações se encontram, trocam experiências, reforçam laços, fazem e refazem imagens” (Gomes, 2005, p. 113).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Com pessoas de todos os níveis, todas as gerações, com ex-colegas de Faculdade, e em todos os lugares e têm facilidade em conviver com jovens.

[...] geralmente as pessoas da UnATI já são amigos. Desde a hora das reuniões (de organização da viagem), até o traslado, a gente já vai fazendo um relacionamento para a coisa se tornar mais agradável. Não é? Entendeu? Agora no Fórum são já outras pessoas de outros Estados que a gente procura conhecer, falar e se congratular (Frj5).

Frj3 acha fácil fazer amizade, nessa fase da vida:

Mas eu também sou assim. Eu transmito essa amizade, [...] eu acho que é assim. (E) [...] tem aquele que reúne todas as pessoas de todos os Estados. Sempre tem aquela amizade que se recebe (Frj2).

Importância dos Fóruns na constituição de amizades

Para Frj5, é um espaço “Muito importante [...]” para construir amizades. Entretanto ela não as mantém, pois considera “muito difícil” mantê-las.

“Sim. Não tenha dúvida. Não só as amizades, mas também a experiência em todos os sentidos [...]” (Frj3).

A dificuldade em manter as amizades é que, quando o evento encerra, a amizade se “Desliga, mas aí no próximo a gente se encontra tudo de novo” (Frj5). Quando voltam a se encontrar no próximo Fórum de Coordenadores, após dois anos, Frj4 mantém contatos. E Frj5: “Eita, ferro. Haja assunto, não é, haja assunto” (Frj5).

Frj3 também não mantém as amizades que constrói nos Fóruns, entretanto:

A gente quando se encontra no Fórum a gente está sempre relembrando. Por que as atividades são tão corridas que não dá pra fazer isso (Frj3).

Profissionais

[...] sim, mas entre alunos da própria UnATI, do mesmo lugar. Eu percebo que eles ficam mais próximos (PROF8).

Fórum de Coordenadores facilita amizades

Idosos dos Fóruns

Amizade com idosos da UnATI/UERJ e de outras Unatis; professores da UnATI, que você não tem acesso; com outras idosas da UnATI/UERJ que não são da Turma.

[...] grupos que estavam no mesmo hotel. A gente fazia refeições juntos e eu [...] conversei com muita gente. Eu gostei muito do grupo de Piauí, da última [em Manaus], achei um grupo muito, muito coeso. Sabiam o que queriam. [...] conversei com Rio Grande do Sul também e eles contaram muitas coisas que eles estavam tentando conseguir [...] (Frj4).

[...] foi uma troca de amizade bonita, eu interagi com Sergipe, Foz do Iguaçu. Então, se constrói também uma amizade boa. [...]. [...] troquei E-mail (com) Goiana, recebi de Mato Grosso do Sul, recebi da Bahia, recebi do Pará (Frj2).

Frj2 relata que as comunicações recebidas, inclusive de professores, versam sobre elogios à apresentação do seu trabalho e da dança que participou, admirados por ver uma idosa “[...] como eu, na idade que tenho, estar interagindo, estar participando de grupos dançando”.

A proximidade no Fórum facilita a construção e manutenção da amizade, inclusive por E-mail. Fica claro, no relato dos sujeitos, que a amizade, os direitos e a cidadania podem ser praticados em qualquer espaço. Para Gomes (1993), salões, cafés, casas editoras, academias, escolas, revistas, manifestos, a correspondência de intelectuais são espaços onde fermentam e circulam ideias. “As redes de sociabilidade [...] comportam tanto a amizade e a simpatia como a rivalidade e o ciúme” (p. 65).

O que facilita a construção da amizade nos Fóruns de Coordenadores: Apesar do tempo “corrido”, o encontro no coffee-brake, onde se conversa; momentos, fora das apresentações dos trabalhos; no almoço conversam; também é importante, a propensão por parte da pessoa.

O que dificulta a amizade na UnATI

Alunos idosos

A educação (falta de), o desrespeito, por se sentir superior.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

A instrução da pessoa, o nível intelectual; fingimento, falsidade, mentira; interferência da família como superproteção; introspecção.

O que dificulta a construção de amizades no Fórum: o tempo curto do evento e das apresentações.

Como mantêm a amizade

Alunos Idosos

Telefonando; visitando, dedicando trecho do livro que escreveu; em longas conversas, ajudando.

“[...] Hoje em dia é impossível, [...] na minha idade é um pouco difícil você fazer novas amizades porque a amizade demanda tempo para você conseguir estabelecer uma amizade sincera, ali presente [...]” (E3).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Com sinceridade; com respeito; em contatos por correio eletrônico e telefone, encontros, eventos, passeios, conversas na UnATI, nos Fóruns de coordenadores; convidando para movimentos.

Atividades junto com amizades

Alunos Idosos

Encontrar (no shopping, eventos, palestras), telefonar, marcar encontros, convivência; rir, conversar, fazer um lanchinho, passear; sair junto, ir a bailes, festas, “movimento musical”; lazer, futebol, reuniões, passeios, excursões, frequentar lugares para conquistar seus direitos; interagir com os colegas nos cursos da UnATI; assistir aulas; debater; participar de centros culturais, estudos.

“Com as amigas é bem melhor, faz um grupo, opinião, curtir juntas. [...]. Que te estende a mão, que te dá o ombro, não precisa ser monetário não, a presença já é uma amizade, eu considero assim” (E2).

Entretanto não se importam de sair sozinhas, até para ir ao baile, como D2 (Orquídea Lilás), que, assim esclarece:

“Saio, me produzo toda, vou para o meu baile, chego lá sento e fico ouvindo música que eu gosto muito ou dançando” (D2, Orquídea Lilás).

Entretanto, ela faz questão de dizer que:

“Aquilo eu não considero profissional, considero um aproveitador, então eu não pago, danço sozinha, fico lá, me divirto, depois venho embora. Mesmo sozinha eu to sempre acompanhada comigo mesma” (D2, Orquídea Lilás).

D4 (Bromélia) diz que sai com amigos, que:

“[...] pode ser um filho, namorado, grupo, podendo ficar com amigos” (D4 Bromélia).

A essa posição, D2 (Orquídea Lilás) se manifesta:

“Sim, o importante é ficar com o amigo, mas, se no momento, o amigo não pode por um motivo ou outro, você vai ficar em casa pra não ficar só, sem

companhia? Aí eu tenho a minha e vou embora comigo mesma” (D2, Orquídea Lilás).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Diversas atividades foram citadas: cinema, shopping, teatro, Bailes (Frj4, com as amizades do Samba), encontros de almoços e outros; passeios; na família (festas do final do ano e outras); centros de convivência; palestras; se diverte, excursões, se encontra de segunda a sexta na UnATI.

Profissionais

PROF7 raramente convida as amizades para a sua casa e é convidada para a casa das amizades e as conversas giram em torno: “da existência [...] humana.”

PROF8 gostaria de estar mais com as amizades, mas trocam presentes, telefona, almoça junto, frequenta lugares, eventos.

Estar a sós, em sua própria companhia, foi expressa por Hannah Arendt de forma positiva. Entretanto, a problemática do estar a sós, dialogando “entre eu e eu mesmo”, ou no “diálogo dos dois-em-um” é que, em primeiro lugar, para voltarem a se constituir em “um”, ou seja, para confirmar a sua identidade, “esses dois-em-um” dependem completamente de outras pessoas (Arendt, 2012, p. 528-29), para não ficarem isolados. Por outro lado, se isolados, os sujeitos perdem - como diz Arendt (2012) - o poder e a capacidade de política e de ação, além de, privados de ser vistos e ouvidos por outros.

A vida moderna, e os meios de comunicação de massa tornaram os relacionamentos efêmeros e obsoletos e considerados objetos de consumo e “um investimento”, desses relacionamentos se espera um “lucro” e satisfação instantânea (Bauman, 2004, p. 65). A rapidez do cotidiano incorporou à vida dos sujeitos todo um instrumental tecnológico de comunicação à distância para torná-la mais ágil: a Internet, o telefone fixo, o celular, o teclado do computador. Entretanto, os relacionamentos virtuais são frágeis, pois conectados em “rede”, sem compromisso nem lealdade, constituem laços sociais que se esgarçaram (Bauman, 2004, p. 78-113).

Nesse contexto, os idosos criam estratégias de encontros para buscarem amizades e atualizar seus conhecimentos, na UnATI/UERJ, para não se isolarem

em casa (Birman, 1995). Ocorre que, no mundo contemporâneo, as praças e as ruas que são espaços de movimentação, onde os amigos se encontram e as pessoas se mesclam em diversas atividades, foram substituídas pelo shopping center, verdadeiro templo de consumo e espaço “vazio de *significado*”¹²¹ onde não há a familiaridade da convivência social (Bauman, 2001, p. 115-20).

Acompanhando o raciocínio de Arendt (2002, c), dizemos que esses sujeitos, assim, lutam para defender o seu lugar no mundo, isto é, entre o passado e o futuro e tentam enfrentar a desconfiança, que, ao tornar todos estranhos e ameaçadores, enfraquece os fóruns de participação pública, assim como a cidade, onde os acordos são estabelecidos. Por outro lado, Bauman (2004) diagnostica que o líquido mundo moderno e pós-moderno transformou os homens “em cidadãos, portadores e praticantes de direitos”, mas dificultou a organização da sociedade para lutar por direitos sociais, por causa da descontinuidade das relações sociais (Bauman, 2004, p. 155).

Atividades da UnATI facilitam a amizade

Alunos idosos

A troca informações, conversas espontâneas na aula, a gente se liga, a gente combina atividades.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

O convívio, respeito, a conversa, afinidade, consideração, ombro amigo; sorriso; aproximação; abertura das pessoas; paciência; compreender o outro; cursos e oficinas; aulas, bailes; aulas de dança, teatro; as que têm mais conversas.

“Facilita demais. Muitas pessoas que eram sós [...] estavam em depressão por falta de amizade e hoje em dia estão ótimas. [...] conseguem se afastar de antidepressivos, remédios pra dormir [...] desse tipo de coisa” (Frj4).

Em seu relato, ela mostra a importância da amizade para a saúde.

“[...] Faz amigo em todo lugar, é só a gente querer fazer” (Frj5).

¹²¹ Grifos do original.

Amizade (da UnATI) é daquele tempo da escola pública [...] que você sabe que vai encontrar [...] aquele tipo de [...] brincadeira. Então a gente vem para a UnATI já sabendo o grupinho que você vai encontrar. [...] São assuntos diferentes. [...] É aquele [...] aquele encontro marcado, [...] vai trocar ideias, vai conversar. [...]”. Também, no workshop por que é mais uma atividade para eles se encontrarem [...], traz [...] qual o trabalho daquela aula que a gente não tem acesso (Frj4).

Profissionais

Para PROF7 e PROF8, a UnATI propicia a amizade para os idosos nas atividades da UnATI.

UnATI facilita realizar direitos

Idosos alunos

Sim, através da interação, conhecimentos, das orientações dadas pelos próprios professores, boa convivência, oferta de “várias atividades”, “informações”, do representante (de turma e geral de alunos); abre a mente e muda o comportamento; troca de ideias; informa sobre os nossos direitos, possibilitando “correr atrás”; a troca de conhecimento entre os idosos facilita a busca dos direitos e os fortalece; porque nos esclarece; mostra onde acessar os direitos.

Eu acho que só no estar na sala de aula com outras pessoas e conversando com o professor, eu acho que isso já adianta muito. [...] Embora eu tenha pouco tempo, mas eu me soltei um pouco (F8).

Ah, com certeza. [...] Pra isso, nós já recebemos, de cara, o Estatuto do Idoso. [...] Abrindo pra gente, horizontes que nós não tínhamos (F3).

O estudo do Estatuto [...] dá essa chance de se verificar o que está no papel e o que está na prática. Isso tem uma posição importante com relação ao que a UnATI se propõe, ou seja, o respeito ao Estatuto. [...] (Idoso F1).

Ela remete à participação e integração social, por meio das amigas de sala de aula e do professor. A UnATI facilita a realização de direitos transmite informações sobre esse tema e realiza debate sobre o Estatuto do Idoso.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Para Frj4: a UnATI propicia direitos, mas propõe mais informação sobre os direitos dos idosos.

Aqui é uma casa política também [...]. Os direitos [...] Só participando de reuniões, dos fóruns, cursos, palestras na UnATI (e fora dela) e tudo que diz respeito ao idoso ele tem que participar, pra você poder reclamar (Frj3).

Sim, por que é falado [...]. Mas, [...] o idoso, às vezes, não entende [...] a UnATI mostra [...] os caminhos para o idoso, para ele procurar os seus direitos. [...] Ele começa a descobrir que, não é porque ele é velho que ele não pode mais reclamar. [...] (Frj4).

[...] a UnATI te abre um horizonte [...] mostra [...] o Estatuto do Idoso [...] (Frj1).

A UnATI luta por [...] direitos dos idosos. [...] propicia para a gente fóruns e seminários muito inteligentes, para nós adquirirmos [...] sabedoria (Frj2).

Não, a UnATI nos dá [...] muita informação sobre os direitos, mas a minha base de vida, meu princípio de formação, de educação eu trouxe de lá, de antes (infância) (Frj5).

Embora não percebam, em seus relatos, os idosos dos Fóruns vão descrevendo e afirmando que a UnATI possibilita direitos e amplia a cidadania.

Profissionais

A UnATI facilita aos idosos conquistar direitos, para PROF7, atualmente, mais do que em seu início, pois:

“No início a UnATI era muito recreativa, hoje a gente tem mais profissionais que tem mais essa visão política, [...] (como) as assistentes sociais [...]” (PROF7).

Direitos e cidadania nos Fóruns de Coordenadores

Para os idosos dos Fóruns

Para Frj4, os Fóruns de Coordenadores ampliam a cidadania dos idosos, ao possibilitar a participação; atualização; “esclarecimentos das palestras”; levantar e falar, é uma “briga”; adquirindo experiência; conhecendo o direito dos idosos, inclusive:

[...] eles nos dão mais informações (sobre direitos). [...]. [...] como nós já temos a Carta, aquilo é mais um reforço. [...] Porque eu acho que o Fórum não tem grandes forças pra criar novos direitos e pra reforçar esses direitos, que nem sempre são fáceis de conseguir (Frj5).

Ao adquirirem novos conhecimentos nos Fóruns:

[...] vamos fortalecendo essa parte de cidadania, que nós temos que lutar por ela (Frj2).

Fórum, [...] é para uma elite. Você vê, que não tem acesso. Teria que ter uma verba para levar as pessoas. [...] (Frj4).

Profissionais

Fóruns de Coordenadores são importantes: “Para os direitos dos idosos [...] começa a ampliação da consciência deles” (PROF8).

Apesar de importantes para os direitos e para a cidadania dos idosos, apenas um grupo participa dos Fóruns, revelando exclusão.

A amizade construída na UnATI ajuda a realizar direitos

Idosos alunos

Especialmente pela socialização das informações inclusive dos programas para a terceira idade e:

Amizade, no sentido de unir, sim (G2, Girassol).

[...] conquistar direito nos lugares difíceis, de repente com um amigo lá dentro facilita bastante (D4, Bromélia).

[...] uma amizade mútua assim de ajuda, de abrir caminhos, [...] através dela, já vai beneficiar outros conhecimentos, outras pessoas. [...] É direito de saber alguma coisa que a gente deixou, esqueceu, deixou pra trás (F5).

[...] um amigo influente em um lugar que você tem pouco acesso e ele te ajudando, ali dentro, dá um bom empurrãozinho, é ótimo [...] e você vai passando, se informando, você vai adquirindo conhecimento para ter o benefício (D5, Magnólia).

Para os idosos as atividades da UnATI abrem caminho para a construção de amizades, mas se os amigos se unirem. Além disso, a UnATI precisa trabalhar mais a questão dos direitos, apesar disso, é a cidadania que facilita. Entretanto, para ter cidadania é necessário ser livre e se posicionar.

Idosos dos Fóruns de Ccoordenadores

Frj1 e Frj2 entendem que a amizade construída na UnATI não ajuda a realizar direitos, mas Frj5 afirma que: “Direitos, lógico”.

“[...] é um processo também [...] por que todo mundo vem pra cá pra se divertir. Não pensa nessa parte mais profunda. [...] que tem que ser mais trabalhada dentro da UnATI, essa parte “(Frj4).

Para Frj2 a amizade construída na UnATI não é profunda e essa forma de amizade só ajuda a adquirir direitos se “a gente tentar lutar”.

“[...] por que você sozinha não vai conquistar nada. [...] É de fato, você se agregando, você se unindo, você tem muito mais força [...]” (Frj4).

Para Frj3, a amizade não tem uma ligação com direitos, mas as amizades construídas na UnATI e nos Fóruns realizam direitos: “Com certeza, por que aí [...] tem vários segmentos. [...] Aí você vai conseguindo, se juntando aos amigos, você vai adquirindo outros direitos, que, às vezes, você nem sabe que tem” (Frj3).

Profissionais

Para PROF7, a amizade não facilita conquistar direitos. “É o exercício mesmo de cidadania que facilita isso.”

PROF7 mostra uma ligação da amizade com a Política Nacional do Idoso, ao elencar as interfaces desta Política com o bem-estar, com a amizade etc., nos Centros de Convivência. Vale recordar que a UnATI/UERJ também desenvolve suas atividades educativas em seu Centro de Convivência e nesse sentido favorece a amizade.

A amizade é um direito

Alunos Idosos

Embora G8 relate que, junto às amizades realiza direitos, a amizade para ela não é um direito.

Entretanto:

Como gregário que somos, passa a ser um direito (Idoso F1).

É um direito da gente, ter amizade. Nós, individualmente, é que temos que ter esse direito de ter amizade, de saber conquistar (F5).

Deveria ser um direito, mas não pode, não tem como, porque é um direito meu se eu quiser ser amigo daquela pessoa, mas eu não posso obrigar ninguém a ser meu amigo (D4, Bromélia).

É um direito sim, a amizade e a gente tem que respeitar, ainda mais no idoso [...] (D5, Magnólia).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Amizade não é um direito, para Frj1 e Frj2. Frj1, assim, esclarece:

Não. Eu não posso obrigar ninguém a ser meu amigo. Ninguém pode me obrigar a ser amigo. Então eu acho que não é direito, eu acho que amizade é mais uma conquista do que um direito (Frj1).

É um direito. Eu acho que todos nós temos direito de uma amizade (Frj4).

As opiniões são controversas, mas o idoso F1 entende que o fato de sermos gregários, já faz da amizade um direito.

Ser cidadão

Alunos Idosos

Para as idosas ser cidadão é participar com direitos e deveres, obrigações, respeitar o espaço do outro, contribuir na sociedade e na família; é “uma pessoa superior” (G1). Além disso:

Estar na sociedade, exercendo seus direitos assegurados (F3).

Participar uma amizade com cidadania, quer dizer, você se informou, você está participando com alguém com aquela informação que você tem. Isso é ser cidadão (D1, Angélica).

No [...] momento eleitoral, [...] é um direito do cidadão participar [...], [...], que venha trazer benefícios para o país, o mundo, [...] viver bem em tudo, por tudo (D3, Lírio).

Quando a gente nasce, nasce um cidadão, mas isso se oficializa a partir dos documentos [...] (D4, Bromélia).

Em seu relato, que mostra uma crítica, D4 (Bromélia) expressa que além da natalidade significar a condição de cidadão, sua oficialização representa uma forma de reconhecimento.

Segundo Dallari (1984), não há consenso sobre o conceito de cidadão, por ser “mal definido, ambíguo e é utilizado com diferentes sentidos”. Entretanto, o vínculo jurídico e a capacidade para exercer os direitos políticos torna o homem um cidadão de um Estado. A cidadania, geralmente concebida, a partir dessas duas prerrogativas, mostra que, enquanto os “direitos da pessoa” (sem registro civil e analfabetos) são mais antigos que a sociedade, “os direitos do cidadão só nascem com a cidade e não podem ser concebidos sem ela” (Dallari, 1984, p. 61-62).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

A fala recorrente entre os idosos é: participar de atividade para o benefício da sociedade; pessoa que convive em sociedade de qualquer classe, de qualquer nível.

“[...] o cidadão idoso [...] representa o mundo vivido. [...]. O idoso é um cidadão do mundo porque ele continua a viver nesse planeta e tem que ser respeitado” (Frj2).

Profissionais

PROF7: “respeitar e fazer-se respeitar”.

O que é cidadania

Alunos Idosos

Categorias: trabalhar pra sempre melhorar; estar sempre bem informado; repassar para a sua amizade; participar; fazer parte de tudo; usufruir daquilo que lhe é de direito; contribuir; pagar seus impostos; buscar os direitos; direito de ir e vir; liberdade, poder entrar nos lugares.

[...] amizade entre as pessoas, independente de você não conhecer a pessoa. Se o fulano for amigo, ele vai ser tão solidário com você e ele acha que é um direito que ele tem e vai ter durante algum tempo, mas isso não acontece (F4).

Cidadania é estar interligado, exatamente, é você ter o direito de ter direito (D2, Orquídea Lilás).

Cidadania [...] é ter seu direito, lutar pelos seus direitos, fazendo com que seja benéfico [...], porque [...] para quem a gente tem amizade, a gente vai querer o melhor (D3, Lírrio).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Cidadania é: lutar, “exigir os direitos e ver pelas leis”; ajudar o seu amigo com uma palavra, sair junto, convidar pra um passeio; participar; ter direitos respeitados. “O idoso tem direito à cidadania, tem direito à saúde, tem direito ao trabalho também. [...]de se sentir útil. [...] Por que quando o idoso sente, que acabou a vida para ele por que ele se aposentou, [...] acabou também a cidadania. [...]” (Frj4).

Profissionais

Cidadania: “É a plena consciência dos direitos e dos deveres.” (PROF7).

Os relatos se assemelham e falam do direito a ter direitos arendtianos, que é a sua concepção de cidadania.

A cidadania está ligada à política

Para os idosos a cidadania está ligada à política, quando se cuida da cidade, em momento de eleições, na divulgação da UnATI, no repasse dos conhecimentos obtidos.

Há o interesse pela população idosa nas eleições.

“[...] toda hora você ouve falar em cidadania, direito do idoso, direito da criança “(Frj4).

A amizade é importante como ajuda e como política com “muitas pessoas ao seu redor”, você pode reivindicar a justiça, para (Frj3).

Matos (2008, p. 76) esclarece que, desde a “Grécia arcaica até nós, a amizade é um valor de puro afeto, possibilidade do amor social e político, lei essencial e elementar da sociabilidade, do respeito recíproco em um mundo compartilhado”.¹²² E, baseada nos autores referenciados nestas notas, esta autora diz que na experiência de uma cidade indivisa como a Grécia, “os homens e todos os seres do universo se reúnem pelo laço da amizade” (p.76). Matos (2008, p. 76) assim se refere à amizade como “dimensão da convivência humana em que há boa educação, leis justas e cidadãos virtuosos”.

De fato, o que se depreende dos estudos de Arendt (2002a; 2002b, 2008), é que a amizade une, agrega os cidadãos em torno de uma pólis e possibilita que estes sujeitos voltem seus interesses para os problemas da sua cidade, tirando-os da exclusão social, pelo diálogo plural. No dizer de Matos (2008), só a força da amizade impede que “as diferenças de posses, fama e honras dividam os amigos, pois o que é de cada um é de todos e todos agem para que cada um seja o que é e tenha o que tem por uma reciprocidade entre iguais” (p. 78).

¹²² “Cf., por exemplo, Platão, em **O banquete**; Aristóteles, na **Ética a Nicômaco**; Epicuro, nas **Cartas a Meneceu**; Sêneca, na **Carta a Lucílio**; Cícero, em **Dos deveres**; La Boétie, no **Discurso da servidão voluntária**; Montaigne, nos **Ensaio**s; Espinosa, na **Ética**; Voltaire, no **Dicionário filosófico**; Kant, na **Fundamentação da metafísica dos costumes**; Nietzsche, em **Assim falava Zaratustra**; Kierkegaard, em **Vida e reino do amor**; Max Scheller, em **Natureza e formas da simpatia**; Durkheim, em **A divisão do trabalho social**; Freud, nas **Considerações sobre a guerra e a morte**; Bataille, em **O erotismo**; Reich, em **A análise caracterial**; Eric Fromm, em **A arte de amar**; Jankélévitch, no **Tratado das virtudes**; Horkheimer, em **Schopenhauer e a sociedade**; Hannah Arendt, em **A condição humana**; Popper, em **A sociedade aberta e seus inimigos**; Derrida, em **Politiques de l'amitié, psyché**; Lévinas, em **Totalité et infini**, entre outros” (apud MATOS, 2008, p. 76).

O que é política e quem pode praticá-la

Alunos Idosos

Quando os idosos relatam sobre a política, geralmente e, sem perceber, remetem ao político e quando sinalizamos essa associação, temos como resposta, por exemplo, as perguntas de G1: “Mas não é dos políticos que você queria falar? Ou é da política?”

Política é tudo que convivemos aqui na face da terra. A política é a arte [...] de administrar bem. [...] para todos nós simultaneamente. [...] sem nenhum privilégio. Então política é confundida muito com politicagem. [...] A política, política na origem e terminologia da palavra é uma coisa. Agora a politicagem [...] interfere na ação política e deveria ser real e tão bela quanto a expressão, mas infelizmente a sociedade não acompanha, né? (H1).

A política é importante e está em todo lugar, mas nem toda política é confiável. Deve ser exercitada em grupo, para conhecer as necessidades, podendo ser criticada para melhorar. Os cursos da UnATI possibilitam o exercício da política, porque: “abre a mentalidade” informa sobre os direitos dos idosos e como acessá-los.

As definições de política compreendem: participar, compreender, procurar descobrir, conhecer, votar; ficar atenta nas promessas e ver quem cumpre, analisar, ajudar, contribuir, reclamar nos órgãos competentes; um monte de mentira que se escuta no dia-a-dia; um caso muito sério; procurar ter mais a dignidade, respeito e amor; uma coisa tão ruim; pra mim é terrível.

“[...] não gosto de falar sobre política, nem a boa e nem a ruim porque para mim está tudo ruim”(D1, Angélica).

D3 (Lírio), que só agora está interessada em :

[...] aprender negócio de política, mas eu estou vendo agora a importância da gente procurar nossos direitos, mas, pra isso, a gente tem que tá por dentro de tudo [...]. [...] Por isso da importância de debates, de orientações, de grupos, de haver representantes pra ir passando [...] (D3, Lírio).

Bom, eu acho que viver já é um ato político. Eu acho que se nós somos pagadores de impostos nós temos também o direito de receber isso em troca [...]. [...] Quando fala assim: o que é política? Ele (povo) está apontando o político, [...] que ele viu corrupto na televisão ontem. [...] (G2, Girassol).

Eu acho que pessoas que vão pensar no futuro da gente [...] (F8).

Nós mesmos [...] E o próprio povo se organizando pra poder reivindicar, mas não é reivindicar pra fazer baderna... [...] E saber [...] o fórum indicado pra que se vá e peça, reivindique e pressione para que aquilo seja realizado (G2, Girassol).

Os idosos remetem sempre, à política de representação, que é própria dos regimes democráticos, uma vez que todas as pessoas não conseguem estar em todos lugares e instituições ao mesmo tempo. Portanto a representação “[...] é necessária porque a rede da vida social moderna frequentemente vincula a ação de pessoas e instituições num determinado local a processos que se dão em muitos outros locais e instituições” (Young, 2006, p. 144). Vejamos como ela se expressa sobre a representação: “A representação política não deve ser pensada como uma relação de identidade ou substituição, mas como um processo que envolve uma relação mediada dos eleitores entre si e com um representante” (p. 148). Para uma representação mais participativa, e um aprofundamento da democracia, esta autora propõe a participação em associações, que são formadas “de acordo com os interesses, opiniões e perspectivas que (os sujeitos) consideram importantes” (p. 187).

Além da política como um todo, sobretudo, a política representativa das instituições, a fala de G2 incentiva à organização para lutar pela realização dos direitos dos idosos. Entretanto, os sujeitos só conseguem tal organização, se houver liberdade, condição *sine qua non* da política e que constitui “[...] o verdadeiro motivo pela qual a convivência humana organizada tem sentido” (Arendt, 2002 c, p. 191-201). Trata-se do processo da ação que surpreende, sendo transgressora, posto que, ao ser realizado pelo diálogo, debatendo os direitos, gera amizades com as pessoas envolvidas, assim transpõe fronteiras (Arendt, 2002 b, p. 142-43).

Através dos atos e da palavra falada na disposição do seu corpo e no som da sua voz, os agentes livres revelam as suas “identidades pessoais e singulares”, apresentando-se aos demais sujeitos interligados (Arendt, 2002 a, p. 195). Entretanto, ao revelar o “quem”, implícito “em tudo o que se diz ou faz” (Arendt, 2002 b, p. 192) é preciso confiar nas pessoas inseridas na trama de relações (Arendt, 2002 a, p. 31).

[...] a política do povo, que o povo precisa, o que o povo quer, mas que não sabe reivindicar somos nós aqui, o povão, que está trabalhando no dia-a-dia, que está lá, trabalha de oito da manhã às cinco da tarde, pega seu ônibus e leva três horas pra ir e três horas pra voltar, entendeu, e está ali sofrendo calado porque também não sabe. [...] (G2, Girassol).

Após o diagnóstico de G2, no mês de junho de 2013, “o povo acordou” e realizou uma campanha de rua, denominada de “Passe Livre”, por meio de marchas por todo o país, contra o reajuste de R\$ 0,20 nas passagens de ônibus urbanos, pedindo sua revogação. Essa manifestação reuniu uma pluralidade de sujeitos, inclusive idosos e já mostra alguns resultados importantes, especialmente a revogação do reajuste e aparente motivador desse movimento social, veiculado nas mídias.¹²³

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Política é tomar decisões; é tudo; consciência da sua cidadania e pode ser praticada por qualquer pessoa e:

Qualquer cidadão esclarecido (Frj5).

[...] Todo mundo é político. [...] você sempre reclama de alguma coisa que não está boa no seu país. [...] (Frj3).

[...] hoje em dia, pra falar de política, está muito difícil. Por que eu acho que eles acham que o cidadão tem mais deveres e eles, mais direitos. [...] Está muito triste (Frj5).

[...] a gente já nasce fazendo política por que, na medida em que você chora pela primeira vez, é dizendo que está com fome [...] é política. [...] você não para nunca de fazer política. Até sem sentir você faz política (Frj1).

Política é [...] defender o seu pensamento [...] e tentar convencer o outro que você está fazendo o melhor, [...] vai fazer o melhor, que você é melhor (Frj4).

¹²³ Essa manifestação política, com repercussão internacional, também mobilizou brasileiros em alguns países, como alguns residentes em Berlim na Alemanha. A Presidente Dilma Rousseff se pronunciou, defendendo o seu governo “contra os protestos”, através dos quais declarou que “o governo ouve as ‘vozes pela mudança’”. Segundo a reportagem de “O Globo” de 18 de junho de 2013, de autoria de Catarina Alencastro e Luiza Damé: “A presidente afirmou que a mensagem das ruas, além de reivindicar melhores serviços públicos, condena a corrupção e o mau uso dos recursos públicos.”

Esta compreensão de política remete à natalidade que é imprescindível para a concepção de política de Arendt (2002 a), pois representa a inovação, uma ação pelo diálogo. Além disso, a natalidade, “atividade política por excelência”, que se realiza na comunhão dos homens, não pode prescindir da pluralidade, pois inaugurando um mundo novo, “sem precedentes”, constitui assim a “categoria central do pensamento político” (Arendt, 2002 a, p. 17).

Profissionais

PROF7 e PROF8 entendem que a política está em todo lugar e, para PROF7 é:

“[...] consciência crítica dos direitos” (PROF7).

Em seus relatos, os idosos aproximam-se da opinião dos demais sujeitos e das ideias de Arendt (2007). Esta autora afirma que a política trata da convivência entre sujeitos diferentes que em comum se organizam.

Formas de política

Alunos Idosos

Os idosos mostram as formas de política: política em qualquer lugar; a política partidária, elegendo um representante; politicagem; da vizinhança; política do baile, que é o pagamento do dançarino para poder dançar o tempo que quiser com o profissional da sua escolha.

A tendência dos idosos foi se referir à política partidária e, quando comentamos com F8, ela diz: “É. Essa que está mais presente.” Mas tem as políticas sociais e na família com diálogo, união, mas necessita de liderança.

A politicagem foi definida como convencimento ou persuasão e se contrapõe à política arendtiana. Vejamos o que diz D4 (Bromélia), é:

“Direcionar um grupo dentro daquele grupo maior, para só dar atenção a ele” (D4, Bromélia).

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Formas: o voto; partidária; convencer o outro, política na família criando estratégias, na escola, na Igreja, na UnATI, escolhendo os representantes de alunos; a representação de alunos; “política séria” ou “política sã”. É exercitada, por meio de conversas, debates, participação.

Sobre a forma de política, assim explicita Frj1:

Tem a política séria, em que você se coloca como o fiel da balança, não pende nem pra um lado nem para o outro para poder tomar a decisão certa. Essa é a política fundamental. É aquela política que o Barão do Rio Branco disse lá atrás - a sã política. E tem a política partidária em que cada um puxa a brasa para a sua sardinha e tem a política que não é política é a politicagem [...] (Frj1).

A representação de alunos é política, segundo Frj2:

“Política, não política partidária. Política, porque nesse tempo todo nós lutamos muito, [...] e já chegamos a alguns consensos.”

Profissionais

Há várias formas de política para PROF7: partidária e a organização social são praticadas em reuniões. Esta última é um movimento político “[...] mais coletivo”. A “política de direito” é realizada no debate acessando os organismos de direitos, em assembleias; “política como função teórica faz parte da existência”, “nor-teia os nossos caminhos”, é praticada “[...] discutindo propostas, a luta por melhores condições de trabalho e outras, pela reflexão”.

PROF8 apresenta 4 formas de política: política da interação ou do dia-a-dia; a política da boa vizinhança, que é saber lidar; politicagem, “candidatos prometem e não cumprem”; política da tomada de posição”.

Para Arendt (2002 a), “Todos os aspectos da condição humana têm relação com a política [...]”, no momento em que são transformadas, desprivatizadas e desindividualizadas, até mesmo as questões da intimidade (paixões, pensamentos, deleites), saindo assim da obscuridade e da incerteza, ao serem vistas e ouvidas por todos, pois:

Toda vez que falamos de coisas que só podem ser experimentadas na privatividade ou na intimidade, trazemo-las para uma esfera na qual assumirão uma espécie de realidade que, a despeito da sua intensidade, elas jamais poderiam ter tido antes. A presença de outros que vêem o que vemos e que ouvem o que ouvimos garante-nos a realidade do mundo e de nós mesmos [...] (Arendt, 2002 a, p. 60).

Por isso, esses sujeitos tendem à política partidária, pois o discurso que torna o homem político, e cuja relevância transforma as questões em política arendtiana, não é o discurso que os idosos conhecem no cotidiano da política brasileira, mas um discurso para a obtenção do voto.

Exercício e ampliação da cidadania

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Fazendo um bem a outra pessoa, em conversas em grupos, fazendo amizades, informando e divulgando e levando as amizades para a UnATI, ajudando a mudar, com responsabilidade, incentivando a participação das amizades, para possibilitar novos conhecimentos.

Estas formas de cidadania associam a amizade com a política Trazer pessoas, mobilizar, para Frj4 também: “É uma política.”

Aspecto político da amizade

Idosos alunos

Apenas três idosos disseram que amizade não tem um aspecto político.

Para H5, a amizade tem uma ligação com as políticas públicas, como os equipamentos colocados pela Prefeitura nas praças para atividades físicas.

Para F8, a amizade é importante para praticar a política que faz na vizinhança e mostra a importância da sinceridade na amizade:

[...] falo para a pessoa o que eu gosto, o que eu não gosto, o que está certo, o que está errado (F8).

Acho que tem. Eu acho que esse trabalho mesmo de conscientização de um falar para o outro [...] unir e construir uma coisa melhor, reivindicar. [...] Então eu

acho que, a partir da informação que se tem agora, [...] a gente pode se unir, sim, nesse sentido político. [...] (G2).

Eu acho que tem sim porque [...] você está com seu grupo de amigo, [...] conversando, [...] trocando ideia não deixa de ser uma [...] forma de política (D1, Angélica).

Arendt (2003) mostrou que a sociedade se acostumou a perceber a amizade apenas como abertura de corações e, não, voltada para o mundo, como na Grécia, onde a essência da amizade consistia no discurso e no intercâmbio de conversas que uniam os cidadãos numa *polis*. “No discurso, tornavam-se manifestas a importância política da amizade e a qualidade humana própria a ela” (p. 31).

D5 (Magnólia) assim esclarece:

Porque cada qual dá a sua opinião, embora não entenda, [...] diante daquilo que a gente vê. Então até com amigo a gente conversa sobre política [...]. Esse prefeito que não cuida da nossa rua [...]. Já é um desabafo, aí a amiga dá uma força [...].

A maioria das idosas diz que gosta e considera muito importante sair em companhia das amigas nessa fase da vida e mostram, o elemento político da amizade arendtiana.

A amizade tem uma influência na política ou no fazer político:

“Se nós nos unirmos, nós vamos conseguir sim. Porque, quando começa a gritar eles ouvem (G2, Girassol). A amizade é literalmente política” (F7).

Amizade é “essencial”, é “fundamental para a vida da gente” porque possibilita “viver na paz e na harmonia com tudo e com todos”; amigas verdadeiras possibilitam “sobreviver aos percalços, aos obstáculos do dia-a-dia”.

[...] amizade ela deveria ser o princípio de todo e qualquer relacionamento. [...] Eu acho que o amigo cuida [...]. [...] Amizade vem de longe, amizade acompanha a gente a vida inteira [...]. Quando é amigo de verdade a amizade não acaba (D4, Bromélia).

Mostram a importância da amizade, ao mesmo tempo em que discorrem sobre o seu exercício, especialmente no cuidado do outro, logo, do mundo, como

valoriza Arendt (2002 a). A amizade ajuda nos momentos difíceis e beneficia a comunidade na sua perspectiva política, tal como entende Arendt (2007).

Idosos do Fórum de Coordenadores

Para Frj1, “não tem”. Para Frj5: “É, eu acho”. Entretanto, ao associar com as questões que a mídia tem apresentado sobre a política brasileira, ela diz: “É, não”. “Eu estou muito decepcionada com as pessoas e com a política”.

Tem, [...] na conversa, nas atitudes dos outros [...] Vai abrindo a mente [...] nesse diálogo, aí, dos idosos (Frj4).

Na UnATI, eu acho que o ponto mais assim, gritante mesmo é que o idoso vem para cá para se divertir, para ter o outro aí perto, para ficar telefonando [...]. Eu acho que isso vem em segundo plano. A parte de direitos, deveres [...]. Depois que ele está dançando, que ele dança. Se você falar, ele até vai pensar. Mas ele não vem em busca disso [...]. [...] Ele vem em busca de outra coisa e aqui dentro ele começa a descobrir essas coisas mais profundas, nas palestras e nas outras atividades (Frj4).

Um aspecto político não, nem partidário, não. Amizade é amizade. Aí [...] a gente ter adesão, adesão [...] de participação. [...] Para adesão, o companheirismo é diferente de amizade. O companheiro está ali lutando pelas nossas causas. E tem aquele que é companheiro e é amigo, são diferentes (Frj2).

Frj4 revela que o idoso busca a UnATI para dançar, expressando-se pela cultura, que é um direito afirmado no Estatuto do Idoso. Frj2 marca a diferença entre companheiro e amigo. São diferentes, porque é na diferença que a amizade é construída e na rua, na praça, nos cafés e em outros espaços plurais, não no shopping center nem nos condomínios fechados, espaços de segurança ilusória. No espaço público intensificamos as teias de amizade e a política, espaço de risco, pela imprevisibilidade e irreversibilidade desta última (Arendt, 2007).

Profissionais

Segundo esclarece PROF7, os idosos da UnATI:

“[...] não entendem [...] que existe uma política pública que facilitou, que propiciou, que fomentou a existência de um espaço como esse [UnATI]. [...] E eles [...] não se entendem como ser político, [...] ainda.”

Apesar de utilizar “[...] recursos didáticos [...] facilitadores [...] para a compreensão da lei [...].”

PROF7 relata a dificuldade do estudo, pelos idosos, da “[...] Política Nacional do Idoso, o Estatuto e a Política de Saúde [...] ainda assim, eles não entendem isso como um acesso à cidadania” (PROF7).

Apesar da avaliação de PROF7, os idosos expressam a importância do Estatuto do Idoso para o conhecimento e a reivindicação dos seus direitos. Mostram-se atores políticos, manifestando as suas opiniões nas reuniões, possibilitam, como diz Arendt (2002b) ver o mundo, segundo a perspectiva dos outros sujeitos, como nos relatos a seguir.

Para PROF8, a amizade constitui um vínculo: “Afetivo.”

Como há uma interação no exercício da amizade, segundo PROF8:

“É uma amizade política” (PROF8).

Os sujeitos mostram que a amizade é uma prática que tem como *loci*, os espaços da casa, na interação em que também se troca afeto com os parentes, os compadres e os amigos e, na sociabilidade da esfera pública (Arendt, 2002a) - da praça e da rua - onde encontramos, reunimos, nos divertimos, brincamos e assistimos o carnaval carioca, participamos e reivindicamos com nossos amigos, verdadeiros “companheiros de fé” (DaMatta, 1997, p. 103).

Expressam uma decepção com a política que tem se tornado um desafio na cidade do Rio de Janeiro. Além disso, a interação com outros sujeitos, bairros, serviços sociais e outros espaços, vem sendo efetuada de forma fragmentada, pois, esta cidade-capital, gera profundas desigualdades, no momento em que não conseguiu atender as necessidades de todos os seus cidadãos “com bens e serviços públicos de qualidade” (Honorato, 2013, p. 95).¹²⁴

Essa desigualdade revelada de uma forma marcante também diz respeito aos tradicionais espaços de sociabilidade, onde o encontro face-a-face possibilita a

¹²⁴ Para uma observação mais apropriada, basta: “Comparar a qualidade dos serviços públicos que são oferecidos nos bairros de classe média alta com aqueles de predomínio de habitações populares - mesmo quando estes são territórios contíguos em que você sai de um e penetra no outro com muita rapidez - o que nos leva a percepção do quanto desiguais são as relações entre o Estado e os cidadãos” (p. 95).

constituição de amizades, até da população idosa. Espaços estes que vêm enfraquecendo, enquanto esfera pública e são substituídos, como mostra Bauman (2001), pelo shopping center onde as pessoas vão se refugiar, consumindo, mas sem a possibilidade de acesso de todos os sujeitos. Esse acesso desigual mostra que os idosos, no Rio de Janeiro, convivem com várias formas de exercício de amizade e de cidadania, ainda mais, com a interação de diversas culturas que os processos migratórios possibilitaram.

Além disso, a insegurança e o medo da violência urbana das ruas é uma realidade da vida cotidiana do homem simples que: “Já não pode mais usar a praça e os outros locais de sociabilidade” (Honorato, 2013, p. 99). Ainda assim, os sujeitos idosos resistem e se fazem presentes nos programas e atividades destinadas à terceira idade, construindo novas amizades, inclusive com uma dimensão política.

Aspecto político da amizade nos Fóruns de Coordenadores

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

“Sim. Ali, [...] é tudo colocado com estratégias, como político mesmo, de partido, partidário. Eu acho. Sim. Então é cada um puxando a sardinha para o seu lado” (Frj4).

Profissionais

“[...] os laços afetivos ficam mais fortalecidos [...] também para reivindicar direitos. [...]” “Eles se sentem mais empoderados” (PROF8).

Seu relato mostra que a amizade nos Fóruns fortalece os idosos para reivindicarem seus direitos, expressando assim um aspecto político da amizade.

Segundo Gohn (2004), o significado da categoria “empowerment” ou empoderamento como vem sendo compreendida no Brasil, pode referir-se a dois tipos de processos: “ao processo de mobilizações e práticas destinadas a promover e impulsionar grupos e comunidades”.¹²⁵ A expressão dos sujeitos idosos nos

¹²⁵ O segundo processo corresponde a ações que promovam a “integração dos excluídos, carentes e demandatários de bens elementares à sobrevivência, serviços públicos, [...] etc.”, em contextos que

Fóruns de Coordenadores prende-se a este processo, pois compreende a participação na esfera pública, e a luta pelos direitos sociais para a geração idosa.

Relação entre amizade e cidadania

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

“Lógico, muito. [...] Nós temos que conviver, não é, sobreviver e conviver com os cidadãos em sociedade” (Frj5).

Profissionais

A amizade não tem ligação com a cidadania, nem com direitos, para PROF7, entretanto:

Com a política, talvez, porque [...] a Política Nacional (do Idoso) [...] fomenta [...] a criação de Centros de Convivência. [...] Quanto mais Centros de Convivência, mais a gente vai estimular o envelhecimento saudável, a promoção da saúde. E a promoção da saúde é um todo [...]: é amizade, é cuidar da saúde, é se alimentar, é fazer atividade física, é cultivar a família, é um todo, não é. Então, nesse sentido, eu acho, sim (PROF7).

Ao associar a saúde, a PNI, a amizade, PROF7 mostra que a amizade tem ligação com a cidadania.

Fóruns de Coordenadores têm relação com a política

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Sempre tem, uma parte política. [...] Ajudando o idoso a participar (Frj3).

[...] os fóruns têm uma relação com a política. [...] No sentido de mudança. Uma política de mudança, [...] de melhoria mesmo que possa dar ao idoso (Frj4).

Partindo do princípio que idoso, eu considero assim, é mais uma classe social porque quem está numa classe mais acima não se influencia, não precisa desses estatutos [...]. [...]. A nossa classe social é que depende, às vezes, deles, desses benefícios, dessa Carta aí, desses direitos (Frj5).

não contribuem para organizá-los. O principal fator que diferencia os dois tipos de processos “é a natureza, o caráter e o sentido do projeto social da (s) instituição (s) que promove (m) o processo de intervenção social” (p. 23).

Além disso,

Eu acho que agora eles estão cuidando muito da situação [...] dos idosos sem dependência. [...] As políticas sociais. [...] Com atividades, enfim. Essa classe de idoso necessitada, sem condição, eu acho que ainda não está sendo cuidada. [...] Porque o idoso depois que passa pra dependência é que não está sendo cuidada (Frj5).

Seu relato mostra avanços das políticas sociais, tímido e tardio, só “agora”. Destaca quatro classes de idosos: os “dependentes” e os “sem dependência”, os da “classe mais acima” e a classe “necessitada”. É claro que ela fala de forma crítica e ética sobre os cuidados na velhice e, sem perceber, aponta para um cuidado com o mundo, segundo ideias de Arendt (2002 a).

A política foi associada, pelos idosos, à política social e, para Frj5, os idosos constituem uma classe social, expressando que as questões do envelhecimento estão para além da classe econômica, pois também está articulada à questão geracional. Esta questão coincide com o pensamento de Motta (2005) sobre a especificidade do “ser velho”, cuja força conjuga “duas posições identitárias”: a geracional, enquanto idade, e a de gênero, enquanto mulher, considerando a classe menos definidora neste contexto, uma vez que a “problemática da velhice é, com poucas variações, comum a todos”. Nesse sentido, considera que as questões do envelhecimento articulam classe, raça, gênero, idade e geração, como questões analíticas imbricadas.

Profissionais

Sim. (mas) [...] precisa [...] de maior participação deles (idosos) (PROF8).

Entretanto ressalta que nunca participou das assembleias dos alunos idosos.

O cuidado na velhice foi estudado por Ambrosio (2012) que observou serem “[...] significativamente as mulheres que cuidam”, inclusive dos maridos e das suas mães idosas. A dificuldade do ato de cuidar, que estas condições revelam “merece atenção”, representando “uma preocupação” fundamental, “visto que cuidar significa antes de qualquer coisa, um conjunto de ações”, como dedicação,

participação “em suas buscas, sucessos, sofrimentos, enfim de sua vida. O cuidador sai de si e centra-se no outro” (Ambrosio, 2012, p. 299).

Mais que um ato, essa “atitude diante da necessidade do outro” envolvendo, entre outros fatores, responsabilidade e afeto (Ambrosio, 2012, p. 302), configura-se como ação política, pois cuidando do outro, que no estudo desta autora compreende os idosos, os sujeitos cuidam do mundo.

Freitas (2012) mostra que a Política, segundo a compreensão arendtiana, “pela perspectiva do Amor Mundi assinala o respeito como valor que vincula os homens num mundo de infinita diversidade de aparências” (p. 237). Defende que “[...] a defesa do interesse comum é uma exigência para a realização democrática”. Especialmente para o Brasil, onde ainda convivemos com

[...] relações autoritárias, de hierarquias e de opressões, o interesse comum envolve as questões dos menos favorecidos: os pobres, as minorias, aqueles que são discriminados por questões de idade, etnia, orientação sexual, religiosas, dentre outras. Ou seja, aqueles que ainda não têm o “direito a ter direito” (p. 238).

Neste contexto, diz Freitas (20), Hannah Arendt põe em cena, a desafiante “construção de uma responsabilidade partilhada em resposta aos modos de sociabilidade que coisificam, isolam e desumanizam as pessoas” (p. 238). Daí a importância da liberdade, para a existência política dos sujeitos, que compreende o Amor Mundi, que, na ideia arendtiana é a “razão de ser da Política” (Freitas, p. 243).

A solidariedade foi associada pelos idosos, desta pesquisa, como uma forma de exercício da amizade e este vínculo foi visto como possibilidade de justiça, no que se refere à garantia dos direitos. Em nossa compreensão arendtiana, amar ao mundo significa cuidar do mundo e ultrapassa o cuidado instrumental, uma das perspectivas da tarefa do cuidador.

Portanto, o que os idosos parecem alertar, em seus depoimentos e, a preocupação que os profissionais expressam, é que, realizar direitos para si, para os demais idosos e outras gerações e, ampliar a participação nas ações que informam os direitos, constitui um cuidado com o mundo. Este Amor Mundi, tal como estudado por Freitas (2012), é, como observamos nas falas dos idosos, a amizade que vem possibilitar.

Mudanças na UnATI

Idosos alunos

Ao mostrar as mudanças obtidas na participação na UnATI, os idosos relatam: estão amadurecendo, procurando me ver e ver as pessoas, mais calma, mais observadora, andar com mais segurança, me inserindo mais em grupos que cantam, diminuiu a timidez (me sentindo mais solta, fui me soltando, mais extrovertida); interagindo com a turma (conhecendo as pessoas e muitas pessoas), com liberdade de ação, a gente vai tomando outra posição; ampliou conhecimentos (aprendendo muita coisa; melhorei no conhecimento); me sentindo mais fortalecida (mais segura); muito esperançosa; diálogo (conversar mais com as pessoas); agora sou esperta; que não deve se omitir; tolerância; procurando ouvir mais (esperar o outro falar, para se posicionar); ampliando sua cidadania (conhecendo os direitos dos idosos); saindo mais”; adquirindo alegria de viver; consciência da condição de aposentada; consciência da velhice; fazendo muita amizade e aprendendo muito; se sente valorizada.

[...] não é só o externo que muda, é o de dentro. É o que sai de dentro de você: o seu coração e a sua mente. [...] é outro posicionamento. [...] Eu [...] estou desmistificando, eu estou despreconceituando (F4).

[...] a liberdade hoje de saber que eu tenho uma sensibilidade que está sendo resgatada pela palavra amizade. [...] (Idoso F1).

[...] através de amizade [...] Estou aprendendo mais coisas que estão me interessando [...] (F5).

[...] Essa oportunidade [...] De estar [...] na UERJ [...] numa universidade (sente-se) Super-bem. Supervvalorizada [...] Super-respeitada (H5).

Além de se sentirem valorizados e ampliando a sua cidadania, os sujeitos revelam que é necessário uma mudança interna, para experimentarem uma mudança externa. Falam também da importância da sua participação na cultura - grupos que cantam -, posicionando-se através desta forma de expressão, que é política. Quebram preconceito e relatam a importância da amizade para a aquisição de novas aprendizagens.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

A partir das atividades diversas da UnATI, como brincadeiras, encontros, aulas, oficinas, workshop, os idosos construíram novas amizades, mesmo “pequenas”; “eu me expandi muito”; aumentou o limite de paciência e de compreensão; abriu fronteiras; conhecimento com pessoas de “esferas” diversas; se alimentam melhor, mudança como pessoa; melhora na ansiedade,

“[...] conquistar o meu [...] espaço, minha vida, [...] coisas que eu gosto [...] dançar [...] conversar [...] trocar ideias. [...]” (Frj4).

Esclarece que amizades pequenas são as construídas ao longo dos anos, mas não são aprofundadas.

“[...] essa busca de troca, de querer ajudar o outro. Isso é muito bom, aqui na UnATI [...] e você vai aprendendo no dia-a-dia, [...] a se posicionar” (Frj4).

Os relatos entre os grupos de sujeitos mostram uma aproximação. Sem perceber, falam do exercício político, ao se posicionarem. Como a amizade tem uma relação com a cidadania, então ajuda a realizar direitos.

Mudanças, ao participar dos Fóruns de Coordenadores

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Os idosos relatam atualização e aquisição de novos conhecimentos.

[...] ver que [...] não só meu Estado tem problemas, [...] muitas deficiências; não só os nossos idosos estão sendo esquecidos, estão também procurando melhorar [...]. [...] Procurando [...] estar em contato com o outro, [...] no dia-a-dia trocando ideia. [...] para eu crescer como idoso, então direitos e deveres (Frj4).

Os idosos expressam que problemas comuns são revelados na troca com as amizades dos Fóruns.

Importância dos Fóruns de Coordenadores para os idosos

Idosos dos Fóruns

[...] muito interessante. Por que tem coisas novas de outros participantes, de outras UnATIs. [...] não dá pra você ir em todas as salas [...]. Eu preferi ficar mais no Auditório por que tinha [...] pessoas mais elevadas, [...] com sua pesquisa já

formada [...]. Já nas outras, [...] vai adquirindo mais conhecimento. [...] você, pelo menos já sabe daquela experiência pra passar pra outras pessoas [...] (Frj3).

Profissionais

PROF8: troca de informações, aquisição de novos conhecimentos, interação e melhora a qualidade de vida, estreita relacionamentos.

Expressa seu contentamento com o reconhecimento dado pelo Fórum, através da Carta que é um documento discutido e votado em uma Assembleia Geral composta por idosos alunos das Instituições de Ensino (IEs) e profissionais. Essa Carta é elaborada, ao final dessa assembleia, que compreende o debate das propostas apresentadas por esses sujeitos em assembleias específicas de coordenadores e de alunos dos programas participantes dos Fóruns, que é realizada antes da dessa assembleia final.

Contribuição dos Fóruns de Coordenadores para os profissionais

Percepção dos idosos dos Fóruns

“[...] inclusive para os profissionais que participam, eles estão sempre em movimento.[...] E [...] experiências pra eles” (Frj3).

Percepção dos profissionais

Segundo PROF8: Para os professores é intercâmbio, troca de vivências, aprendizagem, conhecimento.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores avaliam

“[...] nós somos terceira idade forte. Porque ao longo do tempo, você pode notar que nós estamos conseguindo o nosso pedacinho, o nosso degrauzinho. Estamos conseguindo”o (Frj2).

Propostas:

a) para a UnATI

Alunos idosos

Ampliar o número de cursos para cada idoso; incluir na Política Escolar do MEC, o Estatuto do Idoso; ampliar vagas nos cursos e oficinas, especialmente de Informática; preencher as vagas dos desistentes com os idosos interessados; possibilitar a inscrição na Dança de Salão sem a obrigatoriedade do parceiro; criação na UERJ de sala de Pronto Atendimento médico com um Clínico Geral, para atender problemas de saúde dos idosos, na UnATI.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Frj2 propõe para a UnATI: “mais espaço para os idosos nas salas de aula, é ter mais conforto nos banheiros”.

Frj4 considera importante a presença dos jovens estagiários,

[...] junto da gente aqui dentro”. Isso é muito importante. Desde que começou isso, a gente vê que, até o tratamento dos jovens da Universidade [UERJ] está sendo diferente. Eles estão entendendo melhor, por que eles estão vindo para a sala de aula, conhecendo a UnATI e levando para as salas de aula o que é a UnATI, o que é o idoso. [...] (Frj4).

Na divulgação da programação anual dos cursos da UnATI, explicitar as atividades de cada curso, além dos objetivos, para o aluno optar por atividades; deveria ter um Fórum na UnATI, “pra gente conhecer o trabalho dos outros professores” (Frj4).

Profissionais

Ampliar para os idosos o conhecimento sobre os direitos

“[...] muitos [...] ainda estão distantes dessa conscientização” (PROF8).

Além das questões referentes aos direitos, Frj2 ressalta a importância da troca geracional na aquisição de conhecimentos e de amizades.

b) para o Fórum de Coordenadores

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

[...] verba para que mais pessoas pudessem ir (aos Fóruns), de várias [universidades, cidades] para que tivessem acesso (Frj4).

[...] se a gente pudesse fazer uma UnATI-Brasil, com essa diversidade que a gente tem de folclores, com essa diversidade que a gente tem de entendimento, diversidade política, administrativa. [...] Só que, realmente, é muito difícil. Até por causa da política (Frj1).

Talvez não seja exatamente a ideia de Frj1, mas hoje as UnATIs têm a Associação Brasileira das UnATIs, recém-fundada.

Frj4 relata que, ao receber em sua residência a Carta de um dos Fóruns, observou que nela haviam:

“[...] coisas que eu havia reivindicado. Estavam lá na Carta. [...] Eu achei muito bacana isso”.

Profissionais

PROF8 propõe reuniões, “preparando-os para os debates no Fórum, em termos de reivindicações”.

c) para as políticas sociais

Idosos dos Fóruns de Coordenadores

Que seja viabilizada uma fiscalização nas instituições de longa permanência, que são feitas para:

“[...] as pessoas que não estão em condição de se defender” (Frj5).

A fiscalização tem por objetivo, na proposta de Frj5, verificar a necessidade real dessa internação, uma vez que a mídia tem mostrado a violência contra os idosos, na forma de apropriação da sua renda pela família.

Participação política dos alunos da UnATI

Idosos dos Fóruns

Também nos Fóruns das políticas dos idosos - Fórum Permanente -, assembleia pública pra falar sobre idoso, o ônibus, “que o motorista não atende o idoso” (Frj3).

Frj4: “[...] fui representante de turma [...]”. Frj5 é representante dos alunos da sua Turma na UnATI e para nessa atividade: participa de reuniões com a representação geral de alunos; informa a programação para os alunos, ajuda a professora a organizar os passeios que são “aulas externas” (Frj5).

A finalidade das reuniões geralmente é:

“realizar, [...] evento, a festa junina, [...] trazer algum, algum problema [...] (colocar propostas) [...], para nós termos direito ao restaurante (universitário)” (Frj5).

Profissionais

A participação mostra-se desde o início desse programa com uma idosa monitora na turma de PROF8.

Nós tivemos o primeiro representante geral de alunos [...]. (que) ajudou muito no ensaio da dança de Quadrilha (a primeira da UnATI, criada em junho de 1994 e finalizada em 2010). [...] A segunda representante [...] (foi uma mulher idosa) [...], extremamente participativa e questionadora, [...] trouxe assim, várias contribuições pra cá. [...]. Depois vieram outros representantes (PROF8).

Com os representantes, desde a sua fundação, a UnATI possibilitou a expressão política dos idosos, revelando-se como espaço de cidadania para essa geração, como observado por Goldman (2003). Sendo a Quadrilha da UnATI, expressão da festa junina no Brasil, solicitada pelos alunos idosos e construída junto com eles, como diz PROF8, mostra a importância da manifestação cultural, como exercício de cidadania dos idosos desse programa.

Amizade e cidadania no carnaval

Idosos dos Fóruns

Sim, eu era promotor”. Fez parte do Departamento Feminino de Agremiações, Clubes e escolhia : “moças bonitas, para fazerem parte de misses. [...] Miss Guanabara, Miss Brasil. [...] a primeira negra, [...] concorreu com a [...] Miss Brasil, com a Miss Guanabara que [...] eu havia descoberto. [...] E eu gosto [...] (e) já promovi muitas festas [...] (Frj4).

Frj4 relata sobre a sua participação no Bloco carnavalesco, a periodicidade e local das reuniões, “na Associação das Velhas Guardas de todas as Escolas de Samba” e atividades como os bailes, que ela também frequenta. Esclarece que o Bloco: “a gente abre o carnaval, fazemos shows também e apresentações. Eles levam os atabaques e a gente faz aquela roda (do ritmo correspondente do bloco) [...]” (Frj4).

Frj4 dança no Bloco e faz parte dessa associação, há dois anos, mas sempre teve vontade de se integrar a esse Bloco, mas não conseguia, pois seu marido não gostava. Entretanto,

[...] agora, depois de setenta anos que comecei a procurar [...] depois eu fiquei muito só, depois que ele foi embora. Aí a minha filha também ficou sozinha e começamos a procurar coisas para não botar minhoca na cabeça. Aí eu queria fazer atividades. [...] (Frj4).

Relata que gostaria de ser mais assídua, às atividades do grupo, mas nem sempre consegue, por diversos motivos, inclusive, às vezes, cuida do seu neto, quando sua filha tem que sair.

Frj4 relata que, “[...] inclusive nós temos pessoas que já têm anos de carnaval, senhores [...], que têm muita história para contar. [...]. Compositores, sabe, gostam de falar. [...] Os senhorinhos gostam de falar”.

Seu relato expressa uma ligação da participação no grupo do samba e a cidadania dos idosos no Rio de Janeiro.

Frj4 prossegue, inclusive convidando-nos:

Temos um encontro todo domingo, de todas as velhas guardas. [...] é folclórico, é uma coisa maravilhosa. Então, por exemplo, [...] A Velha Guarda da Vila Isabel

convida todas as velhas guardas, isso com tudo por escrito [...]. O rapaz [...] bota o samba da escola e (anuncia a porta-bandeira da Escola que se apresentará) [...]. [...]. Oitenta anos, setenta anos. É muito lindo. Aí vão entrando as bandeiras todas e se acomodando nas mesas, já com o seu nome [...] e tem o almoço. E no final tem oração, todos dão as mãos. Tem a oração da Ave-Maria. [...] Aí todos fazem aquela oração, entendeu, para trazer energias de saúde, energias de amizade, para o mundo, para o Estado, para o País. É muito bonito, muito bonito. [...] Nós vamos a Nova Iguaçu, [...] onde chamar, a gente vai (Frj4).

Fj4 esclarece ainda que:

Aquele que convida que faz a sede do encontro. [...] nesse convite [...] diz onde vai ser o encontro, o horário. Às vezes até põe a comida que vai ser, um almoço, [...] é muito bom. A gente passa uma tarde assim... Começa, é horário de idoso, por que começa às duas e meia. [...] É horário de idoso. Todas nossas festas são nesses horários. Ontem nós fomos a um aniversário de um idoso, aí, saímos de lá um pouco mais tarde. [...] Mas eu já tinha ido a três festas. [...]. Cada Velha Guarda tem o seu presidente.

A expressão dos idosos no carnaval vem ocorrendo por diversas formas, entre elas, a participação na ala das chamadas Velhas Guardas. Soares et al (2010), esclarecem que, ao se inserirem nessas agremiações, os idosos, se integram a outras pessoas da mesma idade e com os mais jovens. As atividades da Escola de Samba possibilitam aos idosos um sentimento de utilidade “aos demais componentes e à própria ‘escola do coração’”; aumenta o seu bem-estar e a autoestima e, “estimula a alegria e a vontade de viver cada vez mais, proporcionando a renovação da sociabilidade, reforçando os vínculos familiares e de amizade”. Além disso, interagindo criativamente na Escola de Samba, o idoso muda sua forma de agir na sua rotina cotidiano onde, “aos poucos, é conduzido a focar sua atenção numa vivência agradável. Sem perceber, altera seu pensamento e sua energia e começa a se direcionar de modo novo, promovendo emoções positivas e também uma melhoria na disposição física” (p.187).

No mundo moderno, “o idoso não é tido como o detentor de saber, como o conselheiro, como ‘homem memória’ e, na maioria das vezes, ele é visto como um peso para a família, tornando-se a representação do fim. Estar velho significa estar perto do fim”. Entretanto, isso não se dá na Velha Guarda, onde “há ainda o homem memória, responsável por ser guardião das tradições, em que o fato de

lembrar uma história comum e ter vivido essa história dá a ele, naquela comunidade, papel diferenciado” (Aguilar & Andrade, 2011, p.10)

O afeto despertado na interação do idoso dentro da Escola de Samba propicia aos idosos maior comunhão entre os sujeitos, muda a forma de administrar a vida e em seus relacionamentos e renova a existência desses idosos. O carnaval é importante “na melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas”, onde alegria se mescla com o prazer de viver, troca de conhecimento e ocupação do tempo livre. “Alegria e amor contagiantes, brilho nos olhos, força e garra declarada, tudo isso nos faz sentir que a vida tem um sentido, o sentido de que tudo vale a pena e que podemos encontrar a felicidade e o prazer nas menores coisas da vida” (Soares et al, 2010, p. 188).

Idosos alunos

D1 (Angélica) ia a muitos bailes:

[...] fui com meu dançarino profissional, eu já paguei muito, viu? Dançava o baile todo.

[...] quem paga, eu não censuro, agora eu até hoje [...] não me convenci de pagá-los, mas quem sabe no futuro eu não venha precisar, por enquanto não (D2, Orquídea Lilás).

[...] não é namorado (fui pra me divertir, aproveitar essa chance da nossa terceira idade sozinha, viúva), é profissional mesmo [...]. [...] eu já fiz muito, saía de um baile e entrava no outro, [...] cansada, [...] a perna [...] doendo, eu ia mesmo e pagava, às vezes dividia com amiga [...], no baile, dança de salão (D1, Angélica).

D5 (Magnólia) nunca pagou dançarinos,

[...] mas eu acho o maior barato, [...] ainda mais chama uma colega e se diverte, que a gente tá ali para se divertir”. Acrescenta que a opção de pagar dançarinos, é “[...] melhor que ficar em casa.

Existe até uma política pra pagar... não conhece, não chegou com seu cavalheiro você vai ficar sentada lá o tempo todo (D4, Bromélia).

Em seu relato, elas expressam uma forma de participação e de política no baile, em que para realizar a sua vontade de se divertir e o direito de usufruir da

expressão cultural do baile, as mulheres idosas pagam o cavalheiro. Esta vivência revela uma forma de cidadania privatizada, em que, a cultura, como direito dos idosos, assegurado no Título II, Capítulo V do Estatuto do Idoso junto com o lazer, o esporte e a educação, nem sempre pode ser acessada, segundo as afirmativas legais, por isso, as mulheres idosas recorrem a estratégias de privatização para se expressarem na esfera pública dos bailes. Ao mesmo tempo expressa uma forma política e de resistência dessas mulheres para não ficarem isoladas em sua vida privada doméstica, mas para tanto, se oneram, mas criam uma relação hierárquica com o profissional da dança, inclusive reforçam-na, como mostra Alves (2004).¹²⁶

Os bailes-ficha, onde as mulheres idosas frequentam junto com as suas amigas e, que, por sua vez, possibilitam encontros sociais, são vistos com preconceitos pela sociedade, mas apesar disso, contratar dançarinos, enquanto escolha individual subverte as “imagens tradicionais de velhice feminina” (Alves, 2004, p.134). Nesse contexto, se expressa como resistência contra as relações de poder, no sentido empregado por Foucault (2009), que impregnam a categoria de gênero, especialmente associada à idade e à geração.

A posição de dançarino de aluguel representa para os homens oriundos das camadas populares, uma renda mensal e forma de acesso a uma atividade autônoma e criativa, legitimada pelos dançarinos como possibilidade de manutenção do papel de provedor da família. Para as mulheres idosas, os bailes constituem espaços de exercício da sedução, uma vez que exibem publicamente o seu corpo e este corpo exibe uma performance (Alves, 2004). Longe de se equiparar com o individualismo moderno:

Esse mundo de escolhas e individualidades, inaugurado com a modernidade, é uma marca das sociedades contemporâneas e [...] enfatiza a igualdade de direitos e deveres perante a lei, que dilui as diferenças em favor de um tratamento não-discriminatório, igual para todos (Alves, p. 143).

¹²⁶ Alves (2004), em seu estudo “A Dama e o cavalheiro: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade”, analisa a relação entre dançarinos de aluguel e as mulheres idosas que os contratam para dançar nos chamados bailes-ficha do município do Rio de Janeiro -RJ e de Curitiba no Estado do Paraná.

Importante é observar que, em suas vivências cotidianas, as mulheres idosas inventam práticas - táticas ou estratégias - para saírem do isolamento e tentar reverter o estigma da velhice (Debert, 2004; Peixoto, 1997). Estratégia esta que se configura enquanto correlação de forças e “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um *próprio* e portanto capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”. Enquanto a tática - sem lugar e independente do tempo - é fugaz, joga continuamente para obter um ganho, o próprio compreende “uma vitória do lugar sobre o tempo” (De Certau, 2008, p. 46).¹²⁷

Esta questão nos leva a pensar se as atividades oferecidas aos idosos pelos programas de universidades para a terceira idade podem ser entendidas como disciplina dos corpos. Entretanto, constitui um paradoxo, pois, ao mesmo tempo em que incentiva a participação, padroniza suas ações, mas possibilita a ocupação de um tempo livre provocado pela aposentadoria (Debert, 2004; Peixoto, 1997). Certamente que esse corpo movimenta-se na aquisição de novos conhecimentos, exercitando a cultura, a política e a amizade.

Para melhor observarmos a amizade e participação dos alunos idosos, assistimos e gravamos a Assembleia do Fórum de Coordenadores de Manaus, que segue relatada, mais adiante.

Idosos dos Fóruns de Coordenadores agradecem à UnATI

Eu sou muito grata à UnATI, [...] (além de ter trazido essa base minha)¹²⁸ apesar de, às vezes eu discordar de algumas coisas, mas o mais importante é ter esse conagraçamento que nós temos. [...] Essas atividades. Eu sou muito, muito agradecida à UnATI, essa minha vitalidade, eu devo à UnATI.[...] Porque aprendi muito a me cuidar, a me posicionar frente aos problemas. [...] (Frj5).

Amizade e cidadania na Assembleia dos alunos no Fórum de Coordenadores

Frj2 participou como representante do Rio de Janeiro e antes da assembleia de alunos: “[...] reuni com alguns que estavam presentes e vi quais

¹²⁷ Grifos do original.

¹²⁸ Acréscimos com o relato da idosa.

eram as prioridades que eles achavam. [...] [...] coisas novas para a terceira idade, coisas que o governo poderia nos dar. E nós interagimos [...], trocamos ideias” (Frj2).

Frj4 participou como substituta da representante do Rio de Janeiro, por indicação desta que ia retornar:

[...] E [...] nós fomos lá na mesa e colocamos tudo o que [...] queríamos. [...]. nós fizemos o que nós queríamos. Política (Frj4).

Eu achei que saiu muita novidade. [...] da participação dos alunos naquelas [...] apresentação das festas, e eles então disseram que o Estado que estava promovendo o evento lá, devia ficar em último lugar. E ter um palco melhor, com mais espaço para apresentação de todos e que as reuniões tivessem [...] um tempo de apresentação. [...] Saíram [...] outras novidades, assim como apresentação de casos que as pessoas pudessem contar. Casos interessantes que fossem relacionados [...] com a longa vida de todos nós, [...], entre outros assuntos [...] muito interessantes (Frj5).

Os Fóruns expressam um espaço de amizade, educação, cultura e de protagonismo da população idosa. Em 2011, sob uma chuva torrencial e grande barulho da queda d’água na calçada, observamos e gravamos a Assembleia dos alunos idosos do Fórum de coordenadores (1º.11.2011) realizada em Manaus, autorizadas pela coordenadora da Mesa. Durante cerca de quatro horas, em um Auditório no andar térreo, sentadas na frente para melhor observar os com 167 participantes e melhor gravar as suas vozes, vimos uma forte presença política dos idosos, que se expressaram, ora pelo movimento dos seus corpos, ora pelo som das suas vozes, pronunciando palavras por meio do seu discurso e do seu cantar. Uma expressão cultural se revelou nessa Assembleia, como podemos ver, a seguir.

Protagonismo na Assembleia do Fórum de Coordenadores

Optamos por apresentar a dinâmica da Assembleia dos idosos deste Fórum, de forma destacada, guardando o sigilo e a identidade dos sujeitos com os quais interagimos durante nossa observação.

Antes do iniciar a Assembleia havia grande rumor de conversas entre os alunos idosos que lá, já se encontravam e outros que chegavam e

cumprimentavam seus conhecidos. Ao nosso lado, estava Frj3. A coordenadora da Mesa inicia esclarecendo que esta é a reunião mais importante e, por solicitação desta, os idosos representantes dos programas dos diversos Estados, fazem as apresentações (de si mesmos e dos programas), pois, além de dizer o nome do mesmo, da instituição de ensino que representavam, colocam-se à disposição e fazem alguns comentários criativos. Nesse sentido, alguns agradecem e pedem a Deus que abençoe a todos; outros informam o número de alunos e de cursos do seu programa, ano em que foi criado, a quantidade de alunos presentes e a população total do seu Estado.

Como Frj2 devia retornar ao Rio de Janeiro com antecedência, indicou Frj4 como titular, para representante dos alunos idosos da UnATI/UERJ. Frj2 pontuou em sua apresentação que: “todos deveriam estar presentes porque esta festa do fórum é nossa.” Outros comentários de idosos de outros programas, pontuam que idosos “são mais devagar, mas estão vivos e participam de atividades: dançar, cantar”. Também agradecem à cidade “que nos assistiu de maneira muito bonita” e mostram que ainda se sentem ativos e protagonistas em diversas áreas da vida em sociedade e comentam sobre o número de Fóruns em que participaram individualmente, agradecendo (uma das delegações do Nordeste) a presença e o apoio das suas coordenadoras na assembleia, “para dar melhor solução para o embate”.

Expressam interesse no que: “vai dar hoje” e tecem comentários patrióticos como um representante de um dos Estados: “Estou tão feliz de ver tanta gente interessada, por que tem gente tão interessada, na questão do idoso. Amo os brasileiros e o Brasil.” Outros se posicionam: “Não podemos deixar que os outros decidam a nossa vida, nós queremos fazer isso. Dizer o que queremos e quem somos.” Anunciam: “Somos aqui protagonistas, decidindo o que queremos para as nossas vidas”. Após apresentarem sua trajetória de participação, acrescentam que, em seu Estado, “o idoso está conquistando seu espaço - tem voz e vez”.

O quantitativo de idosos dos programas de cada Estado foi diversificado e seus participantes estavam identificados com camisetas de malha de diferentes cores para cada programa e o nome deste e o do Estado, estampado na frente da camiseta. Apenas a UnATI/UERJ não tinha camiseta, mas um grande button branco redondo, com o nome do programa e do Estado em azul. Algumas

delegações eram numerosas na assembleia, como informou a coordenadora: por exemplo, Piauí com 62 idosos (2 homens e 60 mulheres); Rio Grande do Sul - UFRGS com 64 idosos (6 homens e 58 mulheres). Observamos que as mulheres são a grande maioria.

O Rio de Janeiro era numeroso no Fórum, mas não conseguimos saber a quantidade de idosos na assembleia. Algumas delegações presentes: Piauí, Foz do Iguaçu, RGSul, Sergipe, Manaus, UERJ, Caxias do Sul, Blumenau, UATI/Salvador/BA, Campo Grande/MT. Faltaram os programas do Pará e do Maranhão, por não haver idosos desses Estados no Fórum.

A coordenadora inicia a assembleia, esclarecendo sobre os procedimentos da mesma e a conduz de forma bastante democrática, orienta os idosos, inclusive a apresentar suas propostas, a partir do que “conversaram com os colegas e gostariam que fosse desenvolvido nos fóruns”. A dinâmica da assembleia compreende três momentos: apresentação de cada representante; exposição das sugestões de temas para o próximo Fórum; defesa da sua cidade para sediar o próximo Fórum e, em seguida, votação da cidade que sediará o próximo.

Após esses esclarecimentos, os idosos levantaram de seus lugares e foram conversar com seus parceiros de programas, ficam em pé, riem muito, deslocam-se de seus lugares e andam de um lado para o outro do Auditório, tiram fotos, abraçam-se, aplaudem. Os diálogos provocam muito barulho no Auditório, inclusive entre alunos de programas diferentes, mostrando-se bastante ativos e participativos. Circulamos para melhor observar os debates entre os idosos e observamos que os alunos estão sentados junto aos seus colegas de programa.

Frj4 solicita-nos sugestão de tema para o próximo Fórum, para apresentar à mesa, “por favor é muito importante” (Frj4). Estabelecemos com ela um diálogo, ajudando-a a pensar em um tema que considere importante aprofundar e ela lembra do tema da proteção e defesa dos homens idosos vítimas de violência, similar à “Lei Maria da Penha”, especialmente para aquele que “está na cadeira de roda? Não tem uma Lei que proteja o homem idoso mal tratado” (Frj4). Concordamos com ela, que o Estatuto necessita especificar alguns direitos, quanto aos gêneros. Aparentando satisfação, ela tentou apresentar a proposta para os seus amigos e retorna comentando sobre a orientação de uma colega para não relatar a proposta, por ser mais pertinente para as políticas sociais, mas decidiu aguardar a abertura do debate, para apresentar a proposta.

Frj3 comenta que falou com suas amigas do seu Estado de origem, mas disse que fez apenas “entrosamento, não dá tempo, né. [...] É pouco. [...]”. O comentário de um idoso sobre os Estados que não participaram do Fórum mostra sua preocupação com essas ausências. Uma idosa ao lado, de Manaus, com quem interagimos, relata que tirou fotos com “o pessoal do Rio de Janeiro” e que está gostando do Fórum: “Ainda não perdi nem um dia”. Ao perguntarmos se fez muitas amigas, responde:

“Conheci muita gente, mas amizade, não. Só com as daqui de Manaus, mesmo. É que a gente fica meio tímida, pra se chegar com os de outros estados. [...] mas eu vou me chegando. Mas amizade, não”.

Apesar da dificuldade de fazer amigas, ela diz que conversou com algumas pessoas de fora de Manaus, sobre o “Fórum mesmo, que está muito, muito bom. Muitos assuntos foram abordados. Gostei demais”. Quisemos saber sobre temas a serem aprofundados em outro Fórum e ela respondeu:

“Sim, a Sustentabilidade. Um assunto que eu gostei muuuuito e eu acho que deveria ser mais aprofundado, pra gente passar pro outro. Ter mais gente de cada Estado [...]”.

Frj4 relata-nos que a coordenadora da Mesa considerou sua proposta de tema, positiva. Esclarecemos para Frj3 e a idosa de Manaus sobre a proposta de Frj4. A idosa de Manaus comentou: “[...] os direitos aí são iguais”.

A idosa de Manaus complementa sua proposta:

Outro assunto assim que eu gostei muito foi sobre o direito, do próprio Estatuto mesmo. O direito do idoso, principalmente em relação à família, que a família deve respeitar. [...] é o seu direito violado dentro de casa. Pois tem muito idoso, os filhos, os parentes, os familiares não cuidam [...].

Ao observar o MP4 em nossa mão e, querendo relatar um exemplo, pedimos: “feche aí seu gravador, pois tá gravando, né?” Esclareceu que é um assunto particular e comenta sobre o mesmo.

A votação das propostas é iniciada e a coordenadora esclarece a dinâmica deste momento, inclusive sua importância para a Carta de Manaus. Os grupos apresentam suas propostas, que se referem a diversos aspectos como a estrutura do espaço do Fórum, regularizar o tempo das apresentações artísticas; tema do

próximo Fórum, assuntos das apresentações orais e pôster e outras, que foram registradas na Carta de Manaus (Anexo 4).

O idoso que apresentou a proposta da valorização do idoso argumenta:

“Tenho certeza que vai ser uma forma de integração desse idoso. A partir daí ele faz a integração dos que vão chegando”.

Os idosos aplaudem as propostas, falam muito, levantam. Sentam para votar, aprovam os itens, se abstêm de votar. A idosa de Manaus e Frj3 conversam conosco e outras idosas próximas a ela. A primeira, pergunta-nos se fomos ao “encontro das águas”¹²⁹ e respondemos negativamente. Frj3, diz que quer ir a todos os passeios. Sobre o traslado do hotel para o local do Fórum, este idoso assim se manifesta: “[...] temos que levar em conta a situação socioeconômica de cada delegação [...]”.

A proposta apresentada por Frj4: organizar uma programação que não ofereça atividade concomitante no dia da apresentação dos temas livres, foi aprovada. Os temas propostos foram bastante diversificados: Sexualidade na 3ª idade; idoso com transtorno mental leve; o idoso e a espiritualidade; saúde do idoso na ótica da área jurídica. A coordenadora pontua: “esse é o primeiro Fórum que está trazendo pessoas da área jurídica”. O tema sugerido por Frj4 foi aprovado: repetir as injunções das responsabilidades legais dos avós com os netos com o professor do Rio Grande do Sul, dando mais tempo para orientar os idosos sobre a legislação. A UNIOESTE em Foz do Iguaçu, apresentada como proposta para o próximo Fórum teve apenas um voto de discordância.

Em seguida ao encerramento da Assembleia pela coordenadora, os idosos do Piauí, em um momento emocionante foram levantando, aos poucos e saindo dos seus lugares, indo para frente e juntos cantaram, lendo um livreto. A letra da música, diz:

Ah!/ Ah, nasci com as estrelas/ Eu vim foi do Piauí/Eu vim foi do Piauí (BIS)/ Eu não sei como é que é/O amor desses daqui/ Será que é como é/ O amor lá do Piauí (BIS)/ Lá o idoso tem valor/Lá cada amigo é um irmão/ Lá a... a terra amada/ A UNATI é uma parada/ O idoso tem valor/ Eu vim foi do Piauí/ Eu vim foi do Piauí (BIS)/ Lá o idoso tem valor/ Lá todos têm bom coração/ Lá a UNATI

¹²⁹ “O Encontro das Águas é um fenômeno que acontece na confluência entre o rio Negro, de água preta, e o rio Solimões, de água barrenta, onde as águas dos dois rios correm lado a lado sem se misturar por uma extensão de mais de 6 km”. Ver melhor em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Encontro_das_%C3%81guas. Acesso em: 15.04.2013.

É amada/ A UNATI é uma parada/ E é só animação/ Eu vim foi do Piauí/ Eu vim
foi do Piauí (BIS)/ Do Piauí, do Piauí.//

Os idosos acompanham estas duas partes batendo palmas no ritmo da música. Ao perguntarmos sobre a música, eles disseram que chamam de Hino da UNATI deles. Outra música cantada dizia: “Eita terra boa abençoada”. (Repetem várias vezes). Tiram fotos, conversam, filmam, abraçam, aplaudem e os idosos do Piauí distribuem alguns livretos com a letra da música que cantaram. A Assembleia final que elaborou a Carta, anexada a esta Tese, incorporou as propostas dos idosos.

Esta Assembleia expressou uma participação política importante da população idosa e de amizade na perspectiva política arendtiana e o Auditório mostrou claramente ter se constituído em um espaço público, onde, apesar dos idosos terem seus representantes, em cada programa, foram ouvidos e, suas opiniões acolhidas pela Mesa e pelos demais idosos. Além disso, cada representante reuniu o grupo do seu programa para trocar opiniões acerca das propostas apresentadas e de cada item votado. A Assembleia mostra que os Fóruns possuem uma forte expressão como espaço de aprendizagem, exercício da amizade e política, inclusive por meio da cultura, da palavra falada e cantada. Espaço este de ação conjunta, de respeito, responsabilidade, crítica, ética e democracia.

8 Considerações Finais

Guarnece, batalhão, guarnece, a vida cresce e o meu povo não quer mais perder¹³⁰

[...] / O Rio assiste em cena/ [...] felicidade é a lei/ [...] A voz não pode calar, a gente tem que lutar // O povo ‘faz a hora’ de mudar/ [...] Somos o ‘cais’, emblema da paz/ [...] A alegria dos meus carnavais/ [...] O samba na praça, no embalo da massa/ [...].¹³¹

Os versos da toada do Bumba-Meu-Boi e do samba do Carnaval falam do *guarnicê*¹³² e da luta, como ações em conjunto por parte de todos os participantes. Ao mesmo tempo, enquanto manifestações culturais de desempenho, abertas à participação de todos, essas festas propiciam a amizade e, a esta, conferem uma performatividade compartilhada entre os sujeitos idosos da UNITI e da UnATI.

Os idosos da UNITI, da UnATI, das Associações e dos Fóruns de Coordenadores revelam fortalecer os seus vínculos de amizade, pelas contínuas e crescentes conversas em conjunto, que começam tímidas e vão se tornando frequentes e intensas. Assim, esse conjunto de sujeitos inova e, em seu *guarnicê*, se abre para o desempenho da amizade e da busca de uma felicidade para todos como lei, ou seja, como realização de todos os seus direitos. Como “basta um ato e, às vezes, uma palavra para mudar todo um conjunto” (Arendt, 2002a, p. 203), prontos para um batuque, os sujeitos do nosso estudo posicionaram-se tecendo elogios e críticas, aplaudindo, agradecendo, reivindicando e apresentando propostas, *scripts* de verdadeiros atores políticos.

Vale destacar que a pesquisa foi realizada em duas cidades de Regiões diferentes do Brasil, ou seja, de Brasis diferentes, sendo: São Luís no Nordeste pertencente ao Brasil pobre e o Rio de Janeiro no Sudeste que integra o Brasil rico (Barroso, 1992). Apesar de especificidades e culturas tão distintas, as percepções

¹³⁰ Toada do Grupo de Bumba-Meu-Boi Maracanã. In: SAURA, Soraia Chung. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: USP, 2008, p. 74.

¹³¹ PORTELA. **Ontem, Hoje, Sempre Cinelândia**. Samba Enredo 2003. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/sambas/506317/>. Acesso em: 11.01.2013.

¹³² Sinônimo de reunir, concentrar, sendo o momento imprescindível e antecede os outros momentos do Bumba-Meu-Boi (SAURA, 2008).

dos sujeitos da pesquisa se aproximam, sem deixar de revelar as suas singularidades.

Nossa intenção na pesquisa, em conhecer a visão dos sujeitos com vivências tão plurais, foi obter subsídios diversificados para uma ampla compreensão da amizade como possibilidade de expandir a cidadania da população idosa. Nesse sentido, o diálogo com os sujeitos, possibilitou uma abertura para o novo, inesperado e surpreendente tema da festa. No contexto da festa, os idosos exercitam a amizade e a cidadania por meio de danças diversas no baile, na Quadrilha junina e, especialmente nas expressões culturais do Bumba-Meu-Boi em São Luís e na Escola de Samba no Rio de Janeiro. Posto que, o seu protagonismo nessas formas de cultura popular, uma *cultura animi*, expressa a amizade como um ponto forte na vida dos idosos. Em seu protagonismo na festa, “em que a avó pode ser recolocada no centro da cena social e familiar, através de uma prática comum a sua geração, e ainda de certa vigência” (Gomes, 2005, p. 108), os idosos do nosso estudo, reinterpretem e atualizam o passado, no presente, mostrando também a possibilidade de renovação da tradição do próprio processo de envelhecimento.

Na imersão dos idosos no mundo da *cultura animi* - as diversas festas -, realizada através das palavras e ações de desempenho, falando, cantando e dançando *com* os outros, portanto relacionando-se e afetando-se mutuamente, os sujeitos idosos parecem confirmar a sua existência (Arendt, 2002a; 2002c). Segundo Arendt (2002c), “cultura indica que o domínio público, que é politicamente assegurado por homens de ação, oferece seu espaço de aparição àquelas coisas cuja essência é aparecer e ser belas”. Belas porque, cultura indica uma inter-relação e uma interdependência entre arte e política (Arendt, 2002c, p. 272).

Acreditamos que foi uma espécie de amizade, constituída com os sujeitos da pesquisa, que facilitou a realização das reuniões e das entrevistas em ambos os campos. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, cujo eixo de análise foi o compreender arendtiano, que se apropria de uma ação política. Esta forma de compreender foi viabilizada por meio do diálogo com sujeitos plurais - idosos e profissionais - dos programas de microuniversidades de São Luís e do Rio de Janeiro. Estes sujeitos mostraram-se críticos e éticos, ao emitirem suas opiniões acerca da temática estudada: a amizade na terceira idade.

Compreender, segundo a perspectiva política de Hannah Arendt registrada em seu *Diário Filosófico*, em setembro de 1953, significa:

Compreender em la política nunca significa comprender al outro [...] sino entender el mundo común tal como éste aparece al otro. Si hay una virtud (sabiduría) típica del político, ésta es la capacidad de ver todos¹³³ los aspectos de una cosa, es decir, la capacidad de verla tal como aparece a todos los afectados (Ludz & Nordmann, 2006, p.437).

A amizade é um vínculo que surge nos espaços em que os sujeitos plurais se encontram, ficam juntos, interagem e exercitam um diálogo em comum. É vinculada ao amor e às suas diversas formas, sendo mais ampla e diferente do amor (afeição), estando também associada à solicitude, ao cuidado e outros “afetos positivos” (Abbagnano, 1998, p. 37-8). Nesse sentido, a amizade na dimensão política também inclui os afetos¹³⁴, que inter-atuam e se complementam, na dimensão da amizade política.

Na era moderna o esvaziamento do espaço público enfraqueceu a presença na vida pública e a amizade desapareceu do espaço público, paulatinamente integrou-se à família nuclear (Ortega, 2002). A individualidade daí resultante esvaeceu a convivência recíproca entre os sujeitos, o encontro e a interação com as amigadas, compartilhando os problemas da cidade, uma dimensão política que nos humaniza, como ilumina Arendt (2002b). Vale ressaltar que, só quando a amizade transitou da esfera privada para a esfera pública, expressou-se com “fins políticos, como transformação ou salvação do mundo” (Arendt, 2002 a, p. 61).

Em nosso entendimento, a amizade na perspectiva política é um vínculo permeado de afeto, baseado na confiança e na lealdade, sendo exercitada pelos sujeitos de uma sociedade, que livremente exercitam um diálogo nos diversos espaços públicos, sobre os problemas da sociedade e dos direitos assegurados nas

¹³³ Grifos do original.

¹³⁴ Para Abbagnano: “[...] os afetos constituem a classe restrita de emoções que acompanham algumas relações interpessoais (entre pais e filhos, entre amigos, entre parentes), limitando-se à tonalidade indicada pelo adjetivo afetoso, e que, por isso, exclui o caráter exclusivista e dominante da paixão”. Entre o “conjunto de atos ou atitudes” que a palavra afeto compreende, estão a proteção, o apego, a gratidão etc. que, podem caracterizar a situação em que alguém “cuida de” ou se preocupa com outra pessoa, que acata os cuidados ou a preocupação a ela direcionados. Nesse contexto, “necessidade de afeto” implica “ser compreendido, assistido, ajudado nas dificuldades, seguido com olhar benévolo e confiante. Nesse, o afeto não é senão uma das formas do amor” (1998, p. 21). Afeto em Ferreira (2008, p. 99) compreende “[...] Afeição, amizade, amor [...]”. Afetar (p. 98) significa: “[...] Comover, abalar [...] Dizer respeito a; interessar [...]”.

diversas políticas sociais. Por meio da perspectiva política da amizade, irrompem ações de resistência política (Arendt, 2002a). A resistência é o que os sujeitos idosos da UNITI/UFMA e da UnATI/UERJ revelaram, com respeito, consideração e compromisso, ao se inserirem nas artes de desempenho do Bumba-Meu-Boi e do Carnaval. Estas formas de resistência social dos idosos por meio de movimentos, ações, palavras e gestos (Arendt, 2002a; Scott, 2004), toma expressão na luta por um reconhecimento pelo Estado (Honneth, 2003), diante do qual sentem certo desamparo (Arendt, 2002a). Este sentimento de desamparo ocorre pelo incompleto cumprimento dos direitos sociais dos idosos, assegurados no Estatuto do Idoso. Desse modo, a perspectiva política da amizade, expressa como resistência pelos sujeitos idosos, é praticada pelo diálogo entre eles e com várias pessoas reunidas de várias gerações, expressando suas opiniões, assim, este vínculo e o próprio processo de envelhecimento, são reinventados, transformados e renovados.

Nesse contexto, os espaços públicos da UNITI e da UnATI tornam-se para os idosos, segundo revelou a pesquisa de campo, um local de manifestações de diversas ordens, por excelência, seja no exercício da amizade, sendo informado sobre os seus direitos, emitindo opiniões pelo diálogo nas diversas atividades das quais participam, cantando e dançando as toadas e os sambas. Pela manifestação da cultura, os sujeitos idosos renovam-se constantemente, revisam e atualizam a forma de viver a sua velhice e tentam acompanhar o ritmo de desenvolvimento das sociedades ludovicense e carioca.

Segundo a literatura revisada nesta Tese, (Montello, 2005; Lima, 2006; Ferretti, 2007; Gontijo, 2007; Lopes, 2005; Neiva, 1982) a cultura brasileira historicamente excludente, é delineada de duas formas, segundo os sujeitos que a elas têm acesso: uma cultura erudita, apenas integrada pelas elites e intelectuais, expressando uma distância entre cultura de elite e cultura popular, além de um aspecto excludente. E uma cultura popular, criada pelos sujeitos da classe econômica inferior, em que apenas estes participariam. Ocorre que, por não ter a cultura popular uma fronteira nítida, no caso do Bumba-Meu-Boi em São Luís e do samba no Rio de Janeiro, apesar de proibidas no início do Século passado, a estas se mesclavam parcelas da classe média, como visto.

Entretanto, ao adquirirem novos conhecimentos nos programas de Universidade da Terceira Idade, talvez possamos dizer que, nesses espaços, os

idosos têm acesso a uma cultura erudita, porque letrada, mostrando uma conquista e uma forma de reconhecimento social desses sujeitos. A fala dos profissionais revela um reconhecimento dos idosos no papel de provedores da família, de protagonistas e de portadores de cidadania.

Os idosos relataram, com certo orgulho, a importância de estarem frequentando uma Universidade. Concordamos com Rozendo, Justo e Correa (2010), ao afirmarem que, integrar o espaço e o ambiente da Universidade, ainda que na condição de aluno e participante das atividades “de um projeto de extensão, representa um enorme salto no status social, ainda mais no momento em que há uma supervalorização das habilidades e competências intelectuais fortemente associadas ao ensino universitário” (p. 45).

Isto afeta, principalmente, as mulheres que se encontram em maioria nos espaços da UNITI e da UNATI e vivenciaram em sua trajetória de vida “barreiras de acesso à Universidade”, devido às “discriminações de gênero, bastante presentes nos idos anos da juventude”, assim desenvolvendo atividades restritas ao “espaço doméstico nas funções de cuidadora e de maternagem”. Além disso, para a mulher idosa,

[...] que viveu numa pequena urbe ou até passou parte de sua vida na zona rural, pisar o solo de uma Universidade representa um salto para o mundo, para o espaço público, um desatrelar-se das amarras familiares e domésticas para poder ocupar e habitar um espaço social valorizado como lugar de saber e da vitalidade jovial (Rozendo, Justo; Correa, 2010, p. 45).

De fato, pois a Universidade é um espaço frequentado majoritariamente pela juventude e, após a frequência dos idosos, estes relataram terem sido alvo de preconceitos, mas atualmente se sentem mais respeitados pelos jovens universitários. Em seus relatos, os idosos (homens e mulheres) revelam que cursar uma Faculdade, frequentar uma Universidade na velhice significa uma possibilidade de gerar um poder e fortalecer a sua autoridade, na família e na esfera pública, pois atualizam os seus conhecimentos e podem melhor dialogar com diversas gerações na família com os seus netos e, na Universidade com os jovens estagiários.

Além disso, mostram uma ampliação da sua presença na esfera pública das cidades onde pesquisamos, por meio das atividades em que participam e, através

das quais exercitam um protagonismo. Em relação ao protagonismo, ainda é forte o desempenho do cuidado na família pelas mulheres e da atividade fora do lar para os homens do nosso estudo. Entretanto, surgiu um resultado positivamente surpreendente associado à diferença entre os gêneros, entre os alunos da UNITI, que se refere a alguns homens e mulheres engajados em associações e homens que, mesmo após a aposentadoria, permaneceram nos sindicatos aos quais eram filiados.

Em São Luís, notamos que o protagonismo dos idosos manifesta-se desde os grupos (Associações, Clubes da Melhor Idade) que coordenam, antes da criação da UNITI, depois participaram na criação do Fórum e da reunião deste órgão que propôs a criação do projeto UNITI. Além desse protagonismo, os idosos, principalmente, das Associações, participaram como alunos da UNITI, desde a sua primeira Turma. No Rio de Janeiro, os idosos se inseriram na UnATI, após a criação da área de Ensino, desempenhando ações para o crescimento desse programa e vêm participando, significativamente, nos Fóruns de Coordenadores. Os idosos também desempenham um protagonismo como atores sociais e força política, de diversas formas, engajados em outros enredos: nos Conselhos em São Luís, no amplo cenário das expressões culturais do Bumba-Meu-Boi e do Carnaval e tantas outras ações, onde exercitam a amizade e a sua cidadania.

Entretanto os “idosos ainda estão bem longe de atingirem um nível de protagonismo capaz de colocá-los em igualdade de condições com os jovens e outros segmentos da sociedade, ou de se constituírem como choferes consideráveis na condução dos destinos da própria velhice e da sociedade como um todo” (Rozendo, Justo; Correa, 2010, p.46).

Apesar disso, os idosos parecem vivenciar uma “era da amizade”, que, nas ideias de Michelet (1988), trata-se do elemento político da amizade, enquanto um vínculo que possibilita um pertencimento e que iguala os diferentes pelo diálogo. Praticada nas reuniões em cafés, nos arraiais, no sambódromo, na UNITI na UnATI e em outros espaços públicos das cidades ludovicense e carioca, os sujeitos idosos mostram praticarem diálogos sobre os problemas do seu bairro, da sua comunidade, das cidades em que vivem, assim como sobre as políticas sociais e, sobretudo sobre a política em geral. Nessa forma de diálogo, vêm desenvolvendo ações em diversos espaços e de diversas formas, a partir de uma tomada de consciência das questões que debatem, na UNITI e na UnATI, em um

entrelaçamento de experiências diversas. Essas experiências dizem respeito também às expressões culturais, inclusive trocadas por aqueles idosos que, em outras épocas da sua vida, migraram para São Luís e para o Rio de Janeiro.

A migração dos idosos da UNITI e da UnATI está mais concentrada entre as décadas de 1950 a 1970, coincidindo com os estudos do IPEA (2011) ao mostrar que, nesse período, o Brasil verificou:

“as mais altas taxas de crescimento populacionais, o que resultou em uma coorte de nascimentos numerosa. Além disso, essa coorte foi beneficiária dos avanços da redução da mortalidade nas várias idades ao longo do seu ciclo de vida e hoje está entrando na idade que se convencionou chamar de idosa. Ou seja, é uma coorte formada por um número elevado de nascimentos e de sobreviventes. São os *baby boomers* que estão se transformando nos *elderly boomers*” (IPEA, 2011, p. 20-21).¹³⁵

Essa explosão demográfica da população idosa revela-se nas estatísticas do IBGE (2010, 2011) e requer novas pesquisas e ações, que atendam às necessidades dos idosos, especialmente a criação de novas amizades.

Em nossa pesquisa de campo, a amizade foi associada pelos sujeitos, a diversas percepções como: diálogo, solidariedade, afeto, felicidade, política, também comportando relações de desigualdades, assim, aproximando-se da compreensão da amizade, segundo o ponto de vista arendtiano. A amizade para Arendt é socialmente construída e não uma identidade fixa, por isso “permanece acessível a perspectivas sempre novas (Ludz & Nordmann, 2006, p. 840)¹³⁶. Novos e positivamente surpreendentes são os relatos dos sujeitos idosos da UNITI e da UnATI que revelam a grande relevância da amizade. Suas falas sobre a definição, características e as dimensões da amizade, aproximam-se de certa forma, pois observa-se poucas diferenças.

A dimensão da amizade surge no relato dos idosos, em duas perspectivas, que se aproximam dos achados da pesquisa de Cuba (2005). Essas dimensões

¹³⁵ Sobre as causas deste aumento populacional, o IPEA, assim se pronuncia: “Isso se traduz no aumento do número absoluto e relativo de idosos, no tempo vivido por eles, no envelhecimento de certos segmentos populacionais, como a população economicamente ativa (PEA), no envelhecimento das famílias - crescimento do número de famílias nas quais existe pelo menos um idoso - e em mudanças nos arranjos familiares. [...] Altera, também, a demanda por políticas públicas e a pressão pela distribuição de recursos na sociedade. Por isso, suas consequências têm sido, em geral, vistas com preocupações por acarretarem pressões para transferência de recursos na sociedade, colocando desafios para o Estado, o mercado e as famílias” (IPEA, 2011, p. 21).

¹³⁶ Tradução livre da autora.

correspondem a uma perspectiva afetiva, relação mais intimista que produz bem-estar subjetivo e, segundo uma perspectiva política, realizada no debate sobre os problemas sociais e que se revela como uma luta buscando soluções. A expressão do afeto, na primeira dimensão, ao mesmo tempo em que indica um aspecto privado, parece impulsionar o agir na esfera política. O outro contexto é público, no momento em que implica o diálogo plural, aberto nos espaços públicos, inclusive das manifestações culturais citadas.

A grande relevância da amizade, que é praticada pelo diálogo, a amplitude e complexidade da definição, bem como a variedade de formas deste vínculo, foram revelados pelos sujeitos. O diálogo e a amizade, vínculos livremente escolhidos por eles, surgem como um ponto forte para os sujeitos pesquisados e estes consideram importante manter a amizade, especialmente pelas diversas formas de encontros sociais.

A amizade, para eles, é tão importante que ASO9 expressou essa relevância, ao sintetizar que “amizade é tudo”. Ser tudo na amizade significa inclusive exercitar a amizade como suporte social (inclusive financeiro) e como política, já referido. A amizade é importante inclusive como suporte financeiro na família e fora dela, pelos idosos da UNITI e da UnATI, pois ajudam seus filhos e seus netos. Estudos do IPEA (2011) mostram que a grande maioria dos idosos brasileiros de hoje tem assumido o papel de provedor, mesmo dependendo de cuidados.

Além disso, o apoio financeiro dos avós, que cuidam e educam os netos, inverte-se quando os filhos ajudam os pais financeiramente, por causa da baixa aposentadoria, mostrando que na ausência do Estado é a família que protege (Peixoto, 2004). O papel de provedor financeiro da família, no relato dos sujeitos está associado à amizade como uma relação de afeto que tem o sentido de cuidado e proteção de ambas as partes. Este afeto, que ocorre na família e fora dela, é a base da amizade, inclusive na perspectiva política arendtiana. Arendt (2002 a; 2003) não nega o afeto, ao falar do elemento político da amizade, ao contrário, pois para ela, ainda que sentindo o prazer da companhia dos amigos, com eles se debate sobre os problemas da nossa cidade, assim mostrando, esta autora, que não anula o afeto na dimensão política da amizade. No tocante à geração idosa, apesar de privarem do prazer da companhia mútua das suas amigadas (Arendt, 2003), o

diálogo que realizam sobre as questões inerentes à sua cidade e aos seus direitos, no espaço público, tornam-se políticas.

A relação entre afeto e política também observada na *politiké philía* apresentada por Aristóteles é praticada entre concidadãos e permeada de afeição. Desse modo, *philía* para Aristóteles, está ligada a “parceria” e “afeição amistosa” e às “afeições políticas” (Aristóteles apud Konstan, 2005, p. 101). No Brasil, Da Matta (2003) entende que a amizade constitui um afeto, sendo também exercitada, através dos seus ritos e festas. Para ele, a amizade “vai além das escolhas, obrigando a tomar partido” (DaMatta, 1997a; 2003, p. 5). Tomar partido configura a dimensão política da amizade, na fala dos sujeitos da nossa pesquisa.

A compreensão sobre a dimensão política da amizade também foi claramente revelada pelos sujeitos do nosso estudo, ao associarem as suas percepções sobre direitos, cidadania, cidadão, política, inclusive exemplificando, momento em que foram construindo a sua compreensão. A dimensão política da amizade arendtiana, assim foi mostrada pelos idosos e pelos profissionais, ainda que a política institucional ou partidária, como se referem, seja expressa com descrédito, especialmente quando se remetem aos políticos “inconfiáveis”, como disse ASO1. A política para eles está em todo lugar, inclusive na família. A família é regida pelo amor e nela está o fundamento da amizade e, segundo Aristóteles, da política (Aristóteles, apud Ortega, 2002, p. 44), embora seja considerada pré-política, por Arendt (2002a). Segundo esta autora, é a família que prepara seus integrantes para a vida pública e política.

Vale pontuar também que os idosos da UNITI ressaltam a felicidade, a qualidade de vida, associadas à amizade e aos direitos. Na UnATI, os idosos destacam a justiça e o cuidado, ligados à amizade. A qualidade de vida foi mais ressaltada pelos idosos da UNITI/UFMA. A amizade construída pelos idosos na UNITI e na UnATI, nas diversas atividades em que participam em São Luís e no Rio de Janeiro, além de ter uma associação com a política, ajuda a realizar direitos, assim ampilando a sua cidadania. Isso responde à questão que norteou a nossa pesquisa.

Na esfera pública da cidade de São Luís, nos arraiais e diversos espaços, os idosos geralmente estão acompanhados da sua família e raramente estão sós. Na UNITI/UFMA os idosos têm uma forte expressão nos Conselhos e nos Fóruns, nas associações, nas festas. Alguns idosos das Associações, em especial, se fazem

presentes nos Conselhos, assim como solicitam os profissionais desses espaços para irem às associações, como esclareceu PROF3:

[...] nunca aconteceu de nós promovermos qualquer atividade que fosse [...] esvaziada. Não há essa interação contínua deles dentro dos órgãos de garantia de direito, mas no momento em que a gente precisa que eles saibam, onde estão, todos eles são ligados a nós. Na comunicação [...]. Mas [...] como participação, são alguns que se destacam [...] passar no Conselho [...] pra saber o que está acontecendo. [...]. Se a [...] gente quiser fazer um encontro de grupo de idosos, a gente tem aí condições de acionar mais de duzentos grupos. Eles estão lá no espaço deles, estão conosco pela articulação, mas todo tempo eles solicitam demanda de grupo, para estarmos junto com eles, fazendo palestras, [...] atividades [...], orientação sobre como se constitui a entidade, como acompanhar, como fazer pra estar no convênio, tudo isso eles solicitam dos Conselhos, tanto do Conselho Estadual como do Municipal. É uma demanda grande [...]. [...] (PROF3).

Além disso, frequentam arraiais de Bumba-Meu-Boi, shoppings e outros lugares da esfera pública com a família e com as amigas. A amizade exercitada nas festas, pelos idosos da UNITI em São Luís (MA) e da UnATI no Rio de Janeiro (RJ), revela uma expressão cultural da amizade. E essa expressão cultural da amizade revela traços de cidadania e de política.

Ao longo da história, estas festas, compreendem “sons que vêm da rua”, ou seja, de aglomerações urbanas públicas abertas ou fechadas e foram produzidas pelas camadas populares impossibilitadas de frequentar os espaços das festas das elites (Tinhorão, 2005). Ao se expressarem nessas festas, construindo novas amizades, os idosos da nossa pesquisa produzem sua própria forma de cidadania e os meios de expressá-la, por meio do som das suas vozes e do movimento dos seus corpos, exercitando a amizade e realizando o direito de integração social.

No Rio de Janeiro, os idosos encontram-se no shopping, na praia, nas ruas, geralmente sós ou acompanhados das amigas e, com menor frequência estão com seus familiares. Os idosos da UnATI/UERJ expressam-se em atividades de teatro, danças diversas e têm uma presença marcante nos Fóruns de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade. A UnATI tem um aluno idoso representando este programa no Fórum das Políticas Nacional e Estadual do Idoso, que, segundo PROF7, “é muito atuante”.

Nosso estudo revelou que há idosos da UNITI e da UnATI que compartilham o seu morar junto com os seus filhos e netos. Entretanto, na UnATI

há uma parcela significativa de mulheres idosas que moram sozinhas, predominando esse formato familiar, embora este não seja o que prevalece entre os sujeitos de São Luís, nem no Brasil. Este é um aspecto que pode ser aprofundado em outros estudos.

Ao compartilharem novos conhecimentos e experiências, principalmente nas expressões culturais, os idosos assumem novas formas de ações na esfera pública e atribuem outros rumos às suas vidas, deixando emergir “uma nova imagem de (homens e) mulheres idosas; agora alegres, participativas, dinâmicas, independentes” (Gomes, 2005, p. 111). Nesse sentido, frequentam os programas UNITI e UnATI e interagem com sujeitos de diversas gerações, classes, crenças religiosas, políticas e outras diferenças.

Nesse contexto, os idosos redefinem o conceito de velhice, contrariando antigos modelos de velhice, buscando novas regras e estilos de vida para vivenciar o seu processo de envelhecimento nos espaços coletivos dos programas de Universidades para a geração idosa. Os idosos mostram que é possível envelhecer, desempenhando novos e inusitados *scripts*, atualizando os antigos padrões (Debert, 2004). Além disso, o público feminino idoso que vem ocupando os espaços dos programas, para Peixoto (1997), integram-se a manifestações sociais diversas em que são desenvolvidas relações entre gerações e estes espaços são percebidos pelos idosos como um espaço de interconexão entre público e privado. Em relação à nossa pesquisa, os idosos adquirem na UNITI e na UnATI, novos conhecimentos, novas amizades, exercitam a sociabilidade, a política, expressões da cultura popular, assim ampliando a sua cidadania.

Além dos idosos e profissionais valorizarem a amizade, como fonte de suporte social, associada ao bem estar subjetivo, mostram o aspecto político da amizade, posto que a exercitam como ação no espaço público, pelo diálogo franco e aberto de conteúdo diverso, que possibilita concretizar direitos e alargar a sua cidadania. Mesmo assim, o reconhecimento dos idosos, como sujeitos detentores de direitos e um comprometimento social com a sua dignidade, enquanto um valor-fonte (Lafer, 2003), ainda não são suficientemente respeitados, segundo o Estatuto do Idoso.

Gomes & Silva Júnior (2007a) entendem que:

[...] a amizade possibilita esse espaço respeitoso e de experimentação política em que os objetivos e interesses compartilhados mobilizam maior afinho e engajamento, informando o movimento de adesão e companhia dos outros necessários para que as ações políticas perfaçam-se. Não o interesse/objetivo particular, mas o de ordem coletiva mobiliza o apoio e força entre amigos, possibilitando maior união no movimento fundamentado pelo sentido de lutar junto (p. 158).

Trata-se da responsabilidade com o mundo público e plural, que é comum a todos os sujeitos de uma sociedade. Nesse “*entre os homens*”, dos programas da terceira idade de São Luís e do Rio de Janeiro, os sujeitos idosos buscam uma felicidade pública, tal como entende Hannah Arendt (2002a; 2007a; 2007b; 2008a).

A amizade construída pelos idosos da UNITI/UFMA e da UnATI/UERJ, em diversos espaços, inclusive nas expressões culturais do Bumba-Meu-Boi, da Quadrilha e das Escolas de Samba, expressa a visibilidade dessas velhas guardas, verdadeiros batalhões de ouro, guardiões da tradição, portanto, detentores de diversos saberes. Essa amizade também mostra uma forma de resistência, ao desamparo pelas políticas sociais, para além do “guarnicê”, pois os idosos agem politicamente e unem forças, fazendo troar os tambores, pelo batuque de uma amizade, ora mais silenciosa ora mais barulhenta.

Há que se ouvir melhor e escutar o som desses tambores!

Os sujeitos idosos reúnem descrença e esperança, aconchego e força, crítica e cuidado, ética e política e, pela amizade, mostram criar um poder arendtiano na busca de uma cidadania respeitosa e uma condição humana digna.

As mulheres idosas mostram que, ao se integrarem nesses programas, cuidando mais de si mesmas, desenvolvem melhor o seu papel tradicional de provedoras dos cuidados na administração da casa, na educação dos filhos e nos cuidados com o marido e se inserem na vivência coletiva destes espaços, ou seja, cuidando do mundo por meio da amizade política arendtiana.

Além disso, a própria presença dos idosos - avós ou não - nas universidades, participando dos programas de Universidade da Terceira Idade, reatualiza uma tradição, inserindo estudantes idosos em um espaço de jovens universitários. Nesses programas, os idosos reatualizam o passado, revelando novas formas de reelaborá-lo, pela cultura, pela amizade e pelo conhecimento. Desse modo, colocam em cheque o que é tradição e o que é moderno, por meio de

uma velhice reinventada. Reinventam, inclusive, a forma com que aprofundam a sua cidadania, por meio da perspectiva política da amizade. A cultura da amizade, além de exercitada como uma forma de política passa a se configurar como uma nova forma de cidadania na velhice, junto com outros sujeitos de diversas gerações na família e na sociedade de São Luís e do Rio de Janeiro. Na família e nos diversos espaços públicos de ambas as cidades, os idosos mostram repassar para outras gerações um conhecimento acumulado, como guardiões de uma tradição, provocando cidadania.

Diante das considerações apresentadas, propomos estudos que aprofundem a amizade na terceira idade. Além disso, que as ações dos assistentes sociais possibilitem a constituição da amizade entre as diversas gerações na família e fora dela, não apenas entre os idosos, pelo risco da formação de guetos e de exclusão. Mas, para que os idosos se fortaleçam e possam ter os seus direitos melhor atendidos, além de se tornarem mais iguais a todos os cidadãos, podendo assim melhor conquistar a sua felicidade pública, na perspectiva arendtiana.

Neste sentido, políticas sociais ainda são necessárias, para melhor promover qualidade de vida aos sujeitos idosos, diminuindo assim as desigualdades ainda existentes em nosso país. Assim, políticas que se voltem para as diferenças entre os gêneros, a raça e a etnia poderiam atender melhor a cidadania dos idosos.

Além disso, e, concordando com o IPEA (2011), consideramos como políticas de grande relevância para a população idosa: renda para compensar a perda da capacidade laborativa - previdência e assistência social -, saúde, cuidados de longa duração e a criação de um entorno favorável - habitação, infraestrutura, acessibilidade, redução de preconceitos etc. (p. 20). Estas políticas foram notadas como necessidades e ressaltadas nas propostas dos sujeitos da nossa pesquisa de campo.

Novas pesquisas podem aprofundar a questão dos Fóruns de Coordenadores; da amizade praticada pela geração idosa; a importância da participação dos idosos nas expressões culturais das Escolas de Samba e do Bumba-Meu-Boi.

Entretanto, apesar da relevância indiscutível dos programas de Universidades direcionados aos idosos, ainda é pequena a parcela que acessa esses espaços e se beneficia das suas atividades. Isso se deve à incompleta realização

dos objetivos das políticas públicas e das sociais, que assim revelam que o Estado brasileiro ainda precisa se capacitar para responder às necessidades da sua crescente população de idosos e os reflexos da “questão social” que a atinge.

A crescente literatura nacional, especializada sobre a amizade praticada por idosos, especialmente constituída nos programas voltados para essa faixa da população, ainda mostra a necessidade de estudos sobre a amizade na velhice brasileira. Nosso estudo tem a intenção de contribuir para novos estudos e ações voltadas para a geração idosa no Brasil, mas permanece em aberto para debates e aprofundamentos.

Por isso, podemos guarnicê de novo!

Referências Bibliográficas

AAPJR. **Movimento dos Aposentados.** Disponível em: <<http://www.aapjr.org.br/movimentos.php>>. Acesso em: 30 jun. 2013.

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ABDALA, V. **Idosos são 12% da população do país.** Notícia. Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação, 21 set. 2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-09-21/idosos-sao-12-da-populacao-do-pais#.UP2pw6QR0ow.email>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

AGUIAR, M. L. de S. R.; ANDRADE, R. G. N. **Memória do samba carioca: geografias simbólicas e territorialidades da memória.** Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Recife, PE – 2 a 6 de setembro de 2011. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/63504576/livroprograma2011>>. Acesso em: 04 jan. 2013.

AGUIAR, O. A. **A Questão Social em Hannah Arendt.** Trans/Form/Ação, São Paulo, 27 (2): p. 7-20, 2004.

_____. A Amizade como Amor Mundi em Hannah Arendt. (Correio eletrônico de 11.01.2010) Versão atualizada de artigo a ser publicado na Revista do Departamento de Filosofia da PUC - Rio e uma extração do Capítulo *Amizade e Resistência* In: _____. **Filosofia, Política e Ética em Hannah Arendt.** Ijuí (RS): Edit. Unijuí, 2009.

AITA, V. R. **Resgate Histórico dos Fóruns Nacionais e Estaduais de 1991 a 2007.** Trabalho de conclusão do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica, CFMAG. Núcleo de Estudos da Terceira Idade, NETI/ UFSC, Florianópolis (SC), dezembro de 2007.

ALBERNAZ, L. S. F. **O “urrou” do boi em Atenas:** instituições, experiências culturais e identidade no Maranhão. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Campinas: UNICAMP, 2004.

_____. **Mulheres e cultura popular:** gênero, raça, classe e geração no bumba meu boi do Maranhão. ANAIS da 26ª. Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho, Porto Seguro, Bahia, Brasil, 2008. P. 1-22. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2032/lady%20selma%20ferreira.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2012.

ALBERNAZ, L. S. F. Estéticas e disputas em torno do bumba-meu-boi (São Luís, Maranhão). In: **Revista Antropológicas**, ano 14, v.21, n 1. Recife - PE: UFPE, 2010. P. 77-97.

ALENCASTRO, C.; DAMÉ, L. **Dilma diz que mensagens das ruas é de repúdio à corrupção e ao uso indevido do dinheiro público**. Jornal “O Globo” Online. Seção “País”. Rio de Janeiro, 18 de junho de 2013. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/pais/dilma-diz-que-mensagem-das-ruas-de-repudio-corrupcao-ao-uso-indevido-do-dinheiro-publico-8729900>>. Acesso em: 01 jul. 2013.

ALMEIDA, A. K.; MAIA, E. M. C. **Amizade, Idoso e Qualidade de Vida**: Revisão Bibliográfica. Psicologia em Estudo. v. 15, n. 4. Maringá - PR: Universidade Estadual de Maringá, out./dez., 2010. p. 743-750. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722010000400010>. Acesso em: 26 mar. 2012.

ALMEIDA, V. L. V. de. Modernidade e Velhice. In: **Serviço Social & Sociedade**. Ano XXIV, n. 75. São Paulo: Cortez, 2003. p. 35-54.

ALVES, A. M. **A dama e o cavalheiro**: um estudo antropológico sobre envelhecimento, gênero e sociabilidade. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?id=pXHABeck2fYC&pg=PA133&hl=pt-BR&source=gbs_toc_r&cad=3#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 21.03.2013.

_____. Fazendo Antropologia no baile: uma discussão sobre observação participante. In: VELHO, G.; KUSCHNIR, K. (Orgs.). **Pesquisas urbanas**: desafios do trabalho antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003. Disponível em: <<http://books.google.com.br/>>. Acesso em: 29.01.2013. p. 174-189.

_____. Os idosos, as redes de relações sociais e as relações familiares. In: NERI, A. L. (Org.). **Idosos no Brasil**: vivências, desafios e expectativas na terceira idade. 1ª reimpressão. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, Edições SESC, SP, 2009. p. 125-139.

AMBROSIO, E. R. **Cuidado e Família**: Uma análise compreensiva do modo de caminhar a vida dos cuidadores de idosos. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/>>. Acesso em: 05 de julho de 2013.

ARAÚJO, C. C. **Análise da contribuição do projeto Uniti para o processo de envelhecimento bem-sucedido**. Monografia de Conclusão do Curso de Serviço Social. FSS/UFMA, 2001.

ARAÚJO, H. M. G. **Contextualizando os Fóruns**: uma estratégia educativa. Painel. Lâminas de apresentação. In: X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de e IX Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior. Universidade de Caxias do Sul - RS, 23 a 26 de Outubro de 2007.

ARAÚJO, M. do S. **Os Barracões de Bumba-Meu-Boi**: Roteiros de Interpretação da Herança Patrimonial em São Luís-MA. V - ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA - ENECULT. Faculdade de Comunicação - UFBA, Salvador-BA, 27 a 29 de maio de 2009. p. 1-11.

ARENDT, H. **A Condição Humana**. Tradução de Roberto Raposo. 10ª ed. 2ª reimpressão. Rio de Janeiro/São Paulo: Forense Universitária, 2002 a.

_____. **A Dignidade da Política**: Ensaios e Conferências. 3ª ed. Tradução de Helena Martins et al. Antonio Abranches (Org.). Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2002 b.

_____. **A Promessa da Política**. Tradução de Pedro Jorgensen Jr. Rio de Janeiro: DIFEL, 2008a.

_____. **A vida do espírito**: O pensar, o querer, o julgar. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002 d.

_____. **Compreender**: formação, exílio e totalitarismo (ensaio) 1930-54. Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008b.

_____. **Da Revolução**. Tradução de . São Paulo/Brasília: Ática/UNB, 1988.

_____. **Eichmann em Jerusalém**. Tradução de José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2007b.

_____. **Entre o Passado e o Futuro**. 5ª ed. 2ª reimpressão. Tradução de Mauro W. Barbosa de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 2002 c.

_____. **Homens em Tempos Sombrios**. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. **O Conceito de Amor em Santo Agostinho**. Lisboa: Instituto Piaget, s.d.

_____. **O Que é Política?** Tradução de Reinaldo Guarany. 7ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007 a.

_____. **Origens do Totalitarismo**. Tradução Roberto Raposo. 10ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. **Sobre a Revolução**. Tradução de I. Moraes. Lisboa, PT: Moraes, 1971.

ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. 2ª ed. Tradução de Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Guanabara.

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco** (E N). Tradução de Pedro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 2001.

ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. **Lei nº 3.493, de 23 de Novembro de 2000.** Dispõe sobre o acesso gratuito de idosos aos locais de exibição de programação cultural e esportiva.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA PMU. **Secretaria de Cultura e Lazer realiza mostra de estandartes.** 23.08.2010. Disponível em: <http://www.uba.mg.gov.br/mat_vis.aspx?cd=6738>. Acesso em: 15 mar. 2013.

ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA UERJ. **Aula inaugural da UnATI celebra centenário de Noel Rosa.** Disponível em: <http://www.intranet.rj.gov.br/exibe_pagina.asp?id=5527>. Acesso em: 31 jan. 2013.

ASSOCIAÇÃO DOS AMIGOS DA UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - AAUNI. **Estatuto.** São Luís (MA), 29 de outubro de 1997.

ASSOCIAÇÃO DOS NOTÁRIOS e Registradores do Brasil. **Sem registro de nascimento, meio milhão de crianças "não existem" no Brasil.** - Notícias - Diversos. Disponível em: <http://www.anoreg.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=17213:sem-registro-de-nascimento-meio-milhao-de-criancas-qnao-existemq-no-brasil&catid=2:geral&Itemid=9>. Acesso em: 18 jan.2013.

ASSUNÇÃO, M. R. **A formação da cultura popular maranhense.** Algumas reflexões preliminares. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Número 14. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore (CMF), 1999. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2014.htm>>. Acesso em: 09 set. 2012. p. 6-8.

_____. A formação da cultura popular maranhense. Algumas reflexões preliminares. In: NUNES, I. M. de A. (Org.). **Olhar, Memória e reflexões sobre a gente do Maranhão.** São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. p. 37-50.

AZAMBUJA, T. de. Biodanza para a Terceira Idade. In: **Textos Envelhecimento**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, 2002. Disponível em: <http://revista.unati.uerj.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-59282002000100006&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 31 jan. 2013. p. 75-91.

BALDINI, M. (Org.). **Amizade & filósofos.** Tradução de Antonio Agonesi. Bauru: EDUSC, 2000.

BAPTISTA, M. V. A Ação Profissional no Cotidiano. In: MARTINELLI, M. L.; ON, M. L. R.; MUCHAIL, S. T. (Orgs.). **O Uno e o Múltiplo nas Relações entre as Áreas do Saber.** 3ª ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 110-121.

BARBALHO, A. **Políticas Culturais no Brasil:** Identidade e Diversidade sem Diferença. Trabalho apresentado no III Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura - ENECULT. Salvador-BA: Faculdade de Comunicação/UfBa, 23 a 25 de maio de 2007. P. 1-21. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult2007/AlexandreBarbalho.pdf>>. Acesso em: 03 set. 2011.

BARBALHO, A. Política Cultural. In: RUBIM, L. (Org.). **Organização e Produção da Cultura**. Salvador - BA: EDUFBA; FACOM/CULT, 2005. p. 33-5. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ufba/146/1/Organizacao%20e%20producao%20da%20cultura.PDF>. Acesso em: 03 set. 2012.

BARBOSA, M. J. S. **Ideologia e Identidade na Literatura Brasileira** In: **Passo e Compasso: nos ritmos do envelhecer**. BARBOSA, M. J. S. (Org). Porto Alegre - RS: EDIPUCRS, 2003. p. 267-284.

BARROS, A. E. A. Acorda Ateniense! Acorda Maranhão!: Identidade e tradição no Maranhão de meados do século XX (1940-1960). In: **Ciências Humanas em Revista**. v. 3, n. 2. São Luís - MA: UFMA/CCH, dezembro de 2005b. P. 73-92.

_____. Usos e Abusos do Encontro Festivo: Identidades, Diferenças e Desigualdades no Maranhão dos Bumbas (c. 1900-50). In: **Outros Tempos**. v. 6, número 8. São Luís - MA: UEMA . Dezembro de 2009 - Dossiê Escravidão. p. 1-26.

_____. **A Terra dos Grandes Bumbas**: a maranhensidade ressignificada na cultura popular (1949 - 1960). In: Caderno Pós Ciências Sociais. v. 2, n. 3, jan/jul, São Luís - MA: UFMA, 2005a. p. 97-123.

BARROS, J. C. **Mudanças e Permanências nas Relações de Sociabilidade nas Famílias de Idosos**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da Escola de Serviço Social da UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

BARROS, S. R. Direitos Humanos da Família: Dos Fundamentais aos Operacionais. In: GROERINGA, G. C.; PEREIRA, R. da C. **Direito de Família e Psicanálise**: Rumo a Uma Nova Epistemologia. Rio de Janeiro: Imago, 2003. p.

BARROSO, M. J. L. de C. R. Envelhecimento, um desafio para a sociedade. In : **A Terceira Idade**. Ano 1, nº 1. São Paulo - SP: SESC, Setembro de 1988.

_____. O velho no Brasil Pobre e no Brasil Rico. In : **A Terceira Idade**. Ano 4, n. 6, São Paulo - SP: SESC, Outubro de 1992.

BASTIAT, F. **Individualisme et fraternité**. Copyright by Michel Leter & Presses de l'université libre de Paris, 2001. 13 mar. 2005. Disponível em: <http://www.panarchy.org/bastiat/individualisme.html>. Acesso em: 12 jun. 2010.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: Sobre a Fragilidade dos Laços Humanos. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

_____. **Modernidade e Ambivalência**. Tradução de Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. **Modernidade Líquida**. Tradução de Plínio Denttzen. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

_____. **Ensaio Sobre o Conceito de Cultura**. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

BEAUVOIR, S. **A velhice**. 4ª impressão. Tradução de Maria Helena F. Martins. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BECKERT, M.; IRIGARAY, T. Q.; TRENTINI, C. M. Qualidade de vida, cognição e desempenho nas funções executivas de idosos. **Estudos de Psicologia**. Campinas. v. 2, n. 29 abril - junho. São Paulo, 2012. p. 155-162.

BENNINGTON, G. Política e Amizade: Uma Discussão com Jacques Derrida. In: DUQUE-ESTRADA, P. C. (Org.). **Desconstrução e Ética – Ecos de Jacques Derrida**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

_____. **Politics and Friendship** - A Discussion with Jacques Derrida. Centre for Modern French Thought, University of Sussex, 1º de dezembro de 1997. Disponível em: <<http://www.sussex.ac.uk/Units/frenchthought/derrida/htm>> Acesso: 24 nov. 2010.

BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A Construção Social da Realidade** - Tratado de Sociologia do Conhecimento. Tradução de Floriano de S. Fernandes. 11ª ed. Petrópolis: Vozes. Rio de Janeiro, 1985.

BERQUÓ, E. Considerações Sobre o Envelhecimento Populacional no Brasil. In: NÉRI, A. L.; DEBERT, G. G. (Orgs.). **Velhice e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1999.

BIRMAN, J. Futuro de Todos Nós: Temporalidade, Memória e Terceira Idade Na Psicanálise. In: VERAS, R. P. (Org.). **Terceira Idade** - Um Envelhecimento Digno Para o Cidadão do Futuro. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará & UnATI/UERJ, 1995.

BIRULÉS, F. Prólogo. In: LUDZ, U.; NORDMANN, I. **Hannah Arendt: Diários Filosófico - 1950-1973**. Barcelona: Herder Editorial, 2006. p. XV-XXII.

BIRULÉS, F.; CRUZ, M. (Comps.). Nuestra Desventurada Condicion de Superviventes (Fraternidad, Amistad, Amor) In: **En Torno a Hannah Arendt**. Madrid: Centro de Estudios Constitucionales, 1994. Cap. 3.

BLASS, L. M. da S. **Velha Guarda de escolas de samba: concepções e paradoxos**. (PUC de São Paulo, Brasil) XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais. Diversidades e (Des)Igualdades. Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011. Universidade Federal da Bahia - UFBA, Campus de Ondina. Salvador (BA). p. 1-10.

BLOG “Bastidores 3 - A notícia por trás da notícia”. **Semus promove arraial da 3ª Idade no Filipinho**. Postagem de 28 de junho de 2011. Disponível em: <<http://www.bastidores3.com/2011/06/semus-promove-arraial-da-3-idade-no.html>>. Acesso em: 15 jan. 2013

BOBBIO, N. **Estado, Governo, Sociedade**: para uma teoria geral da política. São Paulo: Paz & Terra, 2007.

BOBBIO, N. et al. **Dicionário de Política**. 12ª ed. Brasília: Ed. Universidade de Brasília. v. 2, 2004.

_____. **O Tempo e a Memória** - De Senectude e outros escritos autobiográficos. Tradução Giulio Einaudi, do original *De Senectude*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

_____. **A Era dos Direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.

BOI DE MARACANÃ. **Bumba Boi de Maracanã**: Movidos pelo amor ao batalhão, pela fé em São João. Disponível em: <<http://www.boidemaracana.com.br/>>. Acesso em: 15 jul.2012.

BONDE ALEGRIA. **História dos Carnavais**. Produzido por Equipe UnATI; Produção e roteiro da Equipe do CTE/UERJ. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=LPN2oPofL8c&feature=em-share_video_user>. Acesso em: 13 abr.2013.

BORRALHO, J. H. de P. **Uma Athenas Equinocial**: a literatura e a fundação de um Maranhão no Império brasileiro. São Luís - MA: Edfunc, 2010.

BOSI, E. **O Tempo Vivo da memória**: Ensaios de Psicologia Social. 2ª Ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BOTEZELLI, J. C. P.; PEREIRA, A. (Orgs.). **A Música Brasileira deste Século por seus Autores e Intérpretes**, 1. São Paulo: SESC, 2000.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil** - Atualizada pela EC 40. In.: De PAULO, Antonio. 14ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

_____. **Lei Nº 10.741/2003** - Dispõe sobre o *Estatuto do Idoso*. São Paulo: Editora Escala. SP, 2003.

_____. Senado Federal. **Lei nº 8. 842** - Dispõe sobre a *Política Nacional do Idoso*. Brasília, 1994.

BREDEMEIER, S. M. L. Conselho do Idoso como Espaço Público. In.: **Revista Serviço Social & Sociedade**. Ano XXIV. Especial. n. 75, setembro, 2003. P. 84-102.

BUARQUE, C. **O Velho**. Disponível em: <<http://letras.mus.br/chico-buarque/86017/>> Acesso em: 13 abr. 2013.

BUBER, M. **Eu e Tu**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. 2ª ed. revisada São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

_____. **Do Diálogo e do Dialógico**. Tradução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BURNETT, F. L.; FERREIRA, E. **Relatório Nº 20 - Município de São Luís-MA**. Avaliação Lei Nº 4669/2006. São Luís, MA: Rede de Avaliação e Capacitação para Implementação dos Planos Diretores Participativos. Junho, 2009. Disponível em: <<http://web.observatoriodasmetropoles.net/planosdiretores/produtos/ma/MA%20-%20Relat%C3%B3rio%20Municipal%20n%C2%BA20%20-%20S%C3%A3o%20Lu%C3%ADs%20-%20Frederico%20Lago%20Burnett%20e%20Edelcy%20Ferreira%20-%20Jun%202009.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2012.

BUTLER, J. **Problemas do gênero**. Feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2008.

CABRAL, B. E. S. L. **Recrutar Laços**: estudo sobre idosos e grupos de convivência nas classes populares paraibanas. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Departamento de Antropologia. Campinas (SP): UNICAMP.

CACHIONI, M; AGUILAR, L. E. **O Envolvimento da Universidade em Relação ao Tema Velhice**: a palavra de coordenadores de programas. Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento, Porto Alegre: UFRGS, v. 13, n. 2, 2008. p. 237-258.

CALDAS, C. P.; VERAS, R. P. Saúde do idoso: a necessária abordagem multidimensional. In: TURA, L. F. R.; SILVA, A. O. **Envelhecimento e representações sociais**. Rio de Janeiro: Quartet; FAPERJ, 2012. p. 70-87.

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO LUÍS. **Lei nº 3.843, de 13 de Agosto de 1999**. Estabelece a concessão de meia entrada a idosos no cinemas de São Luís e dá outras providências. 1999.

CÂMARA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO. **Lei nº 3.728, de 24 de Março de 2004**. Dispõe sobre a gratuidade a idosos para assistirem aos desfiles das escolas de samba no Município do Rio de Janeiro e dá outras providências. 2004.

CAMARANO, A. A. **Como Vai o Idoso Brasileiro?** Texto Para Discussão nº 681. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. Disponível em: <<http://cdi.mecon.gov.br/biblio/docelec/MU2312.pdf>> Acesso em: 09 abr. 2013.

_____. **Envelhecimento da População Brasileira**: Uma Contribuição Demográfica. Disponível em: <<http://www.serasa.com.br/guiaidoso/>> Acesso em: 11 dez. 2006.

_____. Envelhecimento da População Brasileira: Uma Contribuição Demográfica. In: **Texto Para Discussão**. n. 858. Rio de Janeiro: IPEA, 2002.

_____. Quão Além dos 60 Poderão Viver os Idosos Brasileiros? In: _____. (Org.). **Os Novos Idosos Brasileiros**: Muito Além dos 60? Rio de Janeiro: IPEA, 2004.

CAMARANO, A. A. Relações Familiares, Trabalho e Renda entre Idosos. In: BARROS Júnior, J. C. **Trabalho e Qualidade de Vida na Terceira Idade**. 1ª ed. São Paulo: Editora Edicon. 2009. p. 80-96.

CAMARGO, B. V. et. al. Representações Sociais de Felicidade. In: NERI, A. L.; GUARIENTO, M. H. (Orgs.). **Fragilidade, saúde e bem-estar em idosos**: dados do estudo FIBA Campinas. Campinas, SP: Alínea, 2011.p. 239-256.

CAPITANINI, M. E. S.; NÉRI, A. L. Sentimentos de Solidão, Bem Estar Subjetivo e Relações Sociais em Mulheres Idosas Vivendo Sozinhas. In: NÉRI, A. L.; YASSUDA, M. S. (Orgs.). **Velhice Bem-Sucedida**: Aspectos Afetivos e Cognitivos. Campinas: Papirus, 2004. p. 71-89.

CARDOSO, L. C. M. **O Teatro do Poder**: Cultura e Política no Maranhão. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, UFMA. São Luís, MA, 2008.

CARVALHO, J. M. de. **Cidadania no Brasil**: O Longo Caminho. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

CARVALHO, K. D. et al. **Cultura popular e sensibilidade romântica**: as danças dramáticas de Mário de Andrade. Rev. Bras. Ci. Soc., Fev 2004, v.19, n.54, p.57-78.

_____. **Tema e variantes do mito**: sobre a morte e a ressurreição do boi. v.12, n.1, Rio de Janeiro: Mana, Abr 2006a. p.69-104.

_____. Tempo e Narrativa nos Folguedos do Boi. In: **Revista Pós Ciências Sociais**. v. 3, n. 6, São Luís - MA: UFMA, Jul/Dez. 2006b. p. 61-88.

_____. (Coord.). Tempo e narrativa nos folguedos do boi. A ilusão do arcaísmo nos estudos do folclore. In: **Reconhecimentos**: Antropologia, folclore e cultura popular. Coleção Circuitos da Cultura Popular. v. 4. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2012. p. 350-381.

CARVALHO, L. G. de. **A graça de contar**: um pai Francisco no bumba um boi do Maranhão. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2011.

CARVALHO, M. M. P. de. **As Mulheres no Bumba-Boi**: Saindo Detrás das Cortinas. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 1996. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2005.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 3.

_____. **Folia junina maranhense**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. São Luís - MA, agosto de 1998. Boletim On-Line Nº 11. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2011.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 9.

CARVALHO, M. M. P. de. **Descobrimdo e/ou Redescobrimdo o Bumba-meu-boi**. Agosto de 2000 Boletim On-Line Nº 17 Disponível em: Comissão Maranhense de Folclore. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho: São Luís - MA, Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2017.htm>>. Postado em 28 set. 2008. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 11.

CAVALCANTI, M. L. V. de C. Baianas e Velha Guarda: corpo e envelhecimento no carnaval carioca. In: GOLDENBERG, M. (Org.). **Corpo, envelhecimento e felicidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. p. 245-273.

CAZUMBÁ: A magia da notícia. **Bumba-meu-boi**: Expressão máxima na cultura de um povo. Edição de Ano I, n. 4, Maio/Junho. São Luís - MA, 2003. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/impar/2011/06/27/interna_impar,84992/sao-joao-do-maranhao-atrai-turista-e-lota-os-arraiais.shtml>. Acesso em: 20 mai. 2013.

CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA DO BRASIL - CPDOC. Dicionário Histórico - Biográfico Brasileiro. **José Sarney**. Verbete. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/busca/Busca/BuscaConsultar.aspx>. Acesso em: 24 jul.2012.

CERQUEIRA FILHO, G. A **“Questão Social” no Brasil**: Crítica do Discurso Político. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

CHALHOUB, S. **Trabalho, Lar e Botequim**: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *belle époque*. 1ª reimpressão. 2ª ed. Campinas - SP: Editora da Unicamp, 2005.

CHEDIAK, A. (Idealização e Prod). NOGUEIRA, J.; BONFFÁ, M. Sonho de Um Carnaval. In: **João Nogueira e Marinho Bonffa**: Chico Buarque. Rio de Janeiro - RJ: Estúdio Fibra. Set/Out, 1995. Acervo da pesquisadora. Composição de Chico Buarque. 1965 © by Editora Musical Arlequim Ltda.

CHIBA, S. **Hannah Arendt on Love and the Political**: Love, Friendship, and Citizenship. The Review of Politics. Indiana (USA): University of Notre Dame, v. 57, n.3, 1995.p. 505-535.

CÍCERO, M. T. **Da Amizade**. Tradução SOUZA, Gilson C. C. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CÓDIGO de Posturas de São Luís. **Lei Número 1790 de 12 de maio de 1968**. Disponível em: <<http://www.gepfs.ufma.br/legurb/LEI%201790.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2012.

COELHO, T. **Dicionário Crítico de Política Cultural**: Cultura e Imaginário. São Paulo: Iluminuras, 1997. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/6620513/Dicionario-Critico-de-Politica-Cultural-Teixeira-Coelho>>. Acesso em: 03.09.2012.

COEP - MARANHÃO. **Caminhos para mudar o Brasil**. Publicação do Centro de Tecnologia, Trabalho e Cidadania. Oficina Social. Rio de Janeiro, 1998. p. 385-393.

COMPARATO, F. K. **Sentido Histórico da Declaração Universal**. Disponível em: <<http://www.dhnet.org.br>> Acesso: 28 dez. 2010.

CONGRESSO Internacional da ABrUnATI. Disponível em: <<http://www.forumncti.com.br/?conteudo=programacao>>. Acesso em 29 jun. 2013.

COORDENAÇÃO GERAL. **Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI**. Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, S.D.

CORRÊA, J. R. C. do C. **Atenas Brasileira: a cultura maranhense na civilização nacional**. Brasília: Thesaurus; Corrêa & Corrêa, 2001.

_____. **Formação social do Maranhão: o presente de uma arqueologia**. São Luís - MA: SIOGE, 1993.

_____. **Os Maranhenses: contribuição para a teoria geral do Maranhão**. Cadernos IMESC I. São Luís - MA: IMESC, 2008.

CORTELLA, M. S.; RIBEIRO, R. J. **Política: para não ser idiota**. Campinas - SP: Papirus 7 Mares, 2010.

COSTA, R. **Bumba-meu-boi de Zabumba: estética política versus ecos das bases populares**. UNESCO - Congresso Multidisciplinar de Comunicação para o Desenvolvimento Regional. São Bernardo do Campo - Universidade Metodista de São Paulo - SP. 9 a 11 de outubro de 2006. Disponível em: <http://encipecom.metodista.br/mediawiki/index.php/Bumba-meu-boi_de_Zabumba:_est%C3%A9tica_pol%C3%ADtica_versus_ecos_das_bases_populares>. Acesso em: 07 ago. 2012. p. 1-13.

COURTINE-DENAMY, S. **O Cuidado Com o Mundo: Diálogo entre Hannah Arendt e alguns dos seus contemporâneos**. Tradução de Maria Juliana G. Teixeira. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

CRUZ, G. G. da. **Fórum Permanente da Terceira Idade: uma contribuição à organização do movimento da terceira idade no Maranhão**. Monografia de Graduação em Serviço Social, UFMA. São Luís - MA: Faculdade de Serviço Social, UFMA, 1996.

CUBA, C. de M. G. B. **Amizade dos Idosos na Família e na Sociedade**. Projeto de Curso da UnATI/UERJ. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **A Amizade Política de Idosos Voluntários**. Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento. v.15, n. 1, Porto Alegre - RS, 2010b. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/7195/10917>> Acesso em: 04 abr. 2013. p. 68-86.

CUBA, C. de M. G. B. **Diário de Campo** - UNITI - São Luís - MA, 2010 a.

_____. **Diário de Campo** - UNITI - São Luís - MA. 2011.

_____. **Ninguém Vive Sem Amizade!** A Importância da Amizade Política dos Idosos Colaboradores da UnATI/UERJ. Dissertação de Mestrado junto ao programa de Pós-Graduação em Serviço Social, PUC-RJ, 2005.

D'ÉVREUX, Y. **História das coisas mais Memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614 por Yves D'Évreux**. In: Coleção Franceses no Brasil - Séculos XVI e XVII. v. IV - Yves D'Évreux. Rio de Janeiro: Batel: Fundação Darcy Ribeiro, 2009.

DALLARI, D. de A. Ser Cidadão. **Revista Lua Nova**. v. 1, número 2, 1984. p. 61-64.

DAMATTA, R. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. Em Torno dos Amigos e da Amizade. In. **Leituras Compartilhadas**. Ano 3. Fascículo 10. ISSN 1677 – 387X. Rio de Janeiro: Leia Brasil, 2003. Disponível em: <<http://www.leiabrasil.org.br>>. Acesso em: 27 nov. 2012

_____. **Relativizando; uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1987.

_____. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. 6ª. Ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **O que é o Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 2004.

DAMATTA, R.; VASCOCELLOS, J. G M.; PANDOLFI, R. **Fé em Deus e pé na tábuia, ou Como e por que o trânsito enlouquece no Brasil**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

DE CERTAU, M. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis (RJ): Vozes, 2008. p. 37-58.

DEBERT, G. G. **As Representações (estereótipos) do Papel do Idoso na Sociedade Atual**. Anais do 1º. Seminário Internacional Envelhecimento Populacional. Brasília, MPAS, Secretaria de Assistência Social, 1996. p.35 – 45.

_____. **Gênero e Envelhecimento**. Revista Estudos Feministas, Rio de Janeiro: UFRJ. v. 2, n. 3, 1994. p. 33-51.

_____. A Dissolução da Vida Adulta e a Juventude Como Valor. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 16, n. 34, jul./dez. 2010. p. 49-70. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v16n34/03.pdf>> Acesso em: 28 fev. 2013.

_____. **A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento**. 1ª ed. 1ª Reimpr. São Paulo: EDUSP/Fapesp, 2004.

DINIZ, J. S. As Condições e Contradições no Espaço Urbano de São Luís (MA): traços periféricos. In: **Ciências Humanas em Revista**. São Luís - MA: UFMA, V. 5, n.1, julho 2007. Disponível em: <http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2007_1/juarez_diniz_v5_n1.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2011. p. 167-180.

DISCH, L. J. On friendship in “Dark Times”. In.: HONIG, B. **Feminist Interpretations of Hannah Arendt**. Library of Congress Cataloging-in-Publication Data. Edited by Bonnie Honig. The Pennsylvania State University, USA, 1995. p. 285-311. Disponível no Portal CAPES acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

DUBAR, C. **A Socialização: Construção das Identidades Sociais e Profissionais**. Portugal: Porto Editora Ltda, 1997.

EISENBERG, J. Comunidade ou República? Hannah Arendt e as Linguagens do Pensamento Político Contemporâneo. In: MORAES, E. J. de.; BIGNOTO, N. (Orgs.). **Hannah Arendt: diálogos, reflexões, memórias**. Belo Horizonte: UFMG, 2001. p. 166-175.

EISENSTADT, S. N. **De Geração a Geração**. Tradução de Sérgio P. O. Pomerancblum. São Paulo: Perspectiva, 1976.

EQUIPE DE ELABORAÇÃO. Do Projeto. **Projeto Universidade Integrada da Terceira Idade** - UNITI. UFMA; Secretaria de Estado da Administração, Recursos Humanos e Previdência - SEARHP; Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, SESC. São Luís (MA), 1996.

_____. **Projeto Universidade Integrada da Terceira Idade** - UNITI. UFMA, Secretaria de Estado de Administração e Previdência - SEAPS, Universidade Estadual do Maranhão - UEMA, SESC. São Luís (MA), 2007.

_____. **Perfil Sócio-econômico dos Usuários da Universidade Integrada da Terceira Idade** - 2009. São Luís (MA): UNITI, 2010.

EQUIPE TÉCNICA. **Grade Curricular** - Curso de Formação Continuada. UNITI/2010; 2º Semestre (Alunos Egressos). Universidade Integrada da Terceira Idade - UNITI. Pró-Reitoria de Extensão. UFMA, 2010.

_____. _____. UNITI/2010; 1º Semestre (Alunos Iniciantes). UNIVERSIDADE INTEGRADA DA TERCEIRA IDADE - UNITI. Pró-Reitoria de Extensão. UFMA, 2010.

ERBOLATO, R. M. P. Relações Sociais na Velhice. In: FREITAS, E. V. de et al. **Tratado de Geriatria e Gerontologia**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p. 1324-1331.

_____. **Contatos Sociais: Relações de Amizade em Três Momentos da Vida Adulta**. Tese de Doutorado em Psicologia, Instituto de Psicologia e Fonoaudiologia da PUCCAMP. Campinas/SP, 2001.

ESTRADA, P. C. (Org.). **Desconstrução e Ética** - Ecos de Jacques Derrida. Rio de Janeiro: Ed. PUC – Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

EVALDO, A. **Usos e Abusos do Encontro Festivo: Identidades, Diferenças e Desigualdades no Maranhão dos Bumbas** (c. 1900-50). Outros Tempos. Volume 6, número 8, dezembro de 2009 - Dossiê Escravidão. São Luís - MQA: UEMA. Disponível em: <http://www.outrostempos.uema.br/vol.6.8.pdf/Antonio%20Evaldo.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2012. p. 1-26.

FALEIROS, V. de P. Os conselhos do idoso: controle social e democracia participativa. In: _____; LOUREIRO, A. M. L. (Orgs.). **Desafios do envelhecimento: vez, sentido e voz**. Brasília: Universa, 2006.

FAUSTINO, L. R. **Massificação e Amizade política: pensando a resistência a banalização do humano em H. Arendt**. Dissertação de Mestrado em Filosofia, Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Estado do Ceará, UFCE, 2007. Resumo disponível no Portal CAPES acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

FEATHERSTONE, M. A Velhice e o Envelhecimento na Pós-Modernidade. In: **A Terceira Idade**. Ano X, n° 14, São Paulo: SESC, Agosto, 1998. p. 5-18.

FEITOSA, A. C.; TROVÃO, J. R. **Atlas Escolar do Maranhão: Espaço Geo-histórico e Cultural**. João Pessoa - PB: Grafset, 2006.

FEITOSA, M. A. **Corpo e movimento no envelhecimento**. Monografia de Pós-Graduação em Psicomotricidade. Faculdade Santa Fé. São Luís, MA, 2004.

_____. In: **A Ciência que eu Faço - Maria Alves Feitosa**. Vídeo postado por Vera Pinheiro. Programa **A Ciência Que eu Faço. Promoção do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação**. Brasília (DF), 13.10.2012. Disponível em: <http://acienciaqueeufaco.mast.br/index.php/2-uncategorised/142-maria-alves-feitosa-gerentologia-trabalho-ocm-o-idoso-universidade-integrada-da-terceira-idade.html>. Acesso em: 25 abr. 2013.

FENERICK, J. A. **Nem do morro nem da cidade: as transformações do samba e a indústria cultural (1920 - 1945)**. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2005.

FERREIRA, A. B. de H. **Miniaurélio: o minidicionário da língua portuguesa** dicionário. 7ª ed. Curitiba - PR: Ed. Positivo, 2008.

_____. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 1ª ed. 15ª impressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, A. J. de A. São Luís do Maranhão: Em que cidade vivemos? Que cidade queremos no quarto centenário? **Ciências Humanas em Revista**, v.7, n.2, UFMA, São Luís/MA, 2009. Disponível em: http://www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2009_2/Ant%C3%B4nio%20Jos%C3%A9%20de%20Ara%C3%BAjo%20Ferreira_v7_n2.pdf. Acesso em: 17 mar. 2011. p. 1-9.

FERREIRA, C. G. S.; SILVA, C. B. R. da. **Festejar Com Fé: o Bumba-Meu-Boi Maranhense uma Cumplicidade com São João.** Anais V Simpósio Internacional do Centro de Estudos do Caribe no Brasil - CECAB. Salvador - BA: UFBA, 30 de setembro a 03 de outubro de 2008. Disponível em: <<http://www.revistabrasileiradocaribe.org/CarlaFerreiraCarlosSilva.pdf>>. Acesso em: 07 ago. 2012. p. 1-16.

FERREIRA, C. G. S.; SILVA, C. B. R. da. **Ressignificando Fronteiras: Territorialidade e Identidade no Bumba - Meu - Boi do Maranhão.** In: XI CONGRESSO LUSO AFRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS - DIVERSIDADES E (DES)IGUALDADES. Universidade Federal da Bahia - UFBA: S., 7 a 10 de agosto de 2011. Disponível em: <http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1307635760_ARQ_UIVO_ArtigoLusoAfrosemresumo.pdf>. Acesso em: 13 set. 2012. p. 1-12.

FERREIRA, M. do S. R. **A Implementação dos Direitos Humanos Fundamentais e Desafios para a Garantia à Pessoa Idosa: um relato de experiência no Maranhão.** Monografia de Especialização em Gerontologia. Faculdade Santa Fé, São Luís - MA, 2006.

FERRETTI, S. F. Folclore e Cultura Popular. In: NUNES, I. M. de A. (Org.). **Olhar, Memória e reflexões sobre a gente do Maranhão.** São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2003b. p. 27-35.

_____. **Identidade cultural maranhense na perspectiva da Antropologia.** Boletim n. 27, dezembro de 2003a. Comissão Maranhense de Folclore. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho: São Luís - MA, Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/8f8a7f25c99ec7722ac398ba900c2898.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2012. p. 06-08.

_____. **Dimensões da Cultura: Popular, Erudita.** In: Ciências Humanas em Revista. São Luís: CCH/UFMA, v. 5, n. 2, 2007. p. 39-54 Disponível em: <www.nucleohumanidades.ufma.br/pastas/CHR/2007_2/sergio_ferretti_v5_n2.pdf>. Acesso em: 17 mar. 2011.

_____. **Folclore e Cultura Popular.** Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. São Luís - MA, agosto de 1998. Boletim On-Line Nº 11. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2011.htm>>. Acesso em: 20 ago..2011. p. 1-3.

_____. **Tambor de Crioula: ritual e espetáculo.** 3ª ed. São Luís: Comissão Maranhense de Folclore, 2002.

FLAGR@NTE. **Carnaval idoso hoje às 16 horas no Sambódromo.** sábado, 18 de fevereiro de 2012. Online. Disponível em: <http://www.portalfagranteam.com.br/2012/02/carnaval-idoso-hoje-as-16-horas-no.html>. Acesso em 31 jan.2013.

FONSECA, C. **Da circulação de crianças à adoção internacional**: questões de pertencimento e posse. In: Cadernos Pagu, Campinas. n. 26, janeiro-junho de 2006. p.11-43. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-83332006000100002&lng=em&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2013.

FOUCAULT, M. Aula de 17 de Março de 1976. In: **Em Defesa da Sociedade Curso no Collège de France (1975-1976)**. Tradução: Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**. Petrópolis, Ed. Vozes, 2009. p. 129-214.

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 11ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

FREITAS, B. P. **A Política sob o Princípio do Amor Mundi**: Diálogo com Hannah Arendt. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Serviço Social. PUC-Rio, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/acessoConteudo.php?nrseqoco=66779>>. Acesso em: 05 jul. 2013.

FRUTUOSO, D. **A Terceira Idade na Universidade**. Ágora da Ilha: RJ, 1999.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Percentual de crianças que não são registradas ao nascer registra queda de 60% em 10 anos** - Pesquisa IBGE - Estatísticas do Registro Civil. Disponível em: <<http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2465508/percentual-de-criancas-que-nao-sao-registradas-ao-nascer-registra-queda-de-60-em-10-anos>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **14% dos idosos brasileiros moram sozinhos**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>; <<http://www.indicadorbrasil.com.br/2012/04/14-dos-idosos-brasileiros-moram-sozinhos/>>. Acesso em: 18 jan. 2013.

_____. **Primeiros resultados do censo de 2010 Brasil**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. **Síntese dos Indicadores Sociais 2010**. Tabela 1.4 - Taxa de fecundidade total, taxa bruta de natalidade, taxa bruta de mortalidade, taxa de mortalidade infantil e esperança de vida ao nascer, por sexo, segundo as Grandes Regiões e Unidades da Federação - 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 20 jan. 2011.

_____. **Pesquisa IBGE: Síntese dos Indicadores Sociais 2009** - Notícia IBGE. 09.10. 2009. Disponível em: <<http://noticias.cancaonova.com/noticia.php?id=274366>>. Acesso em: 25 nov. 2009.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios** - Síntese de Indicadores 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2010.

FUNDAÇÃO Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). **Estimativas da População 2008**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 29 ago. 2009.

_____. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios - Síntese dos Indicadores Sociais 2008 - FIBGE** Sexta-feira, 09 de outubro de 2009. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 12 dez. 2009.

GANDELMAN, L. M. **Mulheres para um Império: órfãs e caridade nos recolhimentos femininos da Santa Casa da Misericórdia (Salvador, Rio de Janeiro e Porto – século XVIII)**. Tese de Doutorado em História, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2005.

GARCIA, A.; LEONEL, S. B. **Relacionamento Interpessoal e Terceira Idade: A Mudança Percebida nos Relacionamentos com a Participação em Programas Sociais para a Terceira Idade**. Ver. Pesquisas e Práticas Sociais v. 2, n.1. São João Del Rei (MG), Mar./Ago. 2007. p. 130-139.

GIL, G. **Gilberto Gil**. Rio de Janeiro: Philips, 1968. 1 CD.

GLOBO.COM. . **Confira as imagens da semana que marcaram o Brasil e o mundo**. Programa Bom Dia Brasil. Edição do dia 03/11/2006. Disponível em: <<http://g1.globo.com/bomdiabrasil/0,MUL812803-16020,00-CONFIRA+AS+IMAGENS+DA+SEMANA+QUE+MARCARAM+O+BRASIL+E+O+MUNDO.html>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

_____. **Rodrigo Maia assumirá presidência do PFL**. Do G1, Política / PFL. em São Paulo, 22/03/07. Atualizado em 23/03/07. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,MUL13331-5601,00-RODRIGO+MAIA+ASSUMIRA+PRESIDENCIA+DO+PFL.html>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

_____. **TSE nega recursos e confirma cassação do governador do Maranhão**. Reportagem de Diego Abreu Do G1, Política/Maranhão. Brasília, 16/04/09. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/Politica/0,MUL1088314-5601,00-TSE+NEGA+RECURSOS+E+CONFIRMA+CASSACAO+DO+GOVERNADOR+DO+MARANHÃO.html>>. Acesso em: 15 jul. 2012.

GOHN, M. da G. **Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais**. Saúde e Sociedade v.13, n.2, maio-ago 2004. p.20-31. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v13n2/03>>. Acesso em: 23 jun. 2013.

GOLDANI, A. M. **Mulheres e Envelhecimento: desafios para novos contratos intergeracionais e de gênero**. In: CAMARANO, A. A. **Muito Além dos 60: os novos idosos brasileiros**. Rio de Janeiro: IPEA, 1999. p. 75-113.

GOLDENBERG, M. **Gênero e Corpo na Cultura Brasileira**. Revista Psicologia Clínica. v. 17, n. 2. Rio de Janeiro, 2005.

GOLDMAN, S. N. **Universidade para Terceira Idade: Uma Lição de Cidadania**. Olinda, PE: Elógica, 2003.

GOLDMAN, S. N. As dimensões sócio-políticas do envelhecimento. PY, Lígia et al (Orgs.). **Tempo de Envelhecer: percursos e dimensões psicossociais**. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 61-82.

_____. Proteção Social e Velhice: um desafio para o Serviço Social. In: ALMEIDA, V. de F. S. M. de et. al. **“Política de Assistência Social no Brasil: desafios para o assistente social”**. II SIMPÓSIO DO SERVIÇO SOCIAL DO COMAER. DIRINT, Ministério da Defesa, Comando da Aeronáutica. 2007. p. 120-134.

GOMES, A. A. **O Significado do Envelhecimento para as Mulheres do Curso de Formação Continuada da UNITI-MA**. Monografia de graduação em Serviço Social. São Luís: FSS/UFMA, 2002.

GOMES, A. de C. Essa Gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo. In: **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 6, n° 11, 1993. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1954/1903>>. Acesso em: 30 abr. 2011. p. 62-77.

GOMES, A. de C. **Essa gente do Rio, modernismo e nacionalismo**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOMES, L. G. Experimentação Política da Amizade: Alteridade e Solidariedade nas Classes Populares. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Abr-Jun 2007 a, v. 23 n. 2, pp. 149-158. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr.010.

_____. **Sobre a Amizade em Tempos de Solidão**. *Psicologia & Sociedade*; v. 19 n. 2, 2007 b. p. 57-64. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr.010.

GOMES, L. G.; SILVA JÚNIOR, N. Implicações Políticas da Semântica Familiarista nos Discursos de Amizade Contemporâneos. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 2, abr./jun. 2008. p. 267-275. Disponível no Portal CAPES acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

GOMES, M. C. F. **Lazer como Meio de Reconstrução da Identidade na Terceira Idade** - um estudo na Universidade Integrada da Terceira Idade (UNITI). Monografia de Graduação. Curso de Psicologia, UFMA, 2004.

GOMES, M. P. O Maranhão e os Tupinambá de Yves d'Évreux. In: **História das coisas mais Memoráveis ocorridas no Maranhão nos anos de 1613 e 1614 por Yves D'Évreux**. Coleção Franceses no Brasil - Séculos XVI e XVII. Volume IV - Yves D'Évreux. Rio de Janeiro: Batel: Fundação Darcy Ribeiro, 2009. p. 75-84.

GOMES, M. Q. de C. Temporalidades e Relações Geracionais: Reconstruindo a Imagem. In: MOTTA, A. B. da; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. de C. (Orgs.). **Reparando a Falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Salvador : UNBA, 2005. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010.

GONTIJO, F. *Carioquice ou carioquidade?* Ensaio etnográfico das imagens identitárias cariocas. In: GOLDENBERG, M. et al (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 41-77. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=8YESit5jQFsC&oi=fnd&pg=PA41&ots=Zy7C8PwyHk&sig=hLtMbZ8rn_oNkW6BbyYdWAWCyNg#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 01 abr. 2011.

GRÜNEWALD, V; SOUZA, M. de L. F. Criação e Evolução do Curso de Monitores da Ação Gerontológica. In: GRÜNEWALD, V.; BAYER, J. (Orgs.). **NETI aos 20 anos: contando histórias da gerontologia.** Florianópolis: UFSC, 2004. Disponível em: <http://www.neti.ufsc.br/downloads/neti_20_anos.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2010.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva.** 4ª Reimpressão. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2009.

HELUY, H. B. **Os méritos de Socorro Ramos à Medalha Manoel Bequimão.** Discurso. Assembleia Legislativa do Estado do Maranhão. Disponível em: <<http://www.al.ma.gov.br/helena/paginas/doc.php?cod=2206>>. Acesso em: 22 jun. 2012.

HEUER, W. Amizade Política pelo Cuidado com o Mundo: Sobre Política e Responsabilidade na Obra de Hannah Arendt. Tradução de Marion Brepohl, **Revista História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 46, 2007. p. 91-109. Disponível no Portal CAPES acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

HONNETH, A. **Luta por Reconhecimento: A Gramática Moral dos Conflitos Sociais**, São Paulo, 2003, Editora 34.

HONORATO, C. Anotações Acerca da Questão Urbana Contemporânea. Passagens. **Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica**. Rio de Janeiro: v. 5, n.1, jan-abr, 2013, p. 84-101.

IBGE. **Divisão Regional do Brasil em Mesorregiões e Microrregiões Geográficas.** Volume I. Rio de Janeiro, 1990. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/monografias/GEBIS%20-%20RJ/DRB/Divisao%20regional_v01.pdf>. Acesso em: 27 nov. 2012.

IBGE. **Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios - Resultados do Universo.** Cidades: São Luís - MA. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 set. 2012.

_____. **Censo Demográfico 2010: Características da População e dos Domicílios: Resultados do Universo.** Estados: Maranhão. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ma&tema=resultuniverso_censo_2010>. Acesso em: 20 jul. 2012.

IBGE. **Percentual de crianças que não são registradas ao nascer registra queda de 60% em 10 anos** - Pesquisa IBGE - Estatísticas do Registro Civil. Disponível em: <<http://arpen-sp.jusbrasil.com.br/noticias/2465508/percentual-de-criancas-que-nao-sao-registradas-ao-nascer-registra-queda-de-60-em-10-anos>>. Acesso em 18 jan.2013.

_____. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Cidades: São Luís - MA. Disponível em:< <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>>. Acesso em: 20 set. 2012. b

_____. _____. Estados: Maranhão. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/estadosat/temas.php?sigla=ma&tema=sinopse_censodemog2010>. Acesso em: 20 jul. 2012. c

_____. **Síntese de Indicadores Sociais aponta redução da desigualdade na década 2001-2011**. PNAD 2011, Índice de indicadores sociais. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2268>. Acesso em: 21 jan.2013.

_____. **SIS 2012: acesso de jovens pretos e pardos à universidade triplicou em dez anos**. Comunicação Social. 28 de novembro de 2012. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=2268>. Acesso em: 18 fev.2013.

IMIRANTE.COM. **Veja o vídeo de apresentação do enredo da Beija-Flor**. São Luís / Carnaval 2012. Disponível em: <<http://imirante.globo.com/noticias/2011/06/02/pagina275765.shtml>>. Acesso em: 09. fev.2013.

IMIRANTE.COM. **Ônibus não circulam em São Luís no segundo dia de greve**. Notícias: São Luís / Rodoviários. 24.05.2011. Disponível em: <<http://imirante.globo.com/noticias/2011/05/24/pagina274877.shtml>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

IMPÉRIO SERRANO. **Para com isso, dá cá o meu**. Samba Enredo. Rio de Janeiro, 1988. Disponível em: <<http://letras.terra.com.br/sambas/506161/>>. Acesso em: 13 abr. 2011.

IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. **Tendências demográficas mostradas pela PNAD de 2011**. Comunicados do IPEA nº 157. Brasília (DF). 11.10.2012.

_____. **Situação Social nos Estados: Maranhão**. Brasília - BR: IPEA, março de 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/situacao_social/120307_relatorio_situacaosocial_ma.pdf>. Acesso em: 24 set. 2012.

_____. **O Conselho Nacional dos Direitos do Idoso na Visão de seus Conselheiros**: Relatório de Pesquisa - Projeto Conselhos Nacionais: perfil e atuação dos conselheiros. Brasília - DF, 2012. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/relatoriopesquisa/120409_relatorio_direitos_idoso.pdf>. Acesso em: 05 jun. 2013.

IPEADATA. **População residente total.** Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 24 set.2012.

JORNAL O Imparcial. **Arraial do PAI movimentará Centro Social do Servidor Público nesta quarta.** Publicação: 25/06/2012. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/urbano/2012/06/25/interna_urbano,117833/arraial-do-pai-movimentara-centro-social-do-servidor-publico-nesta-quarta.shtml>. Acesso em: 20 set. 2012.

_____. São João: Prefeitura viabiliza arraiais nos bairros. São Luís, 12.06.2011, p. 5-6.

JORNAL TRIBUNA DO MARANHÃO. **Universidade Integrada diploma 94 idosos da 15ª turma.** Reportagem de 12/12/2010 Disponível em: <<http://www.tribunadomaranhao.com.br/noticia/universidade-integrada-diploma-94-idosos-da-15-turma-8520.html>>. Acesso em: 14 jan.2011.

KIPPER, C. D. R.; LOPES, R. S. **O Tornar-se Avó no Processo de Individuação.** Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa. v. 22 n. 1, Jan-Abr 2006. p. 29-34.

KONSTAN, D. **A amizade no mundo clássico.** Tradução de Marcia Epstein Fliker. São Paulo: Odisseus Editora, 2005.

LACROIX, M. de L. L. **A Fundação Francesa de São Luís e seus Mitos.** 3ª ed. rev. e ampl. São Luís: Editora UEMA, 2008.

LAFER, C. **A Reconstrução dos Direitos Humanos:** um diálogo com o pensamento de Hannah Arendt. 5ª Reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

_____. Da Dignidade da Política: Sobre Hannah Arendt. In.: ARENDT, H. **Entre o Passado e o Futuro.** 5ª ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Perspectiva, 2002.

_____. **Desafios:** ética e política. São Paulo: Siciliano, 1995.

_____. **Publicação Eletrônica** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <cuba@uninet.com.br> em 10 dez. 2004.

LARROUSSE CULTURAL. **Dicionário da Língua Portuguesa.** São Paulo: Nova Cultura, 1992.

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo.** 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LESSA, C. **O Rio de todos os brasis.** 3ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2005.

LIMA, C. de. **Universo do bumba-meu-boi.** Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. São Luís - MA, agosto de 1998. Boletim On-Line Nº 11. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2011.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 6.

LIMA, C. de. Universo do bumba-meu-boi. In: NUNES, I. M. de A. (Org.). **Olhar, Memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. p. 73-76.

LIMA, M. A. **A Gestão da Experiência de Envelhecer em um Programa Para a terceira Idade**: A UNATI/UERJ. Dissertação de Mestrado. Departamento de Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP, São Paulo, 1999.

LIMA, Z. **O bumba-meu-boi como o conheci**. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. n. 29. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore. Agosto de 2004. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/9a4a4d5c853e51956db39858c8ecf6ca.pdf#page=4>>. Acesso em: 09 ago. 2012. p. 4-5.

LINS DE BARROS, M. Envelhecimento, Cultura e Transformações Sociais. In: PY, L. et al. (Orgs.). **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 39-60.

LOPES, A. P. de S. et al. **Educação para Idosos**: um estudo de caso na Universidade Integrada da Terceira Idade da Universidade Federal do Maranhão. Monografia apresentada à Disciplina Projeto Educativo I, 3ª Nota. Curso de Pedagogia. UFMA, 2007.

LOPES, N. **Enciclopédia brasileira da Diáspora Africana**. São Paulo: Selo Negro, 2004.

_____. **Partido alto**: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em Educação**: Abordagens Qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

LUDZ, U.; NORDMANN, I. **Comentario de las autoras**. In: **Hannah Arendt**: Diário Filosófico - 1950-1973. Tradução de Raúl Gabás. Barcelona: Herder Editorial, 2006. p. 809-852.

_____. **Hannah Arendt**: Diário Filosófico - 1950-1973. Tradução de Raúl Gabás. Barcelona: Herder Editorial, 2006.

LUZ, M. M. C.; AMATUZZI, M. M. Vivências de felicidade de pessoas idosas. **Estudos de Psicologia**. v. 25, n. 2. Campinas - SP, abril - junho 2008. p. 303-307. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n2/a14v25n2.pdf>>. Acesso em: 22 mai. 2013.

MALI, T. **Melhor IDH é do DF**; NE concentra os piores Estados do Nordeste são os últimos no ranking nacional, mas região foi a que mais evoluiu entre 1991 e 2005, mostram números inéditos. Reportagem. Disponível em: <http://www.pnud.org.br/pobreza_desigualdade/reportagens/index.php?id01=3038&lay=pde>. Acesso em: 18 jan. 2011.

MARANHÃO. **Dispõe sobre a qualificação da Associação dos Amigos da Universidade da Terceira Idade** - AAUNI, como Organização Social. Diário Oficial do Estado do Maranhão (DOEMA) de 31/10/2001, Executivo. p.3. Disponível em <<http://www.jusbrasil.com.br/diarios/6526679/doema-executivo-31-10-2001-pg-1>>. Acesso: 13 out. 2010.

_____. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Complexo Cultural do Bumba-meu-boi do Maranhão**. Dossiê do Registro como Patrimônio Cultural do Brasil. São Luís: IPHAN/ MA, janeiro de 2011. Disponível em:<<http://pt.scribd.com/doc/72102630/Bumba-meu-boi-do-Maranhao>>. Acesso em 12 jul 2012.

_____. **Portal da Cultura do Maranhão**. Disponível em: <<http://www.cultura.ma.gov.br/portal/sede/>>. Acesso em: 14 jul.2012.

MARQUES, C. A. **Apontamentos para o Dicionario Historico, Geographico, Topographico e Estatistico da Provincia do Maranhão**. São Luís - MA: Typ. do FRIAS, 1864. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=147taWNPeDgC&printsec=frontcover&dq=cesar+marques&hl=pt-BR&sa=X&ei=RhMZUIOELKrF6gHTxICoDw&ved=0CDQQ6AEwAA#v=onepage&q=cesar%20marques&f=false>>. Acesso em: 01 ago. 2012.

MARQUES, F. E. de S. A História do Bumba meu boi. Partes 3, 4, 5, 6. In: **A Ciência que eu faço**. Direção e produção Vera Pinheiro. Postado em 22.10.2012; 19.06.2013. Disponível em: <<http://acienciaqueeufaco.mast.br/index.php/2-uncategorised/270-francisca-ester-de-sa-marques-6.html>>. Acesso em 25 jun. 2013.

_____. Tradição e Modernidade no Bumba-meu-boi. In: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**. n. 17. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2000. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htms/Boletim%2017.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 4-6.

_____. Tradição e Modernidade no Bumba-meu-boi. In: NUNES, I. M. de A. (Org.). **Olhar, Memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. p. 87-97.

MARTINELLI, M. L. **Modelos de Ensino de Serviço Social: Uma Análise Crítica**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.

_____. **O uso de abordagens qualitativas na pesquisa em Serviço social**. In: _____. (Org.). São Paulo: Veras Editora, 1999. p. 19-29.

MARTINELLI, M. L. Pesquisa qualitativa: um caminho para a intervenção profissional. In: **O Social em Questão**. Ano XI, n° 19. Rio de Janeiro: PUC-Rio. Departamento de Serviço Social, 2008. p. 31-44.

MARTINS JÚNIOR, M. A. **Foi um rio que passou em minha vida:** Portela representações e sustentabilidades em Madureira. Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Geografia da PUC-Rio. Rio de Janeiro, 2012.

MARTINS, A. P. V. Da Amizade Entre Homens e Mulheres: Cultura e Sociabilidades nos Salões Iluministas. **História: Questões & Debates**, Curitiba: Editora UFPR, n. 46, 2007. p. 51-67. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12.04.010.

MATOS, C. N. de. **Acertei no Milhar:** malandragem e samba no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MATOS, O. C. F. Ethos e Amizade: a morada do homem. **Revista IDE Psicanálise e Cultura**. n. 46, v. 31. Departamento de Filosofia da USP. São Paulo, 2008. p. 75-79. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S0101-31062008000100013&script=sci_arttext>. Acesso em: 05 dez. 2012.

MATTOS, P. A **Sociologia Política do Reconhecimento:** as contribuições de Charles Taylor, Axel Honnet e Nancy Fraser, São Paulo Annablume, 2006. Ed. Parte IV. p. 99-158.

MEC. **Projeto Atualidade.** Protocolo do SIGProj: 105773.478.131944.20032012. De:01/05/2012 à 20/12/2012. Disponível em: http://sigproj1.mec.gov.br/apoiados.php?projeto_id=105773. Acesso em: 08 fev. 2013.

MEDEIROS, S. A. R. O lugar do velho no contexto familiar. In: PY, L. et al (Org.). **Tempo de envelhecer:** percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU Edit. 2004.p. 185-200.

MEIRELES, M. M. **História do Maranhão.** 3ª ed. Atualizada. São Paulo: Siciliano, 2001.

MERCADANTE, E. F. A Velhice: Culturas diversas, temporalidades distintas. In: **A Terceira Idade.** Ano X, n. 14, São Paulo: SESC, Agosto, 1998. p. 19-30.

_____. Velhice: a identidade estigmatizada. In: **Serviço Social & Sociedade.** Ano XXIV, n. 75. São Paulo: Cortez, 2003. p. 55-73.

MICHELAT, G. Sobre a Utilização da Entrevista Não-Diretiva em Sociologia. In: THIOLENT, M. **Crítica Metodológica, Investigação Social e Enquete Operária.** São Paulo: Polis, 1980.

MINISTÉRIO PÚBLICO do Maranhão. **MPMA realiza inspeção no Solar do Outono.** São Luís, 30.11.2012. Disponível em: <http://www.mp.ma.gov.br/index.php/lista-de-noticias-gerais/11/5563>. Acesso em: 28 fev. 2013.

MIRANDA, A. A. B. de. **De Arrendatários a Proprietários**: a sociabilidade no Assentamento Brejo de São Félix. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas. São Luís: UFMA, 2007. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

MIRANDA, D. S. de. **Quarenta Anos de Trabalho Social com Idosos**. A Terceira Idade. São Paulo: SESC, maio, 2003.

MONTEIRO, M. F. M. **A estética relacional e a festa do Boi no Morro do Querosene em São Paulo**. Rebento: revista de artes do espetáculo. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Instituto de Artes. - n. 4. São Paulo, Instituto de Artes. Maio 2013. p. 131-145.

MONTELLO, J. **Sempre serás lembrada**. Romance. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

_____. **Os Tambores de São Luís**: romance. 5ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2003.

_____. **Janela do Tempo - São João Maranhense**. In: Comissão Maranhense de Folclore - CMF. Boletim da CMF nº 32 - AGOSTO 2005. Centro de Cultura Popular Domingos Vieira Filho. São Luís - MA. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/76af71a2bb62f40c175256bbcadb480a.pdf>>. Acesso em: 04 ago. 2012. p. 29-30.

MONTENEGRO, A. T. Prefácio. In: CARVALHO, M. M. P.; MONTENEGRO, A. T. (Orgs.). **Memória de Velhos**: Depoimentos - Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. v. 6. São Luís - MA: SECMA; CMF, 2006. p. 09-11.

MORAES, J. **Guia de São Luís do Maranhão**. 2ª ed. São Luís - MA: Legenda, 1995.

MOREIRA, V. **Bumba-boi do Maranhão é certificado como Patrimônio Cultural Nacional** - Bumba meu boi, a mais festejada manifestação do folclore maranhense, ganha reconhecimento nacional e recebe o título de Patrimônio Cultural do Brasil. Jornal O Imparcial. Seção - Homenagem. Publicação: 31 ago.2012.

MOTTA, A. B. da. Introdução. MOTTA, A. B. da; AZEVEDO, E. L.; GOMES, M. Q. de C. (Orgs.). **Reparando a Falta**: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Salvador : UNBA, 2005a. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010. p. 7-10.

_____. Atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. **Revista Sociedade e Estado**. v. 25, n. 2, Maio/Ago, 2010. p. 225-250.

MOTTA, A. B. da. Pesquisa e Relações em Campo – Subjetividades de Gênero e de Geração. In: **Reparando a Falta: Dinâmica de Gênero em Perspectiva Geracional**. Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher – NEIM. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - Salvador : UNBA, 2005b. Disponível em: <<http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/reparando.pdf>>. Acesso em: 25 mar. 2010. p. 11-25.

_____. Sociabilidades Possíveis: Idosos e Tempo Geracional. In: **Família e Envelhecimento**. Peixoto, Clarice E. (Org.). Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 109-144.

MYNAIO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento Científico**: pesquisa qualitativa em saúde. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1999.

N'DIAYE, Catherine. **Gens de Sable**. Paris (FR): POL, 1984. p. 30-36.

NANÔ, Fabiana. **Número de idosos dobrou nos últimos 20 anos no Brasil, aponta IBGE**. São Paulo: UOL, 21.09.2012. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2012/09/21/numero-de-idosos-com-mais-de-60-anos-dobrou-nos-ultimos-20-anos-aponta-ibge.htm>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

NÉRI, A. L. **Envelhecer num país de jovens**: significados de velho e velhice segundo brasileiros não idosos. Campinas - SP: UNICAMP, 1991.

NEVES, A. V. **Espaço Público e política**: um diálogo inicial com Hannah Arendt e seu impacto na constituição de espaços públicos participativos no Brasil. In.: O Social em Questão. Revista do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC-Rio. Ano X. v. 16. n. 16. Rio de Janeiro: PUC-Rio/Departamento de Serviço Social, segundo semestre de 2006/2007. p. 119-138.

NITAHARA, A. **População brasileira envelhece e chega a 23,5 milhões em 2011**. Notícia. Rio de Janeiro. Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação, 28.11.2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-11-28/populacao-brasileira-envelhece-e-chega-235-milhoes-em-2011#.UP2pTp7P2lg.email>>. Acesso em: 21 jan.2013.

NUNES, A. T. G. L. Serviço Social e Envelhecimento: Perspectivas de Trabalho do Assistente Social na Área da Saúde. In: BRAVO, M. I. de S. et al (Orgs.). **Saúde e Serviço Social**. São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Serviço Social e Universidade de Terceira Idade: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. In: **Textos Envelhecimento**. Rio de Janeiro: UnATI/UERJ. Ano 3, n. 5, 1º semestre 2001. p. 41-66,

_____. **Serviço social e universidade de terceira idade**: uma proposta de participação social e cidadania para os idosos. Textos sobre Envelhecimento. Rio de Janeiro: UnATI / UERJ, ano 3, n.5, 1º semestre 2000. p. 62- 97.

NUNES, A. T. G. L.; PEIXOTO, C. E. **Perfil dos Alunos da Universidade Aberta da Terceira Idade** – UnATI/UERJ. Rio de Janeiro, FSS/UERJ, 1995.

O ESTADO DO MARANHÃO. **Mais de 300 arraiais animam São Luís no período junino.** Caderno Cidades, p. 11. São Luís, 12 de junho de 2012.

O IMPARCIAL. **Caisi realiza dia de mobilização contra violência ao idoso.** Seção - MOBILIZAÇÃO. Versão Online. Publicação: 20/06/2012. Disponível em:

<http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/urbano/2012/06/20/interna_urbano,117600/caisi-realiza-dia-de-mobilizacao-contraviolencia-ao-idoso.shtml>. Acesso em: 20 dez. 2012.

_____. **Noite de festa na abertura do São João nos espaços Vivas em São Luís.** Publicação SECMA. Seção - Festejos: 24/06/2011. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/impar/2011/06/24/interna_impar,84772/noite-de-festa-na-abertura-do-sao-joao-nos-espacos-vivas-em-sao-luis.shtm>I. Acesso em: 20 set.2012.

_____. **São João.** São João do Maranhão atrai turista e lota os arraiais. Publicação: 27/06/2011. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/impar/2011/06/24/interna_impar,84772/noite-de-festa-na-abertura-do-sao-joao-nos-espacos-vivas-em-sao-luis.shtml>. Acesso em: 20 set.2012.

_____. **Tradição de acender fogueira no Dia de São João está se perdendo.** Seção - São João. Versão Online. Publicação: 24/06/2012 . Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/impar/2011/06/24/interna_impar,84772/noite-de-festa-na-abertura-do-sao-joao-nos-espacos-vivas-em-sao-luis.shtml>. Acesso em: 20 set.2012.

OLIVEIRA, A. **Nome aos bois:** tragédia e comédia no bumba-meu-boi do Maranhão. São Paulo - SP: s.n., 2003. Editora não identificada.

OLIVEIRA, E. G. de. **Os Novos Atenienses:** saudade e poesia como invenção do Maranhão. In: Ciências Humanas em Revista, v. 5, número especial. São Luís - MA: UFMA/CCH, junho 2007. P. 135-144.

OLIVEIRA, L. L. Memórias do Rio de Janeiro. In: OLIVEIRA, L. L. (Org.) **Cidade:** história e desafios. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002. p. 156-173. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 mai. 2013. p.257-281.

OLIVEIRA, P. São Luís de Aço e Ânsia. 2ª ed. comentada poeticamente. Incluindo **No Infinito das Coisas**. São Luís: Lithograf, 1995.

OLIVEIRA, R. D. de. **Um tempo sem nome.** O Globo, 21/01/12. Disponível em: <<http://portaldoenvelhecimento.org.br/noticias/comportamento/envelhecer-um-tempo-ainda-sem-nome.html>>. Acesso em: 16 jun. 2013.

OLIVEIRA, R. G. de. et al. **Dança e moradores de um lar para idosos.** Revista Conexões, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas,v. 6, n.º especial. Campinas, SP, julho de 2008. , p. 498-509. Disponível em:<<http://fefnet178.fef.unicamp.br/ojs/index.php/fef/article/view/269/220>>. Acesso em: 09 jul. 2013.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU – DIESA). **Plan de Acción Internacional sobre el Envejecimiento**. Madri/ES. Nações Unidas, Nova York, 2002. Disponível em: <<http://www.un.org/es/comum/docs?symbol=A/CONF.197/9>>. Acesso: 13 jul. 2010.

_____. **The World Aging Situation: Strategies and Policies**. Nova York, 1985.

ORTEGA, F. **Genealogias da Amizade**. São Paulo: Iluminuras, 2002.

_____. **Para Uma Política da Amizade**: Arendt, Derrida, Foucault. 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 2000.

PAZ, O. **O Labirinto da Solidão e Post Scriptum**. 2ª ed. 1984. Tradução Eliane Zagury. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PAZ, S. F. Movimentos Sociais: participação dos idosos. In: PY, L. et al (Orgs.). **Tempo de Envelhecer**: percursos e dimensões psicossociais. Rio de Janeiro: NAU, 2004. p. 229-256.

PEIXOTO, C. A Sociabilidade dos Idosos Cariocas e Parisienses: a busca de estratégias para preencher o vazio da inatividade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 27, ano 10, fev.1995. p. 138-149, Disponível em:<www.anpocs.org.br/portal/publicações/rbcs_00_27/rbcs_27_09.htm>. Acesso em: 20 ago. 2000.

PEIXOTO, C. De Volta às Aulas ou De como ser Estudante aos 60 anos. In: VERAS, R. (Org.). **Terceira Idade**: Desafios para o Terceiro Milênio. Rio de Janeiro: Relume Dumará/UnATI – UERJ, 1997. p. 41-47.

PEIXOTO, C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade... In: BARROS, M. M. L. de. **Velhice ou Terceira Idade?** Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2000. p. 69 - 84.

PEREIRA, P. A. P. **Política Social**: temas & questões. 2ª ed. São Paulo: Cortez/CNPQ, 2009.

PEREIRA, T. de J. J. Depoimentos. In: CARVALHO, M. M. P.; MONTENEGRO, A. T. (Orgs.). **Memória de Velhos**: Depoimentos - Uma contribuição à memória oral da cultura popular maranhense. v. 6. São Luís - MA: SECMA; CMF, 2006. p. 169-216.

PÉTONNET, C. Observação Flutuante: o exemplo de um cemitério parisiense. In: **Antropolítica**: revista Contemporânea de Antropologia. n. 25, 2º sem. 2008. Niterói: EdUFF, 2009. p. 99-111.

PORTAL DA CIDADANIA. **Territórios da Cidadania - Maranhão**. 2010. Disponível em: <<http://www.territoriosdacidadania.gov.br/dotlrn/clubs/territoriosrurais/one-community>>. Também disponível em: <http://sit.mda.gov.br/mapa.php>>. Acesso em: 11 mar. 2013.

PORTAL DO MARANHÃO.COM. **Rodoviários decidem, em reunião, cancelar greve de segunda-feira.** Notícias/Maranhão. 03.06.2011. Disponível em: <<http://www.portaldomaranhao.com/Noticias/6156/Rodoviarior-decidem--em-reuniao--cancelar-greve-de-segunda-feira>>. Acesso em: 22 jan. 2013.

PORTELA, L. (Edição). **UNITI realiza aula inaugural do Curso de Educação Continuada.** 18.03.2011. Disponível em: <<http://www.ufma.br/noticias/noticias.php?cod=10275>>. Acesso em: 21 jan. 2013.

PREFEITURA de São Luís /Ascom. Publicação: 02/06/2011. **São João 2011.** Prefeitura abre temporada junina com o Arraial de São Luís na Praça Maria Aragão. Disponível em: <http://www.oimparcial.com.br/app/noticia/urbano/2011/06/02/interna_urbano,82552/prefeitura-abre-temporada-junina-com-o-arraial-de-sao-luis-na-praca-maria-aragao.shtml>. Acesso em: 21 mai. 2013.

PREFEITURA do Município de Itatiba. Fundo Social de Solidariedade. **Terceira Idade.** Disponível em: <http://www.itatiba.sp.gov.br/samba/Fundo-Social/terceira-idade.html>. Acesso em: 31jan..2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Casa Civil. **Lei Nº 9.534, de 10 de dezembro de 1997.** Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9534.htm>. Acesso em: 24 fev.2013.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO (PNUD). **Ranking do IDH dos estados do Brasil em 2005.** Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/>>. Acesso em: 18 jan.2011.

PROJETO UNITI Vai ao Seu Bairro. São Luís, 2010.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Carnaval brasileiro: o vivido e o mito.** São Paulo: Brasiliense, 1999.

QUEIROZ, Z. P. V. Participação Popular na Velhice: Possibilidade real ou mera utopia? In: **O Mundo da Saúde.** São Paulo, ano 23, 1999. p. 204-212.

RAMOS, V. **Velhas e velhos conquistam espaços nas universidades de São Paulo:** política, sociabilidade e educação. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. PUC-São Paulo, 2008.

REIS, J. R. S. dos. **São João em São Luís:** o maior atrativo turístico-cultural do Maranhão. São Luís: Aquarela, 2003.

REZENDE, C. B. **Os Significados da Amizade** – Duas Visões de Pessoa e Sociedade. 1ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2002.

REZENDE, V. F. Planos e Regulação Urbanística: A Dimensão Normativa das Intervenções na Cidade do Rio de Janeiro. Rezende. In: **Cidade:** história e desafios / Lúcia Lippi Oliveira, organizadora. Rio de Janeiro: Ed. Fundação Getúlio Vargas, 2002. Disponível em: <<http://www.cpdoc.fgv.br>>. Acesso em: 20 mai. 2013. p.257-281.

RIBEIRO, A. (Prod.). **Senhoras**. Documentário, Vídeo, 17 minutos. Niterói (RJ): UFF, 2001. Disponível em: <http://portacurtas.org.br/filme/?name=senhoras>. Acesso em: 11 out. 2012.

RORTY, R. **Contingência Ironia e Solidariedade**. Tradução de Nuno Fonseca. 1ª ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

ROZENDO, A. da S.; JUSTO, J. S.; CORREA, M. R. Protagonismo político e social na velhice: cenários, potências e problemáticas. **Revista Kairós Gerontologia**, v. 13, n. 1, São Paulo, junho 2010, Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos>>. Acesso em: 04.01.2013. p. 35-52.

SACRAMENTO, J. D. P. do. **Semanário Maranhense** - 1868 e 1869 - PR_SPR_00133_720097. Número 45 de 05 de julho de 1868. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/WebIndex/WIBib/720097>. Acesso em: 03 ago. 2012.

SALGADO, M. A. **Os Grupos e a Ação Pedagógica do Trabalho Social com Idosos**. In: A Terceira Idade: Estudos Sobre Envelhecimento. v. 18, n. 39. São Paulo: SESC, Jun/2007.

_____. **Velhice, uma Nova Questão Social**. São Paulo: SESC, 1980.

_____. _____. São Paulo: FUTURA, 2001.

SALVADOR, E. **Financiamento Orçamentário de Programas Para a Pessoa Idosa**. In: I CONFERÊNCIA NACIONAL DE DIREITOS DO IDOSO. Brasília, 23 a 26. 05. 2006. Disponível em: <www.mj.gov.br/sedh/ct/cndi/i_conferencia_idoso.htm>. Acesso em: 12 jun.2008.

SANCHES, A. S. A passagem da casa para a rua: o ritual do batismo no bumba-meu-boi. In: NUNES, I. M. de A. (Org.). **Olhar, Memória e reflexões sobre a gente do Maranhão**. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2003. p. 77-86.

_____. _____. In: **Boletim da Comissão Maranhense de Folclore**. n. 17. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore, 2000. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/Htmls/Boletim%2017.htm>>. Acesso em: 20 ago. 2011. p. 2-4.

_____. **Sabores e Dissabores: o caminhar no trabalho de campo**. Revista Pós Ciências Sociais. V. 3, N. 6, Jul/Dez. São Luís: UFMA, 2006. Disponível em:<<http://www.periodicoeletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/807/518>>. Acesso em: 10.03.2013.

_____. **Tudo que tem começo tem fim: a festa de morte do bumba-meu-boi em São Luís**. In: Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. n. 29. São Luís - MA: Comissão Maranhense de Folclore. Agosto de 2004. p.6-7. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/9a4a4d5c853e51956db39858c8ecf6ca.pdf#page=4>>. Acesso em: 09.08.2012.

SANTIN, J. R; BOROWSKI, M. Z. **O Idosos e o Princípio Constitucional da Dignidade Humana**. RBCEH, Passo Fundo, v. 5, n° 1. Jan/Jun, 2008. p. 141-153.

SANTOS, E. M. G. dos. **A música como vivência na convivência dos idosos do Clube da melhor idade “Fios de Prata” do Vinhais**. Monografia de Especialização em Psicomotricidade. Faculdade Santa Fé, São Luís - MA, 2004.

SANTOS, J. A. et. al. **Ilhas**. XIV CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO NORDESTE. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. Recife - PE : Faculdade Boa Viagem, 14 a 16. 06. 2012. Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2012/expocom/EX32-1283-1.pdf>>. Acesso em: 02 dez. 2012.

SANTOS, N. **Biodança, Brasil sem samba não é Brasil**. Biodança. Professora Neila dos Santos. UnATI - UERJ. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=fi2FUMOI3A>. Postado em: 15.11.2011. Acesso em: 31 jan. 2013.

SANTOS, W. G. **Cidadania e Justiça**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.

SÃO LUÍS. **Lei nº 4.669 de 11 de Outubro de 2006**. Dispõe sobre o Plano Diretor do Município de São Luís e dá Outras Providências. Prefeitura de São Luís - MA, 11.10.2006. Disponível em: <www.gepfs.ufma.br/legurb/LEI%204669.pdf>. Acesso em: 24 nov.2012.

SAURA, S. C. **Planeta de Boieiros**: culturas populares e educação de sensibilidade no imaginário do Bumba-meu-Boi. Tese de Doutorado. Faculdade de Educação, USP. São Paulo, 2008.

SCOTT, J. **Los dominados y el arte de la resistencia**. Tradução de Jorge Aguillar. México: Ediciones Era, 2004.

SECOM do Estado do Maranhão. **Alunos da Unit recebem certificado de conclusão de curso**. São Luís. 16 dez. 2011. Disponível em: <<http://imirante.globo.com/noticias/2011/12/16/pagina293798.shtml>>. Acesso em: 26 fev.2013.

_____. **DPE lança campanha de enfrentamento à violência contra o idoso**. 01/06/2011. Imirante.com. Online. Disponível em: <<http://imirante.globo.com/noticias/2011/06/01/pagina275666.shtml>>. Acesso em: 05 fev. 2013.

SECRETARIA de Administração e Previdência do Estado do Maranhão. **Uniti realiza aula inaugural para 120 novos alunos**. Acessível em:<<http://www.ma.gov.br/agencia/noticia.php?Id=2407>> <<http://www.proex.ufma.br/programas.php>>. Acesso em: 05 abr. 2010.

SECRETARIA DE ESTADO da Gestão e Previdência - SEGEP. **Baile de carnaval do PAI “2012”**. Disponível em: <<http://www.segep.ma.gov.br/index.php/noticias/7-noticiadestaque-/222-baile-de-carnaval-do-pai-q2012q>>. Acesso em: 03 jun. 2013.

SELBACH, J. F. (Org.). **Códigos de Posturas de São Luís/MA**. São Luís - MA: EDUFMA, 2010. Disponível em: <<http://books.google.com.br/books?id=kiC55rKGMwgC&printsec=frontcover&dq=selbach&source=bl&ots=B6-uaoQJ0m&sig=-cgvlAgxRZWRGNc9_pKFrDUst84&hl=pt-BR&sa=X&ei=bCUkUJiuIcie6gHm1ID4CQ&ved=0CE4Q6AEwBQ#v=onepage&q=selbach&f=false>>. Acesso em: 09 ago. 2012.

_____. **Mobilidade Urbana nos Códigos de Postura de São Luís/MA**. In: ALCÂNTARA JR, J. O. & SELBACH, J. F.(Orgs.). **Mobilidade Urbana em São Luís**. São Luís/MA: EDUFMA, 2009. p. 21-48. Disponível em: <http://books.google.com.br/books/download/Mobilidade_urbana_em_S%25C3%25A3o_Luis.pdf%3Fid%3D76zeE1CBCKEC%26output%3Dpdf%26hl%3Dpt-BR>. Acesso em: 19 out. 2011.

SENNETT, R. **A corrosão do caráter: as consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SERRA, A. **Guia Histórico e Sentimental de São Luís do Maranhão**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1965.

_____. **Guia Histórico e Sentimental de São Luís**. Boletim da Comissão Maranhense de Folclore. Número 52. CMF. São Luís - MA: Junho de 2012. Disponível em: <<http://www.cmfolclore.ufma.br/arquivos/221c548b6f6d81e2bfd8433e5a6f7d69.pdf>>. Acesso em: 09 set. 2012. p. 11.

SESC-MA. **Galeria lança exposição Boi Brilho do SESC**. Disponível em: <<http://www.sescma.com.br/exibirNoticia.php?cat=1&id=325>>. Acesso em: 22 abr. 2013.

SILVA, C. B. R. da. **Registros iconográficos do reggae no Maranhão**. In: Revista Brasileira do Caribe, v. XI, n.22. São Luís - MA: UFMA. Jan-Jun 2011, p. 205-225. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rbrascaribe/article/view/665/422>>. Acesso em: 16 set. 2012.

SILVA, C. B. R. da.; FERREIRA, C. G. S. **Estreitando Fronteiras: Territorialidade e Identidade no Bumba-meu-Boi do Maranhão**. In: 26ª Reunião Brasileira de Antropologia. Porto Seguro - BA: 01 a 04.06.2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/grupos_de_trabalho/trabalhos/GT%2013/carlos%20benedito%20r%20da%20silva.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2013.

SILVA, N. L. **Fórum**. Palestra proferida no IX Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e VIII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior na Universidade Aberta à Terceira Idade da Universidade Federal de Sergipe - Aracaju. Caxias do Sul, RS, 23 a 26 de outubro de 2007 – Caxias do Sul – RS. Disponível em: <<http://www.ucs.br/extensao/unti/evento>>. Acesso em: 20 nov. 2007.

SILVA, W. de S. e. **De Perseguido a Reconhecido**: A história da resistência do bumba-meu-boi na cidade de São Luis - MA: (1890-1920). Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa - PB, 2008.

SIMÕES, J. A. Provedores e Militantes: imagens de homens aposentados na família e na vida pública. In: PEIXOTO, C. E. (Org.). **Família e Envelhecimento**. Rio de Janeiro: FGV, 2004. p. 25-56.

SOARES, A. M. C. et al. Interação do idoso na escola de samba. **Revista Kairós Gerontologia**, n. 2, v. 13, São Paulo, novembro 2010. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/5374/3854>>. Acesso em: 20 abr. 2011. p. 177-189.

SOBRAL, B. **Processo de Aprendizagem e Terceira Idade**: Educação Gerontológica/Gerontologia Educacional. Dissertação de Mestrado em Psicopedagogia. Havana, Cuba: Universidad de La Habana, 1999.

SOUZA, L. K. de; GARCIA, A. **Amizade em Idosos**: um panorama da produção científica recente em periódicos estrangeiros. Estudos Interdisciplinares sobre Envelhecimento, Porto Alegre, v. 13, n. 2, 2008. p. 173-190.

SPOSATI, A. Proteção Social na América Latina em Contexto da Globalização. In: **Debates Sociais**. n. 69-70, Ano XLIII. Rio de Janeiro: CBCISS, 2008.

TEIXEIRA, H. M. da C. **A Festa do Bumba-Meu-Boi da Maioba na Configuração do Estilo de Vida e Lazer**. Dissertação de Mestrado em Ciências da Motricidade, junto ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista - UNESP. Campus de Rio Claro - SP, 2008. Disponível em: <http://www.athena.biblioteca.unesp.br/exlibris/bd/brc/33004137062P0/2008/teixeira_hmc_me_rcla.pdf>. Acesso em: 12 ago. 2012.

TEIXEIRA, S. M. **Envelhecimento do Trabalhador no Tempo do Capital**: problemática social e as tendências das formas de proteção social na sociedade brasileira contemporânea. Tese de Doutorado em Políticas Públicas. Programa de Pós-Graduação em Políticas Públicas da Universidade Federal do Maranhão. São Luís: UFMA, 2006.

_____. **Envelhecimento e Trabalho no tempo do capital**: implicações para a proteção social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2008.

TELLES, V. da S. Direitos Sociais: afinal do que se trata? In: “Dossiê Direitos Humanos no Limiar do Século XXI”. **Revista USP**, n.37. USP/SP. Mar/Abr/Mai. 1998. p. 34-45.

TELLES, V. da S. **Direitos Sociais**: afinal do que se trata? 2ª Reimpressão. Belo Horizonte: UFMG, 2006.

TEODORO, M. Folder de apresentação. **Legendas do Carnaval**. Boletim Eletrônico Nº 36.2013. UnATI/UERJ, 20 de maio de 2013.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. Tradução de Rosaura Echemberg. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

TRIBUZI, B. **Imagem**. In: Poesias Completas. Rio de Janeiro: Livraria Editora Cátedra, 1979. Disponível em: <<http://www.astormentas.com/PT/poema/4973/Imagem>>. Acesso em: 04 ago. 2012.

TV MIRANTE. **A universidade funcionará em novos espaços cedidos pela UFMA**. Reportagem veiculada em 24/02/2010. Acessível em: <<http://imirante.globo.com/noticias/pagina233005.shtml>>. Acesso em: 31 mar. 2010.

UFMA NOTÍCIAS. **UNITI realiza aula inaugural do Curso de Educação Continuada**. 18 de março de 2011. Edição: Luralice Portela. Disponível em: <<http://www.ufma.br/noticias/noticias.php?cod=10275>>. Acesso em 07 abr.2012.

UNITI. **Grade Curricular de 2011**. UNITI/UFMA, 2011.

UNIVERSIDADE DO MARANHÃO. **Projeto Universidade Integrada da terceira Idade** - UNITI. VII Fórum Nacional de Coordenadores de projetos da Terceira Idade, VI encontro Nacional de Estudantes da Terceira idade de Instituições de Ensino Superior: Resumos/ Universidade Federal do Maranhão. Projeto Universidade Integrada da terceira Idade - UNITI - São Luís: Gráfica Santa Clara, 2003.

VA O PORTAL DE NOTÍCIAS DA CIDADE. **Prefeitura Municipal presta homenagem ao sanfoneiro Chico de Amadeu com praça e estátua em tamanho natural**. Notícia. 24.06.2011. Disponível em: <<http://www.varzeaalegre.com/240611-mat-homenagem-chico-amadeu-programa-fala-prefeito.html>>. Acesso em: 15 mar.2013.

VALENÇA, M. T. **Escolas de Samba**: Conformação e Resistência. In: Sinais Sociais. Serviço Social do Comércio. Departamento Nacional, vol.4, n.10 (maio/agosto) - Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<http://www.sesc.com.br/portal/publicacoes/sesc/Revistas/sinaissociais/>>. Acesso em: 15 ago. 2011. p. 122-157.

VELLOSO, M. P. **Mário Lago**: boemia e política. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VENÂNCIO, R. P.; SOUSA, M. J. F. de; PEREIRA, M. T. G. O Compadre Governador: redes de compadrio em Vila Rica de fins do século XVIII. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 26, n. 52, 2006. p. 273-294. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 abr. 2010.

VENTURINI, R. L. B. **Amizade e política em Roma**: o patronato na época imperial. *Acta Scientiarum*, Maringá, v. 23, n. 1, 2001. 215-222. Disponível no Portal CAPES e acessado pelo site da Biblioteca da PUC-Rio. Acesso em: 12 Abr. 2010.

VERAS, R. P. A Era dos Idosos: Desafios Contemporâneos. In: SALDANHA, A.; CALDAS, C. P. (Orgs.). **Saúde do Idoso**: A Arte de Cuidar. Rio de Janeiro: Interciência, 2004 a. p. 3-10.

_____. **A frugalidade necessária**: modelos mais contemporâneos. *Cad. Saúde Pública*, v. 20, n. 5, Rio de Janeiro, 2004 b. p. 1152-1154. Disponível em: <<http://www.scielo.org>>. Acesso: 26 mai. 2010.

_____. **País Jovem com Cabelos Brancos**: a saúde do idoso no Brasil. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1994.

VERAS, R. P.; CALDAS, Célia. **UnATI-UERJ – 10 Anos Um Modelo de Cuidado Integral Para a População Que Envelhece**. Rio de Janeiro: UERJ, UnATI, 2004.

VERAS, R. P.; CAMARGO JR, Kenneth R. de. Idosos e Universidade: Parceria para a Qualidade de Vida. In: VERAS, R. P. **Terceira Idade** - Um Envelhecimento Digno Para o Cidadão do Futuro. (Org.). 2ª ed. Rio de Janeiro: Relume Dumará & UnATI/UERJ, 1995. p. 11-28.

VERGNIÈRES, S. **Ética e Política em Aristóteles**: physis, ethos, nomos. Tradução de Constança M. César. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2003.

VERNANT, J-P. Tecer a Amizade. In: VERNANT, J-P. **Entre mito & política**. Tradução de Cristina Murachco. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2002. p. 27-46.

VERSIANI, M. H. Uma República na Constituinte (1985 - 1988). **Revista Brasileira de História**. v. 30, n. 60. Associação Nacional de História. São Paulo: USP, 2010. p. 233-252. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v30n60/a13v3060.pdf>>. Acesso em: 13 jul. 2012.

VETTER, S. M. de J. **Memórias de Leitura de Pessoas Idosas**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação da UFMA, 2005.

VIEIRA, I. **Expectativa de vida do brasileiro chega a 74 anos e 29 dias**. Notícia. Agência Brasil - Empresa Brasil de Comunicação, 29.11.2012. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/noticia/2012-11-29/expectativa-de-vida-do-brasileiro-chega-74-anos-e-29-dias>>. Acesso em: 15 fev. 2013.

VINCENT-BUFFAUT, A. **Da Amizade**. Tradução de Maria Luíza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

VMCULTURAL. **Velhice.** Vinicius de Moraes. Poesia. <http://www.viniciusdemoraes.com.br/site/article.php3?id_article=29>. Acesso em: 13 fev. 2013.

WIKIPÉDIA, A ENCICLOPÉDIA LIVRE. **Renascimento cultural do início da Idade Moderna.** Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Renascimento>>. Acesso em: 24 mai. 2010.

WIKIPEDIA. **Anexo:** Lista de escolas de samba do Brasil. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_escolas_de_samba_do_Brasil>. Acesso em: 29 jun.2013. c.

_____. **Anexo:** Lista de escolas de samba e blocos carnavalescos do Rio de Janeiro. Disponível em:<http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_escolas_de_samba_e_blocos_carnavalescos_do_Rio_de_Janeiro>. Acesso em: 29 jun. 2013.a.

_____. **Anexo:** Lista de escolas de samba e blocos carnavalescos do estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_escolas_de_samba_e_blocos_carnavalescos_do_estado_do_Rio_de_Janeiro>. Acesso em: 29 jun. 2013. b.

_____. **Mesorregiões do Maranhão.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Anexo:Lista_de_mesorregi%C3%B5es_do_Maranh%C3%A3o>. Acesso em: 21 nov.2012. c.

_____. **Microrregião da Aglomeração Urbana de São Luís.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Microrregi%C3%A3o_da_Aglomera%C3%A7%C3%A3o_Urbana_de_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs>. Acesso em: 21 nov.2012. b.

_____. **Região Metropolitana de São Luís.** Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Regi%C3%A3o_Metropolitana_de_S%C3%A3o_Lu%C3%ADs>. Acesso em: 21 nov.2012 a.

WOLF, E. Parentesco, amizade e relações patrono-cliente em sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B.; RIBEIRO, G. L. (Organização e Seleção). **Antropologia e poder:** contribuições de Eric R. Wolf. Brasília (BR), Campinas (SP): Editora UNB, Editora UNICAMP, 1991. P. 93-114.

YOUNG, I. M. **Representação Política, Identidade e Minorias.** In: Lua Nova, São Paulo, n° 67. São Paulo, 2006. p. 263-269.

YOUNG-BRUEHL, E. **Por amor ao mundo:** a vida e a obra de Hannah Arendt. Tradução de Antônio Trânsito. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

10 Anexos

10.1. Anexo 1 – Parecer COEP

Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Sr2

Comissão de Ética em Pesquisa – COEP

Rua São Francisco Xavier, 524, bloco E, 3º andar, sala 3018 - Maracanã

CEP 20550-900 – Rio de Janeiro, RJ

E-mail: coep@uerj.br - Telefone: (21) 2334 2180

PARECER COEP 030/2011

A Comissão de Ética em Pesquisa – COEP, em sua 4ª Reunião Ordinária em 14 de abril de 2011, analisou o protocolo de pesquisa nº. **025.3.2011**, segundo as normas éticas vigentes no país para pesquisa envolvendo sujeitos humanos e emite seu parecer.

Projeto de pesquisa: *AMIZADE: sua relevância para o exercício da política e ampliação da cidadania do idoso*

Pesquisador Responsável: Ilda Lopes Rodrigues da Silva

Doutoranda: Conceição de Maria Goulart Braga Cuba

Instituição Responsável: Programa de Pós-graduação em serviço Social/PUC-Rio

Área do Conhecimento: 6.00 – Ciências Sociais Aplicadas – 6.10 Serviço Social

Palavras-chave: Envelhecimento, amizade, Universidade da Terceira Idade

Sumário: O projeto em questão tem como objetivos gerais compreender o fenômeno da amizade e sua relevância para o exercício e ampliação da cidadania dos idosos do programa da universidade para a terceira idade UnATI/UERJ e do projeto UNITI/MA, além de compreender as formas de expressão política dos idosos na esfera pública dos municípios envolvidos, após sua inserção nos programas das universidades selecionadas.

Objetivo: analisar as políticas sociais para a geração idosa implementada a partir da década de 1990; caracterizar os programas de universidade para a terceira idade escolhidos; mapear as atividades coordenadas pelos assistentes sociais das universidades referidas; analisar a abrangência dos programas e projetos desenvolvidos pelos assistentes sociais, junto aos idosos das universidades envolvidas na pesquisa; identificar o perfil dos idosos inseridos nas atividades coordenadas pelos assistentes sociais dos programas; apreender o significado da amizade estabelecida pelos idosos envolvidos nas atividades dos referidos profissionais e finalmente caracterizar a expressão dos idosos nos fóruns de coordenadores e alunos idosos das universidades de terceira idade e nas associações, desenvolvidos por estes programas.

Considerações Finais: Após debate entre os membros, a COEP considerou que o projeto de pesquisa bem apresentado, com cronograma adequado à proposta. A pesquisa não conta com financiamento e as despesas correrão por conta da própria pesquisadora.

Após o atendimento à solicitação do Parecer COEP nº029/2010, a Comissão deliberou pela **aprovação** do projeto.

Faz-se necessário apresentar Relatório Anual - **previsto para maio de 2012**, para cumprir o disposto no item VII, 13.d da RES. 196/96/CNS. Além disso, a COEP deverá ser informada de fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo, devendo o pesquisador apresentar justificativa, caso o projeto venha a ser interrompido e/ou os resultados não sejam publicados.

Situação: Projeto Aprovado

Rio de Janeiro, 20 de maio de 2011.

Profª. Dra. Carla Caldas

Coordenadora da Comissão de Ética em Pesquisa/UERJ
Mat 32.359-2

10.1.1

Anexo 1a – Autorização

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
Fundação instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/05/1966 – São Luís - Maranhão.

GABINETE DO REITOR

ANEXO 1 a

AUTORIZAÇÃO

Autorizo a aluna do Curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Serviço Social da PUC/Rio, **CONCEIÇÃO DE MARIA GOULART BRAGA CUBA**, a realizar na UNITI a sua pesquisa de campo visando concluir seu Projeto de Tese intitulado "AMIZADE: sua relevância para o exercício da política e ampliação da cidadania do idoso".

São Luís, 19 de maio de 2011

ANTONIO LUIZ AMARAL PEREIRA
Pró-Reitor de Extensão

10.2.**Anexo 2 – Roteiro de Pesquisa**

DEPARTAMENTO DE SERVIÇO SOCIAL

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO - DOUTORADO

PROJETO: “AMIZADE: sua relevância para o exercício da política e ampliação da cidadania do idoso”.

ROTEIRO DE PESQUISA

DISCUSSÃO EM GRUPO

Componentes: 10 idosos alunos idosos com mais de um ano participando de projetos coordenados pelo Serviço Social da UnATI/UERJ e da UNITI/MA.

1. DADOS PESSOAIS:

Nome completo:

Sexo: Idade: Data de Nascimento:

Cidade e Estado em que nasceu

Religião:

Cidade e Estado dos pais:

Quando você veio morar em São Luís ou Rio de Janeiro?

Seu Endereço completo

Data do Registro do seu nascimento

Estado Civil

Escolaridade

Atividade Profissional (atual)

Situação Previdenciária; em que atividade aposentou?

Acesso aos serviços de saúde (Plano de Saúde, SUS outros)

Renda Individual (em Reais e em salário mínimo federal)

Renda Familiar

Moradia (própria, cedida, alugada, emprestada; com quem mora)

Com quem mora?

Motivos de inserção, como soube da UNITI ou da UnATI, incentivo (iniciativa própria, familiares, amigos, saúde etc.)

Participa de Associação?

O que espera adquirir na UNITI ou na UnATI?

Data da inscrição na UNITI/MA ou na UnATI/UERJ

OBS: os dados acima serão respondidos individualmente, antes da reunião, resguardando o sigilo dos participantes.

2. TEMAS/QUESTÕES:

1º. Caracterização da dimensão da amizade exercitada pelos idosos na UnATI/UERJ e na UNITI/MA para identificar se é uma amizade na dimensão política.

1.a. O que sabe dizer sobre a amizade (o que é, como é construída e praticada, quais as formas - suporte social, política, profunda, verdadeira etc -, a importância, fatores que facilitam ou dificultam seu exercício). Exemplificar e comentar sobre cada categoria.

1.b. Comentar sobre com quem constrói amizades (idades, gênero, raça, classe etc.), como mantêm, que atividades são realizadas junto com as suas amizades, a relevância do diálogo na amizade e os assuntos sobre os quais dialogam (com os amigos da vizinhança, dos bailes, dos centros de convivência, da associação, da UnATI, da UNITI, da igreja, do fórum, do conselho e de outros espaços em que exercitam a amizade). Exemplificar.

2º. A relação entre a amizade construída pelos idosos da UnATI e da UNITI com os direitos sociais contemplados nas políticas sociais dos idosos e a realização desses direitos.

2.a. Expressar como percebe este espaço (UnATI ou UNITI), em relação à construção de amizades. Comentar. (Se propicia, que atividades são mais propiciadoras, quais as formas de amizade são facilitadas).

2.b. Falar sobre a percepção deste espaço (UnATI ou UNITI) relacionado à realização de direitos. Justificar e dar exemplos. (Facilita a realização, que direitos conhece, quais são conquistados, como são propiciados pelos espaços, como e onde são realizados pelos idosos).

2.c. Comentar sobre a percepção da amizade construída neste espaço e a sua importância para garantir direitos. (Que direitos, qual a importância, por que é importante).

2.d. Dizer se considera a amizade, um direito. Justificar e comentar.

3º. Importância da amizade para o exercício da cidadania dos idosos da UnATI/UERJ e da UNITI/MA.

3.a. O que entende por, ser cidadão. Quais são as condições necessárias para nos considerarmos um cidadão. Comentar.

3.b. Comentar sobre cidadania. (como pode ser exercitada, facilita a construção da amizade). Exemplificar. Comentar.

3.c. Falar sobre a percepção da relação entre a cidadania e a política. Justificar.

3.d. Comentar sobre a política. (o que é, quais as formas de política que conhece - partidária, política pública, política social etc -, quem pode exercê-la, onde e como é exercitada, para que serve, relação com a cidadania). Exemplificar.

3.e. Como desenvolve a política e amplia a cidadania. (Descrever a trajetória de participação na sociedade, de modo geral: diálogo na família, com amigos, vizinhos, colegas de trabalho, Conselhos de Direitos, Fórum, entidades de classe, associações, igreja, lazer e outros espaços).

3.f. Comentar sobre a influência da amizade na participação dos idosos nos espaços da cidade (culturais palestras, oficinas, passeatas, fóruns etc).

3.g. A percepção da importância da amizade para o exercício da política. Comentar. (Tem importância, que forma de política e em que aspectos).

3.h. Comentar se percebe que a amizade tem uma dimensão política. Exemplificar.

4. Mudanças observadas após a sua integração na UnATI ou na UNITI.

4.a. Comentar como se percebe atualmente, com a inserção na UnATI ou na UNITI (como sujeito social, como idoso, como avó/ô, homem/mulher, aposentado, viúva/o).

5. O que faria para melhorar a participação na UnATI ou na UNITI.

6. Acrescentar o que desejar.

Roteiro elaborado pela pesquisadora
Conceição de Maria Goulart Braga Cuba
Rio de Janeiro, 12 de agosto de 2010

10.3.
Anexo 3 – Carta de Manaus

Tema Central:
**“O ENVELHECIMENTO E O AMBIENTE: UM NOVO
PENSAR”**

Manaus/AM - De 29.10.11 a 1.11.2011

CARTA DE MANAUS

O XII FÓRUM NACIONAL DE COORDENADORES DE PROJETOS DE TERCEIRA IDADE DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR e o XI ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDANTES DA TERCEIRA IDADE DE INSTITUIÇÕES DE ENSINO SUPERIOR, realizados na cidade de Manaus-AM no período de 29 de outubro a 1º de novembro de 2011, no Studio 5 Centro de Convenções, tiveram como tema central O Envelhecimento e o Ambiente: Um Novo Pensar e contaram com uma vasta programação composta pelas seguintes atividades:

- 8 Cursos pré-fórum;
- 3 Conferências;
- 4 Mesas Redondas;
- 3 Simpósios Propostos;
- 5 Painéis;
- 4 palestras
- Apresentações Oraís;
- Posters;
- Feira para exposição de serviços e produtos de interesse do segmento;
- Lançamentos de livros.

Com o objetivo de congrega coordenadores e alunos de projetos da Terceira Idade das Instituições de Ensino Superior de todo país como forma de difusão, discussão, aplicação e intercâmbio de conhecimento sobre o envelhecimento humano, propiciando o desenvolvimento de estratégias que favoreçam principalmente a educação e a pesquisa nessa área, o evento representou atingiu um público de 875 participantes, dentro os quais:

- 183 Profissionais;
- 129 Estudantes de Graduação;
- 502 Pessoas Idosas e
- 61 Palestrantes convidados.

Os cursos pré-fórum foram direcionados a profissionais e pessoas idosas, ou ambos os segmentos, e reuniram 434 participantes conforme temas a seguir:

- Como viver a Espiritualidade na Maturidade;
- Atividade Física e Qualidade de Vida na Maturidade;
- Envelhecimento e Sustentabilidade;
- Amazonas: Cultura e Diversidade;
- Abordagem Metodológica e Análise de Resultados da Pesquisa "Condições de Vida e Saúde dos Idosos de Manaus e Porto Alegre";
- Impacto da Saúde Bucal no Envelhecimento Saudável;
- Bioética e Envelhecimento;
- Avaliação Funcional do Idoso.

Foram aprovados 87 trabalhos para apresentação na modalidade de pôster ou apresentação oral sobre as mais variadas temáticas relacionadas ao envelhecimento humano.

Participaram do evento as seguintes instituições:

- Centro Integrado de Proteção e Defesa da Pessoa Idosa – CIPDI/AM
- Centro Social de Mayores, Casa de Espanha – RJ
- Centro Universitário Augusto Motta – UNISUAM/RJ
- Centro Universitário do Norte – UNINORTE/AM
- Centro Universitário Nilton Lins – UNINILTONLINS/AM
- Conselho Estadual da Pessoa Idosa do Amazonas – CEI/AM
- Conselho Municipal do Idoso – CMI/Manaus/AM
- Delegacia Especializada em Crimes Contra a Pessoa Idosa – DECCI/AM
- Escola Superior Batista do Amazonas – ESBAM
- Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – UNESP/Franca/SP e Conselho Municipal do Idoso de Franca/SP
- Faculdade Literatus – UNICEL/AM
- Faculdade Metropolitana de Ensino – FAMETRO/Manaus/AM
- Faculdade Palotina de Santa Maria – RS
- Faculdade São Judas Tadeu – FISJT/RJ

- Faculdade SOGIPA de Educação Física – RS
- Faculdade União Ponta Grossa – PR
- Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado do Amazonas – FECOMERCIO
- Fórum Permanente do Idoso do Estado do Amazonas – FOPI/AM
- Fundação de Apoio ao Idoso Dr. Thomas – AM
- Fundação Rede Amazônica –AM
- Fundo Previdenciário do Estado do Amazonas – AMAZONPREV
- Instituto Federal do Mato Grosso – IFMT
- ITAIPU Binacional
- Liga Acadêmica de Geriatria e Gerontologia – LAGGEAM
- Ministério da Educação – MEC/DF
- Ministério Público do Amazonas – MP/AM
- OVG/Complexo Gerontológico Sagrada Família – GO
- Pastoral do Idoso – Regional Norte
- Petróleo Brasileiro S.A. - PETROBRÁS
- Pontifícia Universidade Católica de Goiás – GO
- Pontifícia Universidade Católica de Minas em Contagem – PUC/MG
- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC/SP – ENEPE – Núcleo de Estudo e Pesquisa do Envelhecimento
- Secretaria de Estado da Ação Social e Cidadania – SEAS/AM
- Secretaria de Estado da Cultura – SEC/AM
- Secretaria de Estado da Educação – SEDUC/AM
- Secretaria de Estado da Juventude, Desporto e Lazer – SEJEL/AM
- Secretaria de Estado da Saúde – SUSAM/AM
- Secretaria de Estado de Saúde de Mato Grosso – Depto de Estatística – ICET/UFMT
- Secretaria Especial de Envelhecimento Saudável e Qualidade de Vida – SESQV/RJ
- Secretaria Municipal de Saúde – SEMSA/Manaus
- Serviço Social do Comércio – SESC Amazonas
- Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia – SBGG/RJ
- UNATI – UNESP – Núcleo Local / IBILCE (São José do Rio Preto – SP)
- UnATI/Faculdade de Serviço Social – UERJ
- Universidade Aberta à Terceira Idade – UATI
- Universidade Aberta da Terceira Idade – UnATI/UEA
- Universidade Aberta da Terceira Idade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UnATI/UERJ
- Universidade Católica Dom Bosco – UCDB/MS
- Universidade de Caxias do Sul – UCS/RS
- Universidade de León - Espanha
- Universidade de São Paulo – USP (Clínica Médica – Ribeirão Preto)

- Universidade do Estado da Bahia – UNEB/Departamento de Educação – Campus X
- Universidade do Estado do Amazonas – UEA
- Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ
- Universidade Estadual de Maringá – UEM
- Universidade Estadual de Ponta Grossa – UEPG
- Universidade Estadual do Centro Oeste – UNICENTRO
- Universidade Estadual do Maranhão – UEM
- Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE Campus Foz do Iguaçu
- Universidade Estadual do Piauí – UEPi
- Universidade Estadual Paulista – Faculdade de Ciências Humanas e Sociais
- Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais – Campus de Franca-SP
- Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG
- Universidade Federal de Pernambuco – UFPE – Programa PROIDOSO – Universidade Aberta à Terceira Idade – UnATI
- Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC/NETI
- Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS
- Universidade Federal de Sergipe – UFS/NUPATI/UNATISE
- Universidade Federal do Amazonas – UFAM/Manaus/AM
- Universidade Federal do Mato Grosso – UFMT . NAFiMeS – Núcleo de Aptidão Física, Metabolismo, Saúde. Depto da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal do Mato Grosso.
- Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA
- Universidade Federal do Rio de Janeiro – URFJ
- Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRGN
- Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS
- Universidade Federal do Tocantins – UFT
- Universidade Federal Fluminense – UFF
- Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRP
- Universidade FUMEC – MG
- Universidade Integrada para a Terceira Idade – UNITI/UEMA
- Universidade Luterana do Brasil – ULBRA/Manaus/AM
- Universidade Luterana do Brasil – ULBRA/Santa Maria/RS
- Universidade Paulista – UNIP Campus Manaus/AM
- Universidade Regional da Bahia – UNIRB
- Universidade Regional de Blumenau – FURB

Um marco importante do evento foi a realização de uma reunião no primeiro dia de atividades, entre os diversos Coordenadores de Projetos da Terceira Idade, para a discussão sobre a criação da **Associação das UNATIS** que resultou na vinculação da Presidência da referida Associação à cidade-sede do Fórum de 2013. Posteriormente um encontro a ser programado pela cidade-sede escolhida reunirá as Coordenações para a elaboração do Estatuto e demais itens necessários à legalização da Associação.

A plenária final do XII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e do XI Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior, realizada em 1º de novembro de 2011, aprovou as seguintes estratégias e recomendações para o biênio 2011/2013:

1 – Dos coordenadores de IES

- Ampliar a participação dos alunos das Universidades Abertas no próximo Fórum;
- Melhorar a apresentação do material de divulgação e sinalização mais efetiva quanto aos locais do evento. Melhorar tamanho de letra do material (tamanho A3 e A4);
- Disponibilizar os anais *on line*;
- Mobilizar os integrantes dos projetos na ação de divulgar na sua comunidade universitária a participação no próximo Fórum;
- Estimular a apresentação de trabalhos/atividades produzidos pelos alunos da terceira idade;
- Aproximar os alunos universitários e Ligas Acadêmicas de Gerontologia e/ou Geriatria nas atividades a serem desenvolvidas no XIII Fórum de Coordenadores;
- A participação das Ligas no Fórum deverá estar vinculada às atividades desenvolvidas junto as UNATI's;

- Diretrizes Nacionais para Projetos Pedagógicos no trabalho com Pessoas Idosas;
- Elaborar diretrizes pedagógicas de referência para os projetos de UNATI's dentro de fóruns itinerantes ou virtuais e definir encontro presencial para organização e encaminhamento destas propostas ao Fórum Nacional;
- Articular o fortalecimento das diretrizes pedagógicas para as UNATI's nas diferentes instâncias e fóruns de educação em níveis locais e nacional (a exemplo de ANDIFES, Conselhos de Educação, representantes das comissões de educação e conferências do idoso);
- Acompanhar e participar das futuras alterações da LDB/96 e do Plano Nacional de Educação - PNE para os próximos anos, buscando a inclusão da educação do idoso na legislação;
- Apresentação cultural em locais, profissionais e horários apropriados;
- Apresentação de trabalhos por temáticas;
- Melhorar adequação quanto ao tempo dos palestrantes (equilibrar o tempo);
- Continuar fomento para internacionalização do evento.

2 – Dos Estudantes da Terceira Idade

- Quanto à Organização Física do Local:

- Mais espaço para recepção e credenciamento;
- Distribuição de Mapa do local onde ocorrerão as atividades;
- Acomodação de todos os participantes no salão onde ocorrem as palestras;
- Local apropriado para apresentações culturais (palco e lugar para trocar de roupa) e Acústica;
- Que nas Apresentações Culturais os da casa sejam os últimos a se apresentarem;

- Elaboração de um Regulamento para as apresentações com tempo igual para todos;
- Providências para um plantão de Primeiros Socorros no local.

- Quanto ao Material do evento:

- Viabilizar meios para disponibilizar os materiais (textos e projeções) apresentadas no evento, podendo ser comercializados para poder socializar com os colegas que não vieram.

- Quanto à Programação/Organização:

- Deixar uma tarde livre para os participantes conhecerem os pontos turísticos do local, com indicação de transporte e guia turístico. Sugere-se envolver a Secretaria de Turismo local;
- Organizar atividades em grupo com idosos de todas as delegações;
- Se o local do Fórum não for próximo da rede hoteleira, os organizadores deverão oportunizar transporte para as delegações;
- Que os idosos participem da organização como recepcionistas, monitores de sala, e informações do local. Isto inclui a recepção nos portos, aeroportos, e rodoviárias;
- Organizar uma programação que não ofereça atividades concomitantes, principalmente na apresentação de pôsteres e temas livres, pois os alunos gostam de assistir;
- Espaço para "causos" interessantes relatados pelos alunos das UNATIs;
- Que os palestrantes sejam fiéis aos temas apresentados no Programa.

- Sugestão de Temas para o próximo Fórum:

- Sexualidade na 3ª idade;
- Idosos com transtorno mental leve;
- Repetir a discussão das responsabilidades legais dos avós, dando mais tempo para os professores orientarem os idosos sobre esta legislação;

- Idoso e espiritualidade;
- Saúde e Direito do Idoso [não só o que está no Estatuto, mas desenvolvido por pessoas da área jurídica].

MOÇÕES DOS ALUNOS:

- Estratégia de sensibilização dos governantes para a necessidade de maior apoio, que é de direito do idoso pela Constituição Federal, pelo Estatuto do Idoso e demais leis, para o desenvolvimento das atividades propostas pelos alunos.
- Se não vão lançar os livros, então não programem nem mostrem, pois os grupos esperam e depois não podem comprar.

Foi aprovada pelos Coordenadores e alunos da Terceira Idade a realização do **XIII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e XII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior** em 2013 na cidade de Foz do Iguaçu-PR, sob a Coordenação da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – Campus Foz do Iguaçu.

Manaus, 1º de novembro de 2011.

10.4.

Anexo 4 – Fóruns, Encontros e Congresso Internacional: local, data e temáticas¹³⁷

I Fórum de Coordenadores e I Encontro Nacional de Estudantes Universitários da Terceira Idade - Florianópolis - UFSC/SC - 18 a 22 de novembro de 1991

- Tema: “Revolução de Idéias na 3ª Idade”.¹³⁸

II Fórum Nacional de Ações de Educação na Terceira Idade em Universidades de Ensino Superior UFCE/CE - Fortaleza - 26 a 28 de outubro de 1992

- Tema: reflexão sobre a qualidade de vida do cidadão na Terceira Idade e as Instituições de Ensino Superior no processo de engajamento do Homem na aprendizagem contínua e vivencial.

III Fórum Nacional de Ações de Educação na Terceira Idade e II Encontro de Alunos de Ensino Superior na Terceira Idade Universidade Vale dos Sinos (UNISINOS)/RS - São Leopoldo / RS - 21 a 24 de setembro de 1993.

Tema: o idoso como ser participativo na transformação da realidade atual; a importância da integração dos alunos de 3ª Idade; relatos de experiências e atividades sociais.

IV Fórum Nacional de Ações Educacionais na Terceira Idade em Nível Superior e III Encontro de Estudantes Universitários da Terceira Idade Universidade Federal de Santa Maria – Santa Maria – UFSM/RS 15 a 18 de novembro de 1995.

Tema: compartilhar o FAZER das universidades com a Terceira Idade, oportunizando a troca de experiências entre os alunos universitários e divulgar o avanço científico com relação ao tema em todas as áreas do conhecimento, através de pesquisas realizadas nas universidades.

V Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos Sobre a Terceira Idade das Instituições de Ensino Superior e IV Encontro Nacional de Estudantes da Terceira

¹³⁷ Do 1º ao 10º Fórum, a Fonte foi: SILVA, Noêmia Lima. **Fórum**. Lâminas de Apresentação Oral na X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e IX Encontro Nacional dos Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior, Universidade Caxias do Sul, UCS/RS - 2007. Disponível em: www.ucs.br/ucs/tplEventoUnti/extensao/unti/.../forum_noemia.pdf. Acesso em: 15 de setembro de 2010.

¹³⁸ Fonte do 1º ao 10º Fórum: AITA, Vera Regina. **Resgate Histórico dos Fóruns Nacionais e Estaduais de 1991 a 2007**. Trabalho de conclusão do Curso de Formação de Monitores da Ação Gerontológica, CFMAG. Núcleo de Estudos da Terceira Idade, NETI/ UFSC, Florianópolis (SC), dezembro de 2007.

Idade de Instituições de Ensino Superior UFJF/MG - Universidade Federal de Juiz de Fora - MG / 1997

Tema - Sem informação.

VI Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos Sobre a Terceira Idade e V Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UESC/BA - Universidade Estadual de Santa Cruz – Ilhéus / BA - 5 a 8 de outubro de 1999.

Tema: oportunizar troca de experiências entre diferentes profissionais, visando aprofundar as discussões da questão do envelhecimento e ampliar os problemas de pesquisas. Expandir a temática junto à comunidade acadêmica, com o intuito de sensibilizá-la para expandir atividades de extensão, pesquisa e inserção do ensino no segmento idoso.

VII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e VI Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UFMA/MA - Universidade Federal do Maranhão - Campus Universitário do Bacanga - São Luís / MA - 21 a 24 de outubro de 2001.

Tema: “O idoso brasileiro no século XXI – Responsabilidade de todos”.

VIII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e VII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UCDB/MS - Universidade Católica Dom Bosco - Campo Grande / MS - 13 a 15 de outubro de 2003.

Tema: “Envelhecer com dignidade: desafio do cidadão brasileiro”.

IX Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e VIII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UFS/SE - Universidade Federal de Sergipe - São Cristóvão / SE - 18 a 21 de outubro de 2005.

Tema: “O envelhecimento que temos e o que queremos numa visão interdisciplinar”.

X Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e IX Encontro Nacional dos Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UCS/RS - Universidade de Caxias do Sul /RS 23 a 26 de outubro de 2007.

Tema: “Envelhecimento e Educação: oportunidades para a Terceira Idade no Brasil”.

XI Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e X Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UFPE/PE - Mar Hotel - Recife. 20 a 23.10.2009¹³⁹

Tema - “O olhar da educação sobre o envelhecimento: repensando saberes”.

XII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e XI Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UEA/AM - 2011¹⁴⁰ 29.10.2011 a 01.11.2011

Tema: “O Envelhecimento e o Ambiente: um novo pensar”.

I Congresso Internacional da Associação Brasileira das Universidades da Terceira Idade; XIII Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e XII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UNIOESTE/PR - 2013¹⁴¹. XIV Fórum Nacional de Coordenadores de Projetos da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior e XII Encontro Nacional de Estudantes da Terceira Idade de Instituições de Ensino Superior UNIOESTE/PR - 29.09 a 02.10.2013

Tema: “O Envelhecimento Humano no Contexto Global: Cenários e Desafios”.

Documento elaborado pela pesquisadora,
Conceição de Maria Goulart Braga Cuba
Rio de Janeiro, 05 de maio de 2013.

¹³⁹ Disponível em: <http://www.xiforumncti.com.br/index.asp>. Acesso em: 15 de julho de 2009.

¹⁴⁰ <http://www.xiiforumncti.com.br>. Acesso em: 04 de maio de 2011.

¹⁴¹ Disponível em: <http://www.forumncti.com.br/?conteudo=programacao>. Acesso em 29 de junho de 2013.